BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

TOMO 2.º 2.ª SERIE

BOLETIM

DE

ARCHITECTURA E DE ARCHEOLOGIA

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

LISBOA

MDCCCLXXX

SERIE 2.ª ANNO DE 1877 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 1

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

INTRODUCÇÃO

O nosso jornal vae começar n'este numero, o seu 2.º volume da 2.ª serie.

Não tem sido prospera, nem tão satisfatoria em todos os pontos a sua publicação, como poderia ser, e como desejariamos. Fazemos esta confissão franca, porque a nossa consciencia nol-o diz. Reconhecemos tambem que o nosso jornal, d'um costeamento importante em toda a parte, está sahindo relativamente carissimo no nosso paiz, na parte artistica dos desenhos, gravuras, photographias, etc. Tinhamos vontade de fazer algumas considerações a este respeito; mas deixal-as-hemos talvez, para outra occasião.

O preço do jornal é, consequentemente, elevado.

A sua extracção, talvez por isso, limitadissima.

Por emquanto, são impossiveis de remover estes inconvenientes.

Mas a parte litteraria, a que hoje mais particularmente nos desejâmos referir, e que poderia e deveria ser muito mais curiosa, variada e conspicua, é aquella em que entendemos que mais opportunidade e cabida deverão ter as nossas reflexões n'este momento.

O nosso jornal diz-se boletim d'uma associação, que conta no seu gremio bom numero dos nossos primeiros escriptores e artistas. De esperar seria que estes socios distinctos, honrassem as columnas do nosso jornal, que seu e de todos nós é, com algumas memorias ou estudos, nos assumptos de que elle se occupa. Não tem acontecido porém assim, pelo que respeita á maioria d'esses illustres socios.

Mas por não ter assim acontecido até hoje, por circumstancias que não poderiamos completamente attingir, nem devidamente apreciar, não poderá intender-se que assim continue sempre. Suppomos pelo contrario, que o exemplo d'alguns, a propria estima que de si devem fazer outros, e o galardão e o patriotismo de todos, terão alfim o podêr de acabar com uma indifferença, que nada póde justificar, encarada pelo amor da sciencia, da arte, das lettras e da patria.

O nosso paiz póde gloriar-se da sua civilisação, e illustração nas artes e nas lettras, desde os primeiros seculos da monarchia. Os lidos o sabem, e nos darão razão. Nenhuma nação, não sendo talvez a Italia, se poderá gabar de que n'esses tempos

nos levasse vantagem em taes pontos; e algumas das que hoje se nos sobrelevam, eram-nos então inferiores.

Depois, ainda Portugal se fez admirar do mundo, pela organisação da sua instrucção publica, pela sua distincção na architectura e na geographia; e pela iniciativa dos seus commetimentos; algumas vezes tambem pela sabedoria da sua politica e administração.

Não teremos por ventura retrogradado; mas temo-nos desleixado, permitta-se a expressão. Desanimámos ante as iniciativas dos mais ousados, alguns dos quaes haviamos incitado. Deixámo-nos dormitar, emballados pelo canto a que deramos o tom. Não parámos de todo; mas deixámo-nos ir vagarosamente a reboque d'outros audazes navegadores, pelas correntes de que talvez lhes abríramos o rumo.

Se as evoluções do mundo moral, nos não permittem hoje occupar o logar que outr'ora occupámos, a nossa illustração actual, que sem contradicção está a par das mais esclarecidas, não deve por mais tempo consentir-nos que deixemos vago o logar, que temos jus e meios de occupar entre os lettrados de todos os povos.

Não nos faltam talentos, nem estudo. Falta-nos a vontade, e a decisão. O nosso desânimo, affigura-nos d'acanhados. Representâmos d'ignorantes, e não somos senão... negligentes.

Nos ramos de que o nosso jornal se occupa, ha muito e importantissimo entre nós para fazer. Façamol-o, e adquiriremos a estima e a consideração do mundo. Se de nós só depende fazel-o, porque o não faremos?

A imprensa, bem superior e melhor do que a Fama da Mythologia, póde dar ao mundo noticia de nós. Recorrâmos pois á imprensa, que ella nos fará conhecidos, e obrigará o mundo a fazer-nos a justiça, que pelo nosso silencio nos desconhece, e pela nossa incuria nos recusa. [1]

Por amor d'estas considerações, que melhor do que nós saberão fazer aquelles que nos comprehenderem; rogâmos e esperâmos dos nossos consocios, e de todos os portuguezes a quem estas coisas importem, que nos auxiliem na continuação do nosso jornal com o auxilio dos seus escriptos, das suas noticias, e dos seus conselhos; com a concorrencia em summa, das suas luzes e protecção.

O nosso jornal já está hoje conhecido por muitos sabios, e academias da Europa; e está sendo citado e annunciado por algumas publicações das mais importantes, da sua mesma natureza. Deixal-o morrer, ou matal-o, seria desdoiro para o paiz. Deixar de enriquecel-o, ou descural o, sería fazel-o esquecer, quem sabe se menosprezal-o?

Obviemos taes resultados, que nos seriam dezar...

Emquanto esperarmos, pouco mais interesse poderemos só por nós, dar a esta publicação. Procuraremos comtudo tornal-a quanto nos for possivel, variada, interessante e noticiosa.

Entendemos dividir o nosso jornal em tres secções: *Architectura*, *Construcções e Archeologia;* tendo além d'ellas uma chronica da nossa associação; uma parte destinada ás noticias que interessem aos assumptos de que o nosso jornal se occupa; e ainda outra parte para variedades (quando ser possa), relativas aos mesmos assumptos; contando nós começar esta parte pela publicação d'um extracto das *Voyages de Balthazar de Monconys en Portugal*, 1628 e 1645, livro hoje raro, e extracto feito e devido á obsequiosa affeição pela nossa associação, do illustre archeologo o sr. conde de Marsy. Ao qual egualmente devemos, importantes notas do que a respeito do nosso paiz se tem escripto em França, e a respeito de Portugal se encontra pelas bibliothecas e archivos francezes. Publicaremos tambem algumas d'essas notas, mais interessantes.

D'hoje em diante o nosso jornal se encontrará á venda no Museu Archeologico do Carmo, e na loja dos srs. Ferreira & C.ª na rua Aurea, em Lisboa; onde se receberão assignaturas, e encommendas para numeros avulsos, quando os haja, e para as collecções da 1.ª serie, e do tomo I d'esta 2.ª serie.

18—3—1877. A REDACÇÃO.

[1] O *Polybiblion* de fevereiro d'este anno, dando noticia na sua Parte-litteraria, da publicação da *Academia*, novo jornal hispanhol, diz o seguinte: «Le Portugal, *dont nous ne connaissons pas assez la situation intellectuelle*, paraît devoir tenir une place importante dans le nouveau recueil.» (!)

2.ª SERIE

BOLETIM

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

HENRIQUE NUNES Phot

ESTAMPA 19ª

— 1877 —

2.º Vol.
pag. 3
Est. 19

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

BELLAS-ARTES

O CALVARIO

Baixo-relevo existente no Museu d'Architectura e de Archeologia, do Carmo, em Lisboa [1]

No seculo XV ainda se receiava que as composições d'arte religiosas, denunciassem alguma procedencia pagan. O rigor da fórma ainda não era admittido nos quadros biblicos. As imagens não deviam ter o minimo cheiro do paganismo. E sobretudo, aspirava-se á expressão religiosa do aspecto. O Redemptor, a Virgem e os apostolos, eram representados simplesmente, como figuras expressivas do sentimento que lhes era proprio. Não se queria estudar a correcção da fórma; não tanto pelo atrazo no conveniente conhecimento da arte, como principalmente, porque os pagãos haviam sido artistas.

A Italia produzia ainda, conforme as inspirações de Cimabue, ou dos primeiros artistas gregos, que para ali haviam trazido a eschola bysantina. Os mesmos allemães, Van-Eyck, e tambem o nosso Gran-Vasco, seguiam a mesma senda.

Grandes genios appareceram porém, no fim do seculo XV, e nos principios do seculo XVI, os quaes, comquanto ainda dominados por aquella influencia, exhibiram obras admiraveis; pertendendo já desligar-se do estylo secco da edade media. Foram d'entre estes, Leonardo de Vinci, e os grandes Rafael e Miguel Angelo. Estando reservada para este, a gloria de ser o primeiro a alliar o grandioso com as composições d'arte; e para Julio II e Leão X, a gloria de darem impulso e protecção ás artes; e mandar proceder a escavações, e descobrir preciosidades que se achavam occultas, e eram obras admiraveis dos antigos romanos.

A superioridade dos Pontifices, e a sua auctoridade religiosa, deveriam provavelmente concorrer em grande parte, para que as estatuas antigas começassem a ser encaradas como bellas obras de arte; abstrahindo d'ellas toda a idéa de divindades pagans, e fazendo-lhes perder o odioso de figuras de demonios, como todavia a gente rude acreditava.

Foi então que se começaram a apreciar as obras da antiguidade; foi então que começaram estas a ser examinadas e estimadas, e se desenvolveu com enthusiasmo o gôsto pelo antigo. Sobre o estylo romano formou-se um novo estylo, a que se deu o nome de *renascença*. Renasceu a arte, condemnou-se o gothico; e alliou-se a expressão e o sentimento com a belleza das fórmas. Rafael foi seguramente quem melhor comprehendeu e executou esta reforma.

O estylo da renascença veio juncar de flôres as obras do fim do seculo XV, e começo do seculo XVI; veio suavisar a seccura dos differentes estylos da edade media, e campeou mimoso e delicado como a alma do grande Rafael. Era um estylo filho das graciosas decorações dos tumulos romanos: veio espalhar pelo mundo, obras de um trabalho elegante e fino.

Mas a severidade de Miguel Angelo, e o grandioso d'este vulto, promovendo a admiração do mundo inteiro, venceu depois. E d'ahi a poucos annos, os mimosos ornamentos da renascença, tiveram de ceder ao magestoso do Vaticano!

Quando as cousas chegam á meta que lhes marcou um grande genio, é inutil querer progredir. A grandeza do Buonarote seguiu-se a exageração de Bernini, e com ella veio a decadencia da arte. [1]

É aos fins do seculo XV que pertence o baixo-relevo que vamos descrever, e que veio de Roma, trazido pelo ultimo marquez de Marialva, a quem o Summo Pontifice o dera de presente. Hoje pertence ao casal do defunto duque de Loulé.

Representa este trabalho o Calvario. Está esculpido em calcario rigissimo, de uma côr amarellada; e tem de altura 0,82, sobre 0,72 de largura.

O Redemptor está pregado na cruz entre o bom e o mau ladrão, que estão ligados ás cruzes lateraes. O centurião a cavallo, empunha a lança com que se destina a rasgar o peito do Divino Mestre: e no baixo do quadro vê-se a SS. Virgem desfallecida, amparada por S. João Evangelista e Santa Maria Magdalena. As outras Marias acompanham este grupo, assim como mais tres figuras de apostolos. Ao lado direito da Virgem e mais atraz, vê-se um guerreiro tambem a cavallo, como o centurião, seguido por um homem da raça africana. A composição levanta-se sobre um fundo que representa

[1] Descripção da nossa estampa d'este numero.

[1] Isto que digo relativamente a Bernini, não é porque não o considere um grande artista; mas porque o julgo auctor das exagerações, que trouxeram o *barroquismo*; e as quaes faltando, *por systema*, ao estudo do antigo e do natural, encheram o mundo de figuras em posições contrafeitas, e de columnas tôrsas fugindo da singeleza e grandiôso do antigo.

Jerusalem, e que se descobre pelo rôto de uma especie de proscenio, sustentado por columnas do estylo da renascença. Todo o quadro consta de dezenove figuras, além dos crucificados.

A figura do Redemptor é primorosamente trabalhada. A expressão da Virgem é magnifica. Assim como são bastante expressivas as physionomias das outras figuras, que completam o quadro. E se o desenho dos cavallos, e mesmo o das personagens, se resente um pouco do secco, e das incorrecções do estylo gothico, divisam-se comtudo n'esta obra recordações da primeira maneira de Rafael ou de Pedro Perugino; dando perfeita idéa da epoca e do estylo d'estes dois mestres, nos annos anteriores ao apparecimento das grandes obras de Miguel Angelo. Não apresentam pois o grandioso dos trabalhos d'esse estylo, que, porventura mais modernas, apresentam outras composições artisticas existentes em Portugal; taes como os retabulos do claustro de Santa Cruz de Coimbra, e as capellas lateraes da Sé velha da mesma cidade, obras estas de puro estylo da renascença; mas despidas já de todas as recordações gothicas, e por isso de estudo mais correcto e grandioso.

O baixo-relevo de que tracto, tem apezar d'isso, qualidades que o tornam apreciavel. Representa uma epoca: e é obra digna de figurar artisticamente, como um dos bons trabalhos que adornam o Museu da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

O Socio,

M. M. Bordaldo Pinheiro.

BIBLIOGRAPHIA

NOÇÕES ELEMENTARES DE ARCHEOLOGIA

POR

J. P. NARCISO DA SILVA

É a todos notorio o patriotico empenho, com que, ha muitos annos, lida o sr. J. P. Narciso da Silva em promover os estudos archeologicos em nosso paiz.

São, geralmente, conhecidas as diligencias, com que tem procurado colligir no Museu do Carmo as reliquias venerandas dos monumentos, que tem logrado salvar das furias do vandalismo.

Devemos-lhe profundo reconhecimento os que presamos os Bellas Artes, pelos inestimaveis specimens, a que deu guarida n'aquelle modesto asylo.

De ignorancia e bruteza deriva o desamor e desprezo, que entre nós se tem manifestado pela conservação de tantas preciosidades archeologicas, que possuimos; malbaratadas umas por vilissimo preço a estrangeiros, aniquilladas outras pela mais desastrada selvageria.

Propoz-se o sr. Silva desterrar a ignorancia, e amaciar a bruteza da nefanda seita dos demolidores, que, infelizmente, ainda por ahi pullulam, vulgarisando as *Noções Elementares de Archeologia.*

Temos presentes as nove primeiras folhas d'esta obra, comprehendendo cento e vinte e duas paginas, impressas em caracteres nitidos, e optimo papel, e illustradas com numerosas gravuras.

Tracta no capitulo primeiro dos *tempos prehistoricos;* é epigraphe do segundo, a *era gallo-romana ;* o terceiro inscreve-se : *idade media — era roman.*

Peza-nos que o sr. Silva, ao tractar no primeiro capitulo dos *dolmens*, se não referisse á excellente memoria, que sobre o assumpto publicou em 1868 o sr. Dr. F. A. Pereira da Costa. [1] É copiosa em noticias d'estes monumentos dispersos em nosso paiz, e enriquecida com muitas gravuras.

Quizeramos, tambem, que no segundo capitulo mencionasse o Theatro Romano descoberto em Lisboa, na excavação da rua nova de S. Mamede, perto do castello, cujo proscenio e orchestra fôra dedicado a Nero.

Acham-se representadas as mais importantes peças d'esta famosa antigualha nas dez estampas, que acompanham a *Dissertação Critico-Philologico-Historica* sobre este monumento, publicada em 1815 pelo professor Luiz Antonio de Azevedo. Quer-nos parecer, que, a par do Templo de Diana em Evora, podia figurar condignamente o Theatro Romano de Lisboa.

Podia, tambem, quando tracta dos monumentos sepulchraes, mencionar alguns dos objectos achados no Cemiterio Romano descoberto proximo da cidade de Tavira, em maio de 1868, pelo sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, [2] dos quaes no mesmo anno publicou o relatorio com estampas.

Referindo estes importantes trabalhos, não só prestava o sr. Silva uma especie de galardão a seus auctores, contribuindo para serem mais conhecidos; mas dava uma prova irrefragavel de que, se não é tão geralmente cultivada entre nós a Archeologia, como em outros paizes, nem por isso escasseiam absolutamente os amadores d'estes difficeis estudos.

[1] Veja-se nas memorias do congresso internacional de Anthropologia e Archeologia prehistorica em Bolonha, na sessão de 6 de Outubro de 1871, pag. 333, o elogio que o mesmo architecto Silva teceu ao sr. Dr. Pereira da Costa, pelos seus trabalhos archeologicos. — *N. da S.*

[2] Veja-se o n.º 10 da 2.ª serie do Boletim architectonico e de archeologia pag. 140, a proposta do mesmo architecto Silva para serem conferidas duas medalhas de bronze aos srs. Drs. Filippe Simões, e Carlos Teixeira de Aragão: ao primeiro pela sua excellente obra sobre architectura do seculo XII em Portugal; e ao segundo pela sua importante publicação sobre a archeologia (numismatica). — *N. da S.*

Ao continuar a materia encetada no capitulo terceiro, cremos que o sr. Silva aproveitará os subsidios, que sobre as *Reliquias da Architectura Romano-Byzantina em Portugal* lhe ministra o sr. Dr. Augusto Filippe Simões, na valiosa memoria que com este titulo publicou em 1870.

Merecerá, por ventura, capitulo especial a *Archeologia christã portugueza*, representada por varios templos dignos de commemoração, e outros monumentos accessorios, como pias baptismaes, cadeiras de côro, ornamentos e utensilios sagrados.

São, na verdade, recommendaveis as cadeiras do côro do templo de Belem, as do côro de Santa Cruz de Coimbra, e o seu pulpito, a pia baptismal da sé cathedral d'esta cidade, etc., etc.

São, tambem, dignos de menção os baculos e calices da sé metropolitana d'Evora, as cruzes e calices da sé de Coimbra.

Havia na chamada *casa da obra* d'esta sé, um calix de ouro macisso, e diversos de prata dourada, com lavores exquisitos, e de mais valor artistico, se não erra o nosso juizo, do que outros conhecidos. Guardava-se n'esta *casa* uma grande cruz de prata dourada, com que mal podia um homem, notavel pelos delicados lavores, que a ornamentavam, no mesmo estylo dos celebrados lavores do retabulo da capella-mór da sé velha, em madeira.

Ousamos fazer estes reparos e indicações ao sr. Silva, esperando que nol-os receba com benevolencia. Dicta os o sincero empenho de que a primeira obra, que em Portugal se publica sobre tão importante assumpto, corresponda aos creditos, que seu auctor grangeou por outros escriptos, pelos quaes tem merecido honras distinctas das mais celebres academias estrangeiras.

Portalegre, 20 de Fevereiro de 1877.

F. A. Rodrigues de Gusmão.

OS TEMPLOS ROMANOS

(Capitulo d'um livro inedito [1])

Duas formas eram consagradas para estes edificios religiosos — a quadrilonga e a circular. Seguiam mais geralmente a primeira.

Os *templos* receberam differentes denominações, conforme a disposição das columnas que os decoravam; distinguindo-se pela seguinte maneira:

Os templos com *pilastras* — os *prostylos* — os *amphiprostylos* — os *peripteros* — os *dipteros* — os *pseudo-periteros* — os *hypethros* — os *monopteros*.

Os primeiros não tinham senão *pilastras* nos cunhaes da frente, e só uma columna de cada lado do portal.

Os templos *prostylos* apresentavam *quatro* columnas na fachada anterior, e não tinham nenhuma aos lados, nem na parte posterior.

Nos templos *peripteros*, as columnas rodeavam completamente o edificio; sendo em numero de *seis* nas fachadas anterior e posterior.

Os templos *pseudo-peripteros* differençavam-se dos antecedentes em que as columnas estavam mettidas nas paredes lateraes e na parede do fundo, em logar de ficarem separadas.

Duplo renque de columnas rodeavam os templos *dipteros*, *oito* das quaes ornavam a fachada.

Nos templos *peripteros redondos*, as columnas formavam um circulo em roda das paredes, e eram cobertos por uma cupula.

Os templos *pseudo-dipteros*, ou *dipteros incompletos*, differençavam-se dos precedentes, em que as columnas do segundo renque ficavam mettidas na parede.

Os templos *hypethros* não tinham cobertura, e compunham-se de dois renques de columnas em roda d'elles exteriormente, e um só renque o ornava internamente em roda. As fachadas representavam *dez* columnas.

Finalmente, o templo *monoptero* apresentava simplesmente a cupula sustentada sobre columnas, dispostas em circumferencia, e o santuario não era fechado.

Resulta pois, do que fica exposto, que em todos os templos, excepto nos *monopteros*, havia uma parte fechada que era o santuario. Em muitos templos corriam em roda d'esse santuario, galerias abertas, como especie de porticos, para a ornamentação interna do edificio. A parte encerrada era designada sob o nome de *cella* ou *nau*. Ahi collocavam a estatua da divindade, em honra da qual o templo fôra erigido.

Na frente da *cella*, e por detrás das columnas da fachada, estava o *pronaos* ou vestibulo, no qual abriam a porta da entrada: á extremidade opposta do templo dava-se-lhe o nome de *posticum*. Algumas vezes reservavam na parte posterior da *cella* um quarto, destinado a guardar o thesouro do templo, e que se designava sob o nome de *opisthodomos*.

As columnas eram sempre em numero par, nas fachadas dos templos; e conforme se contavam quatro, seis, oito ou dez, os templos tomavam a denominação de *tetrastylos* (quatro columnas), *hexas-*

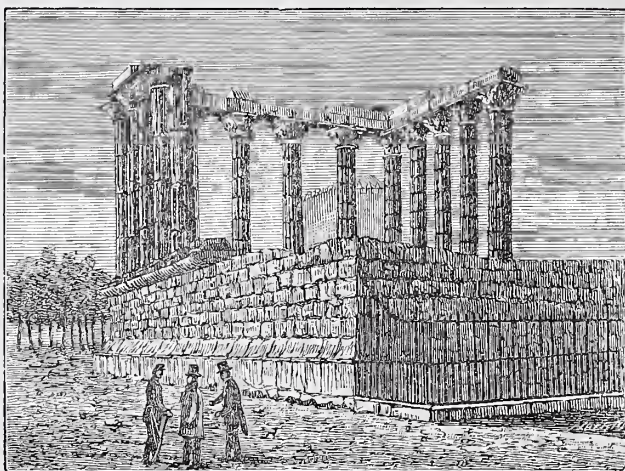
[1] São as Noções Archeologicas, a que se refere o artigo bibliographico que acima se lê, e o qual brevemente sairá a luz.

tylos (seis columnas, *octostylos* (oito columnas), ou de *decastylos* (dez columnas).

Por ultimo, certos templos eram rodeados de uma cerca *(peribolos)*; ou antecedidos de pateo fechado, e ornados com porticos, á roda do qual estavam os aposentos dos sacerdotes.

A estatua da divindade, feita de bronze, marmore ou pedra, collocava-se no fundo da *cella*, em pedestal um pouco mais elevado que o altar, e fazia face á porta da entrada. Em geral, os templos ficavam voltados para o oriente, como acontece ás egrejas christãs.

Não se deve julgar que os templos fossem muito vastos; alguns d'elles tinham até pequenissimas dimensões, e isso explica-se facilmente pelo conhecimento dos usos religiosos antigos, porque o exercicio do culto era individual; cada um tinha dias proprios para o sacrificio; em quanto que no christianismo o exercicio do culto é collectivo.

A disposição do templo de Diana em Evora, que felizmente se conserva em Portugal, apresenta-nos um exemplo d'essa ordem de edificios do antigo paganismo, que era designado sob o nome *pseudo-periptero*.

TEMPLO DE DIANA EM EVORA

UM ARTISTA PORTUGUEZ

FRANCISCO D'HOLANDA

Livro de dibujos inédito de Francisco d'Holanda. Com esta epigraphe publicou o sr. D F. M. Tubino, um curioso artigo no n.º 9 (4 de março de 1877) do mui interessante jornal hispanhol *A Academia*, acompanhando uma gravura, cópia d'um desenho feito á penna pelo nosso artista, representando a estatua do imperador Constantino.

Conserva-se (diz o sr. Tubino), na magnifica Bibliotheca do Escurial, um livro de desenhos todos ineditos e originaes, devidos á penna ou ao lapis do eminente artista cujo nome acima se lê.

Consta o livro de 54 folhas de grande formato, com 144 desenhos, alguns d'estes coloridos, lendo-se n'uma portada a seguinte inscripção: *Reinando em Portugal el-rei João III que Deus tem, Francisco d'Holanda passou á Italia e das antiqualhas que viu retratou por sua mão todos os desenhos d'este livro.*

«Come se advierte (continúa o illustre escriptor hispanhol), la colecion forma una verdadera joya artistica, que hasta hace poco era conocida solamente, de algunos muy contados aficionados. Con la mira de salvar-la del olvido y aun de perderse en más ó menos largo periodo, publicamos respecto de ella las noticias suficientes, en la monographia que al diligente Holanda consagramos en el volumen VII del *Museu Español de Antiguedades*... De los dibujos contenidos en la obra, solo se han dado á luz, que sepamos, el retrato de Miguel Anjel Buonarrota, que insertó *El Arte en España*, el monumento veneciano del Colleone, un dibujo, copia de una estatua mitologica... y el famoso facsimil de otro dibujo a la pluma, que campea al frente de este numero.

«Debil muestra de lo que es la colecion, pareceнos justo llamar de nuevo sobre ella la atencion de los gobiernos de España y de Portugal, y principalmente de la Academia de Bellas-Artes lisbonense, que en nuestro sentir haria un servicio á la historia del arte peninsular, dicidiendose á reproducir tan bello monumento.».

Estes paragraphos, o que se segue, e todo o artigo do sr. Tubino, merece o agradecimento dos portuguezes. Foi uma illustração de Portugal, que o distincto archeologo e escriptor, procurou por duas

vezes, uma d'ellas em obra tão notavel como é o *Museu Español de Antiguedades*, roubar ao esquecimento; excitando agora o governo e os artistas do paiz onde Francisco d'Holanda nasceu, a dilatarem-lhe a fama, e restaurar lhe o nome. E não é porque faltem em Hispanha artistas eminentes, a quem possam applicar-se os valiosos elogios do conhecido escriptor; é decerto porque o seu manifesto amor pela arte lhe suggere distinguir os artistas illustres, de qualquer nacionalidade que sejam.

Mas o nome de Francisco d'Holanda tem sido sempre sympathico em Hispanha. E tambem o foi a um estrangeiro illustre, que indagou de nossas riquezas artisticas, mais do que nós mesmos jamais haviamos feito.

Na obra hispanhola: *Diccionario de los mas ilustres professores de las Bellas-Artes en España, compuesto por D. Juan Agustin Sean Bermudez y publicado por la Real Academia de S. Fernando, Madrid, 1800*, se tracta, com individuação de muitos pontos, do merito artistico de Francisco d'Holanda, e se lhe fazem os devidos elogios; proclamando-o inventor na peninsula da arte de pintar em miniatura; ao mesmo tempo, e antes de ter visto os trabalhos da mesma natureza de Clovio, em Roma. O seu livro *Da Pintura antiga,* com outro: *Retrato do natural*, foi traduzido em castelhano em 1563, e conserva se na Real Academia de S. Fernando, instituição, como é sabido, de Filipe V a favor da pintura, da esculptura, e da architectura.

Dá-se mui acertada conta d'essa obra no citado Diccionario, a qual tem por ser a melhor que existe no idioma hispanhol, *y acaso excederá á las que hay en otros sobre la materia, por lo que debiera imprimirse para instruccion y adelantamiento de todos los que siguen las bellas artes.* E tambem dá noticia das outras obras do mesmo Francisco d'Holanda.

Mas já haviam feito menção *Da Pintura antiga*, e do *Livro dos debuxos:* Campomanes do primeiro e Pons do segundo, citados por Monsenhor Ferreira Gordo, em 1791, que viu em Madrid o *Livro da Pintura antiga*, e dá noticia especificada do *Livro dos debuxos.*

Em 1866, o sr. Villa-amil pediu á nossa Associação uma copia d'aquelle livro de Francisco d'Holanda, que se acha na nossa Academia Real das Sciencias. Copia que lhe foi enviada, para ser de novo traduzida, e publicada na *Bibliotheca* da obra *A Arte em Hispanha.*

O sr. conde de Raczynski em 1846, tambem havia feito traduzir em francez, e publicou na sua obra *Les Arts en Portugal,* o livro 2.° *Da Pintura antiga*, e uma parte d'outra obra de Francisco d'Holanda: *Da Fabrica que falece á cidade de Lisboa.*

O fallecido abbade Castro, lêo, em sessão de 21 de julho de 1868, na nossa Associação, uma memoria sobre a vida de Francisco d'Holanda. N'esta memoria, se diz ter nascido o nosso insigne artista, na cidade de Lisboa no anno de 1518. Ter sido cavalleiro-fidalgo, moço da camara dos infantes D. Fernando e D. Affonso, filhos d'el-rei D. Manuel: haver feito algumas miniaturas para um breviario de D. João III; e que por este monarcha fôra enviado á Italia em 1537. Que em Roma estudára architectura, e copiára as ruinas d'esta antiga cidade, não só desenhando-as; mas medindo as. Que em onze annos de viagens, visitára varias terras d'Italia, França e Hispanha, e regressara á patria em 1548. Que fôra versado nas linguas grega e latina; e o primeiro que em Portugal escrevêra sobre bellas-artes. Dá noticia de varios escriptos e obras artisticas de Francisco d'Holanda, além das mais conhecidas, como: um projecto para um chafariz monumental no Rocio; alguns quadros, entre estes o do baptismo de S. Agostinho, possuido pelo sr. conde de Penamacor: e *Christo-Homem*, escripto acompanhado de desenhos. Que o nosso famoso artista falecêra a 19 de junho de 1584, retirado da côrte, e *attenuado pelas vilezas da intriga*, n'uma casa de campo entre Lisboa e Cintra. E que Filippe I concedêra uma pensão á viuva do notavel artista-escriptor.

Agora espera-se, conforme a resolução ha pouco tomada pela Academia Real das Sciencias (e pela terceira vez!), que as obras de Francisco d'Holanda vejam emfim a luz publica; que bem dignas são d'isso, *pela sua doutrina, pureza e propriedade de locução* (no sentir de Monsenhor Ferreira Gordo). E muito seria para desejar, que fossem *todas ellas:* e que a nossa Academia das Bellas Artes, como tão louvavelmente lhe lembra o sr. Tubino, procurasse reproduzir tambem o *Livro dos debuxos;* quando não fosse pela gravura, ao menos pela photographia, n'um album para esse fim apropriado.

S. V.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

OS DOLMENS

(Continuado de pag. 183 do tom. I)

A epocha da construcção dos dolmens, é geralmente attribuida pelos archeologos, á segunda edade da pedra (neolithica). Mas não me parece, que tal epocha assim possa absolutamente fixar-se. Um periodo universal de costumes identicos, não póde admittir-se em tempo nenhum, como ainda o comprova o nosso tempo. Tal epocha pois, terá forçosamente de ser relativa a algumas regiões, em que n'essa edade se construiam dolmens.

O que seria então, que ao mesmo tempo se passava nas demais partes da terra habitada? O synchronismo prehistorico, parece-me impossivel, de bem conjecturar por mais investigações que a tal respeito se emprehendam. Não seria porém inacreditavel suppôr, que ao passo que n'uma região do globo existia o primeiro, ou o segundo periodo da edade da pedra-polida, existissem n'outras regiões differentes edades archeologicas: as da pedra-lascada, ou do osso; e as do bronze e do ferro, ou dos metaes; e ainda n'outras regiões, ou parallelamente n'algumas, tivessem já principio os tempos mythologicos, e até os historicos.[1]

Sendo assim, tambem não me parecia improvavel suppôr, que a construcção dos dolmens acompanhasse por certas partes do globo, o maior desinvolvimento que já n'outras iam tomando as differentes civilisações superiores; e até mesmo, que tudo isso fosse succedendo promiscuamente, n'alguma região.

Não póde duvidar-se de que a humanidade seja muito antiga na terra;[2] nem de que esta tenha passado por um sem numero de vicissitudes, e de transformações, physicas e moraes. Muitas migrações por diversas causas, a devem ter atravessado. A civilisação póde ter-se feito n'uma região, e haver decahido depois; como bem poderá ter ido de chofre estabelecer-se n'alguma região, e já em certo grau de progresso. Regiões haveria, que desapparecessem de sobre a face da terra, quem sabe se depois de adquirida já certa civilisação. Outras podem ter existido, ou ter apparecido mais recentemente á superficie do globo, sem que jámais conhecessem nenhum passado de barbarie.[1] Mas tambem regiões haverá, onde, correndo os tempos só gradual e progressivamente, uma civilisação superior tenha chegado finalmente a assentar-se; ou que, apezar da duração dos tempos, não hajam por emquanto attingido um estado de mediana civilisação.[2]

Hoje vae-se acreditando, que os monumentos megalithicos alcançaram, effectivamente, n'algumas regiões, a edade dos metaes; e até chegaram a usar-se, n'alguma parte, subsequentemente ao desinvolvimento de muitas industrias, já bastante adiantadas.

Seria de grande erro avaliarmos o mundo prehistorico, comparando-o physica ou moralmente ao estado do moderno mundo. Quasi tudo tem sido transtornado e transformado no globo: e transtornando-se e transformando-se continúa ainda. As cinco partes da terra não eram assim recortadas. Os continentes continham mares; os mares tinham outras dimensões; os rios mais largos e profundos leitos. As peninsulas tinham outra forma: alguns novos isthmos se terão formado, e rompido outros. O numero das ilhas não era o mesmo: talvez muitas se tenham reunido, separado outras: outras haverão

[1] A grande maioria dos homens, ainda mesmo os mais civilisados, esteve longe tempo sem o minimo conhecimento do passado do globo: nem d'isso curava! É o que se infere do *Timeo* de Platão, quando alli se figura o velho sacerdote egypcio, dizendo ironicamente a Solon: «Não ha grego, que velho seja!...» E instruia-o sobre os antigos cataclysmos da terra, desconhecidos pelos gregos. Os quaes, dizia aquelle padre egypcio, muitos seculos estiveram privados das letras; e mesmo no tempo d'elle, Solon, apenas historiavam fabulas, para crianças: em quanto que os egypcios, oito mil annos havia, que estavam de posse das sagradas escripturas, e das memorias hieroglyphicas das columnas do seu templo de Mercurio. O Reverendo Philipin de Rivières (*Questions Egypto-bibliques*, 1876) sorri da remota antiguidade que se attribue aos egypcios; mas é certo, que mesmo adoptando-se sem reserva, a chronologia da Biblia, a civilisação do Egypto estava já muito adiantada nos tempos de Abrahão.

[2] Sem me referir ás epochas geologicas e paleontologicas, ou os homens (ou os seus precursores...) apparecem sobre a terra na epocha terciaria, ou só na quaternaria, os elementos astronomicos e outros, da chronologia do sr. Rodier (*Antiquité des races humaines*, 1864), não me parecem para desprezar. Sem que por isso, se me possa imputar qualquer falta de respeito ao Velho-Testamento; porque a chronologia biblica não é artigo-de-fé. E já hoje os mais fervorosos bibliaphilos reconhecem, mesmo no que se refere á Creação, que os *dias* de Genesis, não são dias terrestres, mas universaes: são *dias cosmicos*.

[1] O Japão, por exemplo, é um paiz relativamente moderno. O sr. Rosny, não acredita n'uma edade da pedra n'aquelle archipelago: não obstante o sabio Orientalista, sabe muito bem da existencia d'algum dolmen, e de muitos instrumentos de pedra, por aquellas ilhas.

[2] Deixando muitos outros exemplos bem sabidos bastará lembrar os Mohavi da California, que ainda em 1854 não possuiam nenhum instrumento de metal. E os laponios, só pelos principios do presente seculo, deixaram completamente de servir-se dos instrumentos de pedra.

emergido; e algumas se terão subvertido. Até os nomes tradicionaes de certas regiões se hão baralhado, confundido, errado, trocado, perdido: algnns permanecem indecifraveis. [1]

Sem esquecermos as geleiras, que tão importante papel tem representado nas alterações do globo; podemos lembrar-nos da sublevação constante dos territorios do Norte: e quem sabe se ella começaria, coincidindo com a depressão da zona austral? Que de modificações na crusta da terra, não se poderão indicar, mesmo já pelos tempos historicos; e até marcal-as, como em nossos dias começaram de fazer Linneu e Humboldt!

Para termos porém um ponto de partida conveniente, e ligado talvez, tambem com o nosso assumpto, ponhâmos a mira no Egypto; assombrosa região, que por todos os lados nos maravilha. [2] Serão os dolmens do territorio portuguez, por exemplo, contemporaneos, anteriores, ou posteriores á civilisação egypcia?

Os egyptologos parece não reconhecerem pela bacia do Nilo, periodo nenhum que possa ter-se como pertencendo a alguma das edades da pedra: assim como os eruditos de ha muito, não reconhecem no Egypto nenhum tempo de barbarie. [3] Ha quem pense que os aryas foram os povoadores do Egypto; e alguns linguistas entendem que este nome vem do sanskritta. Apezar de tudo isso, basta-nos saber, que os antigos monumentos egypcios apresentam as provas, de que n'aquelle paiz eram conhecidos os instrumentos de pedra; e que ainda hoje elles se encontram n'algumas partes do seu solo. As collossaes obras egypcias d'esta mesma materia, tambem nos poderiam ser motivo de certo desconfiança, de que alguma vaga influencia poderiam ellas ter recebido dos monumentos megalithicos; ou, talvez, haverem na produzido para a construcção d'elles.

Como quer que fosse, poderia inferir-se em todo o caso que dos seus visinhos semitas, [1] adveio ao povo egypcio o conhecimento dos instrumentos de pedra. Como poderia conjecturar-se, que foram semitas, escravos no Egypto, que por ahi os deixaram; e de lá fugidos ou por ali passando em suas continuas migrações para a Africa, inspirariam tambem a construcção dos colossos egypcios; ou comsigo trariam na reminiscencia de taes colossos, a idéa da construcção dos monumentos megalithicos, para a Libya e Mauritania; d'onde passaria para a peninsula iberica, etc. Tacito, que é um historiador serio, diz-nos que os judeus aprenderam dos egypcios a enterrar os mortos. (*Histor. L.* v.)

Ao passo pois, que já pela região do Nilo se levantavam as obras giganteas da sua architectura, e estatuaria: ao passo, que já pela Grecia se cinzelariam os seus admiraveis artefactos d'ouro e de bronze; e pela Italia se propagavam os singulares trabalhos ceramicos, e outros dos etruscos; no territorio hoje portuguez, apenas se construiriam grosseiros dolmens. E d'aqui passariam ao Norte da Hispanha, e ás Gallias, então mais do que nós atrazadas. [2]

Talvez podessemos por este modo arriscar o juizo de que os pelagios, repellidos do Egypto, vieram acabar com a barbarie da edade da pedra na Grecia. De que os etruscos, oriundos da mesma familia, desfariam as palafittas na Italia. E de que os phenicios, povo já então commerciante, affastariam os dolmens da Africa , e das costas do Sul e Oeste da peninsula iberica.

Tem-se descoberto algumas entalhaduras em dolmens e outros monumentos megalithicos, com debuxos, até hoje enigmaticos. Ainda em março d'este anno (1876), o sr. Paul Chatellier publicou a noticia de um dolmen que examinára no departamento de Finisterre, em que uma das suas pedras, das que sustentavam a *mesa*, tinha esculpidas diversas figuras por ambas as faces. Algumas d'estas figuras similhavam cruzes, e caracteres (?), cujo desenho vem junto á mesma noticia.

Estes suppostos caracteres deram-me ares d'outros, que por vezes se me hão deparado, e que são tidos como pertecendo a alguns dos innumeraveis dialectos da familia semitica. Este meu parecer porém de nada vale, por muitas rasões; e porque o proprio descobridor confessa, que não se atreve a classificar taes figuras; algumas das quaes julga

[1] Nas obras: *Ethnogénie Caucasienne* (1861), e *L'Océan des anciens* (1873), as conjecturas do auctor (mais ou menos bem fundadas, os doutos o dirão), desvanecem uma por uma a maior parte das crenças geographicas admittidas já antes de Strabão e de Pomponio Mella. O oceano, a Atlantide, o mar-vermelho, a Libya, as columnas d'Hercules, etc., são nomes muito averiguados, e transferidos para pontos mui diversos dos que commummente lhe designámos.

[2] Não póde haver duvida de que grande parte da humanidade jazeria submersa nas sombras das edades da pedra, dos troglodytas, quem sabe do que? quando já a nação egypcia florescia no desinvolvimento d'uma civilisação, cujos monumentos hoje nos espantam, pela similhança de costumes que nos representam, com os das nações mais civilisadas dos nossos dias... até nas agitações politicas, nas guerras continuas, e nas conquistas.

[3] Não é de admirar, que isso tenha succedido no Egypto, e ainda em outras partes. Uma civilisação existente antes do diluvio Noemico, é coisa em que todos estão concordes. Ora o seguimento e o desenvolvimento d'essa civilisação, quer parecer-me incontestavelmente logico, porque eram homens salvos d'aquelle cataclysmo, os que repovoavam a terra.

[1] Chamo semitas as gentes de certa raça mais ou menos mixta, que assim é costume denominar philologicamente: esperando com o sr. Owen (Congresso dos Orientalistas de Londres, 1875), que se ache outro termo, com quo ethnologica mente as possamos distinguir.

[2] A edade da pedra ainda existia nas Gallias, ao tempo da invasão romana, e talvez depois. Na meia-edade tambem a illustração franceza foi inferior, não sei se até ao seculo XII, á da peninsula iberica. A causa d'isto é facil de descortinar.

que terão sido feitas com instrumento percutido; e accrescenta: «Em todo o caso, este novo specimen que hoje nos apparece, da esculptura megalithica, apresenta-se-nos como da familia de todos os primitivos monumentos da Armorica; e podêmos assentar, que os dolmens tem certa ornamentação esculptural, que lhes é peculiar.» [1]

Póde ser que seja assim em relação aos dolmens da Armorica; [2] os quaes, se anteriores aos celtas, bem poderiam ter sido por estes depois aproveitados, n'algum dos usos proprios da sua civilisação. [3] Não me parece porém, que possa assentar-se o mesmo juizo, a respeito dos dolmens em geral. Se alguma ornamentação fosse circumstancia invariavel de taes monumentos, poderia conduzir-nos, competentemente estudada, a raciocinios da maior importancia na archeologia prehistorica.

O sr. Chatellier lembra, que as figuras do seu dolmen são mui parecidas com esses riscos *(tatouages)*, com que os Niam-Niams (e outros povos [4]) ainda hoje usam guarnecer a testa, faces e ventre; e que poderia ser que d'algum d'estes costumes proviesse o outro. Ainda n'isto teriamos indicios d'uma transmissão africana, para os dolmens da Europa.

Taes gravuras dos monumentos megalithicos, sejam ou não caracteres (dos quaes já o sr. Pereira da Costa fez menção), não poderá haver certeza de que sejam contemporaneos do monumento; bem poderia a disposição das suas pedras, ter sido aproveitada posteriormente para essas gravuras. Muitas circumstancias porém nos levam a acreditar na sua contemporaneidade; ainda que effectivamente sejam caracteres, algumas d'ellas.

Os instrumentos que gravaram essas figuras, necessariamente seriam de pedra, de bronze ou de ferro. Os de bronze, metal cujo gume está mui sujeito a amolgar-se, parece-me deverem ser rejeitados, como incapazes d'esculpirem certos ornamentos mais delicados. Os de silex, tambem me parecem em muitos casos, ineficazes para atacar o granito na fórma de certas gravuras. Teremos então que optar, em geral, pelos instrumentos de ferro. [1] E a ser isto assim, os monumentos megalithicos de certo modo ornamentados, não poderão attribuir-se á edade do bronze; embora nas explorações do seu solo, se tenham encontrado muitos objectos de pedra-polida, de bronze, e de oiro; mui raramente de ferro. Nem sería então para admirar, que entre esses ornamentos apparecessem tambem caracteres.

Em todo o caso, eu não posso acreditar por ora, n'uma grande antiguidade absoluta, dos dolmens. [2]

Tambem não tenho empenho, em que se substitua a celto-mania, por uma semitico-mania; divisando semitas por todo o Sul e Occidente do globo. Mas de dia para dia vão os doutos reunindo maior numero de indicios, d'origens semiticas por esse mundo. As sabidas perigrinações e dispersão das gentes de tal raça, e as viagens dos phenicios, apontadas pela tradição mais ou menos historica, até agora incriveis ou desdenhadas, já hoje os taes indicios vão tornando de menos fabulosa apparencia; e mais dignas de attenção, e merecedoras de ser bem apuradas.

Sei das opiniões que attribuem aos aryas, a introducção da industria metallurgica na Europa; sei d'outra, que faz dos pigmeos, antepassados dos lapões, os primeiros exploradores das minas; e tambem conheço a do sr. Roisel, que tem os atlantes como os artifices do bronze, e introductores de colonias d'um povo bronzifero, pelas costas do Mediterraneo e da America. [3] Não pretendo destruir nenhuma d'estas opiniões, que o estudo dos sabios poderá confirmar, ou annullar. O que porém todos os lidos sabem, melhor do que eu, é que os phenicios eram peritos na arte de trabalhar os metaes; e que já isso se praticava pelas regiões do Tigre e do

[1] *Bulletin monumental*, n.º 2. 1876.

[2] N'uma Memoria ultimamente publicada na *Revue d'Anthropologie*, t. 4.º pag. 620, do sr. G. Lagneau, mencionam-se craneos de *tres* raças, encontrados sob differentes dolmens na região do Noroeste da França.

[3] Devo declarar, que não dou por minha esta supposição. Tenho em muito os escriptores porque estudo, para os abater a ponto de dar por meus os seus pensamentos. Os plagios nos grandes escriptores, podem em certos casos, acrescentar-lhes a gloria, em vez de deprimil-a: Schakspeare e Molière, seriam bom exemplo. Tambem poderão aproveitar alguma vez, a muitos escriptores que não sejam grandes... Eu que não posso ser tido na conta de grande, nem pequeno escriptor, mas simplesmente de nullo, não os pratico.

[4] Não são só os Niam-Niams. No diario d'uma expedição portugueza ao centro da Africa, que se intitula: *Muota Cazembe*, faz-se menção dos Moraves, cuja *tatuagę*, (como a dos Maoris da Nova-Zelandia (V. *Viagens de Cook*), dá muitos ares d'algumas das figuras geometricas, gravadas em varios monumentos megalithicos.

[1] O sr. Brunius (*Essai d'explication des sculptures de rochers*, 1866), diz que as figuras, etc entalhadas pelos rochedos da Scandinavia, foram feitas com instrumentos de pedra; e as do famoso monumento de Kivik, com instrumentos de bronze. Mas esta opinião não é admittida hoje, pelas rasões que apontei, e outras.

[2] Ainda ultimamente (outubro, 1876) os Archeologos do Congresso d'Arles tiveram grande occasião de espantar-se (diz um jornal da localidade: *La Provence*), porque: *sous un dallage, on avait déjà trouvé quelques silex; le jour où nous etions sur les lieux, on y trouve quelques autres, et de plus... une* POTERIE .. *fait au tour et vernissée!* Notemos que a gruta explorada, apresentava: *sous une première couche de limon, un lit de cailloux qui devait remonter à une époque fort reculée. Sous ces cailloux un amas d'ossemens humains mêlés à du limon... sous ces ossemens le dallage!* Aqui temos nós um facto, que sendo exacto, parece confundir a edade da pedra-lascada, com os tempos historicos, e já adiantados. Em presença de circumstancias d'estas, é que eu não posso prestar grande fé ás divisões das edades archeologicas, imaginadas pelos srs. Thomsen e Worsaæ.

[3] *Les Atlantes*, 1874.

Euphrates (Naharaim), muito antes do diluvio da Biblia. [1]

A pequena estatuaria de bronze, representada pelas grosseiras figurinhas d'esse metal, hoje conhecidas em muitos museus da Europa; provam ainda como a raça semitica da Asia-menor, era applicada aos trabalhos dos metaes, quando todavia a arte da Grecia alli não existia. [2]

Da raça semitica era tambem o costume das ornamentações, inscripções, e *cavo-rilievi*, nas rochas. Herodoto (Euterpe) falla d'estas inscripções pela Palestina; e de duas imagens esculpidas em rochedos uma supposta de Sesostris, outra de Memnon, na Asia-menor. Pelas margens do Tigre, na Lydia e na Cappadocia, tem-se encontrado d'estas antigualhas, anteriores ás colonias gregas, e que a principio foram reputadas como egypcias, mas hoje se vão reconhecendo como obras da familia semitica. [3]

De taes inscripções lapidares, ornamentações, e mais esculpturas, apparecem tambem muitos specimens por varias partes da America. E é muito para notar o que a este respeito se lê no Boletim official dos Estados Unidos: *of geological and geographic survey of territories* (março, 1876 onde se encontram curiosas noticias das explorações feitas no Novo-Mexico, especialmente pelas proximidades do Colorado; e os desenhos d'antigas ruinas de *cliffs-houses*, que fazem lembrar as habitações kushitas das montanhas da Georgia. Tambem alli se podem ver os debuxos de hieroglyphos, ou inscripções gravadas em varias pedras, e em nichos (como se encontram pela Asia-menor), d'essas habitações das rochas; *que se assimelham a outras inscripções achadas n'algumas cavernas da Andaluzia*.

Deixando a questão do Hercules phenicio, que se diz ter vindo á nossa peninsula e ás suas famosas columnas nos montes de Calpo e d'Abyla; o estimado historiador Procopio diz-nos, nas *Guerras Justinianas*, que no seu tempo (seculo VI) ainda existiam ao pé de Tanger, duas stellas, que tinham gravadas n'um dialecto semitico, estas palavras: «Viemos fugindo até aqui do malvado Josué, filho de Nave» (Nuh?) E o padre Tournemine, n'uma Dissertação publicada nas Memorias de Trevoux (1702, justifica com boas rasões, ao que me parece, que os chamados persas, companheiros d'Hercules, a que Sallustio se refere na *Guerra Jugurthina*, não eram tal persas mas pherezeus (phenicios); assim como outros companheiros d'Hercules, tidos por medas, eram os morrheus (chamados depois moiros); e os armenios, eram os cannaneus. Foram estes ultimos que vieram á Grecia, sob o nome d'archivos, vocabulo que o padre Tournemine sustenta não ser grego, nem latino, como vulgarmente se crê, mas hebreu: *chiva*, que significa *serpente*. Ora, é este mesmo symbolo o mais commum, em todos os monumentos megalithicos que tem symbolos gravados. Sei bem que este symbolo se encontra em quasi todos os povos, seja qual fôr a sua raça, e por muitas partes da terra, [1] desde a mais remota antiguidade. Na mythologia, na poesia, nas lendas, nas tradições, na historia d'esses povos, a serpente, o dragão, o aspic, a vibora, representam um symbolo importante; que figurou muito na heraldica da meia-edade, nomeadamente no nosso brazão nacional e ainda hoje é para os christãos um emblema da nossa fé. Todos conhecem a serpente debronze de Moisés, o cap. III do Genesis, a tribu de Dan, cuja signa era a serpente: e outros logares biblicos em que se allude ao *mais astuto dos animaes*. Mas não erraremos, porventura, guiados tambem pela etymologia do vocabulo, attribuindo a este symbolo uma origem semitica; embora por outras raças adoptado, fossem quaes fossem os motivos.

Não acho pois inconveniente, em que admittida a origem semitica dos dolmens, sejam as esculpturas d'estes da mesma procedencia. No *liv. dos Reis* descreve-se como Salomão enchêra de enthalhaduras e gravuras, as paredes da *Casa-de-Deus*. E ainda poderia acreditar-se que tambem gravariam caracteres; porque tambem essa pratica se encontra nos costumes da familia semitica. A lei apresentada por Moisés aos israelitas nos desertos da Arabia, era escripta em dois pedaços de pedra: e no Deuterenomio diz-se, que Moisés ordenára, quando os israelitas entrassem na terra da promissão, *que levantassem umas grandes pedras* (megalithos) *sobre o monte Hebal, e gravassem n'estas pedras os preceitos da lei*. Os Corybantes, oriundos da Colchida, passam por serem os inventores das stellas, e n'ellas eram gravadas as regras da sua sociedade. A escriptura, sabe-se que já era conhecida no Egypto, quando se construiu a pyramide Cheops. E não quero

[1] Vulcano, um ethiope (que não quer dizer: abyssinio), foi aquelle numen que todos sabemos, mestre de forjadores. Plutão (outro ethiope, ou kushita, o que não quer dizer: preto) foi caudilho dos mineiros. Tubalcain, filho de Lamech, foi mestre de artifices de cobre e de ferro, muito antes do diluvio. (*Genes.*)

[2] V. *Memoires d'archéologie, d'epigraphie, et d'histoire*, 1875. Bas-relief de nymphi. — Un bronze d'Asie-Mineure — L'Art de l'Asie-Mineure.

[3] Sobre taes esculpturas, e suspeitas de que os phenicos chegassem á America, merece ver-se a *Compte rendu de la première session du Congrés international des Américanistes*, 1875.

[1] O sr. Luciano Rosny, n'uma mui interessante Memoria, que intitulou: *Historia da ceramica do Novo-mundo* (T I da nova serie *des Archives de la Société américane de France*, 1875, affirma que este mesmo symbolo se vê em vasos peruanos; e accrescenta: «que é verosimil, que os phenicios não ignorassem a existencia do que nós chamâmos Novo-Mundo.»

agora referir-me á tradição da escriptura ant-diluviana. [1]

(Continúa.)

SÁ VILELLA.

PRIMEIRO CONGRESSO ARCHEOLOGICO EM PORTUGAL

CITANIA—EXPLORAÇÕES

Caberá por ventura, ao sr. Francisco Martins Sarmento, ha pouco laureado com uma Medalha pela nossa Associação (V. *Bolletins* n.os 10 e 11), abastado e mui illustrado proprietario de Guimarães, a honra e a distincção de ter iniciado em Portugal os congressos d'Archeologia, como hoje se estão praticando em todas as nações da Europa.

O sr. Sarmento adquiriu por compra, o monte S. Romão da serra da Falperra, perto de Guimarães, e nas margens do Ave, junto ás *Caldas* chamadas *das Taipas*. A tradição, e antigos escriptores, diziam existir alli as ruinas d'uma povoação, denominada *Citania* (ou a *Cinania* de que fallou V. Maximo?), que, apesar do habito dos nossos antiquarios de apenas prescrutarem e examinar vestigios romanos, os quaes effectivamente por ali se encontram, comtudo, julgava-se, ainda que perfunctoriamente, ter sido povoação mais antiga; dos povos que occupavam a provincia do Minho, anteriores á conquista romana.

De feito, ha por aquella provincia dilatadas tradições de povoações antiquissimas; e muitas ruinas conhecidas por diversos nomes: Tyde, Abona, Caledonia, Celiobriga, Britonia, Aurega, Benis, Araduca, Bagunte, Callecia, Labrica, etc. E pelas serras do Afife, Gerez, monte-Penedo, Fão, Valle de Fareia, etc. encontram se vestigios de povoados, que passam por anteriores á invasão dos romanos.

Já nos fins do seculo passado, nas excavações emprehendidas por José Diogo Mascarenhas Netto, pelas margens do Vizella, para exploração d'aquellas Caldas, se haviam encontrado vestigios da edade da pedra (neolithica) por aquella região, os quaes n'aquella epocha não era dado apreciarem-se achando-se: «uma cunha de pedra preta (obsidiana?)... polida por fricção... e *dentes d'animal que pela grandeza que d'elles se deduz... foi desconhecido*; e tambem se acharam alguns da mesma especie na excavação dos banhos da Lameira.» Estes vestigios deveriam hoje existir na nossa Academia Real das Sciencias, á qual foram então apresentados pelo referido Netto, seu socio. Não será porém agora opportunidade para tractar d'estas coisas.

Como ía dizendo, o sr. Sarmento começou a expensas suas, e sob a sua direcção, a explorar o subsolo da montanha, que para esse fim adquirira; principiando por fazer collocar no sitio em que primitivamente fôra achada a celebre *pedra-formosa*, cujo debuxo publicou o n.º 9, t. I do nosso jornal, e á qual me referi no meu Estudo sobre os Dolmens (pag. 39).

O sr. marquez de Sousa, nos n.os 452, 454 e 455 do *Diario da Manhã*, deu conta da sua visita a estas explorações pelo estio do anno passado, e descreve-as; lembrando, parece-me, que mui sensatamente, que o vocabulo *Citania* não será nome unicamente applicavel a um local; e, se o derivassemos do termo semitico *cithan*, poderia generalisar-se a qualquer povoado.

Passavam então de cincoenta as moradas (casas) descobertas, construidas grosseiramente, e de fórma circular, pela maior parte, parecendo que a sua entrada seria por alguma abertura superior, e dando ares na fórma (?) das *Nuraghas* da Sardenha.

Acharam-se tambem esculpturas. «evidentemente pre-romanas;... e eram frequentes as pedras lavradas com ornatos... Entre estas esculpturas são notaveis um baixo-relevo de duas figuras, e uma estatua, mutiladas... Apparecem muitas pedras com cruzes de varias fórmas, *posto que nenhuma tenha os caracteristicos do christianismo*... Tambem se tem achado inscripções .. algumas escriptas em caracteres desconhecidos... Abundam os fragmentos da ceramica... A decoração d'elles, consta de circulos concentricos, gregos, riscas... com debuxos, (que não sendo romanos) se vêem até nos fragmentos de vasos que poderiam considerar-se romanos... São muito poucos os objectos de metal encontrados... (quasi destruidos) mas é indubitavel que alguns são de ferro, outros de cobre puro.

Já se vê como é importante, e digna da maior attenção, a exploração que está praticando o sr. Sarmento. E desejoso este distincto cavalheiro, de a fazer conhecida e apreciada pelos estudiosos, e doutos do nosso paiz, tem convidado muitos d'elles para comparecerem na localidade, nos primeiros dias d'abril proximo; e ahi examinarem os trabalhos já praticados, e os seus resultados.

A extrema delicadeza do sr. Sarmento, tem preparado recepção condigna aos seus convidados; e o que muito importa saber tambem, para honra da nossa civilisação, é que a cidade de Guimarães, a exemplo do que tem praticado outras cidades cultas da França, Italia, Belgica, etc. prepara-se egualmente para solemnisar a ida ao seu concelho de tão illustres hospedes. Caberá a estes, como não duvidamos que hão de fazer, inaugurar entre nós os Congressos archeologicos, que o sr. Sarmento por este modo inicía; e que tão necessarios se tornam já no nosso paiz, onde tanto ha que explorar das epochas prehistoricas e luso-romana: como os trabalhos já encetados nos deixam prever. Além d'isso é tempo de patentearmos ao mundo as nossas riquezas archeologicas; e de provar aos sabios, que o esperam, a nossa aptidão para lh'as indicar.

Sería de toda a conveniencia que os nossos Archeologos reunidos em Guimarães, elegessem Mesa e Direcção. que podessem ser nucleo e formar circulo, para a continuação dos trabalhos archeologicos no nosso paiz; e para a renovação d'estes congressos nas provincias d'elle, onde as circumstancias e a possibilidade os aconselhassem.

Pelo que respeita á Citania, muito me lisongearia eu, em particular, que as suas excavações me podessem confirmar na idéa, que já tenho expressado mais ou menos timidamente, sobre a primitiva povoação do nosso solo, e sobre o desenvolvimento

[1] Cadmo, um semita, foi reputado pelos gregos como inventor da escriptura. Alguns antiquarios até presumiram, que se a pedra não foi a mais antiga, seria a primeira das materias em que se gravaram caracteres: e por isso os gregos não diziam: *escrever*, diziam: *gravar*.

d'ella; como me está parecendo que o vão indicando algumas das descobertas já feitas, se se provarem as origens que mostram apontar.

Mas como terei de voltar a este assumpto, não devo alongar de mais hoje, estas simples considerações.

SÁ VILLELA.

HISTORIA PORTUGUEZA

NUMISMATICA

D'uma carta de Mr. Hooft van Iddekinge, inspector dos monumentos nacionaes da Hollanda, e antigo conservador do museu de Medalhas da Universidade de Leyde, escripta da Haya a 27 de fevereiro ultimo, ao sr. J. P. N. da Silva, presidente da nossa Associação, traduzimos os seguintes importantes paragraphos, aos quaes nos pareceu mui conveniente dar publicidade:

«Como sabeis, o infeliz D. Antonio, que se proclamou rei de Portugal, passou algum tempo n'este paiz. Teve aqui embaixadores, e estes obtiveram do principe d'Orange, Guilherme o taciturno, a permissão de estabelecerem em Gorinchem, uma casa de moeda.

«Alguns dos cunhos, que effectivamente serviram para bater a moeda de D. Antonio, ainda agora se conservam na Casa da Camara. O meu amigo Mr. Chalon, de Bruxellas, publicou o desenho d'estes cunhos, e ao mesmo tempo uma historia de D. Antonio; mas sem esclarecimentos relativos á officina de Gorinchem. E pelo que respeita ás circumstancias da moeda portugueza cunhada nos Paizes-Baixos, ninguem sabia coisa nenhuma com exactidão. Os historiadores do tempo não fallam n'isso; e os documentos que poderiam elucidar-nos, faltavam inteiramente.

«Eu porém reconheci mais uma vez, que jámais devemos perder as esperanças; porque achei mais, do que nunca suppuz. Descobri um masso completo, de todos os documentos importantes, que dizem respeito á referida casa de moeda; e o que é mais, todos estes papeis são documentos officiaes.

«A casa da moeda de D. Antonio, nos Paizes-Baixos, abriu-se em Gorinchem a 10 d'outubro de 1853, com permissão do principe d'Orange, mas sem annuencia dos Estados-Geraes, que receiavam a concorrencia que esta poderia fazer á sua casa da moeda de Dordoecht.

«Desgraçadamente, não tardou que os abusos se não apresentassem. Os empregados de D. Antonio batiam moeda abaixo do seu valor, o que desacreditava este dinheiro. Os Estados-Geraes aproveitaram esta circumstancia, para fazer cessar a cunhagem da moeda portugueza; e a officina fechou-se.

Foi então que o embaixador de D. Antonio junto aos Estados-Geraes, Antonio de Brito Pimentel, apresentou uma Memoria em justificação do seu rei, e tendente a obter a continuação da cunhagem. Mas os Estados-Geraes, que nunca a tinham querido consentir, não deram resposta ás solicitações de Brito Pimentel.

«Pouco tempo depois, malogrou-se ainda a ultima tentativa de D. Antonio para entrar na patria; de modo que tôdo o interesse se lhe foi, de recomeçar a cunhagem da moeda em Gorinchem: e esse negocio, que já não podia ter consequencias, ficou esquecido até hoje, que os historiadores começam a lembral-o.

«Os papeis que descobri são: a Memoria escripta em italiano, apresentada em 1586 aos Estados-Geraes, pelo embaixador de D. Antonio, acompanhada de todos os documentos justificativos, parte d'estes escriptos em hollandez, e outra parte em francez, rotulados no verso em portuguez, pelo proprio Brito Pimentel. Instruem-nos até das menores circumstancias de todo este negocio. Contém: as informações do embaixador Pedro d'Oro, sobre o estabelecimento d'uma casa de moeda; as informações do mestre da cunhagem; a ordem para cunhar francos, imitação dos de Henrique III, rei de França, com o desenho do cunho; e o auto dos ensaios para verificar o toque e o peso da moeda batida: assim como as quantidades d'oiro e de prata, que se applicaram á cunhagem. Podendo-se calcular o numero das peças cunhadas.

«Encontram-se tambem documentos, que demonstram que o mestre da cunhagem, abusava da confiança que n'elle haviam depositado; e que chegára a cunhar tostões d'el-rei D. Sebastião, sem que D. Antonio o soubesse.

«De taes documentos infere-se, que o prior do Crato andou n'este negocio de inteira boa fé; e que não se aproveitou singularmente das vantagens que esta casa de moeda poderia fornecer-lhe. Elle e o seu embaixador, foram logrados pela velhacaria do mestre e empregados da officina; e, causa pena dizel-o, foram sacrificados pelos Estados-Geraes, á sua politica cruel, e egoista. Em vez d'auxiliarem o desditoso D. Antonio contra o seu commum inimigo Filippe II d'Hespanha, como Guilherme I d'Orange o desejava; os Estados-Geraes não perderam da vista nem um momento, os seus interesses pecuniarios.

«Nada digo de mais, quando affirmo e cuido, que os documentos que descobri, são da mais alta importancia, tanto para a historia de Portugal como para a dos Paizes-Baixos. Fica esclarecida uma pagina d'essa historia, desconhecida até agora; e o que é mais, posso felicitar-me de haver lavado da memoria do infeliz prior do Crato, a nodoa que uma politica egoista lhe havia lançado, de ter sido connivente na fabricação d'um numerario legal inferior ao seu valor.

«Ainda me não resolvi sobre o que hei de fazer da minha descoberta, porque me falta o tempo para me dar inteiramente a este assumpto, como desejaria. No emtanto... etc.»

HABITAÇÕES LACUSTRES

Across Africa. 1877. — Esta obra em dois volumes, com mappas e gravuras, do celebrado Cameron, chegou já a Lisboa, e ouvimos que um extracto d'ella será brevemente publicado em portuguez.

Patrioticamente interessado, como sou, na questão

nacional, chamada *africana*, não poderia fallar n'esta obra, ainda que a outro proposito, sem deixar aqui expressado o intimo desejo de que o relatorio de suas viagens pelo interior d'Africa, que acaba de publicar o illustre explorador inglez, encontre entre nós analyse similhante, á que encontrou o relatorio do celebre Livingstone, no memoravel *Exame* publicado em 1867 pelo saudoso e benemerito D. José de Lacerda.

A empreza não seria difficil. A prescrutação litteraria do muito que temos desde seculos, escripto em portuguez sobre as nossas possessões d'Africa, especialmente por ecclesiasticos, antigos e zelosos devassadores d'aquellas regiões; os velhos e numerosos esclarecimentos, que nos poderá fornecer o archivo bem esmerilhado da nossa secretaria dos negocios do ultramar; facilitarão esta gostosa empresa, a quem d'ella tiver o louvavel e patriotico fim de encarregar-se.

O nosso proposito porém é outro n'esta occasião.

As habitações lacustres, parece irem fazendo o *pendant* dos dolmens. A sua descoberta, que poderá datar-se de 1853, na Suissa, teve por algum tempo a idéa da sua existencia limitada áquella região da Europa. Depois foram-se indagando os antigos monumentos, e conheceu-se que este modo de habitação sobre as aguas, era commum a outras regiões da terra. Foram tambem usadas na Asia; e encontradas na America.

As explorações archeologicas da Europa tem achado palafittas nos Pyrineus, na Inglaterra, na Allemanha, na Hungria, etc.

Ultimamente tem sido encontradas em varios lagos da Asia-menor, similhantes ás da Suissa e da Saboia. E M. Deville (membro da Eschola d'Athenas) pensa ter encontrado na Macedonia os vestigios das habitações lacustres de que fallou Herodoto; e diz-nos, que na Thessalia ainda hoje são usadas (*Matériaux pour l'hist. prim. et natur. de l'homme.* 1877, 1ère *livraison*).

Por ultimo, o sr. Cameron na sua obra, a que já nos referimos—*Atravez d'Africa*, – dá-nos a noticia e o desenho, das habitações lacustres que encontrou na sua excursão ao lago Mohrya.

S. V.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Em assembléa geral de 6 de dezembro de 1876, foram approvadas as contas prestadas pelo sr. Thesoureiro da Associação, em relação ao anno social findo; e na conformidade do respectivo Parecer da Commissão de revisão.

Na mesma assembléa geral foram approvados para nossos socios: effectivos, os srs. Conselheiro Antonio José Duarte Nazareth; Visconde de Figanière, general Azevedo, e Peixoto e Mello; correspondentes, Mr. Bochman, de Berlim, architecto, e D. Rodrigo Amador de los Rios, de Madrid, archeologo.

Na mesma assembléa geral foi resolvido, que a nossa Associação concorresse á Exposição universal de Paris em 1878, conforme o programma do nosso Conselho Facultativo.

Recebeu-se convite da Sociedade de Geographia de Lisboa, para a sua Sessão solemne de 7 de março de 1877.

Recebeu-se o programma e convite da Sociedade central d'Architectura de Paris, para o Congresso de Junho do corrente anno.

Foram entregues á Commissão, que promove os donativos a favor das victimas das ultimas inundações, as quantias: de vinte e sete mil réis, importancia d'uma mensalidade dos nossos Socios contribuintes; e a de oitenta e um mil e cem réis, importancia das entradas na Exposição Artistico-Archeologica, verificada na nossa Associação, com o fim de promover maior donativo para tão philantropico destino: tendo sido as despezas d'esta Exposição a cargo do cofre da nossa Associação; e havendo os srs. Costa, successor de Gaspar, e Margotteau Ferreira, contribuido com a generosa desistencia do que em taes despezas lhes competia.

Foi offerecido á nossa Associação, pelo nosso Socio correspondente, d'Italia, o sr. conde G. Gozzadini, a sua obra *Intorno agli scavi archeologici fatti dal Sig. A. Arnoaldi Veli presso Bologna, Osservazioni del conte senatore G. Gozzadini.* Bologna, 1877.

O sr. Ernesto Bosc, offereceu uma Memoria ácerca dos meios de purificar o ar das grandes cidades.

A sr.ª D. Maria Feijó e Mello offereceu: «*Esboços biographicos dos principaes pintores italianos*, por José Henrique Feijó da Costa. Lisboa, 1866».

Foi offerecida pelo sr. Joaquim da Conceição

Gomes a 3.ª edição da sua *Descripção minuciosa do convento de Mafra.*

O sr. Francisco Antonio Ferreira Senior, offereceu á nossa Associação tres azulejos da Sé velha de Coimbra.

Foram recebidos varios numeros dos jornaes: *Anales de la Construccion y de la Industria* e *Academia*, hespanhoes; *Architecto*, russiano; *La Revue-nouvelle de l'Industrie et des Travaux-publiques*, *La Semaine des constructions*, *Le Musée archéologique*, *La Gazette-archéologique*, *Les Materiaux pour l'histoire prim. et nat. de l'homme*. *La Revue Anthrogologique*, e o *Polybiblion*, francezes; *The Building News*, inglez: *Tot Bevordering der Bouwkunst*, e *Afbeeldingen van Oude Bestande Gebouwen*, hollandezes.

NOTICIARIO

Lê-se na *Revue-nouvelle de l'Industrie et des Travaux publics* de 28 do passado (fevereiro):

M. Gott apresentou o seu projecto para a canalisação de Lisboa. Esta cidade será dividida em zonas, cada uma d'estas com o seu cano-collector geral, o qual descarregará n'um grande reservatorio perto da *Rocha do Conde d'Obidos*; onde as dejecções e as aguas serão levantadas para cahirem n'um grande cano receptor, que se vasará além de Belem. M. Gott receberá pelo seu projecto réis 27:000$000: excellente pagamento por um plano, em que apenas teve o trabalho de indicar a direcção dos canos; e de problematica realisação. O seu systema de saneamento é de duvidosa efficacia, principalmente se se enttender ao nivel das aguas em Lisboa. Os engenheiros portuguezes suppõem-se desconsiderados, por um contracto secretamente feito com um inglez.

Idem, 3 de janeiro ultimo:

O *Instituto de França* põe a concurso uma questão importante: a de saber as differenças theoricas e praticas que existem entre engenheiros e architectos; e conhecer das vantagens ou dos inconvenientes que podem resultar da divisão entre estas duas profissões: deduzindo d'este estudo o que será mais util nos interesses da Arte, se uma divisão absolutamente designada, ou se uma completa fusão. As Memorias para este concurso deverão ser entregues ao secretario do *Instituto*, até 31 de dezembro do corrente anno.

Em Bruxellas foi aberto um concurso para construcção d'um *Museu de Bellas-Artes*. Só os architectos belgas serão admittidos. As construcções de grandes edificios n'esta cidade, são incessantes. O palacio da justiça deverá ser de admiravel magnificencia. O seu estylo é oriental. O novo palacio da Bolsa, é tambem um bello edificio, de sumptuosa fachada, ornado de grande numero d'estatuas, e de esculpturas. A camara d'esta cidade acaba de contrahir um emprestimo de vinte milhões de francos, para continuar os seus importantes melhoramentos.

O ministro das Obras-publicas em França, foi de proposito á Hollanda visitar as obras e o estado dos seus caminhos de ferro, bem como os trabalhos immensos do novo porto e canal de Amsterdam. Os desenhos d'esta grande obra, acham-se no Museu da nossa Associação.

Lê se no *American Architect and Building News*, que o projecto de construir um tunnel entre Gibraltar e Algeciras, e um ponto da costa de Marrocos, proximo de Ceuta, vae começando a ser popular em Inglaterra. O comprimento d'este tunnel está avaliado em 22 milhas, (35:000 metros), e a despeza em 20 milhões de dollars. Por este tunnel se diz, que passará o caminho de ferro que conduza de Inglaterra á India.

O British Museum recebeu em janeiro, ultimo, alguns milhares de miudezas d'antiguidades assyrias, provindas das explorações feitas no valle do Euphrates, pelo fallecido G. Smith. Estas antigualhas constam pela maior parte de tablettas historicas, principalmente assyro-babylonicas, dos primeiros reis, feitas de barro cosido e escriptas por ambos os lados, relatando actos de vendas certificados por testemunhas, etc Alguns d'estes contractos são feitos em duplicado, os quaes se acham dentro da tabletta fendendo-a. As datas são da maior importancia para a chronologia; e os nomes propios de grande valor philologico. Lêem-se os nomes em caractéres cuneiformes de Nabopolassar, Nabuchodonosor, Balthazar, Cyro, etc. Ha tambem tijolos com inscripções; vasos; um calendario babylonico completo, indicando todos os dias faustos e nefastos do anno; estatuas de divindades, feitas de bronze; um bello leão de granito escuro, deitado sobre um pedestal da mesma pedra, tendo no peito o annel real e o nome hieroglyphico de Sethos, um dos reis pastores que dominaram no Egypto por 250 annos, e foram expulsos por Thoutmosis, rei de Thebas. G. Smith foi o primeiro que descobriu o nome d'este Pharaó escripto em caracteres cuneiformes, n'um annel que se conserva no Museu britanico. Logo que estas antigualhas sejam registradas, e rotuladas, serão expostas á curiosidade do publico nas galerias assyrias do Museu britanico.

De 28 de maio a 3 de junho, deverá reunir-se em Senlis, o 44.º congresso da *Associação franceza d'Archeologia*. O seu programma contém mais de cincoenta questões: as primeiras concernentes á archeologia prehistorica, as outras relativas a pontos historicos da cidade de Senlis, seus contornos e departamento (Oise), no tempo da conquista das Callias pelos romanos. Serão examinados os monumentos: e a archeologia religiosa tem parte importante no questionario: como será o estudo do estylo architectonico das suas egrejas, e a indagação das suas riquezas, e dos objectos d'arte que possuam.

Estão-se usando já em Inglaterra, e vão começar a usar-se em França, locomotivas d'um novo typo. As maquinas são mais altas, e as rodas tem dois metros de diametro. Parece que offerecem maior solidez e segurança. Com este systema de locomotivas, é que actualmente se organisam na America os famosos *trens-relampagos*, que tem dado tanto que fallar, e que correm 100 e 120 kilometros por hora.

Com a Exposição universal de Paris, em 1878, coincidirá na mesma cidade, uma Exposição Anthropologica e Ethnographica. A commissão directora tem por presidente o insigne Quatrefages, tendo por companheiros o celebre historiador H. Martin, o afamado antropologo Brocca, e o laborioso e bem conhecido G. Mortillet; além dos auctorisados escriptores: Topinard, G. de Rialle, Hovelacque, Collinaau, etc. A sociedade Anthropologica Hispanhola, já foi convidada para tomar parte n'este certame; e parece que nomeára uma commissão em que figuram os Srs. Tubino, G. Velasco, Galdo e Hysern presidente, que solicitaram e lhes foi promettido, pelo ministerio do Fomento, todo o auxilio necessario para a realisação d'aquelle projecto, no que diz respeito á Hispanha.

Esta Exposição abrangerá:

1.º A Anthropologia propriamente ditta, e a Graneologia.
2.º A Ethnographia geral.
3.º A Archeologia prehistorica.
4.º A Linguista.

Estabeleceu-se em Philadelphia uma sociedade internacional das *Relações scientificas e litterarias*, com o fim de consegir mutuas permutações dos trabalhos scientificos e litterarios, já publicados ou que se publiquem em todas as nações, de lingua hispanhola e portugueza. Esta sociedade está constituida pelos representantes: de Bolivia, Brazil, Chili, Colombia, Confederação-Argentina, Costa-Ricca, S. Domingos, Guatemala, Hispanha, Honduras, Mexico, Nicaragua, Paraguay, Perú, Portugal, S. Salvador, Uruguay, e Venezuela.

Lê-se nos jornaes inglezes *The Builder* e *The British Architect*, a analyse da sessão solemne da abertura das sessões do *Real Instituto dos Architectos britannicos*. Esta sessão abriu-se com a costumada affluencia de gente, que todos os annos augmenta. O presidente Mr. Chas. Barry, deu conta no seu discurso dos presentes feitos ao Instituto; e do augmento successivo dos seus membros, que cada vez se torna mais consideravel. Depois de breve excursão pelos dominios da arte, occupou-se, do estado actual da Architectura em Inglaterra. Notou a triste tendencia do publico, em dirigir-se para a construcção de suas obras, ao architecto que menores honorarios exige, sem ter attenção á honra ou habilidade d'elle. Mr. Barry observou depois, como era excellente o espirito de corporação que existia entre os membros do *Royal Institute*, porque nenhum d'elles poderia ser accusado d'haver faltado em occasião nenhuma, ao sentimento de boa confraternidade, sem o qual nenhuma associação é possivel. N'outra ordem de idéas, lamentou Mr. Barry, que os grandes trabalhos para o aformoseamento da capital, nem todos fossem confiados a agentes do governo, que estivessem na altura da sua missão; muito principalmente pelo lado do *bom gosto*.

O Dr. Schlienmann continúa a dar conta das suas importantes explorações no Acropolis de Myccnas. Em dezembro ultimo, havia descoberto n'um tumulo um cadaver humano, que o laborioso archeologo suppõe ser o d'Agamemnon, quasi mumificado, ladeado d'espadas de bronze, cujas bainhas eram de madeira. Uma mascara d'oiro cobria-lhe a cabeça; e esta mascara representa um rosto redondo, com olhos e bocca grandes, muito parecidos com as feições do cadaver: o que faz crer, que estas mascaras são retratos verdadeiros dos defunctos, e não typos ideaes. No n.º 9, T. I do nosso *Boletim*, publicámos uma photographia representando uma d'estas mascaras (era de gesso, mais colorida, lindissima e mui bem conservada), que fôra encontrada n'uma excavação d'Alcacer-do-Sal, com outras antigualhas da epocha romana; e demonstrava ser retrato, como esta mascara grega, de oiro, de que falla o Dr. Schliemann. Á direita d'aquelle cadaver existiam alguns vasos de oiro, e taças de prata, e um vaso maior de alabastro, etc. N'outro tũmulo, além d'espadas, e alguns objectos d'oiro, achou-se uma caixa de maderira, quadrangular, pequena, que tinha esculpidos em alto relevo um cão e um leão. Nos cinco tumulos já explorados, encontraram-se dois sceptros com mãos de cristal, duas corôas, tres mascaras d'oiro, um capacete do mesmo metal, utensilios de prata, algumas moedas d'oiro, de prata e de cobre, *nenhum objecto de ferro*. O Dr. Schliemann não tem duvida de assegurar, que estes cinco tumulos encerrem os restos dos Atridas, e alli se achem os ossos de Agamemnon e de Cassandra assassinados por Egistho e Clytemnestra. Foi tambem o Dr. Schliemann que descubriu o thesoiro de Priamo, ou que se presume ser esse.

A municipalidade de Turim quiz inaugurar um grande monumento á memoria de Cavour; e pouco tempo depois da sua morte, abriu um concurso convidando todos os architectos italianos para estudarem um projecto condigno. Apparceram mais de cem concorrentes, com projectos magnificos, que a Camara pôz em exposição. O monumento foi confiado ao cavalheiro *Dupré*, esculptor florentino; e ha pouco tempo inaugurado: custou 180:000$000 réis. E' um trabalho d'artista de talento (diz um jornal que temos á vista, e publica o desenho do monumento), cujo conjuncto harmonioso ostenta grandeza; e se nem todas as suas partes são absolutamente felizes, nem por isso merece menos louvor. Tudo o que é linha, profil, ornamentação, está sobria e severamente estudado. A estatuaria foi habilissimamente tractada; e apenas se lhe poderão fazer algumas reservas, pelo que respeita a promenores da concepção.

1883, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1877 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 2

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA KHMER

Ruinas de Angcor Wat no reino de Cambodge

Antes de entrar na descripção detalhada das ruinas de Angcor Wat, trataremos de expôr resumidamente as leis que presidiram á sua construcção. Indicaremos pois primeiramente, quaes os materiaes empregados e o seu apparelho, o modo de construcção dos muros e das abobadas, os processos decorativos peculiares d'esta architectura, e procuraremos chegar assim a uma classificação geral dos monumentos, que tentamos descrever.

Materiaes. Os materiaes empregados na construcção dos edificios Khmers são: 1.º uma pedra formada de concrecções ferruginosas, conhecida na Cochinchina pelo nome de pedra de Bien-hoa. A trinta kilometros a leste de Angcor, apparece á flor do solo e forma n'esta direcção bancos enormes de dez a quinze kilometros de extensão. Esta pedra que offerece numerosas variedades, tanto pelo modo de agglomeração, como pela côr, é empregada na construcção de calçadas, nos muros dos edificios grosseiros, e serve como enchimento nos alicerces e nos macissos dos monumentos principaes. 2.º O grés. Os grés pardos ou ligeiramente rosados, em uso na antiga architectura cambodgiana, são de um grão fino que os torna susceptiveis de um polido perfeito. Como todos os grés, são brandos ao extrahir-se da pedreira, e endurecem ao ar, mas não tanto que resistam á acção alternada da seccura e da humidade, que pela continuação do tempo os gasta, e até desfolha em tenues laminas.

É tambem a muitos kilometros de Angcor, na base de uma pequena cadeia de montanhas, que existem extensos bancos d'este grés, e a cada passo ahi se encontram vestigios de trabalhos do homem; como são: macissos de pedra cortada, fustes de columnas esboçados, e lagedo em esquadria. Em toda a parte são visiveis os traços do ferro, e podem estudar-se os processos de exploração, nos fragmentos de rocha mais destacados e ainda ligados ás pedreiras. Alguns instrumentos deixados aqui e ali, e de que os habitantes podem mesmo explicar o uso, vem completar e esclarecer estes indicios.

3.º Os tijolos cosidos. Este genero de materiaes parece pertencer a uma epoca posterior á dos grandes monumentos. Encontram-se simples sanctuarios, e pequenos edificios de ordem inteiramente secundaria que são construidos de tijolos, porém em toda a parte aonde elles são sobrepostos ás construcções em grés, percebe-se facilmente que a sua adjuncção não tinha sido prevista no plano primitivo. O tijolo parece pois, não ter substituido a pedra senão quando a fadiga e o abatimento ganharam o architecto e os operarios. N'outras partes do Cambodge, aonde sem duvida a pedra faltava, encontram-se torres e outros edificios importantes, construidos com excellentes tijolos de trinta e cinco centimetros de comprido por vinte de largo, ricamente ornados debaixo do ponto de vista architectural, de moldagem cuidadosamente acabada, e permittindo perfeita junctura. A sua fabricação parece ser contemporanea das grandes epocas.

Muros. Qualquer que fosse o seu destino, os muros eram formados de grandes pedras rectangulares ou cubicas, juntas sem cimento. A escolha da pedra, a sua grossura, a precisão do apparelho, variaram com a importancia da construcção.

Empregaram tanto quanto possivel, pedras de dimensões uniformes, cujas juntas eram regularmente alternadas, e não é raro encontrar algumas de tres a quatro metros de comprido, sobre um metro a metro e meio nas outras duas dimensões.

Aqui apresenta-se o problema mechanico do transporte e da elevação, frequentemente a alturas consideraveis, de enormes massas. Este problema não tem sido resolvido de um modo satisfatorio. Convem porém assignalar os orificios circulares ou quadrados, que apresentam todas as grandes pedras empregadas. Estes orificios distribuidos em grupos, são distanciados de dez a quinze centimetros, o seu diametro é de dois centimetros, e a sua profundidade media de tres. Como nenhuma das pedras que se encontram talhadas nas pedreiras apresenta vestigios de taes orificios, é pouco provavel que elles servissem para facilitar o transporte, e seriam portanto só destinados á elevação dos materiaes e á sua collocação, offerecendo um ponto de applicação a garras de ferro, a alavancas, ou a outro qualquer instrumento.

Os muros isolados tinham uma cornija e um coroamento, ordinariamente dentado. Apoiavam-se sobre duas ou tres fiadas de grossas pedras, que alargavam consideravelmente na base.

Os instrumentos que serviam para talhar as pedras, não tornavam bastante lisas as partes planas; era necessario, sobretudo para o grés, obter o polido das superficies pela fricção, e chegava-se assim a um grau de perfeição excessivamente remarcavel.

Abobadas. Nenhuma das abobadas dos monumentos Khmers, apresenta abertura superior a tres metros e meio. São compostos de pedras sobrepostas em camadas horisontaes, aproximando-se gradualmente, e juntando-se de ordinario na quinta fiada. A face interior d'estas pedras ficava tosca, quando a abobada não era destinada a pôr-se em evidencia, e quando devia ser revestida para formar tecto. No ultimo caso, o tecto repousava sobre travessas apoiadas sobre as cornijas dos muros de suporte. Tanto o tecto como as travessas, eram ordinariamente de madeira esculpida e dourada, e acham-se restos que attestam uma grande habilidade n'este genero de trabalho. Quando pelo contrario a abobada devia ficar á vista, as extremidades interiores das pedras eram talhadas de modo a obter desde a nascença até ao fecho, uma curva ogival, composta de segmentos de um córte elegante, cujas superficies eram cuidadosamente polidas, e algumas vezes pintadas e douradas. Era tambem assim, a construcção das abobadas nas primeiras idades da Grecia. Pela parte exterior, a superficie das pedras é ondulada de modo a apresentar o aspecto das telhas. Frequentemente esta superficie é coberta de delicadas esculpturas, destinadas a augmentar ainda n'este sentido a illusão da vista.

As abobadas são sempre empregadas para reunir dois muros, ou um muro e uma columnata, ou finalmente duas columnatas.

Logo que duas abobadas se crusam, a sua construcção é a mesma. Sómente em cada angulo uma só pedra forma o *arranque*, e apresenta uma face em cada uma das duas direcções.

Os architectos Cambodgianos não conheciam de certo nenhum outro processo de construir as abobadas, porque em parte alguma se encontram exemplos differentes. Era porém de proposito que os muros das suas galerias se levantavam tão proximos, porque mesmo pelos processos que empregavam, ser-lhes-hia facil obter abobadas mais largas.

Torres. O que dissemos das abobadas basta, para fazer comprehender o modo de construcção das torres. Acima do espaço destinado para o sanctuario ou para outro fim, corre uma cornija em que se apoiam camadas de pedras por fiadas horisontaes, aproximando-se até ao vertice, que é coberto por uma grande pedra.

Em geral, a superficie interior da torre é tosca, e quando muito, dissimulada por um tecto apoiado na cornija inferior.

No exterior, as torres affectam formas muito variadas, mas que parecem obedecer a certas leis geraes. Na base, a secção da torre é um quadrado, no vertice transforma-se n'um circulo. A transicção entre estas duas formas, faz-se gradualmente por meio de cinco andares. Considerada no sentido vertical, a forma exterior da torre offerece uma cur-

vatura convexa, quasi regular. Para dissimular á vista as ligações dos differentes segmentos de que se compõe esta curva, nos angulos de todas as cornijas exteriores são collocadas pedras de ornamento de forma pyramidal e triangular. Este addicionamento dá continuidade ás linhas geraes.

Segundo a tradicção, as torres terminavam por uma esphera e flecha em metal. Hoje não resta vestigio algum.

Ordinariamente a parte central de cada face, é occupada por uma especie de tympano esculpido, representando uma scena mythologica. Estes tympanos succedem-se, como as pyramides, de andar em andar, diminuindo de dimensões, e contribuindo para dar muita ligeireza e relevo ao proprio monumento. Taes são as torres de Angcor Wat. Outras vezes, esta parte central, figura um profil humano, e esta combinação, á qual se presta maravilhosamente a dupla convexidade da torre no sentido horisontal e no sentido vertical, produz grandes e bellos effeitos.

Columnas. As columnas empregadas para supportar as abobadas e formar as galerias, são sempre quadradas; as columnas cylindricas não desempenham na architectura Khmer senão um papel secundario, e puramente decorativo.

Os capiteis supportam directamente o entablamento, que se compõe de ordinario de uma face plana e d'uma cornija. A abobada nasce por cima d'esta cornija. Se a abobada deve ficar muito á vista, o entablamento é coberto de molduras horisontaes, e recebe um friso esculpido.

As columnas são exactamente quadradas, e conservam em toda a sua altura o mesmo diametro. O capitel e a base são ordinariamente de dimensões semelhantes, e de uma ornamentação uniforme, de modo que é indifferente tomar nm pelo outro. O fuste é em geral monolitho. Tambem frequentemente falta a base, e é substituida por ligeiras esculpturas nas quatro faces do fuste prolongado. Capiteis e bases, fazem lembrar o modo grego dos mais bellos tempos. É o mesmo desenho geral, e as molduras e os motivos de ornamentação, offerecem uma analogia completa e uma perfeição de execução igual.

O fuste das columnas é umas vezes unido, outras vezes ornado de alto a baixo de series de desenhos uniformes, lavrados a pequena profundidade. São quasi sempre intermina veis enfiadas de circulos ou de nichos, no interior dos quaes se figuram rosaceas ou figuras em movimento, sempre que a columna tem uma posição especial e importante; por exemplo: quando ella figura como pilastra aos lados de uma porta, a ornamentação do fuste toma maiores proporções. O desenho engrandece-se, o cinzel lavra mais profundamente a pedra, e traça admiraveis arabescos aonde se enlaçam os ramos, as rosaceas, as figuras de animaes e as personagens legendarias. Posto que o tempo tenha gasto todas as arestas vivas e diminuido a delicadeza d'estas esculpturas, pode ainda julgar-se pelo que resta, do que ellas deviam ser nos primeiros dias, e concebe-se a mais alta idéa da habilidade e do perfeito gosto dos operarios e artistas que as executaram.

As columnas quadradas são tambem empregadas nos peristylos dos edificios, em certos porticos avançados, em grupos de duas ou de quatro, reunidas no topo por pedras transversaes, formando architrave, e sobrepujadas por macissos ou frontões esculpturados.

Como dissemos, as columnas cylindricas servem principalmente para ornamentação, e raras vezes de supportes verdadeiros. Os terraços ou belvederes que se encontram, ou sejam isolados, ou sejam á entrada dos edificios, contem-nas ordinariamente em todo o seu circuito. A altura d'estas columnas não excede nunca 2^{m},50, e algumas vezes é menor. Frequentemente, como em Angcor Wat, são entalhadas por oito profundas caneluras, no sentido vertical, conservando o fuste o mesmo diametro em toda a sua altura.

Calçadas — terraços. Como elemento importante da architectura cambodgiana, convem mencionar tambem as calçadas destinadas a pôr em communicação as differentes partes dos edificios, e a preparar-lhes o accesso. De forte relevo acima do solo, estas calçadas são sempre lageadas, e revestidas lateralmente de um paramento de grés. Ou leões ou serpentes de multipla cabeça, lhes servem de ornato de distancia em distancia, assim como á entrada das escadas que ahi conduzem.

As terras necessarias ao aterro das entradas provém, quer dos fossos que circumdam os edificios, quer dos lagos ou tanques que se encontram sempre no interior do seu recinto.

Principaes motivos de ornamentação. Além do conjuncto decorativo que constituem as columnatas, os terraços, animaes de pedra, e as esculpturas que ornam os tectos e as torres, é preciso indicar ainda entre os principaes motivos de ornamentação, os baixos-relevos que cobrem, sejam os muros das galerias, sejam as faces lateraes dos belvederes, as portas simuladas que se acham esculpidas na base das torres ou nas extremidades das galerias, as estatuas que contém os sanctuarios, e as janellas, verdadeiras ou falsas, abertas nas muralhas. Pelo que respeita ás estatuas, as que eram de metal desappareceram inteiramente, e só restam pedaços mutilados das que eram de pedra. Elevavam-se ordinariamente assentadas, outras vezes em pé, sobre um grande socco, feito de uma só pedra, e representavam Brahma, Bouddha, ou outros personagens da mythologia hin-

dou, e algumas vezes os grandes reis da legenda cambogdiana.

A maior parte das estatuas eram pintadas ou douradas, e do mesmo modo o eram algumas esculpturas, e certas columnas collocadas na entrada dos santuarios. Nos monumentos da decadencia, ou nas restaurações feitas n'uma epoca relativamente moderna, as pedras de que se compõem as estatuas de grandes dimensões, só representam grosseiramente a forma geral. Nos monumentos porém, da grande epoca Khmer, o cinzel do esculptor lavra engenhosamente a pedra, e não é raro encontrar ahi cabeças esculpidas com uma bella expressão.

Pode porém dizer-se de um modo geral, que a representação da forma humana não está á altura do resto da ornamentação, e é n'este ponto principalmente que a arte grega se mostra superior, á architectura tão original e tão poderosa que aqui tentamos descrever.

As janellas destinadas a dar luz ás galerias, ou a cortar as fachadas, são de forma ligeiramente rectangular, sendo no sentido vertical a maior dimensão. Em geral, são ornadas de sete fachas de pedra delicadamente esculpidas e arredondadas.

Disposição geral dos edificios. Todos os monumentos tem proximamente a forma de rectangulos pouco alongados, cujos lados correspondem aos quatro pontos cardiaes. O grande eixo é dirigido de léste a oéste; a fachada principal e a entrada olham para léste.

Os grandes edificios podem ser classificados em duas cathegorias distinctas: Edificios de terraços sobrepostos, e edificios de galerias cruzadas. Alguns, e são os mais bellos, reunem estes dois modos de construcção. Tal é Angcor Wat, que possue galerias em differentes andares. Estes dois generos de construcção não deixam por isso de se achar distinctamente separados. Em todo o caso terraços e galerias conduzem a um sanctuario central, que é quasi sempre uma torre.

1.° Edificios com terraços. Os terraços rectangulares e em numero de tres ou de cinco, sobrepõem-se em andares, recuando uns sobre os outros. Cada um d'elles é sustentado por uma forte muralha de pedra, que apresenta exteriormente volumosas molduras horisontaes de mui grande effeito. O vão interior é cheio de terra batida, que supporta o andar superior. Sobe-se ao cume do edificio por escadas de altos degraus, estabelecidos ao meio de cada uma das quatro faces. Estas escadas seguem a divisão em terraços, e a sua largura diminue á medida da elevação, de modo tal que os leões assentes sobre os sóccos, e que estão collocados ordinariamente nas suas extremidades, se desmascaram inteiramente, e augmentam assim o effeito da perspectiva.

No contorno de cada terraço, e sobretudo nos angulos, encontram-se algumas vezes torreões, ou outras construcções decorativas. O plató superior supporta quasi sempre torres, em numero impar. A torre central é, n'este caso, mais elevada que as outras.

2.° Edificios de galerias cruzadas — Compõem-se essencialmente de tres recintos rectangulares, formados por galerias cobertas. O rectangulo interior é de todos o mais alongado para léste, e contém o sanctuario ou a torre central. O espaço entre os differentes rectangulos, é occupado em geral por fossos. O terceiro rectangulo é de um aspecto mais monumental do que os outros, e é ao meio de uma das suas faces que se abrem as portas de entrada. Os tres recintos são ligados por galerias, que partindo da torre central, vem terminar nas portas. Nos pateos interiores elevam-se pequenos ediculos rectangulares e abobadados, collocados symetricamente em relação ao grande eixo do edificio, e que sem duvida serviam para encerrar os objectos preciosos.

Estas disposições geraes são algumas vezes modificadas de muitos modos, principalmente pelo que respeita á situação das galerias. Em volta do primeiro recinto, corre ordinariamente um largo fosso. Além da torre central vêem-se com frequencia outras, collocadas symetricamente nos angulos das galerias. Finalmente, os ediculos tomam por vezes dimensões taes, que só por si constituem monumentos notaveis.

Torres ou Preasat. Depois d'estas duas grandes cathegorias de monumentos, vem os edificios de menor importancia, taes como as torres ou *Preasat,* que, ou isolados ou agrupados em certo numero, são cercados de um espaço fechado, e contém um sanctuario.

As torres isoladas sem nenhum recinto e que constituem uma cathegoria bastante nnmerosa, parece não terem tido um destino religioso; alguns indicios fazem suppôr que, á semelhança das pyramides que ainda hoje se levantam em iguaes condições, ellas devem ter contido a sepultura dos reis e dos grandes personagens. N'algumas d'ellas, acha-se, com effeito, uma cavidade profunda com paramento de pedra, que podia ter esse destino; em cima elevava-se provavelmente uma estatua, mas ali, como em todas as torres dos grandes edificios, não sómente desappareceram as estatuas, mas até mesmo os soccos que as sustentavam estão derrubados e destruidos: os vencedores no tempo das luctas, os habitantes mesmo do paiz depois da decadencia, procuraram ávidamente os vasos de ouro e de prata, que continham os restos dos mortos, e os objectos preciosos que com elles encerraram.

Pagodes ou Wat. Encontram-se em grande numero na cidade de Angcor e nas suas immediações, e consistem n'um recinto, no centro do qual se acha

1478

Dom Affonso per graça de Deus Rey de castella de Lyam de portugall de Toledo de galiza de Syvilha de Cordoua de Murçia de Jaaem dos algaruees d'aaquem e daalem maar em affriqua de algezira de gibaltar Senhor de bizcuya e de molina. A quamtos esta minha carta virem ffaço ffaber que amy fforam era dadoz çertos capitollos em estas cortss que fiz em a cidade de Lixboa por parte dos officiaaes concelho e hornees bõos da minha villa de ponte de Lima antre os quaaes capitollos era contheudo huu em que fazya mençam que os moradores da dita villa eram enformados que alguuas grandes pessoas destes meos Reynos me pediam adita villa p.ª os fenhorearem e fogigarem a muitos feruiços opressões e trabalhos q. nunca teveram porferem da coroa dos meos Regnos e q p.r quanto se temyam dello me pediam p.r merçee e p.r os muitos feruiços que me ffeitos tynham e esperauam de ffazer q. eu lhe mandase dar minha carta p.ª teerem p.r sua guarda e feguramça de nam fer dada p.r my a dita villa ....

.... dada em a cidade de Lixboa aos xxij dias do mes d'abrill pero uaaz affez era de nosso Snnor Jhu. exp.º de mill iiij LXXVIIJ.

Hyo el Rey H.

(Pergaminho N.º 19)

1326

Dom Affonſſo pela graça de ds Rey de port e do Algue A qntos esta cta uirem faço ſaber q. eu quando fiz grã e mçe ao Concelho de ponte de Limha Otorgolhj e confirmo ſeu foro q. ham feito e ſeus bõos uſos e custumes aſſy como os ouuerom em tempo dos Reys q. ant mj for. Em testemonho desto dej ao dto Concelho esta mha cta Dat en Santarē dez e ſete dias de mayo El Rey o mãdou martim steuez aſſez Era de mill e tzentos ſaſſenta e qtro Annos.

El Rey a uiu

(Pergaminho da camara N.º 34)

um pedestal e uma estatua de Bouddha. Tudo faz julgar que eram os templos para o uso do povo.

O maior numero d'estes idolos tem desapparecido, e os que se conservam pertencem a uma epoca muito posterior ao proprio monumento. Depois do abandono de Agcor como capital do reino, a piedade dos reis e dos povos, deve com effeito, por mais de uma vez, ter levantado os templos, e substituido as estatuas destruidas durante as guerras e invasões.

Portas da cidade. Estas portas, ordinariamente de uma, mas algumas vezes de tres aberturas, são verdadeiros monumentos; poder-se-hiam mesmo chamar arcos de triumpho. São sobrepujadas de uma ou de tres torres, e ligadas ao recinto por uma galeria abobadada, que offerecia alojamento aos guardas da porta.

Tanques ou Sra. Os tanques, peços d'agua, e mesmo fossos com revestimento de pedra e com escadas nas paredes, são muito frequentes, quer no interior dos edificios, quer ao longo das grandes vias de communicação. A natureza do solo e do clima, faz apreciar vivamente a importancia d'estas construcções.

Pontes ou Spean. A pouca ousadia das abobadas cambodgianas encontra-se nas pontes lançadas, seja sobre os fossos em frente da entrada das cidades ou dos grandes edificios, ou seja sobre os rios. N'este ultimo caso, a diminuta abertura dos arcos, e a massa enorme que apresentam os pilares, restringe bastante a passagem offerecida á agua, para que d'ahi resultasse a necessidade de alargar o leito do rio, a montaute e a jusante da ponte, e de augmentar o numero dos arcos, afim de compensar a sua pouca largura. A superficie vertical que estas pontes offerecem, divide-se de ordinario em duas partes iguaes, a dos arcos e a dos pilares. É na quarta fiada e ás vezes antes que se juntam as pedras destinadas a formar o arco. Os arcos chegam mesmo a ser rectangulares, e fechados por uma unica pedra. Differentes camadas de pedras sobrepostas formam o taboleiro. Balaustres de forma quadrada, representando animaes ou outros objectos de phantasia, supportam uma larga facha de pedra que serve de parapeito á ponte, e se vae levantar nas extremidades, debaixo da forma de um dragão de multiplice cabeça. A base dos pilares é formada dos dois lados em talhamar, com um excesso graduado de espessura.

A largura media das pontes cambodgianas, é proximamente de dez metros. As suas faces verticaes não recebem nenhuma ornamentação, por quanto as correntes rapidas dos rios, e os madeiros que ellas arrastam no tempo das chuvas, não lhes permittiriam a conservação; porém as Immediações das pontes e as balaustradas, são frequentemente objecto de uma decoração notavel.

Terminaremos no numero immediato este rapido estudo sobre a architectura Khmer, dando a descripção do templo de Angcor, que é o monumento mais notavel e o mais bem conservado entre as ruinas d'este importante grupo.

(Continúa.)

VISCONDE DE S. JANUARIO.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

MATERIAES PARA CONSTRUCÇÃO

(Continuado de pag. 191, tom. I)

Apontamentos relativos á cal (protoxido de calcio)

4.º

Entre o grande numero de pedras de natureza calcaria, comprehende-se um genero muito apreciavel, e de alta importancia nas artes, por isso, que a propriedade notavel e especial que possue, o torna de grande utilidade, nas bellas artes especialmente.

Esse genero de pedra calcaria, é o que se conhece pelo nome de *pedra lithographica.* As propriedades d'este genero de pedra, são diversas d'aquellas de que temos fallado, em relação a outros generos de pedras calcarias, taes como marmores, pedras de alvenaria, etc.

Felizmente da descoberta da propriedade de que gosam as pedras lithographicas, resultou uma arte de grande utilidade e economia, em relação ao desenho, gravura e impressão, como é a que ella presta á impressão lithographica; arte que actualmente se acha tão desenvolvida e aperfeiçoada, que ninguem desconhece a sua utilidade e perfeição.

Foi um cantor do theatro de Munich, *Senefelder,* quem descobrio aquella tão util como notavel propriedade, que veio iniciar e auxiliar uma arte que sem duvida pode ser considerada de não menor utilidade que a impressão, a quem ella illustra e auxilia.

Em 1799, Senefelder aproveitava com grande vantagem a propriedade, que teve a felicidade de descobrir n'aquelle genero de pedra, applicando-a para substituir as chapas de cobre empregadas na

gravura ordinaria, quando lhe era necessario imprimir os signaes musicaes.

Consiste portanto a arte lithographica, em desenhar sobre uma d'aquellas pedras bem polida, com lapis ou tinta de natureza gordurenta, os objectos que se querem reproduzir. Fixam-se depois esses desenhos, por meio de uma lavagem superficial com agua gommosa acidolada com acido azotico (agua forte).

Essa lavagem tem por fim, pôr o desenho levemente em relevo, por effeito da compressão da pedra, devida á acção do acido, em contacto com a parte calcaria da pedra, o que produz na superficie banhada, o *azotato de cal,* corpo impremiavel por materias gordurentas.

Preparada assim a superficie da pedra que se conserva hnmedecida, é evidente que ha na mesma superficie duas naturezas diversas, isto é, uma que repelle os corpos gordos, outra que os recebe; e é este o principio theorico em que se funda a arte lithographica.

É portanto de facil comprehensão que, passando sobre a pedra um rollo elastico impregnado de tinta oleosa de impressão, é esta absorvida por adherencia aos traços desenhados, e repellida dos claros das figuras desenhadas.

Applicando portanto áquella superficie um papel humedecido, e exercendo sobre elle uma pressão conveniente, impregna-se no papel uma parte da tinta, estampando-se assim o desenho que a continha.

É assim que se obtem de um modo facil e prompto, a reproducção dos traços desenhados; podendo facilmente reproduzir-se um grande numero de provas, sem que a pedra soffra a menor alteração.

Com referencia immediata ao objecto de que se trata n'estes artigos, e mesmo da arte de construir, e sciencia de architectura a que elles se dedicam, nada mais é essencial dizer-se, ácerca da pedra calcaria, denominada *pedra lithographica.* [1]

Comtudo, a arte lithographica presta á architectura tão util serviço, e está com ella tão intimamente ligada, que não julgamos destituido de interesse o conhecimento de algumas circumstancias relativas áquella arte, e seu desenvolvimento.

A lithographia foi conhecida em França em 1802, pouco tempo depois de se ter installado na *Baviera.*

Não obstante, a lithographia não principiou o seu desenvolvimento senão em 1814, devido aos louvaveis esforços do *conde de Lasteyrie,* que foi quem creou em Paris a primeira *imprensa lithographica.* [2]

A sociedade de *encouragement* especialmente, foi quem despertou e alimentou entre os *chimicos* e *desenhadores,* um louvavel estimulo em beneficio de tão util descoberta; e que, graças á illustração do seculo XIX, em pouco mais de 60 annos, tem attingido tão notavel como admiravel desenvolvimento, tanto em relação ao *bello,* como ao *util.* Em abono do que, repetiremos a tal respeito as palavras de um elegante escriptor chimico, o sr. de *Girardin: — Aujourd'hui l'art de Senefelder a reçut une telle perfection que ses dessins rivalisent, par le moelleux et la finesse de leurs traits, avec les plus belles gravures: il est devenu, en outre, pour une foule d'usages, le complement nécessaire de l'imprimerie typographique.*

Em 1840 um habil machinista de *Rouen* (Perrot), inventou uma machina, a que se deu o nome de *Perrotine lithographique,* que humedece, dá tinta, coloca o papel sobre a pedra, imprime e tira a estampa; fazendo-se todo esse trabalho de um modo expedito e continuo, em toda a accepção da palavra.

A machina inventada por *Perrot,* foi imitada e aperfeiçoada depois; de modo que actualmente não falta nada, em relação á presteza do trabalho, economia, e perfeição d'uma arte que rivalisa vantajosamente com a typographia e gravura. [3]

Em 1836 *Godfroi Engelmann,* habil lithographo francez, descobrio o meio de lithographar a côres, isto é, obter que por meio da *tiragem* fosse substituido o pincel para applicar as diversas côres, que o desenho exigisse; a essa invenção deu-se o nome de *cromo-lithographia* (derivação da palavra grega *chromo,* côr.)

A resolução d'aquelle difficil problema, foi de incalculavel economia para as obras coloridas, taes como mappas geographicos, córtes e alçados de diversas obras de architectura, arpentagem, etc.

[1] As pedras mais procuradas pelos lithographos, são as de *Pappenhim* nas margens do Danubio, na Baviera; em França encontram-se tambem de boa qualidade em *Chateauroux* (*Indre*) *Pielle, Marchamp, Belley (Ain),* nas immediações de *Bijou,* e ainda em outros lugares que os lithographos não ignoram. Em Portugal diz-se que tambem ellas se encontram de melhor ou peor qualidade, maior ou menor abundancia em Ançaãs, Arrabida, e Monsanto.

[2] Em Portugal a arte lithographica, não foi conhecida senão depois de 1820, e só em 1824 se installou a primeira lithographia, na casa chamada *Thesouro velho;* depois passou para a casa onde hoje (1877) existe a associação dos empregados do estado (na rua Augusta).

Aquella officina foi auxiliada pelo governo, e dirigida pelo sr. João José Le-Coque, que sem duvida prestou pela sua actividade e reconhecida intelligencia, um valioso serviço á arte, que hoje é geralmente conhecida, e largamente utilisada.

[3] As pedras lithographicas, tem sido substituidas por chapas de zinco, convenientemente preparadas, que por varias razões offerecem mais consistencia, commodidade e economia, especialmente para a reproducção de escriptos e authographos. Aos trabalhos obtidos por meio d'essa substituição, dá-se o nome de *zincographia.* Não foi porém ignorada por *Senefelder* tal invenção, por isso que elle já utilisara o zinco nos seus trabalhos *graphicos.* Em Lisboa ha uma officina de trabalhos co-relativos á invenção de Senefelder e á photographia, que se tem distinguido notavelmente nos seus artefactos; e talvez mesmo se possam considerar em muito vantajosa posição as suas obras.

Esta recente applicação da lithographia, presta immensos serviços ás sciencias e ás artes, por isso que satisfaz a todas as exigencias de illustração e belleza.

O socio,

(Continúa.)

F. J. de Almeida.

MATERIAES DE CONSTRUCÇÃO ARTIFICIAES

No n.º 43 da *Semana dos constructores*, de 5 de maio de 1877, falla-se de um objecto, que julgo deve merecer o estudo e a experiencia dos srs. architectos: e comquanto em Portugal não pareça necessario o seu emprego, haverá comtudo casos em que seja util ter conhecimento do invento ali publicado.

É por isso que d'elle damos noticia.

Composição de pedra de construcção de cantaria, de estatuaria; tijolos; telhas; cubos; construcções monolithicas, tanques, cannos, etc.

1 metro cubico de cal gorda ou hydraulica, extincta por aspersão, passada a galga (moida) e peneirada — 2 a 5 metros de areia ordinaria sem pedras — 150 grammas de soda natural (natron) 50 kilogrammas de gêsso — 250 grammas de ammoniato de cobre a 3° — 5 kilogrammas de oxychlorureto de magnesio. Junta-se lhe alguma solução de sulphato de ferro (capa rosa) e a côr mineral que fôr necessaria, para se obter o tom que se deseje.

Mistura-se tudo muito bem, juntando-se-lhe a quantidade de silicato de potassa liquido de 2 a 3°, que fôr necessario para fazer pasta, que poderá ser moldada.

Composição extra-rija para lagedo, orlas de passeios, pedras lithographicas, pias, mós, etc.

1 metro de cal hydraulica bem em pó — 100 kilogrammas de cimento — $^1/_4$ de metro de escorias metallicas em pó — 50 kilogrammas de gêsso pardo — 3 kilogrammas de sulphato de aluminia — 2 ditos de sulphato de ammonia — 1 dito de oxychlorureto de magnesio — 500 grammas de solução de cobre ammoniacal — 250 ditas de soda natural (natron) — alguma solução de sulphato de ferro (caparosa) e a côr mineral que se queira, prepara-se como a antecedente, sendo o silicato a 4°.

Composição para marmores e granitos de todas as côres

1 metro de cal branca, extincta por aspersão e reduzida a pó fino — 1 metro de areia fina brilhante — 20 kilogrammas de cimento branco — 1 dito de sulphato de aluminia — 1 dito de sulphato de ammonia — 100 grammas de soda natural — 50 kilogrammas de gêsso fino — 500 grammas de oxychlorureto de magnesio. Tinge-se, e formam-se os veios e acasos, com côres mineraes conforme se quer.

Mistura-se tudo bem, e melhor se fôr á machina, juntando-lhe a quantidade necessaria de silicato de potassa de 2 a 4° fazendo a pasta mais ou menos plastica, segundo o objecto que se quer moldar.

Quando se queira dar á pedra mais ou menos transparencia, da-se-lhe um banho por algum tempo (depois de sair do molde) em solução de borracha a 2°.

Estes productos assim preparados, resistem ao tempo e aos acidos, segundo affirma o *Technologista*.

O Socio,

F. J. de Almeida.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

DIPLOMATICA PORTUGUEZA

Á bondade e delicadeza do sr. Miguel Roque dos Reys Lemos, distincto paleographo e excellente calligrapho de Ponte-de-Lima, deve o infatigavel sr. J. P. N. da Silva, a satisfação de fazer publicar no nosso Boletim alguns fac-similes d'antigos diplomas, que se acham no archivo da Camara d'aquelle concelho.

Não são menos de settenta e quatro os documentos, que o sr. Lemos já tem copiado, e traduzido entre-linhas na linguagem corrente; constando de titulos de aforamento, testamentos, doações, etc. desde a era de 1288 até ao anno de 1636.

Este trabalho está feito com toda a nitidez, e o maior esmero. O nosso Boletim apresenta hoje á apreciação publica, duas photographias d'este original trabalho: um diploma do reinado de D. Affonso iv, e outro do reinado de D. Affonso v. É muito para notar, que no curto espaço de cento e cincoenta e dois annos, que apenas medeiam entre estes dois diplomas, a sua redacção, linguagem, e calligraphia, apresentem tão consideravel progresso.

Estas photographias que hoje começam a publicar-se, podem servir pois, além d'outros fins uteis para que se prestam, de grande auxilio para o estudo da paleographia nacional, e ainda da chrestomathia vernacula.

S. V.

OS DOLMENS

Estudo Archeologico

(Concluido do pag. 12 d'este vol.)

Os symbolos, e signaes, esculpidos n'alguns dolmens, e outros monumentos megalithicos, denunciam em geral, uma origem chaldaica ou egypcia. É o que se me affigura; sem pretender que esta

minha observação se tenha pela mais exacta. Em Portugal mesmo, talvez se encontrem outros vestigios d'essa origem. Na Memoria de Mendonça de Pina, a que já me referi, menciona-se um penedo existente (1737) no caminho da Maceira para Gallizes (provincia da Beira), onde havia gravado um phallus (symbolo de Sesostris, lhe chama Pina). «Talvez (escreve o douto academico) que fosse natural o debuxo, mas aperfeiçoado pelo cinzel pouco honesto d'algum ocioso.» É possivel; mas as coincidencias podem annullar esta supposição. Não deverei agora indical-o, tenho porém ouvido dizer, a pessoas de credito e entre nós bem conhecidas, que no portal d'uma propriedade d'um titular d'uma provincia do Norte, tinham visto uma pedra figurando este mesmo symbolo. Se estas coisas fossem bem averiguadas, e certificadas, fariam lembrar com effeito, as celebres stellas do mysterioso Sesostris.

O sr. Hubner, que veio expressamente a Portugal para examinar a epigraphia romana, falla-nos de nove lapides no Alemtejo, com inscripções em caracteres indecifraveis, attribuidas aos alphabetos ibericos: e diz ter colhido perto de quarenta inscripções d'estas, de differentes pontos da peninsula. Na bibliotheca de Evora ha os debuxos d'algumas d'estas inscripções achadas em Ourique, que infelizmente não tem sido estudadas. E n'outro logar refere-se o sr. Hubner, a uma inscripção aberta na rocha natural, em Lamas de Molledo, a quatro leguas de Vizeu; que diz ser considerada celta, mas em caracteres latinos. Tambem o n.º 9 d'este nosso *Boletim Archit. e d'Archeol.* traz annexa uma estampa da chamada *pedra-formosa,* de Briteiros (provincia do Minho), julgada como cippo romano; mas que me parece d'antiguidade mais remota, pelo seus lavores, etc.

E nada direi das tres ou quatro estatuas, ainda hoje existentes, de grosseira esculptura, obra attribuida aos antigos lusitanos; por serem certamente de tempo mais moderno do que os dolmens, como muito mais modernas serão as inscripções de que falla o sr. Hubner, principalmente a última: lembro comtudo éstas circumstancias, porque é possivel que ellas possam ligar-se com a civilisação dos constructores dos dolmens. Se estes effectivamente tiveram origem semitica, os iberos tambem da raça semitica oriundos são. Fallo dos iberos da Chaldêa, que na opinião d'alguns bons escriptores são os mesmos da nossa Iberia, ou peninsula hispanica. Sem desconhecer a opinião dos srs Graslin e Baldés, que contestaram a existencia dos iberos da Hispanha, chamando-lhes um povo imaginario. Mas o sr. Broca: *(Sur l'origine et repartition de la langue basque,* 1875), diz muito bem, que as contestações a que possam dar azo os nomes d'Iberia e de Iberos, nada provam contra um certo iberismo; o qual, seja-me licito accrescentar, não é impossivel proceder da migração d'alguma tribu da Iberia-asiatica.

Em todo o caso, no meu modesto raciocinio, quer-me parecer que acertadas conjecturas se poderiam arriscar em relação á epocha dos dolmens, e sôbre a civilisação dos seus constructores, e como essa civilisação porventura progredíra; estudando as gravuras, que se vão descobrindo pelos monumentos megalithicos: umas toscas, algumas admiravelmente geometricas, outras similhando caracteres, muitas symbolicas, representando serpentes imitando cruzes (quem sabe se grosseira imagem do *ligam* oriental), e o phallus egypcio.

Se não quizermos porém levantar por este modo, e sôbre estes frageis elementos, que todavia muito poderia ampliar, um edificio conjectural, que o imprevisto, á maneira de tufão, venha de subito derrubar; melhor será pensarmos simplesmente, como o sr. Mortillet, que não acredita no preconisado povo dos dolmens, e intende que estes monumentos são apenas modificação das grutas sepulchraes; e seriam usados simultaneamente em diversas regiões.

Creio que no mesmo sentido escrevem os srs. Bertrand (modificando a sua opinião anterior), e Cazalis de Fonduce.[1]

E, na verdade, bem natural parece, que as primeiras manifestações da civilisação, onde ésta desabroxava *ab ovo*, fosse o aproveitamento da pedra, para todas as coisas em que podesse ser aproveitada. Era este o primeiro material e o mais azado, que á vista dos homens se offerecia, para ser empregado nas suas necessidades.[2]

Conjunctamente, ou depois da pedra lascada, aproveitariam tambem os ossos dos animaes, para diversos utensilios, e armas d'aggressão.[3]

Os instrumentos de pedra aperfeiçoaram-se depois. Usou-se da pedra polida, multiplicaram-se os seus artefactos, e as suas applicações; aproveitando tambem a madeira, e o barro. Iam-se domesticando os animaes, que o homem podia empregar no seu serviço. Ensaiavá-se a navegação, a agricultura, e a industria textil.

A ésta segunda epocha da civilisação, onde ella assim começára (e para fallar d'accordo com as gradações archeologicas), são attribuidos os monumentos megalithicos, consagrados decerto ás mais imperiosas exigencias d'um viver social; e á expressão

[1] *Le temps préhistoriques dans le Sudest de la France,* 1873; e *Revue Scientifique,* 1874.

[2] É tão natural o uso da pedra, que até alguns animaes a empregam: os macacos, a avestruz, etc. defendem-se á pedrada de quem os persegue.

[3] As gravuras e esculpturas d'ossos de renne, etc. e dos schistos, são muito anteriores aos dolmens: datam da epocha paleontologica do ursus-splœus. E poderia observar (V. o sr. Piette: *Les Grottes de Gourdan),* que é principalmente pelas cavernas do Sudoeste da França (edade paleolithica) que se encontra mais numeroso e admiravel esse trabalho humano.

d'alguma idéa. Se o homem se civilisava, naturalmente lhe advinha o desejo e a necessidade da sociabilidade; e com a sociedade se lhe desinvolviam as necessidades, e creava elle a d'um tal ou qual regimen moral e religioso, que era mister buscar meios de praticar, e de memorar. O sr. Broca, no Congresso anthropologico e archeologico de Buda Pesth, reconheceu as praticas religiosas das edades prehistoricas.[1]

Se tudo isto é, como supponho, naturalissimo, nas regiões onde assim começava e se desinvolvia a civilisação d'uma reunião d'homens, sedentaria ou não; porque havemos d'indagar, meramente fascinados pela analogia dos monumentos megalithicos, uma só origem commum para elles? E não ha para que nos espantemos da coincidencia, ou similhança d'esses monumentos, aliás de mui variados typos, entre povos diversos, differentes raças, e longinquas regiões. Ha coincidencias, similhanças, e identidades d'outra natureza, mais difficeis d'explicar, e que ninguem tem ousado attribuir a uma origem unica. Poderia lembrar algumas, e entre ellas a circumcisão, mas bastará uma por todas: a *tatuage,* commum aos primitivos povos da Europa;[2] vulgar ainda hoje na Africa; e usada na Asia, na Oceania, e na America: encontrando-se entre gentes de todas as raças, e em grande numero de regiões da terra.

Facilmente se comprehende, que o homem movido por identicos impulsos, impellido por eguaes necessidades, em situação analoga, naturalmente exerceria em toda a parte, meios uniformes para satisfazel-as; com certa unidade de pensamento, por assim dizer, como d'instincto. Mais tarde, aconselhado pela reflexão, guiado pela experiencia, excitado pela imitação, poderia ir estabelecendo a sua civilisação em sentido mais racional, e com differente ordem de processos. Sem que nos devamos maravilhar de que os homens, desde o principio e em toda a parte, empregassem a pedra nas exigencias do seu culto, na sepultura dos seus mortos, nas memorias da sua civilisação, e em outros usos monumentaes; como já a tinha empregado para fabricar alguns utensilios, e armas; e como tem continuado a empregal-a para as suas habitações, sanctuarios e refugios: nas construcções do Yucatan e das Indias, nos palacios assyrios e persas, nas pyramides e colossos egypcios, nos templos e estatuas gregas, nos amphitheatros e thermas romanas, nas maravilhas da architectura e da esculptura medivaes, nos primores de Canova e de Thorwaldsen, e nas sumptuosidades de Garnier.

8 de junho de 1876. — SÁ VILLELA.

[1] *Bulletin Monumental*, n.º 7, 1876.

[2] O sr. Dupont e outros sabios, são d'opinião que a *tatuage* entraria nos costumes dos primitivos povos da Europa. O que tambem se poderá concluir, do que a tal respeito escreveram Plinio, Cesar e Tacito.

NOTA

Estudando em geral, o que poderia referir-se aos *dolmens*, não me atrevi a submetter a actual universalidade de tal denominação, ao nome d'Anta, que em Portugal lhes damos. N'um estudo especial, porém, indagando cuidadosamente o que as syllabas, porventura radicaes, do vocabulo: AN TA, nos poderão indicar, auxiliados pela philologia comparada, pela Theogonia d'antigas gentes, pelo symbolismo archaico, e pelas tradições recolhidas na historia; talvez que, tendo de modificar alguma coisa do que se lê no presente estudo, não fosse impossivel aventurar novas apreciações; e encontrar certa importancia archeologica, nas Antas d'esta região a que se chama Portugal. Como que tenho d'isso algum presentimento...

P.S. — Depois de composto, e quasi impresso este folheto, é que me chegou ás mãos (devido á delicadeza do sr. Dr. A. F. Simões, a qual muito agradeço) um interessante trabalho, impresso em Evora n'este anno (1876), intitulado: *Dolmens ou Antas dos arredores de Evora. Notas dirigidas ao Ill.mo Ex.mo Sr. Dr. Augusto Filippe Simões.* O auctor que se mostra muito lido, e conhecedor do assumpto, diz ter visto mais de quarenta d'estes monumentos; e descreve alguns.

Seguindo a Le Hon, Weinhold e Humboldt, aponta o illustrado auctor em suas *Notas,* as conjecturas que fazem do povo dos dolmens um povo asiatico, que nada tem que ver com as migrações aryanas; mas que teria passado da Criméa para o Norte da Europa, pela Silesia, demorando-se pelo littoral do Oceano, etc.

Ou, sería talvez um povo ibero, ascendente dos vasconços, o povo que deixára taes monumentos pela parte meridional da nossa peninsula.

Estas opiniões porém, tem achado ultimamente formidaveis contradictores. Alguns tem chegado a impugnar a existencia d'um povo ibero, na peninsula hispanica.

Foram muitas as diversas tribus, e talvez as raças, que occuparam a nossa peninsula, antes das nacionalidades (como que assim reputadas), Lusitana e Celtibera, naturalmente mui subdivididas. E talvez a vasconça fosse a mais generalisada pela peninsula, de todas essas gentes. Mas um povo ibero, no sentido de formar uma só nacionalidade ou quasi, áquem dos Pyrineus, como parece haver-se acreditado que existiu, seria um povo inadmissivel. Parece-me sobeja a rasão de o contestar.

As inducções anthropologicas entre iberos e vasconços, estão hoje destruidas. Existem porém as inducções philologicas, designadas por Humboldt; porque na verdade os nomes de muitas localidades e outros, que parecem denunciar uma origem euskariense, encontram-se por toda a peninsula iberica.

O sr. Broca, na obra que já citei acima, tracta profundamente d'este assumpto. Na opinião do sabio

anthropologo, a lingua vasconça sería a mais antiga lingua da Europa, a unica que não deixa suspeitar origem estrangeira; a unica por consequencia, que poderá dizer-se *autochtone*...

Mas não concluirei sem recordar, que nas provincias vascas não se tem encontrado dolmens.

2.º P. S. — Este estudo, começado a publicar no n.º 11 d'este Boletim (Julho, 1876), e só no presente numero concluido, foi tambem publicado em novembro ultimo, reunido n'um folheto.[1] Pouco depois, e devido á antiga amizade do Sr. Marquez de Souza Holstein, pude apreciar a excellente *Memoria* do Sr. F. M. Tubino, inserida no tom. II da *Revista de Antropologia*, e publicada creio que em março d'este anno.

N'essa *Memoria* tive o gôsto de ver, que o erudito archeologo-anthropologo hispanhol, tractando dos monumentos megalithicos, expendia muitas das mesmas idéas, que eu tivera a immodestia d'arriscar n'este meu estudo; e as quaes muito me lisongeia de ver assim patrocinadas, por opinião tão respeitavel. D'este modo, aquelle importante trabalho do Sr. Tubino, sem que elle siquer o pensasse, veio abonar, em todas as suas partes, este meu humilde estudo, que tão de perto o precedêra.

A *Memoria* a que me estou referindo, intitulase: *Los Aborigenes ibericos;* e considera os bereberes como nucleo da população, que habitou pelas cavernas da Betica, e pelas de Portugal: a mesma que construiu os monumentos megalithicos da nossa peninsula, dilatando-se por toda ella; e representada hoje pelos vasconsos áquem dos Pyrineus, e pelas mumias dos guanches das Canarias.

Que a ethnogenia iberica, se deve procurar em gentes provindas d'Africa, desde os tempos em que ésta parte do globo esteve ligada com a Europa, por alguma lingua de terra entre Calpe e Abyla, e quem poderá saber por onde mais? é a minha antiga opinião[2]; bem manifestada n'um artigo, que com o titulo: *Dos primeiros habitadores da peninsula hispanica,* foi publicado no n.º 3 do tom. I d'este Boletim, em Julho de 1874; muito antes d'esta *Memoria* do Sr. Tubino, e d'outra no mesmo sentido, do Sr. Macpherson. Creio que fui eu o primeiro, que tal idéa aventou; mas que o estudo d'esta questão, parece-me que a todos ha de suggerir. Talvez que brevemente eu possa desenvolver, o que no referido artigo de fugida enunciei, e tão levemente, como ligeiro foi o estylo de que então me servi.

[1] Á venda, desde então, na Livraria do sr. Ferreira, rua Aurea, n.ºs 132 e 134.

[2] A união dos dois continentes, parece-me incontestavel; e poderia ter-se como existente, ainda em tempos pouco anteriores aos tempos historicos No capitulo da *Geographia antiga*, d'um Manual d'Archeologia prehistorica, que estou elaborando, se verá tractado este ponto.

Permitta-me porém, o incançavel e mui conhecido erudito hispanhol, que se me affigure d'uma concretação demasiado arrojada, a englobação dos bereberes com os autochtones das Canarias (no mais simples sentido d'esse vocabulo); os constructores dos monumentos megalithicos; e os primitivos vasconsos. Não me parece que os caracteres anthropologicos, sejam a tal respeito satisfatoriamente concordes nos tres povos: berebere, vasconso, e guanche; mas o illustre anthropologo decerto o saberá muito melhor do que eu. Os caracteres ethnographicos, é que seguramente não concordam; como tambem não concordarão os linguisticos. Os guanches mumificavam os seus defunctos, como praticavam os egypcios: e nem dos bereberes, nem dos vasconsos, nem dos constructores dos dolmens, consta similhante costume. A lingua dos bereberes deveria ser da familia semita, syro-arabe talvez; a lingua euskara nada tem de semita. Estas duvidas não escapariam decerto ao sabio escriptor; até parece que é elle o primeiro a duvidar da sua propria asserção, quando diz: «Quien podrá... figurarse á los pueblos ibericos, como pertenecientes á una ó más razas puras, no ya añtropologica, sino etnologicamente consideradas?»

Não poderiam ser pois, os bereberes *uma parte* apenas, de todas as raças differentes, d'essas innumeraveis tribus, puras ou mixtas, que occuparam a nossa peninsula? E não serem só bereberes, que a occupassem tam *amplamente,* e á Libya até ás Canarias, aponto de que se possam considerar os *aborigenes* d'estas partes do mundo?

NOVAS DESCOBERTAS ARCHEOLOGICAS EM PORTUGAL'

BRITONIA (?) — EXPLORAÇÃO

Não poderia suggerir-se-me, quando no número antecedente d'este jornal, me referi ás explorações de Cithania, e lembrava o nome de Britonia como o de uma das muitas povoações da provincia do Minho, que a tradição menciona como anteriores á dominação romana; que já n'este número teria de tractar de outra nova descoberta archeologica, e porventura á da mesma Britonia, de que então me lembrára!

Pelos vestigios já incontrados, conjecturam alguns, que os habitadores da supposta Britonia (Armenia... ou Aurega...?) seriam do mesmo povo que habitára Cithania. Quem poderá porém conjecturar por ora, tudo o que parece ter de revelar-nos a provincia do Minho, quando bem explorada? Strabão, parece-me que o mais critico e sensato de todos os antigos geographos, diz-nos (Liv. III), que eram trinta povos differentes, os que habitavam o paiz entre o Tejo, e a fronteira dos Artabros; e que esses povos viviam constantemente em guerra uns com os outros, até que os romanos pozeram termo a esse estado de coisas, obrigando esses povos a descer dos montes

onde residiam, para virem habitar as planicies; e espalhando-os em pequenas povoações, ao mesmo tempo que iam estabelecendo colonias por entre elles. Póde isto abrir-nos caminho para algumas supposições bem fundadas; e explicar-nos a existencia dos vestigios e medalhas romanas, que se encontram pelas ruinas d'outras civilisações mais antigas...

N'estas ruinas do monte de Sancta Luzia, talvez não venham a discriminar-se menos de tres ou quatro civilisações, sobrepostas ou mixturadas. As construcções já descubertas, não ha duvida de que apresentam analogia, com as do monte S. Romão (Cithania); e quer-me parecer que umas e outras, fazem lembrar as *Talayotti* das ilhas Baleares, e ainda mais os *Sesi* da ilha Pantellaria, segundo os desenhos e descripção do Sr. marquez Dalla Rosa [1]: embora possam lembrar tambem os Nuraghi da Sardenha, parentes proximos de toda esta familia. Mas as construcções de fórma circular, subterraneas ou não, tambem se tem achado por algumas ilhas da costa d'Inglaterra, pelos pantanos de Dartmoor, proximos de Phymouth, e pela Escossia (as *weems*, os *brochs* ou *burgs*; e as suppostas habitações dos pictos): e ainda se incontram de madeira e areia, ou greda, pelos terramares da Italia.

Já tem apparecido tambem vestigios de tempos menos remotos, e sobretudo, algumas dezenas de medalhas agora depositadas na Camara-municipal; porque depois das excavações do sr. Silva, o povo tem affluido a explorar aquellas ruinas, com a mira em descubrir thesoiros escondidos; e alguns estragos tem já feito. Este contratempo porém acha-se obviado com as providencias tomadas pela Camara de Vianna do Castello, e pela esclarecida intervenção do sr. Ministro da Guerra.

As ultimas noticias d'alli recebidas, já dão constituida uma Commissão, presidida pelo sr. Antonio Pinto d'Araujo Corrêa, para intentar a exploração. O sr. Themudo, engenheiro districtal, tirará a planta de todo o terreno occupado pelas ruinas. As coisas estão por este modo encaminhadas, sob os melhores auspicios.

Além do interessante Relatorio que vae ler-se, relativo a esta importante descuberta, penso que poderei annunciar aos leitores, que no seguinte número d'este jornal, se publicarão tambem alguns desenhos coloridos, dos vestigios archeologicos das ruinas do monte de Santa Luzia, e outras noticias a seu respeito.

S. V.

Relatorio, apresentado na sessão de 14 de Maio da assembléa geral da Real Associação dos archeologos portuguezes, ácerca do descobrimento feito no monte de Sancta Luzia em Vianna do Castello, no mez de abril de 1877.

Senhores:

Ninguem duvída hoje de quanto são proficuas para a historia da humanidade, as investigações archeologicas; e é certo que só pelo exame e comparação dos objectos que d'ellas resultam, será possivel descobrir a origem e o progresso da civilisação dos povos primitivos.

Têem-se desvelado as nações mais cultas n'esse estudo: e tão proveitoso e constante tem sido elle, que a sciencia da Archeologia tomou tal incremento, que seria apontada como em atraso intellectual, a nação que deixasse de attender a tão importante assumpto.

Portugal, infelizmente, tem sido um dos ultimos paizes a tratar de investigações archeologicas; e as mui limitadas que se hão feito, tem sido apenas devidas á iniciativa particular. Por isso tambem tem sido limitadissimo o resultado de taes investigações: não obstante n'ellas se terem distinguido muito, dentro e fóra do paiz, os insignes archeologos os srs. Pereira da Costa, Carlos Ribeiro e Delgado. Os seus trabalhos porém, só tiveram em vista o estudo dos monumentos prehistoricos, da industria das epochas da pedra lascada e da polida; e alguns de craneologia. As construcções megalithicas são das antiguidades que mais abundam em Portugal; e pela abertura das vias ferreas, se descobriram, nas camadas geologicas, depositos das armas e instrumentos das duas primeiras edades paleolithica e neolithica; sem todavia se ter encontrado no solo portuguez até agora, um centro da industria dos objectos em silex, como tem acontecido na Suissa, na Belgica e na França.

Mas pela historia antiga não se ignorava, que diversos povos de raças differentes, se haviam disputado a posse do solo da Lusitania; e posto que não estejam mui confórmes os auctores que nos conservaram a memoria dos factos de tal existencia, era de suppor, que em Portugal devessem apparecer vestigios da permanencia d'esses povos das epocas mais remotas. Ainda porém não se tinham feito investigações no sentido de descobrir as construcções d'esses povos, que haviam alternativamente senhoreado o territorio, que depois fez parte integrante da nação portugueza: estava reservado para o ultimo quartel do seculo XIX, o descobrimento dos vestigios das habitações, e dos utensilios do uso dos seus remotos habitadores, como provas materiaes que confirmassem o que tão sómente a tradição nos referia, pelo ecco de gerações successivas.

No principio do anno findo, teve o illustrado sr. dr. Martins Sarmento, a feliz idéa de fazer acertadas investigações no monte da Citania, na altitude de 336^{m},57, a 8 kilometros de Guimarães, por estarem alli apparentes algumas ruinas de fabrica moderna, mas que a tradição referia terem pertencido a uma antiga povoação existente no dito local: pretendendo-se que dava corpo a esta supposição, o descobrimento da celebre pedra *Formosa*. Depois de haver adquirido a propriedade d'aquelle monte, e aconselhado pelo douto professor o Sr. Pereira

[1] *Abitazioni dell'epoca della pietra nell'isola Pantellaria.* Parma, 1871.

Caldas, o distincto archeologo o sr. Sarmento, mandou fazer excavações em grande profundidade; as quaes vão patenteando ruinas de construcções mui remotas, de pedra secca e de forma circular; outras ovaes, e algumas quadrangulares: encontrando-se dentro dos entulhos fragmentos de ceramica de differentes fórmas, com lavor e sem elle; ferro, carvão, adobos, pedras com figuras geometricas, etc. Tambem se descobriram muralhas de antiga fortificação, e fossos. Este importante e curioso achado, deu logar a que o esclarecido possuidor quizesse conhecer-lhe a origem; e para esse fim convidou algumas das pessoas que se dedicam aos estudos archeologicos em Portugal, para que reunidas em Citania, fizessem uma conferencia ácerca da epoca e da raça, a que pertenceriam as referidas ruinas. O mau tempo porém poz obstaculo a realisar-se essa reunião no mez de Abril ultimo, ficando transferida para o proximo Junho.

Havendo eu deixado a capital com alguma antecedencia, para me dirigir a Guimarães, e tendo só recebido na cidade do Porto contra-aviso; como tencionasse tambem ir a Vianna do Castello, continuei a minha viagem até áquella cidade, que pela primeira vez visitava. Gabaram-me sobremaneira a dilatada vista que se gosava do monte de Santa Luzia, na altitude de 680^{m}, onde subi com difficuldade no dia 11 de Abril; e depois de ter admirado o bellissimo aspecto das pittorescas aldeias e cidades que ornam os valles e collinas, que occupam os terrenos das margens do risonho rio Lima, a curiosidade estudiosa levou-me a percorrer o cume do monte, arido, mostrando alguns penedos espalhados na sua superficie, envoltos no mato que cobre o espaço que os separa, e encobre tambem grande numero de ruinas de casas circulares, rentes com o nivel do solo. Estes vestigios me causaram extraordinaria surpresa, pois não tinha noticia de que existissem ali ruinas de similhante natureza! Não quiz perder a afortunada occasião de proceder a excavações, afim de tirar alguns indicios, que me podessem orientar sobre a remota origem de tão singulares construcções.

Procurei obter logo licença da Camara Municipal para fazer algumas excavações; e seguido de trabalhadores, e coadjuvado por dois cavalheiros d'aquella cidade, os srs. Francisco Camacho e Miguel de Sousa, principiei, com parte do pessoal, a operação do desentulho das ruas que separam as construcções. Tanto estas ruas, como as ruinas das casas, estavam obstruidas de terra vegetal, na profundidade de 62 centimetros. Em quanto outros trabalhadores executavam igual trabalho dentro dos recintos circulares, ficando um dos cavalheiros que me acompanhavam a vigial-os, e observar o que se acharia; procurâva eu mais attentamente examinar o numero das casas, medir-lhes os diametros, a espessura das paredes, a extensão e grossura das muralhas, e o espaço que correspondia aos fossos.

Achei casas circulares, umas com o diametro de 5^{m},25, outras com o de 8^{m},82; a grossura das paredes de 0^{m},38 formadas com duas ordens de pedras, quasi cubicas, de 0^{m},18 por 0^{m},21, sem nenhuma argamassa. As casas ovaes são em menor numero, com 32^{m} a 40^{m} de comprimento. As tres ordens de muralhas formam tres lados, norte, nascente e sul, com a grossura de 1^{m},84, e são fabricadas com alvenaria de pequenas dimensões, visiveis ainda em algumas partes na altura de mais de metro, sobre o *actual terreno*. Os vestigios das casas não são sómente dentro do recinto das muralhas, mas estendem-se pela encosta do monte para o lado do poente, e tambem ao correr da crista do monte para o norte, dispostas irregularmente.

A grande extensão occupada por estas construcções, não só indica o augmento progressivo da primitiva população, mas tambem que não receando já hostilidades, aproveitavam os terrenos mais bem situados e proximos da primeira fundação, para os habitar.

Por emquanto achei unicamente duas casas de forma quadrada, e uma d'ellas com particularidade mui notavel, pois apparece circumdada por uma parede de 100 metros de cada lado. Dentro d'este quadrado ha cinco casas circulares, tres com 4^{m}, de diametro, duas com 3^{m},70, e um semi-circulo com 3^{m},80, situado no meio de um dos lados, com a abertura para o oriente; havendo no centro d'este espaço outra construcção egualmente quadrada de 5^{m},70, mas o seu angulo virado para o centro do semi-circulo; isto é, não lhe ficam os lados parallelos aos outros, como melhor se vê n'este modêlo, que apresento á vossa curiosidade. Observei, que o logar em que estão estas construcções, é o que domina a foz do rio Lima, e a base do monte em que está presentemente edificada a cidade de Vianna do Castello; suppondo por esta circumstancia, e pela disposição das casas, ter sido n'aquelle sitio a habitação do chefe da antiga povoação; assim como pela singularidade do semi-circulo, que poderia servir de tribunal de Justiça.

Dentro da casa quadrada mais pequena, achei duas medalhas, uma de bronze e outra de cobre; n'uma d'ellas está bem visivel a efigie com a corôa raiada. E o facto de as ter alli descoberto, nos certifica de que não tinham sido ainda exploradas aquellas ruinas.

Notei que em contacto com algumas casas circulares, havia outra casa mais pequena, como se fosse dependencia da maior, e pertencendo á mesma familia.

Para a parte do poente ha um grupo de penedos, proximo dos quaes vegetam alguns pinheiros, com

a circumstancia que sobre as faces d'estas pedras, voltadas para o norte, em quasi todas, se vêem grandes riscos perpendiculares, cortados por outros transversaes, como formando cruzes; emquanto que nas outras faces não apparece este signal. N'essas rochas, e nas outras espalhadas pelo terreno, vêem-se excavações hemisphericas de $0^m,60$ de diametro, e algumas de complicado feitio e grandeza, que a agua da chuva tem atacado e diluido, mas que poderiam ter servido para n'ellas se recolher agua potavel.

N'este logar ha uma planura de algumas centenas de metros, e na extremidade opposta d'este grupo de penedos, ha um *Men-hir* de altura de perto de 5 metros, tendo sobre a face voltada para o Sul, egualmente representàda a fórma d'uma cruz!

A pouca distancia da base d'este monumento megalithico, vê-se outro formando um Cromlech, composto de 16 pedras.

Os fragmentos encontrados dentro das casas, constam de objectos de barro de differente qualidade e feitio, azas e fundos de louça com diversa côr; sendo o barro misturado com mica, em que abunda aquelle sitio. Entre estes objectos ha um de singular configuração, representando uma pestana, na qual se abriu um buraco como se faz nos escudetes para as fechaduras. Serviria como de azelha, passando-lhe uma corda para facilitar o transporte da vasilha? Estas louças foram feitas ao torno, e pela perfeição dos filetes e gommos, que ornam em algumas o seu exterior, temos que devia ser adiantado o grau de civilisação d'aquelle povo. Os adobos são quadrados, tem a côr muito rubra, e todos mostram um rebordo, no qual ha um entalho para sobrepôr á junta e ficarem mais unidos; tem som metalico; foram encontrados no centro das casas, e parece terem ferrugem adherida a uma das faces.

Carvão vegetal, ferro e cobre, foram tambem encontrados; porém estes materiaes, e a louça, em pedaços; o que complica e difficulta muito mais o descobrimento da sua antiguidade. Não appareceu um unico objecto em silex.

Achei cravado no chão, dentro das casas, duas pedras postas ao alto, e quasi encostadas ás paredes, tendo cada uma, na extremidade superior, um buraco quadrangular de $0^m,15$ por $0^m,20$, e na altura do solo interno de $0^m,30$ (que julgo poderem servir para se lhe introduzir uma vara, para se sentarem). Ha outras pedras de menores dimensões, mas tendo uma face *arqueada*, e um buraco circular em uma das extremidades (que podem ter servido para pendurar algum objecto).

Encontrei em poucas casas, couceiras com encaixe circular, em que girava a porta; assim como outra pedra com rebaixo para bater; porém deve pertencer a época mais recente, de habitação moderna, porque, pela maneira como se mostra ter sido feita a construcção antiga das casas, não podiam estas ter portas nem janellas; pois sendo as pedras todas eguaes e de pequeno volume, com os angulos rombos, e sem ligação com argamassa, não se lhes podia fazer aberturas; apenas no fecho da abobada espherica que as cobria. Como estas habitações eram construidas, havendo sido encontradas pedras mettidas na parede interior, de espaço a espaço, para servirem de degraus, póde considerar-se que o serviço se fazia pelo alto.

Não se incontraram ossos humanos, nem d'animaes, nas casas em que se fizeram estas excavações.

As pedras das ruinas d'estas casas, da qualidade do calcario, que se transforma em schisto micaceo proprio d'esta provincia, e egual á dos penedos, são todas preparadas por egual bitola; e os buracos abertos nas pedras, executados com ferramenta de ferro, indica-nos que esta povoação já pertencia á idade do ferro, isto é, pelos tempos historicos ou pouco antes.

Poder-se-ha talvez ajuizar que não seria inferior a 1:600 o numero d'estas antigas habitações; não só pela extensão do terreno em que apparecem estas ruinas, abrangendo quasi dois kilometros de comprimento e um de largo; mas tambem calculando-a pela extraordinaria quantidade de pedras, que foram tiradas d'estas casas pelos camponezes, para com ellas vedarem os terrenos que aforaram á Camara, para n'elles criarem matto; bem como pela sua grande extensão, e altura. Porém, por emquanto não é facil conhecer-se o numero exacto d'estas construcções, porque muitas estão ainda occultas debaixo da terra, ou escondidas pelo matto; mas pela pequenez de suas dimensões, e grandeza do terreno que occupam, não será exagerado o nosso calculo.

Em vista d'esta importantissima descoberta; ou se verifique ou não ser este o sitio da antiga Britonia; e não podendo acreditar na tradição que conserva o povo, attribuindo aos mouros uma mina que brota da rocha situada a meio da encosta do lado do sul, para a qual se distinguem ainda as rampas de sufficiente largura e dispostas com atilado traçado do lado do poente, por onde os antigos habitantes iriam abastecer-se da agua, pois é a unica nascente que offerece aquelle sitio; considerando-se infundadamente, pertencerem todas estas ruinas ao dominio sarraceno: deliberei informar de tudo a Camara Municipal da cidade de Vianna do Castello, propondo-lhe as providencias necessarias, para se obstar a que fosse destruido o que ainda existe d'estas antiguidades. Fui attendido pelo illustre présidente, o sr. Antonio Pinto de Araujo Corrêa, concordando em ir examinal-as com o ex.^{mo} governador civil o sr. Joaquim Cabral de Noronha e Menezes, e outros il-

lustres cavalheiros; os quaes formariam a commissão, que lembrei se organisasse, para curar da conservação d'aquellas ruinas.

Effectuou-se a visita no dia 17 de Abril, subindo nós todos juntos ao monte de Santa Luzia; e posto que fossem alguns naturaes de Vianna do Castello, não tinham ainda visitado aquelle local. Examinaram minuciosamente o sitio e as ruinas; mostrei-lhes as casas em que tinha achado os fragmentos; foram vêr tambem os penedos e os signaes que elles tem, assim como os monumentos megalithicos; ficando todos admirados de vêrem taes antiguidades, e concordando que mereciam ser conservadas, não só como recordação da remota existencia de gerações extinctas, mas para maior fama da cidade, e principalmente pelo valor archeologico d'ellas. Approvaram a minha proposta, de se mandar um guarda vigiar aquellas ruinas; de se collocarem marcos com o brasão da Camara, para ser respeitado aquelle terreno; lavrar-se um auto da vistoria, e da constituição da referida commissão. E para mais efficaz execução d'estas providencias, dirigi-lhes um officio em nome d'esta Real Associação, em que solicitava a protecção da Camara para este serviço publico, e scientifico. Mandei para a Casa da Camara grande parte dos objectos descobertos, afim de ficarem depositados no Municipio, como prova da utilidade das excavações emprehendidas n'aquella antiquissima povoação.

Tenho a honra, senhores, de vos apresentar muitos dos fragmentos que colhi n'aquellas ruinas, e confio que elles merecerão de vós egual consideração á que lhes deu o Conselho Facultativo, quando os examinou em sessão de 3 d'este mez, por occasião de lhe expôr este feliz achado; que sem duvida obterá da vossa reconhecida illustração a devida apreciação, concordando com o parecer que o mesmo Conselho vos apresentará n'esta Assembléa Geral, para que se não inutilise tão precioso descobrimento; visto que a competencia da nossa Associação não se póde eximir de lhe prestar séria attenção, e de concorrer para se colherem mais e maiores dados, que possam elucidar a origem d'estas antiguidades nacionaes.

Lisboa, 14 de Maio de 1877.

JOAQUIM POSSIDONIO NARCIZO DA SILVA.

CITHANIA (?)

No dia 9 do corrente deverá verificar-se em Guimarães a importante conferencia sobre as interessantes ruinas do monte de S. Romão de Briteiros.

As photographias dos objectos alli encontrados, são d'extraordinario valor archeologico. N'ellas se vêem representados: um grosseiro vulto d'estatua, em granito; figuras esculpidas em rocha; e principalmente uma pequenina cabeça, em marmore, julgo eu, *de caracter oriental* e d'execução artistica, a respeito da qual reservo por em quanto o meu juizo. Os fragmentos de ceramica, são tambem mui curiosos, pelos desenhos e ornatos que apresentam. Ha ainda muitos troços de pedra granitica, com lavores geometricos de muita perfeição, etc. Não são menos de cincoenta e um, os desenhos das referidas photographias.

Darei aos leitores do nosso BOLETIM as noticias, que porventura possa obter d'aquella conferencia, se chegarem a tempo de poderem ser publicadas n'este numero; aliás ficarão reservadas para o proximo numero.

S. V.

MONTE DA CONCEIÇÃO

Juncto a Ponte-de-Lima, na importante freguezia da Correlhan, está situado o monte da Conceição, onde a tradicção diz que existíra uma antiga povoação, de que ainda apparecem vestigios. O nosso Socio, o Sr. Miguel Roque dos Reis Lemos, propõe-se a investigar este ponto. Já alli foi encontrada, por acaso, subterrada a 3m,50 uma especie de lança de ferro, gasta e carcomida, mas de extraordinaria fórma. O nosso BOLETIM dará conta do que a este respeito se fizer.

S. V.

ANTIGUIDADES ROMANAS DO ALGARVE

NOVAS DESCOBERTAS

O Algarve é uma das nossas provincias, que mais devia merecer, e por infelicidade não tem merecido, o estudo dos nossos antiquarios. As circumstancias que concorrem n'esta facha de terra das costas oceanicas, visinhas do Mediterraneo e descriptas por todos os antigos geographos; parecia deverem excitar o estudo dos nossos eruditos, não menos do que o das provincias do Norte, ás quaes muito mais o tem applicado. Felizmente, o desinvolvimento universal da Archeologia, que vae começando tambem a manifestar-se entre nós, póde dar-nos esperanças de que as antigualhas d'esta parte da Turdetania, dos Cynetas, dos Cuneos, dos Godos e dos Arabes, não ficarão para sempre desconhecidas.

Talvez, que ainda venham a ser bem indagadas as tradicionaes ruinas do termo de Silves, do porto d'Annibal, da famigerada Balsa, da mysteriosa Ossonoba, das subconstrucções de Budens, da indecifravel Cunistorgi, da verdadeira Carteia, da ilha Petanio, etc.

Emquanto isso não chega, vamo-nos contentando com os vestigios da occupação romana, mais faceis d'investigar e de reconhecer; e os quaes até ha poucos annos, faziam toda a felicidade dos nossos antiquarios. Vestigios muito apreciaveis, e importantes, sem duvida, mas que já hoje não satisfazem a ambição do archeologo, que deseja, e trabalha em profundar mais, e indagar mais remotamente, a historia do homem, e o desinvolvimento progressivo das civilisações successivas.

Lê-se n'um jornal do Porto, que o sr. João Luiz de Mendonça e Mello, descubrira na sua propriedade denominada as *Antas* (e oxalá que este nome excite o seu digno proprietario, a mui aturadas e esclarecidas explorações!) no concelho de Tavira; descobrira, dizia eu: lapides, columnas, bases, capiteis, mosaicos, e outros vestigios d'architectura de admiravel perfeição. Ha indicios d'uma galeria ainda obstruida, e desconfianças de que se descubrirá em tal sitio, um circo romano; como parece certificarem-no duas inscripções que já se encontraram.

Tambem na quinta do sr. Francisco Simões da Cunha, perto da propriedade das *Antas* (diz o mesmo jornal), notavel já pelos muitos objectos archeologicos alli encontrados, entre estes um cemiterio romano, appareceu uma lapide com inscripção tumular, uma amphora, dois vasos cinerarios, dois lacrymatorios, um alfinete de cabello, e alguns bronzes do baixo-imperio (?).

O sr. Francisco Raphael da Paz, que subscreve o artigo do jornal a que me refiro (*Commercio Portuguez*), promette occupar-se d'outras antigualhas preciosas, encontradas por differentes sitios d'aquella interessante provincia. E do que porventura me chegar a noticia, dará devida conta o nosso Boletim, que aliás tem as suas columnas francas, para todos que as queiram enriquecer com as suas communicações, em assumptos d'esta natureza; que hoje vão merecendo finalmente, a attenção dos instruidos.

S. V.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Em Assembléa geral de 18 de janeiro ultimo, foi approvado unanimemente, que se lançasse na acta um voto de sentimento, pela perda do nosso fallecido e mui illustrado consocio, Visconde d'Azevedo.

Em Assembléa geral de 15 do corrente (maio) além do Relatorio, acima transcripto, sobre as antigas ruinas existentes no monte de Santa Luzia, junto a Vianna do Castello, apresentou o Sr. Silva um modelo das casas encontradas nas ditas ruinas, em certo espaço reservado; alguns fragmentos de ceramica; varias pedras, carvões, e outros objectos que ali achára. A assembléa votou unanimemente uma verba de cem mil réis, para ser applicada a um começo d'explorações n'aquelle local, d'accordo com a respectiva Camara; e outras disposições attinentes ao mesmo fim.

Na mesma sessão, apresentou o Sr. Presidente uma urna, encontrada n'uma propriedade do Sr. Sebastião Calheiros, em Vianna do Castello; e que ao Sr. Marquez de Sousa Holstein pareceu ser obra romana, e a outros Socios artefacto da meia-edade. Será estudada.

Apresentou tambem o Sr. Presidente, a copia em gesso, de duas cabeças de duas estatuas em granito, collocadas na porta da Misericordia da Villa de Ponte-de-Lima; notaveis pelos trajos, e pela configuração da cabeça d'uma d'ellas. Apresentou ainda um vaso mui elegante, de fórma etrusca, ultimamente fabricado nas Caldas-da-Rainha; como demonstração do progresso da ceramica portugueza.

Na mesma Assembléa geral foram approvados, para nossos Socios effectivos: os Srs. Dr. Martins Sarmento, Pereira Caldas, e Joaquim de Vasconcellos; e Correspondentes: os Srs. Antonio Pinto de Araujo Corrêa, Ernesto de Sousa Caldas, Miguel Roque Lemos, e o distincto Director do Museu de Modena, o Sr. Dr. Carlo Boni.

Resolveu o Conselho Facultativo, que se pedisse ao Sr. Conde de Marsy, nosso Socio Correspondente, a distincção de representar a nossa Associação no Congresso da Sociedade central dos Architectos, que deverá celebrar-se em Paris em junho proximo.

Recebeu-se do nosso Socio, o Sr. Dr. Martins Sarmento, o precioso donativo de dezoito cartões com excellentes photographias, representando não menos de cincoenta e um desenhos, dos objectos até agora achados nas escavações do monte de S. Romão, de Briteiros (Cithania).

O nosso Socio Correspondente Sr. Charles Lucas, offereceu á nossa Associação a sua obra intitulada: *Rapport présenté au Congrés des Architectes français au nom de la commission d'Archéologie de la Société, par Charles Lucas Paris* 1877.

O Sr. Alfredo Augusto Schiappa Monteiro de Carvalho, offereceu á nossa Associação, a sua obra escripta em francez: *Mémoire de Géometrie descriptive sur l'intersection des surfaces du second ordre et des surfaces de révolution soit entre elles-mêmes, soit avec quelques surfaces particulières* (com oito estampas) *Coimbra.* 1875.

O Sr. Costa Goodolphim, nosso Socio, offereceu á nossa Associação, dois exemplares da sua obra, intitulada: *Historia e desenvolvimento das Associações portuguezas. Lisboa*, 1877.

O Sr. J. C. A. de Campos, offereceu á nossa Associação, o seu primoroso *Catalogo dos Objectos existentes no Museu d'Archeologia do Instituto de Coimbra* — Coimbra, 1877; do qual n'outra occasião tractaremos.

O Sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, nosso Socio, offereceu para a Bibliotheca da nossa Associação, a obra italiana: *Descrizione della Gran Capella delle Pietre dure e della sagrestia vecchia eretta da Philippo di Ser Brunellesco situate ambedue n'ell imp. Basilica di S. Lorenzo di Firenze Firenze* 1813.

Estas offertas, que já pela Mesa terão sido agradecidas, seria de toda a conveniencia que fossem imitadas pelos demais Consocios, para o fim de enriquecer a nossa Bibliotheca, que não encontra nos exiguos recursos do cofre da nossa Associação, os

meios que lhe permittam, tornal-a condigna dos intuitos da sua instituição.

Receberam-se varios numeros dos jornaes: *Tot Bevordering der Bouwkunst* e *Afbeelding van Oude Bestand Gebouwen* (hollandezes); *Polybiblion* (março e abril), *Les Nouvelles archeologiques* (abril e maio), *Revue Anthropologique* (fevereiro), *Gazette d'Archeologie* (janeiro e março), *Musée d'Archéologie* (1876 e 1877), *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme* (janeiro e fevereiro), *La Revue Nouvelle de l'Industrie et des Travaux publics* (até n.º 22), e *La Semaine des Constructeurs* (até n.º 47, francezes), *O Architecto, Zodtchy*, jornal d'Architectura, Bellas-Artes, e Ingenharia-civil, da Associação dos Architectos de S. Petersburgo, sob a direcção do Sr. J. Kittner, mensal, com gravuras em madeira, e cinco estampas. Tem um Supplemento semanal (russiano), *The Building News* (inglez), *Anales de la Construccion y de la Industria* (até n.º 10, anno 2.º, hispanhol), e *El Espejo* (n.º 7, americano).

N. B. A nossa Associação não tem o gosto de receber presentemente, nenhum jornal portuguez, nem litterario nem politico. Alguns dos estrangeiros são em troca do nosso Boletim: o que não haverá duvida em acceitar-se, dadas as convenientes circumstancias.

NOTICIARIO

No Museu de Stuttgard, collocou-se um fossil paleontologico rarissimo, talvez unico em todos os Museus do mundo. Consiste n'um grupo de vinte e quatro individuos do reino animal, em pedra areosa extrahida de Stuben. Os fosseis individuaes, não teem podido ser classificados em nenhuma das especies animaes hoje existentes, ainda que tenham alguma parecença com os lagartos communs. As cabeças são como de passaro, e os corpos estão cubertos d'uma pelle escamosa, em 60 a 70 anneis successivos.

Fundou-se em Inglaterra uma pequena Associação, com o fim d'explorar a Palestina. Em janeiro ultimo, partiram para alli alguns dos exploradores. O tenente Kitchener propõe-se a abrir e restaurar, se fôr possivel, o poço de Jacob. Algumas senhoras teem contribuido para esta Associação.

Na Camara dos Communs em Inglaterra, na sessão de 7 de março ultimo, Sir J. Lubbock reclamou a segunda leitura do projecto de lei *sobre os antigos monumentos historicos*. Combatido e defendido por diversos membros, alguns dos quaes sustentavam que o *bill* era offensivo do direito da propriedade, foi afinal approvada a segunda leitura pela maioria de 48 votos. O *bill* tinha sido redigido por todas as sociedades archeologicas da Inglaterra.

Formaram-se mais duas Associações archeologicas em Roma. Uma tem por fim, instituir e publicar investigações sobre a archeologia de Roma na meia edade. A outra, compõe-se d'amadores, discipulos pela maior parte do sabio Rossi: os trabalhos d'esta Associação serão publicados no *Boletim d'archeologia christã*.

Em sessão de 23 de março ultimo, communicou o Sr. Egger, á Academia das Inscripções e Bellas Lettras, o descubrimento de quatro livros ineditos da optica de Ptolomeu, decifrados n'um papyro egypcio. Tambem a *Revue archéologique* de fevereiro ultimo, traz um artigo do Sr. E. Revillout, ácerca d'uma chronica egypcia contemporanea de Manethon, encontrada n'um papyro demotico, comprado haverá dois annos, pela Bibliotheca nacional de Paris, e que tinha ficado até agora indecifravel pelos egyptologos. Esta chronica não está completa, mas o que n'ella se lê esclarece admiravelmente o proprio Manethon.

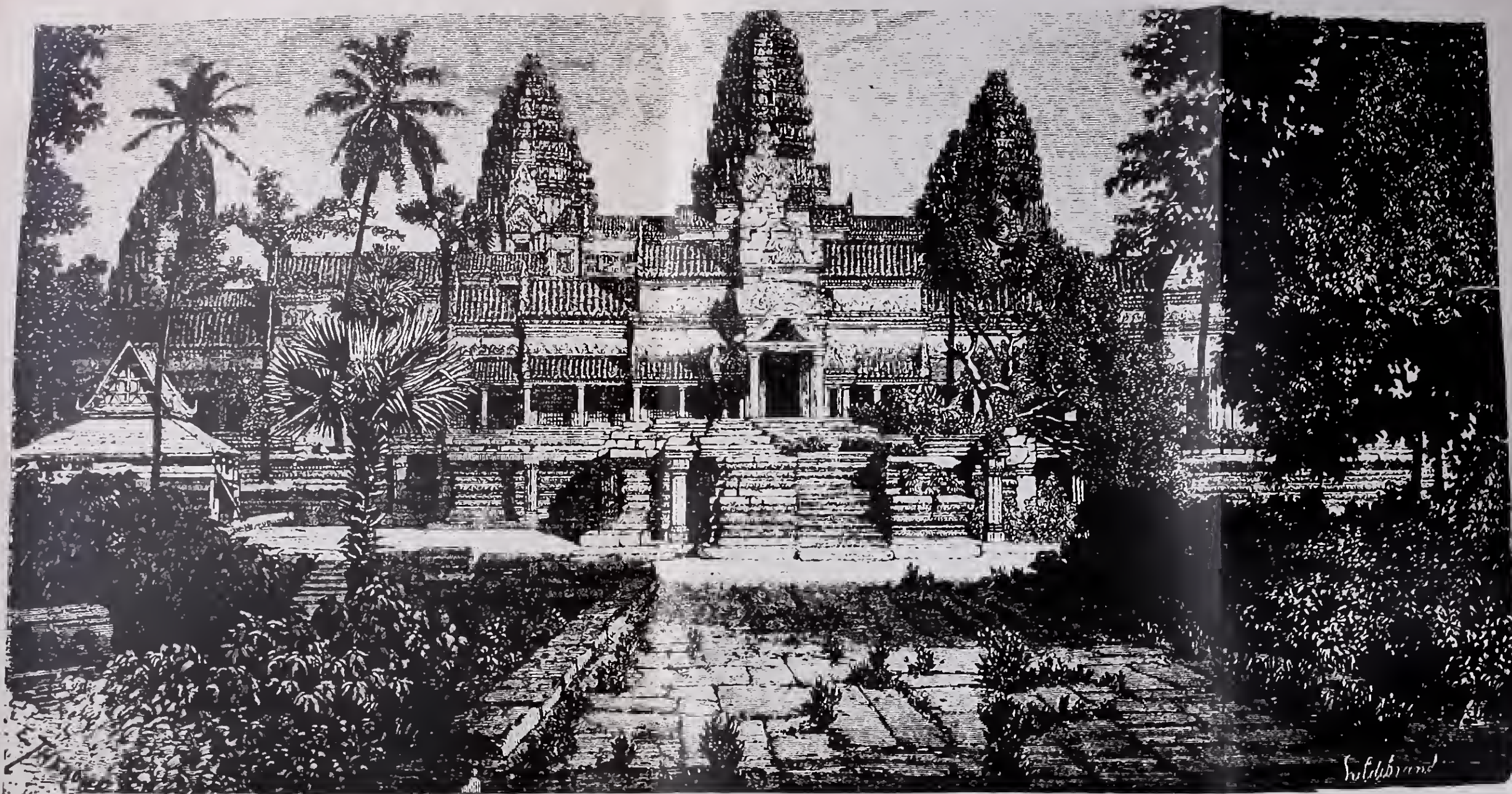
As excavações que a administração do *Bristish Museum* mandou fazer em 1870 á sua custa, no sitio da antiga cidade d'Epheso, teem produzido o descubrimento de grande numero de objectos preciosos, e de mais de cem inscripções, que foram transportadas para Inglaterra. O director d'esta expedição, M. Wood, architecto, publicou ultimamente o jornal dos seus trabalhos e dos seus descubrimentos. No fim do volume encontra-se o texto das principaes inscripções colhidas, com a sua traducção em inglez.

Lê-se no *Building News* de 13 d'abril ultimo: Em um dos primeiros dias d'este mez, recebeu o Lord Maire de Londres, um officio de Mr. Mignot, presidente da *Chambre Syndicale des Ouvriers Menuisiers en batimens, de Paris*, participando-lhe que esta associação tinha resolvido offerecer, como testemunho dos bons sentimentos que existem entre as duas nações, um pulpito monumental e esculpido, do valor de £ 1:200 a £ 1:400, (Rs. 5:400$000 a Rs. 6:300$000) para ser collocado na Cathedral de S. Paulo; como penhor de gratidão dos auxilios e soccorros, que a Inglaterra prestou aos francezes que soffreram durante a guerra de 1870. O custo d'esta offerta seria pago por meio de subscripções voluntarias, entre os membros da referida associação; e o pulpito será exposto, entre os objectos d'arte, na proxima futura exposição de Paris em 1878.

O jornal hispanhol: *Anales de la Construccion y de la Industria*, tem publicado uma serie d'artigos, nos quaes o seu auctor Sr. R. de Morenes, propoz-se resolver o problema da locomoção aeria, cuja pratica cuida ter descuberto, fundado no principio de que *voar* não é *andar* pelos ares: e que tudo consiste simplesmente em *saber voar*. O Sr. Morenes continúa os seus artigos, insinuando a maneira de aprender essa faculdade. A sua theoria, ainda que afinal não possa vir a praticar-se, ninguem negará ser engenhosa, segundo nos vae parecendo.

N. B. N'alguns jornaes, teem vindo transcriptas *noticias* do numero antecedente do nosso Boletim, o que muito estimamos. Pedimos porém aos nossos Collegas, que citem o jornal d'onde extrahirem essas noticias. O nosso *Noticiario*, na sua quasi totalidade, não é simples transcripção: ha noticias redigidas sobre differentes indicações, e algumas resumidas, ampliadas ou esclarecidas, pela redacção do Boletim.

1877, Lallemant frères, Typ. Lisboa

Secç. Phot. Photograv. typ

Estampa 22.

TEMPLO DE ANGOR

NA

INDIA

Pag 33

SERIE 2.ª ANNO DE 1877 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA KHMER

Ruinas de Angcor Wat no reino de Cambodge

(Continuado de pag. 17 d'este vol.)

Angcor Wat. Como dissemos nos artigos anteriores, é este o monumento mais importante e o mais bem conservado de todos que se comprehendem no grupo de ruinas khmers, e sendo o unico que foi reproduzido pela photographia, habilita-nos assim a dal-o á estampa.[1] Sendo tambem aquelle que mais completamente foi estudado por Mr. de Lagrée, os elementos que encontrámos na magnifica obra a que nos temos referido, proporcionam-nos uma facil e exacta descripção. Angcor Wat reune o systema dos terraços sobrepostos ao das galerias cruzadas, e n'isto e em tudo mais reune admiravelmente todas as leis da architectura khmer.

Entrada principal e Belveder. Pela parte exterior do fosso, que circunda o edificio com a largura de duzentos metros, vê-se do lado d'oeste, uma plata-forma da formatura de uma cruz grega, que precede e annuncia o monumento. Esta plata-forma, cujos braços têem trinta metros de extensão, era decorada antigamente nos seis angulos salientes exteriores, com leões de pedra que hoje jazem mutilados sobre o solo. Os braços interiores da cruz servem de moldura á calçada de oito metros de largo, que atravessa o fosso sobre quarenta arcos estreitos, vindo terminar na entrada monumental que a estampa representa. Compõe-se esta de uma galeria de duzentos trinta e cinco metros de comprido, elevada sobre uma base que tem sete metros de largura, e formada exteriormente por uma dupla fileira de columnas, e interiormente por um muro, no qual estão figuradas falsas janellas.

As columnas grandes não tem base; as pequenas tem base e capitel com esculpturas. No centro da galeria abrem-se tres portas encimadas cada uma por sua torre. Na base das torres a galeria ramifica-se em cruz grega, cujos braços perpendiculares, abertos nas duas extremidades e terminados por perystilos, formam assim as entradas. Nas suas extremidades a galeria ramifica-se de novo, e córtes feitos na base põe o transito ao nivel de uma especie de berma de quarenta e cinco metros de largo, que circunda o fosso interiormente. Estes córtes serviam

[1] V. a estampa junta a este numero do nosso BOLETIM.

á passagem dos carros, como o testemunham os profundos sulcos que se acham abertos na pedra. Finalmente a galeria termina por duas portas fechadas, admiravelmente esculpturadas. Depois levanta-se um muro cheio que circunda todo o edificio. Ao meio de cada uma das tres faces d'este primeiro recinto, existe uma entrada muito menos monumental. Este recinto mede oitocentos e vinte metros de norte a sul, e novecentos e sessenta metros no sentido de léste a oeste; o seu desenvolvimento total é portanto de tres mil quinhentos e sessenta metros; exteriormente aos fossos o circuito do edificio attinge cinco mil quinhentos e quarenta metros. A escarpa e contraescarpa do fosso são revestidas de pedra.

A base, as columnas, sobretudo as pilastras que ornam as portas d'esta primeira entrada, os tectos, e as fachas de pedra das janellas, tudo é coberto de esculpturas, e encontram-se desde a entrada em geral, as maravilhas de ornamentação que se admiram no proprio edificio.

Logo que se transpõe a entrada central e que se chega por tres degráos á calçada de pedra que continua dentro do recinto, descobre-se o templo a mais de quatrocentos metros de distancia; elevando as suas nove torres, em grande parte arruinadas, acima das ramadas de palmeiras que sombreiam a fachada.

A calçada eleva-se a um metro acima do solo, e alarga-se de cincoenta em cincoenta metros em pequenas plataformas, decoradas nos angulos com dragões de pedra, de sete cabeças. Chegando á terceira d'estas plataformas, passa-se entre dois sanctuarios de quatro faces e de columnadas interiores, que a vegetação tem completamente invadido. Em seguida começam dos dois lados da calçada, dois lagos com revestimento de grés, á roda crescem innumeraveis plantas aquaticas, e que se prolongam até á esplanada que se estende na frente do edificio. No centro d'esta esplanada e no eixo da calçada eleva-se um magnifico terraço em forma de cruz latina, sendo suportado por noventa e oito columnas cylindricas admiravelmente cinzeladas. Tres escadas de doze degráos terminam os tres braços exteriores do terraço. O braço interior dá accesso ao primeiro andar do edificio.

Primeiro pavimento, ou galeria dos baixos relevos. É uma galeria rectangular, com dupla columnada exterior e muro interior, que, sobre as faces léste e oeste reproduz, menos as torres, as principaes disposições da galeria d'entrada. Em logar das passagens para os carros, apresenta em cada angulo peristylos, aos quaes se chega por meio de escadas. A abobada interior tem mais de seis metros de altura, e um tecto de madeira ali existia antigamente á altura de quatro metros e quarenta centimetros. As dimensões d'esta galeria tomadas de extremo a extremo, são de cento setenta e oito metros no sentido de norte a sul, e de duzentos vinte e tres no sentido de léste a oeste. O seu desenvolvimento total é portanto de oitocentos e dois metros. A sua largura, medida do muro á face interior das grandes columnas, é de dois metros e quarenta e cinco centimetros. Contam-se em todo o seu perimetro dezeseis peristylos. As escadas que ahi conduzem, são acompanhadas pela elevação da enorme base em que assenta todo o edificio, e que vem formar lateralmente tres largos patamares. O patamar superior suporta as columnas do peristylo; os outros dois eram ornados de leões de pedra, que estão hoje mutilados ou derrubados dos seus soccos.

Sobre toda a superficie do muro interior da galeria, existe um baixo-relevo que não se interrompe senão no centro e nos angulos de cada face. A maior parte dos assumptos representados, parecem ser tirados do *Mahabharata* ou do *Ramayana.* Não deixaria de ser curioso apresentar algumas indicações fornecidas pelos indigenas sobre os differentes actores d'estas scenas.

1.º Face de Oeste. Ao sul, são representados homens armados atravessando uma floresta; os chefes estão montados sobre elephantes ou cavallos, e os corpos de tropas que elles guiam tem cada um uma arma distincta. Os soldados que abrem a marcha, vestem longas cabaias e usam grandes escudos curvos. Estão armados com lanças de seis pontas. Todos os outros tem um *langouti* e uma veste de mangas curtas. A maior parte está munida de uma especie de couraça e de um pequeno escudo apoiado sobre o peito.

Ao norte acha-se figurado o combate dos *Yaks* contra os macacos. O chefe dos *Yaks* está sobre um carro puchado por dois griffos, tem dez cabeças e vinte braços armados cada um de um sabre. Os macacos só tem por armas, páos ou ramos de arvores, e rasgam e mordem os seus adversarios. Á sua frente marcham dois irmãos chamados *Paream* e *Palai.* Aqui é facil de reconhecer a luta dos macacos auxiliares de *Rama* contra *Ravana,* rei dos Yaks.

Ao pé dos combatentes está uma barca, cujos remadores estão vestidos de tunicas, e usam compridas barbas. Mais longe, mulheres brincam com creanças, ou assistem a combates de gallos.

2.º Face de léste. Ao sul, os Yaks e os homens disputam a posse de uma serpente de sete cabeças. Acima d'elles, sentado no cume de uma montanha, *Prea Norcai* preside á luta; anjos ou *Tevadas* vôam em torno d'elle, ou correm a tomar parte no combate. Alguns tem sete cabeças. Por baixo está o mar, cuja profundidade é povoada de monstros marinhos.

É facil de reconhecer aqui a batida dos mares pelos deuses e os Asouras para obter a Amoita. Prea Noreai é *Vichnow*, que os cambodgianos parecem conhecer principalmente sob o caracter de Narayana, e confundem frequentemente com Brahma ou Prohm.

Ao norte está figurada uma marcha militar, depois um combate que se continua na face seguinte. Os chefes estão sobre carros conduzidos por dragões allados, ou montados em griffos, rhinocerontes ou aves phantasticas chamadas *hans*.

3.º Face do norte. Um personagem chamado *Maha Asey*, avança precedido de musicos que tocam pratos, tambor, gongo e outros instrumentos. Está montado sobre as espaduas de um terrivel gigante, o qual arrasta pelos pés a outro gigante que resiste. Ao meio da face está figurado um deus de crescida barba, cercado de adoradores. Além continua o combate: um dos principaes actores está montado sobre um gigante que tem bico, cauda e garras de aguia. Alguns combatentes são representados segurando varias lanças com a mão esquerda. Ainda aqui estamos em presença de differentes episodios da luta de Rama e de Ravana, aonde apparece a ave *garoula*, laksmana e outras.

4.º Face do sul. É inteiramente consagrada aos gozos do paraiso e aos supplicios do inferno. Estes são em numero de vinte e tres, e cada um d'elles é annunciado por uma inscripção. Vêem-se ali, torturados pelos agentes do inferno, desgraçados a quem estão serrando os membros, a quem arrancam os dentes, cravam os olhos, furam o nariz, e quebram as costas. Outros são pilados em almofarizes, empalados, postos a tortura, lançados ás aves de rapina, atravessados com settas, mergulhados em caldeiras ardentes, enforcados de cabeça para baixo. Duas adulteras estão amarradas a uma arvore com espinhos. Uma mulher que parece estar gravida, está entre a mão de tres verdugos: um d'elles segura-a pela parte superior do corpo, e quebra-lhe o espinhaço, o outro agarra-a pelo meio do corpo e abre-lhe o ventre; o terceiro segura-a por uma perna e lh'a corta com uma espada.

A oeste, uma longa procissão de eleitos, com bandeiras e umbelas faz a sua entrada no céo. Cada um d'elles vem tomar logar debaixo de um docel magnifico, aonde mulheres que conduzem cofres e ventarolas se acercam d'elles. Ellas tem flôres na mão e creanças no colo.

Na parte superior estão representadas diversas scenas, aonde se reconhecem differentes typos das tribus selvagens da Indo-China. Alguns são precipitados no inferno, sem duvida por terem resistido ás tentativas de conversão da raça civilisadora; outros ao contrario entram no céo.

Entre os supplicios e o paraiso está figurada uma scena intermedia, que representa, dizem os indigenas, o rei *Pathummasurivong* acabando de fundar a cidade de Angcor. Está cercado de mulheres e de um longo cortejo de guerreiros.

Todos estes baixos-relevos não datam da mesma época, e a par d'esculpturas de uma delicadeza e habilidade incontestaveis, vêem-se grosseiros desenhos que não podem deixar de pertencer a uma época de decadencia. Taes são as esculpturas da face norte e léste.

Na face oeste abrem-se tres galerias parallelas, em face dos tres peristylos da entrada principal do edificio. A galeria do meio é de quadrupla fileira de columnas. As outras são fechadas exteriormente por um muro. Abrem todas n'outra galeria que divide em quatro compartimentos iguaes o espaço que as separa. Em cada uma d'estas extremidades abre-se uma porta no muro das galerias exteriores. Da entrada d'estas portas descobrem-se os dois grandes e bellos ediculos que se elevam no pateo interior, e as altas escadas que conduzem ás torres dos angulos do segundo pavimento. A parte central d'este jogo de galerias fórma uma cruz grega, cujos braços são terminados por porticos contra os quaes as columnadas vem applicar-se como pilastras. É ali que se encontram as columnas de maiores dimensões; os fustes tem quarenta e nove centimetros de diametro, e a sua altura chega a quatro metros e vinte e cinco centimetros. A largura da columnada central é de tres metros e sessenta e quatro centimetros de eixo a eixo.

Segundo e terceiro pavimento. Estas galerias servem para passar da galeria dos baixos-relevos para o andar superior do edificio. Terminam em tres escadas cobertas, acima das quaes a abobada se eleva em successivas fiadas. As ropturas correspondentes dos tectos, são mascaradas por tympanos esculpidos. Cinco peristylos sobre a face léste, e um sobre cada uma das faces norte e sul, se abrem no muro inferior na galeria dos baixos-relevos e completam as communicações do primeiro com o segundo pavimento. Este compõe-se de uma nova galeria rectangular supportada por um envasamento de seis metros de altura. Nos quatro angulos elevam-se torres. As columnas são substituidas em toda a parte por muros rasgados por janellas. Além das tres escadas cobertas, que são as principaes, ha ainda onze entradas, duas em cada angulo e uma no meio de cada uma das tres faces. Chega-se a esta galeria por escada de vinte e quatro degráos. Dez peristylos dão accesso ao pateo interior, no centro do qual se eleva o terceiro andar do edificio. O seu aspecto é dos mais imponentes. É exactamente quadrado, servindo-lhe de pedestal um envasamento de dez metros d'alto. Doze escadas de quarenta e dois degráos lhe dão accesso. A galeria que o corôa é, como a

precedente, terminada por torres nos angulos; é formada exteriormente por um muro com janellas rasgadas, e interiormente por uma dupla columnada; do meio de cada face, partem galerias perpendicularmente, e na sua intersecção eleva-se uma torre central de cincoenta e seis metros de altura a cima da calçada. Na base d'esta torre existe um quadruplo sanctuario. Pequenos peristylos de columnas redondas se abrem de cada lado das galerias medias, sobre os quatro pequenos pateos que ellas formam no interior d'este pavimento. Finalmente ao pé da escada principal, a do meio da face oeste, existem dois pequenos ediculos de menor importancia do que aquelles que já ficam descriptos. Parece que só ali estão collocados para fazer realçar a altura e as bellas proporções do edificio central.

Tal é a descripção summaria de Angcor Wat, descripção que o nosso desenho completa.

Tudo n'este vasto monumento só parece ter por objectivo o sanctuario. Tudo para ahi sobe. Tudo para ahi conduz. Qualquer que seja o ponto pelo qual se dá entrada no edificio, involuntariamente se é levado e guiado em direcção a uma das grandes estatuas que occupam as faces da torre central, e olham para os pontos cardeaes. A base das torres dos angulos é coberta e serve ao cruzamento das galerias vizinhas, com um ligeiro alargamento. As poderosas molduras do envasamento do edificio central, os asperos e altos degráos das grandes escadas, os leões de vulto decrescente que as ornam, tudo augmenta o effeito da perspectiva e a sensação da altura. Quanto mais proximo do sanctuario, mais augmenta a riqueza da decoração. O cinzel lavra mais profundamente a pedra, as columnadas duplicam-se, as maravilhas da esculptura patenteiam-se em toda a parte, e até os vestigios da douradura se tornam visiveis nas concavidades da pedra.

Que admiraveis arabescos se desenham sobre as pilastras que ornam as portas do proprio sanctuario!

De ambos os lados o desenho geral parece symetrico, mais perto, porém, percebe-se a mais agradavel variedade nos detalhes. Cada um d'estes graciosos entrelaçados, d'esses caprichosos desenhos, parece ser o trabalho de um artista unico, que, compondo a sua obra, não quiz imitar nada da obra visinha; cada uma d'estas paginas de pedra, é o fructo de uma inspiração delicada e original, e nunca a habil reproducção de um modelo uniforme. Em alguns logares a pagina começada não acaba, a pedra fica tosca e espera ainda o cinzel. O artista finou-se no meio do seu trabalho, e não houve nenhum outro que podesse succeder-lhe? Parece que é esta a sorte dos grandes monumentos. Angcor Wat cahio em ruinas sem nunca chegar a concluir-se.

O estado actual do templo é lamentavel. Por quasi toda a parte as abobadas se fendem e esboroam, os peristylos oscillam, as columnas inclinam-se, e muitas d'ellas jazem quebradas sobre o solo: extensos combros de musgo, indicam ao longo dos muros interiores o trabalho destruidor das chuvas; baixos-relevos, esculpturas, inscripções, tudo se apaga e desapparece debaixo da acção d'esta ferrugem corrosiva. Nos pateos, sobre os muros dos envasamentos, sobre os tectos, e até na superficie das torres, uma vegetação vigorosa se manifesta atravez das fendas das pedras; a planta pouco a pouco torna-se arvore gigantesca; as suas potentes raizes, como uma cunha que penetra cada vez mais, desjunta, abala, e derruba enormes *blocs* que pareciam desafiar todos os esforços humanos. É em vão que os poucos bonzos consagrados ao serviço do sanctuario tentam lutar contra a invasão da obra do homem pela natureza; esta vence-os em velocidade. Certas partes dos baixos-relevos da galeria do sul estão hoje inteiramente gastos, em virtude da infiltração das aguas ao longo do muro interno; a galeria do norte, está por tal modo invadida pelos morcegos, e o guano com que elles tem coberto o solo é em quantidade tão consideravel, que esta parte do monumento é quasi inaccessivel.

O governo siamez tem feito alguns esforços para restaurar este templo, depois que a provincia de Angcor caío em seu poder. Reconstruiram e douraram de novo a estatua oeste do sanctuario, e outras restaurações foram tentadas principalmente nas galerias medias do edificio central. Algumas das columnas derrubadas foram substituidas ao acaso por outras obtidas de diversas partes do monumento; tentaram mesmo consolidar os peristylos, e refazer as architraves. Se a piedade porém subsiste, os architectos e os artistas desappareceram; já não sabem manobrar estas pesadas massas, e apenas conseguiram levantar estupidamente uma columna redonda com o capitel para baixo, entre columnas quadradas, ou inverter um entablamento assentando-o mal sobre columnas desiguaes.

Angcor Wat não vem mencionado na descripção chineza, traduzida por A. Remuzat, que é o documento mais completo que se possue sobre esta civilisação extincta, a menos que se não queira reconhecer n'este templo o tumulo de Lou-pan, de um circuito proximamente de dez lis (cinco mil metros). Em todo o caso, o caracter da propria architectura, a imperfeição e a falta de acabamento de certos detalhes, auctorisam a suppôr que este monumento é uma das obras mais recentes da architectura Khmer. Mesmo quando as ruinas vizinhas, desde muito tempo, estavam completamente abandonadas, era elle ainda objecto da veneração geral. Acha-se, com effeito, na *Relação dos bispos francezes*, a menção seguinte, feita em 1666 pelo

padre Chevreuil, missionario no Cambodge: «Existe um muito antigo e muito celebre templo, afastado sómente oito jornadas da minha residencia. «Este templo chama-se Onco, e é tão famoso entre «os gentios de cinco ou seis grandes reinos, como «S. Pedro de Roma. É ali que elles tem os seus «principaes doutores. É ali que elles consultam so«bre as suas duvidas, e recebem as decisões com «tanto respeito como os catholicos recebem os ora«culos da Santa Séde. Siam, Pegu, Laos, etc. ali «vão em peregrinação, posto que elles estejam em «guerra, etc.»

Na galeria de léste do segundo pavimento, achase uma inscripção moderna, datada de 1623 da éra cambodgiana, correspondente a 1701 da nossa éra. Contém uma extensa enumeração de offertas anteriormente feitas ao pagode, e confirma o dizer do padre Chevreuil, sobre o respeito de que este templo era objecto no seu tempo, e que ainda subsiste nos nossos dias.

VISCONDE DE S. JANUARIO.

BELLAS ARTES

MONUMENTOS NACIONAES

(INVENTARIO — SUPERINTENDENCIA)

No meu opusculo — *As ruinas do Carmo,* lembrei, pelos fins de 1875, a conveniencia de recensear todas as nossas riquezas de Bellas-artes. «Com rasão conclue a *Actualidade* o artigo a que me refiro (dizia eu a pag. 6), fazendo votos, para que se não diga, que nem ao menos sabemos o que possuimos; pois é exactamente nas circumstancias em que estamos! E não tanto por falta de noticias, indicações, e apontamentos, como pela falta de colligir, examinar, e investigar os muitos elementos que para isso já temos.

«Talvez não fosse peior começar immediatamente por ahi algum estudo. (Referia-me á Commissão, havia pouco nomeada, para consultar a reforma do estudo das Bellas-artes entre nós.) Feito por assim dizer, o inventario do que possuimos, melhor se conheceria depois o methodo mais conveniente de distribuirmos essas riquezas, dando-lhes a applicação prática, em que melhor podessem ser utilisadas; e mais acertadamente reconheceriamos como, e quaes, as que nos cumpre manter, crear ou adquirir; e quaes as circumstancias que maior desenvolvimento demandam, para efficaz aproveitamento das Sciencias, das Bellas-artes, e da Industria, sem maior gravame da despeza publica, e sem ostentações burocraticas.»

A Commissão a que alludi, dissolveu-se, e nada do que ahi fica lembrado se fez. O que não admira, tendo sido aquellas linhas subscriptas por um nome ignorado ou obscuro, n'um tempo em que, a não ser por grande excepção, só o ouropel deslumbra, e o phantasioso fascina.

No emtanto, não era tão insensato o que eu lembrava, que não estivesse sendo praticado em França; onde outras coisas menos convenientes temos ido buscar.

Ignorava eu então similhante disposição do governo francez; mas no *Figaro* de 12 do corrente (julho ultimo), lê-se o seguinte:

«Em maio de 1874, M. de Fourtou, n'esse tempo ministro da Instrucção Publica, sob proposta do sr. Marquez de Chennevières, Director das Bellasartes, ordenou que se procedesse a um inventario geral das riquezas da arte em França... A empresa era colossal, nada menos do que um recenseamento de todos os monumentos historicos, e não só de todas as obras d'arte ou de curiosidade, que os seculos hão accummulado nas collecções publicas e particulares, e nos museus; mas tambem das dispersas pelas aldeias de toda França... Este trabalho começou immediatamente, e prosegue ha tres annos. O primeiro volume d'este immenso reportorio, sahiu agora á luz: comprehende os monumentos religiosos de Paris... Os seguintes volumes irão sahindo... na proporção de dois volumes cada um anno, até que tudo esteja catalogado...»

Ignorava eu tambem, quando escrevia as linhas acima transcriptas, que já em 1873 a nossa Associação havia tentado alguns trabalhos, e feito certas diligencias no mesmo sentido. Por não haver sido ainda transcripta no nosso BOLETIM, publicarei a circular, que o Conselho Facultativo remetteu a todos os nossos consocios, correspondentes, e outros cavalheiros dos differentes districtos do Reino:

Circular. — ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS PORTUGUEZES. — Ill.^mo — Tendo a Assembléa geral d'esta Associação determinado occupar-se da estatistica artistica do nosso paiz, cumpre ao Conselho Facultativo rogar a todos os dignos Socios, que a bem da arte se sirvam prestar-lhe os esclarecimentos, que lhes for possivel, para o mesmo Conselho poder progredir n'este util, difficil e importante trabalho.

Cabe-me por isso a honra de remetter a V. uma indicação dos esclarecimentos que o Conselho deseja que a Associação receba; sem com isto pretender excluir outros quaesquer que as circumstancias especiaes dos edificios e mais objectos, e o zêlo de V. lhes possam suggerir.

Deus guarde a V. Lisboa, sala das sessões do Conselho Facultativo da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, no Largo do Carmo, 14 de Novembro de 1873. — O Presidente.

Esclarecimentos pedidos

Denominação actual, e outras, que os edificios, ou quaesquer artefactos tivessem antecedentemente.

Districto administrativo, concelho, freguezia, e denominação do local em que existem os edificios, moveis, etc.
Por quem foi mandado fazer, conservar ou destruir em parte.
Nome de quem o delineou e construiu, ou por qualquer maneira concorreu para a sua execução e conservação.
Com que fim foi construido; applicação que depois teve; com especialidade a ultima.
Materias de que é construido, proveniencia d'ellas, preço actual, distancia de que veem, etc.
Estado de conservação em que actualmente se acha.
Quando teve começo, e conclusão. Se houve interrupção na construcção, e porque motivos.
A que estylo de architectura pertence, se fôr d'esta especialidade; e a esculptura que tiver.
Referem-se estes esclarecimentos em relação a edificios religiosos, não só ao casco do edificio, mas tambem a alguns accessorios, quando sejam notaveis, como baldaquinos, retabulos, maquinetas, camarins, sinos, e outros objectos de uso n'estes edificios.
Escusado é dizer que tratando-se, por exemplo, de missaes, muito interessa a data; saber-se aonde foram impressos, e as suas estampas, desenhos ou illuminações: nos tumulos, campas e carneiros de familias, a descripção dos brazões, e a copia dos epitaphios, e em geral de quaesquer inscripções; nos azulejos a era, a qualidade, as côres, noticia dos padrões (melhor seria um desenho) e se a superficie é lisa ou lavrada; e nos vidros de côres, e mosaicos, todos os possiveis esclarecimentos.
São igualmente apreciaveis as noticias, em relação a edificios não religiosos, quer sejam de habitação, quer sejam torres, castellos, aqueductos, pontes, pelourinhos, memorias, chafarizes, cruzeiros, etc., quer estejam tanto em boa conservação, como em estado de ruina mais ou menos adiantada.
Lisboa, sala das sessões do Conselho Facultativo da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, 14 de Novembro de 1873. — O Presidente.

Estes louvaveis esforços ficaram até hoje sem resultado. E não desejo agora fazer a tal respeito a minima consideração. É conhecida a multiplicidade de *coisinhas,* que impedem entre nós as mais uteis e sensatas *coisas;* sem contar com os attritos e obstaculos, que encontra tudo o que é de idéa ou de iniciativa particular, embora d'interesse publico, pelo habito nacional em que nos achâmos dos governos nos conduzirem pela mão, em todos os caminhos.

Mas n'este caso d'honra e interesse nacional, como é o recenseamento, a conservação, e a superintendencia dos nossos monumentos e preciosidades artisticas; a iniciativa e a acção é incontestavel e indispensavel que seja dos governos. Os das nações mais civilisadas, estão dedicando a este assumpto a mais illustrada attenção, e até zêlo; sendo felizmente, auxiliados pela opinião pública Em Roma, por exemplo, existe uma Commissão de vigilancia, para não deixar commetter o menor vandalismo, ou profanação, nos monumentos archeologicos. E é tal a auctoridade d'esta Commissão, que ultimamente fez suspender os importantes trabalhos para saneamento do Tibre, com o fim d'impedir a demolição dos restos da ponte *Sublicius,* e da ponte *Triumphal.* O ministro da Instrucção-publica, resolveu que esses restos fossem conservados. E no caso de que os seus pilares, occupassem demasiado espaço, que estorvasse a regularisação do curso do rio, a Commissão resolveria como esse obstaculo deveria remover-se.

Sem deplorar o nosso passado, porque seria inutil; convem prevenir o futuro, porque será proveitoso. Penso, que o desleixo que n'este ponto temos tido, deve finalmente ter um termo. Creio, que o Estado poderá sem dispendio, cuidar d'estas coisas. Uma Commissão junto ao Ministerio do Reino, á similhança da Commissão d'Obras-publicas no Ministerio respectivo, poderia ser desde já estabelecida. Os membros d'esta Commissão, tirados da Academia das Sciencias, da Academia das Bellas-artes, e da nossa Associação, teriam decerto o patriotismo de funccionar gratuitamente, em tão importante serviço nacional. O expediente correria por conta da Secretaria.

Parece-me este um assumpto, digno de ser estudado pelo governo.

S. V.

OS CARRILHÕES DE MAFRA

> O estudo do passado e dos monumentos que nos precederam, é pois a occupação mais digna e mais phylosophica do homem de bem.
>
> V. DE SANTAREM.

A respeito dos carrilhões de Mafra, diz-se que D. João v, havendo encommendado para as fabricas de Antuerpia um carrilhão, responderam que não custaria menos de 400 contos de réis — entendendo certamente que não haveria quem se resolvesse a despender tão grande somma; e o rei, cujo orgulho se julgou offendido, retorquira, dizendo: — É barato, quero dois. É esta a tradição.

Vultos respeitaveis teem impugnado esta asserção, taxando-a de falsa, que não passa de uma anecdota, e que o custo dos carrilhões — os dois — fôra de 240 contos de réis. Note-se que, quando dizemos carrilhões, se entende as machinas e os sinos respectivos. são objectos inseparaveis; e a cada machina correspondem 51 sinos, sendo 48 os que constituem as 4 oitavas de um carrilhão, e 3 destinados a quartos e horas sómente.

O carrilhão é tocado por meio de teclados, ou por cylindros, como os de caixa de musica. Este systema é muito engenhoso. Os cylindros são de

bronze: cada machina tem dois cylindros de 1^m,8 de diametro; a espessura é de 0^m,028, e o eixo mede 2^m,4. Cada cylindro tem dois registros, e admitte quatro peças de musica de 50 compassos quaternarios, nos limites das 4 oitavas; mas podem variar-se ao infinito — applicado ao relogio, podem elles tocar em todos os quartos e horas. Todo este jogo, ainda que muito complicado, tem uma com binação muito perfeita: a rodagem é toda de bronze, como os cylindros, como a ornamentação, as caixas dos teclados, e as cariátides sobre que ellas descançam: os eixos são de ferro bem polido, e de bonito trabalho: os teclados são de aço, ornados egualmente com luxo. Não é possivel tirar-se mais partido do ferro e do bronze, em peças de grandes dimensões.

Toda a machina é contida n'um barramento ou armação de ferro, que forma um quadrado de 4 metros por lado: a altura da machina é de 3 metros; nos angulos do barramento e ao centro, ha bellas e fortes columnas oitavadas, de ferro polido, com seus capiteis de bronze bem cinzelados; todos os eixos dos differentes jogos, são torneados e polidos, medindo cada um 1^m,2; as rodas são de bronze e algumas medem 0^m,96 de diametro; os carretos são de aço egualmente polido. Estatuetas de bronze ornam a frente d'estes jogos, e servem tambem de indicadores das horas; o escape do relogio é de ancora, muito perfeito; o pendulo mede 3^m,8 de comprimento; as chumaceiras onde entram as pontas dos eixos, são de bronze; algumas de bonito gosto; e as pontas dos eixos descançam sobre rolos de aço, afim de evitarem o attrito. Além d'isto ha os grandes teares de alavancas, destinadas a conduzir os arames que, partindo dos teclados, vão prender nos martellos que ferem os sinos.

Para se apreciar devidamente estes objectos, importa vêl-os com toda a minuciosidade, considerar a grandeza material do todo, a profusão dos metaes e a sua finura, avaluar o bem trabalhado dos ornatos e o acabamento esmerado de todas as peças; devendo notar-se que os sons assás melodiosos e suaves de todos os sinos, dependem da especialidade do metal, cuja composição é de muito custo. Quem não conhecer todas estas circumstancias, não pode dar áquellas peças o seu devido valor. Vem a proposito, talvez, a sentença de Gaspard de Tavannes, citado por Chateaubriand no prefacio da sua obra — *Études politiques*: «*La narration d'un brave experimenté, est différente des contes de celui qui n'a jamais eu les mains ensanglantées de ses ennemis sur les plaines armées*».

É pena tambem que os nossos primeiros homens da epoca actual, só conheçam objectos tão primorosos por uma simples visita de um quarto de hora, e alguns ha que apenas teem ouvido fallar d'elles. Um escriptor distincto, ha pouco os viu pela vez primeira, e infelizmente a sua visita não foi demorada. Esses homens de saber e, por todos os principios, respeitaveis, poderiam conseguir que se não repetisse a sentença do cardeal Saraiva: «*Na verdade que nos causa ás vezes admiração, a estranha facilidade com que alguns escriptores adoptam, e outros repetem sem exame e sem fundamento, certas proposições que, além de serem falsas, poderiam com mui breve e facil reflexão corrigir-se, ou de todo omittir-se na historia*».

Tambem se tem dito que os sinos foram fundi dos em Paris. Ora, elles proprios o negam: da fundição sairam-lhes impressas as seguintes legendas: *Guilhelmus Withlockx me fecit Antuerpiae. 1750*; isto nos da torre do sul; e nos da torre do norte: *Nicolaus Levache Leodiensis me fecit, 1750*; e os modelos são eguaes e semelhantes. Emquanto ás machinas não encontro mais do que, na base de uma columna junto á pendula, as letras *N. L. L. 1750*, que eu interpreto: *Nicolaus Levache Leodiensis, 1750*.

Tambem me parece que os sinos deviam ser feitos no local onde as machinas; porque, antes de remettidas ao seu destino, necessariamente se devia fazer algum ensaio; e acho grave prejuizo em transportar, quer as machinas ao local dos sinos, quer estes ao local das machinas; e afinal, depois do ensaio, enviar tudo a Portugal, embarcando os sinos em Genova, porto do Mediterraneo, como se sabe; todavia, não digo que alguns dos sinos não fossem fundidos longe de Anvers; n'esse caso, serão sómente os do serviço da egreja, que são 10, mas nunca os do carrilhão; e até alguns ha fundidos em Portugal; conheço 5 entre elles.

Com respeito ao valor total dos carrilhões, considerando o seu merecimento artistico, atrevo-me a fazer a avaluação seguinte, aproveitando as indicações do *Monumento sacro*, e de alguns manuscriptos: o peso dos sinos de cada um carrilhão é de 9:000 arrobas a 32$000 réis...... 288:000$000
cada machina, avaluando peça por peça, é estimada em........... 65:000$000

Total réis... 353:000$000

Deve além d'isto considerar-se a despeza feita: 1.° com os desenhos; 2.° com os modelos indispensaveis para execução das peças de ferro e bronze, e que não podiam ser ordinarios.

O argumento de que os salarios eram mais baratos n'aquella epoca não colhe, porque, além de não ser grande a differença para hoje, nem sendo preciso regatear o ouro que havia com abundancia,

e, segundo o pensamento então dominante, applicado sómente ás grandes construcções que agora se reprovam, ha ainda a circumstancia de que o trabalho é hoje mais facil; por isso se o preço da mão d'obra augmenta, diminue em proporção o tempo em que se realisa; e assim se as machinas, por exemplo, levaram dois annos a fazer, não levariam actualmente mais de metade d'esse tempo: está portanto compensado o preço da mão d'obra pela diminuição do tempo empregado na execução d'ella.

Accusa-se hoje D. João v, e com elle d'envolta os seus contemporaneos; não importa. Nossos vindouros tambem hão de julgar-nos: não podemos impôr-lhes a obrigação de pensarem como nós; nem nos pertence o dia de ámanhã; esse dia é de nossos filhos. Oxalá que elles progridam.

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

RELATORIO

ACERCA DE

NOVAS INVESTIGAÇÕES ARCHEOLOGICAS

Praticadas na provincia do Minho no mez de junho do corrente anno nos montes de Affifé e de S. Roque

SENHORES:

Tendo sido convidado, pela segunda vez, pelo sr. dr. Francisco Martins Sarmento, para assistir á conferencia em Citania no dia 9 de junho, novamente me dirigi a Guimarães, onde concorreram alguns archeologos nacionaes para examinarem as ruinas das construcções circulares, e os objectos descobertos em Briteiros. A recepção não podia ser mais brilhante, e o illustre proprietario d'aquellas antiguidades, dispensou as mais delicadas e generosas attenções aos seus hospedes: todavia, o resultado da conferencia não correspondeu ao empenho que manifestára o sr. dr. Sarmento, pois que não se tratou de todos os principaes quesitos do programma, nem tão pouco se resolveu cousa alguma ácerca da origem d'aquellas ruinas; o que sem duvida tornou infructiferos os generosos e excessivos trabalhos empregados pelo patriotico zêlo do intelligente possuidor, quando desejava ser esclarecido sobre tão importante descobrimento. Apezar de não se ter determinado a época nem a origem d'essas ruinas, o serviço prestado á archeologia e aos estudos d'esta sciencia em o nosso paiz, pelos esforços do sr. Martins Sarmento, são de tal ordem, que todos os que presam devidamente essas uteis investigações lhes tributaram merecidos louvores; e o seu nome ficará vinculado nos annaes do paiz, como o iniciador e o fundador das conferencias archeologicas em Portugal.

Eu, o mais humilde dos obreiros de tal crusada scientifica, lhe tributo toda a minha respeitosa veneração, e me confesso summamente grato aos obsequios e ás provas de consideração com que lhe aprouve distinguir-me.

Desejoso de achar na provincia do Minho outros vestigios, como já havia descoberto este anno no monte de S.ta Luzia, em Vianna do Castello, que me auxiliassem para formar melhor o meu juizo sobre as antiguidades ali encontradas; emprehendi novos trabalhos de investigações em duas differentes localidades, uma a 8 kilometros ao norte d'aquella cidade, na estrada que conduz a Caminha, no monte que domina a aldeia de Affife; e a outra na margem esquerda do rio Lima, no monte de S. Roque.

As excavações que mandei fazer no monte situado em Affife, no qual se me depararam construcções tambem circulares e elypticas, com eguaes dimensões das que encontrára nas outras casas do monte de S.ta Luzia, assim na grossura das paredes e das muralhas, como na qualidade e feitio dos vasos extrahidos em fragmentos da terra vegetal, que entulhava essas antigas construcções na altura de 0m,92. Tive a fortuna de achar duas peças de cantaria, lavradas em bello granito na forma de ziguezagues, de regular contorno, com a particularidade de *estar inteira a pedra e intacta a ornamentação*, com as seguintes dimensões: comprimento 1m,98, largura 0m,64 e grossura 0m,33. A outra peça de egual qualidade, mas de forma cubica de 0m,28, tem n'uma das faces um florão, representando a *Cruz Gamata*, o mais venerando symbolo da religião Aryanna, como vem demonstrado na obra de Burnouf: *A sciencia das religiões*, pag. 256. Sobre estes ornamentos reservo-me para depois fazer algumas considerações, que talvez poderão convencer-vos; deixando comtudo á vossa illustrada intelligencia avalial-as como ellas merecerem.

Este monte tem um terço da elevação do de S.ta Luzia, e a superficie occupada pelas suas antigas construcções é mui limitada em comparação das que existem n'aquelle monte, estando hoje o terreno coberto por um pinheiral.

Pelo contrario, o monte de S. Roque não tem uma unica arvore, a sua elevação é superior ao monte de S.ta Luzia, e a superficie que apresenta no cume, talvez seja quatro vezes maior da do monte de Affife.

Ha, n'estas ruinas, uma cousa bastante notavel, é que nos quatro cabeços collocados n'este monte, apparecem muralhas que circundam cada um d'elles, dentro das quaes estão as ruinas das casas circulares, ovaes e quadrangulares; e esta circumstancia tambem nos poderá induzir ácerca da sua remota origem.

As construcções das paredes e grossuras, são similhantes ás outras de S.ta Luzia e Affife: o que nos certifica terem sido fabricadas pelo mesmo povo, seguindo-se um constante systema ou plano.

Os fragmentos de louça de barro ao torno, os fundos de amphoras, quebrados, tudo similhante no seu feitio e qualidade, ao que appareceu nas outras ruinas; e pedaços de ferro e carvão dentro da terra vegetal, na profundidade de 1m,6.

Achei tres *Menhires;* vestigios de dois Cromlechs; porém nenhum Dolmen.

Ha uma cavidade debaixo de um penedo, onde se vêem alguns degraus em cada um dos seus dois lados. Consta por tradição, que elles conduziam a grande profundidade; porém os rapazes encheram a cavidade de pedras, que lançavam com força para lhes ouvir o som reproduzido pela queda, por modo que agora estão unicamente quatro degraus apparentes. Conforme a crença do vulgo, era ali a residencia da *Moura encantada.* Eu attribuo este vestigio a mina explorada pela povoação, afim de lhe aproveitar o barro, e á proporção de o irem extrahindo augmentavam os degraus.

Outro vestigio de algum interesse vem a ser, saber-se que houvera uma forja em outro ponto do monte, com a vantagem de estar na proximidade de uma nascente.

N'uma das casas quadrangulares, que mandei tambem desobstruir da terra, encontrei quasi ao centro uma singular fornalha, rente do chão, cuja lareira era formada de tijolos, apresentando de um lado um bordo saliente; e no extremo, para a parte interna da casa, havia um espaço circular, que talvez fosse o logar que devia occupar a marmita. Estas casas de configuração angular, teem escoante para o nascente, onde devia ser a entrada.

Quasi no meio da planura, que separa os cabeços do monte, ha um môrro artificial, que tem a apparencia de tumulo, como se fosse um galgal, conforme os dispunham as raças antigas; e foi decerto collocado ali com premeditado designio, pois a terra de que está formado não é da mesma qualidade da que foi encontrada dentro das ruinas das casas; nem n'aquella elevação e entre os penedos, ha nenhuma assim. Mandei abrir dois córtes perpendiculares de 3m,52 de altura e 9m,0 de comprimento, sem encontrar cousa alguma! Pensei sobre qual seria o motivo de tal formação no meio do monte, e occorreu-me que talvez servisse de base a alguma pyra na occasião das incinerações dos cadaveres; pois sendo todo o monte calcario, a acção violenta do lume no solo devia necessariamente alterar a superficie, e para evitar o inconveniente de envolver a parte calcinada com as cinzas do finado, formariam o môrro para a ceremonia funerea. Emquanto ás cinzas e ao carvão dos combustiveis, o decorrer dos seculos não podia deixar ali vestigios de especie alguma.

Se por ventura esta minha conjectura tiver fundamento, muito mais importancia se dará a este descobrimento, pois que será a primeira coisa que em Portugal se conheça para similhante applicação.

Não se pode duvidar de que as ruinas existentes sobre os montes nas tres differentes localidades, nos indicam duas épocas distinctas; uma, mais remota, como provam as casas circulares, e ovaes, e os lavores no granito; a outra, menos remota, é decerto do tempo da occupação romana, como o estão indicando as construcções das casas quadrangulares, os fragmentos de barro, e as medalhas.

A distincção que faço entre estas construcções, que appareceram nos montes de S.ta Luzia, Affife e de S. Roque, são tão evidentes, que se não póde hesitar em as qualificar segundo o seu genero, por esta forma: As casas circulares e ovaes, apresentando pedras todas de egual dimensão, com angulos rombos, e assentes sem argamassa, com as paredes de egual grossura, são de uma época mais antiga; emquanto que as que pertencem ás casas quadrangulares e facceadas, assentes em argamassa, e com paredes de quasi dupla grossura das casas circulares, posto que as dimensões sejam aproximadamente eguaes, deve suppor-se que as podemos collocar n'outra época, procedendo de outro povo.

Mas qual seria a raça, que preferiu a forma circular e oval, n'estas construcções encontradas sobre os tres montes situados em diversos logares da provincia do Minho? Procuraremos explicar este obscuro ponto, com o auxilio dos sabios que teem consumido a sua vida e despendido as suas vigilias, no estudo das antiguidades, dos usos e costumes das raças que existiram no occidente da Europa, e habitaram a Lusitania.

A adopção das formas circulares para as construcções das casas, nas quaes se necessitava de maior trabalho, e se desperdiçava muito material na structura das pedras de egual tamanho, foi sem duvida resultado de preceito poderoso, que subordinava a um determinado typo as edificações; e esse preceito por ventura não haveria outro mais poderoso, senão fundado em crença religiosa.

Os mais insignes archeologos estão d'accordo, em que os celtas davam grande importancia á *figura do circulo*, como a representação symbolica do que mais veneravam. Não só destinavam os recintos dos Cromlechs para a reunião de suas assembléas, mas collocavam os tumulos sob a protecção dos circulos; e os cadaveres eram postos tambem n'um circulo de cinzas que purificava a terra. Além d'isso, nos monumentos esculpidos dominavam sempre as figuras circulares, simples ou duplas, as elypses, as espiraes envoltas indeterminadamente umas nas outras, ou desenvolvidas, ou representando linhas serpejantes, curvas, multiplices, etc. D'essas fórmas existentes nos tumulos mais importantes da época dos Dolmens, d'aquelles que fixam o tempo mais notavel do dominio d'esta raça, acharemos a origem mysteriosa na mythologia celtica, que se acha definida na acreditada *Obra do bispo irlandez Cormac*: portanto, o conhecimento da tradição mystica, é já de grande auxilio para formarmos uma hypothese acaso bem fundada, relativamente ás ruinas das casas circulares e ovaes, nas quaes fizemos investigações: e diremos que ellas pertenciam aos descendentes da raça celtica, e foram edificadas sob a protecção d'uma imagem celeste. Porém, ainda temos outro testemunho mais positivo, que nos mostrará a verdadeira origem d'essa fé herdada dos seus primitivos ascendentes; e por consequencia, não nos apoiâmos unicamente na tradição, mas iremos aos emblemas esculpidos no granito, evidentemente durante o predominio d'essa raça no solo da Lusitania. Aqui ficou igualmente assaz assignalada a sua existencia, no modo das separações bem distinctas, das habitações de cada familia e seus descendentes; como o manifestam tão evidentemente, as differentes divisões das muralhas nos quatro cabeços situados em um mesmo monte, como já referimos: particularidade esta bem caracteristica das idéas e das tradições, que os celtas conservaram até ao derradeiro dia da sua independencia.

O descobrimento da cantaria esculpida em Affife, no systema ornamental de linhas que se entrelaçam, como o symbolo da *serpente druidica*, o emblema do *Ser Infinito*,[1] similhante ás esculpturas que nos outros paizes foram encontradas nos monumentos megalithicos; nos mostrará, n'esta pedra que ficou soterrada por tantos seculos, o segredo da origem dos constructores das ruinas achadas nos tres montes já mencionados; e convencer-nos-ha pelo seu *lavor*, que foi esse o povo que executou aquelles trabalhos. Tambem nos parece que acertámos com a origem d'essa antiga raça, porque nas ditas ruinas temos ainda outro importante emblema esculpido: qual é a *Cruz Gammata*, swastika, o symbolo religioso do fogo (Agni), dos Aryas[1], perfeitamente representado. Este precioso achado, vem-nos confirmar na época da sua execução, porque este emblema principiou a ser conhecido na Europa no principio da *edade do ferro*, assim como o uso do torno para o fabrico da louça de barro: portanto esta esculptura nos indica pertencerem as ruinas á época de transição da edade do bronze para a do ferro. Esta supposição se tornará ainda mais positiva, logo que se venham a descobrir as Necropoles pertencentes aos habitantes d'estas antigas construcções; porque se encontrarão nas suas sepulturas instrumentos caracteristicos d'essa edade. Consulte-se a excellente obra de Mr. E. Chantre, pag. 278. Podemos portanto, com fundada confiança, ao que se me afigura, assegurar que as construcções de fórma circular e ovaes, são executadas pelos descendentes da raça celtica; d'aquelles que pela segunda vez invadiram o occidente da Europa, e vieram estabelecer-se na fertil provincia do Minho: o que fica confirmado pelo emprego, não interrompido, das mesmas figuras symbolicas, ou ornamentaes, achadas n'estas ruinas.

Permitta-se-me (já que citamos a mythologia d'este povo) talvez com sobeja ousadia, que dêmos a etymológia da palavra *Anta*, derivada do nome da Divindade celtica, *Danaun*, a mãe dos deuses. O povo d'esta raça tinha adoptado uma denominação singular, intitulando-se descendente da raça dos deuses de *Dana*, como tão doutamente foi explicado na obra do barão de Eckstein; e sendo conhecidos estes antigos habitantes da peninsula com tal designação, ésta foi pouco a pouco alterando-se na pronuncia com o correr dos seculos (como aconteceu a muitos outros nomes do mesmo idioma), de maneira a designar-se, que quem construiu os Dolmens, seria a raça dos d'Antas (os celtas), e os seus monumentos seriam conhecidos pelo nome *Anta*.

Atrevo-me ainda a fazer outra conjectura. Por ventura a esculptura de granito representando uma mulher, descoberta em Citania, em certa attitude, não póde parecer que fosse apropriada á imagem da *Mãe que gerou os deuses*, dos quaes os celtas pretendiam descender?

Não seria natural que no primeiro trabalho de uma estatua, elles representassem o que tivessem de maior veneração?

Resta-me explicar porque se encontram casas quadrangulares, entre as ruinas das construcções das outras casas circulares.

Notarei primeiramente, que essas casas apparecem em limitadissimo numero, e a fórma da sua

[1] Veja-se a obra de Burnouf — *La Science des Religions*, pag. 256.

[1] Veja-se a *Religião dos Gaulezes*, liv. 1.º cap. XXIII.

construcção é muito diversa; ficando alinhadas em determinada direcção, com a frente para as ruas calçadas. As casas circulares estão dispostas o mais irregularmente possivel, não guardam os intervallos entre si, com determinada largura, e esses espaços não são calçados. Ora os fragmentos das amphoras, as medalhas e os adobos, indicando-nos a occupação romana. A rasão de se terem construido taes casas na proximidade das mais remotas construcções, seria porque destinassem essas casas quadrangulares ao alojamento de soldados, que deviam vigiar pela segurança dos seus camaradas estabelecidos nas planicies, depois que as cohortes se apoderaram d'aquellas eminencias; tendo primeiro aniquilado os habitantes, e destruido tudo o que lhes pertencia, conforme consta da historia.

Não pretendo que a minha humilde opinião ácerca de tão difficil assumpto, seja imposta e incontestavel, e não esteja sujeita a fallencia; mas como a archeologia se acha ligada á historia, e cada descobrimento corresponde muitas vezes a um facto historico, de inducção em inducção podemos chegar ao exito desejado. Das conjecturas mais ou menos fundadas, sae acaso a verdade; e a sciencia, Senhores, deixa a vitalidade, e vae ao bronze, ao ferro, ao marmore e ao fundo da terra, aos vestigios do que existiu e ás fórmas do que permanece, perguntar tudo o que deseja saber, os factos mais difficeis e mais complexos. No entretanto, Senhores, compete-vos avaliar as considerações que tenho a honra de submetter ao vosso elevado criterio, e á vossa reconhecida perspicacia; e julgar-me-hei feliz se os meus constantes trabalhos e esforços, forem dignos do vosso apreço, e proveitosos para o engrandecimento do nome d'esta Real Associação.

J. P. N. da Silva.

OS DOLMENS SÃO OU NÃO SÃO SEPULTURAS?

Na sessão de 27 de fevereiro ultimo, do *Instituto anthropologico* da Gran-Bretanha, leu o sr. M. J. Walhouse, uma memoria sobre os *monumentos de pedra bruta não sepulchraes*.

N'esse trabalho, reune o sr. Walhouse alguns exemplos, e muitas observações que lhe são peculiares, a respeito dos cairns, cromlechs, circulos de pedra, e outros monumentos megalithicos que não podem ser considerados como sepulturas. E sustenta, que bem longe de podêr admittir tal caracter funerario, nos dolmens abertos pelos lados, como os de Pikscoty-House, de Rollright e de Prewsteington, está persuadido de que elles devem ser assimilhados ás construcções identicas, que ainda hoje se usam na India, como *templos primitivos, pedras consagradas*, ou *simulacros*.

A extravagancia das theorias druidicas, e draconcienses, a respeito dos monumentos megalithicos, tem feito com que presentemente se não queira ver n'estes vestigios archeologicos, outra coisa que não seja sepulturas.

Isto que se lê no n.º 6 dos *Matériaux pour l'Hist. prim. et nat. de l'homme,* do corrente anno, abona muito decerto, o que escrevi n'este jornal, no artigo sobre os dolmens (a pag. 166 do n.º 11, julho de 1876): «A opinião mais geralmente seguida entre os archeologos, é a de que os dolmens são monumentos sepulchraes. Ha porém quem duvide, e se eu podesse ter opinião em tal assumpto, talvez me inclinaria a duvidar tambem.»

Ora, a opinião do sr. Walhonse póde ser perfeitamente applicada ás nossas antas, nas quaes se não encontram vestigios de sepultura; e coincide admiravelmente com a do nosso antiquario Mendonça de Pina, que fundado na etymologia do vocabulo *Anta,* que póde ser hebraico, presumia os dolmens como *pedra* ou *altar* consagrado. E n'esse caso seriam d'origem semitica.

S. V.

OS TALAYOTS

CONSTRUCÇÕES PREHISTORICAS

I.—Entre as construcções megalithicas, attinentes ás epocas prehistoricas, são umas das mais affamada os *talayots*.

Tem alguma similhança na forma com os *nurhagas* da Sardenha e da Sicilia, e com os *cairns* da Escocia; construcções gigantescas, de que não são escassos os especimens ainda em outras regiões.

II.—São os *talayots* uns amontoados de pedras colossaes, da configuração de cones troncados, com a base maior no solo e a menor no cimo. Nas primeiras fiadas, são as pedras enormemente cyclopeas nas fiadas médias, menos gigantescas; e nas fiada superiores, menos volumosas.

Sobrepostas umas ás outras, com a configuração que lhes dera a natureza, nenhum cimento as liga e une; e tem n'isto o cunho geral das construcções primitivas, immediatas á vida troglodytica. Ha no entanto algumas pedras, n'alguns *talayots*, lavradas nas juncturas apenas.

III.—As bases d'estas construcções megalithicas são geralmente ovaes. Ha-as no entanto circulares; e até algumas d'ellas quadrilateras, ainda que em numero limitado.

Alguns *talayots* tem 80 metros de circumferencia na base maior, e 40 na base menor. Na altura, elevam-se a 10 metros. Não são no entanto hieraticas estas dimensões: ha uns maiores, e menores outros.

IV.—São em geral massissos os *talayots;* e uns d'elles com rampas no exterior, e outros sem ellas.

Uns dos *talayots* estão erigidos sobre covas naturaes, e outros não — assentando no plano do solo.

Ha *talayots* que formam habitações circulares, havendo-os egualmente com uma galeria simples ou bifurcada, com cellulas aos lados.

V.—Não estão estudados ainda com minuciosidade cabal os *talayots:* e não se conhece por isso com

exactidão, qual o destino d'estas construcções primitivas de pedras enormes.

Em nenhum dos destruidos atégora com o alvo de se estudarem n'este intuito, foi achada sepultura alguma, nem vasos alguns, nem armas algumas, nem outros objectos d'uso pessoal.

N'algumas das suas immediações, tem apparecido a pouca profundidade, algumas moedas celtibericas, algumas armas de bronze, algumas amphoras romanas, e alguns artefactos d'epochas posteriores ao povo-rei.

VI.—Ao pé d'alguns *talayots*, tem apparecido ainda alguns *dolmens*, a que os nossos maiores davam o nome *'antas*, com que designavam tambem outros monumentos consimilhantes.

Não é por isso desarrasoada a opinião dos archeologos, attribuindo a erecção dos *talayots* ás epochas celticas. É ao menos a impressão natural do seu aspecto cyclopeo, no animo de quem os examina.

Na ilha de Minorca, nas Baleares, contam-se assim uns 200 ao menos.

VII.—Nas regiões arcticas, exploradas em nossos tempos mais d'uma vez por argonautas corajosos, ha simulacros dos *talayots* nos amontoados de pedras, que elles alli tem erigido á larga.

São no entanto arremedos apenas estes agglomerados, erigidos alli para resguardarem da voracidade dos ursos as provisões, e para delinearem ao mesmo tempo nos gelos a rota das viagens.

(Braga).

Pereira Caldas.

A AGULHA DE CLEOPATRA

É sabido que este monumento de antiguidade egypcia, foi dado de presente á Inglaterra; e trata-se agora dos meios de o remover do sitio onde jaz ha seculos, perto d'Alexandria, e transportal-o para Londres.

Mr. John Dixon, o engenheiro encarregado d'esta remoção, deu ha pouco uma prelecção perante a sociedade dos engenheiros civis e mechanicos de Londres, sobre os meios que elle pretende adoptar para o transporte; e o seu plano para erigir o monolitho em Londres.

O sr. Dixon disse pois, que as dimensões exactas d'esta pedra são: comprimento, ou altura, 69 pés inglezes ($21^m,03$) com uma base quadrada de 7 pés, ou $2^m,13$ por banda.

Quando ha 10 annos o sr. Dixon se achava no Egypto, observou elle que o monumento se achava então quasi totalmente enterrado na areia; mas depois d'essa epoca tinha elle sido desobstruido, e hoje a maior parte se acha a descoberto.

Dois dos lados ainda conservam o polimento original, porém os outros dois acham-se bastante gastos pela acção do tempo.

Comtudo ainda é facil, para quem os entende, decifrar os hieroglyphos que lhe ornam as faces e que teem cada um 2 a 3 pés ($0^m,61$ a $0^m,91$) de fundo.

As pedreiras de Syene, d'onde se presume que foi extrahida esta pedra, e todas as mais similhantes, acham-se a uma distancia de 800 milhas pelo Nilo acima; e ali se achava um outro monolitho de maiores proporções, ainda por acabar.

O granito n'estas pedreiras parece compôr-se de camadas de grande extensão, sem apresentar uma só fenda ou solução de continuidade, e n'estas circumstancias seria possivel extrahir d'ali massas de pedra de tres vezes o comprimento da *Agulha*.

Disse o sr. Dixon, referindo-se á historia d'este monumento, que elle data do tempo de *Thotmes III*, 1463 annos antes de Christo; foi erigido em Thebes por este rei, e os hieroglyphos que elle mandou gravar nas 4 faces, descrevem os feitos e virtudes d'aquelle soberano, omittindo prudentemente toda e qualquer relação dos seus vicios.

Diz-se que esta pedra arrematava com uma ponta de oiro, porém se assim foi em remotas eras, não existe agora indicio algum d'isso.

Foi este obelisco removido posteriormente, e por ordem de *Rameses*, para adornar a sua capital, e fez lhe elle gravar duas linhas de caracteres, cujo sentido não importa nada digno de menção. Aqui ficou o monumento até cerca da era de Christo, d'onde o removeram os romanos para Alexandria, que havia sido fundada uns 300 annos antes, e onde o monumento ornava uma das portas de mar da cidade.

Não se pode bem saber como é que o monumento veiu a ser derrubado, como elle hoje se acha; suppõe-se que seria para se apropriarem das tartarugas de bronze que formavam uma parte do seu pedestal.

Durante a occupação do Egypto pelos francezes, fizeram estes transportar grande quantidade de preciosidades antigas para Paris, e faziam-se preparativos para levarem tambem a *Agulha*, quando a chegada das tropas inglezas obrigou aquelles a retirarem-se apressadamente. Em seguida a isto, os inglezes tambem trataram da remoção do historico obelisco, porém tendo as auctoridades militares feito alguma opposição ao projecto, foi elle abandonado; fixando comtudo os inglezes, na base do monumento, uma chapa de bronze onde se memorava os esforços que se haviam feito—chapa esta que os arabes em breve se encarregaram de fazer desapparecer, para naturalmente a reduzirem a dinheiro.

Mr. Dixon fez então ver, quanto tem feito o cavalheiro que agora se encarregou de pagar todas as despezas da remoção do monumento até Londres; e dos passos que deu para obter de Mehemet-Ali uma renovação ou confirmação da sua dadiva; e a conclusão satisfatoria de todas as negociações. Em seguida expoz o seu plano de transporte.

Desde o ponto onde o monumento se acha, perto da agua, tem a praia tão pouco declive, que será impossivel embarcal-o directamente sobre qualquer navio.

Propõe mr. Dixon construir um cylindro de ferro immediatamente á roda do monolitho, na forma de uma enorme caldeira, dividida em compartimentos vedados hermeticamente uns dos outros.

Feito isto, desobstruir-se-ha a areia convenientemente, e este enorme cylindro seria *rolado* pela praia abaixo e posto dentro de um *lanchão*, o qual em seguida seria levado ou rebocado a uma doca secca. N'este recinto seria o cylindro transformado, por assim dizer, em um navio navegavel, adoptando-lhe um leme, sobrepondo-lhe um convêz provisorio e mastros; d'esta maneira, e alastrado convenientemente, suppõe mr. Dixon que teria um navio perfeitamente seguro e navegavel, cujas dimen-

sões seriam uns 90 pés ($27^m,44$) de comprimento e uns 15 pés ($4^m,60$) de largura.

Tomar-se-hiam todas as precauções para se não deteriorar de modo algum o obelisco, ou seja por qualquer embate ou collisão, ou pelo embate das ondas.

Chegado assim este navio ao Tamisa, propõe mr. Dixon de o fazer passar, na maré alta, a um andaime ou jangada fixa pela parte exterior do aterro do Tamisa; e logo que a maré tiver deixado o cylindro em secco, operar a sua elevação gradualmente por meio de prensas hydraulicas, que levantariam cada ponta alternadamente algumas polegadas, introduzindo-lhe vigas de madeira até que assim chegasse ao nivel da estrada; e uma vez attingido este ponto só seria necessario *rolar* o obelisco até o ponto destinado á sua collocação definitiva, e ahi se lhe deslocaria o cylindro protector. Em quanto ao seu plano para erigir o monumento, seria esse o mesmo que pretende adoptar para o fazer chegar a terra firme, isto é, fazer levantar gradualmente a pedra por meio de prensas hydraulicas e introducção de vigas de madeira. Porém antes de tudo, fará guarnecer o obelisco pelo seu centro com uma forte guarnição (ou collete) de ferro, tendo duas projecções dos lados, como os munhões de um canhão, e n'estes uma forte argola.

Levantado o monumento horisontalmente á altura conveniente, seria retirada uma parte do madeiramento *(échaffaudage)*, e o monumento facilmente girando sobre os dois munhões, cahiria sem difficuldade no seu logar.

Mr. Dixon não tem a menor duvida sobre os bons resultados do seu plano, caso elle se leve á execução.

(*Building News*, Março 23).

N. B. Dizem os jornaes inglezes de 18 de maio que mr. Dixon já se acha de posse da *Agulha*, e as ultimas noticias de Alexandria affirmam que já começaram as operações de remoção, sob a direcção de mr. Dixon.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

No dia 16 de julho ultimo, foi celebrada a sessão solemne annual da nossa Associação. Por ausencia de Sua Magestade o sr. D. Fernando, Presidente honorario, e por motivo de serviço publico do sr. Ministro do Reino, que o impediu d'assistir a ésta sessão, conforme s. ex.ª se dignou de participar; presidiu á sessão o sr. Ministro da Marinha e Ultramar. S. ex.ª entregou ao sr. Conselheiro Feijóo a Medalha de prata, que a nossa Associação lhe conferira, pela diuturnidade e distincção dos seus serviços docentes, por muitos outros praticados na nossa Associação, e em especial pela sua importante Memoria sobre as abobadas ogivaes do nosso paiz, particularmente as d'Alcobaça, lida em sessão publica da nossa Associação; e que esperâmos nos será permittido publicar no nosso Boletim.

N'esta sessão foram lidos: o Relatorio dos nossos trabalhos, durante o anno decorrido; o Elogio historico elaborado pelo sr. Callado, do nosso consocio fallecido, o sr. Feliciano de Sousa, cujo retrato foi inaugurado n'essa mesma occasião, conforme o estylo da nossa Associação; e pelo nosso presidente a Memoria que fica transcripta a pag. 40, e a seguinte

ALLOCUÇÃO

Senhoras e Senhores:

Tenho ainda este anno a grande honra de vos saudar d'este logar, occupando-o não por merecimento proprio, mas tão sómente pela extrema benevolencia dos dignos socios d'esta Real Associação; cabe-me egualmente com intima satisfação, o dever de vos expôr o progressivo desenvolvimento d'este scientifico instituto, no decurso de treze annos da sua existencia.

Como é natural em tudo que nasce (embora venha de fecunda origem), temos tido que luctar com obstaculos, que sempre se encontram no alvorecer de uma creação; e só constantes desvelos, só assiduos trabalhos e sacrificios sem numero, poderiam aplanar difficuldades, vencer atritos, para que adquirissemos certa robustez, e conseguissemos colhêr alguns fructos já sasonados e uteis. Mas, quando se vae obtendo tão proficuo resultado, não só estão nobilitados já aquelles que o alcançam, como elles vêem jubilosos coroados affim os seus esforços, por essas mesmas vantagens realisadas. Este exito será tanto mais lisongeiro, quanto mais elle reverter em proveito e gloria da patria.

Tendo-se fundado esta Associação com apenas 14 socios architectos, no decurso do primeiro anno já faziam parte d'ella 71 cavalheiros illustres pelo seu nascimento, e pelo seu saber.

Pouco depois inaugurámos aqui um curso de Stereotomia, e outro de chimica applicada á economia domestica.

Augmentou-se a importancia dos nossos conhecimentos, estabelecendo conferencias ácerca da arte monumental dos povos da antiguidade, e entrando na comparação da architectura ogival entre os diversos paizes da Europa, onde ella mais floresceu. Distribuiram-se em seguida premios aos frequentadores, que mais se haviam distinguido n'esses estudos.

Reconhecendo-se a urgente necessidade de se evitar a vandalica destruição dos antigos objectos artisticos nacionaes, fundou-se um museu archeologico n'este memoravel edificio, infelizmente ainda em ruinas no coração da capital: e n'este museu avultam já as collecções, que hoje contam mais de 1:600 objectos, entre estes alguns que podemos considerar raros, e de importante valor para a sciencia.

Á primeira exposição internacional, que houve em Portugal, na cidade do Porto, concorreu esta Associação com os seus trabalhos, e obteve uma medalha de prata.

S. M. o Imperador do Brazil, a primeira visita que se dignou fazer em Lisboa aos estabelecimentos scientificos, no seu regresso do Egypto, foi a esta Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, louvando a sua iniciativa, e a escolha para museu d'estas ruinas em que o estabelecemos.

Concorrendo á Exposição Universal de Paris, em 1867, ahi nos foi conferida a grande medalha, pelos importantes objectos archeologicos que apresentámos n'aquelle certamen.

S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz houve por bem conceder á nossa Associação o titulo de — Real — dando-nos assim um testemunho do apreço que lhe merecem a utilidade, patriotismo e fins do nosso Instituto.

As associações estrangeiras de maior celebridade entabolaram relações de amisade e scientificas, com esta Real Associação: e numerosos architectos e archeologos dos mais afamados de França, Italia, Inglaterra, Allemanha, Dinamarca, Russia, Hollanda e Estados-Unidos da America, acceitaram agradecidos o titulo de nossos socios correspondentes.

S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia, acompanhada de seus augustos filhos, dignou-se visitar o nosso museu; e querendo demonstrar a sua satisfação, fez-nos a insigne honra de offerecer-nos um quadro com a sua augusta effigie.

Tendo alguns dos nossos dignos socios desempenhado importantissimos serviços com publicações de architectura e de archeologia, esta Associação mandou abrir um cunho para medalhas, para lhes serem conferidas as distincções, a que tinham direito pelo seu reconhecido merecimento. Para se tornar mais solemne este facto, S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando, nosso Protector e Presidente Honorario, dignou-se entregar pessoalmente as tres medalhas aos laureados; e para commemorar a sua presença n'este acto solemne, offereceu-nos o busto em marmore da sua augusta pessoa.

Na ultima Exposição Universal de Philadelphia, foi tambem contemplada esta Real Associação com uma medalha de prata, pelas suas publicações artisticas.

O numero dos cavalheiros inscriptos como socios nacionaes, até ao presente, é de 169; e o dos estrangeiros, de 47.

Tereis ainda hoje, senhores, e nós todos, a satisfação de ver apreciado e galardoado o verdadeiro merito e o talento, na pessoa d'um laureado. Reunindo esses preciosos dotes, e em subido grão, o nosso distincto collega o sr. conselheiro João Maria Feijó, esta Real Associação votou-lhe por unanimidade uma medalha de prata, pelo seu reconhecido merito em architectura civil, e pela sua excellente Memoria ácerca da construcção das primitivas abobadas da egreja monumental de Alcobaça. Esta medalha vae ser-lhe entregue pelo ex.^mo ministro e secretario d'estado, que preside hoje a esta solemne reunião, conforme o desejo manifestado por S. M. El-Rei o Senhor D. Fernando. Sei, senhores, que s. ex.ª desejando sempre honrar o merito e a intelligencia dos seus compatriotas, e anhelando as occasiões de demonstrar publicamente o apreço que se deve dar aos estudos das Bellas Artes, estimou muito ser encarregado por S. M. de distribuir por sua propria mão esta medalha; tanto para maior consideração com o socio laureado, como por ter a satisfação de galardoar n'elle o progresso scientifico que tanto promette desinvolver-se em Portugal. Queira portanto s. ex.ª receber os nossos profundos agradecimentos, e a nossa sincera confissão de quanto ficamos lisonjeados por haver sido s. ex.ª escolhido para distribuir esta honorifica distincção.

Resta-me ainda, senhores, pedir-vos desculpa por esta recapitulação de nossos trabalhos, rogando-vos que acceiteis os nossos agradecimentos pela amabilidade que tivestes em vos dignardes assistir a esta sessão solemne dos architectos civis e archeologos portuguezes.

O Presidente,

J. P. N. da Silva.

O Conselho Facultativo, tomando em muita consideração as descobertas feitas no monte de Santa Luzia, cerca de Vianna-do-Castello, no mez d'abril ultimo; e d'accordo com a deliberação da assembléa geral; entendeu, que deveriam ser applicados cem mil réis para auxilio da conveniente exploração: e que se por qualquer motivo, essa applicação não se realisasse, que podessem ser auxiliadas com essa quantia, outras explorações da mesma natureza; algumas das quaes foram indicadas.

O nosso presidente deu conhecimento ao Conselho Facultativo, d'haverem sido descobertas, pelos fins d'agosto ultimo, dez sepulturas archaicas na vertente do monte de S. Roque; e que parece deverem attribuir-se aos povos que habitaram as casas

circulares em ruinas, d'aquelle monte; e de que trata a Memoria, que se lê n'este numero do nosso BOLETIM.

Recebeu-se do nosso socio correspondente, o sr. Power, vice-consul da Russia em Gibraltar, a offerta para o nosso Museu, de tres ballas de pedra, achadas no campo da celebre batalha do Salado; e dois turbantes de marmore branco, tirados d'uns tumulos musulmanos, que se attribuem a descendentes de Mahomed, porque só a estes era permittido tal distinctivo em seus tumulos.

Sua Magestade o Imperador do Brazil, dignou-se de visitar o nosso Museu em 29 do mez findo (agosto), pelas 8 horas da manhã. Foi recebido por alguns membros da Mesa da nossa Associação, e demorou-se pelo espaço de duas horas, examinando minuciosamente tudo o que mais lhe prendia a attenção. Notou o desenvolvimento do nosso Museu, depois da sua primeira visita em 1873; e lamentou que ainda estivesse por cobrir, e descurado, um monumento historico de tamanha importancia, como é o edificio em que o Museu se acha estabelecido. O Imperador deixou-nos escripto por seu punho, não só o seu nome, mas o dia e a hora da sua visita; e por distincção, presenteou a nossa Associação com o seu retrato, esplendidamente photographado em Paris, e entregue ao nosso presidente pelo sr. visconde do Bom-Retiro.

Foi entregue á nossa Associação, o diploma e a Medalha, que lhe foram conferidos na Exposição Universal de Philadelphia, 1876, pelos nossos trabalhos archeologicos. O nosso socio e presidente, sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, recebeu tambem duas medalhas, pelas suas investigações e descobertas d'archeologia.

Recebeu-se do nosso socio correspondente, sr. H. Revoil, architecto, o seu discurso de recepção na Academia das Bellas-Lettras, Sciencias e Artes, de Marselha, em 4 de fevereiro do corrente anno.

Recebeu-se do sr. Marquez de Croizier, auctor do *Etude sur l'art et les monuments de l'ancien Cambodge (L'Art Khmer)*, um interessante opusculo: *La Perse et les Persans*. Paris, 1873.

Receberam-se todos os jornaes estrangeiros do costume, até aos primeiros dias do corrente mez (setembro), e mais: o jornal hispanhol, *Cadiz (Artes, Letras, Ciencias)*, n.º 11; e o jornal portuguez, *A Borboleta*, n.º 22.

NOTICIARIO

Achou-se ultimamente em Athenas, no templo de Apollo, um altar consagrado por Pisistrato, neto do tyranno do mesmo nome. A authenticidade d'esta curiosa descoberta, não pode ser negada, porque o altar contém mui legivel, a inscripção que foi exactamente citada pelo historiador Thucydidas.

A expedição da Palestina, de que já démos conhecimento aos leitores do nosso BOLETIM, depois de haver explorado no Sul as regiões transjordanicas; subiu n'este anno ao Norte, para a Samaria, Judêa, Galilêa e Phenicia. Na Galilêa descobriu duas synagogas e quatro dolmens, que nenhum dos precedentes viajantes havia mencionado.

Um jornal francez *(La Nature)* diz que a França possue hoje o monumento mais alto do mundo: é a *flecha* de ferro fundido da Sé de Rouen, terminada nos ultimos mezes do anno passado (1876). Os planos haviam sido executados em 1822 por M. Alavoine. Os trabalhos começaram em 1829, foram interrompidos em 1848, e recomeçados e concluidos por uma vez, no anno ultimo. A altura d'aquella *flecha* metalica é de 150 metros. A *flecha* dourada dos Invalidos, que é o monumento mais alto de Paris, tem 105 metros acima do solo.

O canal que põe em communicação directa a cidade de Amsterdam com o mar do Norte, aberto já este anno, custou onze annos de trabalhos, e réis 9.000:000$000. Mas esta somma poderá ser reduzida a metade, se descontarmos a importancia dos terrenos vendidos, em resultado dos aterros praticados no golpho que o canal atravessa, n'uma extensão de 25 kilometros, com 63 metros de largura. Os trabalhos foram dirigidos por engenheiros inglezes, assim como os do porto de Ymuiden na foz do Y, que está proximo de concluir-se.

Novamente se tracta d'abrir um canal entre os mares Negro e Caspio. O Sr. Spalding, engenheiro americano, apresentou ultimamente o seu projecto ao imperador da Russia.

Começa a usar-se nos caminhos de ferro dos Estados-Unidos, um novo pharol de segurança denominado: *relampago de luz*, para evitar os embates dos comboios da rectaguarda, nos trens que marcham na vanguarda. Quando a obscuridade é grande, ou muita a chuva, ou a neve, os pharoes communs de luz vermelha, não podem vêr-se a distancia conveniente para fazer parar a machina a tempo. O relampago de luz *branca*, avista-se porém de muito longe, apesar da escuridão. Parece-nos que este novo invento poderia ser de grande proveito, applicado aos navios, especialmente movidos por vapor.

Por meio d'apparelhos electricos, é possivel hoje transmittir telegraphicamente, o fac-simile d'uma escriptura, ou o profil de um retrato, ou um quadro. Julgou-se isto o maior triumpho, que a telegraphia electrica poderia alcançar. Repentinamente porém, apparece nova invenção, pela qual o som, o tom, a

musica, as articulações do orgão da palavra, os ruidos mais fortes ou mais fracos, podem transmittir-se telegraphicamente tambem, distinctos e com clareza, á distancia de centenares de milhas! Isto consegue-se por meio d'apparelhos de vibração, inventados pelos professores Elisha Gray, de Chicago, e Bell, de Boston, nos Estados Unidos. Em abril ultimo, fizeram-se differentes experiencias d'esse *telephono*, entre Steinway e Philadelphia, na distancia de mais de 90 milhas; e (diz-se) com o mais admiravel exito. Julga-se que brevemente será submettido ás praticas publicas.

No theatro imperial de *Dresde*, procedeu-se proximamente a um melhoramento que julgamos notavel, e digna de ser estudada a sua utilidade.

Estabeleceu-se n'aquelle theatro uma cortina metallica movel, que tem por fim isolar a scena da sala do espectaculo em caso de incendio.

A cortina tem uma construcção especial de systema novo, compõe-se de pequenas laminas de aço onduladas, tendo $0^m,070$ de largura, e $0^m,045$ de altura.

Com esta nova invenção, diz-se que fica a sala ao abrigo do fogo, e que o proprio fumo não póde lá penetrar.

A cortina de que damos noticia tem $12^m,50$ de altura e $14^m,50$ de largura.

Agora que se pensa em obras no nosso theatro de canto, seria talvez occasião de estudar o objecto.

Trata-se de elevar um monumento ao grande pintor *Ticiano*, na sua cidade natal, Pieve di Cadore, isto no tricentesimo anniversario da sua morte. O monumento compõe-se de uma estatua, sobre um pedestal ornamentado. Foi a figura desenhada por um esculptor veneziano, o sr. Antonio dal Zotto.

O pedestal, que terá quasi 4^m de altura, é de marmore branco, e desenhado por Ghedina, o pintor da *Cortina d'Ampezzo*, que é bem conhecida por todos os que visitaram a *Aquila Nera*.

A estatua será executada pelos irmãos De Poli, de Vittorio.

O sr. Lesseps, n'uma das sessões d'agosto ultimo, da Academia das Sciencias de Paris, defendeu calorosamente o projecto do sr. Roudaire, de formar um mar interior africano, introduzindo a agua do Mediterraneo no deserto do Sahara. Acabado que seja o tunnel entre a Inglaterra e a França, espera-se que será construido immediatamente outro tunnel entre Gibraltar e Ceuta. E um caminho de ferro, que sem se mudar de carroagem, conduza d'Edimburg ao Cabo-da-Boa-Esperança, começa a ser o sonho dos inglezes! Tudo será possivel. Realisado o mar do Sahara, e aberta uma linha ferrea de Madrid a Marrocos, e de Marrocos ao Cabo; o gigante Adamastor póde descançar da sua sentinella. A questão será talvez de tempo... e de dynamite.

No dia 15 do corrente mez (setembro) deverão estar terminadas as partes essenciaes do palacio do Campo-de-Marte, destinado á Exposição-Universal de Paris, de 1878. Desde aquelle dia começam para os estrangeiros os trabalhos do estabelecimento das suas respectivas exposições, nos logares que lhes estão destinados no interior do palacio.

A fachada d'este palacio será ornada com vinte e uma estatuas das nações expositoras, pagas a 4:000 francos cada uma. A estatua de Portugal foi encarregada ao esculptor Sanson. Fallaremos proximamente do edificio da Exposição.

A Camara municipal de Paris, vae explorar por sua conta e risco, seis novas vias-ferreas de tracção animal, dentro da cidade e *banlieue*. A cidade de Nantes vae tambem estabelecer uma d'estas vias por sua conta.

Parece que o sr. E. Lavril, engenheiro-civil, tem construido os primeiros apparelhos productores d'um novo gaz d'illuminação, que não precisa de ser canalisado. Estes apparelhos são collocados nas fabricas, etc., com mui notavel resultado economico: e o novo gaz póde ser empregado na illuminação das cidades, dos grandes e pequenos estabelecimentos, e das casas particulares. É inexplosivel. Não carece de trabalhos preliminares para a sua collocação. Dá bella luz, intensa e suave, segundo se diz, e não prejudica as côres nem as pinturas.

A estatua do arcebispo de Paris M. Darboy (preso e fuzilado pelos communistas), foi inaugurada no dia 30 de maio ultimo, anniversario da morte d'aquelle prelado. O monumento é obra do estatuario Bonnassieux: representa o arcebispo em pé, apoiado á parede da prisão, no momento de lhe atirarem os tiros, que o mataram.

Acaba d'explorar-se uma singular floresta em Yosemite, na California. É uma floresta de seis milhas quadradas d'extensão, que terá umas dez mil arvores gigantes, algumas de altura desmesurada: e calcula-se que entre ellas as haverá de 4:000 annos d'edade.

O sr. Tyndall, bem conhecido physico, inglez, inventou um apparelho, que permitte respirar-se n'um logar cheio do mais denso fumo. Este apparelho já foi experimentado em Londres. Os srs. Tyndall e Shaw, o capitão de bombeiros que ha pouco nos visitou, armados com o apparelho, e os olhos protegidos com vidros, estiveram meia hora dentro d'um quarto fechado, com tres fornalhas accesas de madeiras resinosas, que produziam espesso fumo. Seria insupportavel uma só inhalação d'um ar assim.

Começam a usar-se em Paris numeros luminosos nas casas, durante a noite. Já 450 estabelecimentos municipaes (escholas, estações de policia, de bombas, etc.) estão providos d'este novo modo d'illuminação. Os proprietarios das novas casas da avenida da Opera, foram obrigados a estabelecel-o nos seus predios: e diz-se que para o futuro, será condição obrigada de todas as edificações novas. Calcula-se a despeza em 100 francos de collocação do numero luminoso, e 27 fr. 38 c. annuaes de conservação, por 10 horas em cada noite.

1877, Lallemant frères, Typ. Lisboa

SERIE 2.ª ANNO DE 1877 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 4

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHICTETURA

PONTE DOS PORTUGUEZES EM NAGASAKI

(Japão)

Entre os numerosos monumentos que attestam a passagem dos portuguezes na vanguarda da civilisação europea, pelas mais remotas regiões do Oriente, ainda hoje se pode observar na cidade de Nagasaki uma ponte de cantaria em excellente estado de conservação, servindo ao transito ha mais de trezentos annos, sobre um dos mais pittorescos riachos que trazem a sua origem das alcantiladas montanhas que circumdam esta cidade.

Foi em 1570, alguns annos depois da heroica peregrinação de S. Francisco Xavier por aquellas paragens, que os negociantes portuguezes, que fundaram a cidade de Nagasaki, com permissão do daimio de Omoura, entre outras obras importantes, construiram esta ponte, destinada a ligar dois bairros da crescente povoação.

Os templos e as casas desappareceram com as victimas da perseguição religiosa, pois que o fanatismo budhista, depois do martyrio dos christãos, destruiu as suas obras; apagando da grandeza de umas e da utilidade de outras, os mais insignificantes vestigios. Só esta ponte conservaram, ou pela utilidade do seu aproveitamento, ou como modelo para outras construcções, ou quiçá como monumento testemunhal dos seus barbaros feitos, pois que o monte de Ossua, onde milhares de individuos soffreram o martyrio pela sua constancia na fé de Christo, fica sobranceiro á mesma ponte, e decerto que as aguas da ribeira que ella atravessa, se tingiram n'esses dias fataes com o sangue d'esses martyres.

A *ponte dos portuguezes*, assim chamada pelos naturaes do paiz, faz recordar tantas outras que por ahi vemos, principalmente nas provincias do norte. Compõe-se de dois arcos circulares de volta inteira solidamente apoiados nos encontros que ligam com a estrada, e n'um pégão central. Os arcos terão 8 a 10 metros de vão. O pégão é armado a montante e a juzante do rio, com talhamares de secção semicylindrica, terminando superiormente por uma especie de capitel conico. O pavimento da ponte, subindo sensivelmente de ambos os lados para o centro, é

ortemente lageado, e guarnecido de guardas de cantaria abertas em losanges. A cantaria é toda de granito extrahido das pedreiras proximas, está regularmente trabalhada, formando fiadas successivas, e devidamente alinhadas em toda a superficie dos encontros, pégão e tympano. Os arcos são formados de aduelas miudas, mas bem talhadas, e tão bem assentes, que ainda hoje são muito pequenas as depressões, posto que pelas fendas da cantaria se tenha desenvolvido uma abundante vegetação.

Os japonezes tem reparado esta ponte em varios logares, sem comtudo lhe fazer perder o seu typo peculiar. É pois provavel, que ainda durante seculos esta obra continue a attestar n'aquellas longinquas paragens, os esforços legendarios que os nossos audaciosos conterraneos fizeram no seculo XVI, para se estabelecerem solidamente em todas as partes do extremo oriente.

É indefinivel o effeito, que, em nossa visita a Nagasaki, em mim e em meus companheiros, produziu a vista d'esta singela construcção! Tão longe da patria, trazia-nos á memoria construcções analogas em pontos pittorescos das nossas provincias. Era a ponte da villa dos Arcos de Val de Vez, cercada dos ligeiros *chalets* japonezes, e da extravagante architectura das capellas kamis e dos pagodes budhistas!

Para descrever alguns templos mais notaveis do Japão, n'outros artigos trataremos da architectura original e caracteristica d'aquelle imperio.

VISCONDE DE S. JANUARIO.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

CONSIDERAÇÕES
ÁCERCA DA
HYGIENE DAS CONSTRUCÇÕES CIVIS E PUBLICAS

No n.º 38 da *Revue nouvelle de l'industrie et des travaux publics*, publicada em 18 de Setembro de 1877, encontra-se o seguinte titulo: *Technologia da edificação* — e em seguida uma declaração da redacção em que diz: «Com este titulo vamos reproduzir alguns capitulos da interessante obra do sr. Theodoro Chateau, publicada em 1863 pela livraria *Morel*. «Esta obra, destinada especialmente aos engenheiros, architectos, empreiteiros, e conductores de trabalhos, mereceu grande e justo acolhimento; infelizmente não é ella assáz conhecida actualmente»

A obra do sr. Chateau era já nossa conhecida, e foi a sua leitura que nos despertou a idéa de publicar no nosso BOLETIM os artigos, que tem por titulo — *Materiaes para construcção;* e continuarmos depois alguns artigos em relação ás construcções, segundo as idéas d'aquelle competentissimo auctor.

Infelizmente, a estreiteza do nosso BOLETIM não tem permittido a realisação da nossa idéa, com a extensão e brevidade, que desejavamos.

Agora porém, que a *Revue nouvelle* tem publicado e continúa a publicar, artigos com relação ao objecto, segundo os principios do sr. Chateau; vamos nós tambem encetar no nosso BOLETIM a publicação resumida dos mencionados artigos, por isso que os julgâmos de subido interesse na actualidade, tanto pelo assumpto como pela occasião.

Os medicos tem-se occupado n'estes ultimos tempos com louvavel zêlo do estudo da hygiene publica, e tem indicado as medidas de policia sanitaria e meios administrativos, proprios e necessarios para salvaguardar a saude dos povos.

Não obstante essa illustrada dedicação, os governos modernos não tem ligado ao assumpto a importancia que merece objecto tão sério. Será talvez necessario que grandes epidemias venham disimar e affligir os povos, e a pobreza e desgraça se patenteiem com todo o seu sequito, para que então se mostre a solicitude dos poderes publicos no cumprimento de um dever, tão necessario ao bem estar e felicidade dos individuos.

O estudo da hygiene publica foi consequencia necessaria d'aquelles males, que está exuberantemente provado terem a sua principal origem nos grandes centros de população, e no olvido dos meios proprios para evital-os; e nem por isso os poderes competentes tem ordenado e vigiado, os meios de os combater como lhes cumpre.

As considerações sobre hygiene de construcções são muito complexas, e dividem-se em muitas partes; comtudo não trataremos por agora senão do que diz respeito á *collocação e exposição* das edificações, que no nosso entender são condições essenciaes de hygiene.

Depois trataremos das condições de salubridade interior, circumstancia altamente descurada n'este paiz; estudaremos então os principios em que se deve fundar a saudavel ventilação, em relação á sua temperatura e estado hygrometrico, composição e alterações; não esqueceremos os males provenientes do *ar confinado*, e as causas que o podem alterar, como *respiração, acção cutanea, illuminação,* especialmente pelo *gaz, latrinas, cannos de esgoto,* etc.

Quanto ao estudo de *materiaes de construcção*, continuaremos os nossos artigos, não despresando o ponto de vista de salubridade relativa; assim como o seu emprego e posição respectiva com relação á hygiene.

São estes e ainda outros, os fins a que a *Revue nouvelle* dedica os artigos que acima indicamos, e nós iremos por consequencia transcrevendo-os re-

sumidamente no nosso Boletim, pela mesma ordem que fôr seguindo aquelle jornal.

Exposição e collocação·

Um edificio qualquer, ainda que construido segundo as regras hygienicas, pode não obstante tornar-se doentio em virtude de influencias e causas exteriores, taes como: proximidade de *charcos, praias infectas, cemiterios, estrumeiras, detritos de fabricas*, e de materias animaes ou vegetaes, bem como animaes em putrefacção e fermentação, subsólos *turbosos* (terra combustivel) ou argillosos (barreiros), terrenos lamacentos ou pantanosos, finalmente uma collocação avêssa ao accesso do sol, e da luz; ao passo que a collocação das portas e janellas seja tal, que fiquem expostas á acção dos ventos frios e humidos ou saturados de neve.

É necessario portanto, quando se escolher um terreno para construcção, preferir um terreno calcareo, areiento, ou granitico. Que esteja o mais longe possivel de aguas estagnadas, e de tudo que possa viciar o ar.

Estas condições de salubridade raras vezes se encontram no fundo dos valles, por isso que é alli que quasi sempre se accumulam as aguas das vertentes proximas, e os terrenos são as mais das vezes formados pelos resultados das aluviões mais ou menos remotas. As aguas, volatisando-se, absorvem uma grande quantidade de calor, e depois quando se transformam em vapor, são então durante a noite causa inevitavel de humidade nas habitações; e produzindo abundantes nebrinas e geadas, prejudicam por isso a acção benefica do sol nascente, interceptando os seus raios, e o beneficio saudavel da sua influencia.

Além d'isso, o fundo dos valles tem ainda o inconveniente de se não poder gosar da saudavel e agradavel impressão das brisas ligeiras, por isso que a disposição dos terrenos altos impede a circulação, e essa circumstancia não deve ser desprezada como meio util de ventilação,

Não se julgue porém, que indo edificar no cimo dos montes se consegue evitar todos os perigos, e inconvenientes, por isso que não existem ali aquelles que acima se indicam; ao contrario, no cume dos montes impera o sol com grande força, e torna por isso o terreno secco em excesso (quando não é argilloso); além d'isso a falta de abrigo natural, faz que se sinta alli uma ventilação violenta e activa; essa circumstancia tem além de outros inconvenientes em geral bem conhecidos, o perigo que se faz sentir nos diversos systemas de telhado e cobertura; e, em relação á saude, é uma ameaça constante para as organisacões debeis e delicadas, especialmente para as creanças, que tendo uma predisposição especial para as doenças eruptivas, lhe é necessrio evitar os resfriamentos repentinos, e mudanças bruscas de ventilação, ainda mais que as pessoas adultas.

O espaço intermediario entre o fundo dos valles, e a crista das montanhas, é portanto aquelle que se deve preferir quando se trate de construir uma habitação, todas as vezes que a escolha nos seja possivel, por isso que n'esse espaço não se apresentam commummente os perigos e inconvenientes que acabamos de mencionar; comtudo ahi mesmo, o modo por que se dispõem o edificio, e a sua collocacão (orientação), são circumstancias de grande importancia hygienica.

Orientação é o nome que o sr. Chateau dá á collocacão conveniente e saudavel de uma casa de habitação, e para isso se conseguir tanto quanto fôr possivel, deve-se ter em vista: que os declives voltados para léste tem a vantagem de receber os raios do sol nascente, serem preservados da acção directa dos ventos humidos do noroeste, e por consequencia menos expostos aos effeitos provenientes das nebrinas e humidade, que actuam em outros logares.

A temperatura minima encontra-se assim em um grau mediano, sem tocar os extremos, tanto de verão, como de inverno, por isso mesmo que são sufficientemente arejados per uma brisa moderada e saudavel.

É portanto em locaes de tal posição, que se deve fazer a diligencia de edificar, segundo a opinião do sr. Chateau.

Depois indica aquelle senhor, as construcções voltadas para o sul; porque assim, tornam-se sêccas, e agasalhadas; com quanto eu possa dizer, que no inverno são fortemente açoutadas pelas grandes chuvas [1], e no verão talvez quentes de mais.

As frentes voltadas para o lado do norte tem o inconveniente de receber sol avêsso, e por isso na posição de receber pouca luz e pouco calor, circumstancias que são muito para attender em uma casa qualquer: a insufficiencia de luz, e a falta de calor.

Com quanto porém as frentes voltadas para o norte não tenham as vantagens, que em outras mencionâmos, ellas são comtudo muito preferiveis áquellas que ficarem voltadas para o oeste; essas são sempre não só açoutadas e enxovalhadas pelas tempestades, mas até batidas pelas chuvas ainda as menos abundantes; d'onde resulta o grande defeito da reconcentração da humidade, que, prejudicando a saude damnifica os moveis e roupas; e finalmente tem o grande defeito de privar o goso dos raios do sol da manhã, dos quaes o beneficio hy, gienico está de ha muito reconhecido.

(Continúa.

F. J. de Almeida.

[1] Em Portugal o segundo inconveniente não é muito para se considerar; por isso que raras vezes ha excessivos calores: quanto ao primeiro será facil combatel-o, se os proprietarios, e os incumbidos dos trabalhos, exigirem dos operarios mais reparo nas obras, em relação ao conforto, e combate da intemperie dos elementos; assim evitar-se-ha a chuva, o vento, a humidade, e até mesmo o calor.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MONTE DE SANTA LUZIA

(VIANNA DO CASTELLO)

Distribue-se com este numero do nosso jornal, uma estampa, representando os fragmentos ceramicos incontrados nas excavações do Monte de Santa Luzia, ás quaes se refere o RELATORIO publicado em nosso n.º 2 do presente tomo. No mesmo número foi annunciada, para o seguinte (o n.º 3) a publicação d'esta estampa (pag. 27), mas que só agora póde ser distribuida, por motivos alheios á vontade da Redacção. Infelizmente as excavações n'este monte, que tão auspiciosas começaram, não tem continuado desde julho ultimo!

A explicação dos treze fragmentos, desenhados n'esta estampa, e coloridos com a côr natural que representam, é a seguinte:

N.º 1—Fragmento de um vaso de barro feito ao torno, tendo indicado o traçado de uma voluta de contorno regular.

» 2—Borda de um vaso, representando uma pestana com olhal em fórma da entrada de um escudete. O barro é da mesma qualidade do n.º 1, com pouca grossura, estando a parte interna coberta de côr preta lustrosa.

» 3—Fragmento que mostra a parte externa da borda de um grande vaso, com reborda que se liga a um escapulado, afim de formar o bôjo. Foi fabricado sem auxilio de torno.

» 4—Pequeno fragmento de louça mais fina, feita de barro micaceo.

» 5—Parte do fundo e lado de um vaso de barro escuro; tendo um cordão liso que separa o fundo, do lado. A argilla é misturada com mica; e a parte interna está coberta de uma côr preta, mostrando vestigios de ter estado ao contacto do fogo.

» 6—Rodella de argilla cozida, com orificio no centro. Grandeza natural.

» 7—Aza de bonita fórma, feitio delicado e apurada execução, que porventura pertenceria a alguma caneca.

» 8—Fragmento de grande vaso de barro, com bastante grossura; apresentando a reborda uma pestana, que em logar de estar na posição horizontal da do n.º 2, representa a fórma arqueada, saliente e vertical, sendo porventura a parte mais convexa para servir de pega. Nota-se a pequenez d'esta azelha para segurar um grande volume, e isto poderia fazer lembrar as mãos pequenas da raça celtica.

N.º 9—Outro pequeno fragmento de barro, da qualidade do n.º 1, mostrando vestigios de ter estado ao lume.

» 10—Azelha, similhando um pouco as de um pote pequeno; mas de fórma mais agradavel, e talvez offerecendo melhor péga.

» 11—Pedacinho de barro, demonstrando mais apuro no fabrico. Está ornamentado com filetes parallelos, collocados em diagonal; sendo a argilla de escolhida qualidade.

» 12—Pequeno fragmento de louça de barro, que parece ter sido modelado em fôrma de terra. A qualidade do barro é egual ao do n.º 5.

» 13—Parte inferior de uma grande bilha, mostrando um rebaixo no fundo, para formar o pé em que se firmava. É do barro da qualidade do n.º 4, e foi feito ao torno.

N. B.—A elegante bilha marcada com a lettra R, foi achada dentro de uma sepultura na propriedade do sr. conselheiro Calheiros, no seu solar de Ponte de Lima, na mesma occasião em que se fizeram as escavações no monte de Santa Luzia. Talvez serviria esta bilha para ceremonias funereas.

P. DA S.

LAPIDE LUSO-ROMANA

O digno Director das Obras-publicas do districto de Vizeu, procedendo a excavações para assentar os alicerces de uma ponte sobre o rio Paiva, em Castro-Daire; descubriu uma lapide com certas gravuras e caracteres latinos: do que deu conta ao governo de sua Magestade, em setembro ultimo.

O sr. Ministro das Obras-publicas mandou ouvir a tal respeito, a nossa Associação; a qual consultou o que entendeu conveniente, em vista apenas de um simples desenho que lhe fôra enviado.

Este desenho comquanto bem executado, e com certa franqueza artistica, que faz honra ao desenhador, está longe todavia de podêr offerecer base para um juizo seguro sôbre o que representa. Os cara-

Estampa 2[illegible]

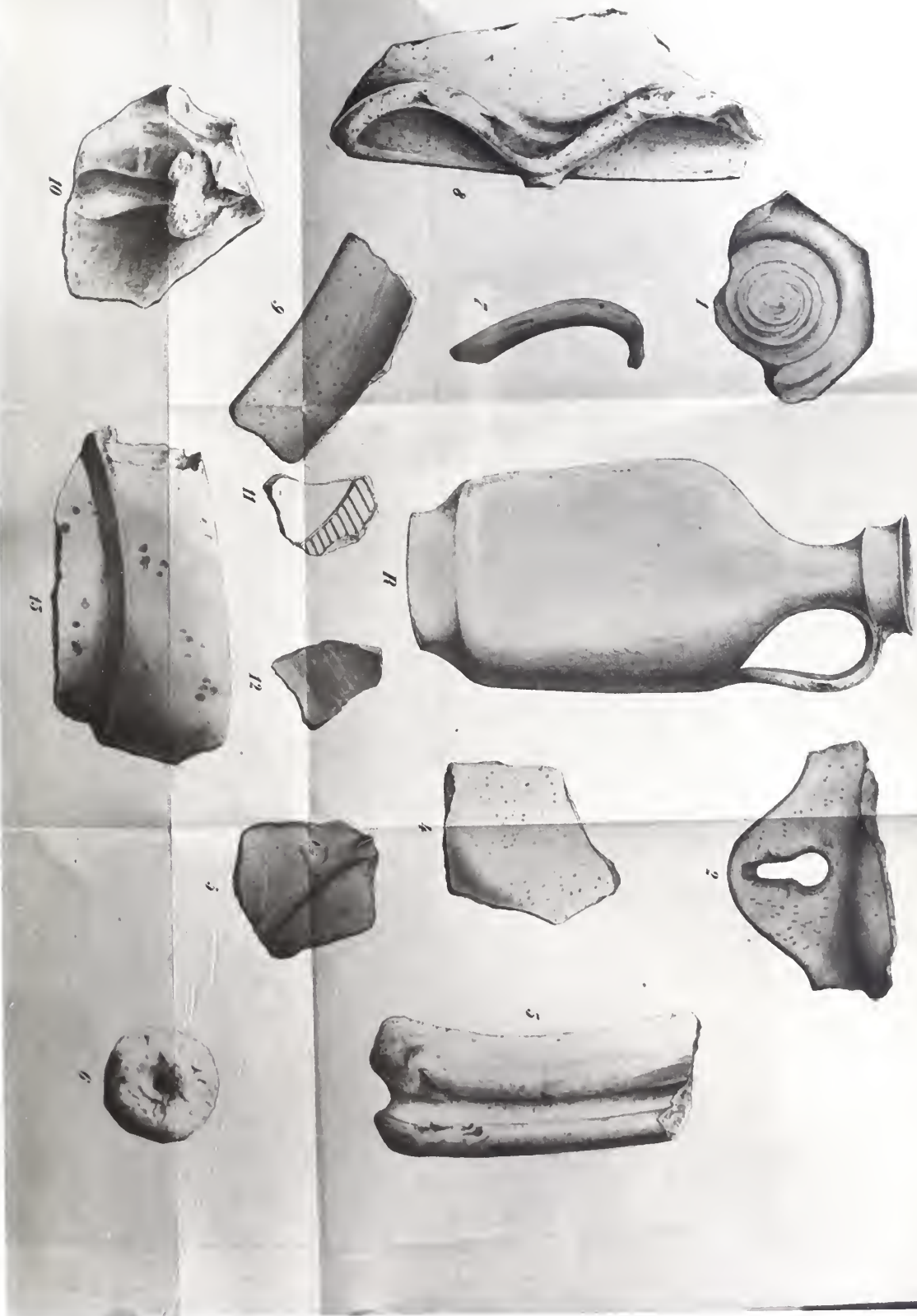
REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Antiguidades descobertas na provincia do minho em 1877

POR

J. P. N. DA SILVA

Pag 52

Est. 23

cteres, que se dizem gastos, deveriam ter sido representados por calcos; ou ainda melhor conviria inspecional-os com lente, sôbre a propria pedra. Carecia-se tambem de minuciosas informações sôbre as circumstancias do sitio onde foi descuberta a lapide, etc.

Apezar porém, d'esta falta essencial de elementos, para formar um raciocinio seguro; parece podêr arriscar-se que a lapide de que tracto, sería um altar portatil da epocha luso-romana. E entre outras apreciações, a mais provavel é que sería voto consagrado por algum caçador; ou que a este fôra dedicado.

A lapide não chega a medir trinta centimetros d'altura. Na face da frente tem grosseiramente gravado um animal, que se suppoz ser um javali; e as lettras V O T U = A R D \ = V S.

N'uma das faces lateraes, apresenta em grosseira gravura um homem nu, sopesando uma lança de largo ferro em fórma d'amendoa. Na outra face lateral, as lettras A = P R = A T.

A nossa estampa (n.º 24) representa estas tres faces da lapide: e esse desenho me dispensa de mais desenvolvida descripção, sobre a fórma d'ella.

Como se sabe, os altares-portateis foram usados por differentes povos, e mais particularmente por gregos e romanos, entre os quaes mui pouco differem. Eram vulgares nas habitações, para os sacrificios aos Lares e aos Genios: e até usavam transportal-os comsigo. Alguns tambem eram votivos, como em gratidão aos deuses por beneficios recebidos. Os gaulezes adoptaram este costume dos seus dominadores; como talvez fizeram os lusitanos.

Esta é a quinta lapide de tal natureza, descuberta no nosso paiz, que por agora saibamos. Uma d'ellas hoje existente na Bibliotheca-nacional, foi encontrada proximo de Leiria, no comêço d'este seculo. É quasi da mesma configuração, e do mesmo tamanho, da lapide de Castro-Daire.

Existe outra, tambem quasi com as mesmas dimensões, mas variada na fórma superior, na Academia-real das Sciencias, encontrada na villa de Soure.

O sr. Hübner, nas *Noticias Archeologicas de Portugal*, dá ainda os desenhos e a noticia de mais dois altares-portateis: um de maiores dimensões, com uma inscripção grega, encontrado proximo de Tavira, e hoje propriedade d'um particular; outro, que fôra achado aqui em Lisboa, nas thermas romanas da rua da Conceição, e que não sabemos onde ao presente existe.

A feição de todas estas pedras é mui similhante em geral; mas differem no tamanho, e variam nos emmoldurados, e ornatos das faces. A de Castro Daire é simples e tosca; mas distingue-se pela concavidade superior, e pelas esculpturas; decoração aliás muito usada n'estes monumentos, tanto gregos como romanos.

Quatro d'estas lapides tem inscripções latinas, já decifradas quasi totalmente; e uma tem inscripção grega, como disse. Duas tem esculpturas: a de Tavira, mostra-nos uma pomba e um cacho d'uvas, fructo que se nota esculpido n'outros altares gregos conhecidos; e a de Castro-Daire, mostra-nos dentro da inscripção da principal face, um animal que parece dar ares d'uma javali; representação ésta que se observa em muitos altares romanos do Museu do Vaticano, como animal consagrado a Diana, e symbolo das festas periodicas celebradas em honra d'esta deusa. N'uma das faces lateraes, mostra-nos tambem uma figura, com grande lança na mão, arma que alguns antiquarios disseram ser primordial da peninsula hispanica, e que pela fórma do ferro (largo e chato) poderia ter-se como a d'algum grande caçador, porque assim a usavam em suas caçadas, especialmente de javalis. Esta figura parece nua, e nus são representados os caçadores da antiguidade; alguma vez tambem com a chlamyde.

Sabido é, que a Lusitania continha muitos javardos e ursos, e talvez d'isso lhe proveio o nome: *Terra d'ursos*. Natural sería, que pelas suas partes abundassem os caçadores para combatel-os; e a lapide poderá ter allusão a esses exercicios. Na meia-edade ainda os grandes caçadores de feras, mereciam dos camponezes quasi o culto de *sanctos*. Até lhes dedicaram templos; porque muitos ermitas se applicavam ao exercicio de taes caçadas, com o fim de se tornarem uteis e bemquistos.

E diz-se tambem dos germanos e gaulezes, que usavam uma imagem de javali no topo de grandes paus, como uma especie de signa a qual muito acatavam.

As esculpturas d'esta lapide são mui grosseiras, como já disse, o que não prova de modo nenhum o archaismo d'ellas, mas apenas o atrazo da arte na região em que foram executadas.

Algumas das pedras a que me tenho referido, são attribuidas ao comêço do segundo seculo da era christã, e uma d'ellas ao terceiro seculo. Quem sabe se poderemos conjecturar, alguma pouco mais de antiguidade, n'esta pedra de Castro-Daire? So a decifração das suas inscripções, completa, se podér fazer-se; e a indagação critica e minuciosa de todas as circumstancias, que se refiram á localidade em que foi encontrada; nos poderão elucidar convenientemente n'este, e nos demais pontos da sua apreciação. Se esta pedra for depositada no nosso Museu (sem que, suggerindo-o, eu tenha a minima intenção de privar da propriedade d'ella a quem de justiça competir), para os indispensaveis exames, sem os quaes jámais se poderá arriscar juizo seguro em tão melindroso assumpto; dignando-se ao mesmo tempo, o director das obras publicas do districto de Vizeu, dar-se ao incommodo de responder ás infor-

mações, que se lhe solicitarem: quasi que posso assegurar, que do estudo e diligencias, muito mais se poderá e deverá alcançar.

No emtanto, o nosso consocio, o sr. Victorino da Silva Araujo, que muito se dedica ao estudo da epigraphia, como os leitores do nosso BOLETIM ja terão apreciado, pensa que as lettras gravadas n'esta pedra, poderão ser assim entendidas:

VOT (um) U (ovit) ARDU... A S (e) APR (o) AT (tacto).

«*Fez este voto Ardu... por ter alcançado* (morto) *um javali.*»

A palavra *Ardu...* que não está completa, julga o sr. Araujo, que será o nome do votante; provavelmente algum lusitano, porque o nome não parece de romano.

O sr. padre Antonio Ferreira Louro, de Leiria, a quem o sr. Araujo consultou a respeito d'esta inscripção, por ser competente, leu-a d'este modo:

APR (i) A (nnuo) T (empore) VOTU (m) ARD (enti) A (nimo) S (olutem).

«*Voto de um javalı no tempo de um anno, cumprido com animo ardente.*»

Isto supponđo, que algum caçador destemido, fizera voto aos deuses, de matar pelo menos um javali em cada um anno.

Esta inscripção ainda poderia ler-se (tambem segundo o estudo do sr. Araujo): *Aram propriam atque votum vovit Arduas.*

E muitas outras interpretações todavia, se lhe poderão dar. Em epigraphia, a sagacidade dos interpretes, présuppondo-lhes sempre a conveniente illustração, depende muito das circumstancias que convenientemente possam ser apreciadas, e ligadas com a epigraphe que se pretende interpretar. Ainda assim, os enganos são frequentes. Os mais afamados epigraphistas, vão proseguindo, desde seculos, em apontar erros, desacertos e inadvertencias, uns aos outros.

S. V.

CITANIA — SABROSO

(NOVAS DESCUBERTAS)

O nosso socio, o sr. Francisco Martins Sarmento, distinguiu a nossa Associação com uma nova remessa de excellentes photographias (vinte e seis), concernentes ás importantes excavações, que o sr. Martins Sarmento com mui esclarecido zêlo, continúa pelo seu monte de Briteiros, e immediações.

Debalde se tem procurado a necropole do povo que habitou aquelles sitios, pela epocha a que se referem as suas ruinas.

«Ha porém para este lado (o poente), algumas grutas em penedos, onde me parece que não andou só a mão do homem (diz o sr. Martins Sarmento, em carta ao presidente da nossa Associação); mas tudo isto, como é bem de suppor, está despojado ha seculos. O resultado das minhas escavações este anno, vae resumido nas photographias que remetto. Não fui tão feliz como merecia, attendendo á quantidade enorme de pedra e de terra que fiz revolver. A maior parte dos objectos que apparecem são repetidos. Novidades poucas.

«Em compensação, Sabroso, um quarto de legua ao SO. de Citania, e á vista d'ella, tem dado resultados como eu não esperava. Conto para o anno adiantar esta exploração, não só porque Sabroso tem grande interesse, mas porque talvez alli possa incontrar-se alguma chave para nos abrir os enigmas da Citania.

«A fórma das casas em Sabroso, é a mesma. Tem porém esta estação differenças notaveis, e apresenta factos dignos de registrarem-se. Exemplo: quasi toda a ornamentação da ceramica é differente da de Citania. Não apparecem fragmentos d'amphoras, nem de telhas, nem de vidro, nem de loiça vermelha. A muralha, que era mais um muro de supporte do que outra coisa, e que depois de posta a descuberto deu 3,34 metros d'altura, e era de 5,10, com 4,50 de largura (!); é em talude. Objectos de bronze apparecem, relativamente, mais do que em Citania. Entre elles são notaveis um pequeno bracelete d'estylo celtico, um broche, e uma agulha.

«Na escavação ao pé da muralha, encontrei tambem um pequeno machado de pedra, esverdeada e polida. Não era arma, attentas as suas pequenas dimensões; poderia ter sido objecto de culto (?)... Tentarei photographar este machado, e os objectos de bronze, e remetterei as photographias logo que possa.»

F. MARTINS SARMENTO.

MONUMENTOS... CYCLOPEENSES (?) EM PORTUGAL

O sr. Simão Rodrigues Ferreira, de Penafiel, em duas cartas de 13 d'agosto e de 1 de settembro, ultimos, dirigidas ao Presidente da nossa Associação, remette os esbocetos dos montes do castello de Penafiel, e do castello d'Arnoia no concelho de Celorico-de-Basto, os quaes o sr. Simão Ferreira denomina: *Penhas cyclopes.* «Ainda nenhum dos nossos escriptores, nem extrangeiros, me consta que fallassem de taes monumentos (diz o sr. Simão Ferreira), que eu tenho por fortificações da edade da pedra... as quaes tem passado desapercebidas; talvez porque a maior parte dos escriptores so escrevem nos seus gabinetes, copiando uns dos outros, sem visitarem os monumentos pelos montes e bosques, estudando-os e examinando-os nas localidades. E estes de

que tracto, vistos so de relance, apenas darão mostras de penedos e picos naturaes.»

O sr. Simão Ferreira diz, que são muitos os monumentos cyclopes que ha por aquelles sitios; e pensa muito bem, que uma collecção de desenhos d'esses monumentos, acompanhada d'artigos competentemente escriptos, sería do maior interesse para os estudos da epocha prehistorica do nosso paiz.

Mas limitando-se por agora ao monte do Castello de Penafiel, diz o sr. Simão Ferreira, «que este monte é digno de toda a attenção do profundo investigador. Visivelmente se reconhece, que não é natural esta penha; mas formada pelo trabalho humano. Em seguida, para o norte, estão os montes de Perafita (Petrafixa dos romanos) como contraforte da elevada serra da Lagoa, que me parece ser um vulcão extincto. As vertentes d'estes montes descem até aos rios Tamega e Sousa; e por alli passa a estrada de Guimarães d'entre ambos os rios.

«Conhece-se que este contraforte foi separado da serra, pelos lados do norte e do sul, para assim formarem a penha: quebrando grandes penedos para lhe darem a fórma conica que tem. Terá esta penha cincoenta a sessenta metros de circumpherencia, e trinta a quarenta metros d'altura. Do lado do nascente ha um despenhadeiro abrupto d'alguns duzentos metros, e para o qual rolou certamente, a grande quantidade de pedra que cortaram no cimo. Pela parte de baixo existem tombadas, algumas pedras compridas e toscas, poucas actualmente por as haverem tirado para o nobre edificio construido no Reguengo, e as quaes supponho teriam sido alli postas ao alto; similhantemente ás que assim foram collocadas n'algumas cidades cyclopes da Italia. Por entre as rochas e fendas d'esta penha, vegetam pinheiros rachiticos, giestas, silvas, e matto. No cume veem-se algumas pedras grandes, irregularmente quadradas; e termina com uma pedra quadrilonga irregular, que terá $1^{m},30$ de comprido por $0^{m},90$ de largo. Tem pouca terra vegetal. Abaixo da pedra superior, e de outras que a sustentam (umas quatro ou seis), conhece-se em volta um circulo irregular, por onde poderá andar um homem em roda, observando para todos os lados.

«Para o sul existe amplo terreno de fórma circular, hoje cuberto de matto e arvoredo, que parece proprio para reuniões de gente. Muito proximo, existe um grande penedo, quasi oblongo, equilibrado sobre outro penedo, e o qual uma alavanca apoiada n'uma pedra que está aopé, faz mover talvez como baloiço, não obstante a massa enorme d'esta pedra. Perto d'alli estão pias fundas, cavadas em penedos.» [1]

A respeito do monte do castello d'Arnoia, diz o sr. Simão Ferreira não ser exacto o que se lê no *Portugal antigo e moderno*, de ser obra de moiros; porque as fronteiras christãs eram muito além; e apenas alli poderiam ter chegado moiros n'alguma correria. Está persuadido de que foi tambem uma penha cyclope, e das maiores; porque é superior á do castello de Penafiel.

Esperâmos podêr publicar os desenhos d'essas penhas, com alguma Memoria do sr. Simão Ferreira em que serão desenvolvidos decerto, os fundamentos da sua opinião. Mas o que fica citado, é ja muito bastante para excitar o interesse dos archeologos, em assumpto tão novo no nosso paiz, como importante para os estudos prehistoricos em geral.

A existencia dos pelasgos, aos quaes vulgarmente são attribuidas as construcções cyclopeenses, pelas ilhas e margens do Mediterraneo, assim como pela Italia, é coisa geralmente acreditada: e sendo assim, não sería de maravilhar, que esse povo, perito nos mares, tivesse penetrado tambem no territorio hoje portuguez. Mas, segundo alguns eruditos, ja por algumas d'essas partes existiam os iberos, ligures, etc. quando por la appareceu um povo de gigantes, os pelasgos, que ahi combateram os iberos, e os venceram.

N'esta ordem d'idéas, os iberos (procedentes da Atlantide ou da America... mas provavelmente da região africana do Atlas), estariam estabelecidos pelo occidente e muito pelo sul da Europa, alguns seculos antes da vinda dos pelasgos; aos quaes, como acima disse, vulgarmente se attribuem as construcções cyclopeenses. O que porém está sendo hoje apurado pelos eruditos, é que muito antes de iberos e pelasgos (nomes que melhor designarão raças do que povos), tinham existido os *Cyclopes;* que parece serem os homens denominados das *cavernas* (os kuclopes d'Homero? os troglodytas dos archeologos?).

Estes homens, segundo esta opinião, nada tem que ver com as emigrações orientaes nem com as invasões indo-europeas (kelticas? aryanas?) de 20 seculos A. C. As construcções cyclopeenses poderão assim ter-se por muito mais archaicas, e dizerem-se puramente da edade da pedra, ou authoctones, no sentido mais restricto d'esta palavra.

Os Cyclopes (filhos de Neptuno), teriam existido pois por muitas ilhas, e por algumas das margens do Mediterraneo; como tambem pela parte mais occidental da Europa. Defeito, em todos estes logares apparecem as suas construcções, com pequena variedade; e distinctas das construcções dos pelasgos, ainda extranhos á familia indo-europea; e os quaes porventura os civilisariam um pouco, quando vieram a encontrar-se com elles pela Sicilia, e outros pontos: como já haviam feito os iberos, pelo occidente da Europa, e por onde precederam os pelasgos.

[1] São as pedras-oscillantes e as pedras-gamellas, que no meu *Estudo sôbre os Dolmens*, suppuz que deveriam existir tambem no territorio portuguez, mas até então (julho, 1876) não encontradas, ou jámais mencionadas. Agora tem-se ido notando algumas por diversas partes.

Os cyclopes arremeçavam penhas, e as suas armas eram penedos *(Dionysicas)*. Mas n'este cahos dos primeiros habitadores dos diffe rentes paizes europeus, onde não póde introduzir luz o *mare-magnum* da erudição historica do sr. d'Arbois de Jubainville *(Les premiers habitants de l'Europe. Paris, 1877)*; so os estudos archeologicos dos artefactos ou obras humanas, poderão guiar os escriptores. E ha tambem quem supponha vêr d'estas construcções cyclopeenses, nos enigmaticos *mound-builders* da America septentrional.

O que importa pois essencialmente, é que não nos deixemos dominar por alguma idéa preconcebida, que nos faça tomar por moira, romana, celtica, berebere, pelasgica, ibera, atlantica, cyclope, troglodyta... que sei eu? as descubertas que o acaso, ou as nossas investigações esclarecidas, nos forneçam. Dar-lhes publicidade, e illustral-as quanto nos seja possivel, será o que a prudencia e o bom juizo nos aconselhe; sem arriscarmos desde logo uma opinião, nem nos fascinarmos com as opiniões alheias; ou pelas apparencias, que n'estes assumptos tão illusorias são. Da combinação dos factos, da critica das circumstancias, da multiplicidade das descubertas, é que poderá desenrolar-se algum fio d'Ariadne, que nos dirija n'um labyrintho, que todavia por longo tempo será inextricavel.

Os obreiros como o sr. Simão Ferreira, são mui bem vindos sempre, quando se entregam a investigações tão importantes para a historia da humanidade; mas que apezar d'isso, a muitos parecerão inuteis: aos mesmos talvez, que consomem o seu tempo em composições pueris, quando não são immoraes e perigosas para a sociedade; tudo isso mais do que inutil, lamentavel... S. V.

MEMORIA HISTORICA

DO

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

DE

Monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre

I

Simão de Mello, natural d'Evora, foi filho de Garcia de Mello, alcaide-mór de Serpa, e de D. Filippa Pereira da Silva, ambos da principal nobreza d'estes reinos. [1]

Findos seus primeiros estudos, sentiu-se propenso ao estado ecclesiastico, e, para lograr n'elle dignidade que correspondesse ao lustre de seu sangue, dirigiu-se a Roma a solicital-a. [1]

Encontrou benigno acolhimento no cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, seu compatriota, que não só o recommendou á benevolencia do Pontifice, de quem era valido, mas lhe cedeu a opulenta abbadia de Alcobaça, de que era commendatario.

E foi n'essa época, em obsequio a tão generoso protector, que Simão de Mello rennunciou ao nome do baptismo, tomando o do novo padrinho.

Cursava D. Jorge de Mello a côrte exercendo o cargo de esmoler-mór, annexo á sua dignidade, e, quando El-Rei D. Manuel lh'o requeria, dava tambem sobre os negocios o conselho, que havia por mais adequado.

Escutava-o sempre com benevolencia o monarcha, e não sómente approvava em particular as disposições que insinuava, mas até alguma vez chegou a romper em publico alvarás, em que estas disposições se contrariavam, recusando assignal-os.

Mal soffriam os cortezãos tão notorio valimento, e mais odiosa lhes era ainda a nobre ousadia, com que o esmoler-mór os affrontava, embargando-lhes os despachos de pretenções injustas e desarrasoadas.

Devia grangear-lhe, e effectivamente lhe grangeou poderosos e implacaveis inimigos, tão isento e leal proceder.

Para o indispôr com El-Rei, facil lhes foi levantar pretexto colorcado; e dando porventura maior vulto aos defeitos reaes, com que o notavam, accimaram-no ainda de outros ficticios, mais reprehensiveis e execrados.

É certo que ao cabo de um anno, conseguiram *deitarem-no d'alli, por dizer a verdade.*

Com estas palavras magoadas, dez annos depois da morte d'El-Rei D. Manuel, se queixava D. Jorge de Mello de tal procedimento, a seu filho El-Rei D. João III. [2]

Cremos que esta desgraça (tão inconstante é o favor dos reis), e não só empenho de estabelecer condignamente o cardeal infante, levára El-Rei D. Manuel em 1519 [3] a instal-o pela permuta com o infante D. Affonso [4], da abbadia de Alcobaça pelo bispado da Guarda.

[1] D. Jorge de Mello, irmão de Simão de Mello, foi monteiro-mór d'el-rei D João III; e Henrique de Mello, o primogenito, foi alcaide-mór de Serpa, e ascendente dos porteiros-móres. Seu pae era sobrinho direito de Martim Affonso de Mello, alcaide-mór de Olivença, e senhor de Ferreira; de sorte que do seu sangue e da sua casa são ramos os nobilissimos Mellos da casa de Ferreira, hoje os duques de Cadaval, os Mellos do monteiro-mór, e a casa do porteiro-mór. — *Fr. Manuel dos Santos — Alcobaça Illustrada*, tit. XII, pag. 317.

[1] Assevera o licenciado Jorge Cardoso *(Agiologio Lusitano*, tom. I, pag. 435), que Simão de Mello vivêra disfarçado em Roma, para onde fôra na flor dos annos, servindo muitos o cardeal D. Jorge da Costa, sem se lhe dar a conhecer. Não acreditamos o facto; porque não mostrando a conveniencia do incognito, mal quadrava aos altivos espiritos da reconhecida fidalguia de Simão de Mello, o baixo e degradante estado de servidão, a que expontaneamente se reduzira. Seguimos n'esta parte a Fr. Manuel dos Santos na *Alcobaça Illustrada*.

[2] Constam estas particularidades de uma carta de D. Jorge de Mello para el-rei D. João III sobre os foraes do couto de Alcobaça, e outros assumptos, transcripta nas *Provas, e Addições da Historia Chronologica e Critica* d'aquella *real abbadia*, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, que faleceu arcebispo d'Evora.

[3] Carvalho *(Corographia Portugueza*, tom. II, pag, 343), diz que D. Jorge de Mello foi confirmado bispo da Guarda em 1517; Fr. Fortunato de S. Boaventura *(Historia Chronologica e Critica da real abbadia de Alcobaça*, pag. 151) assevera que o fôra em 1518; Fonseca *(Evora Gloriosa*, pag. 324), e Fr. Manuel dos Santos *(Alcobaça Illustrada*, tit. XII), decidem-se por 1519.

[4] Foi o infante D. Affonso filho d'el-rei D. Manuel, e da rainha D. Maria. Nasceu em Evora aos 23 dias de abril de

Acceitou violentado a nova dignidade, que jámais exerceu na sua cathedral, fixando a residencia em Portalegre, que então pertencia áquella diocese. [1]

II

Começou logo a entender na execução do projecto de fundar nas visinhanças d'esta cidade um mosteiro de monjas da ordem de S. Bernardo, onde expiasse, entregue á penitencia, os delictos de uma juventude desregrada.

Quer-nos parecer, que tamanha queda da fortuna, trazendo-lhe cabal desengano da caducidade das cousas da terra, seria parte, com os proprios remorsos, para lhe afervorar os desejos de se entregar de todo ás do céo.

Em verdade na soltura de costumes, por desgraça, commum n'aquella idade [2], nenhum tento ou recato guardou D. Jorge [3]; è, todavia, forçoso confessar, que, depois de entrado em annos, para reparação de tamanhos escandalos, tambem não poupou diligencias, como veremos.

Emquanto o bispo D. Jorge cuidava em erigir um monumento, que recordasse ás gerações futuras a sua piedade, empenhava-se D. Helena de Mesquita, cumplice de seus desvarios, que o acompanhára n'este quasi desterro, em perpetuar o nome de seu filho D. Antonio de Mello, já então legitimado por El-Rei D. João III, e fidalgo de sua casa, vinculando-lhe grossos cabedaes. [4]

É de presumir, que D. Jorge tambem se não esquecesse de que era pae, para promover o estabelecimento d'este filho, como o fez a respeito dos outros dois, D. Bernardo de Mello, e D. Joanna de Mello [5]; nenhumas memorias, porém, nos restam, que positivamente o attestem. [6]

1509. A este principe mandou o papa Leão X o capello de cardeal no anno M. D. XVI, com o titulo de bispo Zagitano (*Damião de Goes — Chronica d'el-rei D Manuel*, parte II, cap. XLII.

1 Foi tanta a mágoa de D. Jorge de Mello, diz Cardoso (*Agiologio, Lusitano* l. cit.) pela forçada renuncia da abbadia de Alcobaça, que nunca entrou na Guarda; e accrescenta Carvalho (*Corographia Portugueza*, l. cit.), que dizia, *que não havia de ir a terra onde matavam os bispos*. Effectivamente havia sido assassinado o seu predecessor D. Alvaro Chaves.

2 Veja-se a obra intitulada *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal* por A. Herculano, tom III, pag, 33 e seguintes; e *Reflexões Historicas* pelo conselheiro João Pedro Ribeiro, parte I, n.º 17.

3 «Nem os proprios cistercienses disfarçam, que existia defronte do mosteiro (*de Alcobaça*) uma D. Ignez de Mesquita (*Helena de Mesquita* aliás), com quem o abbade (*D. Jorge de Mello*) tinha commercio illicito, e do que procedeu ter nada menos de tres filhos naturaes». — *Historia Chronologica e Critica da real abbadia de Alcobaça*, cap. IV, pag. 151, por Fr. Fortunato de S. Boaventura.

4 É datado o instrumento da instituição do morgado de 15 de novembro de 1522.

5 D. Bernardo de Mello foi prior da parochial egreja de S. Pedro de Penamacor, e da de Teixeira, ambas do bispado da Guarda.

D. Joanna de Mello foi abbadessa perpetua do mosteiro de S. Bernardo de Portalegre, principiando a exercer o cargo ainda em tempo de seu pae.

6 Dos documentos do archivo do mosteiro, que tivemos presentes, nada consta a este respeito; achámos, porém, na *Gazeta dos Tribunaes*, n.º 220 (1843) o seguinte, sob a epigraphe *Bastardos, em que se fizeram casas, e outros que as fundaram:* — «D. Jorge de Mello, bispo da Guarda, teve bastardo D. Antonio de Mello, avô por varonia dos Mellos dos Paulistas, e rua de Santo Antonio em Lisboa.»

III

Determinára, a principio, edificar o mosteiro nas celebres ruinas da antiga Medobriga, mais conhecida hoje pelo nome de Aremenha [1]; desistiu, porém, do intento pela insalubridade d'este formoso valle. Humido, e mal ventilado, cercavam-no por todos os lados asperas serras, avultando entre ellas o Herminio menor. [2]

Parece, que no logar denominado *Provencia*, e pelos antigos *Valle de Flores*, a distancia de uma legua da cidade para o norte, chegára, tambem, a lançar os fundamentos ao novo edificio; mas razões eguaes ás que o dissuadiram da fundação em Aremenha, o obrigaram a desistir da obra na Provencia. [3]

Assentou-a, definitivamente, no alto da Fontedeira, onde permanece ao presente, sitio agradavel, sádio, proximo da cidade, e doado generosamente para esse fim pela camara municipal.

(Continúa)

F A. R. DE GUSMÃO.

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS AMERICANISTAS

La Revue Scientifique, de 13 d'outubro ultimo, dános noticia da segunda sessão d'este Congresso, celebrada este anno no Luxembourg. A sua primeira sessão foi em Nancy, em 1875; e deverá ter a terceira em Bruxellas, em 1879.

A conta dada pelo jornal a que me refiro, ressente-se de certo espirito de polemica, que mais ou menos manifestamente, se vislumbra sempre nos escriptos de alguns sabios que tractam de questões prehistoricas. Para estes, a sciencia não póde marchar sem acotovelar a religião. Os estudos prehistoricos parecem então encaminhados, ou explicados, n'um sentido de propaganda antireligiosa. E quando a anthropologia e a ethnologia, podem ser pretexto para qualquer cheque ás crenças, sôbre a origem ou a unidade da especie humana, não se perde o ensejo para alguma insinuação menos benevola, em referencia aos principios religiosos. Entendo que nunca a boa logica, nem a tolerancia entre homens de lettras, poderão approvar tal methodo d'estudo ou de ensino. A sciencia póde marchar livremente pelo seu caminho, sem se enredar pelas crenças religiosas, sejam éstas quaes forem. São diversos os fins. A cada um o que for seu. Deixemos a resolução de certas difficuldades, a quem alguma vez possa competir levantal-as, para diligenciar concordal-as; ou para quando poderem ser resolvidas. Tão inconsequente me pareceria hoje, querer explicar a sciencia natural pela erudição theologica; como prematuro querer oppôr ao milagre, que se soccorre ao estabelecimento e constancia das leis naturaes, meros raciocinios, fundados apenas no estado vacillante a que a sciencia por ora attinge.

1 Sobre Medobriga e Aremenha, vejam-se os *Apontamentos Archeologicos*, que publicámos no BOLETIM da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, 2.ª serie, t. I, a pag. 25, 45, 70 e 152, dos numeros 2, 3, 5, e 10.

2 Os nossos antigos chamavam á serra da Estrella *Monte Herminio Maior*, e á serra de Marvão *Monte Herminio Menor*.

3 Na Provencia residia D. Helena de Mesquita, quando se lavrou o instrumento, a que nos referimos.

Por outro lado, não posso ainda comprehender o interesse moral, que poderá resultar para a sociedade, de adrede lhe destruirem a fé...

La Revue Scientifique, a proposito dos Congressos Americanistas, apóda de *robinsonades*, de *chinoiseries*, de *donquichotismo*, todas as opiniões dos que pretendem povoar a America com gentes do chamado antigo-mundo. Para a *Revue*, os americanos são puramente authoctones, em todo o rigoroso sentido da palavra (simples *moscas volterianas*, que assim nos zumbem por taes escriptos). Mas o sr. Quatrefages, que é mestre, e mestre muito auctorisado n'este assumpto, ha mais de vinte annos, pensa que o homem, quatrenario da America e terciario da Europa, distingue-se dos outros animaes, por crer n'um Ente Supremo, e n'uma prolongação da existencia depois da morte. E o sr. Quatrefages tem sempre ensinado a estes seus discipulos rebeldes, a *unidade* da especie humana; a qual tão explendidamente acaba de sustentar na sua admiravel obra — *L'espèce humaine*. (1877).

Deixando porém hoje este ponto, em que mais detidamente terei de fallar, *La Revue Scientifique*, diz, que o sr. Leemans, um dos mais eminentes egyptologos da Europa, apresentára ao Congresso Americanista de Luxembourg, uma serie de desenhos representando antiguidades mexicanas, yucatences, columbianas, e quichuas. Entre estes monumentos preciosos, que muito interessaram a assembléa, notou-se uma pedra de fórma oval furada com dois buracos, tendo gravada n'uma das faces a imagem de certo personagem, pisando um homemzinho estendido a seus pés: na outra face, está gravada uma inscripção de onze linhas, em caracteres hieroglyphicos lineares; o que torna este monumento de um valor inapreciavel. O grande Humboldt havia negado que a escriptura fosse conhecida no novo-mundo, antes dos hispanhoes la terem ido. Mas a sciencia tem adquirido hoje as provas do contrario. E seria sufficiente, que o Congresso de Luxembourg tivesse dado ensejo ao sr. Leemans de tornar publica a descoberta d'este monumento, para que esta reunião dos Americanistas merecesse ser applaudida por todos os archeologos e estudiosos.

O sr. Leemans auctorisou o sr. Rosny, a publicar este novo monumento hieroglyphico Maya; que dentro em pouco, poderá ser examinado por todos os sabios e curiosos do mundo. E a paleographia yucatenee terá assim occasião de ir dilatando, aindaque lentamente, mas com segurança, o campo das suas investigações pela epigraphia das differentes regiões da America.

O sr. Madier de Montjeu tambem apresentou ao Congresso uma Memoria, fundamentada sôbre elementos fornecidos por antigos auctores hispanhoes, dos quaes póde inferir-se que a escriptura *propriamente ditta*, era usada não so pela zona isthmica da America-central, mas por muitos outros pontos do Novo-mundo ante-colombiano.

O sr. Jules Pipart (abbé) dirigiu ao Congresso um Ensaio de leitura das pinturas didacticas dos Aztecas, com muitas observações paleographicas e philologicas.

O sr. Léon de Rosny annunciou alguns resultados novos dos seus estudos, relativos á decifração dos textos hieraticos da America-central. E apresentou um quadro dos monumentos esculpturaes de Palanqué, de Chiapás, e em especial de Chichenitza, que o sr. Rosny considera como o mais antigo foco da admiravel civilisação da região do isthmo, e póde ser que do antigo Mexico.

Foram tambem apresentados ao Congresso varios documentos, sobre as relações dos Islandezes e dos Normandos com a America precolombiana. E o sr. Beauvois tractou das primeiras colonias europeas no Markland (Nova-Escocia); visitada pelos navegadores scandinavos desde o anno de 986, e pelos Islandezes da Groenlandia desde o anno 1000. E sustentou, que uma parte septentrional da America teve civilisação europea, já desenvolvida no seculo XIV, e cujos vestigios ainda se encontraram tres seculos depois.

O sr. Guimet interessou muito o auditorio com a narração das suas ultimas viagens; e com as suas variadas observações sobre a edade da pedra na America. E o sr. Schmidt alegrou as muitas senhoras, que formavam parte do mesmo auditorio, mostrando, como era possivel com instrumentos de pedra, trabalhar a madeira, fazer flexas ean zoes, para caçar e pescar, e cozer o panno com agulhas de pedra.

S. V.

FRAGMENTO
DE
LÁPIDA SEPULCRAL ARÁBIGA
DESCUBIERTO EN MÉRTOLA [1]

CARTA
AL
EXCMO. SR. JOAQUIM P. NARCISO DA SILVA

Mi estimado señor y respetable amigo: no hace mucho tiempo, que en uno de los últimos números de la Revista española publicada en Madrid bajo el titulo de *La Academia* [2], apareció un artículo del reputado orientalista y académico de la Historia, Excmo. Sr. D. Eduardo de Saavedra, en el cual, sirviéndose del diseño dado á luz en el número 12 [3] del *Boletim architectonico e de archeologia* de la Real Asociacion, de que es Vd. dignísimo Presidente, se proponia el estudio del fragmento epigráfico de Mértola, ensayando su traduccion en primer término.

No ocultaré á Vd. la extrañeza que me produjo esta novedad, cuando, como á Vd. consta, ya en Noviembre del pasado año de 1876 habia yo dado á conocer el referido epígrafe en la *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos;* y lo que mas hubo de extrañarme, fué, á la verdad, el silencio que guar-

[1] Véase el número 12 de la segunda série de este *Boletim*, págs. 192 y 193.

[2] Número 21 del tomo I, correspondiente al 27 de mayo último.

[3] A epigraphe de que se tracta, é a que se vê na nossa estampa n.º 17, publicada com o n.º 11 do BOLETIM, t. I, da presente serie.

(Da R.)

daba el Sr. Saavedra respecto de aquel mi trabajo, inclinándome esta circunstancia á creer, que aun no habia Vd. dispuesto la insercion en este *Boletim* de la traduccion que le remití al efecto, respondiendo gustosísimo á los deseos manifestados por Vd., al enviarme el dibujo de la mencionada lápida, en Setiembre del año referido.

Tal extrañeza sin embargo, ha desaparecido por completo, cuando, al venir ahora á Lisboa, he visto en la *Bibliotheca Nacional* y despues en el número que ha tenido Vd. la bondad de mandarme, así el grabado del fragmento epigráfico á que aludo, como las honrosísimas líneas con que encabeza la traduccion que Vd. supuso ser de dicho fragmento mertolense. El silencio guardado respecto de mi por el Sr. Saavedra, en su artículo de *La Academia,* era una galantería que hoy le agradezco en el alma, por más que no sea en realidad acreedor á ella, en la interpretacion del epígrafe de Mértola.

Como quiera que, por desdicha, no es en Portugal tan frecuente el hallazgo de lápidas é inscripciones arábigas como en España, y careciendo, como carece, de fecha el fragmento aludido, juzgué no del todo inoportuno para mi propósito, el determinar por medio de un ejemplo, así la naturaleza del epígrafe cual la época á que podia atribuirse, sin grave error ni peligro. Brindábame Almería con muy estimable coleccion de lápidas arábigas sepulcrales, que posee en su *Gabiñete* mi distinguido amigo el Sr. D. José de Medina, y hallando relacion muy íntima entre ellas y la de Mértola, atrevíme á presentar en el artículo que publicó la *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* un modelo, concebido en los términos que constan en la pág. 193 del primer volúmen de este *Boletim,* modelo que, sin duda por no haberme yo explicado con toda claridad, tomó Vd. por la trascripcion y traduccion de la lápida de Mértola.

El Sr. Saavedra, á no dudar, atribuyéndome el error, y procediendo galante y bondadosamente conmigo — al notar las diferencias, que, naturalmente, existen entre el modelo, tomado de una lápida cualquiera de las muchas que copié en Almería el año de 1875, y el diseño del epígrafe de Mértola, y no curándose de ver mi estudio en la *Revista de Archivos,* estimó prudente el hacer caso omiso de mi trabajo y de mi persona, ensayando por su parte la trascripcion de dicho epígrafe. No tengo á la mano ni el número de *La Academia,* en que se insertó el trabajo del Sr. Saavedra, ni los de la *Revista de Archivos,* en que se publicó el mio, razon por la cual me limitaré en las presentes líneas á trascribir la interpretacion del fragmento de Mértola, no sin hacer antes constar que léjos de haber correspondido á una *Mezquita,* cual supone el docto académico de la Historia, es una lápida meramente sepulcral, [1] cuyas inscripciones, segun acredita el modelo de Almería, son vulgares en este linage de monumentos funerarios, como consagradas en ellos por el uso.

Dice, pues, el fragmento de Mértola, con arreglo al modelo general que ofrecen otras muchas en España, durante el siglo VI de la Hégira, y conforme á la explicacion inserta en el número 12 de este Boletim :

C

كفروا وجاعل الّذين اتّبعوك

A

بسم الله الرحمن الرحيم
صلى الله على محمد واله

B

يا يها
الناس ان وعد الله
حق فلا تغرّنكم الحياة
الدّنيا ولا يغرّنكم با...
...[لل]ه الغرور ان الله عنده
[عل]م الساعة وينزل الغيث
[وي]علم ما في الارحام وما تد...
...ري نفس ما ذا تكسب عد...
...[ا] وما تدرى نفس بأيّ ارض
تموت ان الله عليم خبير
هذا قبر.....................
....
توفى.......................
رحمه الله...................

C′ (margen izquierdo): فوق الذين كفروا والى يوم القيامة ثم الي مرجعكم فاحكم...

C (margen derecho): [illegible]

---

[1] A versão, e o juizo do sr. E. Saavedra, a que se refere ésta carta, constam do n.º 21 t. I, pag. 324 do jornal hispanhol : *La Académia* ; e são os seguintes :

TRADUCÇÃO

« En el nombre de Dios, piadoso, misericordioso.

O gentes! ciertamente la promesa de Dios es verdadera : no os engañe, pues, la vida del mundo, ni os engañe respecto de Dios el Engañador (el diablo).

En verdad, Dios conoce la hora y hace descender la lluvia y sable lo que los úteros contienen ; mas nadie sabe lo que merecerá mañana, ni el pais en que morirá ; porque Dios es el sabedor y conocedor.

Dios! No hay divinidad sino El, el vivo, el permanente ; no le cojen sopor ni sueño ; suyo es cuanto hay en los cielos y en la tierra ; quien intercederá con El sin su beneplácito? Conoce cuanto hay delante y detrás de todos, sin que alcancen de su ciencia sino lo que quiere. »

JUIZO

« Tanto la forma como el contenido del pequeño monumento dan á entender que fué un *mihrab,* ó sea la ventana real ó

Cuya traduccion española es la siguiente:

A

En el nombre de Alláh el Clemente el Misericordioso:
la bendicion de Alláh (sea) sobre Mahoma y los suyos.

B

¡Oh vosotros
hombres! (Creed) que las promesas de Alláh (son)

ciertas, y no os dejeis arrastar por los placeres
del mundo, ni os aparteis de A...
...(llá)h por los enganos (de la carne)! Porqueciertamenteen Alláh
(está el cono)cimiento de la hora (de la muerte) y envió la lluvia;
y (sa)be lo que se oculta en las entranas (de los hombres), y no sa...
...be nadie lo que alcanzará manana,
ni en que lugar de la tierra

morirá: que Alláh es sábio, conocedor de todo. [1]
Este (es) el sepulcro de ....
....
.... murió,
(apiádese de él Alláh) ....

C

......de la luna... el ano...... y quinientos......

C′

.... no creen y coloca á aquellos que te sigan

C″

sobre los que—no creen, hasta el dia de la resurreccion. Despues á mi—vendreis y conoceré.... etc. [2]

simulada, que en las mezquitas mahometanas señala el lugar á donde se han de volver en sus preces los creyentes. El caracter de la letra es bastante severo para poderlo atribuir á los últimos tiempos del Califato, ó poco despues. Una mezquita pequeña de Mertola tendria por *mihrab* la elegante piedra quo el Boletim publica, y que si no dá a conocer ningun hecho historico, denuncia la existencia positiva de un lugar de oracion de los musulmanes del Andalus, probablemente en el sitio mismo donde pareciera esta antigualla.»

(Da R.)

Por lo demás, mi estimado señor, este fragmento de lápida sepulcral, corresponde sin género alguno de duda, al siglo VI de la Hégira (XII J. C.)

Hecha esta aclaracion, que ruego á Vd. me dispense el obsequio de insertar en el acreditado *Boletim* de la *Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes,* sólo me resta dar á Vd. muchas y repetidas gracias, por la honra que me ha dispensado, al incluir mi nombre en la lista de los doctísimos individuos de dicha *Associação* y por la de distinguirme con su amistad, quedando entre tanto y como siempre, suyo atento seguro servidor y amigo,

Q. B. S. M.

Cascaes, 1.º de agosto de 1877.

Rodrigo Amador de los Rios.

[1] *Korán*, sura XXXI, aleyas 33 y 34.

[2] *Id.* Sura III, aleya 48. Esta aleya se expresa en estos términos: «Despues dijo Alláh: Oh Jesús! Yo soy quien te dá la muerte, quien te eleva hasta mi, te libra de los que no creen y coloca á los que te sigan sobre aquellos que no creen, hasta el dia del juicio final. Despues á mi vendreis y conoceré entre vosotros lo que hay de diferencias.»

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Na noite de 31 d'outubro, ultimo, reuniu-se a assembléa geral da nossa Associação. Além dos trabalhos do estylo, foi approvado o desenho previamente discutido e adoptado pelo Conselho Facultativo, da Medalha: *distinctivo* dos membros da nossa Associação. Lançou-se na Acta um voto unanime de sentimento, pelo falecimento do nosso grande historiador Alexandre Herculano. E foram approvados para socios effectivos: os srs. conego Augusto Antonio Teixeira, José Silvestre Ribeiro, José Tedeschy, Luciano Cordeiro, e Henrique Guilherme Thomaz Blanc; para socios correspondentes: os srs. Simão Rodrigues Ferreira, de Penafiel, e Domingos José dos Santos, de Barcellos.

Por convite do sr. Presidente, reuniu-se a secção d'Archeologia em 13 d'outubro, ultimo, para responder ao governo de Sua Magestade, ácerca de um officio, e desenho d'uma lapide encontrada n'um desaterro do districto de Vizeu; remettidos pelo sr. ministro das Obras publicas á nossa Associação, para que consultasse o que a tal respeito entendesse. O parecer da secção foi dentro em pouco apresentado, e remettido ao sr. ministro.

Entraram para o nosso Museu diversos objectos archeologicos, enviados de differentes pontos do reino.

Recebeu-se um *Relatorio* da Sociedade Central dos Architectos de Paris.

Recebeu-se o *Relatorio-annual* da Sociedade Archeologica de Athenas.

Recebeu-se o *Boletim* da Sociedade dos Architectos do Departamento do Norte (França).

Receberam-se todos os numeros de janeiro a Julho do corrente anno, do interessante jornal italiano: *Notizie degli scavi di antichitá comunicate alla R. Accademia Lincei per ordine di S. E. il Ministro della Pubb. istruzione.*

Recebeu-se o tomo v dos *Annales de la Société academique d'Architecture de Lyon.*

Receberam-se os n.os 1 a 5 do apreciavel jornal *Museu technologico.*

Recebeu-se o 2.º vol. da importante obra do nosso socio, o sr. Teixeira Aragão: *Descripção geral das moedas cunhadas em Portugal.*

Tem sido recebidos todos os jornaes estrangeiros, que a nossa Associação costuma regularmente receber, e dos quaes temos indicado os titulos por differentes vezes no nosso Boletim, até 6 do corrente mez de dezembro de 1877.

Foram offerecidos para o nosso Museu, pelo sr. conego Teixeira, dois machados de bronze da epocha prehistorica, encontrados na Beira-alta, n'um sitio que parece ter sido alguma estancia da edade do bronze.

Foi offerecido pelo nosso socio o sr. general Azevedo, para o nosso Museu, a planta geohydrographica da ilha de Porto-Santo; primeira d'uma serie de plantas das nossas ilhas, que o sr. Azevedo vae publicar.

Foram offerecidos para o nosso Museu, pelo nosso consocio o sr. Martins Sarmento, mais vinte e seis photographias de varias antigualhas encontradas nas excavações de Citania e de Sabroso.

Foi offerecido para o Museu da nossa Associação, pelo sr. Tiburcio Ferreira, a Medalha commemorativa da inauguração do monumento de Camões, em Lisboa, na praça do mesmo nome.

Foi offerecida á nossa Associação, pelo nosso socio correspondente o sr. Charles Lucas, a sua ultima publicação: *Découvertes récentes faites dans le forum romain.*

A Camara municipal resolveu emfim, que se procedesse ao desaterro do entulho accumulado ha annos, pelas ruinas do venerando monumento nacional e artistico, séde da nossa Associação, e onde está estabelecido o nosso Museu. Este trabalho está em execução desde outubro ultimo. Fallaremos opportunamente a esse respeito.

O Diploma que a nossa Associação acaba de receber do Jury da Exposição internacional de Philadelphia, diz o seguinte:

«International Exhibition. Phidelphia, 1876. The United States Centennial Commission has examined the report of the judges, and decreed an award in conformity therewith (Philadelphia, may 2.º 1877). Reporton awards. — Publications — Royal Association of the Portuguese Architects and Archeologists — Lisbon — *The journal of the Society exhibits great activity on the part of Members — it contains many valuable Memoirs and is illustrated in good style.* Being the first institution of the kind in Portugal it is worthy of commendation. The medal for awards by the Society, designed by the Chev. J. da Silva its founder, possesses great artistic merit. J. E. Hilgard. Approval of Group Judges: A. K. Oliver, F. A. P. Bernard, E. Favre Perret, J. Schredwayer, James C. Waltson, Geo H. Bistow. Francis Awalken.»

EXPOSITION INTERNATIONALE DE 1878

Exposition des Sciences Anthropologiques

Un arrêté du Ministre de l'agriculture et du commerce, en date du 29 mars dernier, a décidé qu'une Exposition des sciences anthropologiques serait ouverte dans les locaux de l'Exposition universelle internationale, du 1er mai 1878 au 31 octobre suivant, et a confié les soins d'organisation et d'installation de cette Exposition à la Société d'anthropologie.

Voici le règlement de cette Exposition:

RÈGLEMENT

Art. 1.er — L'Exposition des sciences anthropologiques aura lieu dans la galerie à deux étages qui entoure le pavillon central de l'édifice construit au Trocadéro.

De plus, une galerie de sépultures depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours, sera organisée par les soins de la Commission des sciences anthropologiques dans les cryptes qui se trouvent sous l'aile gauche de l'édifice vu du côté des jardins.

Art. 2. — Les galeries seront parfaitement closes.

L'Administration prendra toutes les mesures nécessaires pour en assurer la garde.

Il n'y sera allumé aucun feu, ni conservé aucune caisse d'emballagé ou autres matières inflammables.

Art. 3. — La Commission nommée par la Société d'anthropologie est chargée de la réception et du classement des objets envoyés.

Pour les etrangers, elle se mettra par l'intermédiaire du Commissariat Général en rapport avec les Commissions de chaque nation.

Art. 4. — Le classement aura lieu d'après l'ordre

scientifique. Toutefois les collections d'un même exposant seront divisées le moions possible.

On cherchera de même à grouper les collections de chaque nation.

Art. 4. — Tous les frais de déballage, de vitrine, d'installation et de réemballage seront supportés par l'Administration, que les objets viennent de France ou de l'Etranger.

Art. 6. — L'Administration prendra à sa charge la dépense de transport, aller et retour, pour les objets dont le lieu d'expédition est en France, toutes les fois que la demande en aura été faite par les exposants et aura été agréée par le Commissaire Général.

Art. 7. — Chaque colis venant de France devra porter les marques suivantes :

1° Les lettres E. U. (exposition universelle) entourées d'un cercle ;

2° Au-dessous des lettres E. U., l'inscription *sciences anthropologiques ;*

3° Le nom du propriétaire.

Deux étiquettes d'un modèle spécial seront collées chacune sur une face différente du colis. Ces étiquettes seront envoyées aux exposants qui les auront réclamées par lettre à M. de Mortillet (château de Saint-Germain, Seine et-Oise). Elles serviront d'adresses pour l'expédition des colis aux galeries du Trocadéro à Paris.

Art. 8. — Les Etrangers devront faire parvenir leurs colis par l'intermédiaire de leur Commission nationale. Ces colis satisferont en outre à toutes les prescriptions ci-dessus indiquées.

Art. 9. — Chaque envoi, français ou étranger, devra être accompagné d'une note donnant l'inventaire, la provenance et la valeur des objets qui le composent.

Art. 10. — Les caisses contenant les objets destinés à l'Exposition des sciences anthropologiques seront transportées dans les galeries affectées á cette exposition, et y seront ouvertes par les soins de la Commission, en présence du propriétaire ou de son représentant.

L'inventaire sera vérifié, rectifié au besoin et signé.

Quant au prix indiqué, en cas d'exagération, la Commission se réserve de le réduire ou de refuser l'objet ou la collection.

Art. 11. — Le nom et la nationalité de l'exposant seront toujours indiqués en regard des objets qui lui appartiennent. Hs seront reproduits dans le *Catalogue.*

Art. 12. — Pendant tout le temps de l'Exposition, du 1er mai 1878 au 31 octobre suivant, aucun objet ne pourra être retiré sans une autorisation spéciale du Sénateur Commissaire Général.

Art. 13. — Les dessins et reproductions des objets exposés ne pourront se faire qu'avec l'autorisation formelle du propriétaire.

Art. 14. — Outre les indications sommaires dans le *Catalogue général* de l'Exposition, il sera dressé un *Catalogue* spécial des sciences anthropologiques dans un ordre méthodique, terminé par la table des exposants et celle des nationalités.

Art. 15. — Le réemballage et le renvoi des objets exposés seront surveillés avec le plus grand soin par la Commission.

Ils auront lieu dans le plus bref délai, après le 31 octobre, jour de la clôture.

(Extrait du *Journal officiel,* 24 août 1877.)

EXPOSITION INTERNATIONALE DE 1878

Exposition des Sciences Anthropologiques

La Commission l'Exposition internationale des sciences anthropologiques se compose de Messieurs :

Président : de Quatrefages, membre de l'Institut, professeur d'anthropologie au Muséum d'histoire naturelle, ancien président de la Société ;

Vice-présidents : Paul Broca, professeur à la Faculté et membre de l'Académie de médecine, directeur des Cours d'anthropologie, secrétaire général de la Société ; Henri Martin, Sénateur, membre de l'Institut ;

Secrétaire général : Gabriel de Mortillet, professeur d'archéologie préhistorique, ancien président de la Société, fondateur des Congrès internationaux d'archéologie et d'anthropologie ;

Secrétaires : Docteur Paul Topinard, professeur d'anthropologie biologique, conservateur des collections de la Société ; Girard de Rialle, secrétaire de la Société ;

Membres résidant à Paris : Docteur Bertillon, professeur de démographie et de géographie médicale, ancien président de la Société ; Henri Cernuschi, publiciste ; docteur Dureau, bibliothécaire adjoint de l'Académie de médecine, archiviste de la Société ; Abel Hovelacque, professeur d'anthropologie linguistique, secrétaire du Comité central de la Société ; Louis Leguay, architecte, trésorier de la Société ; docteur de Ranse, président de la Société, rédacteur en chef de la *Gazette médicale de Paris ;* Wilson, ancien député.

Membres ne résidant pas à Paris : Emile Cartailhac, directeur des *Matériaux pour l'histoire de l'homme,* Toulouse (Haute-Garonne) ; Cazalis de Fondouce, secrétaire des Congrcs internationaux d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques, Montpellier (Hérault) ; Ernest Chantre, secrétaire des Congrès internationaux d'anthropologie préhistoriques, Lyon (Rhone) ; J. Cotteau, ancien président de la Société géologique de France, Auxerre (Yonne) ; général Faidherbe, ancien gouverneur du Sénégal et commandant de la province de Constantine, ancien président de la Société d'antropologie. Lille (Nord) ; Emile Guimet, Lyon (Rhone) ; Elie Massenat, Brive (Corrèze) ; docteur Prunières, vice-président de la section d'antropologie de l'Association française pour l'avancement des sciences, Marvejols (Lozère) ; Julien Vinson, Bayonne (Basses-Pyrénées).

Pour activer le travail, tout en le complétant autant que possible, la Commission a délégué d'une maniére spéciale Messieurs :

Docteur Broca, rue des Saints-Pères, 1, Paris, pour ce qui concerne les *Sociétés d'Anthropologie ;*

Docteur de Ranse, place Saint-Michel, 4, Paris, pour l'*Enseignement anthropologique ;*

Docteur Topinard, rue de Rennes, 97, Paris, pour l'*Anthropologie générale et la craniologie ;*

Gabriel de Mortillet, au château de Saint-Germain en-Laye (Seine-et-Oise), pour l'*Archeologie et l'anthropologie préhistoriques ;*

Girard de Rialle, rue de Clichy, 64, Paris, pour l'*Ethnographie de l'Europe ;*

Abel Hovelacque, rue de l'Université, 35, Paris, pour l'*Anthropologie linguistique ;*

Docteur Dureau, rue de la Tour-d'Auvergne, 16, Paris, pour la *Bibliographie.*

Docteur Bertillon, rue Monsieur-le-Prince, 20, Paris, pour la *Démographie, ou étude statistique de population, et la Géographie médicale;*

Louis Leguay, rue de la Sainte-Chapelle, 3, Paris, pour tout ce qui concerne l'*Aménagement et les dispositions générales.*

Pour chacune des parties signalées ci-dessus les exposants sont invités à se mettre en rapport de préférence avec le délégué spécial, et cela dans le plus bref délai.

Les exposants seront avisés, en temps utile, de l'époque ou devront se faire les envois.

Il a été décidé à Budapest que le Congrès international d'antropologie et d'archéologie préhistorique n'aurait lieu qu'en 1879. Pourtant comme il serait très-fâcheux de ne pas tirer le plus grand parti possible de l'Exposition universelle et de la visite des savants de toutes nations, la Societé d'anthropologie a décidé d'organiser des **Séances plénières internationales des sciences anthropologiques.** Ces séances seront échelonnées régulièrement pendant la durée de l'Exposition pour permettre à tous les visiteurs d'y prendre part. Les travaux communiqués et les discussions seront publiés et formeront un ouvrage spécial.

Le Président
DE QUATREFAGES.

Le Secrétaire général
G. DE MORTILLET.

A proposito d'esta Exposição, e programma, recebeu-se na nossa Associação a seguinte circular:

MONSIEUR. — La commission chargée d'organiser une exposition des Sciences Anthropologiques a reconnu l'importance de diverses parties. Elle a demandé à plusieurs de ses membres de s'occuper spécialement de leur représentation.

Ainsi je dois me mettre en rapport avec les personnes et les musées ou sociétés qui possèdent les résultats des fouilles entreprises dans les monuments dits dolmens, cromlechs, allées couvertes etc. et dans certaines grottes sépulcrales contemporaines.

Vous savez, Monsieur, le nombre et l'intérêt des questions soulevées par ces vestiges qui se retrouvent sur une vaste étendue de l'ancien monde. Elles seraient en général élucidées par l'exposition, le rapprochement, la comparaison des ossements, des mobiliers funéraires accompagnés de vues, dessins et photographies, plans en relief et autres, des monuments eux mêmes. Quel que soit le mérite des publications consacrées à cet étude (et que nous désirons reunir aussi) rien ne remplace la vue des objets; les sciences naturelles font constamment l'expérience de ce fait.

Je suis chargé de vous demander, avec votre adhésion immédiate, une liste approximative de la série qu'il vous plaira d'exposer avec un aperçu de l'espace qu'elle exige. Inutile d'ajouter que cette exposition ayant lieu au palais du Trocadéro, l'administration se charge de tous les frais. Je vous adresse d'ailleurs le règlement officiel.

L'exposition des Sciences Anthropologiques sera d'autant plus importante qu'elle doit coïncider avec des séances dites plénières d'Anthropologie et de Paléoethnologie, auxquelles tous les savants étrangers et français sont conviés.

Persuadé, Monsieur, que vous désirez comme nous servir les intérêts de la science dans une occasion absolument exceptionnelle, je vous prie d'agréer l'assurance de ma considération la plus distinguée.

ÉMILE CARTAILHAC.

Depois accrescentava o sr. Cartailhac, escripto pela sua mão, e dirigindo-se ao presidente da nossa Associação, o que se segue:

«MON CHER CONFRERE — En vous remerciant de votre collaboration à ma Revue *Les nouvelles archéologiques* et de l'envoi de la livraison 3 du *Boletim de Architectura e de Archeologia;* je viens appeler toute votre attention sur nos projets. Je vous prie au nom de M. de Quatrefages et de la Commission, de faire en sorte que le Portugal soit représenté dans notre exposition internationale. Les réglements généraux exigent que les exposants étrangers s'adressent á nous — pour l'expedition — par l'entremise des Commissions de leur patrie. Mais en exposant dans le Palais du Trocadero ils ne diminuent pas la part attribuée à leur nation dans l'exposition universelle proprement dite.

Ayez la bonté de communiquer ma lettre soit à Ta Société Royale des Architects et d'archéologie, soit aux Directeurs de musées, soit aux collectionneurs privés

Votre bien dévoué confrère.

ÉMILE CARTAILHAC.»

NOTICIARIO

A ponte do nosso caminho de ferro do Norte, inaugurada no dia 4 d'este mez (novembro), sôbre o Douro, é um trabalho até hoje *unico* no seu genero. O projecto dos srs. Eifell & Companhia, pareceu tão audacioso em suas proporções, que a Empresa julgou dever submettel-o ao juiso de tres engenheiros dos mais eminentes, os srs. Krantz, Molinos e de Dion. Nenhumas fórmulas exactas se conhecem, para calcular os esforços a que tinham de ser submettidas peças metalicas tão importantes como as d'esta ponte. Os julgadores tiveram de estudar o methodo de achar certas formulas, o mais rigorosamente exactas que possivel fosse: e a serie dos seus theoremas, é um modêlo d'analyse mathematica. Mas para prevenir qualquer engano, o sr. de Dion teve ainda arte de imaginar, parallelamente ao calculo, um methodo de construcção graphica, que permittisse determinar com extremo rigor, os momentos de flexão, e as deformações, em qualquer logar da ponte. Os dois methodos verificando-se um ao outro, deram resultados concordes, que devem

inspirar a maior confiança. Os julgadores aconselharam algumas modificações, que foram de boamente adoptadas. A concepção de um arco, em fórma de crescente, elegante e arrojado, e o modo dos seus fundamentos, constituem as principaes innovações d'esta ponte; e asseguram á sua construcção a maior rigidez contra todas as causas de deformações, e a resistencia necessaria contra todos os esforços produzidos na passagem dos trens.

O ministro da instrucção publica em França, sobre consulta do Director das Bellas-Artes, resolveu, em outubro último, que se estabelecesse no museu de Versailles uma galeria de rettratos ou bustos, das celebridades francezas contemporaneas, tanto militares como civis de todas as especies: estadistas, eruditos, escriptores, artistas, inventores, etc. A creação d'uma galeria historica nacional d'esta natureza, entre nós, seria não só homenagem ás glorias portuguezas, mas tambem um dos meios mais efficazes (dos que em Portugal em extremo se carecem), para animar os nossos artistas, recompensar-lhes os esforços, e excitar a arte que parece querer extinguir-se aqui; onde aliás campeiam o luxo, e os gastos de muita especie, que nem sempre são os de melhor gosto, e são ás vezes de pernicioso exemplo.

O governo italiano está desenvolvendo a maior energia, na solicitude de descobrir estatuas antigas por toda a peninsula, em qualquer parte que haja probabilidade de encontral-as. Todos os mezes são enviadas ao director do Museu nacional, minuciosas informações, e conta das pesquizas e excavações que se praticam. O mesmo governo mandou tambem proceder á exploração do territorio onde foi situada a antiga cidade de Catania, na Sicilia, ao pé do Etna, fundada pelos gregos mais de setecentos annos antes da era vulgar; e desde então muitas vezes destruida e reedificada.

Parece que o Museu Britanico, está tractando na China, da compra da maior obra litteraria que existe no mundo, e de que restam apenas mui poucos exemplares: é o *Kin ting Koo Kin too shoo tseih ching* (Collecção imperial illustrada da Litteratura antiga e moderna). Consta de 6:100 volumes, e data dos fins do seculo decimo-setimo. Foi mandada colligir e imprimir pelo imperador, então reinante; e é uma compilação de todas as obras nacionaes de litteratura.

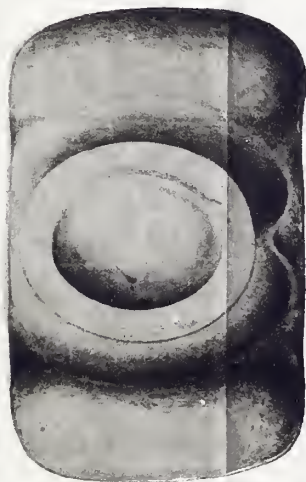
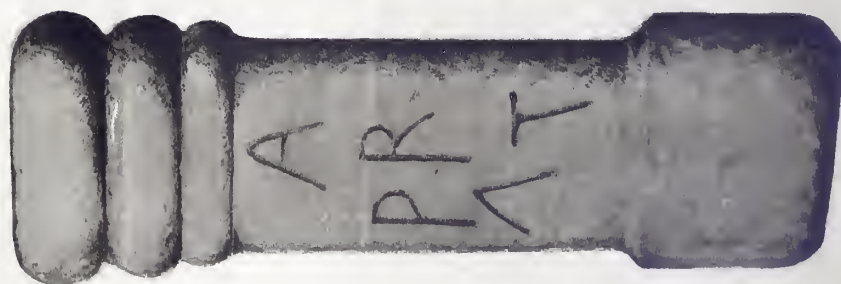
Os Estados-Unidos desejam possuir tambem, como a Inglaterra, um obelisco egypcio. Diz-se que fôra comprado pelos americanos, o unico obelisco que existe em pé na Alexandria. Este obelisco foi originalmente levantado por Thotmés III.

D'acordo com M. A. O. Lambert, o capitão James Eads concluiu os planos de uma ponte quasi toda de ferro, em Constantinopola, sôbre o Bosphoro, que ligará a Europa com a Asia. O taboleiro terá 30 metros de largura, e 1:800 metros de comprimento. A altura acima do mar, será de 36 metros. A maior difficuldade para a construcção dos pilares, provirá da corrente d'agua, que é fortissima. O leito do Bosphoro apresenta 1 metro de vasa d'alluvião sobre 4^{m},50 de residuos d'areia; so por baixo se encontra rocha solida. A despeza está orçada em 22.500:000$000 em razão da barateza da mão de obra nas margens do Bosphoro.

O jornal inglez *The Academy*, diz-nos que o sr. Reginald Stuart Poole, abriu uma serie de leituras publicas no collegio de *Queen square*, sobre o antigo Egypto: origem da sua historia, importancia dos documentos alexandrinos, e em especial de Manethon; considerações sobre as historias de Herodoto nos pontos concernentes ao Egypto; e sobre a antiguidade e exactidão dos archivos hebraicos, testemunhados pelos monumentos egypcios: descripção d'estes monumentos, e da escriptura hieroglyphica e demotica, com a historia da sua interpretação, etc. Este curso está sendo constantemente seguido, por grande número de ouvintes dos *dois sexos*. Foi principalmente por esta circumstancia, que achámos interessante esta noticia. Qual seria o número continuado de ouvintes, que teria entre nós, d'um ou de ambos os sexos, um professor d'egyptologia? Nenhum dos nossos eruditos terá a coragem de experimental-o? As conferencias, que respeitam á Africa, e que tão brilhantemente se estão fazendo na Academia Real das Sciencias, seriam comtudo um bello exemplo, e animador, para ser imitado.

Como os nossos leitores ja saberão, o famoso obelisco de Cleopatra, que os inglezes transportavam do Egypto, para Inglaterra, em uma especie de pontão, a reboque, foi abandonado a 130 milhas ao NO. do cabo de Finisterra, a 13 do mez passado (outubro), em consequencia de fortes temporaes n'aquella altura. Mas o vapor *Gluicaurice*, conseguiu tomar depois o obelisco, e entrou com elle no Ferrol a 17. Hoje acha-se em Inglaterra, depois da sua trabalhosa viagem; e discute-se agora, o que parece que ha muito tempo devêra estar discutido: o sitio onde collocal-o em Londres. Não sei se n'esta cidade domina a monomania, que entre nós se nota, de querermos collocar todos os nossos monumentos, e edificações publicas, nas proximidades ou no lodo do Tejo; o caso é, que voga muito a idéa de levantarem o obelisco proximo do Tamisa, entre o Parlamento e a Abbadia de Westminster. Felizmente, o architecto Cooke, n'uma correspondencia inserta no jornal *O Architecto*, lembra o parque de S. James, em local fronteiro ao Arco dos *Horses-Guard*, fazendo-lhe como que fundo o palacio de Buckingham. Alli ficaria decerto mais desafogada a colossal *reliquia* dos Pharaós, e seria melhor gosado o monumento; circumstancias que tambem entre nós se não consideram, erigindo-se monumentos em pequenas areas, cercadas de casaria, sem horisontes, etc.

O sr. Vasconcellos e Abreu, ultimamente nomeado professor do curso superior de lettras, abriu as suas lições de sanskrito nas salas da Academia Real das Sciencias nas terças, quintas, e sabbados pela manhã; e na rua do Alecrim, n.° 47 nas quartas e sabbados á noite. Imprime-se na Imprensa Nacional o respectivo compendio, em portuguez.

1877, Lallemant frères, Typ. Lisboa

PARTE SUPERIOR

ALTAR ROMANO DE GRANITO DES COBERTO EM CASTRO DAIRE
desenhada na sua propriagrandeza.

Pag 64

SERIE 2.ª ANNO DE 1878 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 5

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

INTRODUCÇÃO

LISBOA, 24 DE MARÇO DE 1878

O proverbial pensamento do poeta: *Vires acquirit eundo* — é um poderoso estimulo para nos abalançarmos a difficeis emprezas, e não menos uma consolação para os que, tendo feito tentativas audazes, não conseguem logo resultados grandiosos.

Tanto em um como em outro caso, acode ao espirito o inexoravel dictame da experiencia: *não tem força de vida o que se faz sem o tempo; só elle trás comsigo o progresso real.*

D'aqui resulta a necessidade impreterivel de perseverança, da parte dos lidadores; de uma discreta paciencia, da parte do publico, ao qual só é permittido exigir o que vae sendo possivel, o que só póde surgir pouco e pouco, dentro dos limites dos recursos existentes.

O impetuoso Julio II impacientava-se com a lentidão do trabalho do immortal Miguel Angelo Buonarroti; mas este, sobranceiro e cheio de dignidade, contrapunha ao insoffrimento do pontifice *(frettoloso e impaziente)* a severidade do homem que trabalha pausado para attingir a perfeição.

Todas as creações memoraveis, nos amplissimos dominios da actividade humana, foram passando pelos tramites prescriptos pela natureza das cousas; foram todas seguindo as phases de vagaroso e successivo crescimento.

Occorreram-nos estas considerações a proposito do Museu da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

Data de 1866 a creação do Museu; e, comquanto esteja bem chegado a nós esse anno, é certo que já hoje encontramos alli uma demonstração clara de que não decorreu esse intervallo de tempo sem o emprego de esforços, — tanto mais meritorios, quanto é raro lograrem os homens laboriosos toda a coadjuvação de que precisam.

Por fatalidade, é immensamente maior o numero dos impacientes, dos criticos, dos murmuradores, do que o dos auxiliares das cousas uteis.

Já hoje conta o Museu muitos objectos de archeologia prehistorica, de archeologia historica, de antiguidades diversas, de modelos de architectura, de curiosidades interessantes, como extensamente pode ver-se na *relação* já impressa.

Foi o Museu estabelecido nas ruinas de um monumento grandioso, o qual, não obstante recordar as glorias portuguezas, e ser um primor d'arte, de um seculo já distante de nós, estava para ahi entregue a usos vis e vergonhosos.

Essas ruinas, graças aos cuidados da Associação (que não tem cessado de sollicitar os bons officios dos poderes publicos), apresentam agora outro mais digno aspecto. Sem fallarmos do aproveitamento de alguns compartimentos do monumento, merece especial menção o trabalho de desaterro, que permitte admirar a elegancia das columnas que estavam soterradas. Louvores tambem á camara municipal, que n'este bom serviço coadjuvou a Associação!

Não tardará talvez que se possa entender na cobertura do cruzeiro e das naves do templo; evitando-se assim a ruina completa do monumento, e dando-se, ao mesmo tempo, occasião a que sejam ordenadamente dispostos os objectos que já existem, e outros que hão de ser adquiridos.

No Museu, além dos objectos que por maior apontámos, começam já a estar representadas a numismatica, a sigillographia, a epigraphia, a technologia na parte que mais de perto interessa a Portugal.

Seria, porém, uma exaggeração reprehensivel, seria até uma falta de respeito á verdade, o asseverarmos que a indicada representação é completa, ou digna inteiramente do elevado destino de um museu, e do brio de uma nação que se présa de ser civilisada.

No entanto, é já um bom começo o que ahi vemos; e o tempo irá fazendo o que só elle póde fazer.

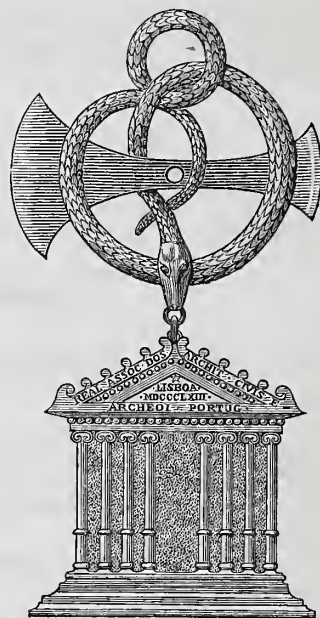
O assumpto d'este breve artigo demandaria grandes elucidações; mas já foram expostas em um escripto notavel, do qual citaremos apenas o seguinte enunciado: — *Conviria de certo ao paiz aproveitar, nos devidos termos, tantos, tão continuados e tão provados esforços, patrocinando-os, e promovendo o seu desenvolvimento.* [1]

Por nossa parte diremos sómente como o poeta: *Da facilem cursum, atque audacibus annue cœptis.*

José Silvestre Ribeiro.

[1] As ruinas do Carmo. Breves considerações.—I. Monumento.—II. O Museu.—III. A Associação. 1876, por Sá Villela.

PORTUGAL

NOVO DISTINCTIVO SCIENTIFICO

Se em algumas associações litterarias e scientificas as mais illustradas, acharam conveniente usar de uma insignia que fizessem reconhecer a que classe de estudos consagravam as suas reuniões, posto que, pelos seus importantes e uteis trabalhos tenham alcançado ha muito a consideração publica, nos quaes haviam patenteado a competencia de seu saber e talento; não foi tomada aquella deliberação com o fim de fazerem gala do merito que possuiam, pois que não dependeria do emblema que tivessem adoptado, que este lhes proporcionasse maior sabedoria; mas sim seria com o unico intuito de significarem a qual dos institutos scientificos estão ligadas para auxiliarem com os seus conhecimentos o fim civilisador da sua fundação. Foi pois motivado por esse louvavel pensamento, que as Academias reaes de S. Fernando de Madrid, a de Sciencias de Lisboa, e tambem a Sociedade real de Geographia quizeram imitar o que já estava ha muito em uso na Italia, na Belgica, e em França; bem longe de ser originado pela vaidade, fôra unicamente motivado para se differençarem entre si, que julgaram necessario semelhante uso.

Este exemplo acaba de ser seguido pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, tendo-se combinado na forma do emblema, no qual podessem ser representadas, tanto a Arte (a architectura), como igualmente a Sciencia (a archeologia); ainda que fosse um pouco difficil idear uma composição simples e ao mesmo tempo agra-

davel á vista, em que ficasse bem caracterisado o titulo duplo d'esta Associação, na qual se cultivam dois ramos tão distinctos de conhecimentos; foi adoptado o emblema que melhor indicava esta precisa significação: publicamos pois a gravura que representa a insignia que foi preferida entre os modelos apresentados pelos socios, e approvada pela Assembléa geral, e passamos a explicar a sua composição.

Compõe-se este distinctivo de tres corpos distinctos: o primeiro, superior, é de uma *serpente* dourada, que symbolisa a — Sciencia; nas roscas flexiveis d'este reptil envolve um *machado de pedra* (hache), do feitio d'aquelles que foram descobertos na Scandinavia, o qual fórma o segundo corpo; ficando a cabeça da serpente pendente, para poder suspender com a bocca o angulo superior do frontão que representa o *Templo archaico* da Grecia, aquelle de *Diana de Epheso*, que figura o terceiro corpo. As columnas jonicas, o entablamento e o frontão prateado fazem realçar mais o Templo dourado, que forma o fundo d'esta construcção. Lê-se no frizo e nas molduras de cornija do frontão o titulo — *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* — 1864, data da sua fundação.

Esta insignia ficará suspensa ao collo por um *cordão azul claro entrançado com fios de prata*, para indicar as côres nacionaes; tendo sido preferido em logar de fita, não só para se não confundir com as Ordens Militares, e tambem por ser mais modesto o uso do cordão, do que as côres vistosas de qualquer fita. Já tambem a Academia Real de S. Fernando de Madrid havia adoptado o cordão, mas este é verde, entrançado com fios de ouro.

Sua Magestade el-rei o senhor D. Fernando quiz possuir esta insignia por ser o Augusto Presidente Honorario d'esta real Associação, e mais uma vez demonstrou o quanto se interessa pelo engrandecimento do seu credito, e pelos progressos do seu desenvolvimento.

Ficará portanto para o futuro mais uma prova da existencia em Portugal d'esta Real Associação, a primeira da sua especialidade fundada no paiz, a qual havia creado tambem o primeiro museu archeologico em Lisboa.

J. P. N. da Silva.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA JAPONEZA

A architectura japoneza, tanto pelo que respeita ao traçado geral dos alçados, como á decoração e distribuição de suas partes, é absolutamente differente da architectura dos povos occidentaes, e só tem pontos de contacto, posto que difira no seu todo, com o genero de architectura da China e das regiões transgangeticas.

Se attendermos ás regras architectonicas do estylo grego, que, tendo sido o mais judicioso e elegante dos tempos antigos, é tambem aquelle que, com mais pureza, chegou até nós: se considerarmos mesmo o estylo romano, e ainda o gothico, que, posto divirjam no desenho geral e na decoração, guardam todos a mais suave harmonia entre as suas partes; somos forçados a reconhecer que a architectura japoneza é muito inferior, em gosto e em grandeza, aos generos que os povos civilisados mais cultivam e exercitam.

Póde mesmo affirmar-se que as regras da arte architectonica no Japão são a completa inversão dos invariaveis principios communs no occidente a todos os generos de architectura bem acceite.

Seja qual fôr o estylo seguido, nenhum dos nossos architectos se lembrará de esmagar as partes inferiores de um edificio, alargando e sobrecarregando as divisões, galerias, ou andares superiores, quando ao contrario as exigencias da arte impõem a condição de alliar a robustez do edificio com a elegancia, pyramidando e tornando cada vez mais gracioso e subtil o edificio, á proporção que se eleva.

O caracter distinctivo da architectura japoneza consiste no enorme desinvolvimento dado aos tectos, ordinariamente duplos, pondo-os em flagrante desproporção com o corpo do edificio. Não é raro encontrar nas principaes cidades do Japão e nos seus contornos famosos pagodes, medindo apenas no corpo aproveitavel do edificio 6 a 8 metros de alto, emquanto os seus tectos em arabescos se elevam de 15 a 20 metros, com largura proporcional, o que exprime um verdadeiro esmagamento das acanhadas fachadas rectangulares.

Se, porém, considerarmos que estes edificios, embora assentes n'uma base de cantaria, são feitos exclusivamente de madeira, e se attendermos a que são precedidos ordinariamente de extensas escadarias, somos levados naturalmente a imaginar que a massa de cantaria que dá accesso ao terrapleno e o proprio corpo do edificio, formam a base e pedestal de um gracioso monumento composto dos formidaveis tectos pyramidaes.

São os templos ou pagodes os principaes monumentos do Japão, e é n'esses, quasi exclusivamente, que se concentram os primores de architectura nacional.

Posto que as faces do edificio tenham já uma decoração bastante vistosa, é principalmente nas cornijas gigantescas e nas arestas dos altos tectos de quatro faces e de pontas reviradas, que se desenvolvem e multiplicam em relevos de differentes planos, excentricos trabalhos de madeira, representando dragões alados, figuras phantasticas, flores desconhecidas e variegados fructos. As mais vivas côres, com o predominio do vermelho activo e do brilhante dourado, matizam ornatos e molduras, tanto exterior como interiormente, a ponto de se cançar a vista, tornando assim difficil a analyse de detalhes, que, como esmeradas obras de arte, bem merecem a pena de detido exame.

O corpo do edificio consta frequentemente de um só vão e sempre n'um só pavimento, tendo quando muito uma simulada galeria em torno, formada por columnas de madeira igualmente pintadas e ornadas de esculpturas em profusão.

Os dois tectos que ordinariamente compõem a cobertura do edificio e lhe dão relevo e caracter são muitas vezes divididos por um alto colo em torno do qual gira uma galeria, que, servindo de adorno ao templo, proporciona tambem ao melancolico bonzo o seu passeio favorito.

Não é raro ver pesadas ornamentações de bronze nos principaes templos, tanto na decoração interior, como exterior.

Algumas estatuas de granito, de bronze ou de madeira, precedem a entrada dos grandes edificios, mas é certo que não são os japonezes tão prodigos na exhibição estatuaria, como o povo chinez.

É indubitavel que o clima, a arborisação, os costumes e a religião dos povos, influem necessariamente na architectura nacional. Pois bem: avaliadas todas estas circumstancias, parece harmonica, suave e elegante a architectura japoneza.

Nada ha mais agradavel, debaixo do ponto de vista pittoresco, do que descobrir no fim de uma extensa alameda de cedros annosos, sobre alta escadaria de pardacento granito, o airoso e multicor pagode, reflectindo em seus variegados frisos e dourados flexos o brilhante sol que atravessa uma atmosphera purissima, indo tambem dourar os formosos cambiantes da floresta que, coroando altivamente a collina proxima, formam um fundo apropriado a tão primoroso quadro!

Não devemos moldar todos os generos de architectura pelas regras que conhecemos e temos por impreteriveis. A architectura é boa, debaixo do ponto de vista artistico, quando em relação ao seu estylo e ao meio que a circunda, reune condições que despertam a idéa do bello.

Para se apreciar melhor o genero de architectura japoneza, trataremos de descrever resumidamente o templo de Kamakoura, que visitámos, e que se acha assente no meio de campinas arborisadas, a algumas milhas de Yokohama, soccorrendo-nos, para avivar a memoria, aos desenhos e dizer de mr. Aimé Humbert, no seu *Japão Illustrado.*

O templo de Kamakoura é precedido por extensas alamedas de grandes cedros, que formam a mais bella decoração dos logares do culto no Japão.

Á medida que se avança na avenida, veem-se apparecer á beira da estrada pelo lado esquerdo, sobre collinas sagradas, as capellas, os oratorios e as lapides commemoratorias, que marcam as estações das procissões.

Sobre a direita, o horisonte é fechado pela montanha com os seus socalcos de grés, as suas grutas, os seus arroios, e os seus bosques de pinheiros.

Pouco depois de ter passado um rio sobre uma bella ponte de madeira, chega-se á alameda principal, que é adornada por tres grandes porticos *(toris)*, e que abre n'uma grande praça, em face dos terraços, das escadas e do templo.

No primeiro terraço estão assentes as casas dos bonzos, alternadas com arvores em torno de um muro de cerca. Dois grandes lagos de fórma oval occupam o centro da praça, communicando entre si por um largo canal, sobre o qual estão lançadas duas pontes parallelas, cada uma em seu genero, mas igualmente notaveis. A da direita é em pedra talhada de granito branco, e quasi que descreve um semicirculo, sendo por isso só destinada á passagem dos deuses e dos bons genios que vem visitar o templo. A da esquerda é plana, construida de madeira revestida de charão vermelho, tendo os capiteis dos balaustres e outros ornatos, de cobre invernisado. Um dos lagos tem magnificos lotos brancos, emquanto que o outro está coberto de flôres vermelhas da mesma especie. Innumeros peixes de côres variegadas, bem como pequenas tartarugas, estão na posse tranquilla d'aquellas aguas crystallinas.

O segundo terraço ou patamar é apenas separado do primeiro por alguns degraus, e para ali penetrar é necessario passar por uma especie de alpendre, que abriga debaixo dos seus altos tectos dois monstruosos idolos, que, postados de um e outro lado da larga entrada, lhe servem como de vigilantes sentinellas. Estes idolos são esculpidos em madeira e revestidos totalmente de uma grossa camada de vermelhão. Os seus bustos extravagantes e enormes estão mosqueados de innumeraveis bolas de papel mastigado, bolas que os visitantes indigenas lhe lançam na passagem, sem mais respeito nem formalidade, querendo assim enviar ao seu destino qualquer supplica aos deuses.

Ao transpôr os umbraes d'este portico, descobre-se um quadro digno de admiração. Um terraço elevado,

ao qual conduz uma larga e extensa escadaria de pedra, domina o segundo patamar. Um muro de construcção cyclopeana supporta a escada e sustenta o templo principal, bem como as habitações dos bonzos, destacando-se os tectos multicores e apparatosamente ornamentados, sobre uma sombria floresta de cedros e de pinheiros.

Á esquerda levantam-se os edificios do *thesouro*. Um d'estes tem uma dupla cobertura pyramidal, encimada por uma flecha de bronze artisticamente trabalhada.

Á direita eleva-se um alto pagode construido segundo o principio dos pagodes chinezes, mas d'um estylo mais singelo e mais severo. O primeiro pavimento, de fórma quadrangular, assenta sobre pilares, consistindo o segundo andar n'uma vasta galeria circular, que, posto seja de bastante solidez, se desenha no espaço com uma tal ligeireza, que parece repousar n'um simples eixo. Um tecto muito elevado e ponteagudo, apoiado em gigantesca cornija e terminado por uma alta flecha em espiral, fundida em bronze e ornada d'alpendres do mesmo metal, completa o effeito d'este estranho monumento, no qual seria impossivel alliar maior arrojo a uma mais justa adopção de proporções.

O problema da construcção d'este pagode devia conduzir a uma monstruosidade architectural, ou a este rasgo de audacia perfeitamente executado. Contemplando um semelhante edificio, o europeu não póde esquivar-se a um certo movimento de desconfiança, e até mesmo de protesto; mas chega-se a concordar, não só que se está debaixo do imperio do espanto, mas ainda sob a impressão imponente e harmoniosa que produz toda a verdadeira obra d'arte.

A ornamentação d'este edificio não é tambem falta de gosto e de propriedade. Applica-se principalmente aos frontaes das portas e ás cornijas em que repousam os tectos. O suave colorido escuro das madeiras, que são quasi os unicos materiaes empregados n'estas construcções, é animado por muitos detalhes de esculptura pintados a vermelho, a verde dragão, ou dourados. De resto não é superfluo ajuntar ao quadro a sua moldura de arvores seculares, e o azul incomparavel do céu do Japão, porquanto n'este paiz a atmosphera é da mais admiravel transparencia.

VISCONDE DE S. JANUARIO.

SECONDO CONGRESSO
DEGLI ARCHITECTI ED INGEGNERI ITALIANI
IN FIRENZE

Relazione del segretario generale ing. Giovanni Pini. Firenze, 1876.

I

Fôra indesculpavel falta não se dar noticia, n'este nosso periodico, do importante relatorio que o sr. Pini elaborou dos trabalhos do segundo congresso dos architectos e engenheiros italianos, celebrado em Florença.

Muito competentemente compoz este escripto o sr. Pini, visto haver sido o secretario geral do congresso; e com apurada delicadeza, e não menor acerto, o dedicou ao sr. comm. Ubaldino Peruzzi, deputado, e syndico de Florença.

O sr. Pini vê nos congressos que hoje estão em voga, um terreno propicio para recolher os germens que a especulação, a observação e o estudo individuaes pretendem fazer fructificar.

Dão os congressos occasião ao conhecimento reciproco, á conversação fraternal, á permutação das idéas; e se acaso se reunem homens de engenho e de doutrina... os resultados serão grandiosos, pois que facilmente poderá ser proclamado um principio que muitas pessoas se incumbem de propagar e desenvolver.

A observação e o estudo de um individuo é quasi sempre esteril em resultados praticos, porque faltam o elemento e o apoio da discussão. «Os congressos dos especialistas (disse um sabio professor citado no relatorio), restringindo o circulo dos estudos, estão como que em familia, entendem-se facilmente, e sempre surribam, ainda que á pressa, alguma gleba de torrão.»

Encarando assim o congresso de Florença, saúda o sr. Pini a segunda reunião dos architectos e engenheiros italianos, e passa a dar conta das soluções que o congresso deu a diversos pontos discutidos.

Comecemos a percorrer essas soluções:

Secção de architectura. Quesito: — Investigar e definir as attribuições especiaes do architecto e do engenheiro no exercicio de suas profissões; quaes as relações que os avisinham; qual a ordem, a extensão e os limites dos estudos proprios de cada uma d'ellas.

Repetindo-se muitas vezes o facto de ser confiado a uma só pessoa o exercicio das duas profissões de architecto e de engenheiro, pareceu necessario formular o precedente quesito.

Na opinião do sr. Pini, a differença entre o architecto e o engenheiro é clara e precisa. O architecto é um artista; o engenheiro deve possuir de sciencia quanto o tempo e a natureza dos seus estudos permittirem. O architecto deve beber o leite da existencia intellectual na fonte da arte; o engenheiro, na da sciencia. O architecto deve idear todas as construcções e obras de arte accessorias, em que seja condição principal a fórma esthetica interior e exterior; o engenheiro tem que executar aquellas obras em que não predomina o conceito artistico.

Omittindo outras ponderações, apressamo-nos a tomar nota dos termos em que o congresso, depois da conveniente discussão, formulou o seu pensamento.

« Considerando que o architecto é essencialmente um artista, ao passo que o engenheiro é principalmente um homem de sciencia applicada;

« Considerando que nas escolas de applicação e nas polytechnicas a sciencia deverá sempre ser a parte principal; sendo difficil que ahi possam formar-se verdadeiros artistas;

« Considerando que nas academias de bellas-artes de Italia não ha ensino algum scientifico, ou que seja inteiramente proprio para formar bons architectos, aliás muito necessitados de sciencia:

« A secção «*Architectura*» do congresso dos architectos e engenheiros julga que seria muito util, e, ainda na condição actual do paiz, necessario fundar em uma ou mais das nossas academias de bellas artes alguma escola de architectura, que ao ensino artistico reuna o ensino scientifico indispensavel para o exercicio da profissão, e confira o respectivo diploma.

« Crê tambem a secção que Florença, pelas suas tradições artisticas, e pelos seus monumentos, é, d'entre as cidades, a mais adaptada para escolas taes. A secção faz votos para que o governo estabeleça, pelo menos, uma escola d'esta natureza na Italia.»

Se a ordem do dia approvada pelo congresso não resolve completamente a questão, parece ao sr. Pini que a faz chegar ao ponto de poder ser resolvida definitivamente.

Maravilha fôra que o congresso não se occupasse com os monumentos!

Estavam reunidos em Florença architectos e engenheiros italianos, e era este um assumpto que muito naturalmente havia de chamar a sua attenção, no proposito de sollicitar providencias sobre a conservação ou reparação de tão preciosos auxiliares da historia dos povos.

São eloquentes a tal respeito as expressões do secretario geral do congresso:

«Os *Monumentos* foram, são e serão sempre o seguro indicio da grandeza de um povo; e se esse povo souber defendel-os e conserval-os... dará testemunho da grandeza passada, mas tambem da civilisação presente. Ora, a Italia é abundante e rica de monumentos, espalhados por toda a sua superficie. Italianos e estrangeiros largamente os levantaram em todos os tempos, a despeito da irrupção e correrias dos barbaros, a despeito tambem das discordias intestinas. E por quanto são os monumentos a pagina mais vividoura e mais esplendida da historia, que ás gerações novas acrescentam a gloria dos antepassados... constituem elles uma herança sagrada, da qual devemos ser guardas vigilantes e zelosos.»

Vejamos agora as providencias que n'este sentido suggeriu o congresso.

Mostrára a experiencia de dez annos que não foi efficaz a lei de 25 de julho de 1865 para se conseguir a conservação dos monumentos; e por isso fôra formulado o seguinte quesito:

« Se os artigos 83.º, 84.º e 85.º da lei de 25 de julho de 1865, sobre a expropriação por utilidade publica, proviam bastantemente á conservação dos monumentos architectonicos; e quaes prescripções e limites deviam ser estabelecidos para que fossem restaurados em harmonia com a época a que pertencem e com a importancia d'elles.»

O congresso regulou a discussão pela memoria apresentada pelo professor Giuseppe Villari, e approvou as seguintes conclusões:

« Pedir ao governo que apressasse a promulgação de uma lei para a conservação dos monumentos e dos objectos de arte que interessem á archeologia; firmando-se a proposta que o ministro da instrucção publica submettera á decisão do senado em 13 de maio de 1872, e tomando-se em consideração as indicações do congresso.

« Tornar obrigatorio, nas restaurações de monumentos do governo, o juizo prévio das respectivas commissões provinciaes consultivas, ou das mais visinhas do local onde as não houver.

« Sujeitar á lei de conservação os monumentos de procedencia privada, pelo modo que mais adequado parecer; ou, ao menos, ordenar que elles entrem no inventario dos monumentos da nação.

« Aconselhar que, antes de funccionarem as commissões provinciaes consultivas, sejam fixadas pelos architectos e outros artistas, pelos archeologos e pessoas competentes, as bases e as clausulas principaes para a conservação dos monumentos architectonicos. — O mesmo, quando se tratar da acquisição ou de inventario dos monumentos que deverem ser declarados de interesse nacional. — Na feitura dos inventarios deveriam estar presentes as plantas, secções e prospectos, necessarios para se formar uma idéa clara do estado actual do monumento, e da necessidade da sua conservação ou reparação.

« Pedir ao governo que proveja á constituição de um patrimonio ou rendimento, que ministre os meios de applicar e fazer cumprir as leis, em materia de conservação, restituição, etc., dos monumentos e objectos de arte; e bem assim para subsidiar as visitas aos museus, galerias, monumentos antigos, etc.»

Não está esgotado ainda este assumpto. A elle voltaremos em outro artigo.

José Silvestre Ribeiro.

ARCHITECTURA E ESCULPTURA DO RENASCIMENTO

(Estampa n.º 25)

A architectura do Renascimento teve origem na Italia em 1420, por iniciativa do insigne architecto Nicolas de Pisa, o verdadeiro restaurador da arte, o qual, levado por um poderoso sentimento do bello, e á vista dos admiraveis monumentos executados na Italia, fez surgir o que a Europa adoptou dois seculos depois. O velho estylo do Baixo-imperio ficou abandonado, e a celebre escola florentina progrediu com o seu estylo severo e apurado até que o afamado architecto Brunelleschi, fazendo erguer magestosamente a cupula da cathedral de Florença, com tão elegante e admiravel proporção, inspirando-se sobremaneira da architectura antiga, veiu favorecer o sentimento do bello e o da perfeição.

O Renascimento inaugurára um grandissimo progresso, e contribuira poderosamente, pela liberdade do pensamento para vivificar as tradições da verdade. A arte italiana, na vanguarda das outras nações, conquistava a gloria de dar impulso ao grande movimento do espirito humano no seculo XVI, restituindo ao homem a sua individualidade. A arte, sob todas as fórmas, seguia a nova marcha que o espirito publico havia transposto durante os ultimos seculos, conservando os typos creados pelo povo mais racional e distincto da antiguidade; e abandonando as fórmas architectonicas da edade media, era forçada a adoptar outras novas para a composição dos monumentos nos quaes transparecia o aspecto geral da architectura ogival, em que fórmas romanas vestiam as fachadas, sem comtudo patentearem na sua estructura a solidez do edificio: de modo que as construcções internas e externas dos edificios do primeiro Renascimento consistem de certo modo de gosto, dependendo mais do ramo de *decoração*, do que da pericia do architecto: portanto as fachadas do Renascimento não são mais do que uma ornamentação faustosa, na qual domina o gosto e a imaginação, sendo patenteado por uma extrema variedade, porém sem darem razão da *significação* propria do monumento. Todavia, deve reconhecer-se que esta architectura ornamentada fôra concebida com attractivo, que apresenta um caracter de muita originalidade, captivando o sentimento do gosto sem satisfazer aquelle do espirito.

Os architectos do Renascimento transformaram com bastante felicidade os diversos detalhes das Ordens antigas. A pilastra isolada ou junta, lisa ou estriada, ornadas de arabescos, foi principalmente empregada com talento no seculo XVI; como se vê no lindo exemplo da janella representada na estampa do presente numero: não obstante o merecimento d'esta architectura, não pôde conquistar a generalidade na sua applicação.

Na segunda epoca do Renascimento, adoptado quasi em todos os paizes da Europa em 1500, um estudo mais attento das fórmas antigas e de suas proporções imprimiu um caracter mais classico á architectura, pertencendo em primeiro logar a gloria a Bramante, que déra começo á construcção da basilica de S. Pedro em 1506; e posto que não continuassem sob a sua direcção aquelles trabalhos, existem outros edificios em Roma que attestam o seu saber e a elegancia do seu mimoso estylo; muito embora se servisse das fórmas antigas, inventou composições originaes de agradavel effeito.

Os primeiros architectos do Renascimento collocavam as Ordens umas sobre as outras, quantas se precisassem para indicar o numero de andares de qualquer edificio; porém este modo de dispôr as fachadas tinha o inconveniente de dar aos edificios apparencia monotona e acanhada. Estas Ordens sobrepostas, quer estivessem muito, quer pouco ornamentadas, dividiam os alçados como se fossem formados de grelhas, o que, observado a distancia, e sendo as linhas divisorias tão repartidas, cansava a vista, pela uniformidade, e diminuia a importancia da edificação. Ainda se torna mais saliente esse defeito, quando diversas Ordens sobrepostas decoram as fachadas das egrejas, pois não só produzem o mau effeito que fica assignalado, mas sobretudo são condemnaveis, porque não póde haver por pretexto a separação de andares, onde elles não existem!

Se por ventura este systema de decoração exterior pretendia produzir um effeito *magestoso a cada passo*, contra a razão e a esthetica, todavia, quando se trata da decoração interna, expressa muitas vezes com feliz resultado as suas variadas combinações, nas quaes sobresaem as tradições da arte.

No principio do seculo XVI, a Italia distinguia-se na decoração interna dos edificios publicos ou dos particulares, apresentando extraordinario explendor.

N'esses interiores a fórma de architectura, de sua estructura nunca era disfarçada, como se estivesse escondida debaixo de grande numero de ricos ornatos e de minucias exageradas.

Na verdade, o Renascimento não tinha dado á architectura decorativa interna dos edificios civis physionomia bastante caracteristica; continuou a imitar os desvios do seculo antecedente, inventando composições, em muitas das quaes apparece a maneira habil do artista e o seu bom gosto, notando-se porém a falta de todo harmonico, e principalmente de aspecto grandioso.

A representação da janella da photographia do presente numero, formava o cunhal de um predio em Santarem, estando composta de duas pilastras e no angulo de uma columna da Ordem corinthia. Era então costume nas casas nobres situadas em lo-

gares desaffrontados, construir-se janellas com esta fórma nos angulos dos predios, disposição que depois foi imitada nos cottages inglezes; porém estas construcções eram mais ou menos ornamentadas em Portugal, e foram adoptadas para que se gosasse melhor a vista que d'aquelle logar se descobria; o que nos certifica que o predio ao qual a referida janella pertencia não tinha, então, outras edificações em frente.

A bella proporção, os arabescos que ornam o liso das pilastras, e do tambor inferior do fuste da columna; o trabalho das folhagens do capitel; as molduras da cornija; a separação que produz o frizo de face cu vilinea, dão maior relevo aos membros architectonicos de que a janella é formada, e em geral á sua composição, formando um conjuncto elegante e agradavel; e certamente é, e d'este estylo e de sua applicação, o specimen mais importante que existe em Portugal. É pois um exemplar de sobejo merecimento que possue o museu de archeologia do Carmo, e digno de ser conhecido dos artistas e amadores tanto nacionaes como estrangeiros.

A cabeça em esculptura que está collocada n'um pedestal cylindrico, e occupa o espaço central d'essa janella, é outra obra d'arte de subido merecimento; esta singular esculptura foi executada com tal mestria que nos enleva contemplal-a; a expressão indicada nas feições, a franqueza na modulação, denotam um artista de grande talento e de imaginação superior. O estudo dos modelos antigos e de Miguel Angelo serviram-lhe, sem duvida, para desenvolver as suas distinctas faculdades, posto que o caracter d'esta cabeça de argilla cosida e colorida fosse inspirado sobre o celebre modelo da cabeça de Laocoonte; todavia, só um habil esculptor podia obter obra de tão difficil expressão, e de tão sublime trabalho.

É producção de artista portuguez, tambem da epoca do Renascimento, e por isso se fez figurar conjunctamente com a architectura da janella, reunindo-se na mesma estampa a representação das duas artes, inspiradas pelo mesmo sentimento que dominava os artistas d'aquelle seculo.

O architecto,

J. P. N. da Silva

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

CONSIDERAÇÕES
ÁCERCA DA
HYGIENE DAS CONSTRUCÇÕES CIVIS E PUBLICAS

Technologia da edificação

(Continuado do n.º 4, pag. 50)

As costas maritimas apresentam ordinariamente terrenos saudaveis e proprios para a construcção de habitações; é necessario porém que não fiquem muito proximas da praia, para não estarem expostas a soffrer os inconvenientes resultantes da humidade, e, em muitos casos tambem, o cheiro desagradavel da *marezia*, especialmente de noite.

Aquellas edificações não devem attingir a grande altura, para que não sintam os effeitos das violentas correntes de *ar humido.*

Quando não fôr possivel escolher á vontade, e com todos os requisitos, um logar proprio a edificar, podem-se comtudo remediar os inconvenientes de differentes maneiras, senão todos, pelo menos alguns d'elles.

O abrimento de valetas fundas e de facil escoamento preservará tanto das aguas da chuva como das grandes humidades.

Nas casas voltadas ao oeste, é conveniente deixar crear *heras* junto ás paredes, porque ellas as defenderão dos estragos da chuva em virtude do entrelaçado das suas folhas, ou mesmo absorvendo a humidade, por meio das suas raizes *engavinhadas no emborramento.*

As arvores, especialmente as de folhas verdes, são sempre convenientes (quando plantadas em distancia rasoavel); têm a propriedade de absorver a humidade, e o acido carbonico, e a sua sombra torna no verão as habitações mais frescas.

Quando plantadas ao sudoeste neutralisam o esforço das trovoadas, devendo porém ter sempre em vista que sejam arvores de copa, e nunca das que crescem ponteagudas como os cyprestes, pinheiros bravos e outras que attrahem o raio.

As arvores plantadas ao norte têm a vantagem de abrigar as habitações, das nortadas, e diminuem os inconvenientes das planicies nas grandes alturas, do mesmo modo que preservam do sol as rampas voltadas para o sul.

Comtudo o fim principal das plantações, em geral, é o de purificar o ar, e de o *sanear* destruindo os miasmas que se elevam dos pantanos, tanques, turfeiras, estrumeiras, etc.

É por isso que todos os hygienistas recommendam a plantação dos arvoredos, mesmo no centro das cidades.

Os beneficios hygienicos dos arvoredos compactos não são menos importantes em relação aos habitantes ruraes; mais de um local deve ás arvores o seu *saneamento*, e o que é certo, e está plenamente provado, é que os pinhaes têem feito em muitos logares quasi desapparecer as febres epidemicas, paludiaes e mesmo intermittentes.

Será possivel conseguir edificações tão perfeitas, quanto seria necessario para conseguir perfeita salubridade? É uma pergunta a que nos parece ainda ninguem respondeu affirmativamente, pelo menos apresentando um exemplo: tantas e tão

variadas são as circumstancias exigidas, tantas são as difficuldades que se encontram para tal fim se conseguir praticamente.

Quanto porém em theoria, as condições exigidas para construir uma casa verdadeiramente saudavel reduzem-se a tres: 1.ª — temperatura da atmosphera; 2.ª — estado da humidade em relação a essa temperatura; 3.ª — composição do ar.

Em relação á 1.ª condição, *temperatura*, é preciso attender á actividade physica ou moral dos individuos; nos nossos climas varia pouco a temperatura que exige a actividade humana, reclamando porém a actividade physica uma temperatura um pouco mais baixa que a necessaria á actividade moral; é claro que se não póde alterar extraordinariamente essa temperatura sem prejudicar a aptidão physica e moral dos individuos, diminuindo de actividade no trabalho, e sem que os corpos experimentem sensações que affectam a saude.

A 2.ª condição, *estado hygrometrico do ar*, é uma circumstancia importante, por isso que a humidade promove, nas casas, decomposições, que têem por effeito viciar o ar respiravel, impregnando-o de acido carbonico, acido sulphydrico, e alkali volatil (ammoniaco).

A humidade occasiona tambem miasmas, gaz em que muito se falla, comquanto até ao presente ainda não esteja bem definido pela sciencia; é porém a elle que se attribue a causa das doenças epidemicas, e tanto mais a temperatura se eleva, tanto mais a humidade é prejudicial aos corpos.

É por essa razão que nas regiões em que as estações de calor coincidem com as de chuva, são sempre doentias.

Nas regiões temperadas onde as chuvas são relativamente raras no verão, não têem ellas por effeito mais que modificar na atmosphera o *ar respiravel*, fazendo assim que raras vezes se torne quente e humido ao mesmo tempo.

Se o ar durante o dia se sobrecarrega de vapores, de noite esses vapores volvem á terra, sob a forma de *orvalho;* depois, pela acção benefica de um sol ardente, secca-se o orvalho, e a humidade desapparece para engendrar novos vapores.

Aquelle benefico movimento continuo, nos climas temperados, faz quasi esquecer ali as prescripções hygienicas em relação á humidade junta ao calor: mas em compensação tem de se attender seriamente á *humidade fria*, que, minando a vida pouco a pouco, accumula as enfermidades, taes como escrophulas, rachitismo, *tisica*, rheumatismo, etc.

Em todo o aposento humido e frio existe sempre um cheiro desagradavel; as paredes são pegacentas, o sobrado escorregadio, a poeira pega-se aos moveis, desenvolve-se o bolor, os papeis, sejam ou não pintados, humedecem e apodrecem.

A insalubridade e o incommodo patenteiam-se por todas as formas, e denunciam-se especialmente no rosto dos habitantes das casas em que predomina aquella circumstancia atmospherica, especialmente nas creanças, que são quem mais soffre nas doenças resultantes da *humidade do ar*.

Os defeitos do ar sêcco são minimos em comparação d'aquelles, comquanto irrite os *bronchios* e inflamme os *olhos* e *garganta*.

A 3.ª condição, *composição do ar*, é circumstancia que se deve ter sempre em vista.

O ar atmospherico contém 20,80 partes de oxygenio e 79,20 de azote. Em peso, por 100 partes de ar, contém 23,10 de oxygenio e 76,90 de azote, e mais 3 a 6 millessimos de acido carbonico, e 6 a 9 millesimos de vapor d'agua.

O gaz carbonico é, como se sabe, muito soluvel na agua, e assim se explica o augmento que se encontra nos tempos frios e sêccos, como se explica ser elle a causa das doenças provenientes do ar sêcco — é sempre menos abundante depois das chuvas: nas planicies é mais abundante de noite que de dia, variação que não se dá nas montanhas.

Sobre os grandes lagos existe no ar menos acido carbonico; abunda porém sempre mais nos sitios mais povoados e encontra-se mais nas cidades que nos campos.[1]

«Os srs Boussingault, Chevalier e outros chimicos, encontraram no ar, em Paris e em Londres, acido sulfuroso, produzido, segundo todas as apparencias, pela combustão de grande quantidade de carvão de pedra contendo pyrites (sulfuretos de ferro); traços de sulphydrato de ammoniaco e de hydrogenio; não encontrando analogas composições de ar em outras muitas cidades manufactureiras, em que as fabricas produzem constantemente vapores de acido sulfuroso azotoso, chloro, ammoniaco, acido sulphydrico, e até mercurio e phosphoro.

«Das experiencias feitas por aquelles distinctos chimicos deduz-se facilmente, que a visinhança de taes fabricas pode ser uma das causas de insalubridade das habitações proximas; ha porém outras ainda mais temiveis, taes são a proximidade das lagôas, dos pantanos, dos arrozaes, das fossas de curtimenta do linho, e da sola,[2] de aguas estagnadas por qualquer motivo de immundicies de qualquer genero em fermentação pelo sol; e finalmente de tudo que desenvolva gazes deleterios, por que são elles sempre causa das febres intermittentes e mesmo de terriveis epidemias.

Os gazes denominados *miasmas*, desenvolvem-se tambem por outras causas, nos mezes da primavera, e em Agosto e Setembro, em virtude dos trabalhos de lavoura, remoção de estrumes, etc.

Já dissemos que os depositos de immundicies são perigosos, e é pelo mesmo motivo que tambem não é saudavel a proximidade das fabricas de papel, e os depositos de trapo muitas vezes immundos.[3]

Além do que indicámos ha outros objectos igual-

[1] Os estabelecimentos de fabricação de sola, são considerados como nocivos á saude, mas é necessario notar que o não devem ser pelo facto da curtimenta, porque essa é, a nosso ver, corrigida pela acção do tanino; ha porém ali uma fermentação putrida que em certas occasiões se revolve: os gazes que então se desenvolvem é que são nocivos á saude, pelo cheiro infecto que se espalha, que sendo nauseabundo promove soffrimentos de estomago, e a causa lenta de padecimentos escrophulosos, e eruptivos. N'aquellas fabricas dá-se uma circumstancia notavel, que é a cutis dos empregados no trabalho, tomar uma certa côr escura, como a que têem muitas pessoas biliosas, côr que alguem diz se encontra por vezes em pessoas que lidam com aquelle genero.

[2] Vide *Archivo Rural* n.º 5, do 16.º anno «Considerações geraes ácerca da influencia, e utilidade da chimica na agricultura, por F. J. de Almeida.»

[3] Os depositos de trapo velho (chiffons) são em toda a parte considerados como insalubres, e perigosos em 1.º grau; não obstante, em Portugal as auctoridades competentes, consentem taes depositos, e bem pouco vigiados, dentro da cidade e nos sitios mais povoados.

mente notados como perigosos, entrando n'esse numero todos os logares onde haja materias animaes ou vegetaes em fermentação.

Como principal causa de doenças endemicas, lembraremos os logares onde se junta a *vasa* com a agua doce e a do mar, que depois o sol vae seccando.

A proximidade de cemiterios, quando mal policiados, e ainda peior quando em terrenos improprios, é de grande perigo, porque d'ali se exhala o hydrogenio phosphorado.

Felizmente n'este paiz, especialmente nas cidades, esse perigo tem perdido a sua importancia pelo estabelecimento dos cemiterios em logar afastado das habitações, situados em logar ventilado e guardadas as recommendações hygienicas.

Os terrenos proprios para os enterramentos são em primeiro logar os calcareos, depois os areientos, e cretacios, por isso que absorvem os liquidos e tornam a decomposição sêcca.

Ar confinado. São muitas as causas que podem alterar a pureza do ar respiravel, tornando-o insalubre e perigoso para a saude.

Notaremos porém aqui só as principaes, que são: *respiração, acção cutanea, illuminação, latrinas, esgotos* e *cosinhas.*

A respiração do homem e dos animaes altera constantemente a pureza do ar, por isso que absorve e consome uma certa quantidade de oxygenio, por causa de que o ar respirado não contém mais de 18 a 19 partes d'aquelle elemento, e contém 3 a 4 por cento de acido carbonico.

Por consequencia uma proporção tamanha de acido carbonico torna aquelle ar improprio á vida.

«Além d'isso o ar respirado contém tambem uma porção consideravel de vapor d'agua, que tem em dissolução uma substancia animal que conduz facilmente á putrefacção o ar produzido pela respiração, quando condensado e entregue a si mesmo.

«Um adulto tem pelo menos 15 respirações por minuto que contém meio litro de agua.»

«Avaliando em 0,05 a quantidade de acido carbonico expirado, acha-se, que em um dia um só peito vicia gravemente 10:800 litros de ar.

«O ar assim viciado, se fôr novamente aspirado, e voltar aos pulmões, perde uma nova quantidade de oxygenio que se transforma em acido carbonico; a repetição d'esse phenomeno faz que chegue um momento em que o ar se torna irrespiravel, a ponto de produzir a asphyxia e a morte, se não houver renovação de ar.[1]

«Taes factos, chimicamente comprovados, demonstram o grande perigo que póde resultar da reunião de muitos individuos em logares em que se não attender á renovação do ar.

As indicações scientificas acima indicadas são feitas considerando a respiração proveniente de corpos em estado normal de saude; é porém necessario attender que esse estado não é o provavel, e por isso exige ter em conta as alterações produzidas pelos vapores nauseabundos e infectos das *pessoas doentes* e de *mau halito*, pelos *velhos, fumistas* e bebedores; etc., e depois juntar ainda os gazes exhalados pela transpiração em toda a superficie do corpo, e esse gaz é

[1] É por esta razão que são perigosas as accumulações de gente em casas mal ventiladas, ou a persistencia em habitações em más condições de arejamento, tanto em relação ás pessoas como aos animaes.

tanto mais mephytico e abundante quanto maior e mais penoso fôr o trabalho muscular d'esse corpo e menos minuciosos os cuidados do aceio.

Um ar assim alterado, bem longe de purificar o sangue e dar-lhe o oxygenio que elle necessita para bem funccionarem os orgãos respiratorios, é ao contrario causa de grandes males.

Não é só nocivo a uma pessoa em especial o ar assim, elle é tambem a causa reconhecida de grandes males da sociedade.

A doença denominada *putrefacção dos hospitaes* d'ahi provém, como provém o *typho dos quarteis* e dos *asylos*, as *ophtalmias*, e as *febres typhoides*, e talvez mesmo muitas doenças de que por emquanto se julga ignorar a causa, nos campos, e nos grandes centros manufacturistas.[1]

Acção da pelle. O corpo humano, seja pela respiração ou pela transpiração, exhala uma quantidade de agua que se avalia em 38 grammas pouco mais ou menos por hora. Essas 38 grammas de agua para serem absorvidas sob forma de vapor, exigem 6 metros cubicos de ar a 15° centig., ou 50 metros cubicos por uma noite.

Perguntaremos agora: attende-se convenientemente nas edificações a essas circumstancias?

Parece-nos que não; os quartos que se destinam para dormir são em geral pequenos, salvo poucas excepções, mal ventilados e em pessimas condições, especialmente nas casas occupadas pelos operarios e classes baixas da sociedade.

Ora, não tendo as casas espaço para conter tal quantidade de ar, resulta d'ahi que a agua se deposita condensando-se nos vidros, nas paredes, nos moveis, nas roupas, e no vestuario; d'ahi a origem do bolor, do cheiro a bafio, e mesmo do cheiro de putrefacção.[2] «Em relação aos corpos, é aquella uma das causas dos resfriamentos subitos, bronchites, corisas, dores rheumaticas, etc., por isso que é aquella uma das causas permanentes da insalubridade.

Illuminação. — «A luz artificial é o resultado de uma combustão de oxygenio e carbonio, em que têem logar phenomenos identicos aos da respiração, e d'elles resulta tambem producção de agua e acido carbonico.

«Segundo as observações do Sr. Peclet, a chamma de uma vella ordinaria vicia 500 litros de ar por hora, pouco mais ou menos, que é tanto quanto o faria a respiração de um corpo.

«Um candieiro que produza fumo, é por isso causa de maior alteração. Os candieiros munidos de chaminé ou globo consomem duas ou tres vezes mais quantidade de oxygenio, segundo o volume do fogo, e produzem o dobro ou o triplo de acido carbonico.

[1] Tratando-se da viciação do ar, não devemos esquecer a influencia prejudicial que n'isso exerce a exhalação dos canos de esgoto, no interior das habitações; aquelles canos e pias são um fóco continuo de doenças, especialmente para as senhoras e creanças.

A aspiração nocturna de tão mephyticos gazes é sem duvida causa de terriveis soffrimentos.

[2] Fomos testemunhas ainda ha pouco de um facto que justifica tal asserção. Havia um quarto em uma casa, que conservava um cheiro constante de podridão; fez-se tudo que se julgou o evitaria, e a tudo resistiu. Finalmente aconselhei que se promovesse no quarto uma corrente de ar, e o mau cheiro desappareceu completamente.

«Segundo o sr. Dumas, um bico de gaz *absorve 234 litros de oxygenio por hora, e produz 128 litros de acido carbonico*, o que corresponde á alteração que produziriam 6 vellas accesas ou a respiração de 6 pessoas.

«Temos tambem a ter em conta a producção *do vapor de agua, avaliada em mais de 1 kilogramma por 7 horas*. A producção do vapor aquoso, produzido pelas luzes, é em proporção do poder de combustão de cada uma.

A luz artificial, como acabamos de dizer, tem uma influencia notavel na salubridade das habitações.

Os lampiões e torcidas têem uma acção tão maligna nos espaços limitados e pouco ventilados que seria para desejar que o seu uso não fosse empregado absolutamente; como porém não julgamos isso possivel por em quanto, lembraremos que se deve evitar quanto possivel.

As vellas de sebo dão uma luz vacillante que prejudica a vista de quem trabalha, e sua combustão produz além de acido carbonico, hydrogenio carbonado e uns certos vapores oleosos empyreumaticos, o que tudo promove irritações no peito e affecção dos pulmões, ardor nos olhos com lagrimação e comichão epicadas na garganta. A combustão das vellas, sendo mais completa, produz por isso menos vapor.

A illuminação a azeite em carceis de dupla corrente, munidos de chaminé de vidro, é sem contradicção o meio mais saudavel de illuminação.

(Continúa.)

F. J. d'Almeida.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

Palafitas de Italia

Adquiriu a nossa real Associação quarenta e cinco objectos descobertos em cinco *Terramares* de Italia *(Palafitas)*, que o distincto archeologo director do museu de Modena, o cavalheiro Carlos Boni, offereceu para enriquecer as collecções do nosso museu do Carmo, pelo que nos confessamos summamente agradecidos.

Esta valiosa dadiva tem para Portugal muito maior interesse, pois que não possuindo o paiz nenhum vestigio de habitações lacustres, nem havendo ainda objectos d'estas estações prehistoricas entre nós, é sem duvida mais importante para a nossa associação esta collecção, afim de completarmos os exemplares que já possuimos dos primitivos tempos dos habitantes do mundo, e dos seus diversos periodos, tanto da idade da pedra lascada e polida, instrumentos e ossos achados nas cavernas dos Pyrinéos, e nas excavações praticadas em diversos pontos da Europa; como da idade do bronze, e da epocha etrusca e romana: faltava-nos porém, ter tambem objectos achados nos lagos que foram habitados pelas tribus que construiram as Palafitas dentro d'elles, afim de evitarem os ataques das féras e mesmo poderem-se defender dos seus inimigos, estando rodeados pela agua, o que difficultaria serem assaltados de improviso n'essas suas habitações.

As primeiras construcções d'este genero que se descobriram foram nos lagos da Suissa, nos quaes se acharam as estacarias feitas com troncos toscos das arvores, tendo outros que os atravessavam por cima dos topos, e sobre este imperfeito engradamento estabeleciam as casas cercadas e cobertas por ramos e argilla, para se resguardarem dos rigores das estações. [1]

Suissa

Nas habitações lacustres do lago de Bienne foi onde se colheram maiores indicios da maneira d'essas construcções, porque no anno de 1872, havendo diminuido muito as aguas dos lagos, pozeram a descoberto grande numero das estacarias; sendo estas as mais recentes, emquanto as mais antigas estavam situadas mais afastadas das bordas do lago, e por isso cobertas ainda pela agua, ou talvez pertencessem ás mesmas tribus, e para maior segurança tivessem escolhido uma maior distancia entre a terra.

Na estação tão importante de Moerigen não só se acharam bellissimas folhas de espadas, devendo ter tido punhos de páu ou de osso; mas além de outros objectos, se tiraram perto de duzentos braceletes formados de ferro e cobre com embutidos de *bronze;* o que faz vêr o apreço que estes habitantes lacustres davam a este metal.

No lago de Neuchatel, a mais importante estação está em frente de *Auvernier;* é a mais abundante de todas que foram exploradas na Suissa. Foi n'esta estação onde se acharam maior quantidade de pregos para cabello, alguns até com quarenta centimetros de comprimento! Pelos differentes objectos encontrados n'estas Palafitas, se conhece que pertenceram a diversas epocas, tanto da pedra polida, como da idade do bronze, assim como no principio da idade do ferro; de tal maneira estava arraigado o costume de terem as suas habitações estabelecidas sobre estacarias.

[1] No Museu do Carmo estão expostas vistas coloridas indicando este modo de construcções: os paineis tem o n.º 141 e 141 bis, e serviram nas prelecções prehistoricas dadas por nós.

Na França e na Italia descobriram-se depois outras Palafitas construidas do mesmo modo; porém, quanto ás de Italia, os lagos foram encontrados já entulhados, porque as tribus que d'elles faziam uso tinham por costume lançarem na agua d'esses lagos todos os restos de comidas e outras immundicies, que pelo longo tempo de ali viverem chegaram ao ponto de encherem o lago, obrigando-os depois a irem procurar outro sitio em que houvesse agua para construir nova habitação; chegando mesmo a formar lagos artificiaes para esse mesmo fim.

Esses antigos depositos a que os italianos chamam *Terramares,* e de que a agricultura aproveitou com grande vantagem esse fertil adubo, é que fizeram descobrir que tinham sido Palafitas, encontrando-se as estacarias intactas e na posição que indicavam eguaes construcções áquellas que na Suissa haviam feito conhecer a sua origem. Foi pois n'essa terra *gordurenta* que appareceram os diversos objectos de bronze, punhaes, pregos para cabello, fivellas, etc., e ossos dos animaes que serviam para sustento; caroços de fructas que, produzidas pela mão da natureza, os habitantes colhiam das arvores; fragmentos de vasilhas de barro de differentes côres, mais ou menos aperfeiçoadas; que nos dão a conhecer, não só a epoca da existencia de seus habitantes que fôra a idade do bronze, mas tambem o grau de sua civilisação.

Na *Terramare* de *Montale*, pela occasião em que os membros do Congresso de anthropologia e archeologia prehistorica se reuniram em Bolonha, foram examinar esse deposito e fazer excavações pelas suas proprias mãos, o socio, d'esta real Associação, Possidonio da Silva teve a fortuna de descobrir um osso fossil de um gamo colossal, achado este que surprehendeu os archeologos ali presentes, por considerarem que o clima n'aquella época das habitações lacustres não era favoravel para a existencia d'estes animaes. Póde ver-se no Museu do Carmo na capella do lado do poente no mostrador C, com o n.° 133, este raro fragmento prehistorico. [1]

Na Austria tem sido difficil o descobrirem-se estas habitações lacustres, porque no solo actual não apparecem visiveis indicios de sua situação; todavia das estações já descobertas em *Attersee* se acharam escondidas as estacarias debaixo de uma camada de cascalho, estando por cima coberta de substancias organicas das quaes se extrahiram differentes objectos. Estas estações prehistoricas são de diversa extensão, sendo as maiores de 3:000 metros quadrados; porém o caracter geral dos objectos é aquelle do periodo da pedra, similhando as fórmas de outros depositos; além de que appareceram igualmente objectos de bronze, e mesmo com algum lavor; e dentes furados de diversos animaes indicavam os adornos que as mulheres usavam, ou lhes serviam de amuletos.

[1] Veja-se a obra intitulada *Souvenirs du Congrès international de Anthropologie et d'Archéologie Prehistorique en Bologne,* par le chevalier J. P. N. da Silva, Lisbonne 1872, pag 26.

Pela qualidade da madeira para a estacaria que era de pinheiro e alguma de carvalho, pelo modo como estavam preparadas, e pela pouca perfeição da louça de barro, posto que estivessem indicados alguns ornamentos feitos com unha, pode-se suppôr pertencerem as referidas estações ao principio da idade do ferro.

Austria

Observando o conjuncto das construcções lacustres de *Mondsee,* que eram firmadas sobre muitos milhares de estacarias, e fôra habitada por uma povoação que seguia esse costume por um habito praticado sobre uma grande parte da terra, vê-se que essa povoação usava da pedra e de ossos para seus instrumentos e utensilios. O grande numero de martellos e de brunidores indica-nos que os habitantes fabricaram os objectos de que se serviram. A forma da louça de barro é geralmente do mesmo typo, pesada e de feitio rustico. Emquanto ao vestuario seria de lã e de pelles, e as cordas eram feitas com a casca das arvores.

Consistia seu sustento em carne de vacca, de cabra, de porco, de cães, e principalmente de veados; e tambem se nutriam de muito peixe, sobretudo de trutas, como foi confirmado pelos restos que se acharam. Comiam morangos, amoras, e ameixas silvestres.

O uso de alabastro e de facas *curvas* em silex mostram-nos as relações que havia entre a povoação de Mondsee com a Italia de uma parte, e com a Escandinavia de outra região.

Por conclusão pode-se suppôr que as construcções lacustres da Alta Austria teriam deixado de existir, na epoca mais florescente de Habstads, onde se fabricaram os bellos instrumentos de ferro e os ornamentos de bronze.

Nos valles dos Pyrinéos em França, posteriormente aos grandes phenomenos geologicos do periodo quaternario, teria havido grandes lagos; visto que no valle de Celles sobre um *loss* de 4 metros de espessura, algumas vezes turfoso, e na extensão de muitos hectares, se descobriu uma plataforma composta de traves ligadas umas ás outras, tendo sido preparadas com um instrumento pouco cortante, assimilhando-se ás construcções prehistoricas da Suissa. Os machados de bronze e de rocha serpentinôsa foram igualmente ali encontrados.

França

Na recente descoberta feita no lago de Clairvaux, situado sobre o primeiro plató do Jura (França), ha-

via-se notado alguns grupos de estacarias de uma maneira irregular, situadas a dois ou tres metros de profundidade; tendo-se feito exploração, acharam-se estacarias com a grossura de 10 a 15 centimetros de diametro, de madeira de carvalho, pinho, teixo, e faia preta; algumas ainda com casca; — perto de 150 estacarias; e grande quantidade de ossos, sendo os de boi, veado e de porcos os mais abundantes; emquanto a ossos de passaros eram rarissimos, assim como nenhuns vestigios de peixes foram achados.

O numero de armas de veado era copioso e na maior parte preparadas para servirem de cabos para os machados. As pontas de frechas em silex tinham bonito feitio; algumas maiores do que aquellas que appareceram nas Palafitas da Suissa: os machados em granito rijo (feldspath), e serpentina, alguns ainda com o cabo: os furadores em osso eram numerosos, e alguns tinham servido de punaes. Objectos feitos de madeira eram bastante curiosos, como gamellas, cunhas, um eixo de carreta, porém tirados para fora d'agua não se poderam conservar.

Os unicos adornos que se acharam foram fragmentos de cascas de ameijoas d'agua doce furadas com dois buracos: portanto as palafitas néolithicas do Jura não são inferiores áquellas do lago de Neuchâtel.

Outras palafitas mais modernas, pois são da época Carlovingiana, em França, foram descobertas no lago de Paladru; estando construidas similhantemente áquellas dos lagos da Suissa e de Sabora. Tiraram-se entre as estacarias grande numero de objectos; taes como machados, pontas de lança, chaves, verrumas, etc.; mas tudo de ferro, tendo-se pois continuado o uso de habitarem sobre os lagos, não só na idade da pedra e do bronze, como tambem n'aquella do ferro.

Estas resumidas explicações nos demonstram o quanto é importante para o estudo da archeologia, haver no Museu do Carmo objectos d'essas épocas, pertencentes ás habitações lacustres; o que sem duvida será devidamente apreciado pelos socios da nossa real Associação, assim como pelos amadores das antiguidades prehistoricas.

O architecto,

J. P. N. da Silva.

MEMORIA HISTORICA

DO

MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

DE

Monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre

(Continuado do n.º 4, pag. 56)

IV

Não podemos determinar o anno, em que ao mosteiro se lançou a primeira pedra; não existe memoria da celebração d'este acto, que, pela dignidade do fundador, e destino do edificio, devêra ser publico e solemnissimo. [1]

O que sabemos, com certeza, é que em 1530 já se achava construido o templo, capitulo, dormitorio refeitorio, e as necessarias officinas [2]; e, tambem, não padece duvida, que a 19 de Agosto de 1531 assignára o bispo fundador os estatutos, pelos quaes se haviam de reger as novas monjas. [3]

E, comquanto apresente, ainda hoje, certo cunho de grandeza o conjuncto da edificação primitiva, não tem que ver, todavia, com a sumptuosidade do que, posteriormente, se lhe unira: o claustro, dormitorio e refeitorio novos são mais vastos do que os antigos.

Pela carencia absoluta de documentos não é, tambem, possivel determinar as epocas d'estes accrescentamentos successivos, nem sequer rastejal-as pelo estylo, porque nada apresentam de caracteristico; cremos, porém, que o refeitorio não passa do principio do seculo XVII, sendo o claustro e dormitorio mais antigos. [4]

Do seculo XVIII são incontestavelmente os azulejos [5], e os retabulos do templo, conservando-se apenas do primitivo, além da abobada e paredes, o

[1] Jorge Cardoso assevera no *Agiologio Lusitano*, tom. I, pag. 430, que em 1518 se erigira o mosteiro. Já porém notámos, que, segundo a melhor opinião, n'esse anno ainda D. Jorge de Mello não era confirmado bispo da Guarda, havendo-se verificado a nomeação, segundo Fr. Manuel dos Santos, *Alcobaça Illustrada*, pag. 324, em janeiro de 1519; sendo aliás conformes todos os escriptores, que conhecemos, em attribuir-lhe o projecto da fundação do mosteiro, depois que tomou posse da mitra d'aquella diocese.

[2] N'um breve expedido pelo tribunal da penitenciaria em nome de Lourenço, bispo Prenestino, datado de Roma aos 22 de setembro, anno setimo do pontificado de Clemente VII (1530), pelo qual entre outras prerogativas, se concede ao bispo D. Jorge de Mello incorporar o mosteiro na Ordem cisterciense, se lê o seguinte: *Ex parte vestra fuit propositum coram nobis... vos pia devotione ductum quoddam monasterium in quo deo sacrate virgines gratum sibi valeant reddere famulatum sub invocatione beate Marie virginis cum ecclesia refectorio dormitorio capitulo et altis officinis opportunis extra et prope oppidi de portalegre egitanensis diecesis sumptuosis edificiis construi et edificari fecistis*, etc.

[3] *Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça, da Congregação Cisterciense de Portugal, para servir de continuação á Alcobaça Illustrada do Chronista Mór Fr. Manuel dos Santos, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, Monge de Alcobaça e Chronista Geral da Ordem de S. Bernardo*, tit. IV, cap. IV, pag. 152.

[4] Diz Diogo Pereira Souttomaior no seu *Tratado da cidade de Portalegre*, que a senhora D. Francisca da Silva, primeira abbadessa triennal, fôra quem mandára edificar o dormitorio novo. Succedeu esta abbadessa á segunda abbadessa perpetua, a sr.ª D. Joanna de Mello, que falleceu a 19 de junho de 1587; corre, por conseguinte, aquella edificação entre 1587 e 1590.

[5] Tem a data de MDCCXXXIX os azulejos que ornam as paredes do alpendre da portaria até á porta da egreja, e os do corpo da mesma egreja. Custaram 683$315 réis, segundo nos affirmou D. Ramon Depret, que se dizia socio da Academia Real de Historia e Antiguidades, de Madrid, que os viu em 6 de Janeiro de 1867, foram construidos na formosa fabrica de *Talavera de ta Reina*. Sobre *azulejos* veja-se a obra *Les Arts en Portugal, par Le Comte A. Raczynski*, pag. 429, — A portaria tem um formoso portado de marmore, coroado das armas do bispo fundador, e na padieira a data de 1547. As portas são de cedro, e a pregaria igual á das portaas d egreja.

magnifico portico da entrada, com suas portas de cedro e formosa pregaria, e o sumptuosissimo tumulo do bispo fundador, que n'outro logar descreveremos.

V

Dez mil cruzados havia já despendido D. Jorge de Mello na fabrica do mosteiro, quando accordou em consignar rendas para sustentação de quem n'elle houvesse de morar.

Apresentando seu filho D. Bernardo de Mello prior das egrejas de S. Pedro de Penamacor, e S. Pedro de Teixeira, ambas do bispado da Guarda, annexou ao mosteiro, com approvação pontificia [1], as duas terças partes dos fructos e rendimentos das duas parochias, os quaes recebeu até á extincção dos dizimos.

E foram estas as unicas rendas sabidas que logrou o mosteiro por muitos annos, porque sómente ao cabo de quatorze, é que se resolveu a augmental-as o fundador, custeando por ventura do proprio bolso as despezas da communidade, que reunira.

Era D. Jorge de Mello um dos senhores mais ricos e opulentos do reino; administrára por tempo dilatado a pinguissima abbadia de Alcobaça [2], e os proventos, que percebia da mitra da Guarda, montavam a sommas tão avultadas, que bastaram para manter tres bispados. [3] É certo, porém, que ostentando singular bizarria em ornar paredes mortas, procedeu menos generosamente em vestir paredes vivas, para nos servirmos da phrase, que a proposito semelhante usou o nosso Fr. Luiz de Sousa. [4]

Parece-nos, em verdade, mesquinha a doação, que dos proprios bens fez ao mosteiro [5], e não era muito mais avantajada a que projectava, mas não chegou a realisar. [6]

F. A. Rodrigues de Gusmão.

[1] Consta a approvação do Breve Apostolico do papa Clemente VII, dado em Roma aos 27 de maio de 1534.

[2] Depois do Priorado do Crato, que rendia trinta e quatro mil cruzados, era o mais opulento beneficio a Abbadia de Alcobaça, segundo testifica Diogo Pereira Souttomaior na obra já citada.

[3] Depois da morte do bispo D. Jorge de Mello creou-se o bispado de Portalegre, desmembrando-se o territorio, que o constituiu, do bispado da Guarda, que ainda subministrou territorio, muitos annos depois, para a creação do bispado de Castello Branco.

[4] *Vida do Arcebispo*, liv. I, cap. XXIII.

[5] *Consistia esta doação em uns quinhões de uma herdade, que se chama* A DA FARINHA, *que está nos termos de Monforte e de Assumar, que rendem dois moios e meio de trigo, e dez alqueires de cevada cada anno, com a obrigação de duas missas resadas quotidianas por alma do doador.*

É datada esta doação de 9 de fevereiro de 1548, e a licença, que obtivera de el-rei D. João III, para comprar bens para constituir esta capella, foi passada em Almeirim a 29 de abril de 1547.

[6] Consta de um diploma, a que havemos de referir-nos, ao diante, que D. Jorge de Mello, no tempo em que instituiu a capella, de que se faz menção na antecedente nota, não possuia mais bens de raiz para doar; que posteriormente é que gastára *um conto e nove centos e um mil réis* na compra de propriedades, isto é, herdades, souttos, nogueiraes, azenhas, vinhas, etc.; porém a morte surprehendeu-o primeiro que chegasse a realisar a doação d'estes bens.

O SR. CONDE ARTHUR DE MARSY

Um bom serviço por elle prestado á Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes

O sr. conde Arthur De Marsy remetteu, ha annos, ao presidente da Associação, o sr. Possidonio da Silva, um excellente subsidio bibliographico, relativo a Portugal, de summo interesse como elemento de estudo, e revelador, da parte do estimavel offerente, de uma decidida boa vontade de ser prestavel, ainda á custa de improbo trabalho, que a outra qualquer pessoa seria mui penoso.

Começaremos hoje a dar uma succinta noticia do valioso presente.

Na Bibliotheca Nacional de Paris effeituou-se em 1868 uma reorganisação da secção *(département)* dos *manuscriptos;* e chegou então a vez de se formar o catalogo do peculio portuguez n'essa especialidade. (Veja-se o prefacio do 1.º volume do catalogo de Taschereau. Particularmente se incumbiu do trabalho relativo a Portugal o sr. Richeland.)

O sr. Demarsy teve a paciencia de transcrever os numeros, titulos e indicação especificada do objecto de cada manuscripto, e seu auctor. E não se contentando com este obsequioso procedimento, declarou que estava prompto para dar noticias circumstanciadas dos manuscriptos mencionados nos catalogos que remettia, ou extractos dos mesmos.

Informou que na *Bibliotheca do Instituto* ha documentos manuscriptos, memorias e cartas a respeito de Portugal, que pertenciam á *Collecção Godefroy.*

Esta collecção é uma serie de 546 carteiras ou volumes, relativos á politica, á historia, ao commercio e á jurisprudencia da França e dos paizes estrangeiros. Encontram-se ali numerosos documentos originaes; sendo que muitos d'elles remontam ao seculo XIII.

É curiosa a historia d'esta collecção, e merece ser apontada como um meio de avaliar o de que é capaz a perseverança dos individuos, e mais ainda a das familias, no empenho e lida de conseguir — no correr dos annos — resultados transcendentes.

Deu começo a esta collecção Theodoro Godefroy, historiographo que foi de França, e auctor de muitas obras. Falleceu este em 1649; mas seu filho Denis continuou a colligir noticias até ao anno de 1681, em que falleceu. Os filhos d'este ultimo proseguiram as diligencias de seu pae e de seu avô, até aos annos de 1719 e 1732, datas dos fallecimentos dos netos. Passou depois a collecção para o poder de Monan, que a legou á cidade de Paris; e pela revolução de 1789 foi transferida da bibliotheca da cidade para a do Instituto.

N'essa collecção se encontram diversos documentos relativos a Portugal, dos quaes enviou o sr. Demarsy uma indicação, derivada do inventario que fez o sr. Ludovic Lalanne.

Mas são principalmente muito abundantes as indicações do sr. De Marsy para uma bibliographia franceza de Portugal em *obras impressas*, cumprindo todavia observar que no catalogo se comprehendem muitas obras em outras linguas, que não só na franceza.

Os assumptos sobre que versam as obras indicadas são: historia, diplomacia, geographia e viagens, artes e archeologia, litteratura, direito criminal, etc.

Ácerca da proveniencia das obras são por vezes mencionadas algumas circumstancias curiosas. Assim, por exemplo, vem no catalogo uma obra que pertencêra á *bibliotheca Cicogne*, e foi comprada pelo duque d'Aumale na vespera da venda por miudo da mesma bibliotheca. Eis o titulo da obra:

Relation des troubles arrivés dans la Cour de Portugal en l'année 1667 et en l'année 1668, où l'on voit la renonciation d'Alfonse VI *à la couronne, la dissolution de son mariage avec la princesse Marie Françoise Isabelle de Savoye; le mariage de la même princesse avec le prince D. Pedro, régent de ce royaume.* (Par Blouen la Piquetière). Amsterdam — suivant la copie — 1674, in-12. (Exemplaire relié en maroq. rouge).

Da bibliotheça *Walkenaer* são apontadas, em grande numero, differentes obras sobre geographia, estatistica, colonias, commercio, etc., relativas a Portugal.

Sobre antiguidades, numismatica, viagens, etc., apontam-se algumas obras mencionadas no catalogo — *of books on arts.*

São importantes as indicações especiaes sobre viagens e descobrimentos; bem como as que dizem respeito á litteratura portugueza. Com referencia propriamente aos *Lusiadas,* aponta alguns artigos de Raynouard, publicados no *Journal des Savants*, etc.

Da bibliotheca de Adolphe de Puibusque, auctor da *Historia comparada das litteraturas franceza e hespanhola* (coroada em 1843 pela Academia Franceza); d'essa bibliotheca, dizemos, são indicadas muitas obras de litteratura portugueza, de viagens, de historia, etc.

Em outro artigo (porque já vae extenso o presente) desceremos a particularisar diversas noticias bibliographicas, artisticas, historicas, e archeologicas que encontrámos nos subsidios ministrados pelo sr. De Marsy.

Lisboa, 19 de fevereiro de 1878.

José Silvestre Ribeiro.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Na assembléa geral da nossa Associação em 27 de dezembro, foi approvado o parecer do Conselho Facultativo ácerca da proposta apresentada pelo socio o sr. J. Possidonio N. da Silva, na antecedente reunião, para que fosse conferida uma medalha de prata ao socio architecto o sr. Lucas José de Santos Pereira, pela direcção intelligente e esmerada, na restauração do celebre monumento da egreja da Batalha, e por haver tambem fundado n'aquellas obras uma aula, em que lecciona o desenho de ornato para instruir os aprendizes de canteiro n'esse exercicio; foi approvado por unanimidade.

Igualmente foi approvada por acclamação a outra proposta apresentada pelo mesmo socio, e com parecer favoravel do nosso Conselho, para que fosse conferida uma medalha de prata ao sr. dr. F. Pereira da Costa, pelas suas descobertas prehistoricas feitas em 1865 no cabeço d'Arruda, e pelas suas scientificas publicações.

O Ministerio da Guerra offereceu duas cartas geo-hydrographicas da Ilha do Porto Santo, para o archivo da nossa real Associação.

A assembléa geral approvou a proposta do sr. presidente, á qual o Conselho apresentou parecer favoravel, para que as entradas no Museu do Carmo, a principiar no presente anno, fossem de 50 réis por cada pessoa nos dias santificados, e 100 réis nos outros dias da semana, pagando os estrangeiros que em qualquer dia visitassem o Museu. Essa resolução foi tomada com o intuito de se levantar depois um emprestimo, afim de se cobrir parte das naves para haver espaço onde fiquem devidamente expostos os objectos archeologicos.

A assembléa geral da Associação resolveu annuir ao convite feito pelos presidentes e secretarios da exposição das sciencias anthropologicas, os srs. de Quatrefages, de Mortillet, Cartailhac e Chantre, remettendo para a exposição universal de Paris cento e quatorze objectos das nossas collecções do Museu do Carmo, afim de ser representado Portugal n'esse certame archeologico.

O socio o sr. dr. Teixeira de Aragão, offereceu a obra do sr. visconde Sanches Beane, sobre heraldica, em dois volumes em 4.°, para a bibliotheca da nossa Associação.

O socio correspondente da nossa Associação em França, o cavalheiro Carlos Lucas, secretario da Sociedade Central dos Architectos de Paris, remetteu os-Boletins dos ultimos mezes do anno findo; ahi vem publicado o programma dos quesitos que serão discutidos no congresso dos Architectos Civis, na occasião da exposição universal, que transcreveremos para conhecimento dos architectos portuguezes.

O secretario do Instituto Real dos Architectos Britannicos, em nome do presidente e dos socios d'aquella respeitavel corporação, felicitaram-nos pelo anno novo, desejando-nos que novos successos venham coroar os nossos esforços, tanto na architectura como em archeologia, como já temos alcançado, conforme se exprime o dito secretario; e pediram-nos que, na conformidade dos outros annos informassemos aquelle Instituto, sobre qual tem sido o desenvolvimento dos estudos de architectura feitos no paiz, e as novas investigações archeologicas que se tenham praticado em Portugal.

Foram offerecidos á nossa Associação, pelo socio correspondente o sr. Carlos Boni, director do Museu de Modena, quarenta e cinco objectos pertencentes a cinco differentes *Terramares* de Italia.

Foram approvados para socios effectivos os srs. conselheiro Eduardo Lessa, Rev.^{mo} Bispo Joaquim Campos Pinto; dr. Manuel Arriaga Nunes; Visconde Sanches de Beane. E para socios correspondentes, o architecto inglez mr. Carcockrelle, o architecto da Russia mr. Jérome Kitter; e o archeologo Francisco Maria Tubino.

Até á presente data temos recebido todos os jornaes estrangeiros de sciencias e artes que á nossa Associação costumam ser enviados, assim como desde o principio d'este anno, a folha portugueza — *Jornal do Commercio*.

NOTICIARIO

Já teem sido removidos quasi todos os entulhos que obstruiam as naves da memoravel egreja do Convento do Carmo, fazendo apparecer agora as esbeltas proporções de suas columnas, e toda a grandiosa elevação de suas arcadas ogivaes, tendo-se conseguido este louvavel e patriotico melhoramento pela iniciativa e efficaz perseverança dos illustrados vereadores os srs. José Tedeschi e visconde de Alemquer.

Mr. Homolle achou nas excavações feitas em Délos importantes fragmentos de esculptura, esteles e de ex-voto com inscripções em bom estado de conservação.

Os vestigios que Mr. Schliemann encontrou nas excavações praticadas na porta dos Leões, em Mycena, são muito interessantes: achou quinze regos parallelos destinados a firmar os pés das cavalgaduras; na parte interna havia cinco tumulos, e tres renques de estéles; em um d'estes estéles estava indicada em baixo-relevo a representação do legendario carro homerico. Ao lado, mais em baixo, encontrou um altar de caracter cyclopeanno, e ainda por baixo d'elle, outros cinco grandes sepulchros abertos na rocha; no fundo dos tumulos tinha sido accumulada lenha para formar tantas fogueiras quantos os cadaveres que havia para serem sepultados. Collocavam-se então sobre as materias combustiveis os corpos cobertos de ornamentos de ouro e vestimentas magnificas, e lançava-se tambem dentro do tumulo grande quantidade de jarras e ornamentos de ouro. Em uma só camara se encontraram 43 SEICHES de ouro de grandeza natural; 70 chapas de ouro representando borboletas e SEICHES; 40 diademas; 25 taças de ouro, algumas com o peso de 2 kilos, e um grande numero de collares e anneis do mesmo metal.

Em um *Lécytho* achado em um tumulo grego por Mr. Ravaisson, notou serem as urnas com pinturas encarnadas sobre fundo branco. Conforme o antigo ritual grego são estas *côres divinas*, destinadas unicamente aos heros, e aos finados, entrados na gloria e paz que se gosa no Elyseu. Servirem-se os gregos, nos funeraes, só de encarnado e branco, e outro indicio que exprime a esperança na vida futura, apresentando á imaginação as côres as mais agradaveis e alegres. É por esse motivo destinado a perfumes nas ceremonias funereas, que na pintura d'este vaso tinham preferencia estas duas côres.

Na Belgica, em *Embresin*, descobriram-se em uma villa romana construcções de paredes fabricadas com grossas pedras de silex, reunidas sem arte e symetria, com vestigios de pintura feita em linhas azues, verdes, encarnadas e roxas, moldurando o fundo de côr amarella, objectos de bronze, ferro, anneis, alfinetes, feixes, agulhas, etc.; poucos vestigios de vidro, fragmentos móes, cacos de louça de barro, julgando-se ter sido incendiada esta habitação no fim do seculo II, nas correrias praticadas pelos germanicos.

Fabricam-se agora casas de papelão em New-York, preparando-se 16 toneladas de papelão comprimido em cada dia. Esta composição tem aspecto solido; as folhas têem o peso de 50 kilogrammas, 33 centimetros de grossura. Como o papelão é mau conductor do calorico, uma casa construida d'este modo será quente no inverno e fresca no verão.

1878, Lallemant frères, Typ. Lisboa

SERIE 2.ª ANNO DE 1878 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 6

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

LISBOA, 25 DE JUNHO DE 1878

É impossivel fallar da exposição universal de Paris, sem tecer o mais sentido elogio da grande nação franceza, applicando-se-lhe aquillo da escriptura: *En populus sapiens et intelligens, gens magna*.

Quem não admirará a força de vitalidade que tem a França, ao presenciar como ella se ergue, altiva e senhoril, do abatimento em que a prostraram as calamidades de ha bem poucos annos? Parecia incrivel que tão cedo podesse ella reparar os funestos effeitos dos desastres da guerra e das lutas intestinas, que a pozeram á borda do abysmo. E comtudo, ahi vemos (com espanto por certo) essa maravilha dos nossos dias, qual é a de uma nação que pelo trabalho se rehabilita no conceito dos demais povos, remoça, e dá as mais luzidas mostras da sua poderosa energia e vigor.

A fórma de governo que essa nação adoptára, a *republica*, fazia receear aos amigos timidos, ou esperar aos monarchistas, que não houvesse em França a serenidade, a ordem e a cordura necessarias para levar a bom termo o restabelecimento do povo que estivera tão gravemente enfermo, quasi moribundo.

Felizmente, sob o regimen republicano, e á sombra da liberdade, pôde a França curar as suas feridas, e despregar desde logo uma energia de vontade, que a salvou por meio de esforços incriveis, gigantescos, sobrehumanos.

Á Europa e ao mundo inteiro inspirou confiança a nação que estivera entregue aos desvarios criminosos da communa. Mereceu credito a declaração de intenções pacificas, e foi acceito o seu convite para a grandiosa festa do trabalho. Como que á porfia vieram todas as nações cultas dar testemunho de respeito e admiração.

Levantou-se no famoso Campo de Marte um monumento magnifico á gloria de todas as artes, de todas as industrias, e não menos á da sciencia em todas as suas manifestações.

Alli vae pelejar-se uma batalha de singular caracter, pacifica, civilisadora, que não faz correr uma só gota de sangue humano, antes ha de estreitar os laços da fraternidade entre as nações do mundo.

Dissemos — *batalha*, — e por ventura não tem cabimento essa imagem no estado actual da civilisação. A luta de outros tempos desappareceu, cedendo o passo ao proposito de se auxiliarem os homens — uns aos outros, — e de communicarem entre si os aperfeiçoamentos que obtiveram, o progresso que attingiram. As cautellas mysteriosas, a desconfiança, a ciumenta rivalidade, feições caracteristicas das relações d'outr'ora, não teem já razão de ser, e, de feito, não existem já. O exame dos variadissimos *objectos expostos* será mais detido, mais minucioso, talvez mais severo do que d'antes; mas não o dominará o espirito de hostilidade que n'outras eras o desviava da rectidão e da justiça que interesseiros designios desvirtuavam.

Na *exposição* se fazem representar muitos e muitos povos, ostentando tudo o que melhor e mais perfeito hão concebido e executado nos variadissimos ramos da actividade intelligente do homem, — tudo quanto ha sido investigado ou descoberto nos dominios do mundo physico e do mundo intellectual, para conhecimento da historia do globo, ou dos povos que o habitam.

Tambem alli figura o nosso Portugal. Não levamos muito longe o espirito de nacionalidade quando antevemos que nos aguarda uma parcella de gloria, uma lisongeira manifestação de agrado da parte dos juizes que hão de apreciar e distinguir o que merecer contemplação honrosa.

Praza a Deus que não seja temeraria a nossa esperança, antes se realise, para satisfação do brio que é natural em quem se abalança a sujeitar-se a provas tão severas!

A real associação dos architectos e archeologos portuguezes recebeu honroso convite para concorrer á exposição.

Diante da magnificencia incomparavel do que se admira n'aquelle copiosissimo bazar, some-se, ou como que fica no escuro, o mais que modesto contingente da *Associação;* mas ao menos dá ella mostras de obediencia e respeito a quem generosamente a contemplou, sem embargo da humildade de um estabelecimento nascente, que ainda mal póde dar signal de vida.

O que a *Associação* remetteu para Paris, vae apontado, por pessoa competente, na secção do *noticiario* do presente numero do *Boletim.*

José Silvestre Ribeiro.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

Introducção

Publicando agora as prelecções que fizemos no anno de 1864, na Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, ácerca da *arte monumental dos povos da antiguidade*, é com o intuito de dar maior desenvolvimento a este estudo, e de haver no nosso idioma uma publicação d'esta natureza. Posto que seja trabalho imperfeito, nem illustrado com gravuras, todavia apresentará idéas geraes sobre os typos dos differentes generos da arte, seguindo nós os auctores os mais auctorisados n'esta materia; egualmente para conhecer o caracter com que ella se distingue, além de facilitar o seu estudo especial, contribuirá tambem para avaliarmos qual foi a civilisação n'essas remotas eras, que nos legaram essas portentosas construcções, as quaes, com quanto já em ruinas, nos causam assombro, e convidam a instructivas cogitações. Esperamos nos será desculpada a singeleza descriptiva da arte antiga monumental, levando em conta o louvavel movel que nos induziu a um trabalho tão complexo, e assás difficil para a nossa humilde intelligencia.

1.ª Prelecção

I

Senhores:

Sendo a architectura a primeira entre as artes liberaes; dependendo d'uma parte tão notavel das concepções da intelligencia humana; sendo tambem

um dos ramos os mais essenciaes e os mais interessantes da historia geral, não só como obra de sentimento, mas por offerecer uma origem rica e fecunda em documentos historicos das nações da antiguidade; a architectura deve caminhar a par da historia universal, visto que, de muitos povos que constituiram as primitivas republicas, se encontra a sua historia unicamente esculpida nos seus monumentos. Precisamos portanto estudar qual foi a ordem politica e moral que tiveram esses povos, debaixo do ponto de vista da architectura; pois que, para se analysar a sua arte monumental, não basta explicar a maneira d'essas edificações, nem o modo como se lavrava uma columna: mas sim irmos descobrir qual foi o genio e o intuito, que presidiu á concepção d'essas obras gigantescas, as quaes nos darão a manifestação do pensamento representado pela architectura, afim de conhecermos positivamente qual fôra a sua origem, e o seu desenvolvimento historico.

Sendo pois a architectura tão antiga no mundo, tendo-se desenvolvido tanto em differentes epocas, apparecendo tão nobre e tão bella entre alguns póvos, e tão rara ou rudimentar em outras nações, tendo fórmas e datas tão differentes, deve ter havido, sem duvida, causas particulares originadas infallivelmente pelos contrastes que existem entre as diversas raças humanas. Contentar-nos unicamente com a vista dos monumentos, ou com uma succinta analyse, não será sufficiente para penetrar o engenho creador que presidiu a esses monumentos, ou notar a falta d'elle em outros, para nos elucidar sobre o motivo poderoso, que produziu os diversos estylos e os caracteres particulares da architectura monumental dos povos d'essas eras remotas.

O quadro que patenteia o desenvolvimento da faculdade creadora e da intelligencia humana, manifestadas nas fórmas dadas á materia inorganica, taes como o porphyro, o granito, o marmore, a pedra, o bronze e a madeira, é certamente um dos espectaculos os mais instructivos, os mais bellos, e ao mesmo tempo os mais attrahentes para o homem instruido e para o artista intelligente.

Sómente, pois, estudando os monumentos de architectura dos diversos generos, essas testemunhas irrecusaveis do passado o mais remoto e o mais obscuro, é permittido iniciarmo-nos com certeza n'essas civilisações desde uma prolongada serie de seculos, afim de as fazer reviver no nosso espirito, e tirarmos uteis lições, uteis para o presente e para o futuro. O historiador, ajudado em grande parte pela historia da arte monumental, poderá averiguar com exactidão a essencia e o espirito das religiões, a historia, os costumes e as aspirações dos tempos passados: vindo a ser por conseguinte a historia d'esta arte da maior utilidade, indispensavel aos artistas, aos historiadores, aos philosophos, e até mesmo aos legisladores.

A geographia nos indica tres pontos principaes, que foram a séde primitiva das tres especies humanas, e egualmente a séde das tres raças de homens distinctos entre si. Nas elevadas montanhas e sobre as planuras que ficavam a uma consideravel altura acima do nivel do mar, ahi se deve procurar a patria dos homens primitivos, pois que só n'esses logares teriam elles encontrado um clima assás temperado, uma fertilidade natural, para lhes offerecer o necessario para poderem viver.

Entre estas raças principaes, é sem duvida a caucásica, a mais superior, que desenvolveu no mais subido grau a philosophia, as sciencias, e sobretudo as bellas-artes, estando ha mais de cincoenta seculos depositaria d'ellas. Tudo o que a sciencia nos ensina a este respeito, nos certifica ser a Asia a séde primitiva da especie humana; e a unica raça que se pôde aclimatar em todas as latitudes, foi a branca, a raça ariana, que habitou essa elevada cordilheira que separa a Asia da Europa, fugindo depois dos desertos onde a sua actividade não podia encontrar alimento, e sendo a raça civilisadora por excellencia, e a unica que tem deixado para a posteridade monumentos de architectura em todos os paizes onde pôde chegar: porém, passaram-se muitos mil annos antes que podesse imaginar edificações de templos á Divindade, e quando elles se construiram sómente n'esse tempo appareceu o *sentimento do bello*, o qual fez desenvolver a architectura, e desde então é que tambem o officio de construir se elevou até á altura de arte, guiando-se para as construcções dos monumentos religiosos por certas regras descobertas á natureza.

Temos apenas um pequeno numero de monumentos do verdadeiro mundo primitivo, da epoca em que os homens da raça assidua ao trabalho se empregavam n'elles por um sentimento natural, nato na sua propria raça. Os monumentos os mais antigos que se conhecem, á excepção d'aquelles do Egypto, e entre estes só os do antigo imperio, pertencem á segunda epoca das construcções architectonicas; e foram levantados na occasião de tormentas mui consideraveis, provenientes do instincto de rivalidade entre as tres raças, que lutaram constantemente até firmar a sua estavel independencia, a sua existencia politica e civil: contenda bastante renhida que tiveram os Tartaros, os Semitas e os Arianos que compunham as tres raças predominantes. Todavia chegou um tempo em que estes tres povos, havendo atravessado uma phase identica de desenvolvimento, forçosamente attingiram ao mesmo grau de civilisação moral e intellectual. Desde o VI seculo antes da era vulgar, data um certo numero de monumentos da architectura nos seus respectivos paizes: só-

mente a antiguidade do vetusto Egypto permaneceu immutavel sobre as suas gigantescas bases.

Os sacerdotes, tendo sido os homens mais atilados e instruidos d'esses tempos primitivos, apoderaram-se do sceptro e governaram os póvos; e eram elles ao mesmo tempo artistas e architectos; e obrigavam o povo a edificar em communidade os monumentos para a veneração dos seus deuses. Nota-se tambem na maior parte das crenças primitivas, uma dupla cathegoria de idéas theologicas; umas determinadas pelo estudo da natureza, outras pertencentes á historia e existencia mesmo da humanidade.

Por esta rasão a religião tem tido sempre uma acção directa sobre todas as fórmas dadas á architectura, desde a sua origem; e por este motivo, é esta arte de uma grande importancia para a apreciação do caracter moral e intellectual das diversas nações, servindo o seu estudo para se alcançar o conhecimento verdadeiro da historia dos póvos.

As differentes fórmas dadas ao culto foram destinadas á solemnização e ao embellezamento das ceremonias e das festas periodicas e nacionaes, provenientes da mudança das estações e da producção da terra fertilisada pela acção directamente divina do sol, e coadjuvada pela mão do homem. A religião antiga assim concebida, e o culto assim praticado, produziu no amago das raças caucasicas a architectura a mais sublime, a mais nobre e a mais esbelta. Deu ella origem ás fórmas as mais puras, as mais magestosas, e ao mesmo tempo as mais agradaveis, como se observa na architectura do Egypto, grega, assyria, persa, indiana; e sob outro ponto de vista, creou tambem a dos celtas, que, mesmo na sua rusticidade material, não exclue uma grandiosa e extraordinaria sublimidade.

Servindo para manifestar materialmente as idéas de objectos que não existem, e que não apparecem na realidade, senão em virtude da — arte — e da qual a apparencia não tem por objecto a natureza, mas sim um fim determinado ou arbitrario, submettendo-se todavia á manifestação real d'esse mesmo fim, ás regras do bello, e da harmonia; fica só limitada á natureza inorganica, isto é, deixando-se a liberdade e o arbitrio como sua essencia: e foi devido a esta independencia, que obteve a faculdade de produzir as mais imprevistas de todas as artes liberaes.

É portanto pela fórma material, pelas linhas, pelas superficies, pelos solidos e espaços abertos, que a architectura vem ferir nossa alma, em virtude dos sentidos. É de uma maneira absoluta, que o emprego e a combinação reflectida e proporcionada da linha recta deu em resultado a belleza da fórma architectonica, proveniente do artificio racional de haver reunido linhas e angulos para formarem superficies e solidos, com que ella produziu a ordem, a pureza e a graça dos monumentos construidos; e fazendo despertar em nós a sympathia pelo seu attrahente aspecto: vindo em resultado a compor a architectura um concerto, um conjuncto harmonioso de proporções geometricas, que deu origem á verdadeira *musica da extensão.*

Consistindo a perfeição da architectura no emprego douto, judicioso e reflectido d'estas regras, tanto na sua applicação harmoniosa, como na aptidão do emprego d'esta harmonia musical, produzida pela imaginação, foi que constituiu o — *gosto na arte* —, vindo a ser ao mesmo tempo a causa do sentimento que nos dá a fruição do bello e do veridico na arte monumental: portanto a architectura a mais perfeita, será aquella onde se manifestar com simplicidade e mais completamente a belleza creada, a exemplo d'aquella que admiramos na natureza; e por isso a architectura é tambem a mais nobre e a mais difficil de todas as artes, exercendo egualmente uma influencia e uma acção muito mais directa sobre a existencia, *imperio este que não é dado ás outras artes conseguirem.*

A architectura não serve unicamente para as necessidades reaes e urgentes, como é facil de se comprehender, reflectindo que nós estamos continuadamente em contacto com as suas producções; sendo ainda isto uma outra superioridade das muitas que frue sobre as outras artes liberaes.

Não se ergue a architectura propriamente chamada logo no começo das sociedades humanas: ella apparece muito tempo depois da phase patriarchal, quando as nacionalidades se tinham formado, e as exigencias collectivas exerciam já o seu poder. Para dar vida á architectura, é preciso a idéa, a concepção d'um Deus activo, é preciso haver guerras, heroes e a poesia épica: então a actividade e a faculdade creadora do homem se despertam, e transportam suas emoções á pedra, ao marmore e ao bronze. Desde logo, tambem se levantam monumentos á gloria dos deuses e dos heroes, onde n'essas sumptuosas construcções as leis da ordem e do bello são apresentadas e combinadas em grande numero. A architectura foi sempre no seu principio religiosa; seu fim primitivo foi de concorrer a tributar o culto ao Ente Supremo, d'um modo mais solemne e mais augusto. Na sua origem era uma arte hieratica, praticada exclusivamente por um sacerdocio poetico e ao mesmo tempo erudito: estes formaram depois para os filhos corporações secretas, onde se conservavam as regras e os conhecimentos adquiridos, e se observavam as sãs tradições dos seus antecessores.

Dependendo pois a manifestação da architectura principalmente da concepção mais ou menos verdadeira da idéa elevada de Deus, a qual influe tambem sobre a fórma politica e social das nações;

depende egualmente da natureza dos materiaes empregados, e finalmente do grau de civilisação do povo onde ella se manifesta, conforme o seu espirito, o seu caracter; bem como do clima e da natureza do paiz em que elle habita: portanto no Egypto será a architectura *grave, triste e severa*, como são o aspecto das margens do Nilo e das montanhas que as cercam. Na Grecia, pelo contrario, ella será *elegante, esbelta, variada, graciosa, rica* e *alegre*, como é a natureza ao centro da qual teve origem.

Nas planicies de Babylonia, será *simples, regular* e *symetrica*, como são os materiaes artificiaes com os quaes foi formada, e que se moldavam em fôrmas. Na India, nos sitios gigantescos, será ella *colossal*, mas sem *severidade*, participando ao mesmo tempo das architecturas grega e egypcia, porque as idéas religiosas d'estes dois povos tinham alguma analogia entre si; além de terem os materiaes e o solo da India egualmente alguma similhança com aquelles pertencentes á Grecia e ao Egypto. Nos paizes dos celtas, a architectura será *rudimentar, rustica* e quasi *inculta*, como eram esses mesmos povos e as regiões em que habitavam.

Pelo que acabamos de expôr, se conhece que a architectura é a expressão mais verdadeira do caracter dos póvos, manifestada pelas fórmas architectonicas, que os diversos povos haviam adoptado. Acreditavam elles ser o mundo a casa de Deus e o céu a sua habitação; e julgavam natural levantar uma habitação para Deus, á imitação do universo, e por esta rasão ter um caracter divino. Eis aqui porque em toda a antiguidade reputavam a construcção dos Templos, como sendo uma arte religiosa, da qual os inventores eram os proprios deuses. Como os primitivos architectos tinham sido os deuses, e os primeiros mestres na arte de edificar; por este motivo confundiam esta sciencia com a sua theologia: formando uma arte puramente religiosa e confiando o exercicio d'ella a quem se occupava do conhecimento das cousas divinas, isto é, aos sacerdotes.

N'esta persuasão os indios reconheciam por architecto primitivo a Brahma. Os egypcios tambem attribuiam a invenção da architectura a Osiris. Os babylonios e os chaldeos adoravam Onnaés como fundadores das suas cidades e dos seus templos. Os gregos consideravam Vesta a deusa que tinha inventado a arte de construir casas, e Pallas, a que tinha ensinado a architectura a Phérékles. Por consequencia reputavam estes differentes povos a architectura de origem sagrada, e ser uma arte significativa e symbolica. Eis aqui a explicação porque nos templos egypcios se representavam os tectos pintados de azul cheio de estrellas, e com figuras de todas as constellações, para imitarem o firmamento; assim como as columnas e capiteis pintados de diversas côres, para representar o aspecto que ha na superficie da terra, e parecendo sustentar ellas o firmamento, indicado pela côr celeste.

Por egual motivo, os antigos persas explicavam aos iniciados em templos subterraneos, de que maneira desciam as almas ao mundo material e voltavam para o mundo espiritual; figurando egualmente para este fim no templo o universo inteiro, o céu e a terra. Na Grecia, os architectos pelasgos imitaram nas cupulas, por cima a terra, e por baixo d'ella a aboboda celeste, figurando o abysmo no seio da terra. Vemos pois, que os antigos póvos eram concordes em representar o mundo, sendo elle uma manifestação, uma revelação de Deus, em todas as coisas da creação, havendo sido determinadas conforme a arithmetica e a geometria; logo era preciso tambem, que tudo aquillo que fosse reputado emanação divina, se determinasse da mesma fórma, isto é, por quantidades e dimensões; ficando por esta maneira a arithmetica e geometria reputada uma sciencia pertencente á divindade.

Pelo que acabámos de expôr, devemo-nos convencer de que a architectura, principalmente a religiosa, não póde tirar a sua origem das necessidades materiaes, assim como pretendem alguns auctores; pois se admittissemos esta opinião, transformariamos esta nobre arte meramente em uma industria; roubar-lhe-hiamos as suas preciosas prerogativas, a sua essencia divina, em uma palavra, destruir-se-hia todo o seu valor e poesia! Se ella fosse unicamente industrial, devia ser simples, e não precisar de ornatos; porque é só dado á imaginação inspirar o genio do architecto para produzir fórmas nobres e puras, como se executaram n'esses grandiosos e bellos monumentos da antiguidade, que adiante descreveremos; porém agora, explicarei primeiro o que representam os dois mais importantes monumentos do Egypto.

A estampa n.° 1 [1] é do templo de *Luxor*, o qual occupa parte do terreno da antiga Thébas, e foi edificado por Sésostris, o mais celebre dos reis do Egypto da era 1499, antes de J. C. Este edificio que está no seu estado primitivo, nos dará uma idéa da grandeza d'esta magnifica construcção, assim como nos mostrará qual é o effeito grandioso, que a arte monumental no Egypto soube inventar, a qual parece, pela sua formidavel solidez, não só desafiar os estragos do tempo, como ter sido creada de proposito para causar o assombro das futuras gerações pelas suas fórmas colossaes que tanto a distinguem entre as outras architecturas dos antigos póvos.

Não se contentavam os egypcios em enriquecer

[1] Será publicada em um album, em separado, com as outras estampas respectivas d'esta materia.

unicamente as fachadas d'estes monumentos com um sem numero de esculpturas, para indicar de longe o logar occupado pelo templo, collocando elevados monolithos pyramidaes dos seus obeliscos; além dos grandes mastros tendo no extremo flammulas com as tres côres symbolicas, tambem tinham por costume ornar o interior das praças com avenidas extensas, para indicarem as entradas dos seus magestosos edificios, estando em harmonia com a magnificencia empregada nos seus templos; mobilavam essas praças, permitta-se a expressão, com numerosos pedestaes, portaes, e mil attributos para darem maior realce ao effeito geral do monumento principal, parecendo mais uma decoração festiva destinada para alguma solemnização nacional. Quando appareciam em publico os monarchas d'este povo, eram conduzidos em andores rodeados das suas guardas, trazendo todas as insignias arvoradas em roda da sua pessoa, para indicar a sua poderosa auctoridade; e levados como em triumpho pelos principaes personagens do paiz, sentados em um throno portatil, de cada lado d'elle um alvissimo abano, ou farobella, como attributo da sua alta cathegoria.

Quando se examinam esses monumentos esculpidos nos flancos das montanhas, como, por exemplo, os dois *Spéos* de Ibsainboul, na Nubia inferior, do anno 1822 antes de Jesus Christo, a nossa razão fica ainda mais attonita, duvida do que n'elles observa; parece-nos impossivel que fossem homens que tentassem trabalhos d'esta ordem, havendo esculpido sobre a propria rocha estatuas gigantescas com trinta e seis pés de altura, perfurado as entranhas da mesma rocha, fazendo escavações para espaçosos sanctuarios, conservando-lhe todavia o seu aspecto geologico, e tendo tido a precaução de reservar a pedra necessaria para se formarem estatuas e varios altos relevos dentro d'aquelles recintos! Só pensar ter-se concebido tão ousada obra, já nos confunde o espirito, quanto mais tel-a executado em mais de um logar, com bastante arte e primor! Quem ousaria no tempo presente emprehender uma construcção tão collossal e difficil, servindo-se dos unicos meios de que dispunham então os egypcios?

Não é preciso para o estudo de que nos occupamos considerar qual seria a melhor applicação, n'aquelle seculo, que se deveria dar aos avultados capitaes empregados n'essa extraordinaria obra. Quando tratamos, em geral, da importancia que as bellas artes apresentam na sua significação a mais sublime, devemos banir a idéa de qualquer especulação, porque onde é necessario haver toda a liberdade do pensamento para que as obras das artes liberaes possam exprimir a maior poesia e sempre um sentimento elevado, por força deverão ficar excluidos os interesses pecuniarios, pois seriam elementos heterogeneos, incompativeis com as producções sublimes que tanto distinguem as bellas artes do prosaico calculo da vida material e interesseira do commum dos homens; portanto, considerando a arte monumental sómente sob o seu verdadeiro ponto de vista do merecimento artistico que deve ter, diremos que nenhuma obra no mundo se poderá comparar ás de que estamos fallando! Se considerarmos egualmente o espectaculo visto-o dos costumes d'essas eras, quando as barcas douradas, com as suas purpurinas velas, transportavam numerosos adoradores das divindades egypcias, ás quaes esses templos eram dedicados; quando das bordas escarpadas do rio sagrado, o Nilo, se encaminhava fervorosa essa multidão, enchendo compacta a avenida ingreme para penetrar no sanctuario e tributar aos deuses graças pelos beneficios que recebia da mãe do mundo, a *terra fertilisada*, ao fitarem esse sanctuario monolitho, ficariam certamente ainda muito mais crentes na sua fé, pois unicamente com a protecção da divindade poderiam elles suppôr se tivessem executado similhantes construcções, pois que a sua restricta imaginação, a sua debil e acanhada intelligencia não podiam conceber que frageis mortaes fossem os auctores de obra tão estupenda e surprehendente; portanto, fascinados pelo que viam, acreditavam piamente serem os seus idolos os verdadeiros architectos d'esses famosos templos! É d'esta maneira arrebatadora e quasi incomprehensivel que a arte monumental lhes feria a sua imaginação e os obrigava á admiração de todos, e mostrava qual era a influencia do seu caracter grandioso, não sendo unicamente na solidez que se baseava a sua significação, mas sobretudo no sublime da sua composição e no maravilhoso effeito do seu aspecto monumental.

(Continua)

O architecto,

J. P. N. DA SILVA.

SECONDO CONGRESSO

DEGLI ARCHITECTI ED INGEGNERI ITALIANI IN FIRENZE

Relazione del segretario generale ing. Giovani Pini. Firenze, 1876

II

(Veja-se o artigo I no *Boletim* n.º 5 da 2.ª serie, pag. 69 e 70)

Vimos no artigo antecedente as conclusões a que chegou o congresso a respeito da conservação ou reparação dos *monumentos*.

A essas conclusões fez a secção competente, por desejar que o assumpto fosse encarado debaixo de todos os aspectos, e nas diversas hypotheses occorrentes, os seguintes additamentos, sob propostas de professores:

1.º Deseja-se que no decreto para expropriação por utilidade publica se insira a clausula de — sus-

pender os trabalhos no perimetro de qualquer predio expropriado, quando se descobrir algum monumento, até que a auctoridade, consultadas previamente as competentes corporações archeologicas ou antigas, dê as providencias que o caso pedir.

2.º Pede-se ao governo que facilite as concessões de locaes, quando as commissões conservadoras dos monumentos fizerem a competente requisição.

Pelas indicações que apresentámos no primeiro artigo, agora additadas com os pedidos da secção, vê-se que os architectos italianos olharam attentamente para o importantissimo assumpto da conservação, reparação e restituição dos monumentos, e dos objectos de arte recommendaveis sob o ponto de vista archeologico.

Guardadas as devidas proporções, tambem a Portugal convém e muito interessa que apertadamente se appliquem providencias e sollicitos cuidados ao mesmo empenho. Aqui levantamos um novo brado, para que os poderes publicos, o parlamento, as corporações competentes, e os particulares instruidos não se descuidem de arredar a perda fatal de preciosos thesouros, que ás nações cultas são tão caros.

Temerarios que nós somos! Ousámos levantar novo brado, quando ainda hoje sôa o de uma voz poderosa que ha quarenta annos ouviu todo o Portugal:

«É contra o espirito destruidor d'esta geração que ora vive, que ergueremos a voz: erguel-a-hemos a favor dos monumentos da historia, da arte e da gloria nacional, que todos os dias vemos desabar em ruinas.»

Áquelles que, ao verem cair em ruinas grandiosos monumentos, perguntavam: *Que importa?* — respondia essa voz poderosa:

«Barbaros! Importa a arte, as recordações, a memoria de nossos paes, a conservação de cousas cuja perda é irremediavel, a gloria nacional, o passado e o futuro, as obras mais espantosas do entendimento humano, a historia e a religião.»

Se muitos viajantes haviam visitado Portugal, tinham elles sido attrahidos por outros motivos que não fossem o virem «admirar o mosteiro da Batalha, o templo romano de Evora, o castello da Feira, a collegiada de Guimarães, o convento de Belem, e, emfim, tantas obras primas de architectura, que encerra este cantinho do mundo.» [1]

No congresso de Milão, anterior ao de Florença, houve o pensamento de investigar as condições fundamentaes de um estylo architectonico, o qual, aproveitando os novos progressos da sciencia e dos materiaes de construcção, sirva para as necessidades, para os usos, para os costumes de hoje nas provincias italianas, e represente os caracteres naturaes e historicos.

Firmou-se o principio de que «o externo deve corresponder ao interno, o ornamento ao uso, a esthetica á razão de ser.» *(L'esterno corrisponda all'interno; l'ornamento all'uso; l'estetica alla ragione d'essere).*

Cumpre confessar que era muito vaga esta formula, muito pouco determinados e explicitos os criterios que ella fixava. Tornava-se, pois, indispensavel que o *Segundo Congresso* voltasse ao assumpto.

D'esta vez formulou-se em termos muito mais claros a questão, e d'um modo que permittia maior desenvolvimento do assumpto e facilitava o estudo e solução.

Eis a formula em que o quesito foi apresentado ao Segundo Congresso:

«Se a extensão que nos tempos modernos adquiriu o emprego do ferro e de outros mineraes na arte de fabricar, póde dar logar á investigação de um estylo architectonico especial, que deva fazer parte dos estudos do architecto, quaes exemplos poderiam servir de norma para tal estudo, e a quaes objectos poderia ser applicado com opportunidade?»

Faltou, porém, o tempo necessario para se discutir este ponto; e porque é elle de summa importancia e de mui difficil resolução, recorreu-se ao expediente de nomear uma commissão, encarregada de estudar o assumpto, e de apresentar ao *Terceiro Congresso* os elementos mais seguros para uma discussão grave e profunda.

Foi depois objecto de consideração a conveniencia, antes a grande vantagem de fundar na Italia um *Jornal de architectura*, que contribuisse para o progresso da arte e da sciencia architectonica por meio da publicação de escriptos e desenhos adequados.

Aqui a questão reduzia-se a encontrar os meios pecuniarios de custear uma empreza dispendiosa; mas pela natureza da missão de um congresso, e pela estreiteza do tempo, não teve este assumpto a solução conveniente.

A secção reconheceu tambem a necessidade da composição d'um bom *Diccionario de architectura;* e votou que se pedisse ao ministro das obras publicas, que de accordo com o da instrucção publica fundasse um premio para quem quer que apresentasse um trabalho perfeito n'esta especialidade.

O congresso passou a tratar de interessantes questões relativas a estradas nacionaes, provinciaes e communaes, — e a outros objectos de ponderação, — que aliás entram em outra ordem de estu-

[1] Alexandre Herculano. *Monumentos*. Dois artigos insertos no *Panorama* de 1838.

dos que não quadram á indole privativa d'este *Boletim.*

Ao chegarmos á conclusão do nosso humilde trabalho, affigura-se-nos que apresentámos aos leitores o enunciado da solução de questões ponderosas, em que muito vae de interesse para a architectura e para a archeologia.

José Silvestre Ribeiro.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

CONSIDERAÇÕES

ÁCERCA DA

HYGIENE DAS CONSTRUCÇÕES CIVIS E PUBLICAS

Technologia da edificação

(Continuado do n.º 4, pag. 50)

III

Illuminação pelo gaz. — Sobre este objecto transcrevemos aqui exactamente o que diz a *Revue* ácerca do assumpto: [1] «Nos grandes centros de população, o gaz tem desthronado quasi todos os systemas de illuminação; comquanto a persistencia em logar onde se queime gaz hydrogenio predisponha as tosses e as doenças pulmonares, além de poder resultar um verdadeiro definhamento a todas as pessoas obrigadas a respirar continuamente um ar saturado de residuos da combustão do gaz. Não podemos tambem deixar de reconhecer que para se evitar o mephitismo da combustão do gaz é necessario uma quantidade de ar egual áquella que seria necessaria para sanear a viciação da respiração, e transpiração reunidas, em paridade relativa.» [2]

Salubridade das diversas partes d'uma casa de habitação. — Principiaremos pelos subterraneos que se encontram em muitos predios, os quaes são altamente insalubres, tanto pela humidade, como pela defeituosa renovação do ar.

Quasi nas mesmas circumstancias se podem considerar os pavimentos terreos que fiquem soterrados por um ou mais lados, e sem que recebam luz e ar por mais de um dos lados, muito principalmente se o lado ventilado não estiver exposto ao nascente.

Quando, porém, aquelles generos de pavimentos são utilisados para estabelecimento de cosinhas, onde haja ordinariamente calor e uma boa ventilação, são então de pouca monta os inconvenientes apontados. Mas se em logar de serem assim aproveitados, elles servirem de alojamento, não só d'uma pessoa, mas até de familias inteiras, como temos visto em varias partes, então essa disposição torna-se perigosa, não só aos habitantes, mas tambem á população local, como fóco de infecção, e é sem a menor duvida que d'ahi provém muitas affecções rheumatismaes e escrophulosas que inutilisam e dizimam os habitantes.

Os andares terreos *(rez-de-chaussée)* para serem saudaveis devem estar elevados da terra pelo menos de cinco a seis degraus, edificados sobre cosinhas bem dispostas e arejadas, ou então sobre subterraneos de aboboda *(caves voûtées)*.

Nas ruas estreitas e humidas, especialmente em locaes onde haja grande accumulação de povoação, aquelle genero de habitações é sempre perigoso, pela defeituosa renovação de ar, e pela falta de calor e luz do sol. Nas mesmas circumstancias devem ser considerados os quartos e vãos de escada, e os fundos não ventilados das lojas e armazens. Comtudo, os srs. architectos e mestres de obras conhecem bem os meios de preservar os rez-do-chão de alguns dos seus inconvenientes, especialmente os que provêm da humidade.

A pequena elevação acima do terreno de que já fallámos, e nas circumstancias então indicadas; — a applicação d'uma camada de asphalto ou cimento sobre o terreno, que abranja um pouco mais a grossura das paredes, evitando assim a ascenção da agua; — uma corrente de ar bem estabelecida por entre o vigamento que sustiver o sôlho, o que impede a ascensão da humidade evaporada da terra, e conserva uma seccura continua; — distancia rasoavel e nunca minima entre o sôlho e o sobrado; — assentamento das extremidades do vigamento em cantaria: são precauções conhecidas das pessoas competentes, e que só podem ser desprezadas por aquelles que desconhecerem os principios de hygiene e estabilidade das construcções.

Ha tambem uma circumstancia que se não deve nunca desprezar, é a distancia e arejamento dos vigamentos proximos da terra, porque a humidade, apodrecendo as madeiras, produz-lhes damno e uma fermentação ou decomposição muito prejudicial á saude, além de ser um incommodo continuo o cheiro a bafio, sem mesmo fallarmos dos damnos que podem provir da accumulação de bichos e sua decomposição.

É sabido que, á medida que sobem os pavimentos (andares), a humidade diminue e o ar é então mais secco, por isso mesmo que o calor e luz solar penetram pela mesma razão mais facilmente, e é por isso que são justamente considerados como mais saudaveis os andares superiores de um predio.

[1] Por tudo que temos escripto em relação á illuminação pelo gaz, os leitores podem julgar que dizemos a verdade, quando declaramos que aquelle genero de illuminação é excessivamente insalubre e perigoso, e o aquecimento das casas por aquelle meio é ainda mais damnoso, por isso que facilmente se esquecem as precauções que se devem tomar para que o não seja, resultando d'ahi um padecimento a — asphyxia chronica — ácerca da qual fallaremos largamente, por isso que contamos, nas proximidades do inverno, prevenir os leitores contra tal systema de illuminação e aquecimento, que tende a generalisar-se, quando devia ser completamente banido de todas as habitações. As opiniões dos auctores que citaremos provarão amplamente que fallamos com verdade e imparcialidade, na melhor boa fé. — *Nota da redacção.*

[2] Em relação aos perigos e inconvenientes da illuminação pelo gaz hydrogenio, tencionamos publicar um artigo especial, traduzindo o que diz a *Revue*, que são os dizeres a que a redacção se refere na sua nota.

Não deve porém ser permittido grande elevação nas casas, por isso que prejudica a hygiene publica, porque a grande altura dos predios, concorrendo para a insalubridade das ruas, occasiona a insalubridade das casas, na razão directa da estreiteza das ruas. Os andares proximos dos telhados são sempre muito quentes de verão e frios de inverno, e esse excesso de temperatura relativa é sempre prejudicial aos habitantes, especialmente velhos ou creanças.

O que acabamos de dizer é em relação ao systema de telhados usados em Portugal, onde o ferro, o zinco e a ardosia [1] são pouco usados, porque se o fossem, seriam muito mais consideraveis os inconvenientes.

Dimensões das diversas partes de um predio de habitação. — As dimensões que devem ter as diversas partes de uma casa devem ser calculadas segundo o seu destino e numero de pessoas, ao uso das quaes a casa deve servir.

Será essa a regra que observam os edificadores? Attendem a esse preceito os habitadores? Julgamos que nem a uns nem a outros passou nunca pela idéa tal exigencia da arte e da hygiene.

Mas nós já sabemos *que são precisos a um homem oito a dez metros cubicos de ar atmospherico para conservar a sua respiração em estado normal e dissolver o vapor da agua por elle exhalado.* O resultado portanto d'essa exigencia é indicar que as dimensões convenientes a um *quarto* (por exemplo de dormir) seriam oitenta metros cubicos, supponda que o somno dure oito horas, e que durante a noite não haja renovação de ar. Seguindo porém á risca aquelle calculo, cahir-se-ia em uma exaggeração de preceitos hygienicos, mesmo porque, por mais bem vedado que fosse um quarto, nunca se dava o caso de não penetrar n'elle o ar. É por isso que se adopta como regra usualmente que um quarto de dormir deve ter um espaço duplo de um quarto habitado tão sómente de dia, attendendo-se ao espaço occupado pelos moveis e a facil ou difficil ventilação.

Por outro lado, quando se construe um quarto, é impossivel de afiançar que elle será occupado por uma só pessoa; ao contrario, deve-se presumir que não é isso o que ha de acontecer, se attendermos aos usos e costumes do nosso paiz, especialmente nas classes operarias e menos abastadas.

É por isso que se não devem dar dimensões muito restrictas aos *quartos*, isto é, que nunca tenham menos de 3m a 3m,50 de altura por 4m em quadrado de largura.

Dado porém o caso de se encontrar o *quarto* feito, convirá saber quantas pessoas o podem habitar sem grande inconveniente.

Suppondo que o quarto tem quatro metros de altura, tres de largo e cinco de comprimento, o que corresponde a sessenta metros cubicos, n'esse caso poderá ser habitado por seis pessoas durante o dia, tres sómente durante a noite, comtanto que lhe não seja muito vedado o ar, e o espaço occupado pelos moveis não seja demasiado.

A collocação das portas e janellas é tambem uma circumstancia que influe na salubridade das habitações, e é para lastimar que em relação a esse cuidado se attenda ordinariamente mais á symetria do que á hygiene da casa.

[1] Ácerca dos diversos systemas de cobertura fallaremos em outra occasião.

As portas devem ter tamanho sufficiente, collocadas quanto possivel em frente das chaminés ou das janellas, afim de favorecerem a renovação do ar.

As janellas devem ser grandes, e tantas quanto o possivel para deixar livre e abundante entrada á luz solar, que é um poderoso absorvente. A sua construcção deve ser feita com esmero, tanto em esquadria como em relação a vedamento, afim de se evitar a introducção do ar *coado;* devem-se abrir facilmente; convém tambem que a sua elevação em relação ao sobrado não seja demasiada; entre elle e o peitoril é sufficiente a de 40 a 70 centimetros; o intervallo entre a janella e o tecto não deve exceder a 35 centimetros: as janellas rasgadas (de sacada) são sempre mais convenientes.

A exposição a leste é sempre a que se deve preferir, e em todo o caso se deve optar antes pela do meio-dia do que pela do norte, podendo-se mitigar o calor dos mezes de verão por meio de persiannas, taboinhas ou *stores.*

Ventilação. — A ventilação dos *quartos* que não têem janellas ou portas de correspondencia, póde obter-se facilmente, pondo esses quartos em correspondencia com a chaminé geral do predio ou a dos fogões de salla, porque, quando o lume está acceso, a tiragem opera-se facilmente, em virtude da combustão, e quando mesmo não ha fogo, a respiração dos habitantes augmenta o calor do quarto, e por consequencia ha o augmento progressivo de calor ao ar contido ali, e sendo então o vapor da agua exhalado, mais leve que elle, resulta uma tiragem espontanea de ar corrompido. É porém necessario, para que se opere essa tiragem, que haja no quarto uma saida convenientemente estabelecida.

Dado porém o caso de se não poder estabelecer communicação directa com a chaminé, devem-se construir ventiladores de tiragem nos tectos, por meio de corrediças tuboladas em relação com a atmosphera, ou por algum outro meio, sem esquecer o da chaminé *d'appel* que poderá mesmo ser empregada, a despeito de qualquer outra chaminé, se o *quarto* não fôr espaçoso ou tiver tecto baixo.

O mesmo meio se deve adoptar quando a casa tiver de servir para reunião habitual de muitas pessoas.

Não é este o logar nem a occasião de fallarmos ácerca da ventilação em geral, com referencia a todos os generos de edificações e exigencias relativas, por isso mesmo que as pessoas competentes para edificar conhecem o que está largamente escripto a tal respeito; o nosso fim não é escrever para esses, e tão sómente fazer conhecer aos que mandam edificar os perigos de que ha a fugir, afim de que procurem quem os saiba evitar.

Aquecimento das casas. — Em Lisboa o aquecimento das casas não seria talvez circumstancia indispensavel; não acontece, porém, o mesmo nas terras ao norte do paiz, e mesmo em outras provincias, onde o aquecimento é uma necessidade. Até 1833, eram poucas as casas onde se encontrasse *fogão*, e quanto a edificios publicos, em nenhum havia aquecimento. Depois d'essa epoca principiou o uso de fogões fixos e portateis, *poêles*, etc., e hoje poucas casas se edificam sem chaminés de aquecimento. e são essas as que se prestam a melhor aquecimento, mais simples e mesmo mais saudavel, com quanto se accusem de deixar perder mais de metade do calor produzido. Esse defeito é porém assás compensado pela prompta renovação de ar que promovem.

Infelizmente, quando são mal construidas, e sem que se attenda ás regras que a sciencia ensina, offerecem inconvenientes que são sempre nocivos, tanto á saude como aos moveis.

Aquecem então pequena parte da casa, gastando mesmo muito combustivel, o que se torna dispendioso e pouco util.

Produzem muito fumo, o que, além de prejudicar os quadros, estofos e cortinas, ataca e prejudica os olhos e os pulmões.

Taes inconvenientes diminuem guarnecendo o fogão de chapas metallicas, estreitando conicamente a chaminé ou tubo de tiragem e fazendo-a mais alta.

É tambem util, quando seja tubo metallico, sobrepôr-lhe um capacete que gire pela acção do vento, e ter cautella que a saida do fumo não fique inferior aos predios visinhos, bem como se devem munir de registo.

Os *poêles* aquecem rapidamente um *quarto* ou sala; têem porém o defeito de seccar o ar, e quando são de folha de ferro, produzem um cheiro desagradavel, defeitos que, além d'esse incommodo, são origem de constipações e de soffrimentos de cabeça.

Produzem, é verdade, pouco fumo, em comparação das chaminés, mas quando estão muito esquentados, desenvolvem um calorico sempre perigoso, especialmente para as pessoas predispostas a affecções cerebraes.

O *poêle*, em geral, exige uma grande porção de ar para bem funccionar.

(Continua)

F. J. DE ALMEIDA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

NOVOS MONUMENTOS MEGALITHICOS EM PORTUGAL

(Estampa n.º 26)

Tres dolmens foram descobertos na serra d'Ossa pelo digno socio correspondente da nossa associação, o sr. Gabriel Pereira, no fim do anno de 1877. Estes tres dolmens estão situados nas herdades da Candieira, das Thesouras e das Vidigueiras; o primeiro está no meio caminho que da villa do Redondo leva ao mosteiro de S. Paulo, a duzentos metros á direita da estrada; o segundo fica no caminho da serra e campo da Palheta, e no caminho de S. Miguel de Machede; o terceiro está na parte murada da herdade das Vidigueiras: acham-se tão proximos uns dos outros que parece formarem ali um agrupamento de antas.

Descreverei em primeiro logar estes dois ultimos. O dolmen das Thesouras está muito arruinado e quasi todo deslocado; consta de tres grandes pedras, que o desenho mostra, e que parecem tres *mesas*. Muitas lages de grandes dimensões, antigos esteios, jazem ali na maior desordem; algumas partidas. A grande mesa mais erguida está egualmente partida. Entre as tres grandes mesas está derrubada uma pedra de fórma singular; é um pilar grosseiramente faceado, de feitio prismatico, com cinco faces, tendo quasi tres metros de altura e mais de meio metro de espessura. Encontra-se n'um montado, em uma altura de duzentos metros da estrada, para o norte.

O dolmen das Vidigueiras tem ainda quatro esteios erguidos que sustentam a mesa; outros cinco estão deslocados. Este dolmen tinha galeria voltada ao oriente; o monticulo que lhe serve de base parece artificial; as mesas da galeria estão deslocadas.

O dolmen furado da Candieira é mui notavel pelo buraco que apresenta na pedra que fórma o fundo da *camara*. Situado entre um olival e um pinhal, a trezentos metros da estrada, encimando um pequeno cabeço, é formado por seis grandes lages de schisto, formação geologica dominante n'esta serra.

A altura d'esta construcção prehistorica é superior a dois metros. Assenta a mesa sobre quatro pedras. O monticulo é natural. A lage do fundo tem a pouco mais de meia altura uma abertura circular feita com regularidade e visivelmente artificial. Deslocaram um só dos esteios para penetrar no interior do dolmen. O espaço comprehendido pelas lages tem 2 metros de comprido por 1,5 de largo.

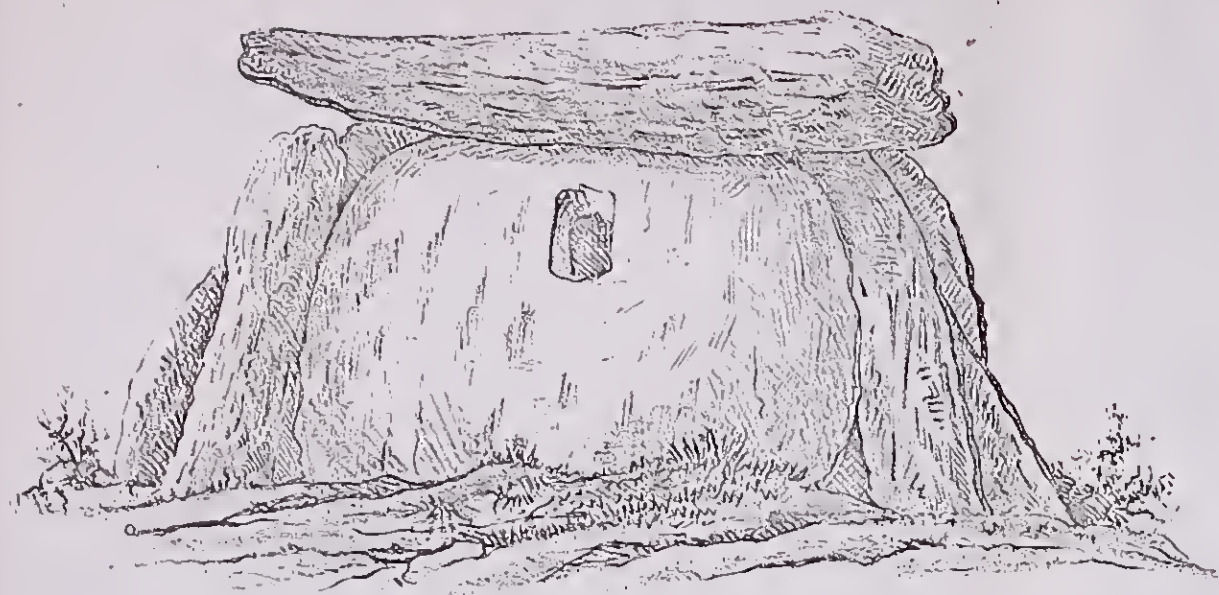
Na face superior da mesa não ha vestigio de cavidade; tambem nas faces dos esteios e na face inferior da mesa nenhum signal apparece de quaesquer symbolos ou caracteres.

É o primeiro monumento megalithico que se conhece com esta particularidade em Portugal; a sua descoberta deve considerar-se muito importante para os estudos archeologicos.

Existe em França um grande dolmen, tambem furado, no departamento de Oise, designado pelo nome de Trye-Château, que se ergue á altitude de noventa e oito metros, com a direcção do norte. É composto d'uma galeria de pedras de sete metros de comprimento; formam-lhe a entrada duas pedras collocadas obliquamente, em relação ao eixo do monumento, e sustentando a pedra da mesa inclinada 30° para o sul; a qualidade das pedras é silico-calcarea. A pedra da mesa mede $3^m,85$ de comprimento e $1^m,85$ de largura, e um metro na parte de maior grossura; os esteios tem $1^m,60$; o buraco, que na primitiva era arcular, tem $0^m,42$ de diametro por $0^m,52$.

Varias hypotheses se tem formado ácerca da applicação que deveria ter a lage furada da camara do dolmen. Ultimamente mr. Léon de Vesly disse

Boletim

DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Da Candieira

Das Vidigueiras

Das Thesouras

Os Dolmens da Serra d'Ossa

Pag 90

que essa lage serviria para se introduzir os cadaveres, pois que, estando estes monumentos cobertos de terra, não era natural removel-a todas as vezes que houvesse algum corpo a sepultar; por este motivo, praticando um furo na pedra, por elle se introduziria o cadaver, sem ser preciso desfazer a camada de terra que revestiam estes monumentos megalithicos.

Esta explicação poderia ser adoptada, mas, a meu ver, ha uma objecção que a destroe: não se encontram os outros dolmens com egual disposição, e unicamente um só em França offerece esse exemplo; aliás, se servissem para o fim designado pelo archeologo francez, deveriam todos os dolmens apresentar identica disposição.

J. da Silva.

A SOCIEDADE REAL

DOS

ANTIQUARIOS DO NORTE

Vista á luz d'um notavel discurso do sr. Worsaae [1]

Celebrava-se em 1875 o quinquagesimo anniversario da fundação da Sociedade Real dos antiquarios do norte, no palacio de Amalienborg, quando o sr. J. J. A. Worsaae, vice-presidente d'ella, proferiu um discurso interessante, que nos ministra os meios de conhecer a historia de tão recommendavel instituição.

Guiados por esse luminoso facho, daremos uma resumida noticia da historia e serviços da Sociedade que tem a sua séde na capital da Dinamarca, e pelos seus esforços e desvelos grangeou alto conceito na Europa e na America.

Os trabalhos que a Sociedade tomou á sua conta datam do presente seculo, e abrangem o periodo de cincoenta annos até ao de 1875, que outros tantos tinha ella de existencia.

Ainda no seculo XVIII não havia assomado a aurora d'esses estudos das antiguidades septentrionaes; sómente captivavam a attenção dos homens de lettras os estudos da antiguidade classica. Nem a imaginação mais viva podia antever o brilhante futuro que aguardava as antiguidades que do solo seriam desentranhadas, e tamanha luz haviam de lançar sobre a nebulosa historia de remotas eras.

No principio do presente seculo occorreu a Nierup a feliz lembrança de fundar um museu das antiguidades do norte; mas, apesar da boa vontade que encontrou em Frederico VI, nos ministros d'este, e até no povo, não pôde realisar esse projecto, em razão do infortunio que visitou a Dinamarca, qual foi o da perda da sua esquadra, e o da desannexação da Noruega.

Em 1815 começa uma nova era para os estudos archeologicos. Em 1825 é fundada a *Sociedade dos antiquarios do norte*, tendo esta a missão de publicar e interpretar os velhos escriptos septentrionaes, e, em geral, tudo o que tende a allumiar a historia, a lingua, e as antiguidades do norte. Passados tres annos, é confiado á Sociedade o titulo de «Real», e em 1829 é favorecida com um subsidio do Estado.

Depois de varias alternativas, que seria longo relatar, coube á Sociedade a boa fortuna de ver publicar, em 1837, uma obra preciosa: *Antiquitates Americanæ*, na qual o illustre e incansavel Rafn reuniu materiaes para a historia das viagens repetidas dos Scandinavos á *Vinland* (America), quinhentos annos antes da viagem de Christovão Colombo.

De 1838 a 1845 foi publicada outra obra importante: *Os monumentos historicos da Groenlandia*, contendo não só as narrações das sagas e das chronicas mais recentes sobre as colonias scandinavas da Groenlandia, mas tambem extractos das viagens mais modernas, e de importantes investigações archeologicas.

Ao lado do *Museu de antiguidades* foi estabelecido o *Gabinete americano*.

Differentes publicações foram apparecendo, graças, principalmente, á actividade do mencionado Rafn, secretario da Sociedade, e verdadeira alma d'esta. Em 1852 publicou: *Antiguidades russas;* em 1856, *Antiguidades do oriente;* em 1857, o *Atlas da archeologia do norte.*

Depois do *Lexicon poeticum antiquæ linguæ septentrionalis*, por Egilsson (1860), e a *Clavis Poetica*, de Grændal, em 1862, — appareceu, em 1863, o *Diccionario da antiga lingua norrena*, — a par dos *Annaes*, da *Revista archeologica*, e das *Memorias* que a Sociedade continuava a publicar.

Em 1861 fôra Rafn nomeado secretario perpetuo da Sociedade, como que em recompensa da espantosa actividade que desenvolvera sempre. Mas falleceu no dia 20 de outubro de 1864, na edade de quasi 67 annos. Tenho diante de mim o retrato de Rafn, e nas feições d'elle vejo estampados os signaes de meditação, de energia e de tenacidade.

Os primeiros cincoenta annos da existencia da Sociedade têem sido prosperos, e o sr. Worsaae espera que os cincoenta proximos futuros corresponderão aos que os precederam.

Os progressos realisados até ao anno de 1875 são, em grande parte, devidos ao apoio que a Sociedade tem encontrado nos soberanos da Dinamarca. Frederico VI marchou na vanguarda todos os dina- de

[1] *Discours prononcé par J. J. A. Warsaae, vice-président, devant la Société Royale des antiquaires du Nord, à l'occasion du 50.^e anniversaire de sa fondation dans la séance du 28 janvier 1875 au château d'Amalienborg.*

marquezes que sustentaram a Sociedade e a commissão encarregada da conservação das antiguidades. Christiano VIII favoreceu ainda mais a sciencia e a arte; seu filho, o principe real Frederico, tomou com singular predilecção a presidencia da Sociedade, entrando nas discussões, e mandando fazer trabalhos de importante investigação. A mesma sollicitude mostrou quando se assentou no throno, com o titulo de Frederico VII.

Christiano IX, successor de Frederico VII, é hoje o presidente da Sociedade. Aceitou o protectorado do congresso internacional de archeologia celebrado em Copenhague no anno de 1869. É o primeiro soberano que visitou a longinqua Islandia, dando assim occasião a uma nova saga islandica, que ha de brilhar perante as gerações futuras. Por vezes tem assistido ás sessões da Sociedade, e presidiu á commemoração do quinquagesimo anniversario.

Merece ser lido na sua integra o *Discurso*, do qual apresentamos um abreviado resumo. Paga um tributo de reconhecimento á memoria de Rafn; agradece a protecção que os reis de Dinamarca teem dado aos estudos archeologicos; faz sentir o quanto os particulares se hão interessado por esses estudos e trabalhos; dá noticia desenvolvida dos grandes resultados obtidos; e louva a dedicação de dois socios francezes, os srs. E. Beauvois e o padre L. Morillet, pelo facto de haverem feito conhecer aos estrangeiros a archeologia do norte e tudo quanto respeita a esses povos.

O discurso termina assim:

«Ao passo que apresento a vossa magestade os nossos agradecimentos, profundamente sentidos, ouso expressar a convicção de que o nosso fim deve ser o de que a Sociedade se torne digna, pela sua energia, perseverança e actividade, de trabalhar sob a protecção particular do rei da Dinamarca.

«Finalmente, sei que fallo em nome de vossa magestade, e no da Sociedade, quando enuncio a esperança de que os cincoenta annos futuros hão de corresponder aos que os precederam, tão prosperamente decorridos; e que os talentos moços, que tão vigorosamente crescem entre nós, não só hão de continuar o que está encetado, mas hão de conseguir, com o tempo, resultados ainda maiores, em proveito da sciencia, e para honra da nossa patria querida.»

Formoso remate! Vivamente o applicamos a Portugal, a respeito de todas as associações e emprezas que tenderem a felicitar e engrandecer a *nossa patria querida*.

José Silvestre Ribeiro.

MEMORIA HISTORICA
DO
MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
DE
Monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre

(Continuado do n.º 5, pag. 78)

VI

Falleceu o bispo D. Jorge de Mello ab-intestado a 5 de agosto de 1548, [1] deixando, além de varios predios rusticos e urbanos, um riquissimo espolio em baixella de prata, joias, dinheiro, escravos, guardemeeins, e tapeçarias. [2]

Dos bens moveis tomou logo posse D. Helena de Mesquita, dos immoveis seu filho D. Antonio de Mello; pouco tempo, todavia, os lograram, porque a 13 de agosto de 1549 os renunciou e trespassou ao mosteiro D. Antonio de Mello com sua mulher D. Joanna da Silva [3], e quatro dias depois, seguindo tão generoso exemplo, lhe doou, tambem, quanto possuia, D. Helena de Mesquita. [4]

E á liberalidade d'esta familia deveu o mosteiro a grande opulencia, que tem gozado até aos nossos dias [5]; porque, exceptuando os dotes, que, passados alguns annos depois da fundação [6], se exigiram ás

[1] *Agiologio Lusitano*, Tom. I pag. 436. — Diz Jorge Cardoso, que o Bispo *fêz herdeiro* (sic) *de todos os seus bens á Ordem de S. Bernardo*; não é exacto, porque falleceu, como dizemos, ab-intestado.

[2] *Tractado da cidade de Portalegre por Diogo Pereira Souttomaior.*

[3] Os bens que doou D. Antonio eram os que havia comprado seu pae na importancia de *um conto novecentos e um mil réis*, para os reunir á capella, que havia instituido, com duas missas quotidianas, uma a Nossa Senhora da Conceição, outra á Vera Cruz. Foi confirmada esta doação por alvará d'El-Rei D. João III de 18 de março de 1550.

[4] N'esta doação instituiu D. Helena de Mesquita uma capella com duas missas quotidianas, uma em honra das Chagas de N. S. Jesus Christo, outra em honra de N. Senhora d'Annunciação, revogando o testamento, em que vinculára todos os seus bens em morgado, a favor de seu filho D. Antonio de Mello, feito na Provencia, aos 15 dias de novembro de 1522. Foi confirmada esta doação por alvará d'El-Rei D. João III de 16 de maio de 1550.

[5] Em consulta dirigida ao Governo pelo Prelado Diocesano em 27 de Dezembro de 1872 lia-se o seguinte:

«As rendas annuaes do mosteiro sam de sete contos oitocentos noventa e sete mil novecentos e setenta e seis reis (7:897$976 reis).»

[6] As primeiras freiras, que professaram no mosteiro, eram fidalgas pobres, algumas irmãs, e outras parentas do Bispo fundador, que, em quanto viveu, não permittiu, se exigissem dotes. — Existe, presentemente, uma unica freira, a senhora D. Luiza Benedicta Amaral, que saiu do mosteiro em 1834, depois da extincção das ordens religiosas, e tem vivido, e vive ainda em Lisboa, trajando vestidos seculares, como se fôra secular. Recebia do mosteiro, sem embargo de lhe não prestar serviço algum, quantia superior a um conto de réis, ha annos. Pela morte da unica freira, residente no mosteiro, a senhora D. Maria Joanna Cardoso, succedida em 23 de Abril ultimo, mandou o ministro do reino tomar posse do mosteiro, e proceder a inventario, ficando sem pão nem abrigo muitas donzellas pobres, que serviam no coro, e eram subsidiadas pelo mosteiro, e velhas e antigas serviçaes doentes, que serão forçadas a mendigar o resto de seus dias, para arrastarem a pouco duradoura existencia.

freiras, não recebeu de outra origem nem sequer um ceitil.

VII

Depois da morte de D. Antonio de Mello, [1] e de D. Helena de Mesquita [2], lançaram olhos ávidos sobre as riquezas do mosteiro o cardeal Infante D. Henrique, o Bispo da Guarda D. Christovão de Castro, e o primeiro Bispo de Portalegre D. Julião d'Alva.

Arvoráram-se todos tres em herdeiros de D. Jorge de Mello, representando o cardeal os interesses da Abbadia de Alcobaça, e os Bispos os das Egrejas respectivas.

Pretendiam que se lhes restituissem os bens do mosteiro, porque, reputando illegal a acquisição dos de D. Helena de Mesquita, comprados aliás em seu nome, porém com o dinheiro de D. Jorge, *em cuja casa vivia*, julgavam nulla a doação, que d'elles fizera ao mosteiro, devendo considerar-se bens do Bispo; e nulla julgavam, egualmente, a doação de D. Antonio, porque não podia, segundo as leis do Reino, ser herdeiro de seu pae, apezar de legitimado por el-rei D. João III. [3]

Era de todo o ponto insustentavel para estes contendores o direito do mosteiro; havia sómente de litigar-se, quem o teria melhor, se a Abbadia de Alcobaça, se a Egreja da Guarda, ou a de Portalegre.

VIII

D. André de Noronha propugnou a pretenção de seu antecessor D. Julião d'Alva aos bens do mosteiro; porém D. João de Portugal, successor de D. Christovão de Castro, não continuou nas diligencias de reivindicál-os para a sua sé; e, todavia, se a paixão não obcecasse a intelligencia de D. Jorge de Mello, era a Egreja Ægitanense quem deveria ser por elle indemnisada dos prejuizos, que lhe causou, nos trinta annos, que desfructára suas rendas [1], sem lhe prestar o mais pequeno serviço. [2]

Ignoramos os tramites, que seguiu este celebre pleito; sabemos apenas, que terminou amigavelmente, desistindo, primeiro D. André de Noronha, depois o mosteiro de Alcobaça, do direito que presumiam ter aos bens do de Portalegre. [3]

Mas doze annos esteve ameaçado de os perder, luctando com tão poderosos adversarios; valeu-lhe, a final, mais do que a justiça da causa, a protecção do cardeal Infante, que, como Legado *à Latere*, e juiz supremo n'esta demanda, julgou por Breve de 15 de outubro de 1562, que nem o Bispo D. André de Noronha, nem o mosteiro de Alcobaça tinha direito aos bens do de Nossa Senhora da Conceição de Portalegre.

E, para chegar a este resultado, allegou no Breve, que todos os bens, que grangeára D. Jorge de Mello, os havia comprado com dinheiro adquirido quando Abbade Commendatario de Alcobaça; porque os rendimentos da Mitra da Guarda apenas lhe chegariam para uma subsistencia parca!!

(Continúa.)

F. A. Rodrigues de Gusmão.

[1] D. Antonio de Mello está sepultado na egreja do mosteiro, junto ás grades do côro debaixo, sob uma campa de marmore, com o seu brazão de armas, a saber: em campo vermelho seis besantes de prata. Na cabeceira percebem-se ainda algumas lettras do epitaphio, porém apenas podem ler-se estas palavras; *Falleceu a 15 de Agosto de 1549*.

É notavel esta data, porque mostra, que D. Antonio de Mello sobrevivêra um anno e dez dias a seu pae, e que fallecera dois dias depois de assignar em Evora, onde morava, a doação ao mosteiro.

[2] D. Helena de Mesquita era filha de Pedro de Mesquita do Corrego, e de Filippa Borges. Não consta, quando falleceu, havendo-se até perdido a tradição do logar, em que fôra sepultada na egreja do mosteiro. Cremos, porém, que a sua morte occorreu em 1551 ou 1552; porque já era fallecida, quando o Bispo da Guarda D. Christovão de Castro pretendeu reivindicar os bens do mosteiro para a sua sé; e D. Christovão fôra confirmado Bispo pelo Papa em 1550, e governou o bispado sómente dois annos e tres mezes, segundo affirma Carvalho na *Corographia Portugueza*, Tom. II, pag. 343.

[3] É o que consta de uma carta do Bispo D. Julião d'Alva ao Cardeal D. Henrique, cuja copia, de lettra contemporanea, se conserva no cartorio do mosteiro. Não tem data, cremol-a, porém, escripta em 1550, pelo que se collige do texto; porque *ainda estava por poer a primeira pedra da see que haa de fazer;* e, accrescenta D. Julião d'Alva, que *poderia ser que descobrindo-se todo o dinheiro e fazenda que fora do Bispo* (D. Jorge), *ouvesse pera sustentar estas religiosas e contentor ao Bispo da Guorda e ojudar as necessidades d'esta see e bispado* (de Portalegre).

Tal era a opinião, que corria, da riqueza de D. Jorge de Mello!

[1] «Nem chega a ver a sua cathedral, nem quér contribuir para as despezas da sua reedificação. Aperta com elle o seu cabido, e obtem rescriptos pontificios, para que elle cuide no alinho e decencia de sua verdadeira Esposa; a tudo se ensurdece, e só depois de sequestradas as suas rendas, por ordem regia, é que elle, cedendo á força, cumprira o que ha muito deveria ter feito de bom grado.»

Historia Chronologica e Critica da Real Abbadia de Alcobaça etc., tit. IV, cap. IV, pag. 151. — A santa sé condemnou D. Jorge de Mello pela desobediencia aos seus rescriptos, além de outras penas, em vinte cinco mil cruzados; porém não pagou senão a quarta parte, porque se compoz com o Legado do Papa, João Riccio, Arcebispo de Pontino, fóra de Santarem, aos 30 dias do mez de julho de 1546. O Legado reservou para a Curia Romana quatro mil cruzados, e o resto, dois mil duzentos e cincoenta cruzados, entregou-o ao cabido da Guarda, que se deu por satisfeito. Conserva-se no cartorio do mosteiro o instrumento d'esta composição. — Seguindo um documento importante inculca Alexandre Herculano na sua obra *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal* (Tom. III, pag. 16) D. Jorge de Mello como *pessoa de má vida, que menosprezava Roma, não tendo importancia alguma, por viver afastado da côrte.*

[2] Para dar ordens, e para a benção dos santos oleos, tinha um Bispo de annel, Fr. Balthazar, Frade de S. Francisco, seu prégador, e grande letrado. *Tractado da cidade de Portalegre por Diogo Pereira Souttomaior.*

[3] Desistiu tambem o Cardeal D. Henrique, como Abbade Commendatario d'Alcobaça, a 18 de Setembro de 1562; o Bispo D. André de Noronha na mesma data; o mosteiro de Alcobaça a 26 do mesmo mez e anno. Consta dos respectivos instrumentos, que se conservam no cartorio do mosteiro. — Fr. Antonio Brandão na *Terceira Parte da Monarchia Lusitana* Liv. X, cap. XXII, encarecendo a grossura das rendas da Abbadia d'Alcobaça, assevera que na *fundação do Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre* alguma porção d'ellas *gastára.* Não abona o chronista com documento probativo o asserto, e desmentem-no todos os documentos citados n'esta memoria.

ARCHEOLOGIA E BELLAS ARTES

Communicação feita por um socio na sessão de 12 de março de 1878

Senhores. — Tenho a honra de vos dar communicação de dois escriptos que recebi ha pouco, obsequiosamente enviados á minha humilde pessoa

pelo sr. C. Holst, secretario da real universidade de Christiania.

Eis o titulo d'esses dois interessantes escriptos:

1.º *De historia variisque generibus statuarum iconicarum apud Athenienses.* Disputavit L. B. Sténersen. 1877.

2.º *Norway Art of present time. Paint and Sculpture.* 1876.

Da recepção d'estes valiosos trabalhos dei conhecimento á 2.ª classe da academia real das sciencias de Lisboa (á qual tenho a honra de pertencer), porque julgo ser do meu dever dar-lhe conta de quaesquer relações scientificas e litterarias que eu possa ter com os paizes estrangeiros. Mas, sendo o assumpto dos referidos trabalhos proprio da archeologia e das bellas artes, tenho por indispensavel entreter por um pouco esta associação com uma noticia resumida dos dois escriptos.

O primeiro, composto em latim, é um notavel trabalho de archeologia grega, que revela no seu auctor uma grande somma de conhecimentos e uma força admiravel de investigação. Tem o sr. Stenersen por fim historiar e descrever os varios generos das estatuas iconicas entre os athenienses: o que desempenha magistralmente.

Das estatuas gregas, e especialmente das athenienses, só foram objecto do seu estudo as iconicas, isto é, as que representavam as feições reaes e verdadeiras das personagens a quem eram dedicadas.

Para o seu trabalho especialissimo apenas podia elle aproveitar, em certas proporções, Pausanias, explicado por Shubart, as *Antiguidades Gregas* de Rhangabey, a *Iconographia Grega* de Visconti, e a *Historia das Estatuas Honorarias* de Koeler. Foi-lhe, pois, necessario compulsar um grande numero de escriptos, não só sobre archeologia grega, senão tambem sobre archeologia romana, quando vinha a proposito estabelecer alguma comparação, ou esclarecer algum ponto obscuro ou duvidoso.

Eis aqui, muito por maior, a indicação dos pontos que o sr. Stenersen investiga e discute:

a) Estatuas erguidas em Athenas publicamente em honra de varões benemeritos, e a essas deu a denominação de estatuas honorarias.

b) Estatuas que não foram mandadas erigir pelo povo, nem pelo senado, nem por ordem da auctoridade publica, mas sim por individuos particulares, ou por diversas corporações ou collegios, sem nenhuma intervenção dos poderes geraes. Cicero as caracterisou perfeitamente n'estas palavras, fallando da estatua que os de Syracusa levantaram a Verres: *neque esse ex pecunia publica neque publice datam.*

c) Os titulos que se inscreviam na base das estatuas, como indicadores do fundamento da concessão honrosa.

d) A questão de saber, se era costume entre os athenienses collocar estatuas iconicas nos tumulos.

e) O genero especial de estatuas para os vencedores nos jogos publicos e nos certames solemnes.

f) A materia de que eram feitas as estatuas publicas e as particulares entre os athenienses: bronze, marmore, ouro, prata, marfim, madeira, etc.

Todos estes pontos foram examinados e discutidos com o mais attento cuidado na dissertação do sr. Stenersen, com o auxilio de muito notavel erudição das antiguidades da Grecia e Roma, e reflectida lição dos escriptos de archeologos distinctos.

A linguagem latina em que é escripta a dissertação merece gabos, pois que tem a clareza necessaria, sem a affectação pueril de imitar a phrase e o estylo do immortal orador romano.

No segundo escripto, em inglez, encontra-se uma noticia dos estabelecimentos de bellas artes, e dos artistas que floreceram na Noruega depois do anno de 1814, em que foi fundada a actual constituição d'aquelle reino, e d'est'arte entrou em um novo periodo historico. Outrosim se encontra ali uma breve biographia dos pintores e esculptores que actualmente existem na Noruega, e dos trabalhos que hão feito, mais ou menos notaveis.

Em 1819 foi creada a primeira escola de artes, e desde então se ergueram outras instituições analogas em todo o paiz. Comquanto fossem destinadas a formar technicos praticos e artifices, produziram todavia vantajosos resultados, pois que desde logo surgiram alguns artistas de talento.

Dahl, que nascera em 1788, revelou uma grande disposição para a pintura de paizagem. Já em 1820 grangeára uma reputação tal, que deu occasião a ser chamado a professar a sua arte em Dresden, onde falleceu em 1857.

Michelsen, que nasceu em 1789, mostrou disposição para a esculptura; aprendeu a modelar em Stockolmo; obteve depois uma pensão para ir estudar em Roma com o famigerado Torwaldsen. Falleceu em Christiania no anno de 1859.

Fearnley nasceu em 1802. Tornou-se notavel como pintor. A elle é devida a iniciativa da fundação da galeria nacional da Noruega, na qual existem hoje as suas duas melhores paizagens. Falleceu em Munich no anno de 1842.

Gœbitz nasceu em 1782. Foi grande retratista; tendo estudado na Allemanha, e particularmente em Paris, onde grangeou grande reputação. Falleceu em 1853.

Munch distinguiu-se como pintor de historia e de paizagem. Nasceu em 1782 e falleceu em 1839.

Não proseguirei na enumeração, que aliás podereis completar na leitura do interessante original.

A *Memoria* menciona o estabelecimento de uma associação ou corporação que designa pelo nome de *Art Union,* a qual fez nascer e espalhar o sentimento e o gosto artistico na Noruega.

Aponta com enthusiasmo o facto de estar votada no orçamento uma verba para subsidio e premio dos alumnos distinctos.

Louva o rei Oscar I pela liberalidade com que, ao subir ao throno, deu animação ás artes. A *Villa* de Oscarshall, alevantada nas visinhanças de Christiania em 1847-1851, foi abrilhantada com as obras dos melhores artistas da Noruega então vivos; tornando-se um monumento da arte da mais alta importancia.

—Seguem-se umas notas biographicas dos artistas que hoje ha na Noruega, alguns dos quaes hão apresentado as suas obras nas exposições de differentes paizes.

José Silvestre Ribeiro.

NECROLOGIA

Sir Gibert Scott, architecto inglez, foi um insigne restaurador de estylo ogival em Inglaterra, e as muitas obras que delineou e foram executadas sob sua direcção, attestam plenamente quanto o seu talento era fertil e a sua intelligencia superior. A posteridade apreciará devidamente as obras d'este eminente restaurador da architectura ogival no seculo XIX, que tanto abrilhantou a sua laboriosa existencia, e realçou a nobre arte que exercia.

A sua primeira obra importante foi o projecto do monumento commemorativo dos Martyres, em Oxford, em 1814; porém a sua reputação se estabeleceu definitivamente no concurso internacional de Hamburgo, em 1842, tendo sido premiado pelo seu projecto para a egreja de S. Nicolau.

Muitos edificios publicos que no seu paiz foram construidos, ou restaurados debaixo da sua habil direcção, indicaram desde o começo da sua carreira artistica uma tendencia em adoptar nas suas composições architectonicas uma grande profusão nas ornamentações, moldando-se ao gosto que o publico então mais apreciava nas edificações, e considerava indispensaveis nas construcções d'aquelle typo.

Este architecto, comtudo, dedicava-se principalmente ás construcções religiosas, e teve de applicar o seu talento na restauração da grandiosa cathedral de Doncastre, onde manifestou os conhecimentos profundos que havia adquirido na architectura gothica do seculo XIV, obra prima que lhe mereceu geral admiração de seus confrades, e serve de exemplar para o estudo d'aquelles que empregam o estylo d'aquella epoca.

Em 1859, no concurso publico para se fazer em Londres um novo edificio para o Ministerio dos negocios estrangeiros, apresentou Sir Gibert Scott um projecto; porém não foi adoptado sem lhe fazer algumas alterações, porque o Governo resolveu modifical-o para o estylo da architectura italiana; dando em resultado executar-se um prospecto mixto de architectura, que dá logar a lastimar de se não ter executado o projecto original d'este insigne artista.

Em 1865, foi um dos architectos designados para apresentar um projecto para o Palacio Legislativo de Londres, delineado com superior intelligencia, não obstante não ter sido preferido.

Uma das maravilhas da capital da Gran-Bretanha é sem duvida o magnifico monumento para perpetuar a memoria do principe Alberto. Scott mereceu, por escolha pessoal da rainha Victoria, ser encarregado d'esta importante construcção.

Este artista continuou a delinear projectos para muitos dos principaes edificios publicos, que o Governo mandava construir, assim como para muitos palacios e residencias particulares, em differentes localidades, e em todos se notavam a perfeição e o grandioso que este architecto patenteava em todas as suas obras: todavia suas tendencias eram sempre para as edificações no estylo gothico, posto que já ultimamente Sir Gibert Scott o tinha modificado alguma cousa nas suas composições, fazendo-as menos severas, principalmente quando se tratava de applical-as aos hoteis ou palacios, e outros edificios civis, sem comtudo alterar a pureza do estylo gothico na construcção dos edificios religiosos.

Já no seu projecto para a estação dos caminhos de ferro central (Midland Railway Hotel), em Londres, construido em 1874, deixou patente uma decidida tendencia para o estylo italiano, não obstante ter sido ornamentado como sendo de um admiravel caracter para edificios civis; porém deve-se considerar que sómente nas suas construcções religiosas, dominava mais o estylo ogival, tanto da sua predilecção, e que elle soube illustrar de uma maneira tão notavel.

Encarregado de restaurar em Inglaterra quasi todas as cathedraes, deixou elle nas de *Cantorbery*, de *Chichester*, de *Chester*, *Peterborough*, *Salisbury*, *Winchester*, *Worcester*, *Lichfield*, *Hereford*, *Ripon*, e muitas outras, perduraveis edificações de seu raro talento, de ser um insigne restaurador moderno, como ficou assignalado na abbadia de

Westminster, da qual occupava o logar de architecto.

Quando se consideram as obras dirigidas por Sir Gilbert Scott, notam-se estas constantes qualidades que, muito embora não sejam derivadas de trabalhos originaes, foram comtudo postas em execução fielmente no estylo ogival, e que sempre advogou tanto nas suas publicações architectonicas, como nas prelecções publicas que deu; ficáram pois os seus trabalhos sempre admirados pela correcção com que foram executados, e pelo escrupuloso zelo com que Sir Gibert Scott soube evitar os inconvenientes de se exagerar a escola denominada *do romantismo*.

Era socio da Academia Real desde 1861; antigo presidente do Instituto Real dos architectos britannicos; e socio honorario da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes; foi nomeado cavalleiro por S. M. a rainha Victoria em 1872; havia nascido em Gawcott em 1811.

A morte veio surprehendel-o quando dirigia as obras da nova cathedral de Edimburgo.

Sob o ponto de vista de insigne architecto, teve Scott uma grande influencia n'este seculo, pois deve-se a este artista ter sido o renovador da arte gothica, havendo-a desenvolvido no presente seculo, pois a adaptava a todas as necessidades modernas.

Além d'isso deixou uma excellente collecção de desenhos architectonicos de superior intelligencia scientifica e archeologica. Foi portanto para a architectura, na qual elle occupava um logar tão distincto entre os architectos de todos os paizes, uma perda que terá causado um profundo pezar á classe illustrada á qual elle pertencia, e lhe havia dado tão grande realce pelo seu especial talento e pelo merecimento dos trabalhos executados sob a sua intelligente direcção.

C. Munró.

Veja-se o jornal — *The Building News*, de Abril.

NOTICIARIO

Por instancias repetidas do presidente e secretarios da secção de anthropologia e archeologia da exposição universal de Paris, mrs. De Mortillet, Cartailhac e Chautre, deliberou a nossa associação enviar ali alguns objectos prehistoricos do seu museu, entre os quaes avultam uma cruz *Gamata* em granito; machados de pedra, e um em *jado;* machados de bronze de um typo especial; fragmentos de louça de barro, na materia dos quaes entrou a *mica*; photographias das esculpturas mais notaveis do referido museu; um cippo romano em granito, etc., etc. Por este modo se pôde satisfazer ao empenho dos archeologos francezes, que tanto desejavam que tambem uma collecção d'esta natureza figurasse entre as cento e cincoenta outras collecções de paizes estrangeiros, que haviam annuido a egual convite.

O numero dos visitantes ao museu do Carmo não tem diminuido, nos primeiros mezes d'este anno, não obstante serem as entradas pagas, pois tem concorrido quasi em igual numero como nos annos antecedentes; o que demonstra que o publico approvou a deliberação tomada pela nossa Associação a respeito de ser applicado o producto das entradas ás obras de cobertura das naves d'este edificio historico.

O numero dos artistas francezes que declararam enviar seus trabalhos para a exposição universal de Paris foram 1:894, comprehendendo 5:643 obras, mas o jury de admissão approvou sómente 432 obras pertencentes aos cinco ramos de bellas artes; a saber: 221 em pintura, 112 em esculptura, 11 em gravura, em medalhas e pedras finas, 48 em architectura, 34 em gravura, e em litographia 6. Foram registados 5:211 trabalhos artisticos.

Foi construido um altar com retabulo de marmore, em uma egreja da diocese de Bayeux (França) no estylo da architectura romana do seculo XII, delineado pelo architecto portuguez o sr. J. P. N. da Silva, tendo-lhe sido pedido o desenho pelo abbade Mr. Petit. Este trabalho ficou concluido no mez d'abril d'este anno.

O obelisco de Cleopatra pôde chegar sem damnificação a Londres no dia 20 de janeiro ás 10 horas da manhã. Será para receiar que o clima de Londres o deteriore em muito menos tempo, como aconteceu ao obelisco de Luxor em Paris, pois que um sabio allemão observou que durante os vinte annos que está em França, a superficie d'este monolitho se alterou, pois sendo a côr roxa do granito perfeitamente visivel, e havendo-a conservado durante 3:400 annos, exposto ao clima do Egypto, apparecia já em 1872 sobre o obelisco uma leve capa do kaolino, symptoma evidentissimo da decomposição do granito. Será preciso cobrir-lhe a superficie com um banho de silicato de potassa.

O governo auctorisou que se fizesse uma porta nova para o portal principal do monumento que o inclito condestavel D. Nuno Alvares Pereira havia erigido na capital, mandando construir a grandiosa egreja gothica do Carmo. Procedendo-se ao necessario desaterro (4:438 carroçadas!), viu-se que as bases das columnas do bello portal estavam soterradas na profundidade de 1^m,20. Causava descredito para a capital do reino deixar aquella fachada desfigurada por tal modo. Felizmente o illustre ministro das obras publicas annuiu gostoso ao pedido que a real associação lhe dirigiu, ordenando aquella necessaria obra, do que nos apressamos a dar conhecimento aos nossos consocios, os quaes receberão esta agradavel noticia como uma nova prova que nos dá o governo do desvelo que o anima pela conservação d'aquella reliquia da nossa independencia.

1878, Lallemant frères, typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1878 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 7

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do numero antecedente pag. 82)

Segunda prelecção

II

Acreditava o povo egypcio ter sido a arte monumental creada pela Divindade; e por esta razão os monumentos eram muito grandiosos e magnificentes; e para ainda mais infundirem na multidão respeito e assombro, tinham elles fórmas gigantescas e proporções colossaes.

Os sacerdotes, para forçarem o povo a essa obediencia passiva, que tanto distinguia o caracter dos egypcios, fizeram-lhe acreditar (conforme os interesses do mesmo poder sacerdotal), que fôra a classe theocratica a escolhida pelos deuses para edificação d'esses santuarios. A fim de exaltarem fortemente a imaginação do vulgo, representaram sobre esses monumentos todos os factos gloriosos de sua existencia politica e social, e pela mesma maneira os preceitos religiosos, que convinha conservar, para manter illeso o seu imperio absoluto; ficando por este modo os seus actos reputados sagrados, pois estavam gravados sobre os templos; e merecendo assim a veneração de todos, porque pareciam inculcar a propria manifestação da vontade divina. Portanto o que havemos dito confirma quanto nos servirá o estudo da arte monumental, para conhecermos a historia religiosa e civil d'essas gerações extinctas, e podermos avaliar devidamente o seu grau de civilisação.

Vamos, pois, occupar-nos agora em descrever esses monumentos, explicando qual o symbolismo que representam, e tambem a relação que elles tinham com o estado social do povo egypcio, tão celebre nos fastos das gerações humanas; porém antes de mais nada, convem indicar de que maneira se alcançaram os conhecimentos sobre a historia dos povos a que temos de referir-nos.

Os escriptores da antiguidade que trataram da civilisação das nações da Asia e da Africa, reduzem-se a um pequeno numero. Alem dos livros sagrados dos diversos povos, temos apenas uma descripção da India, mais desenvolvida, escripta por um missionario persa, Ayen Akbery.

É, porém, nas relações dos viajantes, que se pódem colher os dados circumstanciados sobre os costumes, crenças das nações da parte oriental da Africa, e dos povos que occuparam as regiões do oeste e sul da Asia. Consultando as viagens que se fizeram em diversas epochas no Egypto, Nubia, Abyssinia, Arabia, Persia, Indostão até á China, iremos buscar a origem da sua arte monumental, porque é raro que os visitantes d'essas duas partes do mundo não tivessem estado tambem em alguns dos vastos imperios da Asia-Menor e das Indias, a fim de investigarem a significação d'aquellas ruinas colossaes.

Não ha duvida ter-se na idade media escripto sobre o Indostão; mas as obras que possuimos d'essa epocha constam de um montão de fabulas as mais absurdas. Estes livros foram trazidos pelos cavalheiros das cruzadas, embellezados pela ignorancia e pela superstição. Da Asia, conhecera-se primeiramente a Syria, a Palestina e Arabia. O grande numero de peregrinos que iam por devoção visitar o tumulo de Jesus-Christo a Jerusalem, de volta á sua patria, narravam aquillo que tinham visto, e podido indagar.[1] Nos seculos XV e XVI publicaram-se muitas obras sobre a Terra-Santa; algumas são interessantes, e d'ellas aproveitaremos tudo que fôr digno de se mencionar.

Todavia foi no decurso do seculo XVII que as publicações litterarias apresentaram caracter scientifico verdadeiro. As diversas relações que possuimos são bastante exactas, e não obstante as recentes investigações nos serviram de proveitoso auxilio. A Europa, desde o renascimento das lettras e das artes, tem sido quasi o unico centro de erudição; portanto, não é para admirar que se consultem as obras dos seus litteratos, para se colherem noções uteis, e avaliarmos melhor a arte dos antigos habitantes do oriente.

As religiões dos povos da Asia têem tanta analogia com todas as outras religiões, mesmo com aquellas que existem no novo mundo, que o seu estudo será de um poderoso auxilio para as explicações que tivermos de fazer sobre este ponto.

A respeito das antiguidades do Indostão, acharemos informações positivas, principalmente nos livros de Niebuhr, alem dos artigos inseridos nos annaes das sociedades litterarias de França e Inglaterra.

As capitaes das nações asiaticas as mais celebres da antiguidade eram Niniva, Persépolis, Babylonia, Troia, Palmyra, as quaes têem egualmente servido de objecto de estudos especiaes. Em muitas cidades se descobriram inscripções em *caracteres cuneiformes*, que se assemelham a pontas de lança, e que foram estudados pelos eruditos, porém com pouco exito até agora: as inscripções de tijolos e dos cylindros de Persépolis e de Babylonia não se poderam ainda decifrar todas. Tem-se obtido melhor resultado com as inscripções de Palmyra, chamada tambem, *Padmore* a cidade das Palmeiras; muitos eruditos se tinham occupado debalde, até que o abbade Barthélemy descobriu a chave d'estas inscripções, e Silvestre de Sacy demonstrou que a lingua na qual ellas foram compostas devia ter analogia com a lingua particular das tribus visinhas das antigas cidades, que acabâmos de citar. De dia para dia se espera alcançar o cabal segredo da escripta cuneiforme, e então se poderá decifrar e traduzir as inscripções de Babylonia e de Persépolis, explicar esses gigantescos baixo-relevos esculpidos nas montanhas d'Assyria; então uma nova era principiará para a historia dos povos da Asia.

Os primeiros viajantes que fallaram dos monumentos da Africa Oriental, pertencentes ao Egypto, Nubia e Abyssinia, foram os peregrinos que se dirigiam á Terra Santa, e passavam a visitar os cenobitas da Thebaida. As descripções mais importantes e uteis são ainda aquellas que foram feitas no presente seculo; portanto havendo sido investigados esses differentes paizes sem descanço pelos sabios de diversas nações, não obstante a distancia d'essas regiões longiquas, á sua perseverança n'este ultimo seculo devemos já não haver montanhas impraticaveis, nem desertos sem limites para os homens dedicados ao estudo das antiguidades; acabaram-se os obstaculos, desappareceram os perigos; tal é a paixão pelo estudo da archeologia nos nossos dias, que dá animo para se exporem a tantos e arriscados trabalhos, e vencerem-se todas as difficuldades; mas felizmente o amor da sciencia póde mais que o amor á vida. pois muitas gerações de sabios dedicaram-se a descobrir a origem dos grandes rios da Asia e da Africa, desenhar e medir os monumentos das cidades destruidas, disputando a bandos de intoleraveis barbaros as ruinas das vastas cidades do *Afghanistan*, da *Nubia*, da *Persia* e da *Assyria*, e voltaram ricos de descobertas, fazendo surgir do esquecimento onde jaziam ha tantos seculos, na escuridão dos seus hypogéos, ou sob o peso das suas pyramides, a arte monumental da India e do Egypto, assim como a importancia architectonica de todas essas famosas cidades, alternativamente rainhas do Oriente, como foram Persépolis, Babylonia, Niniva, Palmyra e Troia.

Os egypcios não faziam nenhuma honra funebre aos heroes, nenhum templo lhes foi dedicado.

[1] Veja-se o Boletim n.º 6.

Tratando da arte monumental, devemos principiar pela do povo que constituiu o mais antigo estado politico conhecido, o Egypto, e que deixou tambem para a posteridade os mais antigos monumentos de architectura, assim como por ter exercido uma influencia e uma acção mais ou menos directa sobre a civilisação de todos os povos da raça Ariana ; e se não podemos indicar com exactidão o periodo d'esta influencia e d'esta acção ; acharemos, todavia, os seus monumentos, para no-lo designar de uma maneira segura pelo meio da comparação. Foi da Ethiopia primitiva, junto do Caucaso, que o Egypto tirou a sua população, e ainda mesmo que a origem da sua lingua o não comprovasse, muito mais o comprovariam os monumentos que elles nos deixaram.

No valle formado pelo Nilo (Nêlas, em sanskrito, lingua sagrada do Indostão, significa *azul escuro*), foi ahi a séde da mais remota civilisação, desde a ilha de Philo até Gizeh, a antiga Memphis, occupando a extensão de 860 kilometros. É n'este longo valle, que se encontram os mais antigos monumentos levantados pela mão dos homens.

Quando os egypcios crearam o dogma do *Deus activo trabalhador,* o Démiurgo, teve nascimento a architectura religiosa, a qual precedeu, como nas mais partes, á architectura. A civilisação já desenvolvida durante muitos mil annos, e trazida do Alto Egypto, estava então no seu auge, e o estudo da sua arte monumental nos comprova isto da maneira a mais positiva.

«Tudo aquillo que o caracter nacional egypcio teve a manifestar foi sempre representado com a maior magestade, e no mais subido grau de perfeição, executado com uma excessiva paciencia e severa fidelidade ; indicando constantemente a immobilidade, e até mesmo a eternidade nas suas múmias ! O aspecto perpetuo da extensa linha horisontal e recta, sem fim, do Nilo, e que não muda mesmo de caracter durante a inundação annual ; a monotonia da linha quasi parallela d'este rio sagrado, junto com a outra linha das montanhas, que formam as suas duas margens ; esse eterno esplendor do sol espargindo os seus raios sobre um céu de azul escuro, invariavelmente sereno, e do qual o calor intenso parece solidificar a atmosphera, estendendo-se sobre o paiz inteiro sem nunca alterar o seu sereno aspecto ; esta uniformidade constante e monotona que a natureza offerecia á vista dos egypcios, assim como na permanente côr amarella da terra e no azul sombrio das aguas do Nilo, tudo isto reunido imprimia na alma d'este povo uma profunda serenidade e constante tranquillidade, que muito se assemelhava á tristeza, ao descanso de uma passiva resignação, que se não encontra em nenhum outro povo da terra. Foi esta immutavel uniformidade da monstruosa natureza africana, que se imprimiu no mais elevado grau no espirito e imaginação dos egypcios. Isso mesmo se observa nas feições que têem as cabeças das figuras de esculptura pintadas nos seus monumentos ; e as fórmas severas que esses apresentam sempre reunidas, pela mesma maneira exprimem o caracter peculiar d'este povo.

A architectura no Egypto foi escripta e ensinada pela theologia, e é a historia d'aquelle paiz. Nota-se-lhe nas fórmas architectonicas, nos detalhes, como na pintura e esculptura monumental, uma feição jerarchica e de convenção ; mas n'ella não brilha a belleza que attrahe, essa belleza que surge da liberdade e da independencia da imaginação ; sendo, pois, essas fórmas moldadas conforme a auctoridade de uma existencia voluptuosa, abundante sim de uma riqueza physica e intellectual, porém adormecida, e petrificada : falta-lhe a harmonia graciosa e a grandeza independente ; fere sem duvida a imaginação a architectura monumental do Egypto, mas unicamente pelas suas colossaes dimensões. Não obstante o seu frigido aspecto, esta architectura é uma das mais sublimes que seja possivel imaginar, posto que disponha a alma poderosamente ao silencio, á meditação e á melancolia.

Não póde haver duvida a respeito da origem que produziu as fórmas dadas á architectura monumental do Egypto ; foi ella o resultado do desenvolvimento e do aperfeiçoamento natural das construcções primitivas feitas com terra e argila.

Essas construcções primitivas eram de limitadas dimensões, e não havia ainda conhecimento dos pilares nem das columnas : o que só teve logar, quando se levantaram, em honra das divindades, monumentos construidos de cantaria ; então a architectura, propriamente chamada, appareceu. Esta architectura, pois, proveiu das construcções feitas de terra e tijólos, que foram depois sendo imitadas nos ornatos dos seus primitivos monumentos, nos diversos desenhos empregados nas esteiras, fabricadas com as fibras da epiderme das arvores : mas que mais tarde uma imaginação sensata e luminosa metamorphoseou de infinitos modos, servindo-se sempre dos principios mathematicos para essas composições.

O sol ardente do Egypto exigia habitações, onde se podesse achar refrigerio : para se conseguir isso, foi necessario formarem-se paredes e tectos de excessiva grossura, janellas que recebessem indirectamente os raios do sol. A qualidade dos materiaes obrigou tambem os architectos a cobrirem as salas com enormes e grossas lages, sendo estas sustentadas por columnas e precisando ter dos lados pontos de apoio verticaes, sufficientes para as suster, sendo postas n'esses grandes espaços, e foi este o motivo,

por que deram egualmente tão excessiva grossura aos diametros d'essas columnas.

Não havendo chuvas no Egypto, não havia necessidade de darem escoantes aos telhados, e por isso as coberturas dos edificios eram planas, como são as dos terraços. Os palacios do Egypto estavam todos cercados por altas muralhas, sendo edificados sobre um terrapleno artificial, encostado em parte na rocha, ou formado todo elle de terra e rodeado de um muro de encosto, quasi sempre feito com tijólos seccos ao sol. Este recinto era geralmente de fórma quadrangular; disposição esta dada ao terreno, que augmentava muito mais o effeito que produziam os monumentos sobre elle levantados, e que dão mais um testemunho do talento dos architectos que os haviam delineado.

Não obstante os archeologos estarem ainda hoje duvidosos em decidirem, de qual das duas nações, se da India ou do Egypto, seria mais antiga a civilisação: ainda que se tem descoberto n'este seculo haver bastante analogia entre as artes e a industria d'estes dois povos; havia, comtudo, um dogma commum que existia nos dois paizes, — a metempsycose, essa transmigração da alma de um finado para o corpo de um animal, bem como terem ambos os povos começado (nos tempos primitivos), a fazer espaçosas excavações dentro das montanhas de pedra; assim como por erigir immensos monumentos isolados de fórma pyramidal, representando n'elles todas as figuras quer fossem pintadas, ou em esculptura, caracterisadas no estado de perfeita immobilidade e de fórmas inteiriçadas: porém o que se deve suppôr com mais probabilidade é, como os indios e os egypcios habitavam paizes de um clima quasi semelhante, e se achavam nas mesmas circumstancias physicas, deviam proceder de uma maneira quasi identica nas suas construcções monumentaes.

Na epocha mais remota da historia, o Egypto compunha-se unicamente da Thebaida, hoje Said, situado no alto Egypto; sendo-nos desconhecida a origem primitiva d'esse povo, que havia existido nas terras hoje designadas pelo nome de Nubia e Abyssinia, as mesmas que os antigos chamavam *Ethiopia supra Œgyptum*. Os povos da Ethiopia tinham por costume fazer as suas habitações nos flancos das montanhas, ou nas excavações naturaes que encontravam já feitas nos rochedos, e foi por esta causa que lhes chamaram *Troglodytos*. Porém conforme a sua progressiva civilisação, fizeram depois moradas mais espaçosas e mais commodas, sem, comtudo, deixarem o seu antigo uso; pois que continuaram do mesmo modo a abrir cavernas nas rochas para n'ellas habitarem, excavações que foram ornadas depois com grande esmero, até com figuras de esculptura de merecimento.

Um monumento troglodytico mais bem conservado e o mais antigo é a gruta na montanha Tschabel-Essesel, onde se vêem esculpturas com figuras sentadas diante de uma mesa; e cujo tecto é cheio de estrellas, entre as quaes ha genios com azas abertas.

Os monumentos do segundo periodo d'architectura egypcia tambem foram cortados nos rochedos de granito e de porphyro, servindo de habitações subterraneas, das quaes se encontram muitas na Nubia.

O templo mais importante n'este genero de construcção é o monolitho de Ibsambul, situado sobre a margem occidental do Nilo; monumento este honorifico de Rhamsés, o Grande, que reinou no seculo XII antes da vinda de Jesus-Christo. Eram estas obras de tão prodigiosa execução, que os actuaes habitantes attribuem a uma raça de gigantes o serem realisadas!

A civilisação da Ethiopia estendeu-se por toda a planicie que o rio Nilo rega e fertiliza; ella dotou essa terra tão fecunda com monumentos do seu culto, das suas instituições e das suas artes.

Todo o alto e baixo Egypto está coberto de edificios religiosos e civis, que fazem a admiração dos sabios; instruem os artistas; illustram os archeologos, tanto pelas suas fórmas especiaes como pelas suas dimensões gigantescas; determinam, emfim, a significação de sua architectura.

As primeiras construcções foram feitas com tijólos compostos com o lôdo, que o Nilo arrasta na sua corrente, os quaes eram seccos ao sol. Ha pyramides construidas com tijólos que têem mais de meio metro de comprido, com a grossura de 11 centimetros, sendo postos uns sobre os outros. As pedras, de extraordinaria dimensão, saiam já apparelhadas de pedreiras calcareas, quando não eram cortadas nas proprias montanhas de granito. Ainda hoje se póde admirar n'estas obras como as arestas estão vivas e eguaes, apreciando-se pela exacção dos seus córtes, a perfeição como ellas estão polidas; e tendo sido assentadas com tanto esmero, que mal se percebe a separação de uma das outras. Se nas construcções d'estes monumentos não tivesse havido esse escrupuloso cuidado, não causariam elles no fim de 5:000 annos o assombro da presente geração, nem tão pouco poderiamos tirar util lição para o estudo da sua architectura monumental. Portanto não se deve em tempo algum, em obras d'esta natureza, ser mesquinho no seu trabalho, nem na devida remuneração; salvo se para a posteridade se desejar occultar o merecimento da architectura da sua epocha, ou fazer esquecer o nome da nação que emprehendeu essas construcções historicas, as quaes lhe deveriam dar fama entre as mais civilisadas da terra.

Emquanto ao modo de fazerem os egypcios as suas estatuas colossaes, que nós tanto admirâmos, não ha duvida que se executavam nas proprias pedreiras, sendo depois transportadas para os logares que deviam occupar por meios mechanicos que por emquanto nós ignorâmos.

É principalmente nos edificios religiosos e nos palacios que se póde julgar como os egypcios sabiam exercer a arte monumental. Os seus templos, pela fórma pesada, baixa e quadrada, sendo o interior sombrio e mysterioso, tendo portas cortadas em feitio pyramidal, e havendo n'elles rarissimas aberturas para communicação; assim como pela sua fachada simples e liza, pelos seus numerosos pontos de apoio, ora cylindros, ora quadrados ou octogonos; pelos desenhos dos seus hieroglificos cavados sobre as faces das suas paredes, junto ao grande numero de estatuas pintadas, nichos quadrados que armam os santuarios, os colossos que se erguem debaixo dos vestibulos, e á entrada dos seus porticos; fazem parecer terem sido extrahidos inteiriços do interior de uma montanha de pedra, para ser collocado sem nenhuma transformação no meio das planicies do velho Egypto. Portanto estas construcções nos offerecem o typo aperfeiçoado *dos monumentos troglodítos;* e póde-se dizer que os seus habeis architectos procuravam representar sobretudo a força, a solidez e o grandioso. Não se vê outra cousa mais do que massas enormes de cantaria sobrepostas umas ás outras, e o emprego de materias excessivamente pesadas; pillares de grossura extraordinaria sustentam tectos de uma extensão desmarcada: encontram-se santuarios feitos de uma só pedra, e esphinges, com 8 metros e 14 centimetros de alto, formadas em um só bocado de granito!

Posto que se note em todos os monumentos egypcios uma uniformidade constante de symbolos e de decoração, comtudo os seus planos variam de tal maneira, por causa dos augmentos que se lhes fizeram em diversas epochas, que é difficil de se encontrar sem alteração alguma o typo que seja unicamente o primitivo.

Tinham os egypcios por costume collocar diante das entradas dos templos, os quaes se designavam com o nome de *Temenos* — ou recinto geral — uma avenida calçada. Aos maiores chamavam-lhes *Dromas*, ou centro geral; havia em todo o comprimento e de cada lado uma fila de esphinges de pedra. Depois das esphinges seguia-se um ou mais *Propyleo* — portas principaes; por detraz d'estes propyléos segue-se o *Náos* — o templo principal; composto de um *Pronáos*, ou parte anterior do templo, e depois o *Sécos*, o proprio santuario; o primeiro espaço era de uma grandeza extraordinaria, e o segundo já tinha menor extensão. No *Náos* não se viam estatuas, propriamente ditas, pois as esculpturas que existiam eram formadas de corpos de animaes com cabeça de gente.

Dos lados do pronáos via-se o que os gregos chamavam *pteres*, isto é, azas formadas por dois muros de altura egual á do templo; os quaes se ornavam no lado interno com grandes figuras de esculptura em relevo. Para se fazer idéa mais completa, passâmos a descrever o plano de Kârnac, situado sobre a margem occidental do Nilo, edificado sobre uma parte do logar occupado pela antiga cidade *Thebaida*. É uma extraordinaria reunião de construcções, que pertencem a todo o periodo do governo dos Pharaós; isto é, desde 2500 a 2300 annos antes da vinda de Jesus-Christo. Pela sua descripção se comprehenderão facilmente as differentes partes de que era composto, e a extraordinaria magnificencia, com que esta residencia real tinha sido construida.[1]

Começando pelo lado do rio, encontra-se duas alas de 1:200 esphinges e 116 ditas com cabeças de carneiros; todas estas esculpturas são monolithas, as quaes indicam a porta do grandioso *pylono*, que servia de atalaia e fortaleza, como tambem de observatorio astronomico. Duas estatuas colossaes ornavam esta entrada, as quaes presentemente estão subterradas: entra-se depois em um espaçoso pateo quadrado, ornado de ambos os lados de porticos sustentados por columnas. No meio d'este pateo ha 12 columnas formando duas alas, e servindo de pedestaes para figuras symbolicas. Á direita d'este mesmo pateo vê-se ainda hoje um templo edificado pelo Pharaó Rhamsés IV. De cada lado do portal do segundo pylono, havia duas enormes estatuas pedrestes de Sesostris; a que ficava á direita ainda hoje se vê. Esta porta dava entrada a uma sala com 134 columnas sustentando o tecto; as do centro tendo de altura 23 metros e 10 centimetros, com capiteis de differentes feitios e os fustos ornatados. Sáe-se d'esta sala pela porta do terceiro grande pylono, que dá communicação com um largo corredor, no meio do qual ha dois obeliscos collocados um de cada lado da porta, pela qual se entra em uma sala de fórma dupla ornada de pillares com collossos commemorativos da consagração do templo, edificada no seculo XVII, antes da era vulgar. Era d'esta sala que principiava a habitação privada dos monarchas egypcios. Saindo-se d'esta casa avista-se uma reunião de construcções designadas com o nome de pouzadas de granito. Um vestibulo ornado de dois pillares quadrados dá communicação a um santuario central, o qual está rodeado de um grande numero de salas; sendo esta a parte do palacio que produz a maior admiração, não só pela riqueza dos

[1] Examine-se a estampa do Album.

materiaes empregados, como pela multiciplicidade e acabamento esmerado das suas esculpturas. Duas passagens lateraes reuniam essas salas ao palacio de *Osortasen*, ultima construcção d'este vastissimo edificio: duas bases de obeliscos se vê no grande pateo, que separa estas duas reaes habitações. O ultimo palacio é composto de uma sala rectangular com columnas e precedida de outros dois obeliscos: passando-se d'esta sala, nota-se dois renques de pilastras com os angulos cortados, que sustinham o tecto de varios quartos, no centro dos quaes ha um pequeno santuario de epocha mais recente: em roda havia os aposentos para os servidores do rei. Ha n'esta parte do edificio uma sala em que estão collocadas, em 4 filas, 67 estatuas assentadas dos reis predecessores de *Mœris;* cuja sala é conhecida pelo nome de *quarto dos anciãos*. Um muro fecha toda esta extraordinaria construcção, tendo apenas seis entradas lateraes.

É preciso reconhecer que é unicamente em obras d'esta importancia que a architectura poderia dar logar aos artistas exercerem o seu talento e saber; e patentearem egualmente a sua elevada intelligencia, não só na comprehensão do verdadeiro caracter a representar, como na bem entendida combinação de um edificio tão complexo, tanto mais difficil de executar quanto mais grandioso e complicado elle era: e conseguir na reunião de tão vasta construcção indicar a realisação de uma idéa grande e significativa, a qual tivesse um caracter tão superior, que não se podesse confundir com as vulgares edificações, que não tinham por condição obrigatoria infundir a admiração dos homens e tributar a veneração das idades futuras: sendo n'este sentido elevado que a arte monumental podia ser acceita, e transmittir, pela sua grandiosa concepção e magestade de suas fórmas especiaes, o merecido titulo do verdadeiro typo nas producções monumentaes da architectura, pertencente a cada epocha.

Presentemente este sumptuoso edificio representa apenas as ruinas, mas quizemos mostrar qual havia sido o magnifico aspecto de sua extraordinaria architectura; mais é para sentir ver o seu estado desmoronado, quando sabemos que não foram os estragos do tempo que têem destruido o seu explendor architectonico, mas sim o vandalismo de uma nação ciosa; cheios de cobiça e orgulho de terem vencido a uma temivel rival menos civilisada, quizeram os persas assignalar o seu dominio, não por obras superiores como haviam executado os vencidos, mas patentearam que não os poderam egualar: e para occultarem esta inferioridade e saciarem o seu furor, destruiram tudo aquillo que não eram capazes de imitar: sendo mais facil anniquilar do que crear, muito embora gravassem com as suas proprias mãos o desdouro de uma tão vandalica vingança. Foi esse poderoso Cambyses, esse furioso tyranno da Asia, como os seus contemporaneos o designavam, a quem o Egypto deveu a sua decadencia e as ruinas que apresentam os seus monumentos: e se para as Bellas-Artes é isto perda tão valiosa, não menor perda foi para a humanidade, porque só com ferro e fogo se destroem as cidades e se anniquilam as nações.

O architecto,

(Continúa)

J. P. N. DA SILVA.

A BIBLIOTHECA DE MAFRA

parlons de ce qui nous appartient,
et indiquons nos propres richesses.

CHATHEAUBRIAND.

D'entre as vastas e grandiosas salas do monumento de Mafra, avulta a famosa casa da bibliotheca. A sua extensão, a proporção de suas formas e seu merito architectonico tornam-a, como temos ouvido a distinctos viajantes, uma das primeiras casas do mundo. Ainda quando seja exagerado o conceito, significa elle, ao menos, que esta sala é grande e nobre, magestosa e rica, e digna de toda a consideração. Ao transpôr o limiar de suas portas ninguem póde eximir-se a uma certa commoção que, ou impõe o silencio, ou obriga a uma exclamação grave e respeitosa. Segundo parece, esta casa não fora destinada — logo na fundação do edificio — para bibliotheca; ella teria o nome de *sala dos embaixadores*, e seria applicada ás grandes recepções.

A livraria dos frades franciscanos era pequena, e alojava-se em duas casas do convento, casas que tinham escolhido mais para simples arrecadação de livros do que para bibliotheca. Foram os conegos regrantes de Santo Agostinho, quando habitaram o convento desde 1771 a 1792, que destinaram a famosa sala para tão louvavel fim, fazendo executar os admiraveis trabalhos que ali se vêem, sob a direcção do architecto portuguez, Manoel Caetano.

O *Monumento sacro*, livro impresso em 1751, tratando d'esta casa, já lhe dá o nome de casa da livraria; mas é facto que em 1771 não estava ella ali estabelecida, e foram os conegos que fizeram não só o rico pavimento de marmore, mas todo o mais importantissimo trabalho que admiramos hoje. Saindo os conegos em 1792, ainda a livraria não ficava instituida na grande sala, e tal como deixaram os trabalhos assim ficaram; porque, tencionando elles dourar as estantes e os ornatos, e preencher os medalhões com os retratos dos escriptores mais illustres, não chegaram a realisar o seu projecto. Pena foi. O marquez de Pombal, alcançando de

Clemente XIV um breve para a suppressão de alguns conventos de conegos de Santo Agostinho, destinára os seus rendimentos para o mosteiro de Mafra que collocou sob protecção da corôa; e transferindo para ahi os monges que estavam em S. Vicente de Fóra quiz que o novo mosteiro fosse uma casa de estudo; e assim foi. Ali se creou um collegio, estabeleceu-se um observatorio, e deu-se grande impulso á escola de esculptura, resultando grandes vantagens para as sciencias e para as artes.

Voltaram os franciscanos a occupar o convento, e então organisaram a bibliotheca; e foi em 1794 que ella definitivamente ficou estabelecida na grande casa. Em 1797 fez-se o primeiro catálogo, que não existe, mas serviu de base para o que em 1809 começou o padre mestre fr. João de Sant'Anna, com um prólogo do qual nos podemos servir. — Este catálogo foi concluido em 1819, e consta de oito grandes volumes.

Viria a proposito fazer algumas considerações ácerca das bibliothecas nos conventos, nos mosteiros, e nos paços dos nossos reis. O nosso fim, porém, é descrever a famosa sala da bibliotheca de Mafra; e essas considerações, aliás bem importantes, muito judiciosamente têem sido desenvolvidas por distinctos escriptores nacionaes e estrangeiros.

Tentemos a descripção.

A sala da bibliotheca está no pavimento do palacio, na linha parallela da frente do edificio. Aos lados tem duas casas que lhe servem como de vestibulos. Estas casas, quadradas de 11 metros por face, têem duas portas que dão accesso para a grande sala; sobre o cunhal vêem-se duas pedras toscas destinadas certamente a receber legenda, ou o quer que fosse, que deveria ter analogia com a sala ou a sua applicação.

A sala tem 88 metros de comprimento, por 9,^{m}5 de largura, e 11 metros de altura. A linha de projecção horisontal d'este rectangulo, afastando-se no centro d'elle 10 metros a cada lado, descreve como dois braços de cruz, que guardam a mesma largura do espaço rectangular, e quatro arcos soberbos, que sustentam a aboboda, marcam igualmente os angulos produzidos pelo desvio da projecção das linhas que constituem as faces do grande rectangulo. Todo o pavimento é formado d'um xadrez de variados marmores, e o do centro da casa poder-se-hia facilmente confundir com uma alcatifa primorosamente bordada. A aboboda é apainelada de estuque, em almofadas cujos fundos são ornados de filetes e molduras; e no ponto central brilha uma formosa lamina de marmore, adornada de festões tendo no meio a figura do sol despedindo em torno seus raios. A projecção vertical n'este logar, em que a aboboda é mais elevada, é de 13 metros.

Toda a casa está lateralmente guarnecida de estantes; e 4 metros acima do pavimento uma varanda com elegantes balaústres, apoiada sobre lindas misulas de madeira com muita e delicada obra de talha, forma uma galeria que circumda igualmente as faces lateraes, acompanhando a projecção da linha horisontal na sua figura cruciforme. Não se póde descrever a importancia da obra de talha que orna a galeria; é superabundante, é linda, e d'um acabamento esmerado; apresenta rosaceos, folhagens, arabescos entrelaçados com tal arte, e tal mimo que não é possivel exceder-se. Coroando as estantes da galeria, estão muitos medalhões ornamentados que deviam receber os retratos dos escriptores mais illustres. Cincoenta janellas, divididas em duas ordens, superior e inferior, illuminam perfeitamente a casa; d'entre ellas merecem especial menção as do cruzeiro; maiores do que as suas lateraes, medem 5^{m},5 por 2 metros, e têem sacadas, cujos parapeitos são apoiados em balaústres de calcareo branco. Aos lados d'estas janellas, com frente para o jardim do convento, ha dois gabinetes onde se guardam musicas, alguns manuscriptos, opusculos, mappas e espheras. Finalmente duas portas praticadas nas faces lateraes internas da sala abrem sobre duas espaçosas escadas de marmore, e communicam com todos os pavimentos do convento. Nos dois topos da casa ha quatro portas que dão passagem aos dois vestibulos de que fallámos.

(Continúa)

JOAQUIM DA CONCEIÇÃO GOMES

Socio da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

TECHNOLOGIA DA EDIFICAÇÃO

IV

(Continuado do numero antecedente)

Hygiene dos edificios publicos. — Com quanto a hygiene dos grandes edificios destinados ao uso do publico ou a permanencia de grande numero de pessoas, esteja sujeita a bases fixas fundadas nos mesmos principios em que se funda a hygiene das habitações particulares; é necessario, não obstante, ter em vista algumas circumstancias relativas e especiaes.

No numero dos edificios de que se trata comprehendem-se *as egrejas, os hospitaes, os quarteis, as prisões, os theatros, os matadouros, os mercados, os banhos publicos, as escolas, os hospicios.*

Quanto ás *egrejas*, diremos que a todas falta uma circumstancia essencial, especialmente nas egrejas das provincias: em nenhuma se encontra uma saudavel renovação de ar, por meio de bem estabelecidas ventilações como a sciencia ensina e recommenda.

Para isso se conseguir seria necessario promover uma corrente continua de ar estabelecida tres metros pelo menos acima das cabeças dos concorrentes, posta em acção por uma espaçosa tiragem (*cheminée d'appel*) que seria facil de construir no centro do tecto.

O ar nas egrejas é talvez o ar mais viciado que se póde aspirar, por isso que contribuem para essa viciação poderosas causas, taes como a respiração e emanações dos assistentes, a combustão do incenso, e das luzes; sem mesmo ter em conta as exhalações do solo, n'aquellas egrejas que outr'ora serviram de cemiterios.

O frio humido que quasi sempre alli se sente, e o cheiro nauseabundo que se encontra quando se entra na occasião de grande agglomeração de gente, são circumstancias que podem ser prejudiciaes á saude dos concorrentes, e esse perigo é tanto mais traidor, quanto é difficil julgar-se ser aquella a sua origem. Em taes circumstancias a saída brusca para o ar livre, especialmente á noite, não é tambem menos perigosa.

A falta de assentos confortaveis nas egrejas obriga as senhoras e mesmo os homens a conservarem-se por muito tempo em posições incommodas, bem como a utilisarem as senhoras para assento as lages e degraus de pedra, o que, além de ser desagradavel póde originar graves padecimentos.

A área de uma egreja deve estar elevada pelo menos um metro acima do nivel do terreno, em que fôr edificada, e os seus telhados assentes sempre sobre abobodas. Alguem diz que os sobrados devem ser de madeira de carvalho, pinho manço ou faia, e que isso seria o meio de tornar os templos mais saudaveis.

É um erro grave em relação á hygiene das egrejas consentir proximo a ellas os cemiterios, facto que muitas vezes se dá nas egrejas das villas e aldeias, com quanto os habitantes d'esses logares tenham tanto direito á sua conservação como os das cidades.

Hospitaes. — A sua melhor situação é sempre fóra dos logares muito povoados, e em sitios onde a circulação do ar se opere livremente.

A sua edificação pouco elevada e em peças parallelas e separadas por espaçosas avenidas é actualmente a que se julga mais commoda e mais util.

As dimensões recommendadas para as enfermarias são 5 metros pelo menos de elevação para os tectos, 10 metros de largura na casa e o comprimento proporcionado ao numero de camas que tiver a conter, que se deve calcular 35^{m},70 para cada 15 leitos.

Ponto porém mais importante em taes estabelecimentos é a boa ventilação; o sr. *Poumet* demonstrou pelos seus calculos, que cada doente exige 20 metros cubicos de ar a 16° centigrados por hora; *é portanto claro que a renovação do ar em boas condições é questão de vida ou morte; porque todo o hospital em que circule ar viciado, bem longe de ser uma casa de beneficencia, torna-se uma calamidade publica.* [1]

Quanto á temperatura, o que se deve ter sempre em vista é a temperatura do ar que se renova pela ventilação; dispondo as cousas conforme as indicações da sciencia e de modo que nunca se produza uma temperatura muita elevada, nem muito baixa.

Hospicios e albergues. — Nos estabelecimentos destinados ao abrigo da infancia ou da velhiee, não está o ar sujeito a soffrer alteração como nos hospitaes e por isso as dimensões dos dormitorios, e os meios de aquecimento estão sujeitos a outras regras e podem ser calculados na rasão de 12 metros cubicos de ar por hora para cada individuo de maior idade e ainda menos para as creanças.

Quanto ás mais circumstancias hygienicas estão taes estabelecimentos dependentes de todas as regras indicadas para os edificios onde tenha de reunir-se grande quantidade de pessoas.

(Continúa)

F. J. de Almeida.

A MADEIRA DE CONSTRUCÇÃO E A AMERICA DO NORTE

No principio do anno corrente fazia um jornal de Nova-York, escripto em castelhano, [2] algumas considerações não só curiosas, mas tambem graves e importantes, ácerca da madeira para construcção de edificios, para um sem numero de applicações ás conveniencias da industria moderna.

Particularmente se referem essas considerações ao continente da America do Norte; mas assim mesmo envolvem algumas idéas geraes sobre um assumpto em que tambem é interessada a architectura.

Não nos faremos cargo da questão da colonisação (aliás vital para os Estados Unidos), nem tão pouco das minudencias relativas ao córte, serragem e trans-

[1] Jornal — *La Santé.*
[2] *El Espejo.*

porte das madeiras extraidas das florestas que ainda existem em algumas regiões. Essas especialidades não quadram á indole d'este *Boletim*, com quanto sejam de summo interesse debaixo de outros pontos de vista. Só, pois, na generalidade da materia percorreremos as considerações indicadas, e ainda assim, muito por maior, e inteiramente a nosso modo.

Se o homem faz hoje excavações no solo do globo, para trazer á luz do dia os vestigios da edade de pedra, de bronze, de ferro, é dado conjecturar que, milhares de annos depois da presente epoca, se descubra uma edade de madeira, caracteristica do seculo XIX, á qual se seguiram os periodos de ladrilho, de pedra, de ferro.

Na colonisação de um paiz novo (e tal é o caso muito repetido na America do Norte) o elemento primordial é a *madeira*. E com effeito, se fitarmos a attenção nos colonos que vão em busca de novas terras, de novos sitios para fundar povoações, ou para crear novas fontes de riqueza, veremos desde logo que apenas houverem fixado a sua escolha, lhes surge a fatal necessidade da madeira. Necessitam de armar o tecto que os ha de abrigar, — de construir o tapume que ha de cercar as suas searas, — de lançar pontes sobre os rios, — de fabricar vehiculos, — de preparar instrumentos da lavoura e utensilios de varia natureza.

Ainda mais. Se no grau de cultura a que tem chegado a humanidade, no tocante ao aproveitamento das forças da natureza reveladas pela sciencia, — se em tal estado de progresso occorre aos colonos abrir um caminho de ferro, impreterivel lhes é empregar as travessas em que hão de assentar os carris, — e essas travessas são de madeira.

E aqui, de passagem, faremos notar uma circumstancia que põe em relevo a actividade pasmosa da raça anglo-saxonica. Um emprehendedor, de que se encontram não poucos exemplos nos Estados Unidos, chegou a dizer:

«Bem podeis traçar um caminho de ferro em um ermo, e construil-o com quanta energia e rapidez o permittam o desejo mais vivo e o capital mais amplo: assim mesmo levar-vos-ha a dianteira o colonisador.»

Disse bem; pois que mais de uma vez tem surgido da terra, como por encanto, e para assim dizer, da noite para o dia, uma povoação com a sua egreja, imprensa, escola, precisamente em sitios onde só existiam a solidão e a nudez do deserto. Vieram depois os agricultores, e com o arado fizeram apparecer o campo de trigo, seguindo-se a actividade da vida industrial e commercial.

Espantam a imaginação as difficuldades que encontram os emprehendedores, ainda os mais ousados e perseverantes, até ao momento de apresentarem no mercado, prompta para o consumo, a madeira, materia prima indispensavel de construcções omnimodas. «Não ha negocio que demande maior energia, mais tenaz e indomavel persistencia. Desde o instante em que o *lenhador* fere o tronco do pinheiro com o machado, até que o deposita no moinho de serragem, está em continua lucta com os elementos, e póde mesmo dizer-se — com a sorte. A muita ou pouca neve são para elle egualmente desastrosas. O fogo destroe as florestas, e os moinhos de serragem, movidos a vapor, estão expostos a ser devorados pelas chammas.»

O desenvolvimento d'este enunciado tomar-nos-ia muitas paginas; e ainda depois d'elle nos seria necessario dar conta dos embaraços, dos riscos, das despezas avultadas do transporte da madeira, attendendo á extraordinaria distancia a que estão do mercado os pontos onde se opera a serragem, já de si muito arredados dos bosques onde se cortam os troncos.

E ainda mais demorada seria a nossa descripção, se nos abalançassemos a fazer sentir o quanto de esforços intelligentes e bem dirigidos se empregam para remover difficuldades, — o quanto estão levadas á maior perfeição as operações diversas que este trafico demanda. Um só exemplo: Ha vinte annos considerava-se ser um bom machinismo de serragem, aquelle que dava 30 a 50:000 pés de taboas por dia; hoje muitos ha que dão aviamento a 150 até 175:000 pés no mesmo espaço de tempo; de sorte que um só póde dar vasão, ou pouco menos, por dia á carga de um barco.

Os estados em que mais abunda a madeira são os de Michigan, Wisconsin e Minnesota. Depois d'elles vem alguns pontos do Mississipi, a Pensilvania, Nova York, Georgia, Florida, Alabama.

As principaes regiões productoras na vertente do Pacifico estão situadas ao longo da costa, desde S. Francisco da California até á Sonda Puget. A respectiva exportação de madeira effectua-se para o Mexico, China, Australia, Perú, Calcuttá, Tahiti e outras ilhas do Pacifico.

É sabido que os americanos do norte são grandes calculadores, apresentando por vezes calculos estravagantes, destinados aliás a dar uma idéa de proporções em quantidades gigantescas Calcula-se a producção annual de madeira nos Estados Unidos em 10.000.000,000 de pés. Esta somma representa a carga de 50.000 barcos, avaliada para cada barco em 200.000 pés, termo medio, ou em 1,428,571 wagons de ferro-carris (7:000 pés cada um). Os wagons corresponderiam a um comboio de 8:500 milhas, isto é, um terço da circumferencia do globo.

Occorreu perguntar: Quanto tempo durarão as florestas, para que possa durar a extracção annual da madeira? Quando se esgotar o pinho, a qual materia se ha de recorrer para as construcções? A con-

tinuar a extracção como hoje, dentro de trinta a cincoenta annos não ficará uma arvore em pé; *e então acabará a edade de madeira.*

Não tomamos a responsabilidade dos vaticinios do articulista; expomos apenas o que se escreveu na America, e deixamos á critica o direito que lhe pertence.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

SPHRAGISTICA BRAZILEIRA

DOMINIO HOLLANDEZ

A sciencia que tem por objecto o conhecimento, a descripção e interpretação dos sellos, é sem duvida uma das que pódem prestar poderoso auxilio aos estudos historicos.

A Sphragistica[1], diz o sabio archeologo Millin, citado por Chassant[2] é irman da numismatica e da numaria.

A ignorancia dos elementos preciosos que a historia póde colher do estudo dos sellos, foi de longa duração. Apezar da auctoridade com que se apresentavam os trabalhos dos de Vaines, Lobineau, Mabillon e Menestrier, largos annos se passaram antes que a sigillographia podesse conquistar o logar que de direito lhe competia entre as sciencias subsidiarias da historia.

Essa indifferença produziu effeitos desastrosos, pois que d'ella resultou a destruição de incalculavel numero de sellos de toda a especie.

D. Antonio Caetano de Sousa ao publicar a serie chronologica dos sellos reaes dos monarchas portuguezes, no tom. IV, liv. V, da sua *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, expressava-se a esse respeito n'estes termos:

«O pouco cuidado com que se guardaram estas e outras antigualhas foi causa de se augmentar o trabalho de quem entra em semelhante averiguação, e assim casualmente vieram a salvar-se os que alcançámos de um descuido quasi irreparavel, podendo-se seguir d'elle não termos aquelle pleno conhecimento que puderamos ter de muitas cousas antigas; porque é certo que de todas estas partes se compõe a historia e a genealogia».

O Doutor João Pedro Ribeiro, primeiro fundador e patriarcha entre nós da sciencia diplomatica, na phrase do auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, diz tambem na sua *Dissertação sobre a Sphragistica Portugueza, ou Tractado sobre o uso dos sellos no nosso reino*, estas palavras:

«Sem me cançar em mostrar o interesse de um systema compendiario, sobre um assumpto cuja importancia já foi superabundantemente inculcada por D. Antonio Caetano de Sousa, por isso mesmo que é o primeiro que apparece entre nós, tenho direito a pedir venia aos meus leitores sobre a escassez de especies que talvez acharão n'este escripto; mas esta nasce, em grande parte, do descuido que tem havido entre nós da conservação dos mesmos sellos, apparecendo na maior parte dos documentos que d'elles foram munidos apenas o logar aonde foram applicados[1].»

Ultimamente para obstar á continuação de um tal estado de cousas, lembrou o nosso illustrado amigo e consocio sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, em sessão da segunda classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa, de 20 de dezembro do anno passado, a conveniencia de se communicarem ao publico muitos sellos, de alto valor historico, existentes no Archivo Nacional da Torre do Tombo, resolvendo a Academia, em sessão da assembléa geral de 7 de fevereiro ultimo, que a publicação d'esses monumentos sigillographicos fosse levada a effeito a expensas suas, com o que muito devem folgar os que se dedicam a este genero de estudos.

Mas venhamos já ao nosso proposito.

No artigo que publicámos a pag. 26 do tom. I. d'este boletim (2.ª serie, numero 2), sob a epigraphe *Numismatica Portugueza*, démos noticia das moedas obsidionaes, de oiro e prata, cunhadas no Brazil pelos hollandezes, e transcrevemos o que, em relação a essas moedas, referia o visconde de Porto-Seguro na sua *Historia das luctas com os hollandezes no Brazil, desde 1624 a 1654.*

Havendo de tratar n'este numero dos sellos em uso no Brazil durante o dominio d'aquella nação, procurámos obter pelos processos photo-lythographicos, e por obsequiosa intervenção do sr. José Julio Rodrigues, a reproducção que hoje offerecemos aos nossos leitores, de uma rarissima gravura

[1] Assim denominada do grego *sphragistikos*, derivado de *sphragis*, sello. Tambem se lhe dá o nome de sigillographia, do latim *sigillum*, sello, e do grego *graphos*.

[2] *Dictionnaire de Sigillographie pratique, contenant toutes les notions propres à faciliter l'étude et l'interprétation des sceaux au moyen âge*, por Alph. Chassant e P.-J. Delbarre. Evreux e Paris. Dumoulin. 1860. in 12, com 16 est.

[1] *Dissertações chronologicas e criticas*, tom. I, dissert. III, pag. 82.

Secç. Phot. — Photolith. — (fac simile)

em madeira existente no museu da nossa Real Associação, e ahi depositada pelo seu digno Presidente o sr. J. P. Narcizo da Silva.

Ácerca d'esta gravura dizia-nos o sr. J. E. Hooft Iddekinge, actual director do gabinete numismatico de Leiden, em carta datada de 24 de setembro de 1874, entre outras cousas, o seguinte, que transcrevemos com venia sua.

«Quant au Brésil j'ai fait une découverte qui, je n'en doute pas, vous intéressera. C'est-à-dire que j'ai trouvé une gravure de tous les sceaux en usage au Brésil pendant la domination hollandaise.

«Ces sceaux sont totalement inconnus ici, et le hasard a gardé cette gravure du XVII^e siècle, dont j'ai trouvé, chose étrange, deux exemplaires à la fois, les seuls que l'on connaisse.

«J'ai destiné un des deux au monde savant du Portugal, mais je ne sais comment faire pour expédier cette précieuse gravure. Depuis longtemps je garde des objets que je veux offrir à mon digne ami mr. da Silva».

Pouco tempo depois era recebida em Lisboa, de envolta com aquelles objectos, a gravura a que nos estamos referindo, e com ella a interessante noticia que damos em seguida.

«La gravure en bois ci jointe, dont j'ai trouvé seulement deux exemplaires, est le premier monument qui nous fait connaître les sceaux en usage au Brésil pendant la domination hollandaise.

«Voici l'origine de ces gravures.

«Gérard Schaap, échevin d'Amsterdam, (où il fut né en 1599), en 1650 ambassadeur des États Généreaux des Pays Bas en Angleterre, avait l'intention de publier un grand ouvrage sur les médailles, jetons, monnaies et sceaux des Pays Bas en général. Effectivement il a commencé l'impression, mais je ne sais pourquoi il ne l'a jamais terminé, et son livre n'a pas paru.

«Pour ce livre il avait fait faire des centaines de gravures sur bois, d'une exécution supérieure. On savait cela, mais personne n'en avait jamais vu quelque chose, lorsque moi j'achetais, il y a un an, en vente publique, deux portefeuilles contenant des notes manuscrites et des feuilles couvertes de gravures. J'avais là tout ce qui restait de l'ouvrage projété de Gérard Schaap, et en même temps j'avais fait une acquisition importante, tant pour l'histoire et la numismatique, que pour l'histoire de l'art de graver sur bois, car il y avait là des épreuves de *tous les bois*, que Schaap avait fait graver.

«Parmi ces gravures dont le nombre monte à quelques centaines, il y a deux feuilles représentant les sceaux hollando-brésiliens du XVII^e siècle, complètement inconnus jusqu'ici. Tandis que j'en garde une, je me fais un plaisir d'offrir l'autre aux savants du Portugal [1], qui s'intéressent peut-être encore plus que nous à tout ce qui a rapport au Brésil. On le voit, cette feuille, qui compte plus que deux siècles, a gardé sa fraicheur primitive, elle fut découpée par Schaap lui-même pour insérer ces gravures dans son manuscrit à mesure qu'il avançait. Le sceau de François, duc d'Alençon, gouverneur des Pays Bas, et ceux de la ville d'Amsterdam, sur cette même feuille, prouvent à l'évidence que ce ne sont que des feuilles d'épreuves, qui ont une valeur d'autant plus grande parce que l'ouvrage au quel elles furent destinées n'a jamais paru.»

A gravura original apresenta com effeito o recorte a que allude o sr. Hooft, bem como os sellos de que o mesmo senhor faz menção, os quaes, por não servirem ao nosso intento, deixaram de ser reproduzidos na estampa que acompanha este artigo.

Ahi figuram em primeiro logar os das quatro capitanias de Itamaracá, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande, a que se segue o *sello do governo central do Brazil*, em segundo logar os das camaras de Iguarassu, Serinhaem, Porto-Calvo [2] e Alagoas [3], e por ultimo o *sello grande do conselho de justiça do Brazil*.

Recorrendo de novo á bem elaborada obra, acima citada, do nosso antigo e muito presado amigo, visconde de Porto Seguro, ha pouco fallecido em Vienna d'Austria, onde exercia o elevado cargo de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de sua magestade o imperador do Brazil, achámos que já ahi se fazia memoria dos sellos e brasões d'aquellas quatro capitanias por estas palavras: [4]

«Fiel ás tradições da Europa, em que tinham tomado tanta parte os seus antepassados, deu Nassau [5] brazões d'armas a todas as provincias dependentes do seu governo, como antes praticára a Hespanha com todas as capitanias e provincias da America, que colonisára. A provincia de Pernambuco era representada por uma donzella, com uma canna de assucar na mão direita, vendo-se em um

[1] A affeição do sr. Hooft Iddekinge pela nação portugueza bem se deixou ver no modo porque a deputação da Universidade de Coimbra foi saudada, por este distincto professor, nas festas do Tricentenario da Universidade de Leiden. Veja-se o *Relatorio* do sr. doutor Augusto Filippe Simões, um dos delegados, a pag. 28.

[2] As villas e municipios de Iguarassu e Serinhaem pertencem hoje á provincia de Pernambuco, e ás comarcas de Olinda e Rio Formoso. A villa e municipio de Porto-Calvo pertence á provincia e comarca das Alagoas.

[3] Séde de comarca, mais tarde cabeça da capitania e da provincia, a villa, posteriormente cidade das Alagoas, perdeu em 1839 a cathegoria de capital, então conferida á cidade de Maceió.

[4] *Historia das lutas com os hollandezes*, 1.ª edição, Vienna d'Austria, 1871, pag. 126 — 2.ª edição, Lisboa, 1872, pag 178.

[5] O conde de Nassau, João Mauricio, appellidado depois o *Brazileiro*, era primo do principe de Orange, Stadthouder de Hollanda.

espelho, que sustinha na mão esquerda. Itamaracá, terra proverbial de boas uvas no Brazil, tinha tres cachos d'ellas; a Parahyba, já famosa pela bondade do seu assucar, contava d'elle cinco pães[1]; e as campinas do Rio-Grande do norte eram symbolisadas por uma ema. Estas concessões, cujo alcance não póde ser por ventura apreciado pelo vulgo, tinham origem em pensamentos elevados, de representar tambem o paiz na arte heraldica, a qual se reduz a uma linguagem hieroglyphica e symbolica, que falla ao coração e que por todos os homens civilisados é entendida, qualquer que seja a sua lingua.» *

Ao que fica expendido observaremos por ultimo que n'aquella epocha era ainda vulgar, tanto nos desenhos e nas gravuras, como nas moedas e medalhas, a falta de indicação, nos sellos e brasões, do *esmalte* do escudo, isto é: das *cores e metaes* que deviam entrar na sua composição. Na gravura que se apresenta parece que todos os emblemas assentavam em fundo branco, isto é: *em campo de prata*, e é possivel que assim não fosse.

JORGE CESAR DE FIGANIÈRE.

MEMORIA HISTORICA
DO
MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
DE
Monjas da Ordem de Cister da cidade de Portalegre

(Continuado do n.º 6, pag. 93)

IX

Pela terminação do litigio ficou segura a subsistencia das monjas, e robustecido o poder do mosteiro, longo tempo minado por formidaveis inimigos. Desassombrada de estranhos cuidados, empenha-se a prelada em condecorar a casa, promovendo a sagração do templo.

Notaveis, e cheias de significações mysticas, são as ceremonias que a egreja catholica usa n'este acto solemne; de todas uma só tocaremos, por mui digna de ser conhecida.

No dia antecedente á consagração escreve o bispo em um pergaminho o anno e dia em que a egreja é consagrada, seu proprio nome e dignidade, e o do orago, em cuja honra se dedica. O theor d'esta inscripção, pela maior parte, se entalha n'uma pedra, a qual se colloca em logar patente.

X

Corria o anno de 1572; governava a familia cisterciense D. Joanna de Mello, a ultima abbadessa perpetua que teve o mosteiro. Deferindo ás suas instancias presta-se o bispo D. André de Noronha a celebrar a dedicação do templo no dia 14 de fevereiro d'aquelle anno.

Observam-se todos os preceitos da liturgia sagrada, que regulam a solemnidade, á qual concorre toda a cleresia e nobreza da cidade. Foi luzida e pomposa, sob todos os respeitos, como requeria a piedade da abbadessa e a bizarria do bispo, que n'este officio quiz ostentar-se protector generoso do mosteiro, que outr'ora molestára com pretenções injustas.

Conserva-se da sagração o monumento, a que já nos referimos. É um formoso marmore embebido na parede, por cima da pia da agua benta, á entrada do templo, com a inscripção seguinte:

TEMPLUM HOC A GEORGIO A MELLO,
EGITANENSI EPISCOPO, STRUCTUM, PRECIBUS
D. JOANNAE A MELLO
ABBATISSAE, D. ANDREAS A NORONHA,
EPISCOPUS SS. PORTALEGRENSIS, CONSECRAVIT ANNO
DNI 1572. 17 KAL. MARTII

XI

O templo é de fórma crucial, com tres altares de frente e dois lateraes, se como tal considerarmos o tumulo do bispo, posto que n'elle se não possam celebrar os officios divinos.

A hastea da cruz corresponde superiormente ao altar-mór (tem outros dois em capellas lateraes), e inferiormente aos córos das freiras, ficando de uma e outra parte o tumulo, e o altar de Nossa Senhora.

Os braços da cruz estão desoccupados; o direito dá accesso a quem entra no templo. Do primitivo restam apenas as paredes, a aboboda com suas laçarias, e o mausoleu de D. Jorge. De fabrica moderna, evidentemente, são as janellas, os retabulos da capella-mór e da capella fronteira ao tumulo do bispo.

Cremos que estas novas construcções se operaram em 1739, quando se cobriram de azulejos as paredes da egreja até á altura em que presentemente se acham cobertas. É provavel que n'esse anno se removesse do arco da capella-mór, onde se

[1] Aliás seis, como se vê da estampa.

* Sem mostrar nenhumas saudades de que se votassem ao esquecimento esses brasões impostos pelo dominio estrangeiro, não podêmos deixar de sentir ver abandonados os brasões da *pomba da Arca* e das *frechas do martyrio*, concedidos por decretos ás nossas duas primeiras cidades, e substituidos até nas obras de arte pelas prosaicas palavras BAHIA e RIO DE JANEIRO.

NOTA DO AUCTOR.

achava á parte esquerda, [1] o marmore com a inscripção transcripta para o logar superior á pia de agua benta.

É de recente data a construcção do guardavento; mandou-o fazer, ha poucos annos, o ultimo director do mosteiro da congregação dos monges de Alcobaça, Francisco d'Azevedo Lobo de Almeida Leme, fallecido em 16 de dezembro de 1868.

XII

É de marmore de Estremoz toda a fabrica do tumulo, *sepultura a mais sumptuosa e soberba que ha no reino*, segundo o testemunho de Jorge Cardozo. [2]

Representam as estatuas do portico S. Joaquim e Santa Anna, como abraçando-se e conversando: estão aos seus lados da parte do evangelho o patriarcha S. Bento, e da parte da epistola S. Bernardo.

Acha-se deitado como em um altar, em grandeza natural, o bispo D. Jorge de Mello, revestido de habitos prelaticios, mitrado e as mãos postas.

Na face do tumulo lê-se o epitaphio seguinte, *por certo de muita honra para o bispo, se é que foi aberto depois da sua morte:* [3]

Georgius de Mello Episcopus Egitanensis, vir et generis nibilitate, et animi virtute clarissimus, qui hoc templum, augustissimasque aedes, in quibus indotatae Virgines Cisterciensis Ordinis institutis deditae alerentur, ob insignem adversus ipsum ordinem religionem pietatemque fecit, ac Divae Virginis Matris Conceptioni dicavit. Vasa, vestis, pecuniam, praedia, et ad sacra, et ad Sacerdotum, Virginumque victum de suo statuit, dum ad suarum virtutum proemia capessenda profectionem parat (ut quod ex se terra erat, terrae depoueret), hoc sibi sepulchri monumentum vivens posuit.

Quer dizer em vulgar:

«Jorge de Mello, bispo das Idanhas, varão clarissimo em nobreza de sangue e grandeza de alma, construiu este templo e este mosteiro magnifico, para n'elle viverem virgens sem dote, vacando ao instituto da ordem cisterciense, pelo insigne amor e devoção que tem á mesma ordem. E dedicou-o á Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa, e de sua fazenda o dotou de vasos sagrados, paramentos, dinheiro, predios, para prover não só ás despezas do culto divino, mas á sustentação de seus ministros e á das religiosas. Emquanto vae apparelhando a partida para onde ha de receber o premio de suas virtudes (pois á terra ha de restituir o que da terra houve) em vida erigiu pára seu jazigo este monumento.»

É, em verdade, uma obra prima este famoso monumento sepulchral, não só na opinião do licenceado Jorge Cardozo, mas na de todos os homens intelligentes e de gosto apurado.

Não podemos asseverar com certeza qual foi o escopro que cinzelou tão bellas estatuas, e executou lavores tão primorosos; reconhece-se que foi o mesmo que lavrou o portico do templo, que, pelos bustos em medalhões, vasos, pilastras estreadas, e outras miudezas e ornatos exquisitos, que n'elle se vêem, faz lembrar os da porta lateral excrecente de pedra de Ançã da sé velha de Coimbra.

Cremos, por isso, que o tumulo e o portico do mosteiro cisterciense de Portalegre foram, como a porta do templo conimbricense, obra de João de Castilho, coincidindo aliás a epoca das construcções com a da florecencia do celebre architecto.

(Continúa.)

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

[1] Vide *Agiologio Lusitano*, tom. I, pag. 436.

[2] *Agiologio Lusitano*, tom. I, pag. 436.

[3] *Historia chronologica e critica da real abbadia de Alcobaça*, pag. 152.

O SR. CONDE ARTHUR DE MARSY

Um bom serviço por elle prestado à Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes

II [1]

Entre os apontamentos do sr. conde de Marsy encontramos tambem algumas curiosidades de que nos parece conveniente dar noticia, em continuação das que já apresentámos.

Indicação dos portuguezes que foram nomeados cavalleiros da Ordem do Espirito Santo na primeira metade do presente seculo

D. João VI nasceu em 12 de maio de 1767; teve o titulo de rei aos 30 de março de 1816; falleceu em 10 de março de 1826.

D. Miguel Maria do Patrocinio, infante de Portugal; nasceu em 26 de outubro de 1802; falleceu no palacio de Brounbach (grão ducado de Baden) a 14 de novembro de 1866.

D. Pedro de Alcantara, principe regente do Brazil; nasceu a 12 de outubro de 1798; falleceu a 24 de setembro de 1834. Foi imperador do Brazil, com a designação de D. Pedro I, a contar de 12 de outubro de 1822.

A D. João VI e a D. Miguel foram entregues as insignias no dia 19 de setembro de 1823, no palacio da Ajuda, pelo embaixador de França, Hyde de Neuville, assistido de Charles de Maison, arauto rei de armas de Luiz XVIII.

[1] Continuado do n.º 5 do *Boletim*, pag. 79.

Á D. Pedro foram entregues as insignias, no Rio de Janeiro, pelo conde de Gestas, encarregado de negocios de França no Brazil.

Indicação dos cavalleiros de Malta portuguezes

O sr. conde de Marsy tomou nota de que mr. de Mas Latrie reproduziu nos *Archivos das missões scientificas* (tom. VI, pag. 50) os epitaphios e inscripções que se encontram na cathedral de Malta, e que pela maior parte tinham sido mal copiadas na publicação feita anteriormente por Caruana.

Eis aqui a lista, por extenso, de todos os hespanhoes e portuguezes que ali figuram, com o numero remissivo ao da inscripção. Os nomes portuguezes vão marcados com caracteres italicos.

P. de Abreu e Lima, n.º 334; N. Abri Dezcallar, n.º 225; P. de Albertus, n.º 391; *J. d'Almeida*, n.º 101; *E. Almeida de Vasconcellos*, n.º 289; J. Argote y Guzman, n.º 226; J. P. de Arriaga e Riamco Orbi, n.º 227; E. Ballesteros, n.º 228; J. Ballesteros la Torre, n.º 345; S. Basurto, n.º 229; A. F. Belarde et Zespedes, n.º 393; P. de Bertis, n.º 103; B. Caamano, n.º 230; P. U. Camarasa, n.º 269; J. J. Caraffa, n.º 368; F. Caraffa, n.ºs 270 e 271; G. Casha, n.º 108; *G. X. Castro*, n.º 404; J. de Cataccio, n.º 231; R. Ceba, n.º 232; T. Contreras, n.º 199; J. Contreras e Villaroel, n.º 234; M. Cortés, n.º 166; M. J. Coloner, n.º 282; *P. Coutinho*, n.º 235; G. Doz, n.º 266; M. Doz, n.º 71; J. de Duenas, n.º 283; M. Dureta, n.º 167; B. de Espeleta y Xavier, n.º 168; Z. M. de Figuera, n.º 200; G. de Figuera, n.º 382; G. Galdien, n.º 169; J. Garses, Vid. Puiyro; B. Gort, n.º 304; *F. Guedes*, n.º 242; T. de Hozes, n.º 202; *C. Lopes*, n.º 74; A. Loiz, n.º 305; B. Miraval e Spinola, n.º 390: B. de Marcina, n.º 201; A. Moix, n.º 172; L. de Moncada, n.º 170; G. de Monreal, n.º 250; M. de Novar, n.º 171; *E. Pereira*, n.º 330; *J. Pereira Pinto*, n.º 386; *F. Carvalho Pinto*, n.º 388; *M. A. Pereira Pinto Coutinho*, n.º 387; *M. Alvaro Pinto*, n.º 293; *H. Pinto de Miranda*, n.º 203; M. Plata, n.º 267; G. de Perras, n.º 204; J. G. de Pueyo, n.º 143; F. Quintanilla, n.º 254; J. de Ribas e Boxados, n.º 285; C. de Ribas e Castelbel, n.º 81; M. de Los Rios, n.º 218; M. de Robles, n.º 159; U. de Rocasall, n.º 255; J. Rossel de Homedes, n.º 192; G. Rull, n.º 122; *P. de Saavedra*, n.º 205; A. Sanz de la Llosa, n.º 173; A. Scudero, n.º 351; A. Seralta, n.º 74; R. Soler, n.º 258; *A. de Sousa*, n.º 299; *E. A. de Sousa e Almeida*, n.º 259; *R. de Sousa*, n.º 219; *F. de Sousa e Menezes*, n.º 297; P. Togores, n.º 309; M. Torellas e Sentmanat, n.º 320; *F. de Torres*, n.º 206; F. Vargas y Castro, n.º 361; D. Velez de Guevara, n.º 390; *J. M. de Vilhena*, n.º 355; F. de Villalonga, n.º 221; J. de Villaroel, n.º 207; J. Ximenes de Vedoja, n.º 300; J. Zurzana, n.º 222; F. Zurita, n.º 85; F. Zurita Uaro, n.º 124.

Nos *Archivos do Imperio* (K. 57, n.º 36) [1] encontrou o sr. conde de Marsy o original d'esta nota:

«Ordem dada pela rainha Branca ao inspector de suas florestas e aguas, e ao visconde de Gisors, para fazer entregar a Pedro d'Andely, capellão da capella real, o preço da venda de madeira proveniente do decote das arvores cortadas nas suas florestas, *para fornecer remos que el-rei seu filho deu ao rei de Portugal.* — Bellozanne, 10 de setembro de 1378.

Dá conhecimento da seguinte formula de correspondencia empregada por Luiz XIV para com os reis de Portugal.

No principio da carta: *Monsieur mon frère.* (Tratamento de magestade).

Assignatura: *Votre bon frère.*

Sobrescripto: *Au roi de Portugal monsieur mon frère.*

Á rainha: *Madame ma soeur*, etc.

Aos infantes de Portugal: Tratamento de *Frères et soeurs. — Mon frère. — Votre bon frére. — Á mon frère le prince du Brésil. — Á mon frère l'infant D..*

Tambem o distincto investigador nos dá conhecimento de que nas *Causeries d'un curieux* de Feuillet de Conches, se encontram numerosos esclarecimentos biographicos ácerca dos jesuitas portuguezes que no seculo XVII foram á China, e lá exerceram funcções importantes, ou se entregaram a grandes trabalhos.

Toma nota d'uma representação de D. Benedicto Henrique Duchesne, abbade de Morimond, da ordem de Cister, diocese de Langre, na qual pede a sua magestade que em virtude do direito que lhe dá a sua abbadia é elle o superior immediato, visitador e reformador das ordens, milicias e commendas, cavalleiros e commendadores de Calatrava, de Aviz e de Christo, dos reinos de Hespanha e de Portugal: superioridade que não poderia ser contestada, pois que consta dos titulos originaes que estão nos archivos, dos quaes se juntam á memoria os competentes extractos (bullas, titulos e diplomas diversos), que effectivamente acompanham a representação.

Transcreve noticias sobre o estado do reino de Portugal nos annos de 1628, 1647, 1685 e 1697.

A primeira é dividida em seis partes: 1.ª, situação, area, comprimento e largura do reino de Portugal, cidades, rios e ribeiras, portos e enseadas, nomes

[1] Carton des Rois — Charles V. Monuments historiques — Vr. Tardif n.º 1576.

que outr'ora se deram a este reino; 2.ª, condições excellentes do paiz, fertilidade em vinho, azeite, escassez de trigo, minas de ouro e de prata, abundancia de sal; 3.ª, justiça e governo de Lisboa e de Portugal; 4.ª, rendimentos de Portugal; 5.ª, despeza annual; 6.ª, cidade de Lisboa.

No que toca a esta ultima parte vamos apresentar na integra e conservando a orthographia do original, o que o auctor da noticia diz:

«La ville de Lisbone a trente deux Eglises parochiales et plus de douze mille maisons qui comprennent plus de vingt mille demeures, sans compter la cour et les dependances et les Eglises et monastères. Le nombre des habitans y est de plus de cent vingt, entre les quels il y a plus de dix mille mores et Esclaves, et ainsi appert par les roolles et signatures des Pasteurs des parroisses qui sont obligez chacun en son quartier et parroisse, sans nulle exception, d'exhiber aussi les mémoires de ceux qui suivent la cour et de ceux qui se trouvent ès monastères, couvent, hospitaux et autres lieux de pitié, comme aussi des estrangers et passagers: car la ville est tellement remplie de monastères, couvents et hospitaux qu'ils montent à peu près autant que les maisons de la ville. Le nombre des chappelles et autres petits oratoires de la Vierge et des Saincts est infiny. La ville a plus de trois cens 50 rues, sans compter les ruelles et venelles, qui s'y trouvent en très-grand nombre.»

No que toca ao anno de 1647, com grande fervor trata o auctor da memoria, do attentado que esteve para perpetrar o ingrato e desleal portuguez, Domingos Leite, na pessoa d'el-rei D. João IV.

Para refrescar a memoria dos leitores, ácerca d'este successo, transcrevemos o que diz D. Antonio Caetano de Sousa, na *Historia Genealogica da Casa Real*. É bastante curiosa e perfeita a descripção que d'elle faz o escriptor francez, mas, por muito extensa, vemo-nos obrigados a omittil-a.

Refere o nosso historiador:

«...E vendo-se que a fortuna d'el-rei D. João IV era incontrastavel a todo o poder de Hespanha, intentaram os ministros de Castella tirar-lhe a vida, offerecendo-se para esta aleivosa acção um portuguez chamado *Domingos Leite*, e não sendo de humilde nascimento, era de animo perverso e aleivoso, e intentou executar este delicto no dia 20 de junho de 1647, quando el-rei fosse accompanhando o Santissimo Sacramento na celebração da festa do corpo de Deus; e não podendo conseguir intento tão atroz, ou por preoccupação do horror, ou por permissão divina, voltou a Madrid, donde forjando varias desculpas lhe foram acceitas, e veiu segunda vez a Portugal com o mesmo proposito; e sendo descoberto, antecipadamente, por um seu confidente chamado Manuel Roque, que, com maior reflexão conheceu a indigna execução, a que estava convidado, deu conta a el-rei do caso, e sendo preso Domingos Leite, foi sentenceado, acabando com morte infame o auctor de delicto tão atroz que fez mais detestavel o seu crime o ser elle um dos primeiros homens, a que el-rei despachou com a mercê do officio de escrivão do crime da côrte.»

A noticia relativa ao anno de 1685 tem por objecto dar conhecimento das pessoas da familia real e das relacionadas com a mesma familia; dos officiaes da casa real; dos vice-reis e governadores; dos arcebispos e bispos de Portugal e das *Indias Orientaes*.

Com relação ao anno de 1697, apresenta, o sr. conde de Marsy, o extracto d'uma memoria manuscripta datada d'aquelle anno, que encontrou na sua bibliotheca em Compiègne. O extracto refere-se á divisão de Portugal em provincias, á enumeração das nossas possessões ultramarinas, e dá algumas noticias, ácerca de Philippe II, com referencia á usurpação do throno de Portugal.

—É curiosa a seguinte passagem d'uma carta de cid Mohammet, sultão de Marrocos, ao embaixador inglez Powers, 1756:

«...Nous avons éprouvé que le voisinage de Gibraltar nous a toujours été nuisible; enfin que les *anglais* qui se disaient nos amis, nous ont plus fait de mal que les *espagnols* et les *portugais* nos ennemis jurés...» Thomassy, 1ère ed. p. 132-133.

—Não nos parece menos curiosa uma carta do cardeal de Lorena, datada de 22 de maio de 1560, dirigida a Sebastião de l'Aubespine, bispo de Limoges, embaixador na Hespanha, a favor d'um fidalgo portuguez. Na integra e na lingua franceza vamos apresentar esse documento:

«Lettre du Cardinal de Lorraine à Seb. de l'Aubespine, evèque de Limoges, ambassadeur en Espagne.

22 mai 1560

M. de Limoges, l'ambassadeur du roi de Portugal etant icy m'a prié de faire escrire par le Roy (de France) une lettre à la royne catholique sa sœur, pour la prier de servir à la royne de Portugal, en faveur d'un gentilhõe portugais nommé Lopobas de Sigueyra, qui, pour avoir tiré une epee contre un juge, a ete condamne à demeurer en exil sept ans au Brésil, pour que le dit lieu du Brésil lui soit commué en un autre d'affrique, et que semblablement elle escrire à l'ambassadeur du roy son mary d'en parler et solliciter la dite expedition et pour-

ce qu'il m'a semblé qu'il suffiroit de vous escrire pour lui en parler et pour vous supplier de ma part, j'ai bien voulu vous en dire ce mot pour vous prier, m. de Limoges, de lui en faire très humble requeste et faire depescher la dite lettre comme vous scavez qu'il sera besoing: de façon que ledit ambassadeur, que je desire gratiffier, puisse être satisfait, et surtout que ladite dame, ny en sa lettre, ny a son ambassadeur, ne face mention d'en avoir eté sollicité ny adverty du consté de deça, pourceque ledit gentilhomme est des parens dudit ambassadeur et que cela pourrait prejudicier à l'un et à l'autre. Priant Dieu, m. de Limoges, vous avoir en sa sainte garde. = De Loches, le xxII[e] jour de may 1560. = Votre bon frère et amy — Charles, Cardinal de Lorraine.»

Desejavamos mencionar, ainda, n'este artigo, outros apontamentos devidos á laboriosa e mui douta investigação do sr. Conde de Marsy, a quem não podemos deixar de agradecer novamente o interesse que lhe mereceu a nossa patria. Em vista, porém, da falta de espaço, somos forçados a reservar para outra occasião o cumprimento d'esse nosso desejo.

José Silvestre Ribeiro.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O digno presidente de junta de parochia da freguezia de Barcarena remetteu para o museu do Carmo dois padrões de azulejos em relevo, uma imagem de Jesus Christo, de pedra, e uma pia de agua benta no estylo ogival do seculo XIII, de linda composição.

Foram offerecidos pelo sr. Francisco Raphael da Cruz Furtado, objectos romanos, descobertos em excavações feitas em Tavira, sendo: duas inscripções pertencentes ao circo da antiga cidade de *Balsa*; um tijolo romano de fórma triangular, com a marca do oleiro; um fragmento de mosaico com diversas cores achado na margem do Guadiana; e duas facas de silex, de extraordinaria grandeza e notavel execução.

Uma urna cineraria de barro, descoberta no Cartaxo, foi offerecida á nossa real associação pelo sr. Francisco Furtado de Mendonça.

Já ficou assente a porta nova na entrada principal do nosso museu; tendo sido executada no estylo gothico, e mandada fazer pelo illustrado ministro das obras publicas o ex.[mo] sr. Lourenço de Carvalho, afim de vedar a entrada convenientemente, depois que a camara municipal mandou tirar todos os entulhos que obstruiam as naves da antiga egreja, as quaes em tempo serviram de vasadouro da cidade.

O distincto epigraphista o sr. D. Rodrigo Amador de los Rios offereceu um bellissimo retrato, da grandeza do natural, de seu afamado pae, o celebre archeologo Fernando Amador de los Rios, para a nossa galeria, como havendo sido nosso consocio honorario.

O nosso illustre consocio o sr. visconde de Sanches de Baena, no seu regresso do Rio de Janeiro, trouxe um valioso presente para o nosso museu: é uma collecção cómpleta de moedas medalhas, pertencentes ao imperio do Brazil, generoso offerecimento de um distincto amador de numismatica o sr. commendador Gonçalves Roque. Tem esta dadiva muita importancia, tanto pelo seu valor intrinseco como por ser a primeira collecção, unica em Portugal, que d'aquelle paiz veiu enriquecer o museu do Carmo.

O sr. visconde de Alemquer, digno secretario da secção de archeologia, offereceu-se para ir representar em Paris a nossa associação no congresso internacional de geographia commercial, pelo convite que nos dirigiu o presente organisador d'aquelle congresso, o sr. marquez de Croizier, nosso socio correspondente.

NOTICIARIO

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS ARCHITECTOS CIVIS EM PARIS

Verificou-se a reunião d'este congresso em 29 de julho, no palacio do Trocadero. Quatrocentos e cincoenta architectos francezes e estrangeiros tomaram parte nos seus trabalhos sobre as seguintes questões:

1.° *Estado actual da architectura publica e privada.*
2.° *Ensino da architectura.*
3.° *Da posição que tem o architecto.*
4.° *Pessoal das obras.*
5.° *Concursos publicos.*
6.° *Conferencias sobre a Esthetica.*

NB. Outros assumptos interessantes para a architectura foram tambem apresentados nas quatro sessões que estavam destinadas para estes trabalhos.

O nosso consocio o sr. architecto J. Possidonio N. da Silva apresentou uma memoria, que foi lida pelo distincto architecto mr. Paula Sédille, ácerca da restauração do edificio monumental da Batalha. É dividida em tres partes distinctas:

1.° *A historia da sua fundação.*
2.° *O estado de ruina a que tinha chegado.*
3.° *A intelligente restauração que foi executada respeitando-se fielmente o estylo da architectura, de que este edificio ogival offerece o modelo mais perfeito do nosso paiz.*

Foi recebida esta memoria com as demonstrações as mais lisonjeiras. Será publicada a expensas do referido congresso.

A sociedade central dos architectos de Paris, que havia tomado a iniciativa d'este congresso, distribuiu em conformidade com os seus estatutos, recompensas aos architectos e aos operarios que mais se haviam distinguido nos seus trabalhos durante o periodo decorrido depois da sua ultima distribuição de medalhas.

1878, Lallemant Frères Typ. Lisboa

SERIE 2.ª ANNO DE 1878 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 8

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do numero antecedente, pag. 102)

Terceira prelecção

III

Se, pela descripção que acabamos de fazer, nos causou bastante admiração a maneira como no Egypto se havia creado e realisado a arte monumental, applicando-a aos grandiosos edificios publicos, aonde ella ostentava todo o seu magestoso caracter; muito mais nos surprehenderá agora, examinando a maneira extraordinaria como ella foi applicada nas celebres pyramides d'aquelle paiz, e dando uma significação ainda muito mais sublime a estas estupendas construcções, nas quaes, conforme prescrevia o culto d'aquella nação, este devia apparecer assignalado sobre o marmore, não sendo com signaes mais ou menos intelligiveis, mas sim sob regras fixas calculadas pela sciencia da mathematica, tanto para determinarem as suas fórmas, como para marcarem a relação reciproca entre as suas linhas; além de que indicavam a respectiva posição em que deviam ser collocadas, conforme exigia a mesma sciencia, para que estes monumentos tivessem uma util applicação: embora ficasse occulta para o maior numero de pessoas essa scientifica interpretação, todavia quem estava de posse d'esse segredo eram os homens os mais devotos e esclarecidos da nação, sendo os sacerdotes os unicos depositarios d'elle, o que lhes dava ainda maior influencia para exercerem a sua poderosa dominação.

Faremos conhecer agora em que se fundava essa sciencia occulta para o vulgo, cuja penetração só foi dado á sciencia moderna descobrir, havendo-se estudado primeiro, escrupulosamente, a arte monumental do Egypto; porque o positivo que d'ella se colheu, não podia ser conhecido senão por aquelles que possuissem em subido grau uma intelligencia superior, para comprehenderem e explicarem o seu veridico sentido. Será, pois, auxiliado com as luzes dos investigadores mais modernos e instruidos, que poderemos patentear a idéa sublime que presidiu ás construcções das mais celebres pyramides do mundo.

Pyramides. — Entre as construcções monumentaes d'aquelle antigo paiz devem-se mencionar como das mais importantes as *suas pyramides* e os *seus hypogêos*. É no baixo Egypto que existem as mais notaveis, estando collocadas nas circumvizinhanças de Memphis; estas pyramides formam grupos symetricos, ficando rodeadas por estradas e canaes. As suas bases são todas quadradas, achando-se os seus lados perfeitamente orientados: estas formidaveis construcções ficam superiores ás innundações do Nilo, na altura de 33 metros.

Além das pyramides pertencerem a um estylo particular da architectura, e serem de uma remota antiguidade, são egualmente construcções mui notaveis pelas regras empregadas na sua concepção; regras que foram transmittidas de seculo para seculo, de povo a povo durante muitas gerações, e merecem um estudo especial para se comprehender a sua occulta significação, e augmentar ainda mais a nossa admiração, pela sabedoria de sua bem combinada construcção; merecendo esta architectura figurar bem pelas suas obras em primeiro logar entre os monumentos os mais estupendos dos povos da antiguidade, fazendo-nos ver egualmente a importancia que elles deram sempre á arte monumental.

A nação egypcia se distinguiu entre todas as nações da antiguidade pelas edificações successivas de monumentos gigantescos, como por serem tambem as mais singulares e ousadas construcções pertencentes á architectura civil.

Das 39 pyramides do Egypto ha 11 que são as mais antigas, e datam de 5150 antes da era vulgar, estando todas situadas sobre a margem occidental do Nilo, na extensão de 86 kilometros, e na direcção norte-sul. Estas construcções, de fórma simples e severa, como foram todas as do mundo primitivo, testemunham já qual era o culto pela fórma architectonica, que distingue sobretudo a arte egypcia nas differentes epochas da sua historia.

As pyramides, primeiras na construcção e certamente as mais notaveis, são aquellas que se erguem magestosamente a 8 kilom. do logar que foi occupado pela antiga Memphis, essa famosa capital que deveu ao primeiro rei do Egypto, *Menés*, a sua celebridade.

A maior das 3 pyramides de Gizeh é a de Chéops, pois mede cada um dos lados de sua base 232^{m},74; formando uma inclinação com o horisonte de um angulo de 51° 50′. Tem de superficie [1] na base 53:314^{m2},81 e mede a sua altura vertical 147^{m},84; a sua elevação é composta de 203 fiadas com altura média de 68 centimetros; são ellas construidas com calcareo branco tirado das pedreiras situadas sob a margem direita do Nilo, em frente de Memphis. [2]

[1] É egual á superficie da praça do Commercio de Lisboa.

[2] Dez annos foram empregados na exploração, e outros dez em transportar as pedras para a outra margem do Nilo.

Quando se demoliu o primeiro *pylon* do templo de Karnac do lado do sul, um dos trabalhadores achou entre as pedras uma medida antiga feita de madeira de pinho, a qual se encontrou perfeitamente conservada; era dividida em 14 partes, uma das quaes estava subdividida em 4, e uma outra sómente em 2: esta curiosa medida tem de comprimento 1^{m},50, e julgou-a com muita probabilidade Mr. Prisse ser o *duplo cubito do rei*, medida usada pelos povos da antiguidade; achando-se tambem marcada dentro da principal pyramide, como padrão, uma outra de egual comprimento.

A concepção, e principalmente a execução das obras de architectura, taes como foram construidas as pyramides, fazem suppôr com fundamento que n'essa epocha já o Egypto tinha alcançado um extraordinario progresso relativamente ao seu primitivo estado social. As suas gigantescas construcções fazem egualmente acreditar que esta nação possuia uma grande população, e estava acostumada aos trabalhos difficeis e penosos, assim como possuia a pratica necessaria nas artes mechanicas. As pyramides indicam egualmente uma grande experiencia na arte de edificar, e conhecimentos nas sciencias que ensinavam as regras que são precisas para o bom exito das obras difficeis em architectura, as quaes só se podem adquirir com muito estudo e longa pratica; todavia o que causa maior assombro é como os egypcios poderam transportar essas enormes pedras de granito, e qual seria a maneira empregada para as içar e collocal-as a tão elevada altura!

Não devemos deixar de fazer a descripção minuciosa da principal pyramide, não sómente para attrahir a nossa attenção em admirar obra tão extraordinaria, como conhecermos o que póde ter produzido a architectura, como arte monumental, sendo creada por uma grande e illustrada nação.

O nome *Chéops*, que tem a maior pyramide, pertencia a um dos reis do Egypto, que reinou em Memphis, e suppõe-se mesmo ser elle anterior ao patriarcha Abrahão, isto é, antes da era 2366 de J. C. Foram precisos para se construir esta pyramide 100:000 operarios durante o espaço de 40 annos! É sem nenhuma duvida a obra mais extraordinaria que existe no mundo.

No interior d'este monumento não se encontraram nenhumas inscripções jeroglificas pintadas ou gravadas, nem esculpturas; em toda a parte estava a pedra lisa. A primeira fiada de cantaria foi gateada na propria rocha que lhe serve de base, a qual está lavrada para fingir o soco. Por cima d'esta primeira fiada ha mais 202 que gradualmente vão diminuindo até ao vertice. Vê-se actualmente o cume limitado por uma superficie que tem 445^{m2},50. A entrada para esta pyramide fica collocada ao centro da face

da edificação acima da base 14^{m},85 [1]; encontra-se no logar da 15.ª fiada de cantaria do lado septentrional a entrada, que dá communicação para um corredor em descida na direcção sul, conduzindo a uma sala que deixaram por concluir, e se acha na profundidade de 27^{m},43 abaixo da base da pyramide. Este corredor toma depois uma direcção ascendente; e na sua extremidade ha um orificio muito estreito pertencente a um poço bastante profundo, furado na rocha e ficando o seu fundo mais inferior ao leito do rio Nilo de 11^{m},88. N'este logar o corredor é horisontal, e conduz a um quarto, que se chama a *Camara da Rainha,* com as dimensões de 5^{m},22 por 5^{m},79, a qual estava vazia. Voltando-se ao principio da entrada da galeria horisontal, sobe-se por um outro corredor muito mais comprido e muito ingreme, encontrando-se dos dois lados assentos de pedra: o tecto d'esta passagem mostra a configuração semelhante a uma *abobada ogival;* construcção que por muito tempo se negou haver sido empregada nas obras da antiguidade, mas que o acaso teria feito adoptar a sua fórma, e o raciocinio teria descoberto a sua extraordinaria resistencia. Na extremidade d'este corredor ha um patamar junto a um vestibulo, no qual praticaram uma abertura bastante estreita, que serve de entrada para um quarto superior, conhecido pela *Camara do Rei,* com as dimensões de 5^{m},23 por 10^{m},46. Este quarto é construido com lages de granito lavrado com muita perfeição e primorosamente polido: o tecto é de fórma horisontal, e nota-se que esta camara não fica ao centro da pyramide, estando afastada mais para o lado sul 5 metros: no meio d'ella collocaram o sarcóphago real, que tambem é de granito sem ornato algum.

Na linha norte-sul d'esta camara ha duas aberturas muitissimo estreitas, pertencentes a dois canaes de ventilação, os quaes vão saír na parte superior da pyramide, e serviam ao mesmo tempo para se observar a passagem das constellações. Os inglezes descobriram ha poucos annos, por cima do quarto do rei, cinco quartos todos do mesmo tamanho, com muito pouca altura, postos uns por cima dos outros, com o intuito de alliviar o enorme peso da construcção do tecto existente sobre a camara destinada para o jazigo real: acharam-se ali tambem, pintados em bella côr encarnada, jeroglificos, que explicavam ter sido mandado construir este monumento por Sarphis I, 2.º rei da 4.ª dynastia da era de 5121 annos antes da vinda de J. C.: portanto o nome que se dava a esta pyramide de Chéops não era aquelle que lhe competia. Na vista colorida está esta pyramide representada no seu estado actual.

Agora que havemos explicado a construcção das pyramides, pois as outras são construidas quasi á imitação d'esta que acabâmos de descrever, passemos a deduzir qual era a sua significação conforme a *theologia egypcia.*

Não se deve affirmar de leve que estas formidaveis construcções não manifestam outra cousa de mais superior, alem da perfeição que mostram como arte e sciencia de edificar. Estudando-se com attenção, descobre-se facilmente na sua concepção a influencia que predomina n'esta assombrosa obra, o que é devido ao symbolismo que subordinou a sua fórma, posição e grandeza, conforme o culto e conhecimentos astronomicos dos egypcios, nos quaes eram tão superiores aos outros povos da antiguidade.

Recorrendo agora á erudita explicação da obra publicada por Mr. Ramée, ella nos demonstrará quanto é verdadeira esta supposição.

Pergunta este sabio architecto «por que motivo todas as pyramides do Egypto estão situadas sobre a margem esquerda ou occidental do rio Nilo? E que rasão haveria, pelo contrario, de se levantarem todos os *obeliscos*, collocando-os aos pares, sobre a margem opposta do rio, isto é, do lado oriental»?

Continua este distincto escriptor: «A situação topographica d'estes dois differentes monumentos não foi meramente accidental, mas sim preferida com muita reflexão e para um fim determinado».

Partilhando a opinião a este respeito de Mr. Prisse, elle se exprime por este modo:

«Os *obeliscos* foram consagrados ao *astro do dia*, o representante do principio activo, regenerador; portanto elles saudavam o nascer do sol sobre a margem oriental do Nilo. Emquanto que as *pyramides,* representando o principio *passivo,* estavam situadas sobre a margem occidental do mesmo rio, onde se occulta o sol no fim do dia, quando os seus raios vivificadores cessam de operar a sua acção benefica. Então a *Terra*, esta generosa e excellente *mãe*, descansa para adquirir novas forças no repouso em que permanece envolvida a natureza durante a ausencia do rei dos astros, o *pae* creador: logo *estes dois generos de monumentos* foram destinados para representar e designar este labor constante do Sol e da Terra, labor real da natureza estabelecida pelo Ente Supremo, authenticado pelas sciencias dos egypcios, e achado e demonstrado de novo pelas recentes descobertas da sciencia moderna: portanto o *symbolismo das pyramides* é profundo e significativo; e patenteia da maneira a mais positiva qual era a sciencia que possuiam os egypcios e a applicação que lhe davam para a sua theologia.»

Proseguindo, o referido auctor diz:

«A fórma dada ás pyramides não foi tambem accidental, nem arbitraria. *O quadro da base* representa, pois, a *Terra;* isto é, a materia a mais destinada a receber os effeitos do sol, *o pae creador*. Este *quadrado*

[1] Foi um medico italiano que a descobriu.

fórma uma *superficie*, e está na posição *horisontal;* emquanto o *triangulo,* que se *levanta* sobre esta *base quadrada,* está representado pelo *numero impar tres*, que symbolisa o *principio positivo*. Elle é *impar,* porque contém a *unidade*, principio de todas as cousas. [1] »

«Acima do quadro horisontal da base da pyramide levantam-se *quatro triangulos isósceles,* reunidos ao vertice da mesma pyramide em um unico ponto; vindo apresentar *identico remate* ao que têem os *obeliscos*. Quando nasce o sol, allumia logo as *tres faces*,— Sul, Este e Norte; durante o resto do dia, allumiava igualmente a face occidental: em um certo momento do anno e do dia podiam receber luz simultaneamente *as quatro faces*. A pyramide é, de todos os corpos solidos, o mais adequado para ficar inteiramente envolvido ao mesmo tempo pelos raios vivificadores do sol, sem assignalar *uma unica sombra*. É o mesmo effeito que experimenta a terra como *esphera;* imagem produzida pela architectura divina, e devendo-se mover, girar sobre o seu eixo, para deixar alternativamente aquecer os seus lados pelo sol.»

Ha, porém, ainda um outro symbolismo na fórma da pyramide, diz o mesmo auctor:

«Ella representa a *Divindade* como unidade primitiva, o *Grande Todo*, o qual se decompõe nos quatro elementos que absorvem a idéa do Todo, e voltam outra vez ao seio da unidade. Por isso olhando-se do vertice da pyramide para baixo, vêem-se estendidos os quatro lados saíndo da unidade; e olhando-se do lado da base, para cima, conhece-se que as mesmas quatro faces vão confundir-se na unidade, na extremidade superior no mesmo vertice.

«Ha, portanto, na combinação das proporções d'estes monumentos uma harmonia sublime, tirada ás leis da synthese do mundo, proporções e harmonia que não se póde negar, pois que ellas se explicam pelos numeros que as figuras representam.

«N'uma civilisação determinada e organisada pelas leis, que eram o resultado do conhecimento e da observação dos phenomenos naturaes do mundo, todas as cousas estavam dispostas e determinadas conforme estes phenomenos, e em relações mais ou menos directas que elles têem entre si. Era considerado essencialmente d'esta maneira na antiguidade, e muito principalmente no Egypto, porquanto nota-se na sua ordem social uma harmonia, uma homogeneidade, um conjuncto proporcionado e imitado da relação dos numeros, e das proporções geometricas, que a verdadeira sciencia encontra em toda a natureza.»

Se esta perspicaz explicação dada por M. Ramée, a respeito da significação symbolica das pyramides do Egypto, fizer ainda vacillar a opinião de alguma pessoa difficil de convencer, todavia ninguem poderá negar a engenhosa demonstração, que leva á evidencia a elevada penetração d'este sabio architecto.

. Julgo ser bastante curioso apresentar uma outra explicação, ácerca da utilidade com que se suppõe terem sido construidos estes monumentos no Egypto; tanto pelo lado scientifico é digno de ser mencionada, como por ter-se feito a experiencia da theoria indicada e comprovado pela solução obtida o fundamento d'ella; bem como por ser o seu auctor o fiel companheiro do captiveiro que soffreu Luiz Napoleão, quando esteve retido no castello de Ham em 1845.

Desde as explorações da commissão scientifica, que acompanhou ao Egypto Napoleão I, logo n'essa occasião os sabios de que ella se compunha ficaram indecisos ácerca do destino para que tinham sido construidas estas pyramides; se com effeito eram unicamente destinadas para servirem de tumulos dos Pharaós. Porém em julho de 1845 Mr. Persigny julgou ter achado a verdadeira solução d'este problema. Reflectindo sobre os damnos causados pelas tempestades das areias soltas do deserto, pois que muitas vezes cidades e caravanas ficavam sepultadas debaixo d'essa nuvem d'areias, accumuladas em um ponto pela violencia do vento, ou fazendo mesmo desviar o curso dos rios, ou entulhando-os completamente, submergindo vastissimas planicies, e ficando perdidas para a cultura, tudo causado pelas vagas movediças d'esse oceano areiento, cogitou então o illustre prisioneiro, no silencio da sua prisão, qual seria a maneira mais efficaz que teriam empregado os egypcios para evitarem aquelle terrivel flagello. Estando rodeados pelos desertos d'aquella natureza, constava-lhes que varias cidades do litoral occidental da Africa, expostas a eguaes erupções do *Sahel* — tempestades de areia, — tinham tentado oppôr obstaculos a essa temivel calamidade, e construido para esse fim muralhas de extraordinaria altura; porém as areias, assopradas pelo vento violento do deserto, as ajuntavam todas ao sopé d'essas mesmas muralhas, ali formavam depositos permanentes, cuja accumulação, augmentando-se todos os dias sobre um plano inclinado, chegava por fim a transpôr o referido obstaculo que lhes haviam estabelecido. Portanto, sendo as pyramides edificadas sobre enormes bases, com uma altura quasi a tocar nas nuvens, suppoz Mr. de Persigny, que essas extraordinarias construcções eram simples explicação de um problema de mechanica! Portanto pensou que os egypcios, em logar de fazerem inuteis muralhas ou diques superfluos, não obstante ser obstaculos collocados sem interrupção entre si, teria sido, todavia, mais judicioso construir corpos

[1] Ramée, livro I, pag. 158 e 160.

isolados de uma fórma particular, e dispostos conforme certos dados indicados pela combinação da sciencia, em relação á inclinação dos corpos solidos, os quaes apresentassem á impetuosidade dos ventos do deserto grandissimas superficies inclinadas, estando ellas collocadas defronte das gargantas das montanhas, para obstarem por uma resistencia mechanica ao fluido atmospherico, sendo essa egual ao excesso da velocidade do ar, e por esta maneira seriam capazes de desviarem as areias para uma opposta direcção. Demonstraram-lhe os calculos e as experiencias a que procedeu Mr. de Persigny, que unicamente se poderia alcançar tão benefico resultado fazendo-se esses corpos de fórma pyramidal, pois era esta a unica barreira, que resolvia satisfactoriamente este difficil problema: alem de ser esta mesma figura geometrica a mais apropriada para se poder construir solidamente em tão elevada altura, um corpo que precisasse ser de um volume tão extraordinario de maçonaria. Ficava, pois, por este modo explicada a utilidade de se haverem construido esses monumentos, visto que a acção mechanica das superficies isoladas sobre o ar em movimento, impediria as areias de ultrapassarem essa barreira tão sabiamente estabelecida. Para comprovar isso mesmo fez o illustre prisioneiro experiencias com modelos de corpos similhantes aos das pyramides em questão, e obteve um curioso resultado, fazendo com que as areias assopradas artificialmente com grande impulso fossem repellidas com tanta força pelas faces dos planos inclinados d'essas pyramides, indo formar montes de areia a *uma distancia dupla do comprimento da base do monumento pyramidal!* Quanto póde o talento ajudado pela sciencia! —até mesmo tem o poder de fazer acreditar na possibilidade de ser exequivel uma idéa singular, como muitos reputam esta sagaz demonstração a respeito da verdadeira utilidade de tão colossaes construcções!

Não vejo, porém, a impossibilidade de conciliar a idéa de ser positivamente a pyramide a representação do principal templo dedicado á sabedoria do Ente Supremo; e ter sido ao mesmo tempo essa edificação monumental destinada a proteger a existencia do povo, que o adorava sob aquellas fórmas indicadas pela sciencia divina, a *mathematica*, como já explicámos anteriormente de ter sido ella representada por este modo por aquella nação.

Ainda hoje se ignora quaes seriam os meios mechanicos, como os egypcios poderam fazer as suas colossaes construcções; a nossa penetração não pôde ainda descobrir quaes seriam as forças dynamicas que teriam facilitado e feito transportar os materiaes para essas extraordinarias, solidas e gigantescas obras; ora se nós confessâmos a inferioridade de nossa intelligencia n'este caso (não obstante os importantes progressos que no presente seculo têem obtido os conhecimentos sobre todos os ramos das mathematicas); por que rasão não acreditaremos ser muito possivel ter effectivamente a sciencia que possuiam os egypcios achado o modo para que as pyramides preenchessem o fim previdente de evitar que a capital do Egypto ficasse sepultada debaixo das areias provenientes das tempestades do deserto d'aquelle paiz? E quem melhor poderia protegel-os d'aquella calamidade senão o Todo Poderoso, representado pela cosmogonia egypcia pela fórma dada áquella monumental construcção? — e mesmo para que o povo tributasse maior veneração áquelle symbolo, não só como um templo levantado ao Ente Supremo, como sendo tambem as pyramides reputadas um escudo divino que protegeriam as suas existencias. Portanto, havendo as experiencias confirmado como sendo este o efficaz obstaculo invencivel para as areias soltas não invadirem os logares habitados, estando as pyramides situadas nos lados oppostos d'onde assopram essas violentas e terriveis tempestades; podemos, pois, sem caír em contradicção, admittir a explicação plausivel offerecida por Mr. de Persigny, que nos pareceu ter algum fundamento, alem de nos dar mais uma prova do profundo saber que tiveram os egypcios nos estudos das sciencias positivas, tendo-se servido d'ellas para tambem ficarem a coberto de grandes catastrophes.

Finalmente está hoje provado, pelas investigações dos mais distinctos archeologos, que as pyramides eram effectivamente templos levantados em gloria de Isis — a *Terra*; e nunca foram construidas para tumulos: é verdade que se converteram depois as mais antigas pyramides e se fizeram outras para servirem de jazigos para os reis; assim como aconteceu com a pyramide junto do Labyrintho, destinada para Amenenb II, com o fim de immortalisar o nome d'aquelle principe, que havia creado um grande numero de instituições populares e nacionaes: porém isto se realisou depois que os egypcios soffreram o jugo dos Hycsos durante 240 annos, fazendo-lhes aquebrantar a sua veneração pelo seu primitivo culto.

Essas monumentaes construcções eram revestidas com materiaes os mais preciosos, taes como o porfido, o marmore, o basalto, o granito, e o verde antigo, dispostos de maneira a formar zonas de varias côres, mais ou menos largas. Os egypcios faziam os vertices dos obeliscos dourados, tendo sobre o cume uma esphera tambem dourada, a fim de representarem Amon, — *o principio dos 4 elementos;* porém os vertices das pyramides eram de côr escura, para representar o *Ser Primordial,* composto da reunião obscura dos 4 elementos que se haviam separado na occasião da creação do Mundo. O forro com que

as revestiam de marmore polido era motivado para que o seu brilhantismo se fizesse notar de grande distancia, para indicarem essas formidaveis construcções o famoso Templo que symbolisava a Creação Universal; e ao mesmo tempo essa superficie polida impedia que as areias do deserto se podessem fixar sobre ellas.

Alem da destinação das pyramides como templos, tambem serviam de observatorios astronomicos, e de conservatorio das medidas egypcias.

Ha na pyramide de Chéops um canal muito estreito, estando o eixo d'este canal exactamente no plano do meridiano, dirigido no sentido visual, do limite do canal á abertura exterior, ficando situado no meio da face do Norte d'esta pyramide; e por esta fórma, do ponto inferior do canal se podiam ver passar as estrellas circumpolares ao meridiano, e observar-se exactamente o instante de sua passagem: tendo-se verificado esta observação, confirma a applicação que tinham as pyramides para a astronomia.

Outro objecto, não menos surprehendente representado na mesma vista, chama a nossa attenção, notando-se uma colossal cabeça collocada entre estes templos pyramidaes, de que ha pouco nos occupámos; mas esta espantosa esculptura, a qual os arabes do deserto designam pelo nome de — Pae do Assombro, — e representa a celebre *Esphinge de Memphis,* vem confirmar ainda mais a significação symbolica das pyramides.

Esse colosso monolitho do tempo dos fundadores das pyramides foi cortado na rocha viva, no comprimento de 39 metros e com a altura de 17 metros; na attitude em que está, a grossura da cabeça e o seu contorno é de 27 metros.

Acha-se collocado a 470 metros diante da segunda grande pyramide, ficando na distancia da maior de 325 metros. Entre as garras d'esta esphinge existe uma escada com 30 degráos, segue-se um patamar, e depois mais 13 degráos. Entre os braços ha um pequeno templo, que conduz a um subterraneo, o qual communicava com as duas pyramides, e o eixo horisontal d'este colosso está dirigido para o oriente, para o lado do sol, quando nasce na epocha do solsticio do verão. A esphinge tem cabeça e peitos de mulher e corpo de leão, exprimindo uma significação intima com a pyramide, pois era para indicar a entrada do sol do *signo de Leão* para o *signo da Virgem:* a sua attitude é de um repouso perpetuo, para representar o principio passivo; emquanto a configuração do corpo indica a união de *Osiris e Isis,* isto é, o *Sol* e a *Terra,* o pae e a mãe do Mundo: estava esta esculptura pintada de encarnado, e foi talhada na propria rocha que adhere ao solo, pertencente á cordilheira Libyca; porém o corpo d'esta estupenda esculptura está hoje enterrado nas areias, apenas apparece a formidavel cabeça fóra d'ellas.

Esta monumental esculptura é a mais gigantesca que existe no mundo!

Não podemos deixar de reconhecer que uma nação que emprehendeu e executou obras d'esta extraordinaria solidez, e talhou estatuas monolithas d'esta excessiva grandeza, devia necessariamente ter gosado uma grande civilisação, pois seria preciso ter tido uma longa existencia social, adquirido muita sciencia, haver-se dedicado com esmero ás obras d'arte, e ter uma perseverança constante para arrostar contra numerosissimas difficuldades, que forçosamente seria preciso vencer para construir esses colossaes monumentos. Se não existissem estas maravilhosas ruinas, como se poderia julgar da arte monumental d'esse povo, na maneira como foram executadas semelhantes obras, e haver possuido as faculdades superiores para as emprehender? É pela sua arte monumental que os egypcios nos comprovam bem a intelligencia e superioridade que tinham entre os mais abalisados povos da terra. Por estes exemplos se avaliará a importancia que se deve dar em todos os tempos á architectura, pois se não fossem as producções que n'esta nobre arte nos deixaram os egypcios, teria unicamente chegado ao nosso conhecimento o nome d'esta nação, como se fosse uma geração de mais ou de menos que tivesse apparecido no mundo; sem ter contribuido para o aperfeiçoamento da intelligencia humana nem pelas suas obras, nem pelos seus conhecimentos e invenção nas artes; se porventura as obras monumentaes que lhe pertencem, não nos forçassem a reconhecer a sua superior sabedoria e a prestar-lhe a devida homenagem ao esmerado grau de sua civilisação, teriam ficado occultos esses merecidos titulos que causam a nossa admiração estando tão patentes sobre os seus prodigiosos monumentos.

Depois da restauração do novo imperio no Egypto, em 1642 annos da era vulgar, pelos principes nacionaes, Thebas, — a cidade Santa, a habitação de Amon — veiu a ser a capital do imperio. Os edificios sagrados se levantaram em todos os pontos, e um grande numero de monumentos, que ainda hoje causam a nossa admiração, pertenceram a essa epocha em que as artes foram tão protegidas.

(Continúa) O architecto, J. P. N. da Silva.

A BIBLIOTHECA DE MAFRA

(Concluido do numero antecedente, pag. 102)

Trinta mil volumes, escriptos em todas as linguas, e sobre todas as sciencias, industrias, profissões, artes e officios, preenchem 150 estantes collocadas sobre o pavimento e a galeria. Todas as obras estão

systematicamente distribuidas por sciencias e disciplinas, e alphabeticamente catalogadas. Notam-se especialmente entre ellas riquissimas edições de 1470 a 1480, dos melhores classicos latinos, notaveis pela belleza do typo e das gravuras. As edições de Virgilio e de Ovidio são na verdade admiraveis. Encontram-se tambem preciosas edições das chronicas de Portugal; os Lusiadas do Morgado Matheus, com estampas; obras de numismatica, physica sagrada, com estampas; grande variedade de biblias antigas e modernas em varios idiomas, entre ellas a polyglota, com um diccionario polyglota, que se reputa de grande valor; alguns manuscriptos religiosos, em pergaminho com letras a capricho, perfeitamente illuminadas e de formato tão igual que illude o typo; as côres são egualmente tão bem combinadas e compostas que, sendo antiquissimas, se conservam como recentes. Existem tambem duas plantas do edificio, levantadas em 1827 pelo architecto Amancio José Henrique, e que são de bastante merecimento. Alem d'isso muitas obras moraes e theologicas, que ainda servem de auxilio para muitas producções litterarias. Mas é que o verdadeiro estudo só se faz no silencio da solidão. Era no retiro dos claustros, no remanso das celas monasticas que, em eras longiquas, quando todo o fervor da alma e o vigor do braço se dedicavam em orar a Deus ou em combater os mouros, alguns espiritos illustrados trabalhavam em conservar ou ampliar as sciencias humanas. Não tinha ainda apparecido Guttemberg, não se adquiriam livros sem graves embaraços, e a não ser nos mosteiros não havia quem copiasse ou executasse com perfeição, e reproduzisse qualquer obra de escripta. Admiramo-las hoje em papel ou em pergaminho com suas excellentes illuminuras.

Por alvará do sr. D. João VI, de 5 de dezembro de 1825, se fez extensiva á livraria de Mafra a disposição do alvará de 30 de dezembro de 1824, para que lhe fosse entregue um exemplar de cada obra que se imprimisse nas officinas do reino; e até 1830 assim succedeu. Como se vê, a livraria foi augmentando sempre, e a quantidade de obras existentes não é a mesma que possuia quando fôra installada.

Com respeito á disposição e collocação das obras litterarias, diremos o seguinte, seguindo a numeração de ordem das estantes:

N.º 1, contém: *Textos e versões da escriptura sagrada.* — N.º 2, *Theologia sagrada.* — N.ºs 3 e 4, *Interpretes da escriptura sagrada.* — N.º 5, *Theologia e sermões.* — N.º 6, *Concilios e constituições.* — N.ºs 7, 8 e 9, *Direito canonico.* — N.º 10, *Direito ecclesiastico regular.* — N.º 11, *Grammaticas e diccionarios de differentes linguas.* — N.ºs 12 e 13, *Auctores classicos, oradores gregos e latinos.* — N.º 14, *Poetas gregos, latinos e italianos.* — N.º 15, *Historia litteraria e bibliographica.* — N.º 16, *Memorias da academia franceza.*—N.º 17, *Polygraphia-symbologia.*—N.º 18, *Medicina, cirurgia, pharmacia.*— N.º 19, *Philosophia.*— N.º 20, *Mathematica, Historia natural.* — N.º 21, *Direito natural.* — N.ºs 22, 23 e 24, *Jurisprudencia.* — N.ºs 25 a 30, *Jurisprudencia e direito civil.*— N.º 31, *Theologia moral.* — N.º 32, *Geographia, viagens.* — N.º 33, *Historia de Portugal, geral e particular.*—N.º 34, *Historia genealogica.*—N.º 35, *Historia hispanica.*—N.º 36, *Historia d'Inglaterra.* N.º 37, *Historia de França.* — N.º 38, *Historia romana, numismatica e lapidaria.* — N.º 39, *Historia de Italia.* — N.º 40, *Historia grega, e antiguidades.* — N.º 41, *Historia universal e chronologica.* — N.º 42, *Historia monastica e religiosa.* — N.º 43, *Historia religiosa.* — N.º 44, *Historia santa, vidas de santos.* — N.ºs 45 e 46, *Historia ecclesiastica.* — N.º 47, *Historia lithurgica.* — N.º 48, *Historia escholastica e dogmatica.*— N.º 49, *Historia polemica.*—N.º 50, *Escriptores ecclesiasticos.* — N.ºs 51 a 53, *Santos padres da egreja latina.* — N.º 54, *Prologomenos da escriptura santa, physica e polygraphia sagrada.*

As estantes das galerias contêem obras de menos vulto, mas de muito valor litterario e scientifico, e entre ellas bastantes prohibidas ou condemnadas por heterodoxas.

Fizemos apenas um esboço da bibliotheca de Mafra. Nem é facil representar a agradavel sensação que em nossa alma produz o maravilhoso conjuncto de uma multidão de artefactos e obras insignes existentes no venerando templo, onde estão depositadas as sciencias, o engenho e a arte de tantos homens notaveis; mesmo que se opulentasse o estylo — o que só póde fazer, e seria a desejar de uma penna digna — ainda assim não daria o effeito desejado. A nobreza da fórma, a opulencia e delicadeza da ornamentação, o primor dos marmores, tudo é bello, é arrebatador.

E quem subir ao pavimento superior dos *mezzaninos*, intermedio da sala e dos terraços, terá tambem a admirar a soberba construcção da abobada, erguendo-se em fórma de grandes tumulos, no meio de uma galeria immensa toda banhada de luz, e proporcionando communicação facil para diversos pontos do edificio.

A livraria de Mafra, a unica — nos parece — dos extinctos conventos, que ficou intacta pela extincção das ordens religiosas, foi entregue á casa real, acha-se em perfeito estado de conservação, e tem actualmente por bibliothecario o sr. conego Moraes Cardoso.

Joaquim da Conceição Gomes

Socio da real associação dos architectos e archeologos portuguezes.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

CONSIDERAÇÕES

ÁCERCA DA

HYGIENE DAS CONSTRUCÇÕES CIVIS E PUBLICAS

Technologia da edificação

(Continuado do n.º 7, pag. 103)

V

Dos matadouros. — Os matadouros são destinados a evitar nas grandes cidades o repugnante espectaculo publico da matança dos animaes para alimentação publica, espectaculo tanto mais reprehensivel, quanto maior e mais demorada fôr a vista, e a abundancia do sangue espargido. É na verdade um facto pouco moral e ainda menos hygienico, quando praticado em publico e sem as precauções que a sciencia aconselha.

A vista repetida de taes actos familiarisa os espectadores com a vista do sangue e os soffrimentos da victima. É para assim dizer uma escola de crime, que endurece os costumes dos povos, especialmente das pessoas de menos idade.

Os residuos d'essas operações são sempre um verdadeiro fóco de infecção, quando abandonados, accumulados e expostos ao tempo.

Nas grandes cidades teem-se feito e conseguido grandes melhoramentos no facto indispensavel da matança dos animaes de alimentação; infelizmente não acontece o mesmo nas cidades mais pequenas, e, ainda peior, nas povoações ruraes, o que é bem para lastimar, por isso que os habitantes de taes logares teem perante a moralidade e a hygiene os mesmos direitos, que os das cidades maiores.

As condições principaes que um bom matadouro deve apresentar são as seguintes:

Situação isolada, em logar alto, o mais afastado possivel do centro da povoação, plantação em roda do edificio, distribuição do trabalho em officinas espaçosas, bem ventiladas, casas de abobada e paredes de cantaria, quanto possivel, nos grandes estabelecimentos, ou pelo menos rebocadas a cimento; nos de segunda e terceira ordem abundancia de agua a ponto que por vezes o lagedo possa ser inundado de agua limpa que arraste comsigo os detrictos e residuos animaes para os espaçosos canos de despejo, que devem ser construidos nas circumstancias favoraveis para isso indicadas; a agua tem além d'isso outro fim não menos importante, qual o de conservar a fresquidão nas officinas, afastando o fetido repugnante causado pelo calor nos despojos animaes.

Claridade ampla proporcionada por janellas rasgadas com franqueza perto dos tectos e munidas de *persiannas* moveis, que se devem conservar abertas quanto possivel em relação ás taboinhas, afim de se obter assim uma meia luz, que é sem duvida uma circumstancia util á conservação das carnes; as portas devem ser espaçosas e conservarem-se abertas; as paredes devem ter ventiladores proximos do chão munidos de vallos para evitar a introducção de bichos; as aguas dos telhados devem todas convergir para os canos de despejo; as bancas e cepos devem ser de madeira em branco e raspados a miudo; o uso de zinco, chumbo, cobre e latão deve-se evitar sempre, por isso que o contacto da gordura com esses metaes póde ser perigoso: o ferro sem tinta, e sempre bem limpo, é o unico metal que se poderá empregar.

Mercados. — O que acabamos de dizer, em relação a matadouros, póde e deve ser applicavel aos mercados e açougues; relativamente e quanto aos mercados de peixe, esses exigem uma lavagem e asseio continuado; — tanto ahi, como nos mercados de hortaliça e fructa devem ser banidos os metaes que mencionamos.

As mesas do peixe devem ser moveis afim de se levantarem quando se acaba o serviço e nunca servirem a outro uso, nem de encosto ou assento de gente, o que, além de ser repugnante e immundo, tem inconvenientes de hygiene.

Banhos, lavanderias e outros estabelecimentos de egual natureza, estão em tudo sujeitos ás regras hygienicas dos outros edificios na parte em que lhes sejam applicaveis, e é seguindo essas regras que devem ser construidos.

VI

Das escolas. — A situação das escolas é um ponto essencial quando se trata da sua edificação.

O local da escola deve ser afastado o mais possivel das construcções visinhas. No campo será mesmo util que fiquem afastadas um pouco do centro das povoações; ha ali muitas vezes exigencias agricolas, que são causa, e por vezes fócos, de infecção, d'onde emanam miasmas nocivos: além d'isso evitar-se-ha assim o ruido exterior, que perturba a ordem e o silencio que o estudo exige.

Em todo o caso deve-se sempre escolher um logar elevado, secco e bem arejado, longe de fabricas, cemiterios, matadouros, etc., isto é, longe de tudo que possa produzir bulha, miasmas e humidade.

A sua area deve estar em relação ao edificio que se trata de construir, convindo sempre ter em vista quanto possivel a formação de um espaço pelo menos para recreio ao ar livre, e exercicios gymnasticos.

No campo essa exigencia torna-se ainda mais instante.

É necessario que haja terreno sufficiente para se construir um jardim espaçoso a fim de que a escola possa ter um espaço cultivavel e mesmo outros accessorios que ali são indispensaveis, tanto para recreio e exercicios gymnasticos, como para exercicios agricolas e explicações ruraes; e quanto maiores forem esses espaços accessorios, tanto mais facil será o cumprimento das regras hygienicas que ha a attender.

Em todo o caso deve-se calcular que não ha de nunca haver espaço inferior a tres metros por alumno existente.

A exposição ao norte deve sempre ser rejeitada, e mesmo a do sudoeste não convém por causa da humidade; o suloeste e noroeste são as direcções que

se devem preferir, podendo mesmo optar pelas janellas voltadas ao meio dia nos sitios frios e humidos, tendo então o cuidado de moderar os raios do sol por meio conveniente.

Em relação ás paredes recommenda-se o tijolo, o que decerto não póde deixar de ser admittido nas construcções de escolas em Portugal, especialmente nas provincias, por isso que o tijolo favorece a temperatura e evita a humidade, principalmente sendo ôco.

Não poderemos recommendar do mesmo modo no nosso paiz a ardosia para coberturas (telhados) como se recommenda em outros paizes, e entendemos que o nosso systema de telhados não tem inconveniente, quando bem construido.

Nas construcções elegantes e de boa apparencia será talvez util cobrir com telhados do systema francez, de ferro e barro; em qualquer caso deve-se fazer a diligencia para que as beiras sejam o mais salientes possivel, conforme o systema suisso.

No revestimento das paredes deve empregar-se o cimento hydraulico.

Devem-se isolar quanto possivel as latrinas, as poças, os canos de esgoto, os poços, etc., tendo em vista que a capillaridade não eleve infiltrações de humidade nas paredes.

Recommenda-se que a area do terreno em que assente a sala de estudo seja revestida com uma camada de *béton*, coberta de cal, collocando em seguida e sobre ella o vigamento em que deve assentar o solho, tendo o cuidado de encher os intervallos das vigas com cinzas bem seccas de carvão de pedra, ou de outros combustiveis, afim de evitar a sonoridade e eco na casa.

Sem tal precaução, que é na realidade mais importante do que á primeira vista se póde julgar, a bulha surda resultante do movimento dos pés dos alumnos e mesmo outras causas entretém na aula uma resonancia confusa que obriga o professor a elevar constantemente a voz, o que, além de o fatigar, perturba o estudo dos alumnos, e é por isso tambem que se recommenda não serem os tectos demasiadamente altos nem de abobada.

As paredes devem ser forradas de madeira até á altura de um metro, e d'ahi para cima forradas a papel expressamente feito para esse fim com pinturas illustrativas do estudo, como *geographia, historia natural, chronologia*, etc.

As salas das escolas devem ser quanto possivel nos andares terreos, e só casos de força maior podem fazer excepção a essa regra.

Nas escolas em que se recebem alumnos dos dois sexos, e em que seja necessario separal-os, devem os rapazes ficar sempre nos andares inferiores, tendo como regra geral que é necessario evitar quanto possivel as escadas, e as que forem indispensaveis devem ser de passo largo, e descançado. Os pavimentos terreos, de lagedo, e mesmo de ladrilho, devem ser rejeitados, e quando mesmo circumstancias inevitaveis obriguem a isso, é então indispensavel forrar de madeira o lugar onde os alumnos se sentam para estudar. [1]

Dimensões das salas. — Quando haja a edificar escolas em que é necessario reunir os dois sexos, devem-se dispôr as cousas de modo que fiquem isolados um em cada extremo do edificio, e construir ao centro as habitações dos professores, e salas de recreio.

No nosso paiz não é trivial haver escolas simultaneas para rapazes e meninas; quando porém se der esse caso, deve-se pensar no modo mais adequado a conseguir a separação dos dois sexos nas horas do estudo e nos dormitorios. [2]

O tamanho das salas deve ser calculado pelo numero provavel de alumnos que tiverem a conter. Um adulto exige para bem viver doze metros cubicos de ar puro por hora; deve-se por consequencia reduzir a metade essa exigencia em relação aos individuos em idade escolar, suppondo que não haja renovação de ar senão de hora a hora, o que torna necessario um espaço de seis metros cubicos por alumno ou dever-se-ha calcular uma casa de sete metros de comprimento, dez de largura e quatro metros e cincoenta centimetros de alto, para cincoenta alumnos. Taes proporções são o bastante para se obter uma sala em boas condições, segundo os preceitos.

Nem sempre, nem em todos os lugares, será possivel construir escolas e salas, com todos os requisitos, não só pela despeza exigida, mas ainda por outras muitas circumstancias; comtudo bom será ter sempre em vista taes melhoramentos, para que se consiga o mais possivel.

As dimensões da sala que indicamos para cincoenta alumnos, poderão ser modificadas em caso de necessidade, utilisando-a para setenta alumnos, comtanto que um systema bem apropriado de ventilação permitta facilmente a renovação do ar.

Do mesmo modo, cem a cento e vinte alumnos podem permanecer em uma sala de dez metros por doze, comtanto que tenha $4^{m},50$ de alto; assim haverá $4^{m3},50$ de ar puro por individuo, o que faz nove metros de ar puro por hora.

No inverno, especialmente, póde-se conseguir facilmente a renovação do ar em uma sala de aula, ainda mesmo que seja preciso aquecel-a, circumstancia que em Lisboa não é necessaria nem mesmo conveniente.

Distribuição da luz. — As dimensões das janellas parece que devem ser pouco mais ou menos sempre as mesmas, isto é, $1^{m},50$ de largo por $2^{m},70$ de alto, por isso que valem mais duas grandes janellas que devem ser evasadas para o lado de dentro, afim de darem entrada á luz o mais francamente possivel.

Tem-se dito que, para que uma aula tenha sufficiente luz, é necessario que a somma da superficie total das janellas seja egual á vigesima parte da capacidade cubica da sala, e que a sua disposição seja rigorosamente adequada á situação das bancas de estudo.

A luz não deve nunca entrar de frente, porque tal disposição fatiga a vista, nem tambem ser projectada pelo lado inverso, porque assim faria sombra o corpo, o que tem, além d'aquelle, outros inconvenientes, especialmente para escrever.

E portanto essencial que a luz venha do lado esquerdo, por isso que entrando da direita tem quasi os mesmos inconvenientes da rectaguarda. Nas grandes aulas, em que é forçoso haver mais de uma or-

[1] A mobilia escolar é uma circumstancia que requer todo o estudo e attenção e ácerca da qual fallaremos em outro lugar.

[2] Nas horas de recreio não julgamos indispensavel a separação de alumnos até á idade de oito annos; comtanto que esses recreios sejam bem vigiados pelas senhoras professoras de preferencia. Esse systema adoça os costumes dos alumnos, desenvolve as meninas, e faz moderar os divertimentos.

dem de bancos, mas nunca deve exceder a duas, póde então haver janellas do lado direito, comtanto que um biombo de pequena altura separe as duas coxias; consegue-se assim regular a luz, e haver menos distracções; deve-se então ter todo o cuidado em que durante as horas de estudo se não abram as janellas de ambos os lados por causa das correntes de ar, que é necessario evitar, tanto de verão como de inverno.

Convirá que as janellas sejam de balanço afim de se poderem abrir superiormente de modo que o ar entre pelo lado de cima, e que a parte inferior esteja sempre fechada. Os vidros da parte inferior devem ser foscos, ou pelo menos frizados.

É necessario ter em vista que a circulação do ar se não opere senão em uma corrente de dois a tres metros de elevação. As janellas na parte superior, devem ter o vão de um vidro, forrado de arame.

Ventilação e aquecimento.—Em todas as estações a temperatura da escola não deve passar de 15° centigrados nem ser inferior a 12°: para obter esse resultado é necessario regular convenientemente a ventilação e o aquecimento nos lugares em que esse meio seja preciso.

Em Portugal não o julgamos necessario, bem pelo contrario até o consideramos perigoso, e por isso no caso de se evitar.

Ácerca de ventilação e aquecimento das escolas tem-se escripto muito em todos os idiomas; não nos permitte porém a estreiteza do nosso *Boletim* escrever com largueza a tal respeito, mesmo entendemos que em relação a Portugal o estudo da maior parte dos systemas deve limitar-se á parte ventilação, por isso que quasi todos os auctores que têem tratado do assumpto associam a ventilação ao aquecimento.

O systema de ventilação indicado pelo sr. *Rousseau*, capitão de engenheiros belga, tem sido seguido em varias escolas e até em hospitaes o temos visto seguido com pequenas variantes. Não julgamos porém aquelle systema o meio efficaz, segundo as reconhecidas theorias da sciencia, e consideramos muito judicioso o artigo transcripto no jornal que por vezes temos citado, quando diz:

«O systema de *Rousseau* consiste em introduzir o ar exterior por meio de aberturas praticadas ao nivel do sobrado e conductores de qualquer especie que levem o ar um metro pelo menos acima das cabeças dos alumnos, formando, no alto das paredes, chaminés de saída convenientemente dispostas.

«Tal systema conviria perfeitamente na hypothese de que o ar exterior não seja nem muito quente nem muito frio; mas será inutil quando esse ar fôr de uma temperatura mais elevada que aquella da atmosphera da sala da escola, não havendo por isso tendencia para a introducção do ar pelos conductores de entrada, do mesmo modo que não haverá tendencia para se escapar o ar viciado da escola pelas chaminés de saída, que sendo esse ar mais denso que o ar atmospherico, será morosa a tiragem.»

Além do exposto, ha ainda uma circumstancia muito attendivel para não ser aproveitavel o systema de conductores acima da cabeça dos alumnos, que bem pelo contrario julgamos contraproducente.

É sabido que o ar se vicia pela respiração e exhalação dos individuos, além mesmo de outras causas inherentes a um logar habitado, e que essa viciação augmenta na rasão directa do numero dos habitantes.

Sabemos tambem que o ar viciado é mais denso e por consequencia mais pesado que o ar atmospherico. Qual será então o resultado pratico da introducção de uma camada de ar atmospherico um metro acima do ar viciado? É claro que essa segunda camada de ar fará pressão sobre a primeira que será ella a primeira a escapar-se em virtude da sua menor densidade, conservando-se então sempre as pessoas no ambiente viciado da primeira camada.

Os srs. *Peclet* e *Soret*, e ainda outros auctores, têem estudado o assumpto e indicado meios de evitar e remediar os inconvenientes que se tem encontrado na ventilação das escolas; como, porém, esses estudos e indicações são em relação a outros paizes e outros climas, não os julgamos por isso em tudo aproveitaveis.

F. J. d'Almeida.

(Continúa)

MATERIAES PARA CONSTRUCÇÃO

(Continuado do n.º 2, pag. 21)

Apontamentos relativos á cal (protoxido de calcio)

5.º

Outro genero de carbonato de cal se encontra na natureza em tamanha quantidade, que não fórma só rochas, ou montanhas, mas constitue massas em tal abundancia que formam o solo de varios paizes, taes como a Inglaterra, Polonia, Champanha e outros logares do globo; este genero de calcareo chama-se *cré*, e os terrenos por elle formados denominam-se *cretacios*. O *cré* tem immensas applicações nas artes e na industria, especialmente na fabricação da soda caustica (carbonato de sóda).

É uma pedra macia, que se desfaz como a terra; é friavel, e quasi sempre branca, mais ou menos areienta, corpo de que facilmente se isola.[1]

É effervescente com os acidos, desenvolvendo então grande porção de gaz carbonico.

Com quanto o carbonato de cal seja insoluvel em agua, por isso que só cede a esta a minima quantidade de $\frac{1}{50000}$ do seu peso, quando é puro, não deixa

[1] Desfaz-se em agua e decanta-se a dissolução em quanto ella exista em suspensão, deixa-se depois em repouso, obtendo-se assim um precipitado compacto, de um branco muito claro, que se conhece nas artes pelo nome de *cré lavado*.

Aquella operação tem por fim extrahir-lhe a areia, por isso que, sendo mais pesada e insoluvel, se separa precipitando-se na primeira operação.

É por este modo que se consegue o—*branco de Hespanha*—*de Meudon*—*de Bougival*—*de Troyes*—*de Chopanhe*—e *de Diappedalle*, etc.; moldado serve então como lapis no desenho, e moido, emprega-se como tinta a oleo, (*a*) e a colla, (*b*) limpa-se com elle os metaes e os vidros, etc.

(*a*) É com o cré mais ou menos puro que se falsifica o alvaiade (ceruse).

(*b*) O cré junto á colla e dado quente sobre a madeira, é ordinariamente usado na construcção, como primeiro apparelho; bem como é usado como preparo nos doirados sobre madeira.

ainda assim de ser soluvel quando o não é, e se acha junto a outros corpos, especialmente se são acidos; é por isso que muitas aguas o contêem em dissolução, mais ou menos concentrada, favorecida essa operação por um excesso de acido carbonico.

Algumas ha que contêem tanto, que a propria presença do ar lh'o faz abandonar, e depositando-o, constitue-se então uma especie de pedra mollar, que se chama *turfa* (travertin).

O carbonato de *calcium* (diz o sr. T. Swarts) é *dimorpho* e póde crystalisar em rhomboides obtusos de 105°,5′; e n'esse caso tem o nome de *Spath d'Island* (calcareo). Quando porém crystalisa em prismas rhomboidaes direitos de 106°,6′, constitue o que se chama a *arragonite*.

Estas duas fórmas são os typos de duas series de carbonatos isomorphos ou mesmo isodimorphos.

A *arragonite* transforma-se em presença do calor em uma especie de poeira que é formada por tenues crystaes de calcareo.

O carbonato de calcio combina-se facilmente com o hydrato de calcio, e forma-se sempre esse producto quando o carbonato está exposto ao ar livre, que, oxydando-o, fórma o hydrato de calcio, e é por isso que os *aviamentos* (argamassas) preparados com cal ordinaria se transformam sempre em hydro-carbonato de calcio, e é d'ahi que provém a sua carbonisação, fixando-se tanto mais quanto maior é a porção de hydrato.

O carbonato de calcio une-se tambem ao oxydo da mesma base, e esse composto produz-se todas as vezes que o hydro-carbonato é exposto a um elevado gráu de calor (vermelho escuro). A cal mal cosida contém esse composto, que prejudica as construcções.

Ha porém outras aguas que, contendo menos calcareo, ainda assim o abandonam progressivamente aos corpos com que estão em contacto, taes como madeira, erva e outros objectos, formando assim incrustações, que em mais ou menos tempo apresentam a apparencia de uma perfeita petrificação. É assim que acontece nas aguas dos banhos de S. Filippe na Toscana, — na fonte de S. Hilario em Clermont — Ferrand, — nas nascentes de Santa Nectaria no Puy-de-Dôme, na fonte de Orcher junto ao Havre [1] e outras muitas aguas onde esse phenomeno natural se patenteia, o qual não foi ignorado pelos antigos escriptores, que já conheceram a propriedade das aguas-incrustantes — pois, já disse Seneca, que nasceu no anno ou 3 de Jesus Christo, havia muitas fontes, onde se petrificavam ramos de arvores e outros objectos, para vender.

Os cannos e tubos de conducção d'agua apresentam tambem ordinariamente incrustações, formadas por sedimentos calcareos, as quaes muitas vezes chegam a impedir a livre passagem da agua; taes incrústações são tanto mais rijas, quanto maior é o numero de saes estranhos, que as compõem.

Aquelle sedimento que progressivamente se accumula, toma exactamente a fórma do tubo conductor em todos os sentidos da sua corrente, isto é, inferior e superiormente, e o que é mais para notar, é que a qualidade e genero de tubo, ou canno, actúa na fórma e genero do sedimento, e até algumas vezes nas suas propriedades chimicas de composição. [1]

Por tudo que temos indicado se deprehende facilmente que os saes calcareos têem uma facilidade de se condensar muito notavel, especialmente os *carbonatos* e *sulphatos*.

Quando as aguas saturadas de *carbonato de cal* se infiltram nas abobadas ou cavidades subterraneas, apparece nos tectos das casas ou grutas naturaes, um liquido saturado d'aquelle sal calcareo, o qual, condensando-se pela evaporação da agua em presença do ar, fórma um genero de crystalisação compacta, agglomerada successivamente por camadas de moleculas postas a secco.

É por esse modo que se formam essas graciosas columnatas que se admiram em varias grutas e galerias subterraneas, que por isso se têem tornado celebres, taes como as de *Antiparos* na *Grecia*, — *Pool's-House* em *Derbyshire* — de *Adelsberg* em *Carniola* — de *Auxelle* em *Franche-Comté* — *Caumont* em *Rouen* — e perto de Portalegre, em Portugal.

Áquella agglomeração continuada de moléculas calcareas, que pendem dos tectos das grutas ou cavernas naturaes, dá-se o nome de — *stalactites* — as quaes se apresentam á vista por uma infinita e caprichosa variedade de fórmas. Quando as infiltrações são abundantes, e se não condensam facil-

[1] A fonte de *Orcher* que corre por escarpados rochedos e cae em cascata sobre as pedras, incrusta-as d'um sedimento calcareo, bem como as ervas que nascem em suas fendas e intersticios, formando assim uma vista magestosa e esplendida.

A singularidade de taes petrificações, a situação d'aquella nascente, que cáe de tão elevado rochedo, e por meio de tão grandes monolithos de *cré* e de grès — a luxuriante vegetação dos arbustos, e da selva, que se ostenta em tão árida praia, tornam aquella fonte um dos pontos mais pittorescos das immediações do Havre. — (Descripção geologica do departamento do *Seine Infériur* por M. Parsy, pag. 71).

[1] É facil destruir taes incrustações ou sedimentos, fazendo correr nos cannos ou tubos, acido chlorydrico fraco, que as destroe, tornando-as em *chloroto de cal* que é muito soluvel n'agua. Pelo mesmo modo, se limpam as serpentinas, e tubos conductores de agua.

As caldeiras de vapor tambem se podem aliviar das incrustações, que n'ellas se formam, em virtude da impuridade das aguas que servem á sua alimentação, pelo mesmo processo, evitando assim o requeimarem-se e os funestos resultados que esses incidentes occasionam.

As soluções adstringentes de galha, sumagre, etc., são tambem empregadas na limpeza das caldeiras de vapor, bem como a fécula das batatas.

mente, cáe o liquido saturado no chão, e ali se acaba o trabalho natural da evaporação aquosa e se fórmam umas figuras em tudo similhantes ás que pendem do tecto e ás quaes se dá o nome de — *stalagmites*. — Aquellas duas figuras, ou corpos de fórma cylindrica sinuosa, por espaço de tempo chegam a tocar-se, formando então essas bellas e magestosas galerias de columnas calcareas, cujo aspecto é infinitamente variado.

As *stalactites* e *stalagmites* chegam a formar massas de maior ou menor volume adquirindo com o tempo a consistencia de pedra macia, que se presta a ser facilmente operada e polida, apresentando então — uma apparencia *translucida*.

Áquelle genero de pedra ou carbonato calcareo dá-se o nome de — *alabastro* — [1] que depois de operado artisticamente se apresenta á vista em camadas parallelas ou ondeantes d'uma constituição granulada, fibrosa, ou laminar.

A côr do *alabastro* varía entre o amarello e o vermelho acastanhado; essas côres e suas *nuances* são muitas vezes distribuidas em ondas ou manchas.

O bello polido de que é susceptivel e a sua maior transparencia tornam o *alabastro* uma materia preciosa para varios utensilios e objectos de ornato, bem como para decoração de varias obras e edificios.

Taes são as diversas e principaes especies de carbonato de cal que maior importancia podem ter em relação á architectura e construcção.

Todas as artes dependem da cal directa ou indirectamente, e a medicina utilisa a cal em muitos preparados, ordinariamente com applicação exterior. [2]

[1] A palavra *alabastro* — deriva-se da palavra grega — *alabastron*, que quer dizer *insujeitavel*.

Os antigos escriptores deram aquelle nome aos vasos feitos d'aquella substancia, por isso que não tendo ordinariamente asas e sendo muito polidos, havia alguma difficuldade para se lhes pegar.

[2] A crystalisação que o hydrato de cal produz á superficie misturada com azeite virgem, fórma um linimento, muito util no tratamento das queimaduras.

A cal tem todas as propriedades toxicas dos carbonatos alcalinos, operando como veneno corrosivo, com especialidade no estado caustico.

Tem poder desinfectante e dessecativo, opéra como cauterio, desorganisa as materias animaes e vegetaes, e absorve a humidade.

Os corpos calcareos são numerosos e muito abundantes naturalmente.

A pedra calcarea distingue-se facilmente, por isso que se dissolve quasi sem deixar residuo, em presença dos acidos, ainda os mais fracos, produzindo uma tumultuosa effervescencia; e aquella dissolução dá um precipitado branco muito abundante com as lixivias causticas ou carbonatadas.

O ammoniaco e os carbonatos alcalinos comportam-se com a cal como com o baryo.

O phosphato de soda — o sulphato de soda — o acido sulphurico — os chromatos alcalinos — o estroncio — e o acido oxalico denotam sempre a presença da cal.

Segundo o sr. *T. Swart*, os caracteres dos compostos soluveis do *calcio* são — precipitar em branco pelos carbonatos bi-sodicos e bi-potassicos, bem como o acido sulphurico e os sulphatos soluveis os precipitam tambem em branco, quando as soluções não sejam muito diluidas.

Os oxalatos soluveis e o acido oxalico produzem o *oxalato bi-calcico* que é branco e insoluvel em agua e em acido acetico, sendo porém soluvel em acido chlorydrico e azotico diluidos.

Os compostos *calcicos*, soluveis em alcool, communicam á sua chamma uma côr vermelha alaranjada.

Todas as variedades de pedra calcarea, conchas, madreperolas e cascas de ostras, são susceptiveis de produzir *cal viva* por meio da calcinação ao rubro. Ordinariamente não se emprega senão a chamada *pedra de cal* e será esse o objecto de que proximamente me occuparei.

(Continúa)

F. J. DE ALMEIDA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

EXPLICAÇÃO DA PHOTOGRAPHIA QUE ACOMPANHA O PRESENTE NUMERO DO «BOLETIM»

(Estampa n.º 28)

Representa a photographia o illustre varão D. Gonçalo de Sousa, deitado sobre a campa do seu sarcophago, com as mãos postas, tendo na cintura a bolsa de esmoler, e aos pés um galgo, symbolo de fidelidade. Um friso circumda esta campa na qual está gravado com o maior primor o epitaphio que reproduzimos em seguida.

O cofre que teria encerrado os despojos mortaes d'este nobre cavalleiro, pois não existiam já nenhuns vestigios do finado, quando nos foi entregue aquelle tumulo, tem sobre cada uma das suas duas

ESTAMPA 28
Sarcophago de D. Fr. Gonçalo de Sousa
Commendador mór da ordem de Christo
1469

faces longitudinaes tres escudos, os quaes apresentam, esquartelados, o leão dos Sousas e as quinas reaes, por ser D. Gonçalo descendente de pessoa real.

Este sarcophago estava collocado no meio de um jazigo construido de alvenaria dentro do adro da egreja de Thomar, do lado norte; porém já a abobada tinha abatido e as paredes lateraes haviam-se desmoronado quasi até á base, estando o tumulo cercado por ortigas, como se a natureza quizesse occultar á vista esta prova de vergonhoso esquecimento de tão famigerado cavalleiro, este immenso desdouro para a geração actual por desprezar assim as nossas recordações historicas!

A leitura do epitaphio nos dá a conhecer a categoria dos altos cargos que este varão havia exercido. Tendo nós diligenciado colher mais copia de noticias biographicas a seu respeito, unicamente obtivémos os seguintes apontamentos que devemos á bondade do illustrado sr. João Pedro da Costa Basto, official maior da Torre do Tombo. Da sua obsequiosa carta transcrevemos estas importantes informações:

«Na falta de noticias originaes, recorri á *Historia Genealogica*, e do Tomo XII parte 2.ª (tanto no texto como nas taboas 29 e 30) extrahi o seguinte:

«*Gonsalo de Souza — Comm.or mór da Ordem de Christo f.° de Gonsalo Annes de Sza — 3.° senhor de Mortagua — neto de Martim Aff.° de Sza Chichorro — 2.° sor « bisneto de Martim Affonso de Souza — 3.° neto de Martim Affonso Chichorro, filho natural de D. Affonso 3.°*»

«Diz o A. da Hist. Geneal. que tanto Gonsalo de Sousa como seu pae, Gonsalo Annes de Sousa, eram bastardos, e aponta a legitimação seguinte, que encontrei por extracto a fol. 174 v. do liv. 2.° da chancellaria de D. João I.

«*Outra legitimação ouve goncall eanes de Sousa filho de martim afonso de sousa e de dona maria de briteiros, seendo ambos parentes e casados de facto em braga* VI *dias de novembro de 1438 annos* (Corresponde ao anno de Christo de 1400)».

«N.B. A palavra *Briteiros* está escripta por outra letra, tendo sido raspado o pergaminho n'esse logar.

«Encontrei, tambem, n'uma collecção de titulos genealogicos, que tem por titulo *Nobiliarchia de Portocarreiro*, uma pequena noticia dizendo que Gonsalo de Sousa vivera em *Alviobeira*, termo de Thomar, onde tinha uma commenda.

«Se não se encontrar noticia de Gonsalo de Sousa ter sido aio do infante D. Henrique e esmoler de D. Affonso V, a inscripção do sarcophago fica tendo *um grande valor historico*, por ser a unica prova de elle ter exercido estas funcções».

A inscripção que está gravada em caracteres allemães gothicos em tres linhas, á roda do frizo que separa a campa do tumulo, é muito curiosa, e posto que lhe faltem algumas palavras por estar quebrada em parte a pedra, leu-a assim o sr. Gomes Goes:

«...o do nascimento de Nosso Senhor Jesu-Christo de 1469 edificou e mandou fazer esta capella e casas com todo o seu circuito o honrado caballeiro D. fr. Gonçalo de Sousa commendador-mór da caballaria da ordem de Nosso Senhor Jesu-Christo: do conselho delrei D. Aphouso o V: criado e feitura de menino do muito nobre e excellente e comprido de muitas birtudes o infante D. Henrique, que foi gobernador e miuist............. que de Vizeu e senhor da Cobilhan, o que achou........tificou todas as ilhas da Madeira e dos Açores, com toda a costa de Guiné até ás Indias: filho do mui nobre rei D. João I e da rainha D. Philippa. O qual commendador-mór foi bedor da casa e fazenda do dito infante, e seu chanceller e alferes-mór; as quaes birtudes que em este infante habia, este commendador-mór as mandou aqui escreber, e são estas.......... dou nenhuma cousa ao demo, e quando lhe fazia desprazer, tudo daba a Deus: nem dizia mal de nenhum, nem cubiçaba a nenhum mal: nem bebia binho; nunca jurou por Deus, nem por santos..... das quaresmas e festas de Jesu-Christo e de Santa Maria, e apostolos e outros santos muito jejuaba, e pela maior parte a pão em agua; era muito catholico, e cumpria em tudo o officio da egreja: foi muito obediente a seu pae e mãe e a seu rei e a todo....»

Eis, portanto, mais um objecto de subido valor archeologico que possue o museu do Carmo: á Associação dos Architectos Portuguezes se deve a conservação d'esse notavel sarcophago.

J. DA SILVA.

UM ARCHEOLOGO ILLUSTRE

Dom Bernardo de Montfaucon

Na muito importante publicação franceza *Le Musée Archéologique* [1] d'este anno encontrámos uma rapida biographia do archeologo celebre que honrou a França no seculo XVIII.

Merece o nome de Montfaucon ser commemorado n'este *Boletim*, recordando-se d'este modo aos portuguezes os grandes serviços que á archeologia prestou o incansavel antiquario.

Aproveitando o subsidio apontado, diremos, muito em resumo, duas palavras a respeito do laborioso indagador.

Nasceu no meado do seculo XVII (17 de janeiro de 1655) no Languedoc, e descendia de uma familia da antiga nobreza. A leitura de Plutarco, na traducção celebre de Amyot, impressionou-o profundamente, e o fez apaixonar-se pela historia. Na edade de 17 annos (anno de 1672) deu começo á carreira militar, mas não tardou muito que a deixasse para de todo se consagrar ao seu querido estudo da historia.

No anno de 1675 entrou no convento dos Benedictinos da Daurade, em Toulouse, onde estudou o grego, e trabalhou na edição das obras de Santo Athanasio. Sendo depois encarregado da publicação das Obras de S. Chrysostomo, obteve auctorisação para passar á Italia, a fim de compulsar os respectivos manuscriptos existentes nas bibliothecas d'aquelle paiz.

Porquanto nos interessam principalmente os trabalhos litterarios do grande archeologo, omittiremos os factos relativos á sua residencia em Roma, e nas outras cidades principaes da Italia, e só fallaremos do seu regresso a Paris.

Voltando á capital da França principiou immediatamente a trabalhar, e publicou: (1688) *Analecta sive varia opuscula græca;* (1706) a *Collectio nova Patrum et scriptorum græcorum;* e um grande numero de dissertações sobre assumptos difficeis de archeologia, que inseriu no *Recueil de l'Académie des Inscriptions;* sendo que em tal Academia fôra admittido no anno de 1719.

[1] *Recueil illustré de monuments de l'Antiquité, du Moyen-âge et de la Renaissance, publié sous la direction de Am. de Caix de Saint-Aymour.*

Devemos mencionar com especialidade um escripto intitulado *Diarium italicum, sive monumentorum veterum, bibliothecarum, etc. Notitiæ singulare itinerario italico collectæ.* N'esta obra, do anno de 1702, deu Montfaucon conhecimento das suas investigações na Italia.

Deixando de parte os seus trabalhos sobre paleographia, e sobre os manuscriptos que nas bibliothecas encontrára, damo-nos pressa em indicar as duas principaes obras que para sempre tornaram celebre Dom Bernardo de Montfaucon: *L'Antiquité expliquée et représentée en figures* (1719-1724, 15 vol. in-folio); — *Monuments de la monarchie française avec les figures de chaque règne que l'injure du temps a épargnées* (5 vol. in-folio, 1729-1733).

Da primeira, diz o sr. A. de Caix de Saint-Aymour, que a despeito de erros e inexactidões, que os progressos dos estudos archeologicos hão revelado, será por muito tempo ainda o monumento mais colossal elevado á sciencia da antiguidade, e sempre consultado proveitosamente pelos archeologos de todos os tempos.

Os *Monumentos da monarchia franceza* são mais lidos hoje do que a *Antiguidade explicada*, porquanto contém a reproducção de muitos documentos preciosos hoje destruidos.

Montfaucon sustentou activa correspondencia com os sabios da Europa, e concluiu muitos trabalhos de erudição que demandavam aturado estudo, longas e difficeis investigações. Para se conseguirem resultados taes eram necessarios muitos annos de vida e uma saude inalteravel.

Logrou Montfaucon estas preciosas vantagens. Dotado de um temperamento feliz, de uma constituição vigorosa, pôde chegar até á idade de oitenta e sete annos sem enfermidades, fallecendo de repente em Paris no dia 21 de dezembro de 1741.

Facil nos fôra alargar esta noticia, com relação á biographia, e maiormente com relação aos escriptos do memoravel antiquario, se quizessemos aproveitar o *Elogio* que se lê nas *Memorias da Academia das Inscripções*, e o que se encontra na *Historia Litteraria da Congregação de S. Mauro.* Quizemos, porém, fazer apenas uma commemoração de um grande archeologo, de sorte que basta o que fica apontado para excitar a curiosidade que pretender mais amplos desenvolvimentos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

BIBLIOGRAPHIA

NOTICIA
DA
VITA DI MICHELANGELO BUONARROTI
(Livro do sr. Aurelio Gotti)

O sr. Aurelio Gotti, hoje socio correspondente estrangeiro da Academia Real das Sciencias de Lisboa, publicou ha pouco um livro, em dois volumes, com o titulo de *Vita di Michelangelo Buonarroti.*

Tratando-se do homem singular que em si reuniu o genio artistico da pintura, da esculptura e da architectura, parece-nos que á indole d'este *Boletim* quadra perfeitamente uma noticia do indicado trabalho.

Em outro logar, e no desempenho de altos deveres, tivemos occasião de apresentar um juizo critico a tal respeito, que agora reproduzimos nas proporções adequadas:

Não fôra possivel que ao auctor se deparasse um assumpto mais sympathico, mais digno de ser offerecido á consideração dos que prezam as boas lettras e as bellas artes. Nem tão pouco poderia esse assumpto ser tratado com maior propriedade, do que por um filho da Italia, e ainda mais de um florentino.

Proferir o nome explendido e venerando de Miguel Angelo o mesmo é que tecer o elogio eloquente de um dos homens mais completos da Historia, de um dos varões que em mais subido grau fazem honra á humanidade.

Miguel Angelo assignalou a sua alta individualidade em todos os ramos das bellas artes, e até nas lettras; e como se isto fosse ainda pouco, apparece diante da posteridade com os formosos predicados do amor da familia e da patria, com a nobre independencia do caracter, e com a severa honestidade de um estoico austero.

Se a este ultimo respeito podesse haver alguma duvida, bastaria citar o que lhe dizia Vittoria Colonna, marqueza de Pescara: *As pessoas que vos não conhecem, estimam de vós o que tendes de menos perfeito, isto é, as obras de vossas mãos.*

Por espaço de noventa annos esteve entre os vivos, e n'esse longo periodo de existencia jámais soube o que era descanço, o que era repousar: tão ardente foi sempre a sua paixão pelo trabalho!

O sr. Gotti acompanha Miguel Angelo desde o nascimento até ao instante fatal em que este exhalou o derradeiro suspiro; e ainda depois dá noticia dos obsequios que a admiração e a gratidão de toda a Italia, e particularmente de Roma e Florença, fizeram ao finado illustre.

São narrados com toda a clareza os factos, e apresentados em toda a luz que a sua comprehensão torna indispensavel.

A exposição é entremeiada com o testemunho ministrado por documentos authenticos, que o historiador ou biographo extracta em substancia ou reproduz na integra, segundo diversamente vem a proposito.

A vida artistica de Miguel Angelo, em todas as suas phases, e em todas as suas manifestações sublimes, é referida chronologicamente e na mais ordenada disposição. A vida particular, intima, de familia, é narrada tambem com o devido desenvolvimento, sem omissão dos factos que maior interesse podem inspirar aos leitores.

O sr. Gotti revela um muito apreciavel bom juizo no systema que seguiu de deixar fallar os escriptores mais auctorisados, quando as palavras d'estes são significativas, e de algum modo estão já consagradas pela critica, — ou seja para julgar sob o ponto de vista artistico as producções de Buonarroti, — ou seja para fixar mais precisamente a veracidade dos factos e o valor dos testemunhos.

Não só teve presente o que escreveram Condivi e Vasari a respeito de Miguel Angelo, quando este vivia ainda; mas logrou a fortuna de supprir o que elles não disseram, recorrendo aos preciosos esclarecimentos das cartas do grande homem e das respostas que este recebeu. E não só lhe deu luz esta preciosa correspondencia, senão tambem a encontrou nos documentos que se guardavam no Archivo Buonarroti.

Familiarisou-se assim com o seu protogonista, e convencendo-se de que a grandeza de Miguel Angelo mais póde derivar-se do que elle operou e escreveu, do que de exposições subtis, e de engenhosos encarecimentos: deliberou-se a narrar com simplicidade, sem artificio, sem aformoseamentos de phantasia.

Muito proveito poderia o sr. Gotti colher das numerosas *Vidas* que de Buonarroti hão sido escriptas desde Vasari até aos nossos dias, se quizesse entrar em detidas considerações esthelicas sobre as obras d'aquelle e entretecer com a historia da Italia a biographia; mas entendeu que n'este particular devia restringir-se tanto mais, quanto maior era o numero dos novos documentos que tinha á sua disposição.

Confessa-se devedor de condjuvação e conselhos a Gaetano Milanesi, que andava tratando de publicar as cartas de Miguel Angelo; a Luigi Passerini, que para o livro do sr. Gotti compilou a arvore genealogica da familia dos Buonarroti; a Marco Tabarrini e a Alfredo Reumont, que o animaram com a palavra amiga e auctorisada a levar ao cabo a tão difficil empresa; e, finalmente, aos artistas que se

prestaram a ornar o livro com os desenhos que estão á frente de cada capitulo.

Compõe-se a obra do sr. Gotti de dois volumes. O primeiro é consagrado á biographia; o segundo contém uma série de muito importantes documentos, taes como: a arvore genealogica da familia Buonarroti; os *fac-simile* de autographos de Miguel Angelo; documentos e cartas illustrativas; catalogo das obras de esculptura, de architectura e pintura, bem como dos desenhos, esboços e modelos que se encontram nas collecções de diversos paizes.

José Silvestre Ribeiro.

A EMPREZA EDITORA

DE

OBRAS CLASSICAS E ILLUSTRADAS DO PORTO

Não é possivel elogiar bastantemente esta empreza, da qual é digno gerente o sr. José Antonio Castanheira. Benemerita é ella pela constancia, de que dá inequivocas provas, no desempenho da nobre missão de vulgarisar escriptos raros, que só privilegiadas pessoas podiam ler.

Mostrou-nos o estimavel sr. presidente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes as interessantissimas reimpressões, com que foi brindado pela referida empreza, por indicação e proposta do illustrado bacharel, o sr. José Joaquim da Silva Pereira Caldas; e são as seguintes:

Privilegios dos cidadãos da cidade do Porto, de que foi editor o mencionado gerente.

Fórma, e verdadeiro traslado dos privilegios concedidos aos cidadões, e moradores da cidade de Braga. (Reimpressão imitativa conforme a edição unica de 1633).

Canções de D. Pedro I, Rei de Portugal, poeta do seculo XIV, filho de Coimbra.

A primeira é preciosa, por ser a reimpressão de um livro raro, do qual existem apenas uns tres exemplares, em poder de pessoas que o editor aponta, sendo uma d'ellas elle proprio.

A segunda tem egual merecimento pela raridade do livro, e vem precedida de um recommendavel prologo do sr. Pereira Caldas, do qual fallou com louvor o sr. Joaquim Martins de Carvalho, fazendo aliás algumas observações com referencia ao primeiro impressor.

A collecção de *Canções* é dedicada «Á saudosa memoria de D. Pedro v, rei dilectissimo de Portugal, cultor e prezador das lettras patrias».

É precedida de um instructivo prologo, em que mais uma vez revela copiosa erudição o sr. Pereira Caldas.

No que respeita á parte artistica, reproduziremos o que excellentemente disse no *Conimbricense* o sr. Joaquim Martins de Carvalho: «É primorosissima em todo o sentido. O papel é excellente e em folio maximo, os typos muito elegantes, a impressão a duas côres esmeradissima. É a todos os respeitos do melhor que n'este genero se tem feito em Portugal.»

Todas as reimpressões mereciam que mais detidamente encarecessemos o seu merecimento, e mais á larga expressassemos os louvores de que o douto auctor dos prologos, e o zeloso gerente da empreza são dignos. Mas por agora faltam-nos o tempo, e o espaço n'este *Boletim*, para nos espraiarmos como desejaramos.

José Silvestre Ribeiro.

NOTICIARIO

Na exposição universal de Paris o jury assistiu na secção de telegraphia a uma curiosa experiencia ácerca dos effeitos surprehendentes obtidos pela combinação do *telephone* e do *phonographo*.

Uma canção, cantada em Versailles e transmittida a Paris pelo telephone, foi inscripta no Campo de Marte sobre o phonographo e póde ser repetida muitas vezes aos assistentes d'esta admiravel descoberta.

Acaba de relatar o insigne archeologo o sr. commendador Joaquim Baptista de Rossi, no *Boletim de Archeologia Christã*, a importantissima descoberta feita em Africa, de inscripções do tempo do christianismo, do seculo VI, sendo agora as primeiras ali encontradas. A sua interpretação é duvidosa, não obstante acharse gravado o monogramma de Christo, pois na redacção epigraphica se achava um termo que era de uso entre os sacerdotes pagãos; todavia a sagaz intelligencia do douto archeologo dá a explicação da anomalia que apparece na applicação da phrase — *flamen perpetuus.*

Vão desapparecer as construcções antigas em que estava situada Babylonia. Um vendedor de tijolos d'aquelle paiz está fazendo escavações no monte *Mujelibeh*, algumas já na profundidade de trinta pés, para extrahir tijolos, os quaes teem marcado o *nome* de alguns dos *reis* de Babylonia. É para lamentar que se consinta um tal vandalismo, sem ao menos levantar-se a planta d'essas remotas construcções, nem tão pouco conservar-se alguns d'esses tijolos, que nos transmittiriam o nome do imperante, e nos dariam a epoca d'aquellas edificações!

PUBLICAÇÕES NOTAVEIS PORTUGUEZAS
SOBRE ARCHEOLOGIA
Do anno de 1878

Introducção á Archeologia da Peninsula Iberica, *pelo Dr. Augusto Filippe Simões, Lente de Medicina da Universidade de Coimbra. — Parte primeira: Antiguidades prehistoricas,* com oitenta gravuras.

Noções elementares de Archeologia, *compendio approvado pelo conselho de instrucção publica — obra illustrada com trezentas e vinte e quatro gravuras e uma introducção do sr. I. de Vilhena Barbosa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, dedicada á memoria do illustre archeologo Mr. A. de Caumont, por Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Architecto da Casa Real, etc., etc.*

N. B. D'estas duas obras daremos noticia circumstanciada no *Boletim* proximo.

1878, Lallemant frères, Typ. Lisboa

SERIE 2.ª ANNO DE 1879 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 9

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do numero antecedente, pag. 118)

Quarta prelecção

IV

Passamos agora a occupar-nos das construcções dos *hypogeos*, os quaes nos servirão egualmente para comprovar o que tinhamos expendido ácerca da applicação das primitivas pyramides do Egypto, que não foram construidas, como geralmente se suppunha, para tumules dos reis d'aquella nação; porque sempre foram as mais importantes e magnificas construcções aquellas destinadas em todos os tempos, pelos differentes povos do mundo, para serem os templos dedicados á Divindade, e as pyramides eram os monumentos mais grandiosos do Egypto, emblematicos, conforme as regras que se haviam adoptado para a sua edificação, estando em relação com a astronomia, a qual fazia a parte essencial do culto que professavam aquelles povos; apresentando-nos evidentes provas da manifestação da sua theologia esculpidas sobre o marmore na sua significação symbolica, a qual foi tirada dos numeros que determinam as formas dadas aos seus monumentos religiosos, tanto pelas suas proporções, como na sua respectiva collocação. Os hypogeos não sómente tinham um outro aspecto apropriado á sua destinação, assim como esses monumentos funebres ficavam occultos no interior das montanhas de granito, e apenas se sabia da sua existencia por um portal ornado com os emblemas que mostravam positivamente ser ali a morada dos mortos. Foi unicamente nos tempos menos remotos no dominio dos Pharaós, que então serviram para jazigo d'esses principes algumas antigas pyramides, porém das mais limitadas proporções.

O extraordinario numero dos edificios egypcios com dimensões collossaes foram todos mandados construir pela auctoridade e saber theologico que dominava n'aquelle paiz, como já referimos, sendo isso devido tanto ao sentimento religioso, e á grandeza da ordem politica, como tambem ao vasto talento da nação egypcia, estando todavia subordinada á vontade poderosa dos seus monarchas.

Temos visto pelas descripções dos monumentos sobre os quaes já temos fixado a nossa attenção, haver-se confirmado isso mesmo, e agora passamos a examinar outros não menos curiosos e importantes, tanto pelo seu caracter especial, e sempre monumental, como pela perfeição de seu trabalho, assim como pela temeridade de sua execução.

Os *hypogeos* ou tumulos abertos nos flancos das montanhas, os mais importantes e ornados com riqueza, são aquelles que se encontram na Nubia.

Podemos consideral-os como um archivo de todos os conhecimentos da antiguidade egypcia; porque n'elles se conservam innumeraveis scenas esculpidas, umas representando os mythos funebres, ou os acontecimentos domesticos; outras indicando successos astronomicos, ou relativos ás sciencias e ás artes. Quasi sempre são *os hypogeos* indicados por uma fachada cortada verticalmente na propria rocha, e por um portal que dá entrada para uma extensa galeria, que se dirige pelo interior da montanha, seguindo um plano inclinado. Estas galerias são divididas por quadraturas; em outras, encontram-se pequenas casas de forma quadrada ou rectangulares, ou grandes salas oblongas, sustentadas por pilares sobre um soco geral, o qual gira em roda da sala; era n'este logar que quasi sempre se collocava o sarcophago de granito que encerrava os restos mortaes do monarcha. Nas outras casas menos ornadas, se depositavam os diversos objectos preciosos que haviam pertencido ao regio finado.

Os *hypogeos* os mais notaveis estão situados no valle antigamente chamado *Bibom-Ouron*, ou hypogeos dos reis.

Escolheram de proposito um valle arido, cercado por altos rochedos cortados a pique, e por montanhas que estão a desmoronar-se. Nenhum animal procura este sitio occupado pela morte. Entra-se n'este recinto lúgubre por uma passagem estreita, feita pelo trabalho de homem: avistando-se depois portas de feitio quadrado na base da montanha e abertas na propria indicação obliqua do rochedo: estas portas semelham-se todas pelas suas proporções e maneira especial como estão ornatadas, afim de indicarem a entrada para os tumulos dos reis.

Este ornato dos tumulos dos Pharaós se compõe de um *disco amarello*, no meio do qual está o sol representado por uma cabeça de capricornio, isto é, indicando o sol no seu curso, quando entra no hemispherio inferior. Vê-se o rei de joelhos adorando-o. Á direita do disco, isto é, ao oriente, está a deusa Nephthys, e á esquerda ao occidente a deusa Isis. Ao lado do sol e no disco, esculpiram um grande escaravelho, sendo este o symbolo de regeneração: sobre a montanha celeste está o rei de joelhos, e sobre a qual os pés das duas deusas descançam. [1]

[1] *Transcripto de Champollion, Lett. sur l'Égypte.*

O sentido d'esta composição se refere ao rei finado; o qual durante a sua vida se assemelhava ao sol no seu caminho do oriente para o occidente, pois o rei devia ser o vivificador do Egypto, e a origem de todos os bens physicos e moraes necessarios aos seus habitantes. O Pharaó defuncto era pois comparado ao sol quando se esconde no sombrio hemispherio que elle tem a transpôr para tornar a nascer de novo ao oriente, e restituir a luz e a vida ao mundo superior (n'aquelle em que elles habitavam). Do mesmo modo o rei fallecido devia tornar egualmente a nascer, ou fosse para continuar sua transmigração, ou fosse para habitar o mundo celeste, e ficar absorvido no seio de Amom, o pae do Universo.

Os tumulos dos Pharaós eram obras muito consideraveis para as quaes se exigia um trabalho muito prolongado, sendo começados mesmo durante a sua vida, como um dos seus primeiros cuidados, que não esquecia o novo rei egypcio de fazer executar, conforme o espirito bem conhecido d'esta singular nação, occupando-se sem demora dos seus monumentos sepulchraes, os quaes deviam ser o seu derradeiro asylo.

Entrando-se n'estes tumulos o primeiro quadro esculpido que se encontra é do Pharaó com vestimentas reaes, apresentando-se ao deus *Fré*, o qual tinha a cabeça de gavião; isto é, representava o sol no maior brilho do seu curso, na hora do meio-dia; dirigindo ao seu representante sobre a terra, estas palavras consoladoras; «*Nós te concedemos um sem numero de dias para reinares sobre o mundo, e exerceres as attribuições da realeza como se fosse o proprio Horus sobre a terra:*» Horus era a designação dada ao sol. No tecto da primeira galeria do tumulo, lia-se egualmente magnificas promessas feitas ao rei durante a sua existencia terrestre, nas quaes se designavam tambem os privilegios que lhe estavam reservados nas regiões celestes.

Uma pequena sala que se encontra depois da primeira galeria contem imagens esculpidas e pintadas, indicando as diversas phazes do sol: sendo precedidas, ou seguidas de outros quadros em que se representam successivamente a configuração resumida das setenta e cinco *nomas* ou districtos d'este paiz. As paredes dos corredores e salas que se seguem estão egualmente cobertas de uma longa serie de quadros representando o caminho do sol no hemispherio superior (imagem do rei quando vivo), e nas paredes oppostas, o caminho do sol no outro hemispherio inferior (a imagem do rei depois da sua morte.)

Muitas outras salas seguiam-se a este corredor, as quaes estão tambem ornadas com pinturas e esculpturas. A sala que precede aquella onde está o sarcophago é dedicada aos quatro genios de *Amenti*, [1]

[1] *Região occidental habitada pelos mortos.*

onde comparecia o rei perante o tribunal dos quarenta e dois Juizes Divinos, os quaes deviam resolver qual seria o destino da sua alma, para lhe conceder ou negar a sepultura; estando tambem representados os factos justificativos que em sua defeza o rei apresentava aos seus severos juizes, pois cada um d'elles estava encarregado de descobrir o crime ou peccado que podesse ter commettido, e de os punir sobre a sua alma submettida á sua jurisdicção. Este grande texto está dividido em quarenta e dois versetos ou columnas. [1]

Viam-se ao lado deste texto, curioso e bastante significativo para o novo successor do rei finado, outras imagens ainda mais singulares, aquellas representando os peccados capitaes, figurados sobre a forma humana; infelizmente existem apenas tres bem conservados no principal tumulo de *Rhamsés Meiamoum*, pertencem a um dos sete reis que reinaram no seculo XV antes da vinda de Jesus Christo. Vê-se pois a luxuria — a preguiça — e a gulodice; porém tendo estas figuras cabeças symbolicas, sendo uma de bode, outra de kágado e a terceira de crocodilo. A sala aonde está o tumulo de Rhamsés V, é a ultima de todas, sendo superior ás outras em grandeza e magnificencia. O tecto curvilineo em fórma de aboboda é de um bello feitio, e conserva ainda a pintura com brilhantes côres, tendo já resistido ha mais de trinta e um seculos. Todos os lados d'esta vasta sala estão cobertos, desde o soco até ao tecto, com quadros esculpidos e pintados como são todos, havendo um grande numero de hieroglyficos formando legendas explicativas: o sol é ainda o objecto principal d'estes baixos relevos, dos quaes uma grande parte se apresentam tambem sob formas emblematicas, todo o systema cosmogonico, e os principios de physica geral dos Egypcios: além de outros baixos relevos que cobrem os pilares que sustentam estas differentes salas, compostos das adorações ás divindades do Egypto; e principalmente aquellas que presidem aos destinos das almas.

Nota-se pelos ornatos que têem os tumulos dos reis, ser tudo symbolico, e relativo aos actos de sua existencia, sendo julgados conforme merecessem as suas qualidades e virtudes. Notaremos, pois, a differença tão grande que existe n'essa profusão de esculpturas, comparando-as ás paredes tão singelas e nuas das galerias as mais antigas das pyramides, como já explicámos, porque se ellas fossem realmente construidas para servirem para tumulos reaes, porque os não teriam ornado com os emblemas e caracter de uma construcção sepulchral, como haviam executado nas outras noventa e duas pyramides que existem no valle dos mortos? Todas as pyramides que foram desde logo destinadas para os tumulos dos reis, têem um portico ou vestibulo, cuja fachada está disposta da mesma maneira como são os pilares dos edificios egypcios. No fundo d'esses porticos ha a representação em relevo d'um templo ornado de esculpturas proprias de sepulchros. Estes monumentos são posteriores ás grandes pyramides de que temos fallado antecedentemente, pois como foram edificadas para templos, a sua architectura monumental devia representar o symbolismo do culto em toda a sua magestosa significação, na qual a idéa do Ente Supremo se fizesse visivel n'essa collossal construcção; e por esse motivo, cousa alguma de profano e trivial podia apparecer para não ficar confundido com o caracter augusto do monumento dedicado ao Todo Poderoso: portanto podemos considerar positivamente serem as pyramides as mais antigas, os *templos primitivos* dos Egypcios; em quanto que as outras de mais pequenas dimensões e com outro caracter distincto, seriam construidas expressamente para servirem de jazigos reaes.

Ás bordas escarpadissimas do Nilo do lado septentrional não dando logar de se construirem nas suas margens templos sobre o solo, obrigou os egypcios a perfurarem a rocha para ali estabelecerem os seus sanctuarios. Designavam os egypcios esses templos construidos por este modo, com o nome de *Spéos*, isto é, templo subterraneo.

Os dois quadros G II (da nossa collecção), [1] com as vistas coloridas mostram como se construiram por um modo tão singular estes templos e podem-se examinar as suas formas e detalhes para fazermos uma idéa dos recursos empregados pela architectura civil para que a arte monumental podesse ostentar pelo grandioso de suas formas e ousadia de concepção um aspecto que surprehenda e patenteie o talento e o pensamento elevado dos artistas que souberam executar com tanta sabedoria, pericia, e magnificencia uma obra que devia passar á posteridade.

Estes dois sanctuarios de *Abou-Sembil* são os mais notaveis da Nubia, estando situados não muito distantes um do outro, sobre a margem esquerda do Nilo: como mostra o quadro da vista I. Estas fachadas produzem um soberbo effeito pela sua grandiosa execução; pois é sobre a propria rocha que ellas foram esculpidas. O maior d'estes templos que está representado no lado direito da citada vista, foi dedicado a *Fré*, o filho do fogo, e caracterisado por uma *sphinge*, tendo sobre a testa um disco solar. Tem este templo por principal decoração quatro estatuas sentadas, medindo 21 metros de altura cada uma! São d'um admiravel trabalho, representando todas o retrato muito parecido do grande Sesostris, o mais celebre rei do Egypto, não só pelas suas conquistas, mas mui principalmente pelas boas insti-

[1] *Transcripto de Champollion, Lett. sur l'Égypte.*

[1] *Depositados no museu do Carmo.*

tuições politicas que estabeleceu, pondo o cume á sua gloria pelos trabalhos de utilidade geral que mandou executar nas 36 *nomas* em que estava então dividido aquelle paiz, havendo construido portentosos monumentos na era de 1499 antes da vinda de Christo.

Entra-se n'esse singular templo por um portico central em uma primeira sala ou *pronáos,* sustentada por oito pilares quadrados. Junto a elles estão encostados outros tantos colossos tendo dez metros de altura, representando outras estatuas do mesmo monarcha. Sobre os lados d'esta vasta sala ha uma correnteza de baixos relevos historicos. relativos ás conquistas d'aquelle rei na Africa. D'esta sala passa-se a uma outra immediata, sustentada por quatro pilares, a qual communica por tres portas a um corredor transversal, estando na extremidade do templo collocado o sanctuario. Esta excavação dentro da rocha tem quarenta e seis metros de extensão. Vêem-se no sanctuario tres bellas estatuas sentadas: são maiores do que o natural, representando as tres divindades superiores do Egypto. A 1.ª, *Knef,* é a imagem do principio fecundador; era representada com figura de homem, o rosto azulado, tendo na mão um sceptro, e com a cabeça coberta de magnificas plumas e um ovo na bocca. A 2.ª, *Orta,* é a do fogo vivificador, a maior parte das vezes representada e encerrada dentro d'uma capella, como se fosse o ovo que creou o mundo; e davam-lhe por cabeça um gavião ou escaravelho. A 3.ª é *Fré* o filho do fogo; sendo a 1.ª estatua *Rhamsés* o grande (Sesostris). Dos dois lados do sanctuario ha duas casas com entrada por o corredor, outras salas dispostas á direita e esquerda do templo: mas, pelo exame da planta d'este templo de [1] *Hator*, será mais intelligivel a nossa explicação, e nos dará uma idéa mais completa da maneira singular de sua construcção.

(Continúa)

O architecto,

J. P. N. DA SILVA.

[1] *Veja-se o quadro no museu do Carmo.*

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

CONSIDERAÇÕES

ÁCERCA DA

HYGIENE DAS CONSTRUCÇÕES CIVIS E PUBLICAS

Technologia da edificação

(Continuado do n.º 8, pag. 122)

Em Portugal julgamos muito facil o modo de ventilar uma casa de aula. Quando tratámos de janellas, indicámos que no alto das vidraças houvesse o vão d'um vidro preenchido por uma rede metallica, para servir á introducção do ar exterior durante o tempo frio, por isso que em tempo quente essa entrada é operada por caixilhos de balanço. Em outra qualquer casa em que a bulha não prejudicasse, podia-se adoptar os ventiladores de palhetas; ali não, porque a bulha interromperia o estudo e as explicações do professor.

Além da introducção do ar feita por aquelle modo e n'aquella altura, é necessario que o ar entre em ponto mais baixo, e isso póde obter-se por meio de ralos nas paredes exteriores ao nivel do sobrado, munidos esses ralos de registos para regular ou evitar a entrada do ar. Resta pois estabelecer a corrente, o que se póde facilmente fazer por meio d'uma abertura no tecto a que se adapte um tubo de ferro com capacete de palhetas girantes, que sáia além do telhado; e quando isso não possa ter logar, fazel-o sair por um dos lados da casa.

Não julgamos que no clima do paiz seja de absoluta necessidade o uso de *poêle* para aquecimento da casa: comtudo, se isso se julgar preciso em algum ponto do paiz, parece-nos que o melhor systema a seguir será o do sr. *Soret* que allia a esse meio o de ventilação quasi como acima indicamos.

«Diz o sr. *Soret* que basta estabelecer tubos conductores de ar. de fóra para dentro da casa, passando pelo sobrado; esses tubos serão de folha de ferro e adaptados ao *poêle* de aquecimento, excedendo na sua altura $0^{m},30$. Esses tubos conductores do ar exterior assim dispostos, espalham na casa uma porção de ar atmospherico aquecido que evita na casa grande resfriamento sem augmentar o calor. As dimensões dos tubos, diz o mesmo dr. *Soret*, são $0^{m},30$ de largura por $0^{m},20$ de profundidade para uma casa que contenha 300^{mc}, de ar.

O que acabamos de dizer em relação ás escolas publicas, é em tudo applicavel aos collegios particulares.

VII

Latrinas e fossas de despejo. — Reservámo-nos para tratar d'este objecto em seguida ás escolas, por isso que é talvez ahi que elle tem mais séria importancia.

Os vapores que exhalam as latrinas, têem por

base o *gaz acido sulphydrico* e o *alkali volatil* (ammonia), um e outro, e especialmente quando juntos, fazem sentir perniciosos effeitos nos orgãos respiratorios, na garganta e nos olhos, sendo muitas vezes a causa principal das epidemias ophtalmicas. As creanças são sempre as maiores victimas, é n'ellas de ordinario que se apresentam os casos mais desastrosos; é por isso que nas escolas deve haver o maior cuidado a tal respeito, independente mesmo da questão de aceio e moralidade.

Em Lisboa não se usam as *fossas de despejo*, nem mesmo nos consta que no paiz se usem em outra parte, além do Porto. Se a nossa humilde opinião podesse merecer ser ouvida em tal assumpto, optariamos por ellas por duas razões — 1.ª porque são faceis os meios de as sanear, e até mesmo de as tornar inodoras; 2.ª porque são um beneficio para a agricultura, especialmente no norte. Trataremos portanto d'ellas em ultimo logar.

Latrinas. — Na construcção das latrinas nas escolas devem existir tres principios essenciaes — agua, aceio, e commodidade.

No systema de esgotos, seguido em Lisboa, a fartura da agua não tem inconveniente, pelo contrario é um beneficio, e por isso se devem encanar para ali as aguas do telhado tanto quanto possivel.

Quanto ao mais, julgamos que os apparelhos hydraulicos mais em uso actualmente[1] satisfazem quasi completamente. O systema de duplo cano elevado até ao telhado e profundo até ao cano de esgoto é talvez o meio mais proficuo de tornar as latrinas inodoras, completando esse meio por um bem construido syphão hydraulico, e uma luz qualquer no centro do cano para facilitar a tiragem *(appel d'air.)*

A despeza da luz por qualquer modo torna-se insignificante, especialmente se na construcção se attender a isso e se harmonisarem as cousas de modo a servir essa luz ou luzes para illuminar a escada de noite.

Quanto ao aceio deve-se ter em vista que as bacias e syphões sejam de louça bem vidrada (pó de pedra) e nunca de barro (mesmo vidrado), nem faiança, nem de grês: o 1.º, porque é poroso; o 2.º, porque o gaz sulphydrico a destroe; e o 3.º, pela sua aspereza; este só deve servir para canos expressamente. As bacias devem ser isentas de asperezas, rachas, ou jassas e feitas de modo, que a agua entre n'ellas com força e em espadana, para que fiquem bem lavadas, e que as valvulas se movam e vedem bem. O systema de inundação é indifferente nas latrinas do commum, isto é, pode ser de chave, de alavanca, ou de supapa; nas escolas é porém necessario attender á facilidade e á exactidão em vista do genero de pessoas que têem a cumprir esse tal ou qual trabalho.

A commodidade é indispensavel nas escolas em relação a sentinas: por isso se têem inventado varios meios para fazer funccionar os machinismos relativos ao aceio, commodidade e decencia. Tem-se utilisado para esse fim a taboa de assento, o estrado, a porta em seu movimento de abrir e fechar, etc.; todos esses meios são mais ou menos acceitaveis em sendo bem feitas as ferragens, que devem ser sempre de *metal* e nunca de ferro, evitando por isso sempre os pregos.

Deve haver nas escolas pelo menos dois logares: um mais alto, outro mais baixo, e melhor será (podendo ser) haver tres, destinando um para os professores e empregados, e os dois para os alumnos. Os machinismos necessarios ao aceio e boa ordem devem funccionar mechanicamente para haver exacção e exactidão dos fins para que se empregam.

(Continúa) F. J. d'Almeida.

[1] Veja-se *Génie civil — Encyclopédie — Soret* — pag. 11, 12, 13, e 14; e outros auctores que tratam do objecto.

MATERIAES PARA CONSTRUCÇÃO

(Continuado do n.º 8, pag. 124)

Apontamentos relativos á cal (protoxido de calcio)

6.º

No artigo precedente encontram-se as precisas noções para bem se avaliar a importancia da fabricação de cal em relação ao trabalho de edificação. Repetirei ainda algumas circumstancias que julgo uteis a quem por qualquer motivo fôr obrigado a fabricar cal.

Nas grandes obras, e em muitos casos a fabricação da cal precisa é uma economia, especialmente quando perto do local da obra se encontra a pedra calcarea, e combustivel necessario para a calcinar.

A facilidade que ha em construir um forno de cal do systema primitivo é uma das rasões que póde aconselhar e justificar até certo ponto aquella economia, por isso que basta procurar um terreno adequado ás exigencias do forno, que são poucas.

Excava-se e fórma-se o forno n'esse terreno e reveste-se em roda com as proprias pedras que se hão de calcinar.[1]

No forno e no trabalho de fabricação, tudo póde ser aproveitado em beneficio do custo da obra a fa-

[1] Para se ter conhecimento das diversas fórmas de fornos, systemas de fabricação e generos de combustivel deve recorrer-se ao *Manual do fabricante de cal* — *Chimica elementar* de mr. Regnault, tom. 2.º — *Chimica elementar* de mr. Girardin, tom. 1.º, pag. 590, e mais desenvolvidamente na *Chimica industrial* do mesmo professor, ou *Précis de chimie industrielle* de mr. Payen.

zer, especialmente se ella exigir para o seu acabamento os tres generos de cal: *gorda*, *magra* e *hydraulica;* bem como de *pozollana*, *cimento romano* e *beton*, empregando para aquelle *argila*, e para este *areia* e o chamado *cascalho*, residuo do arranco e afeiçoamento das pedras que se hão de calcinar, fragmentos de tijollo, lascas da cantaria, etc.

É porém essencial que o incumbido da obra em geral, assim como os seus immediatos empregados nas construcções parciaes, tenham conhecimento de todas as circumstancias e exigencias especiaes, para se conseguir boas e economicas construcções.

A publicação d'estes artigos e apontamentos não é o bastante para isso, pois só tem por fim instigar os conductores de obras e mesmo os operarios (não habilitados) a maiores estudos, recorrendo aos auctóres competentes, ou pelo menos a servirem-se praticamente das noções elementares que indicamos para operarem em harmonia com as prescripções da theoria.

A cal, propriamente dita, não se encontra na natureza, isto é, como *cal virgem*, ou cal extincta (deregada), que são os dois estados em que ella se utilisa nas construcções.

Obtem-se porém artificialmente do *cré*, ou da pedra, que por isso se chama *pedra calcarea*, bem como se obtem de todo o genero de conchas, como dissémos.

Do cré já anteriormente fallámos, e quanto á pedra calcarea reconhece-se facilmente pelo seu aspecto laminoso, rijo e compacto, isto é, todo o genero de marmores, especialmente o chamado *lioz*.

A sua côr é mais ou menos branca, conforme a qualidade, circumstancia que muito influe na alvura da cal.

Sendo boa, dissolve-se quasi sem residuo e com effervescencia, quando tratada pelos acidos ainda os mais fracos, e produzindo a dissolução um abundante precipitado branco, por um excesso de acido sulphurico,[1] ou lixivias causticas de carbonatos.

São diversos os systemas de fornos para fazer cal, como são diversos os combustiveis que para esse fim se empregam, e são, por assim dizer, esses o que regula a fórma do forno.

Ha fornos de fabricação continua, ou intermittente, que cozem á lenha ou a carvão.

Trataremos por agora tão sómente dos fornos de cal ordinarios que são os que cozem pelo systema intermittente e a que póde ser applicado qualquer genero de combustivel, com quanto a qualidade d'elle tenha grande influencia na qualidade do producto.

[1] O meio mais facil de conhecer a pedra calcarea, é tratar a pedra por acido chlorydrico de 22°, o qual formará o chlorureto de cal liquido, com pouco ou nenhum residuo, quando boa a pedra. Juntando porém á dissolução acido sulphurico em excesso, forma-se um abundante precipitado branco que é o sulphato de cal (gesso).

Este genero de fornos é o mais antigo que se conhece, e é tambem o mais facil de construir.

Os proprietarios de fornos de cal que se têem occupado da exploração d'essa industria, mandavam construir os seus fornos de modo a dar-lhes uma tal ou qual apparencia predial, e consignando-lhe uma construcção um tanto dispendiosa, que em realidade é inutil, especialmente se a fabricação fôr intentada por economia de edificação, e hoje até os *caeiros* de profissão têem abandonado aquella pratica e constroem os seus fornos como é provavel foram construidos primitivamente.

Procura-se um terreno em rampa de facil accesso, lavado de ar e que por um dos lados tenha ao sopé um corte aprumado com certa praça e facil communicação, aquella, para as exigencias do fabrico, esta, para facilitar o transporte.

Na parte alta excava-se um buraco de fórma oval até quasi ao sopé do terreno, que é o lugar onde se abre a bocca do forno, e d'ahi para baixo ainda se escava uma porção de terreno para fórmar o cinzeiro, ou, para melhor dizer, o fogão, por isso que estes fornos não têem grelhas. Procede-se então á parede de supporte; e obtida a materia prima, isto é, o corpo necessario para produzir cal, como dissemos, pedra calcarea, cré, ou conchas, procede-se á calcinação, a qual se obtem por um calor continuado ao rubro vermelho por um certo espaço de tempo.

Quando se opera com este genero de fornos e com pedra calcarea, principia-se por formar sobre o vão do cinzeiro, e pelo menos com a elevação de 2 metros acima da bocca, uma especie de volta abobadada, construida brusca, porém afeiçoadamente á segurança da volta, que se firma na circumferencia do cinzeiro.

Depois segue-se encamisando o forno e enchendo-o até ao cimo, com a mesma pedra, tendo o cuidado de as dispôr de maior para menor e de modo que conservem entre si intersticios por onde o ar possa girar.[1]

Chega-se assim ao cimo do forno, de modo que afinal se forme um cogulo arredondado de pedra mais miuda, o qual se cobre com uma camada de terra humedecida, deixando em roda, de espaço em espaço e juntos ao terreno, pequenos buracos em volta do cogulo, destinados a dar sahida ao gaz, e afinal a chamma, circumstancia pela qual se conhece que a operação está proximamente a concluir.

Aquece-se então pouco a pouco o forno por espaço de doze horas e d'ahi em diante activa-se o

[1] É muito conveniente em proveito da economia de combustivel e do trabalho, metter no centro do forno, um tubo de madeira, ou, melhor, ferro, com buracos, em guisa de chaminé que absorvendo o ar pelos buracos faça tiragem até fóra do cogulo do forno.

lume constantemente no mesmo grau de calor, até que a chamma saia pelos pequenos buracos dispostos em roda do cogulo.

Quando toda a pedra se julga convenientemente calcinada, cessa-se o fogo, e passado um certo tempo, procede-se ao desenfornamento.

O producto desenfornado é a *cal viva,* á qual se junta por irrigação a agua conveniente para se obter a *cal extincta.*

Conforme o genero de pedra calcinada resulta a *cal gorda,* ou a *cal magra*, ácerca das quaes já tratámos.[1]

Agora resta só fallar da *cal hydraulica*, que é aquella que solidifica com promptidão, junta á agua e exposta ao ar.

A propriedade que tem aquelle corpo de endurecer dentro da agua, torna-o precioso para as obras hydraulicas e é reputado como melhor o que endurece em menos tempo, circumstancias que os operarios indicam pelas palavras *fazer preza* em mais ou menos tempo.

Ordinariamente faz-se a preza ao quarto dia da emersão e ao fim de trinta dias encontra-se perfeitamente endurecida e insoluvel, constituindo-se uma verdadeira pedra calcarea ao fim de seis mezes.

Aquelle corpo calcareo dissolve-se em acido chlorydrico sem effervescencia, deixando um residuo mais ou menos abundante, o qual, evaporado, produz de 9 a 10 por cento de argila insoluvel, e chega mesmo de 20 a 30 por cento.

O ammoniaco produz na dissolução acida um precipitado muito notavel.

A cal hydraulica obtem-se artificialmente calcinando a cal pura com argila (greda), isto é, quatro partes de cal e uma de argila amassadas e depois calcinadas.[2]

Quando a quantidade da argila se eleva de 33 a 40 por cento, obtem-se um genero de cal hydraulica que se não extingue, e que junta a um excesso de agua fórma pasta como o gesso, solidificando-se promptamente ao ar, e que ao mesmo tempo faz preza solida dentro d'agua. A este corpo dá-se o nome de *cimento romano,* genero de cal que tambem se encontra na natureza em varios terrenos sempre de procedencia vulcanica, e que, por se ter encontrado pela primeira vez em *Pouzzoles*, recebeu o nome de *pozzolana.* Actualmente é com aquelle corpo simples ou misturado com cal, pedra e areia, que se fazem as obras hydraulicas.

Quando se trata de obras em agua salgada, faz-se um mixto a que se dá o nome de *beton*, o qual se compõe de 20 por cento de cal, um quinto de *aluminia*, e quatro quintos de areia; a este mixto junta-se 79 de pozzolana e a agua necessaria. Junta-se-lhe tambem duas ou tres vezes o seu volume de fragmentos angulosos de pedras porosas e bocados de tijolo.

Os betons adquirem uma grande consistencia e mesmo resistencia e por isso se applicam ao fundamento de construcções na agua, como muralhas, pegões, etc. Actualmente fazem-se tambem abobodas com o *beton*, especialmente aquellas que soffrem humidade, como cisternas, reservatorios, terraços, etc. Exigem, porém, certas precauções as abobodas feitas com *beton:* 1.ª não levar tijolo; 2.ª ser feita sobre forma que se lhe não tira senão depois de bem secco o trabalho; 3.ª ser muito bem batida e conchegada; 4.ª ter fortes encontros em harmonia com a grossura e resistencia; 5.ª finalmente ser *rebocada* com a pozzolana.

Com o *beton* tambem se imitam marmores de varias côres. As partes de que se compõem os tres generos — *cal-hydraulica* — *cimento* — *e pozzolana*, são, antes e depois de cozidas, as seguintes:

ANTES DE COZIDAS

	Cal hydraulica			Cimento		Pozzolana	
	Minima	Ordinario	Maximo	Minimo	Maximo	Minimo	Maximo
Carbonato de cal........	89	83	80	73	39	16	2
Argila..................	11	83	20	27	61	84	98

DEPOIS DE COZIDAS

	Cal hydralica			Cimento		Pozzolana	
	Minimo	Ordinario	Maximo	Minimo	Maximo	Minimo	Maximo
Cal caustica............	82	74	70	61	27	10	0, 99
Argila causticada........	18	26	30	39	73	90	9.99,1

Ha uma outra qualidade que não apresenta as propriedades de *cal hydraulica,* nem tem o caracter de *cimento;* a essa dão os francezes nome de *chaux limite* (cal extrema.)

Resta agora indicar novamente os reagentes do *calcio* e por consequencia da cal, e assim finalisa

[1] Na pedra que se arranca para calcinar, distinguem-se quatro tamanhos: o 1.º, que é o maior, chama-se *pedra de cozer*; o 2.º, *alvenaria*; o 3.º, *rego;* e o 4.º, *cascalho,* porém esse pouco ou nada se aproveita.

A melhor lenha é inquestionavelmente o mato, com quanto seja o que demanda mais cuidado para manter um fogo certo. O pinho denominado *motanno,* esse mesmo não produz boa cal. A lenha em geral é sempre má, e a resinosa chega a ser pessima: a resina, volatilisando-se, impregna a pedra de uma materia resinosa que a torna impermeavel, e por isso incapaz de *deregar,* e quando mesmo isso se consiga com o tempo e abundancia de agua, produz sempre cal má e que *cospe* em obra.

[2] Foi com aquella preparação, junta a duas partes de areia. que se fizeram os grandes trabalhos hydraulicos em França,

o que de mais essencial se póde indicar ácerca d'este material para construcção tão antigo como conhecido.

São reagentes do *calcio:* o ammoniaco e os carbonatos alcalinos, que se comportam com elle como com o baryo — o phosphato de soda — o acido sulphurico — os chromatos alcalinos e o de stroncio — o acido oxalico — e o fluosilicico.

F. J. D'ALMEIDA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

O CONDE D. SESNANDO

GOVERNADOR DE COIMBRA

(1064 — 1091)

A grande extensão do reino de Leão obrigara os seus soberanos a dividil-o em governos e territorios, que davam com o titulo ordinariamente de condados. [1]

Dilatados consideravelmente os limites dos estados de Fernando Magno para o occidente da Peninsula pelas conquistas de Lamego, Vizeu, Ceia e Coimbra, creou-se um novo condado ou districto que teve por capital esta ultima cidade, povoação em verdade importante pela sua antiguidade e grandeza relativa, e, como ponto militar, considerada a chave do vasto territorio que se estende desde o Mondego até ao Douro. [2]

O governo d'este districto, cuja area comprehendia pelo nascente Lamego, terminando pelo poente com o mar, pelo norte com o Douro e pelo sul com a fronteira dos mouros, foi confiado por D. Fernando Magno a um illustre varão por nome Sesnando. [3]

D. Sesnando era filho de David, rico mosarabe da que depois se denominou provincia da Beira, senhor de Tentugal e de outras terras no territorio de Coimbra.

No tempo de Iben Abbad se introduziu D. Sesnando na côrte de Sevilha, e por seus talentos e bons serviços feitos ao principe sarraceno, chegára a occupar o logar de wasir no diwan, isto é, de ministro ou membro no supremo conselho do amir, o qual o distinguia particularmente entre os seus conselheiros. D. Sesnando era temido nas guerras com os inimigos de Iben Abbad, porque nas emprezas que dirigia alcançava sempre resultados prosperos. Crê se que alguma offensa recebida dos sarracenos o fez abandonar o amir de Sevilha e entrar no serviço de Fernando Magno. [1]

Foi D. Sesnando que incitou o monarcha leonez a proseguir para este lado do occidente as suas brilhantes conquistas com a tomada de Coimbra, e n'esta empreza foi um dos capitães que mais se distinguiram por assignalados serviços.

D. Fernando Magno, retirando-se de Coimbra, recompensou galhardamente os serviços do illustre capitão, entregando-lhe esta cidade com o seu territorio e investindo-o de plenarios poderes para exercer o supremo governo, administrar justiça e repartir e dispor como lhe aprouvesse, dos terrenos conquistados. [2]

Conhece-se uma infinidade de documentos que se referem ao governo de D. Sesnando e aos poderes por elle exercidos. N'esses documentos apparece D. Sesnando nomeado com esta variedade de titulos: *alvazir, comes, consul, proconsul, dominus, dux, gubernator, imperator, præses.* [3]

[1] Masdeu, *Hist. Crit.* t. 15.º, pag. 124, n.º 3 e pag. 130 n.º 1. — João Pedro Ribeiro, *Dissertaçõcs Chronologicas* t. 4.º, P. 1.ª, pag. 82.

[2] Alexandre Herculano, *Historia de Portugal* t. 1.º, liv. 1.º

[3] Tempore illo quo Serenissimus Rex D. Fernandus ego consul. Sesnandus accepi ab illo potestatem Colimbrie et mnium Civitatum sive Castellorum que sunt in omni circuitu ejus scilicet ex Lameco usque ad mare per aquam fluminis Durii usque ad terminos quos Christiani ad Austrum possident... — Documento reproduzido por João Pedro Ribeiro nas *Dissertações Chron.* t. 4.º, P. 1.ª, pag. 142.

[1] Alexandre Herculano, *Historia de Portugal* t. 1.º, liv. 1.º

[2] Sub trino et perpetim manentis nomine uno patris et filii et spiritus sancti. In era MCª II intravit rex domnus fredenandus sit cui beata requies in civitatem colimbriam. custodiat illam deus. et prehendivit eam de tribubus hismahelitarum et tornavit eam ad gentem xpianorum cum adjutorio omnipotentis dei. Deinde in diebus illis erexit ipse honorificus rex predictus principem ibi magnum ducem et consulem fidelem domnum sisenandum. quem dominus undique exaltet super ipsam civitatem ut eam populasset et defendisset de gente paganorum. ubi sub dei adjutorio salvasset gentem xpianorum et deo annuente fecit. Ipso vero ibi morante precepit illi dare suis hominibus villas ad hereditandum et domos ad edificandum. et vineas ad plantandum. et fuissent ille hereditates et filis et suis. et uxoribus et nepotibus super illius auctoritatem et filiis et neptis. — Doação do conde D. Sesnando ao abbade Pedro da herdade e egreja de S. Martinho na era de 1118 (anno de 1080), a fl. 15 do *Livro Preto da Sé de Coimbra*, e reproduzida nas *Questões Forenses* do sr. João Correia Ayres de Campos, n.º 1, pag. 42.

[3] Muitos d'esses documentos podem ver-se na *Monarchia Lusitana*, P. 3.ª appendice; no *Elucidario* de Viterbo, verbo *Alvasir*; na *Memoria* IV *para a Hist. da Legislação e Costumes de Portugal*, por Antonio Caetano do Amaral; nas *Dissertações Chronologicas*, por João Pedro Ribeiro; no *Antiquario Conimbricense* n.º 3, pelo sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho; no *Tractado sobre as quotas de fructos agrarios denominadas rações*, pelo mesmo auctor; na *Noticia Historica do Mosteiro da Vacariça*, por Miguel Ribeiro de Vasconcellos; nas *Questões Forenses*, pelo sr. João Correia Ayres de Campos, etc.

Os documentos redigidos propriamente por D. Sesnando são notaveis pelo seu estylo. Diz o sr. Alexandre Herculano

D. Sesnando poz particular cuidado não só em conservar, mas em alargar os seus dominios, conquistando aos mouros algumas terras importantes.

A agricultura foi por elle consideravelmente desenvolvida. Restaurou e fundou varias egrejas; reedificou, fortaleceu e povoou muitas terras e castellos, entre os quaes se apontam Montemor-o-Velho, Soure, Tentugal, Penella e Arouce.

D. Sesnando tornou ainda caro o seu nome pelo serviço que prestou ás letras patrias, instituindo, de concerto com o bispo D. Paterno, junto da cathedral, um seminario de moços que viviam em communidade, sob a regra de Santo Agostinho, e que ali estudavam e se íam dispondo para illustrarem o reino com sua sciencia. [1]

Falleceu em 25 de agosto de 1091 [2] tendo governado 27 annos. [3]

*
* *

Na face norte da velha cathedral de Coimbra e junto da quina occidental vê-se, a pouco mais de um metro do chão, uma arca de pedra com tampa abaulada e tendo na frente a inscripção seguinte:

AQUY. JAZ. HUU. QUE. EM. OUTRO TENPO FOY. GRANDE. BAROM SABEDOR. E. MUITO. ELOQUENTE. AVONDADO E. RICO. E. AGORA HE. PEQUENA. CINZA ENÇARADA. EM. ESTE MOIMENTO E. COM. EL. JAZ. HUUM. SEU. SOBRINHO DOZ QUAEZ HUU ERA. JA. VELHO. E. OUTRO. MANCEBO. E. O NOME. DO. TIO SESNANDO. E. PEDRO. AVIA NOME. O. SOBRINHO

Os caracteres d'esta legenda são *allemães* minusculos, o que leva a crer que ella fôra esculpida desde a epoca d'el-rei D. João I até á de D. Manuel. A syntaxe e o estylo da inscripção parecem inculcar mais traducção do latim, do que composição original. Por baixo do tumulo vê-se na parede uma pequena escavação apropriada para se lhe embeber uma lapide, e póde muito bem ser que ella ali fosse posta e contivesse a inscripção original. [1]

Fallando do conde D. Sesnando, diz fr. Antonio Brandão: -- «Dizem que está sepultado no adro da Sé de Coimbra em um dos arcos da parede, o que devia ser, porque n'aquelle tempo se não sepultavam dentro das egrejas, nem ainda os maiores principes.» [1]

Conjecturamos que no tempo do bispo D. Jorge d'Almeida, fazendo-se importantes obras na sé e no seu adro, seriam removidas as cinzas do conde D. Sesnando, e então collocadas em novo tumulo.

Coimbra.

A. M. Simões de Castro.
Socio correspondente.

(*Hist. de Portug.* t. 1.º, nota II): «O estylo em que são redigidos os documentos do conde Sesnando offerece, em geral, formulas diversas das que usavam os notarios christãos. Alguns d'esses documentos parecem diplomas arabes, escriptos com palavras latinas. Não seria, até, conjectura demasiado atrevida, suppor que Sesnando fôra mussulmano antes de passar ao serviço de Fernando Magno»

[1] *Monarchia Lusitana*, P. 3.ª, liv. 8.º, cap. 5.º

[2] Era MCXXVIIII. Octauo cal. Septembris obiit Aluasil donnus Sisnandus — *Chronica Gothorum*.

[3] Relativamente a D. Sesnando, além dos logares citados, vide um artigo no *Escudo Christão* (jornal que se publicou em Lisboa em 1847) e outro artigo do sr. R. de Gusmão no *Archivo Pittoresco*, vol. 8.º, pag. 330.

[4] Vide *Dissertações Chronologicas* por João Pedro Ribeiro, t. 1.º, documento n.º 1, nota 1.

[1] *Monarchia Lusitana*, P. 3.ª, liv. 8.º, cap. 4.º

Planta da egreja abbacial do extincto mosteiro de Alcobaça, copiada da nossa obra inedita — «o Parallello das principaes egrejas de Portugal [2]» — da qual esteve exposta na Exposição universal de Vienna d'Austria, em 1873 [3], a primeira folha comprehendendo cinco d'estes 45 monumentos religiosos do paiz

(*Est. 29 do presente numero*)

Não foi publicada.

De todas as antigas egrejas construidas em Portugal não só esta é de mais remota fundação da monarchia, como, pelas suas grandiosas dimensões, a maior que possue o paiz, e haverá tambem poucas nas outras nações que lhe possam ser superiores.

Foi começada a sua construcção em 1149, e ficou concluida em 1222. Tem a fachada 221 metros de comprimento, a egreja 105^{m},38 de comprido, e a largura das tres naves é de 22^{m},35; o comprimento do cruzeiro é de 57^{m},30 e a sua largura de 7^{m},23; a altura das naves (egual em todas) é de 20^{m},68. O corpo da egreja compõe-se de 24 grossos pilares, tendo nas quatro faces columnas envoltas que servem de ponto de apoio aos arcos das abobadas. O numero de todas as columnas que ornam esta grandiosa egreja são 310, com o fuste inteiriço de 13^{m},20 de altura. A capella mór foi reconstruida em 1676. A charola é formada por 8 capellas, que circumdam a capella-mór. A nave principal é demasiadamente extensa para haver sufficiente logar para o côro de 900 frades, que ainda assim não tendo estes o necessario espaço dentro da capella-mór, obrigou a collocarem-se as cadeiras no corpo da egreja; e para se conservar a maior largura á nave, *desbastaram-se as columnas encostando-se os espaldares das cadeiras aos pilares!*

Esta egreja encerra dois monumentos que bastariam para dar merecida fama a este templo de Alcobaça; são os monumentos funereos que recordam o drama o mais pathetico e ao mesmo tempo o mais terrivel da nossa historia, por estarem depositados

[2] Veja-se o opusculo que publiquei em 1873 em francez, com o titulo — *Notice historique et artistique des principaux édifices religieux du Portugal.*

[3] Por este trabalho artistico foi conferido pelo jury ao auctor um diploma de merito.

na capella sepulchral d'este edificio religioso os sarcophagos de *D. Pedro I* e *D. Ignez de Castro*; como vae indicado no plano o logar que occupam n'este jazigo real [1]. Esta capella está situada do lado da epistola com entrada pelo lado direito do cruzeiro; é quasi quadrada, estando em roda os tumulos dos reis *D. Affonso II* e *de D. Affonso III*, assim como os de suas esposas *D. Urraca* e *D. Brites* e seus filhos; porém os magnificos tumulos de D. Pedro e de sua desditosa mulher estão collocados em frente um do outro quasi ao centro d'esta casa, havendo o esposo de D. Ignez determinado que pozessem o seu tumulo de maneira que os *seus pés ficassem voltados para os de sua mulher*, a fim de se poder erguer em frente d'ella no dia de juizo, e gosar o prazer de a tornar a ver no mesmo momento da sua resuscitação; tal era o extremoso affecto que lhe consagrava, que nem a morte seria capaz de aniquilal-o!

Ha na casa do capitulo d'este antigo mosteiro uma particularidade assás notavel, que me surprehendeu, e levou a indagar a causa que lhe dera origem.

Ha uma sepultura rasa situada á entrada da casa do capitulo, *metade dentro da sala e a outra metade do claustro*; a campa que cobre esta sepultura tem gravado a traço a effigie do abbade com o seu respectivo distinctivo. Fez me expectação o sitio insolito da sua posição, e quiz tambem averiguar a causa que tinha motivado similhante escolha. Achei, pois, na chronica do convento de Alcobaça o seguinte: «Que tendo havido um abbade bastante severo para com os seus companheiros, decidiram que a sua sepultura fosse collocada entre a porta da casa do capitulo e o claustro, *a fim de passarem sobre a sua effigie todas as vezes que houvesse capitulo!*»

O architecto — J. Possidonio da Silva.

[1] Visitando em 1869 o edificio historico de Alcobaça soube que tinha sido *vendida em hasta publica* a superficie superior da abobada pertencente á capella monumental em que se acham os restos mortaes de D. Pedro I, o *Justiceiro*, e de D. Ignez de Castro; havendo o comprador mandado construir um *celleiro* na area que fica sobre aquella abobada! Dirigi uma representação ao presidente da camara dos dignos pares, conde de Lavradio, e o assumpto foi objecto de uma interpellação do sr. marquez de Vallada, promettendo o sr. ministro das obras publicas e presidente do ministerio, duque de Loulé, pôr cobro a esta inaudita profanação, a este audacissimo vandalismo. São já decorridos DEZ ANNOS, e ainda existe no mesmo logar o cazarão de madeira *servindo de docel immundo* a um jazigo real, e sobre a propriedade nacional de um dos principaes monumentos do nosso paiz! Os srs. ministros, por duas vezes, pediram informação ácerca d'esta vergonhosa venda, porém não alcançaram resposta alguma!...

BIBLIOGRAPHIA

No anno passado publicou o doutor Augusto Filippe Simões, lente de medicina da Universidade de Coimbra, um livro intitulado:

INTRODUCÇÃO Á ARCHEOLOGIA DA PENINSULA IBERICA

Parte primeira — Antiguidades prehistoricas (com 80 gravuras)

É este um dos livros, que logo impressionam vivamente o leitor que se interessa pela sciencia e quer enriquecer o espirito pela acquisição de conhecimentos solidos e bem assentes. O assumpto de taes livros e o nome de seus auctores previnem desde logo os estudiosos, e os incitam a percorrer, sem interrupção, todas as paginas, por mais numerosas e extensas que sejam.

O douto auctor considera o estudo da archeologia como absolutamente necessario ao historiador, por ser um poderoso elemento de critica, e o mais adequado meio de fazer passar os methodos e noções da natureza para as sciencias historicas e sociaes.

Crê na perfectibilidade indefinida do homem, ao vêr que a natureza não produz as cousas logo de principio completas ou acabadas, mas sim no estado rudimentar, do qual progressivamente se vão elevando a mais aperfeiçoada fórma.

Este enunciado torna-se mais apreciavel desde que se attenta nos progressos que o homem foi fazendo na industria; servindo de termo de comparação os instrumentos imperfeitos que elle fabricava nas epocas prehistoricas.

Pretendendo o auctor escrever sobre a archeologia da Peninsula Iberica, era de razão que primeiramente se occupasse com as antiguidades prehistoricas.

N'esta conformidade, apresenta o auctor na primeira parte do seu vasto trabalho, uma serie de noticias e considerações, de reconhecida importancia historica e scientifica.

No capitulo I faz a resenha dos estudos prehistoricos na antiguidade, em diversos paizes da Europa, em Hespanha e em Portugal, mencionando os nomes e opiniões dos sabios, e os resultados por elles obtidos, e tendo occasião de apontar os illustres nomes dos portuguezes Carlos Ribeiro, dr. Pereira da Costa e Delgado. [1]

[1] No fim d'este capitulo diz o auctor, referindo-se a Portugal:

«Exploradores não os ha; collectores são raros. Sabemos dos srs. Judice no Algarve, Gabriel Pereira em Evora, Martins Sarmento em Guimarães e de ninguem mais.»

Em nota diz que, depois de escripto este capitulo, correu a noticia das grandes explorações, emprehendidas pelo sr. Martins Sarmento nas ruinas da Citania, e promette tratar do as-

No capitulo II — *Antiguidade do homem* — apresenta um resumo do estado d'esta importantissima e difficil questão.

No capitulo III *(Antiquiora Monumenta)* vem a classificação dos monumentos prehistoricos, segundo o systema de edade de pedra — lascada e polida; — edade dos metaes — cobre, bronze, ferro; e um apontamento dos resultados a que chegou o Congresso de Bruxellas.

No capitulo IV *(Primicias da Arte)* é a exposição acompanhada de um grande numero de gravuras de objectos de silex, feldspatho, schisto, osso e os restos de ceramica e de tecidos de esparto.

O capitulo V é consagrado ao exame das cavernas da peninsula e das condições dos seus habitantes.

No capitulo VI trata dos megalithos *(grandes pedras)* nas suas differentes especies, o menhir, o cromlech, o dolmen, o tumulo, a galeria, a pedra balouçante.

No capitulo VII *(Problemas)* levanta algumas questões, de summa importancia, mas de difficil resolução, «a que não responde por ora a archeologia senão com simples conjecturas.»

O capitulo VIII tem por objecto a *edade dos metaes;* sendo os capitulos IX e X destinados para tratar das *origens ethnicas.*

Sómente nos propozemos a dar aqui uma simples e succinta noticia bibliographica da obra do doutor Simões. Devemos, porém, mencionar o juizo que sobre ella formou o sr. Joaquim de Vasconcellos, tão competente em materia de *Litteratura d'arte.* Louva elle a abundancia dos materiaes explorados, a importancia das questões tratadas e o solido estudo do auctor; qualifica de excellente o resumo dos melhores e mais recentes trabalhos da sciencia; e encarece o merecimento de apresentar a primeira coordenação methodica dos materiaes da archeologia nacional até á data da obra.

Por minha parte accrescentarei, que a exposição do doutor Simões é clara e precisa, e que merece muitos louvores o cuidado com que, ou em *notas* ou no texto, define as palavras de mais difficil comprehensão.

Aos reparos que em determinados pontos especiaes fez o citado critico, respondeu já o auctor; e se por ventura occorresse nova discussão, seria ella muito proveitosa para os que desejam instruir-se.

sumpto no fim do volume em nota especial: o que effectivamente desempenha na 2.ª nota final, pag. 158 e 159, sob o titulo de: *A Citania de Briteiros.* Alli, fallando do sr. Francisco Martins Sarmento, diz que não houve até hoje, em toda a Peninsula, exemplo de tamanho zelo e dedicação.

No mesmo anno de 1878 publicou o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva a seguinte obra:

NOÇÕES ELEMENTARES DE ARCHEOLOGIA

E illustrada esta obra com 324 gravuras, e precedida de uma *Introducção* do sr. I. Vilhena Barbosa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias.

Relativamente ás gravuras, já se disse, e com toda a razão, que «entre nós ainda não appareceu livro tão profusamente e tão bem illustrado.»

A *Introducção*, escripta pelo sr. Vilhena Barbosa, é um bello quadro historico da archeologia, primorosamente elaborado e summamente instructivo. Não podia o livro do sr. Possidonio da Silva ter á sua frente uma exposição preliminar mais adequada e mais luminosa. Termina a *Introducção* dizendo que a archeologia precisa de soccorrer-se da linguistica, da paleontologia, da geologia, da anthropologia e da ethnologia.

Das *Noções elementares de archeologia* deram obsequiosa noticia os jornaes de Madrid, Porto, Lisboa, e o Boletim francez de archeologia. [1]

Ás observações do sr. D. Rodrigo Amador de los Rios respondeu o auctor na carta que passamos a transcrever:

«*Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Rodrigo Amador de los Rios.* — Muito meu presado amigo: não só me cumpre agradecer a v. ex.ª o modo tão lisongeiro como se dignou apreciar a minha modesta publicação das *Noções elementares de archeologia*, cujo juizo critico foi publicado no acreditado jornal hespanhol a *Epoca*, de 20 de setembro do corrente anno, mais devido á amisade com que me distingue, do que ao merito proprio; mas tambem devo-me justificar da censura que me faz pela omissão de não comprehender n'esse *resumido compendio de archeologia*, que dei á luz em Portugal, o estylo *mudejar*. Tendo-me cingido á obra publicada pelo afamado archeologo, mr. Caumont, como declaro por mais de uma vez na citada publicação, até v. ex.ª nota esta circumstancia, não quiz alterar a classificação,

[1] Fez-nos o sr. Possidonio a fineza de mostrar uma carta de Victor Hugo, com expressões muito lisongeiras a respeito da obra de que tratamos. E' a seguinte:

Paris, 7 decembre 1878.

Monsieur. — Vous faites une noble tentative. Elle réussira. Le Portugal est en progrès, et c'est une des nations sur les quelles la civilisation s'apprécie plus certainement de jour en jour: l'œuvre du passé, comme vous la comprenez et comme vous la construizez, fait partie de l'œuvre de l'avenir. Je ne doute pas de votre succès, et c'est du fond du cœur que je vous envoie mon plus cordial et mon plus sincère applaudissement. — VICTOR HUGO.

nem completar a nomenclatura architectonica que adoptara aquelle auctor, aliás mui versado na sciencia; pois sendo o meu trabalho dedicado á memoria do illustre archeologo, não seria delicado, nem talvez louvado, rectificar a obra d'elle; portanto, limitei-me a seguir as indicações do *Tratado de archeologia*.

As eruditas e judiciosas considerações que v. ex.ª expoz no referido artigo, publicado na *Epoca*, ácerca do meu humilde trabalho, são muito admissiveis, e certamente se eu me propozesse tratar *especialmente dos differentes estylos que possue Portugal*, não teria omittido exactamente aquelle peculiar á Peninsula, e teria ido procurar nas excellentes publicações do celebre archeologo hespanhol o sr. D. José Amador de los Rios, o dignissimo pae de v. ex.ª, de tão saudosa recordação, para me referir ao caracter architectonico, que distingue os monumentos erigidos durante o dominio sarraceno no solo da Lusitania: portanto, não foi de caso pensado, como v. ex.ª me faz a justiça de declarar, que deixei de occupar-me d'esse estylo, mas tão sómente por haver respeitado o auctor francez, á memoria do qual consagrei o meu livro. Espero pois, que v. ex.ª me fará o obsequio de publicar no jornal citado estas attendiveis explicações.

Julgo, pelo que fica exposto, que ficará desculpada a falta que v. ex.ª havia notado, e que os archeologos de todos os paizes saberão avaliar os motivos ponderosos que obstaram a que não alterasse o meu proposito.

Novamente reitero os meus agradecimentos pelas benevolas expressões que se dignou dispensar-me, as quaes teem duplicado apreço para mim, por serem dictadas por tão distincto sabio, e emanadas da sua leal e affectuosa amisade; posto que reconheça que unicamente os sentimentos de estima, com que me honra, exageraram o merecimento da minha publicação, ouso confiar que não obstante os defeitos que n'ella se notam, ainda poderá alcançar a indulgencia dos cultores da sciencia archeologica, tendo só em conta o intuito de dar a estes estudos (ainda que incompletos) o necessario desenvolvimento em Portugal, onde infelizmente, por em quanto, são tão descurados.

Sou com a maior consideração e subida estima— De v. ex.ª, etc. —Lisboa, 17 de outubro de 1878.»

Na *Actualidade*, do Porto, deu o sr. Joaquim de Vasconcellos uma desenvolvida noticia da obra do sr. Possidonio da Silva.

«Em Portugal (diz aquelle, por fim) não haverá um amador das bellas artes que não tenha muito que aprender das *Noções*... E' possivel que o seu *Manual* contribua tambem para suster a furia destruidora que se apoderou dos nossos curas, abbades, abbadessas, etc.»

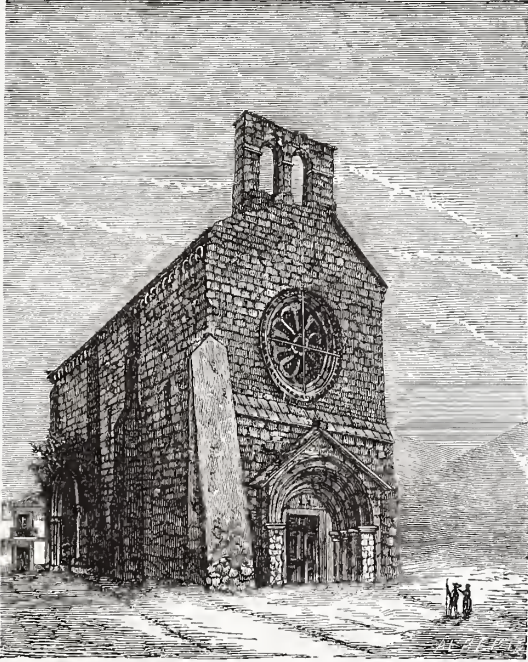
Diversos reparos criticos fez o sr. Vasconcellos sobre a obra do sr. Possidonio, que este, por certo, ha de tomar em conta opportunamente; sendo de crer que as *Noções* tenham segunda edição, e muito para desejar que o governo auxilie a nova publicação de tão util trabalho.

Em todo o caso parece-nos que não desagradará aos leitores do *Boletim* encontrar aqui um extracto das *Noções,* relativo a um monumento architectonico de Portugal.

Espelho da fachada da egreja de S. João de Alporão

«Temos ainda felizmente, em Portugal, um edificio religioso que conserva o typo completo de architectura do seculo XII, e é o que pertence á profana da egreja de S. João de Alporão, em Santarem. Todas as fórmas e detalhes, que caracterisam a architectura romana, se conservam ainda na dita construcção. Os seus dois portaes com o feitio de volta semicircular; as columnas sem lavor sustentando archivoltas sobre os capiteis; o tympano liso por cima da verga do portal; os butarcos singelos; a cimalha composta de carrancas; o espelho ou oculo aberto na extremidade da nave e radiado; a fachada principal voltada para o lado do poente, conforme a orientação adoptada no culto christão; apparelho de cantaria de pequenas dimensões applicado á construcção, conservando muita largura nas juntas das pedras; tudo emfim nos offerece o completo modelo das primitivas egrejas, d'aquella época, que o fundador da monarchia portugueza mandou construir no reino. Que além de apresentar mais evidente prova do estylo da architectura do seculo XII, tambem nos confirma ter pertencido esta fabrica do reinado de D. Affonso Henriques, mostrarem egualmente as pedras d'esta edificação *signaes com que na edade media os canteiros marcavam o trabalho executado,*[1]

[1] Veja-se a nossa obra, escripta em francez no anno de 1868, com o titulo — *Mémoire d'Archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal, in-4.º avec 544 fac — similes.*

signaes necessarios para reconhecer a qual dos operarios pertencia, e saber tambem quanto se devia pagar a cada um: pois que esses signaes são similhantes aos demais gravados na cantaria dos monumentos coevos do paiz, notando-se esta particula-

Egreja de S. João de Alporão

ridade não só nas ruinas dos castellos, mas tambem nos edificios religiosos. A nossa satisfação aqui sobe de ponto por sermos o artista que primeiro apresentámos tal specimen, tão precioso e completo da archeologia patria da referida época.»

O sr. Carlos Ribeiro publicou no anno passado um novo trabalho da serie dos estudos prehistoricos em Portugal.

A Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa, escripta em portuguez e acompanhada da traducção franceza, tem o seguinte titulo:

NOTICIA DE ALGUMAS ESTAÇÕES E MONUMENTOS PREHISTORICOS

Firma o sr. Carlos Ribeiro a asserção de que Portugal manifesta no seu solo bastantes provas da existencia do homem nas epocas prehistoricas. «Effectivamente, diz elle, quer se examinem as camadas lacustres do antigo lago terciario da região inferior do Tejo, quer se explorem os depositos quaternarios dos valles e dos plan'altos, quer se interroguem os depositos recentes e os monumentos megalithicos do paiz, encontrar-se-hão por toda a parte não raros vestigios da presença do homem primitivo.»

Mas o sr. Carlos Ribeiro, no escripto de que tratamos, limita-se a dar conhecimento de diversos factos archeologicos e anthropologicos da epoca da pedra polida, descobertos sob a sua direcção e por elle examinados.

Divide o seu trabalho em seis secções:

1.ª Noticia da estação humana de Licêa, nas visinhanças de Barcarena;
2.ª Monumentos megalithicos e primitivas estações humanas das visinhanças de Bellas;
3.ª Monumentos prehistoricos da serra de Cintra;
4.ª Descripção de tres grutas sepulchraes da Quinta do Anjo, nas visinhanças de Palmella, e dos objectos n'ellas encontrados;
5.ª Estação prehistorica das visinhanças de Palmella;
6.ª Os restos humanos das grutas de Pernes.

Note-se, porém, que na parte publicada da sua Memoria não vem ainda a descripção das estações das visinhanças de Bellas, Cintra e Palmella.

No que respeita a Licêa, examina e dá conta dos mais importantes factos archeologicos e anthropologicos d'aquella estação, e offerece uma boa copia de elementos para o estudo prehistorico.

Depois de descrever os objectos mais importantes que pôde colligir, passa a considerar a ethnographia da estação, e conclue pela plausibilidade da presumpção da existencia de duas civilisações prehistoricas em Licêa, uma em plena edade da pedra polida, e a outra na transição d'esta para a do bronze.

Louvores ao incansavel academico, que tão brilhantes provas tem dado de sciencia e de amor do trabalho.

José Silvestre Ribeiro.

O ITINERARIO DA TERRA SANTA

Foi ha pouco presenteada a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, com um livro do seculo XVI, o *Itinerario da Terra Santa*, composto por Fr. Pantaleão d'Aveiro.

Temos por certo que haverá sido agradecida competentemente a obsequiosa offerta do livro, bem como a d'outro de que agora não cabe tratar. Pela nossa parte só pretendemos dar uma breve noticia da obra aos leitores do *Boletim*, a quem for desconhecida.

O exemplar offerecido á Associação saiu da officina de Antonio Pedroso Galram em 1721; sendo assim a 5.ª edição. Na 1.ª e 2.ª edição era a obra *dirigida* a D. Miguel de Castro, arcebispo de Lisboa; n'esta, porém, omittiu-se tal *direcção*, e substituiu-se-lhe o seguinte dizer: *Offerecido a Jesu Crucificado*. Parecerá talvez altamente respeitosa a nova dedicatoria; mas ficámos duvidando, se era

permittido alterar o primitivo titulo em edições posteriores ao fallecimento do auctor.

Frei Pantaleão fez a sua viagem á Terra Santa com o maior contentamento, como quem satisfazia assim *aos intimos e cordeaes desejos de visitar e ver os santos logares.*

A esses ardentes desejos oppunham-se muitos impedimentos: *a grande jornada, os perigos do mar, a falta do necessario, e a obediencia monastica.* Um acaso feliz, porém, lhe trouxe opportunidade aos seus votos.

O rev.º padre geral guardião do Monte Sion, frei Bonifacio de Araguza, que andava *a fazer nova familia de frades para a Terra Santa,* lhe pediu quizesse ser seu companheiro: o que frei Pantaleão (que então estava em Roma junto do procurador da sua Ordem) não só acceitou, senão teve em conta de assignalada mercê.

Foram despedir-se de Paulo IV. O pontifice *lançou o braço no pescoço de frei Bonifacio*, encommendando-lhe com muita efficacia os logares da Terra Santa, e que *não ordenasse cavalleiros do Santo Sepulchro, senão a pessoas muito nobres e illustres.*

Paulo IV era descendente de nobres, e n'esta recommendação andou mais o neto do conde de Montalone, do que o pontifice — *servus servorum Dei.*

Foi abundante a colheita (estive quasi em dizer— recrutamento), de frades nas differentes cidades da Italia, nada menos de *sessenta.* Ordenou-se-lhes que fossem esperar em Veneza que se apromptasse a náu dos peregrinos d'aquelle anno para a Terra Santa. Os dois chefes foram depois assistir ao embarque dos peregrinos em Veneza, e effeituado elle partiram para Trento, onde então se celebrava o Concilio. D'ali voltaram a Veneza, recebendo frei Pantaleão ordem do guardião geral para esperar por elle em Chypre.

Deliberou-se frei Pantaleão d'Aveiro a escrever o itinerario da sua peregrinação, ao considerar que o mesmo haviam praticado outros peregrinos; e mais o fazia para refrescar a sua propria memoria no futuro, do que para ministrar noticias a outros. Assim mesmo, communicava o seu trabalho aos curiosos, pedindo-lhes que não *attentassem as toscas e grosseiras palavras com que ia escripto*, mas sómente a muita *fidelidade e verdade com que o escrevia.*

N'este particular houve da parte do auctor uma demasia de modestia; pois que é elle do numero dos bons escriptores quinhentistas, e o seu livro não desmerece o elogio, que já lhe foi feito, quando se disse que é pura a linguagem, animada, agradavel e ás vezes elegante a phrase.

Apontaremos algumas breves passagens da descripção de Veneza, ponto de partida da sua peregrinação. Não se demora muito n'esta descripção, e assim explica elle o motivo de sua parcimonia a respeito da encantada cidade.

«E como d'ella em geral a fama é pregoeira, e em particular muitos auctores escreveram suas grandezas, sómente direi mui pouco, por minha penna não ser delicada, que possa dizer muito.»

Em todo o caso, toma nota de algumas particularidades curiosas:

«Vai pelo meio da cidade um canal mui largo, que a divide em duas partes, no meio do qual tem uma mui formosa ponte, toda de muitas tendas occupada, cheias de preciosas e ricas mercadorias. Pelo meio d'este canal navegam galés de toda sorte, caravellas carregadas, e náus grandes vasias. Anda-se quasi toda a cidade por mar e por terra... e isto, por haver 450 pontes, entre publicas e particulares, a maior parte d'ellas de pedra, e outras de madeira.»

Incuria fôra de Frei Pantaleão o não fallar das gondolas. A tal respeito diz o que se segue:

«E para serviço dos que querem negociar suas cousas por mar, e com mais brevidade, tem a cidade onze mil barcas, antes mais que menos: as quaes chamam *gondolas:* e todas andam toldadas de panno preto, com muita curiosidade, e limpeza, em tanta maneira, que os mais dos dias lhe põem um lençol lavado de popa a prôa, para que os que entram ponham os pés n'elle, e não sujem a gondola.»

Nenhuma disposição tenho para ser severo com o auctor do *Itinerario;* mas força é que o seja a proposito d'uma comparação de pessimo gosto, que emprega a respeito dos toldos das gondolas. «*Os toldos,* diz elle, *são feitos ao modo dos que cá costumam levar as tumbas da Misericordia*, de maneira que os que vão dentro não são vistos, se não querem.» — Dir-se-hia que o bom de frei Pantaleão estava sempre dominado pela representação de imagens lugubres da *morte*, ainda quando descrevia objectos graciosos que o homem aproveita na *vida!*

Frei Pantaleão d'Aveiro ficou arrebatado de alegria quando contou o numero de conventos que havia em Veneza: *vinte conventos de religiosos, e vinte e quatro de religiosas...*

Vejamos outras passagens, que possam revelar algum indicio de bom gosto, em materia de bellezas architectonicas:

«É toda a cidade ornada de mui ricos aposentos, e paços soberbissimos, com toda a sorte de jaspes, e finissimos marmores de diversas côres, e outras mui preciosas pedras, de que cá não temos noticia... As janellas pela maior parte tem vidraças *(note-se que viajava o auctor no anno de 1565).* Os templos são muitos, e os mais ornados e sumptuosos que tenho visto, em tanto, que eu sou de opinião excederem aos de Roma, e o seu principal ornato é se-

rem muitos d'elles *santificados* e *ornados* de mui preciosas reliquias.» *(Santificados, devemos crêl-o; mas ornados... com reliquias, é necessario um esforço de imaginação para o crer possivel.)*

Grande impressão lhe fez a cathedral de Veneza.

«O templo principal, e egreja cathedral, que os italianos chamam *Il Domo*, e os portuguezes chamamos *Sé,* onde está o corpo do glorioso evangelista, S. Marcos, patrão dos Venezianos, é todo lavrado de obra mosaica, e o retabulo do altar mór de prata, e ornado de tanta e tão rica pedraria, em tanta quantidade e grandeza que quem não souber a magestade, poder, riqueza e gravidade da Senhoria veneziana, facilmente poderá julgar ser a tal pedraria falsa.»

Causou-lhe admiração a dilatada rua do Rialto, parecendo-lhe *ser uma feira armada e ornada de todas as mercadorias e mercadores do mundo;* não se esquecendo de ter visto ali *grandes livrarias, em que se acha toda a maneira de livros que quizerdes.*

Descreve com algum desenvolvimento o Arsenal de Veneza:

«Dentro da cidade tem um *almazem*, ao qual elles chamam *arsenal*, cercado de alto muro, tudo torreado com altas torres: seu circuito tem um bom terço de legoa, antes mais que menos, dentro do qual trabalham de continuo quinhentos homens em cousas de mar, assim em fazer galés, como em fazer náos e outros navios.»

Não proseguiremos hoje. Voltaremos talvez a apontar algumas curiosidades que particularmente se refiram aos logares santos que o peregrino visitou; e d'elle nos despediremos no Libano, ao pé dos gigantescos e venerandos cedros que haviam affrontado os seculos.

José Silvestre Ribeiro.

CHRONICA

O sr. Abel Acacio d'Almeida Botelho enriqueceu a collecção dos objectos prehistoricos do nosso museu com um *Celt* em diarithe, de pequenas dimensões, o que indica ter servido de *amuleto;* o qual foi descoberto no Minho, proximo de Barcellos. Os cavalheiros que têem interesse em concorrer para esse augmento, não só dão prova da sua illustração, como egualmente de estimarem a fundação d'este primeiro museu de archeologia em o nosso paiz.

Mais outro fragmento antigo, achado em Alemquer, nos offereceu o nosso consocio effectivo, o sr. José da Cunha Abreu Peixoto: consta de uma cabeça e meio corpo de um leão, posto que mutilado, deixando ver que foi obra executada por habil artista.

Recebeu o nosso presidente a visita do sabio estrangeiro, mr. Oscar Mortelius, que veiu procural-o ao museu do Carmo para renovar o conhecimento que haviam feito nos congressos estrangeiros, onde ambos tinham estado; e ao mesmo tempo examinar os objectos da edade de bronze que possuisse a associação; pois que este distincto archeologo, que se tem dedicado ao estudo dos instrumentos da edade de bronze, viera a Hespanha e a Portugal para colher todas as informações ácerca dos descobrimentos pertencentes a esta edade. Mr. Mortelius examinou, mais de uma vez, a nossa collecção, copiou os desenhos no tamanho dos originaes, ficando admirado pelo typo especial que têem os *machados de bronze* que foram ultimamente descobertos, e de que nós mandámos alguns á exposição universal de Paris em 1878.

O nosso presidente foi, para o obsequiar, apresental-o ao sr. dr. Pereira da Costa, distincto lente da escola polytechnica, onde o sabio estrangeiro tirou tambem copia dos desenhos de todos os objectos da edade de bronze.

Recebeu o sr. Possidonio da Silva carta do seu amigo e collega, mr. Cazali, de Fondouce de Montpellier, na qual lhe communica que mr. Oscar lhe declarou que Portugal era mais rico em objectos prehistoricos do que a Hespanha.

Este archeologo vae publicar um trabalho comparativo ácerca da edade de bronze do Norte da Europa, da Scandinavia e da Peninsula Iberica.

Veiu augmentar a collecção dos instrumentos de *pedra polida* do museu da nossa real associação uma offerta de sete *machados*, de grandes dimensões, que o nosso digno socio correspondente, o sr. Gabriel Pereira, alcançou, pertencentes á provincia do Alemtejo, assim como um *machado de bronze*, do typo primitivo. São objectos de bastante importancia archeologica em relação ao solo portuguez.

NOTICIARIO

O digno presidente da camara municipal de Lisboa, o sr. José Gregorio da Roza Araujo, offereceu em nome do municipio uma lapide com uma inscripção do XVII seculo, a qual estava n'um portal da cerca de S. Vicente, que pertencia a Antonio Luiz Ribeiro, em cuja casa esteve hospedado no anno de 1668 o duque de Montoro. Tambem ali residiu, por serem os ares mais puros, a serenissima infanta D. Catharina.

A nossa associação agradece mais este relevante serviço, prestado tanto pelo digno presidente da camara como pelo nosso consocio o sr. José Tedeschi.

Um novo processo para a conservação das madeiras de construcção: consiste em pôr sobre as bordas de um grande tanque uma pilha de madeira, mandando metter no fundo d'elle uma camada de cal virgem, e pouco a pouco amollecel-a, para que o vapor produzido pela fusão banhe a madeira, fazendo-lhe adquirir uma consistencia e dureza especial, porque a cal, penetrando até ao centro, lhe dá essa qualidade. Deixa-se estar assim por alguns dias, conforme

for a grossura: as tábuas basta que estejam uma semana.

O mais facil meio de evitar a sonoridade dos sobrados, é encher o espaço entre o vigamento com a casca de carvalho, aparas de cortiça ou a cinza de lenha.

A quantidade d'agua distribuida diariamente em Paris é de 295:248 metros cubicos; sendo fornecidos pelo rio Sena 24:998 metros.

Os habitantes utilisam-se de 114:950 metros cubicos, ficando destinados 180:298 metros cubicos para o aceio das ruas, lavagem das sargentas e serviço dos chafarizes monumentaes.

NECROLOGIA

No dia 23 de janeiro deixou de existir o nosso prezado collega, mr. José Luiz Duc, afamado architecto francez, nascido em Paris em 1802.

A triste noticia do passamento d'este insigne artista, membro do Instituto e socio honorario da nossa Real Associação, veiu enlutar a classe dos architectos. Foi uma grande perda a de tão celebre confrade, o qual, pelos seus trabalhos na construcção da elegante columna do monumento de Julho, mereceu ser agraciado com a distinctissima ordem da Legião de Honra em 1840, pois já então o seu fecundo talento era proclamado entre os seus emulos!

Substituiu mr. Hugot (meu chorado professor e amigo) na importante construcção do palacio de justiça, que veiu a ser a joia da sua corôa architectural; n'este superior trabalho artistico patenteou mr. Duc mais uma vez o seu raro talento e pericia pela maneira intelligente com que dirigiu tão explendida edificação.

Recebeu o grau de official da Legião de Honra em 1862, sendo eleito membro do Instituto em 1866 e da secção de architectura da Academia de Bellas Artes.

Mereceu tambem, pelo seu superior talento, uma extraordinaria demonstração publica, pela preferencia de ser laureado entre os principaes artistas dos tres ramos de pintura, de esculptura e de architectura, tendo-lhe sido conferido o premio de 18:000$000 réis, instituido pelo imperador Napoleão III com o fim de premiar a *obra mais notavel e primorosa que n'estas tres artes liberaes tivesse sido executada em França:* todavia, mr. Duc dava maior apreço ao engrandecimento da sua profissão, do que mirava ao seu proprio interesse, sendo dado sómente aos grandes artistas terem tão elevado sentimento. Para prova d'esta fundada opinião, destinou mr. Duc d'este premio a quantia de 8:600$000 réis, cujos juros fundariam um premio para em cada biennio dar-se ao novel architecto, que em concurso publico désse provas de subido talento na creação de um estylo caracteristico do seculo XIX, ficando o concorrente com ampla liberdade na escolha do edificio a construir. Tomando esta esclarecida resolução, mr. Duc demonstrava quanto o seu caracter era nobre e generoso, assim como qual era o culto que consagrava á sua profissão; grangeando-lhe esta acção os applausos de todos os seus confrades, e egualmente a admiração dos homens illustrados de todos os paizes.

Na exposição universal de Vienna d'Austria obteve a *medalha de honra* pelo seu grande merecimento artistico; em 1872 recebeu das mãos do digno presidente do Instituto real dos architectos britannicos a *grande medalha de ouro da Rainha*, distincção mais subida a que presentemente possa aspirar um architecto.

A morte, porém, veiu arrebatal-o aos seus constantes trabalhos; dirigia então a restauração do antigo palacio de justiça, aos quaes dedicava o seu maior desvelo; e posto que fallecesse com o grau de commendador da Legião de Honra, não será isso que conservará ao seu nome maior realce, ainda que tivesse jus a essas honorificas distincções, mas principalmente pelo seu incontestavel merito será levado á posteridade.

Em Roma applicava-se com assiduidade ao estudo dos monumentos classicos; e o seu ultimo trabalho, como pensionista, foi a esmerada restauração do Colizeu, pelo que lhe foi concedida a medalha de 1.ª classe da academia. Causou geral admiração a primorosa execução d'este grandioso monumento.

Ainda no principio do corrente anno, mr. Duc me havia dirigido os seus cortezes e fraternaes cumprimentos; longe estava do meu pensamento, que elles seriam o adeus derradeiro do estimado collega, que quebrava para sempre as nossas relações no mundo! Conservando a agradavel recordação de quanto eu era grato á sua amizade, pois tanto em Roma, como longe d'elle, sempre me distinguiu com cordeal estima; agora sómente o sentimento occupará o logar que lhe tributava o meu affecto. Nem o tempo nem a mágua poderão quebrantar-me a veneração á memoria d'este amigo honrado e meritissimo artista.

Lisboa, 2 de fevereiro de 1879. *O architecto* — J. DA SILVA.

1879, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1879 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 10

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

O DIA 2 DE MAIO DE 1879

As associações scientificas, litterarias e artisticas, as de beneficencia, as da industria e as economicas; emfim, todas as associações que se recommendam por qualquer titulo — subordinado aos interesses da humanidade, ou ás exigencias da civilisação: todas ellas, do mesmo modo que as familias e os individuos, têem os seus dias festivos, *dies albo notanda lapillo*.

N'esses dias privilegiados, ou se recorda algum acontecimento importante, ou se commemora algum anniversario feliz, ou se galardoam serviços, ou se traça o plano de trabalhos uteis, ou se prepara um futuro esperançoso para a realisação dos designios capitaes que motivaram a instituição das associações.

Tambem a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes tem d'esses dias faustos na sua vida modesta, e como que retirada.

Foi um d'elles o dia 2 de maio do anno corrente, em que se celebrou a sessão annual, destinada a tornar conhecidos os trabalhos feitos, a recapitular os successos occorridos, e a premiar os socios benemeritos.

A solemne sessão de 1879 foi presidida por S. M. El-Rei o senhor D. Fernando: o que contribuiu para maior realce d'este prazenteiro acto.

A Magestade dos Reis dá sempre fulgor ás reuniões a que elles assistem; mas, no presente caso, ao lustre da alta jerarchia juntam-se a capacidade e o merito da augusta personagem. El-Rei o senhor D. Fernando é um distincto cultor das Bellas Artes, desvelado promotor do progresso das mesmas, e intelligente e generoso protector dos artistas portuguezes.

O presidente da assembléa geral, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, que sem adulação podemos chamar *a alma* da Real Associação, leu um bem elaborado relatorio, que adiante vae publicado *in extenso*. Cremos que aos leitores será muito agradavel a leitura d'esse documento, por quanto alli hão de ver as notaveis proporções que o Museu tem tomado, quaes os trabalhos effeituados no ultimo anno, e devidamente elogiados diversos socios.

O 1.º secretario, o nobre visconde de Alemquer, leu a correspondencia.

Logo depois teve a palavra o talentoso socio, o sr. Luciano Cordeiro, para proferir o elogio do acreditado archeologo e litterato do reino visinho, D. José Amador de los Rios, que fôra socio honorario d'esta Real Associação. O retrato do illustre estrangeiro foi inaugurado, vindo assim a enriquecer a galeria de retratos de notaveis architectos, engenheiros e archeologos que adornam a sala das sessões.

Em seguida teve a palavra o erudito e incansavel socio, o sr. Joaquim de Vasconcellos, para ler uma memoria ácerca do retrato do nosso Damião de Goes.

Tanto a respeito do *Elogio*, como da *Memoria*, quizeramos apresentar aqui uma resumida noticia, e dar expansão ao contentamento que experimentámos ao ouvir esses trabalhos. Seria, porém, uma temeridade fiar das impressões fugitivas de uma primeira leitura a exposição dos enunciados d'esses escriptos, e a apreciação do seu merecimento litterario, historico e artistico. Temos por mais acertado deixar que elles fallem por si mesmos, quando chegarem a ser publicados n'este *Boletim*.

El-Rei, o senhor D. Fernando, procedeu então á distribuição das medalhas com que a Real Associação resolvera premiar os relevantes serviços prestados por alguns socios.

D'entre os contemplados com esta distincção estava presente o dr. Francisco Antonio Pereira da Costa, cujo nome, de reputação européa, corre já na lista dos sabios estrangeiros. Aos olhos da Real Associação se assignalou elle pelos seus trabalhos pre-historicos e archeologicos.

Tambem o sr. Joaquim de Vasconcellos recebeu a medalha, em demonstração do apreço em que são tidos os seus numerosos escriptos archeologicos, reveladores de aturado estudo e de não vulgar erudição.

Os ausentes socios que haviam de receber medalhas, eram os srs. Carlos Ribeiro, assignalado já no conceito dos sabios pelos seus recommendaveis escriptos pre-historicos e archeologicos; — o sr. Lucas José dos Santos Pereira, distincto architecto, a quem foi, tão justificadamente, confiada a restauração do admiravel edificio da Batalha; — e o sr. Gabriel Pereira, esperançoso mancebo já conhecido como descobridor e collector nos dominios da archeologia.

Se a Real Associação não tivesse prestado outros serviços mais do que premiar os seus socios benemeritos, — desempenhado haveria ella já uma proficua e valiosa parte de sua nobre missão. Mas, feizmente, e para gloria sua, tem tambem alargado a riqueza do seu Museu, e contribuido para a successiva restauração de um grandioso e monumental edificio, que está vinculado com as mais gratas recordações da historia de Portugal.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

NB. — Depois de se haver mandado para a imprensa o precedente artigo, enviou o sr J. de Vasconcellos a sua Memoria, que em seguida publicamos.

RETRATOS DE DAMIÃO DE GOES

A. — Original. Desenho a carvão; (Entre 1525 e 1527) .... { Altura 34 cent. 50 mil. Largura 27 cent. 50 mil.

1. Retrato com o monogramma A. D. *pseudo-Dürer*, segundo um original desconhecido de cerca de 1540, gravado em cobre na velhice de Goes.
2. Retrato por Filippe Galle ou Gallæus *em cobre*. (1572).
3. Retrato por Hogen *em cobre*. (1602).
4. Retrato anonymo flamengo, circular, de pequeno formato (1612) *em madeira*.
5. Retrato anonymo allemão, em 16.º (1688) *em cobre*.
6. Retrato anonymo allemão em 4.º talvez do mesmo anno; em?
7. Retrato por J. da Cunha e C. de Fontes (1817) *em cobre*.

A. Na *Albertina* de Vienna.

1. Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e em casa do sr. G. Barreto; citado já em *Musicos Portuguezes*. (Porto, 1870, vol. I pag. 124). *sub*. n.º 5 na lista dos retratos apud Gerber: *Neues histor. biogr. Lexikon der Tonkünstler*. Leipzig, 1813, vol. IV pag. 692.

2. Cit. por Barbosa Machado, *Bibl. Lusit*. vol. I pag. 619.

3. Cit. por I. da Silva *Dicc. Bibl*. vol. VII pag. 84, segundo informações da antiga collecção de Barbosa Machado existente no Rio de Janeiro; cita errado: *Hogan* Vimos um exemplar na Bibliotheca Nacional e outro na do fallecido Rivara, em Evora; ambos os retratos pertencem á mesma collecção: *De Rebus hispanicis lvsitanicis*, etc. Coloniœ Agrippinae, 1602, 8.º a pag. 7 Reifenberg (*Relations entre la Belgique et le Portugal* pag. 62 cita um retrato de J. Hogenberg na edição *De Rebus hispanicis* Colonia) 1602 in-8.º; não póde ser senão o retrato n.º 3, e a assignatura Hogen abbreviada de Hogenberg (aliás contra a regra, que manda abbreviar em *b*. sic: Hogenb.)

4. Na obra *Opus chronographicum* orbis universi etc. de Petrus Opmeer ed. de L. Beyerlinck. Anvers, 1612. Verdussen, fol, pag. 489. Communicação do nosso amigo o sr. R. Vicente d'Almeida.

5 e 6. Citados por Gerber, *Hist. biogr. Lexicon der Tonkünstler*. Leipzig, 1792. Vol. II pag. 21; e d'ahi em *Musicos Portuguezes* vol. I, pag. 124 *sub* 1 e 2; são porém ambos anonymos, ao contrario do que alli se diz.

7. Nos *Retratos e Elogios de Varões e Donas*. Lisboa, de 1806 a 1829, 4.º O retrato de Goes sahiu na 13.ª caderneta, em 1817. Citado em *Musicos Portuguezes*, vol. I, pag. 124.

8. Retrato anonymo portuguez, circular, pequeno formato (1837) *em madeira.*
9. Retrato por P. A. Guglielmi (1842) *em lythographia.*
10 a 12. Retrato anonymo, de formato maior, da collecção de Barbosa Machado; e mais dous da mesma collecção.

O RETRATO DE DAMIÃO DE GOES

POR

A. DÜRER

A descoberta do caminho da India que alterou profundamente as condições do commercio europeu modificou de um modo sensivel as nossas relações internacionaes, mesmo dentro da Europa. O trato commercial com os paizes de Flandres que havia decahido desde a morte do infeliz Carlos, o *Temerario*, em Nancy (1477), reviveu graças á intervenção de um elemento vital n'esses paizes; era o elemento allemão, representado pela brilhante personalidade de Maximiliano I d'Austria — *der letzte Ritter* — o ultimo cavalleiro, que herdára o antigo e nobilissimo ducado de Borgonha, com a mão da unica filha do ultimo Duque. Se fossemos a julgar pelas razões de parentesco, tanto valia para nós, em Flandres, o Duque Carlos, como Maximiliano d'Austria; ambos eram filhos de principes de Portugal. O primeiro, como filho da Infanta D. Isabel [1] da progenie d'El-Rei D. João I; o segundo como filho da Infanta D. Leonor, Imperatriz d'Allemanha [1] e filha d'El-Rei D. Duarte — tanto um como o outro nutriam de certo vivas sympathias pelos portuguezes. Além d'estas razões de parentesco havia a gratidão pessoal de Maximiliano, a quem D. João II libertára, por assim dizer, do captiveiro, em Bruges, pondo á sua disposição 100,000 ducados d'ouro e toda a força do seu braço. [2] Mais poderosos, porém, que os laços do parentesco e o sentimento pessoal do futuro imperador d'Allemanha [3] (1493-1519), eram as razões economicas, o impulso irresistivel dos interesses materiaes da Europa, profundamente abalados pelas nossas descobertas. A via principal do commercio *interno* que ligava a Allemanha com a Italia — a via que ligava Colonia a Basilea pelo Rheno, Basilea, Ulm e Regensburg pelo Danubio e penetrava na Italia pelo Brenner e valle do Adige (Etsch), tocando em Innsbruck, Brixen, Botzen, Trento, Verona, etc. até Veneza — ficou deserta, ou pouco menos. Os italianos de Veneza, de Genova, etc., correram a Lisboa; e logo atraz vieram os allemães de Nürnberg, de Augsburg, de Regensburg, os Welser, os Fugger, os Hochsteter, emfim as casas de todas aquellas cidades que tinham sido até alli as agencias centraes entre o commercio oriental e septentrional. A corôa de Portugal deu porém logo ao commercio das novas conquistas o caracter de privilegio, segundo o espirito da época, e até certo ponto desviou, d'esse modo, a força da corrente commercial que procurou, naturalmente, um grande *porto livre*, um porto do Atlantico. Antuerpia, que começava a chamar a si o commercio de Bruges, desde as revoltas da grande cidade industrial, soube captar as sympathias de Maximiliano, as de El-Rei D. João II e, mais ainda, as de El-Rei D. Manuel. Em 1516 tinham as feitorias dos estados europeus passado para o novo emporio commercial; a de Portugal sahiu de Bruge- ainda em fins do seculo XV. [1] Durante os primeiros vinte annos do seculo XVI Antuerpia assistiu ás explendidas festas dos palacios de *Schermere* e *Ym-*

8. Na revista *Universo Pittoresco*. Lisboa, 1839-1844, 4.º gr. O retrato de Goes appareceu no vol. II (1841-1842); citado em *Musicos Portuguezes*, vol. I pag. 124.
9. No *Panorama* vol. I, (1837) pag. 110.
10. Citados por I. da Silva *Dicc. Bibl.* vol. VII pag. 84 sic: «Em que entram dous, um maior, e de excellente buril, e outro mais pequeno aberto por Io Hogan. Ha outro de pau antigo, e pequeno, de fórma circular entro os numerados.» O primeiro é o unico desconhecido e talvez o mesmo que possue Salvá (*Catalogo de la Bibliotheca de Salvá*. Valencia, 1872, vol. II pag. 481); fallando da 2.ª edição da Chronica d'El-Rei D. Manuel de 1619:

«A mi ejemplar se ha agregado um retrato grabado en cobre que no parece pertenecer a la edicion.» Sendo a edição de 1619 em fol., é possivel que o retrato seja em 4.º O segundo retrato citado por I. da Silva, apud Machado, é provavelmente o n.º 3 de 1602; o terceiro será decerto o n.º 4 de 1612

Com effeito Negler (*Monogrammisten*, vol. IV, pag. 61) cita a abbreviatura com relação a um retrato de Goes com esta rubrica: «*Damianus Agoes* (a Goes), 4.»

O retrato de 1602 é porêm do formato do volume, em 8.º e diz: DAMIANVS A GOES EQVES LVSITANVS Io Hogen, Fe.

Altura do retrato: 97 millim. Com a inscripção mais 22 millim. Largura: 72 millim.

Talvez houvesse erro na indicação do formato da parte de Nagler. Este auctor cita mais obras de Hogenberg; vol. II, monogr. 260; vol. III, monogr, 730, 1065, 1089, 2516, 2568; vol. IV, monogr. 149, 169; e outros individuos da mesma familia; Abrahão, Francisco, João Nicolau, etc,

[1] Casada a 24 de julho de 1429 em Lisboa, por procuração, com o Duque Filippe III, o *Bom*, de Borgonha. Morreu em Dijon em 1472. V. *Sobre as Relações de Portugal com a corte de Borgonha* (sec. XV e XVI, em *Arch. art.* fasc. IV pag. 87.

[1] Casada com o Imperador Frederico III em 1452, em Roma; falleceu perto de Vienna em 1467. V. *Arch. art.* fasc. IV pag. 85, nota, e pag. 151.

[2] Vide G. de Resende. *Chronica d'El-Rey D. João II* (ed. de Coimbra, 1798, 4.º) pag. 105 e seguintes. Reifenberg. *Bulletins de l'Académie royale de Belgique*, n.º 3, vol. XIV, 1847, pag. 232–234, illustra os serviços de D. João II a seu primo com documentos curiosos e ineditos.

[3] Maximiliano tinha em vida de D. João II (fallecido em 1495) só o titulo de *Rei dos Romanos*.

[4] Em fins do seculo XIV já havia colonia de negociantes porguezes em Bruges e Sluis *(l'Écluse)* Reifenberg, *Bulletin*, pag. 236. Sobre a passagem das feitorias extrangeiras, de Brugos para Antuerpia, v *Arch. art.* fasc. IV, pag. 6. Quando publicámos este fasciculo não conheciamos o estudo de Vanden Bussche, *Flandre et Portugal*, Bruges, 1872, 8.º (103 pag.) Fazemos esta declaração por causa de certas referencias communs a ambos os trabalhos. As nossas fontes foram outras.

merseele, onde os feitores de Portugal haviam estabelecido a sua residencia. Em outro logar [1] esboçámos a curta, mas brilhantissima historia dos feitores, dos amigos de Albrecht Dürer, amigos convictos, sinceros e admiradores intelligentes. O personagem de cujo retrato nos vamos occupar, tambem viveu nas salas de *Schermere* e *Ymmerseele* e alli ouviria os primeiros louvores do grande pintor allemão, alli veria nas mãos dos velhos feitores, os primeiros trabalhos authenticos do grande artista. Damião de Goes entrava em Flandres em 1523, como *escrivão de Fazenda* da Feitoria de Portugal. Ainda hoje não é possivel fixar com certeza o logar da entrevista entre Damião de Goes e Dürer, apezar de um estudo profundo da sua biographia; é todavia incontestavel que ella teve logar. O retrato que temos presente falla claro; elle é tido, desde ha muito, como obra authentica da mão de Dürer; foi classificado como tal pelos especialistas allemães, não tendo nenhum d'elles motivo algum patriotico que podesse tornar suspeita a classificação, como succederia se algum de nós a fizesse. Elles não sabiam, nem sabem ainda hoje quem seja o personagem representado; os catalogos officiaes dão-o como retrato de um *desconhecido*. O confronto com as differentes gravuras annexas [2] decide a questão.

As outras circumstancias relativas ao retrato estão porém elucidadas, graças a uma serie de descobertas que vamos apontar.

A data provavel do desenho, as relações de amisade entre Goes e Dürer, a via pela qual ellas se estabeleceram, a reputação de Dürer em Portugal — tudo isto se póde documentar.

É impossivel dar ao retratado uma edade inferior a 25, e superior a 26 ou a 27 annos, maxime; portanto, a data do desenho será 1526 ou 1527.

Dürer morreu a 6 de abril de 1528, de repente; em 1526 ainda estava na plenitude da sua força creadora; attestam-n'o os *Quatro Apostolos* ou *Quatro temperamentos*, em Munich e, na serie dos retratos, os de Hieronymus Holzschuher no *Germanisches Museum* de Nürnberg, de Johann Kleberger e Jakob Muffel. Dürer não sahiu nos ultimos annos da sua cidade natal; é provavel, portanto, que o encontro tivesse logar em Nürnberg. Retratos de Dürer, posteriores a 1526 não os ha, e o quadro dos *Quatro temperamentos*, do mesmo anno, entregue ao conselho municipal da cidade a 6 de outubro, é considerado como a ultima profissão de fé do grande artista. [3] O encontro em Flandres não só é impossivel pelas datas da viagem [1] de Dürer a essas provincias (1520-1521) e pela data da entrada de Goes em Antuerpia (1523), mas ainda pela idade que o retratado representa, porque, tendo Goes nascido em 1501, deveria o desenho accusar 20 a 21 annos, o que é contra toda a evidencia.

Subsiste, pois, a hypothese acima indicada do retrato ter sido executado em Nürnberg.

As relações de amisade entre Goes e Dürer foram já por nós explicadas pela existencia do circulo ou cenanulo: [2] Erasmo, Peutinger, Jakob Fugger, Amerbach, Glareanus. etc. e a intima amisade dos feitores de Portugal com Dürer em 1520 e 1521. [3]

Ainda longos annos depois vinha a Goes, no meio do doce socego da sua livraria, á memoria o grande talento de Dürer. É o que attesta a seguinte passagem de uma preciosa carta de Goes ao celebre latinista Jeronymo Cardoso, carta por nós descoberta na Bibliotheca d'Evora:

«Eodem ipso puncto, quo juvenis ille, cui epistolam tuam, mihi reddendam commisisti, ingressus est cubiculum nostrum effigiem magni illi Erasmi Roterodami per Albertum Direnum (sic) [4] suæ ætatis, inter germanos, eximium exculptorem, in manibus habebam. Eamque cum contemplari cœpissem, et tanti viri hospitisque quondam felicissimi mei recordatio me in sublime sensum meorum arripuisset: Ecce de repente tu quasi ex insidiis, huic nostro solatio, tua epistola, novum gaudium adjicere voluisti.» [5] etc.

D'este modo, n'uma unica folha de papel, Goes fazia reviver juntos: o grande pintor e o grande humanista, que ligára o seu nome ao de Dürer, n'um eloquente elogio [6] feito a esse mesmo retrato que Goes tinha na mão.

Para caracterisar a reputação internacional de Dürer, e terminar o quadro, antes de passarmos a um rapido exame dos retratos, basta transcrever o seguinte testemunho do celebre Cochlæus (1479-1552):

«Opera Dureri longissime mittuntur, quippe extant figuræ passionis Domini, quas ipse depinxit, in æs incidit atque impressit, adeo subtiles sane, atque ex vera perspectiva efformatæ, ut mercatores ex tota Europa emant suis exemplaria pictoribus.» [7]

[1] *Arch. art.* fasc. IV, pag. 32-54.
[2] Eram as gravuras marcadas na lista junta com os numeros: 1, 4 e 7.
[3] M. Thausing Dürer, *Geschichte seines Lebens und seiner Kunst* Leipzig, 1876, pag. 483 e seguintes.

[1] *Dürers Briefe, Tagebücher und Reime.* Wien, 1872. Cartas, Diario de Viagem, Poesias; tudo já extractado por nós em 1877.
[2] *Arch. art.* fasc. IV, pag. 145 e 146, e notas.
[3] *Idem.* cap. IV. Dürer e a Feitoria portugueza, pag. 32-54.
[4] Copiámos a carta de um manuscripto do seculo XVIII, porque a collecção impressa é positivamente *introuvable;* o manuscripto diz: *Direnum,* talvez por *Durenum.*
[5] H. Cardosi, *Epistolarum familiarium libellus.* Olysipone, apud Joanem Barrerium, 1556. 8.° Carta LIX.
[6] Erasmus *Opera omnia* (ed. de Leyden) vol. III pag. 721. Carta de 30 de Julho de 1526 e outras passagens: Alberto Durero, quam gratiam referre queam, cogito. Dignus est æterna memoria, etc. Vide ainda Thausing. *Op. cit.* pag. 497.
[7] *Compend. ad Geogr. Pomp. Melæ,* cap. IV.

Depois do que escrevemos em 1877 é escusado repetir os obsequios que esses *mercatores*, e especialmente os portuguezes, fizeram a Dürer em Anterpia em 1520 e 1521, e explicar miudamente a influencia que as 221 gravuras, desenhos e pinturas, dadas por elle aos feitores, exerceram sobre a arte nacional.

Resta-nos, finalmente, averiguar a procedencia do desenho a carvão da *Albertina*, e explicar a nossa descoberta.

O achado do desenho a carvão, ou antes: a descoberta da personalidade, que elle representa, é o facto capital para a apreciação do problema; é a unica base segura para a justa avaliação de todos os mais retratos.

Não foi ao acaso que nos dirigimos sobretudo aos desenhos fac-similes da *Albertina*, que tem perto de 150 desenhos originaes de Dürer. Já em 1877 notámos [1] a circumstancia de haverem passado no fim do seculo XVI uns 200 desenhos de Albrecht Dürer de Madrid para Vienna, comprados em 1587 pelo conde de Khevenhiller, embaixador e agente de Rodolpho II d'Austria, imperador de Allemanha. Este monarcha foi um colleccionador enthusiastico e intelligente das obras de Dürer; foi elle tambem que comprou a collecção *düreriana* [2] da casa Imhof de Nürnberg [3] em 30 de dezembro de 1588. Os mercadores d'essa casa, uma das primeiras de Nürnberg [4] negociavam em grande escala para Portugal; a firma tinha uma agencia em Lisboa e n'essa agencia trabalhavam filhos da propria familia. Em Portugal morreu por exemplo Ulrich Imhof *(Im-Curia)*, membro d'essa celebre casa e chefe da agencia de Lisboa; foi enterrado na egreja de Nossa Senhora da Conceição segundo Roth, [5] ao lado de Wolfgang Behaim irmão do celebre Martin Behaim. Guilhany [6] cita em 1519 um Michael Imhof em Lisboa que deu a M. Behaim, um credito para a compra de *brincos* e *gentilezas* do Oriente com que podesse presentear os seus parentes e amigos de Nürnberg. [7] Isto bastará ao nosso proposito para a demonstração das intimas relações dos dois grandes fócos da Renascença allemã Augsburg e Nürnberg, com Portugal.

Em presença d'estes factos não seria inverosimil suppôr que algum agente d'essa casa, cujo chefe, Wilibald Imhof *der Aeltere*, revolvia a Europa á procura de obras originaes para a sua collecção *Düreriana*, que algum agente ou parente d'essa casa, em Lisboa, comprasse no leilão que se seguiu, sem duvida, ao confisco [1] da fortuna de Goes, os numerosos objectos d'arte que enriqueciam a habitação do chronista, e que ali attrahiam frequentes vezes el-rei D. João III, a rainha D. Catharina, o cardeal D. Henrique, Francisco de Hollanda [2] e outros. [3] Tudo isto parecerá natural, se nos recordarmos do seguinte facto eloquente, que prova a attenção com que a colonia allemã seguia em Portugal os factos menos notaveis. Em 1513 chegava a Lisboa um *Rhinoceronte*, [4] mandado da India a D. Manuel;

[1] *Influencia de Dürer em Hespanha* em *Arch. art.* fasc. IV, pag. 70 e seguintes.

[2] Sobre a historia e valor d'essa collecção, vide a monographia de Thausing.

[3] J. F. Roth. *Geschichte des Nürnbergischen Handels.* Leipzig, 1800–1802. Em 4 vol. Os Imhofs apparecem citados a todo o momento. Vol. I, pag. 114, 129, 277, 334; vol. IV, pag. 393, etc., etc.

[4] *Geschichte des Nürnbergischen Handels*, Vol. I, pag. 120.

[5] *Geschichte des Seefahrers Ritter Martin Behaim.* Nürberg, 1853, fol. pag. 78 e documentos, pag. 114–115.

[6] Eram provavelmente as joias, raridades, e objectos curiosos das novas conquistas de que já fallámos extensamente (*Arch. art.* fasc. IV, pag. 25 e 26) com que os negociantes allemães de Lisboa faziam grande commercio para Allemanha. Alguns dos objectos que Behaim comprou são identicos aos que os feitores de Portugal deram a Dürer, e que causaram tanta admiração em Nürnberg.

[7] Os Imhofs de Nürnberg ainda no seculo XVIII estavam em relação com Portugal. Jacob Wilhelm Imhof publicava de 1701–1717 uma serie de trabalhos importantes, luxuosamente impressos e illustrados, sobre a genealogia dos reis de Portugal e do Hespanha e sobre a Grandeza de ambos os reinos:

Corpus Historiae genealogicae Italiae et Hispaniae. Norimbergiœ, 1701–1702. Fol.

Stemma Regium Lusitanicum, sive historia genealogica familiæ regiae Portugalicae... usque ad praesens aevum deductae, et narratione rerum in Portugallia gestarum — insigniumque iconibus exornatae. Amstaelodami, 1708. Fol.

Ha um exemplar na Bibliotheca do Porto, mas faltam-lhe as estampas.

Genealogiae viginti illustrium in Hispania familiarum ordine alpbabetico exhibitae exeg. hist. perp. illustratae, iconibusque insignium exornatae, Lipsiœ, 1717. Fol.

Recherches historiques et généalogiques des grands d'Espagne. Amsterdan, 1707, 12.º (com gravuras).

[1] O processo de Goes perante a Inquisição durou desde 4 de abril de 1571 (ordem de prisão) a 6 de dezembro de 1572. O confisco teria logar em fins de 1572 ou principios de 1573. O fundador da collecção Imhof, falleceu só em 1580.

[2] É o que consta de um exame minucioso do processo que existe, em copia authentica, na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Lopes de Mendonça (*Annaes das Sciencias e Letras*, publicados pela academia) extractou-o mal, deturpando os nomes allemães de cidades, pessoas, etc., e supprimindo passagens que, por isso mesmo, não póde harmonisar. As provas do que dizemos em breve.

As relações entre Antonio e Francisco de Hollanda e Goes são summamente curiosas, e ainda não foram comprehendidas.

Só um *livro de Horas* que Goes deu á Rainha D. Catharina foi avaliado por Antonio de Hollanda em 750 cruzados!

Entre os presentes que elle deu a El-rei D. Sebastião, ao Nuncio, á nobreza, ás egrejas e conventos figuram quadros de auctores celebres, tapeçarias preciosas, bordados, obras de esculptura, artefactos das industrias d'arte — um museu, em ponto pequeno!

[3] V. *Arch. art.*, fasc. IV, pag. 146.

[4] Este Rhinoceronte causou tal admiração em Lisboa que até nas *Cartilhas* da época apparece retratado! É a prova mais eloquente da sua immensa popularidade. Achamos nada menos de quatro exemplares d'esta rarissima *Cartilha* na Bibliotheca de Evora. I. da Silva. *Dicc. Bibl.* vol. II, pag. 51, n.º 217, cita uma cartilha em Portuguez e tamul (Lisboa, 1554, por German Galhardo) e outra cartilha portugueza apud Cenaculo *(Mem. hist. dos Progr. o Rest. das Letras*, pag. 65) o qual lhe attribue a data de 1540 e a diz impressa por German Galhardo. É por certo uma das quatro da Bibliotheca de Evora (fundação de Cenaculo). O curioso animal vem grosseira, mas fielmente gravado em madeira a fol. 32, v. do

como fosse uma novidade scientifica houve logo um allemão que a desenhou e a mandou — a quem? — a Dürer, directamente ou por um amigo commum, porque o *Rhinoceronte* lá apparece na Allemanha entre as obras de Dürer. Este gravou-o logo em ponto grande. (Veja-se Bartsch, 136; Heller, n.º 1904) juntando-lhe — methodo de allemão — como texto explicativo, a relação da testemunha de Lisboa.

É crivel, em vista d'esses factos, que a colonia estrangeira ignorasse a riqueza de uma collecção particular, reunida por um homem de reputação europea, por um sabio que tinha corrido toda a Europa em missões officiaes da mais alta importancia, hospede de Erasmo, amigo de Melanchton, de Bembo, de Sadoleto, de Beatus Rhenanus. e de muitos outros não menos illustres? Entendemos que a colonia estrangeira não o podia ignorar e que a melhor parte do *Museu Goësiano* voltou para o paiz de onde viera.

Eis, em resumo, a serie de considerações que fizemos antes de mandar vir os retratos *anonymos* (permitta-se-nos o termo) da *Albertina*. Sabiamos que o fundo da *Albertina* é a antiga *Rudolfina;* que o fundo d'esta era a collecção *Imhof;* que a casa commercial d'este nome, cujo chefe reunia tudo o que apparecia de Dürer, tinha agencia em Portugal e que essa agencia existia quando o fisco lançou mão das collecções de Goes e as vendeu, provavelmente em leilão. O resultado de nossos estudos foi feliz, as combinações eram acertadas. O retrato, o desenho (que já em 1877 classificavamos, instinctivamente, como devendo ser *desenho a carvão)* ahi está; isto é certo, como é certo que nós o perdemos.

Vejamos agora as reproducções:

N.º 1. O monogramma d'essa gravura é falso; e esta falsificação refere-se, não só á gravura em si, como feita por Dürer, mas á gravura, como representando o desenho original de Dürer, tirado do natural.

As razões são as seguintes:

1.º A gravura não é de Dürer, porque o retrato representa Goes com 40 annos, pelo menos; seria pois feita por 1541 (Goes nasceu em 1501), mas Dürer morreu em 1528 (6 de abril).

2.º A inscripção do retrato diz (3.ª linha):

Hic, alia vt taceam serâ data scripta senecta,

accusa, portanto, uma data ainda muito posterior a 1540, porque significa:

Este, (Goes) para que callemos os outros escriptos (seus)
da tardia velhice
Recebeu o nome da historia dos Aethiopes
(Aethiopum accepit nomen ab historia).

A razão n.º 1 é irrespondivel. Comparando o desenho com a gravura, não se poderá dar ao primeiro, como dissemos, menos de 25 annos, nem mais de 27; ao segundo menos de 40. Pessoas estranhas ao interesse nacional da questão, a quem submettemos, entre nós, ambos os retratos, sem indicar os motivos do confronto, acertaram na mesma cifra.

Á segunda poderão objectar o seguinte: Se Goes figura ahi n'essa gravura, com só 40 annos, como é que a inscripção falla de *tardia velhice* (sic)? A isso ha a responder: A inscripção que é [1] de Arias Montano, seria accrescentada pelo gravador, que reproduziu um retrato feito anteriormente, por outro original desconhecido de cerca de 1540 ou 1541, a inscripção explica-se, se attendermos ao que é mais provavel, que o retrato foi gravado para alguma collecção iconographica. É sabido que estas collecções não tinham texto explicativo; a inscripção suppria-o.

Ora essa inscripção do *pseudo-Dürer* concorda singularmente com a inscripção do retrato gravado por Felipe Galle ou Gallæus, *apud* Machado [2], e essa gravura de Galle pertence exactamente a uma collecção iconographica, como provámos em 1877. Concluimos, portanto, que, segundo a nossa convicção, esse *pseudo-Dürer* é simplesmente o retrato de Galle, e, n'este caso, a *tardia velhice* (sera senectus) da inscripção fica naturalmente explicada, porque essa collecção iconographica de Galle é de 1572, data em que Goes contava 71 annos.

Resta attender a dois pontos ainda: se o retrato é de Galle, devia ter o seu nome, e não o tem. É isto mais um argumento de que o retrato é de uma collecção iconographica; essas collecções costumavam apresentar o nome só *uma vez* no frontispicio. Isto é sabido, geralmente.

Emfim, a ultima objecção: o monogramma de Durer A. D. É o argumento mais fraco que póde

seguinte exemplar, encorporado n'uma Miscellanea. Cart. 146. d. 1 É o ultimo opusculo d'este volume.

— *Esphera armilar* (gravura em madeira) — Segue o titulo em baixo, em quatro linhas:

Cartinha pa ensinar a leer. Cõ as doctrinas da prudencia. E os dez mandamentos da ley; cõ suas contras. Agora novamente. Em 16.º de 32 folhas inf. S. d. n. l.

[1] Benedictus Arias Montano, celebre theologo hespanhol que editou a grande *Biblia polyglota* da officina Plantiniana em 8 vol. in fol., 1569-1572. Falleceu em 1598 com 71 annos. V. Foppens. *Bibliotheca Belgica*, vol. I, pag. 130-132, que dá mais pormenores e o retrato.

[2] *Bibliotheca Luzitana.* vol. I, pag. 619.

Inscripção em B. Machado *(op. cit.)*

Gentis Thucidides enarrat gesta Pelasgæ
Romanã claret Livius Historia:
Hic alia, ut taceã, sera data scripta senecta
Æthiopum accepit nomen ab historia.

Inscripção da gravura n.º 1

Thucydides gentis enarrat gesta Pelasgæ
Romanis claret Liuius in Deca ~ IV
Hic, alia vttaceam serâ data scripta senecta
Æthiopvm accepit nomen ab Historia

ser apresentado; é um argumento elementar;[1] com relação a Dürer é especialmente perigoso; dil-o o primeiro conhecedor das obras de Dürer o Prof. Thausing:

«Ueber Die Berechtigung zur Führung dieses Namens entscheiden bei erhaltenen Werken nur innere Merkmale; alle blos ausserlichen Belege für die Herkunft derselben treten bei Dürer mehr als bei allen anderen Künstlern in den Hintergrund».[2]

Em outra parte diz o mesmo douto biographo:

«Sicher ist... dass auch fast alle Gemälde Dürers, die sich bis zur Neige des sechszehnten Jahrhunderts und darüber hinaus in Nürnberg befanden, in zwei oder mehreren Exemplaren auf die Nachwelt gelangten. Solche Nürnberger Copisten, um nicht zu sagen Fälscher Dürers, waren vornehmlich Hans Hofmann (gest. um 1600), von dem schon Andreas Gulden, der Fortsetzer Neudörffers, 1660 sagt: «copierte den Albrecht Durer so fleissig nach, dass viele seiner Arbeiten für Dürerische Originalen verhandelt werden»: später sodann Georg Gärtner (gest. 1654) und Bonnacker, Joh. Christian Ruprecht, Johann und Georg Fischer, Jobst Harrich (gest. 1617) Paul Juvenel (gest. 1643) u. A. Diese posthume «Schule Dürers» steht einzig da in der ganzen Kunstgeschichte. Kein anderer Meister, nicht einmal der vielgeprüfte Raphael, ist von der Fälschung so beharrlich ausgebeutet worden, wie Albrecht Dürer.[3]

O que significa pois o monogramma? Uma falsificação, executada para realçar o preço á gravura; d'esses falsificadores como: Hans Hofmann, Georg Gärtner, Bonnacker, Joh. Chr. Ruprecht, Johann Fischer, Georg Fischer, Jobst Harrich, Paul Juvenel, e de muitos mais, se queixa a historia.

[1] Nagler (*Monogrammisten*, vol. I, pag. 150) apresenta nada menos de 22 desenhos de monogrammas differentes de que Dürer usou, todos legitimos com o D dentro da parte inferior do A; e mais 11 monogrammas de imitadores! Seria absurdo argumentar só com esse signal.

No supplemento indica mais quatro monogrammas duvidosos com o celebre A D, n.os 351, e 360–362. Veja-se em geral o extenso artigo dedicado a Dürer, pag. 150–219.

[2] Thausing. *Dürer*, etc., pag. 144. Traducção literal:

«Sobre o direito de usar d'este nome só póde decidir uma prova: a demonstração de caracteres ou qualidades intrinsecas nas obras sujeitas ao exame; *todos os signaes meramente exteriores*, dados em abono da procedencia original, perdem a sua significação, em Dürer mais do que em nenhum outro artista».

[3] Thausing, *Op. cit.*, pag. 142. Traducção litteral:

«É certo que quasi todos os quadros de Dürer que se conservaram em Nürnberg até ao fim do seculo XVI, e ainda além d'esta data, chegaram á posteridade, em dois o mais exemplares. Esses copistas de Nürnberg, ou para dizer melhor, falsificadores de Dürer foram principalmente:» . . . seguem os nomes de oito falsificadores *e outros*, u. A. (und andere). Conclue:

«Esta escola posthuma de Dürer não tem exemplo na historia. Nenhum grande mestre, nem ainda mesmo Raphael, tão ludibriado, foi perseguido com tanta tenacidade pelos falsarios como Albrecht Dürer».

Falsificava-se esse monogramma, porque elle representava um valor corrente, universal, tão universal: *ut mercatores ex tota Europa emant suis exemplaria*, que todo o mundo o acceitava como ouro de lei.

Disse.

ADDITAMENTUM

A INSCRIPÇÃO DE ARIAS MONTANO

Pelo que dissemos antes (pag. 150, 2.a col.) se conclue que o retrato n.º 1 com o falso monogramma de Dürer apresenta uma contradicção flagrante, porque contem uma inscripção que não concorda com a idade do mesmo retrato. Não concordando tambem a gravura n.º 1 com o *desenho a carvão*, original de Dürer, pelas rasões expostas no texto, devemos concluir, como já fizemos, que a gravura representa outro original, de auctor desconhecido,[1] entre os annos 1540 a 1544.

A inscripção discordante seria accrescentada em 1572 pelo gravador (Felipe Galle) quando se publicou a collecção iconographica a que elle pertenceu. Arias Montanus forneceria então a inscripção epigrammatica ao gravador.

[1] Reifenberg, (*op. cit.*, pag. 62) suppõe a existencia de uma pintura de Cornelius Graphæus (amigo intimo de Goes) de que o gravador J. Hogenberg (aliás Hogen) se serviu. O auctor belga reduz a gravura de Felippe Galle (que elle parece não ter visto) a essa mesma origem. Reifenberg refere-se, sem duvida, ao verso:

> «Quis pinxit? Suus iste Graphæus quoque scilicet ille
> Novit qui et versu, et pingere peniculo».

que é um fragmento de uma das poesias (*Farrago Carminum*) que ornam a edição dos *Opuscula* de 1544, em 4.º, Lovania, por R. Rescius. Essa poesia de Graphæus, intitulada: *Pictura* illustris Damiani de Goes, Equitis Lusitani, illustra e completa o retrato:

> «Cuius imago ist hæc, placido sub pallida vultu?
> Ridet purpureo suavis in ore rubor.
> Frons læta, exporrecta, alacris, dulcedine quadam
> Præ se fert puri pectoris indicium,
> Blandi oculi, bene nigri oculi, coma nigra, capillis
> Subcrispis, nigro barba colore decens,
> Prægraciles malæ, gracile est a pectore collum,
> Sunt graciles digiti, sunt gracilesque manus,
> Stat bene compositum iusto moderamine pectus,
> Stat bene compositum parte ab utraque latus».

Uma das poesias de Graphæus, incluida na collecção de opusculos de 1544: *Xenia Saturnalitia*, é assignada: Antuerpiæ, *e nostro musæo*, Pridie Thomæ Apost. hoc est ipsis Saturnalibus, 1530. Parece poder deduzir-se d'este trato com Graphæus o gosto de Goes pelas obras d'arte; a phrase: *pingere et versu et peniculo*, a rubrica da *Xenia*, a descripção artistica do retrato do Goes nos versos citados, tudo parece levar a crer que existiu com effeito um retrato de Goes, pintado por Graphæus. Foppens (*Bibliotheca belgica*, vol. I, pag. 201) gaba o talento artistico de Graphæus. «Vir ævo illo disertus, e variæ eruditionis, Poeta, Orator, Historicus, et Cantor Eximius, ac variarum Linguarum peritus . . .»

Foppens, *Bibliotheca Belgica*, Bruxellis, 1739. Vol. II, pag. 1032, escreve:

«Philippus Gallæus, Batavus, Harlemensis, Chalcographus insignis, de Republica literaria, & arte pictoria optimo meritus, *Ben. Ariam Montanum*, Ortelium, Moretum unice coluit.» E cita em seguida entre as suas collecções de gravuras, em segundo logar:

Effigies CL Virorum, versibus Ariæ Montani ornatæ; sem data, nem logar de impressão, nem marca de formato. Note-se o: *versibus Ariæ Montani ornatæ* que vem confirmar a nossa hypothese. É certo que as collecções citadas por nós [1] em 1877 *(Arch. art.* fasc. IV, pag. 149 nota 2) accusam titulo differente: *Effigies XLIV doctorum virorum de disciplinis bene merentium.* Antuerpiæ, 1572. Em 4.° e in-fol. e *Effigies LI doctorum virorum qui bene de studis litterarum meruere.* Antuerpiæ, 1581 e 1587. Em 4.° e in-fol. No entanto, é preciso notar que Foppens abbreviou os titulos das collecções que cita, como se verá confrontando-os com as citações rigorosamente bibliographicas de Nagler *(Die Monogrammisten,* Munchen, 1878, vol. IV, pag. 889.) O que nos interessa principalmente na citação de Foppens é a nota: *versibus Ariæ Montani ornatæ.* Felipe Galle nasceu em 1537 e morreu em 1612. Goes regressou ao reino em 1545, para não sahir mais, trazendo comsigo, de certo, o precioso desenho de Dürer. O gravador Galle tinha então oito annos, não podia pois conhecer essa obra. Querendo gravar depois o retrato de Goes lançaria mão d'outro original, de auctor desconhecido, executado entre 1540 a 1544, antes de Goes regressar a Portugal. A existencia d'esse outro original explica-se: Damião de Goes havia-se distinguido pouco antes no cerco de Lovania (1542); depois soffreu um longo captiveiro em França; em 1544 recebeu, como premio de seus serviços em Flandres, o novo escudo d'armas de Carlos V, confirmado por D. João III. Em 1544 se publicou a primeira collecção completa dos *Opusculos* em Lovania. Goes tornára-se uma celebridade em Flandres, um patriota; [2] os seus amigos e admiradores (ou talvez a propria cidade de Lovania) desejaram possuir o seu retrato. Felipe Galle deu-lhe depois um logar de honra na sua galleria utilisando-se para esse fim do original (desconhecido) mandado executar em 1542, 1543 ou 1544.

É possivel que o auctor d'elle fosse algum d'esses artistas que atraz citamos (pag. 151) como pertencentes á *escola posthuma* de Dürer, e que tanto abusaram do seu monogramma.

Seria impossivel ainda pôr a gravura n.° 1 em relação com outro original de Dürer differente do *desenho a carvão*, porque a idade do retratado refutaria essa relação em todos os casos.

A gravura representa 40 annos, pelo menos, ou a data 1541. [1]

Dürer morreu em 1528, quando Goes tinha apenas 27 annos.

Não ha por onde sahir d'este dilemma; ninguem ousará affirmar que o *desenho a carvão* representa a mesma idade da gravura n.° 1. Seria absurdo; seria cegueira não vêr no segundo retrato os fundos sulcos cavados nas faces de Goes pelas desillusões da vida, pelas intrigas aulicas [2] e pelos trabalhos de suas longas viagens. Os labios firmemente cerrados, denunciam ainda a vontade resistente, varonil; mas os grandes olhos rasgados, limpidos, já se encheram alguma vez de lagrimas e fitam o mundo como quem o conhece a fundo. Por sobre o rosto passou já a sombra da melancholia; um vago presentimento do futuro tenebroso illuminou a sua vasta e nobre fronte que se occulta debaixo do chapeu tricorne para não confessar tudo o que advinha. É bem a sua figura: *placido sub pallida vultu!* mas Goes emmagreceu; as linhas do rosto accentuam-se com dureza. E de facto, quando o original d'esse retrato foi executado já Goes tinha esbarrado com o Infante D. Henrique, já o *veto* do Inquisidor Geral o tinha ferido. [3]

Nada d'isso no *desenho a carvão;* nem uma leve sombra em todo o rosto. No olhar — *blandi oculi, bene nigri oculi* — apenas a vaga curiosidade de quem entrou ha pouco no labyrintho da vida. Na expressão, no vestuario escolhido e raro, em tudo,

[1] Apud Brunet (5.ª ed.) vol. II, pag. 1464.

[2] Pedro Nannio, amigo intimo de Goes tambem publicou uma relação do cerco de Lovania, glorificando a sua conducta:

Petri Nannii *Oratio de obsidione Lovaniensis:* adjunctus est dialogus de milite peregrinos. Lovanii, Seruatius Sassenius, 1543, pag. em 4.° de 30 folhas, sendo uma branca. Apud Brunet (vol. II, pag. 1643).

Ha ainda sobre o mesmo assumpto, em flamengo:

Waerachtige geschiedenisse welcke Damiano a Goes toegecomen in als de vianden met Merten Van Rosshem voir Loven waeren. Loven, weduwe Vander Hært 1760 in-16.° de 44 pag. inn. com notas. Apud Reifenberg (*op. cit.*, pag. 61) o qual diz ser uma traducção quasi contemporanea da relação latina de Goes, impressa em Lisboa em 1546.

[1] Ou quando muito, a data 1544 (Goes tinha então 43 annos), porque em 1545 estava já em Portugal.

[2] Veja-se a poesia significativa que André de Resende lhe dedicou: *De Vita aulica*, ed. de *Opusculos* de Goes de 1544 e 1602. O Jesuita Schott (1603) cortou essa poesia, por demasiado azeda.

[3] É de 28 de julho de 1541 a carta do Infante em que lhe dá conta da prohibição que lançou contra o opusculo de Goes sobre a «fé e religião dos Ethiopes». A edição prohibida não é a de 1541, como Lopes de Mendonça imagina (sem a ter visto, *Annaes*, 1859, pag. 330; os dois volumes, de que falla, são phantasia) nem mesmo a anterior de 1540, como verificámos por uma confrontação rigorosa, linha a linha, do texto de 1540 com o do Jesuita Schott que se deve ter como expurgado. O texto de 1540 offerece pouquissimas variantes. A edição prohibida deve ser, ou a de 1533 ou a de 1538 (avulsas); ha d'ellas uma unica reimpressão em 1618. O texto incriminado falta, portanto, em todas as seis collecções de *Opusculos*, por isso que a primeira é de 1541 (1541, 1544, 1574, 1602, 1603 e 1791).

o retrato do perfeito fidalgo, educado, desde a infancia, na primeira côrte da Europa. [1]

É escusado lembrar que a identidade do trage nada prova. Goes podia vestir-se com 25 ou 26 annos do mesmo modo como com 40; [2] a moda de 1540 era a mesma de 1526, como se prova nos trabalhos especiaes.

Apesar de tudo isto a gravura n.º 1 conserva um certo valor; como obra d'arte é mediocre, mas ella representa-nos o illustre varão no momento em que, voltando á patria, [3] trocava a corôa de louros, que até alli lhe aureolára a fronte, pela corôa de espinhos do martyr da verdade e da justiça.

Os outros retratos teem menos importancia. Vimos os n.os 3, de 1602; n.º 4 de 1612 e n.º 5 de 1688; vimos ainda os n.os 7, 8 e 9, todos tres d'este seculo.

O n.º 1 e 2 fundem-se n'um só, pelas razões já declaradas.

O n.º 3 de 1602 é provavelmente uma reducção de Galle.

O n.º 4 de 1612 é uma imitação pouco feliz do anterior n.º 3.

O n.º 5 parece-nos uma copia inexacta do n.º 3.

O n.º 6 não o vimos.

O n.º 7 é evidentemente uma copia do n.º 3.

O n.º 8, reducção muito mediocre, está no mesmo caso.

O n.º 9 é uma ampliação, algum tanto phantasiada, do n.º 3.

Os n.os 10, 11 e 12 estão no Rio de Janeiro, na collecção que foi de Barbosa Machado. [4] Devem ser classificados do seguinte modo, segundo todas as probabilidades: o pequeno, circular, de madeira, é n.º 4; o segundo é o de Hogen ou Hogenberg (n.º 3); o terceiro será talvez o de Galle, que B. Machado citou na *Bibliotheca lusitana*, pela primeira vez, entre nós.

Ha ainda noticia de um retrato publicado em 1562 em um volume impresso em Colonia á custa de Rinaldo Rovilio que não podemos achar. O volume deve trazer uma *vita* de Góes extensa, e talvez alguns dos opusculos latinos. Confessamos que temos séria duvida ácerca d'esta edição que escapou a todos quantos teem fallado de Goes. [5] Ha uma edição dos *Opusculos* impressa em Colonia em 1574 apud *Gervinum Calenium;* é a unica collecção de opusculos que nos falta vêr; não sabemos se ella tem retrato. A familia Rovilius era de Lyon; temos presente edições d'esta cidade do principio do seculo XVII, assignadas: *apud Hæred. Gvlielmi Rovillii.*

Joaquim de Vasconcellos.

[1] Goes era moço da camara de D. Manuel com 16 annos (*Chronica*, Parte IV. cap. XX) e muito estimado pelo monarcha, como se vê em outras passagens da mesma obra.

[2] Weiss, Costümkunde. Stuttgart, 1872. Vol. V, pag. 511 e seguintes: *Das Kostüm des sechszehnten Iahrhunderts.*

[3] Voltava, cedendo ás repetidas instancias do Rei e da Rainha, contra todos os seus projectos, e fazendo enormes gastos. Tudo para servir o rei e a patria!

[4] Foi elle que juntou a grande collecção de retratos de portuguezes celebres que existe no Rio de Janeiro, em 4 vol. Veja-se I. da Silva. *Dicc. Bibl.* Vol. VII, pag. 80-95 e os *Annaes* da Bibliotheca do Rio, (em via de publicação).

[5] O unico que a cita é o Padre Francisco da Cruz S. J. n'um manuscripto da Bibliotheca Real da Ajuda (C. N. 12 da livraria dos Condes de Redondo, fol. 5) Diz elle: «Era tão amado Goes das nações estranhas que no anno de 1562 sayo impreso hu livro em Colonia Agrippina por ordem e á custa de Rinaldo Ruilio (sic) q trata cõ m.to resp.to sua uida e couzas cõ seu retrato no principio».

Devemos a communicação d'este precioso manuscripto ao nosso amigo o sr. Rodrigo Vicente d'Almeida, digno official da Bibliotheca Real. O Padre Cruz mostra estar bem informado da bibliographia goesiana, porque a nós mesmo, que temos os melhores subsidios e os mais completos, deu alguma novidade. Na parte biographica consulta fontes hoje perdidas; portanto, n'esta parte, offerece ainda mais noticias ineditas. O *ms.* é posterior a 1619, por isso que cita a edição da *Chronica de D. Manuel* impressa n'esta data; comtudo a data em que foi escripto não deve ir mais além de 1630.

RELATORIO

APRESENTADO PELO

SR. JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

NA

SESSÃO SOLEMNE

DA

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes

Em 2 de Maio de 1879

Senhor:

Vossa Magestade dignou-se presidir á sessão solemne d'esta Real Associação, como Seu Augusto Protector e Presidente Perpetuo, no mez de Junho de 1876, para conferir medalhas a tres socios laureados, que haviam pelos seus importantes trabalhos artisticos e de archeologia merecido essa honrosa distincção. Tive então, a honra de relatar quaes tinham sido os successivos desenvolvimentos que esta Associação havia obtido desde a sua fundação, as investigações archeologicas que se haviam feito em *Vianna do Castello, Affife* e no *monte de S. Roque* na provincia do Minho, mencionando os differentes objectos achados ali de remota antiguidade: cabe-me hoje tambem a honra de informar a Vossa Magestade, e á Assembléa que assiste a esta sessão solemne, tanto do augmento que têem adquirido as collecções do nosso museu, como de outros importantes descobrimentos e publicações archeologicas feitas pelos nossos consocios sempre desvela-

dos pelos estudos scientificos e pelas antiguidades do solo portuguez, dando assim maior esplendor, em o nosso paiz, a tão especial instrucção.

Tomámos parte, tambem d'esta vez, na Exposição Universal que se realisou em Paris no anno findo, enviando para a galeria do palacio do Trocadero 114 instrumentos prehistoricos.

O descobrimento de maior interesse archeologico, não só com relação a Portugal, mas para o mundo scientifico, foi o achado na Beira-Alta de um deposito de *19 machados* da *edade de bronze;* porque indica (talvez), ter havido uma fundição n'aquella remota epoca no solo da Lusitania, e porque o seu *especial typo* e *dimensões* causaram a admiração dos sabios estrangeiros, que os examinaram na dita exposição.

Outro importante descobrimento foi feito pelo nosso consocio o sr. Gabriel Pereira, na Serra de Ossa no Alemtejo, de tres Dolmens, entre os quaes ha um com um *furo quadrangular* na pedra que forma o fundo da camara d'este monumento megalithico. Mandámos ao congresso internacional de Anthropologia e de Archeologia reunido em Paris, durante a ultima exposição universal, os desenhos que os representavam, e ali causou grande novidade esta singular configuração, pois sómente na Palestina e no Caucaso existem outros com a mesma particularidade, de terem o furo quadrangular.

Não foi menos importante ter-se descoberto a remota *estação de Licêa*, na proximidade de Bellas, havendo ali encontrado o nosso digno consocio o sr. conselheiro Carlos Ribeiro, pelas excavações a que mandou proceder, vestigios do mais subido interesse para os estudos prehistoricos em Portugal, vindo a confirmar outros descobrimentos, não de menor importancia, que o nosso distincto consocio o sr. dr. Costa Pereira havia feito anteriormente em Cabeço da Arruda.

Recebemos do Alemtejo uma collecção de *machados* da epoca neolithica e em estado de perfeita conservação, bem como um machado de bronze de typo primitivo.

Do Algarve foram-nos offerecidas egualmente duas bellas facas de silex de apurada execução e de grandes dimensões.

Um *Celte votivo*, de singular pequenez e de esmerado trabalho, recebemos do Minho.

Da epoca romana obtivemos de Tavira dois fragmentos de inscripções de summo interesse, pois commemoram os nomes de dois cidadãos romanos, que haviam contribuido para se construir o *podium* do amphitheatro de Balsa, a nobre cidade que o povo-rei ali fundára; assim como, das margens do Guadiana nos veiu um fragmento de mosaico com diversas côres, e egualmente outro achado em Evora. Todavia n'este genero o mais notavel foi o mosaico descoberto em Lisboa, nos ultimos mezes do anno findo e que estava soterrado em um predio da rua de S. João da Praça.

Do Brazil offereceu-nos o nosso socio honorario o sr. Gonçalves Roque uma preciosa collecção de medalhas relativas aos acontecimentos mais notaveis d'aquelle imperio; bem como do digno socio o sr. visconde Sanches de Baena recebemos a *Carta Architectural* da cidade do Rio de Janeiro, na qual estão desenhadas nas frentes de todas as ruas os edificios d'aquella capital.

Será inutil encarecer o importantissimo melhoramento que se realisou n'este venerando edificio, tanto pela remoção dos entulhos das naves, pela desobstrucção do portal principal, como pela construcção da escadaria que, desafrontando as columnas do frontespicio, facilitam a entrada para o Museu. Esta obra foi mandada executar pelo actual digno presidente da Camara Municipal o sr. Rosa Araujo, com a approvação de seus collegas, afim de satisfazer este nosso empenho, e a sollicitação dos nossos consocios os srs. visconde de Alemquer e José Tedeschi, antigos vereadores; pelo que merecem, não só os encomios de todas as pessoas que veneram as nossas antiguidades, como mui especialmente d'esta Real Associação, que tem por dever da sua instituição velar para que se conservem os typos de architectura do nosso paiz, que tanto realçam a arte, e são immorredouros padrões das glorias nacionaes.

Do mesmo modo estamos gratos ao Ex.^mo^ Sr. Ministro das Obras Publicas por ter annuido a mandar reformar a porta principal que veda a entrada para este recinto, hoje destinado ao culto artistico e scientifico.

Poucas são as publicações que nos tempos modernos se tem dado á luz em Portugal sobre a archeologia, e n'aquellas que se fazem notar pelo grande talento e profundo conhecimento dos seus auctores, muito se distingue a de um dos nossos consocios o sr. Joaquim de Vasconcellos, o mais incansavel n'esses trabalhos que bem mereceram ser tomados no devido apreço por esta Real Associação, que em testemunho publico de applauso o designou para ser laureado n'esta solemne sessão.

Limitadas restaurações têem sido emprehendidas no decorrer do XIX seculo em Portugal nos edificios monumentaes, porque a attenção dos poderes publicos é attrahida para negocios d'interesses mais positivos, e por isso não lembram os monumentos que successivamente vemos arruinarem-se cada vez mais, apezar da nossa profunda convicção de que não os deviam descurar, para que as formas elegantes e opulentas d'esses monumentos (modelos para todos), que nos haviam sido legados por augustos fundadores como grata memoria de factos historicos e piedosas acções, fossem conservadas para passarem á posteridade.

Ha felizmente uma excepção, que merece os louvores dos que prezam a architectura civil, e conservam o sincero patriotismo pelas glorias passadas: é a esmerada restauração que se está executando no edificio religioso de Nossa Senhora da Victoria no afamado monumento da Batalha, continuando ali os trabalhos para que a restauração seja completa. Tão urgente e sensata resolução deve-se principalmente á poderosa e esclarecida protecção de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando, a quem se deverá egualmente a conservação d'esse notavel edificio, que não só pela sua grandiosa e esbelta architectura, mas pelo alto feito que assignala na historia de Portugal, é duas vezes venerando.

Mas não era bastante darem-se as providencias, para evitar que esse edificio padecesse maiores ruinas, era tambem essencial escolher um habil architecto que conhecesse as regras da sua profissão e soubesse respeitar o estylo da fabrica, e sobretudo que tivesse o bom senso de não alterar com innovações intempestivas o caracter architectonico d'esse monumento.

É, pois, com tão judicioso intuito, que o distincto architecto portuguez o sr. Lucas José dos Santos Pereira dirige aquella importante e difficil restauração vae para vinte e oito annos; e em consideração de tão esmerado trabalho esta Real Associação deliberou, com inteira justiça, conferir-lhe uma medalha de prata.

Desde a antiguidade que os povos mais adiantados na civilisação tiveram o cuidado de perpetuar a memoria dos varões mais afamados pelo seu valor, saber e talento, e áquelles que se tornavam dignos de honrarias, erigiam-se estatuas que recordassem ás gerações vindouras o nome e o merecimento d'esses entes privilegiados aos quaes a Providencia dotára d'animo varonil e de intelligencia superior. As nações modernas têem seguido este exemplar procedimento, e hoje que a civilisação attingiu o maior desenvolvimento em muitos pontos do globo, não só consagram esses monumentos publicos aos seus homens mais illustres, mas tambem filiam os das outras nações, estabelecendo assim uma fraternisação de sciencia, que é universal, e chamando para os estranhos os testemunhos da veneração e de premio, que eram só dados aos nacionaes, como benemeritos da patria. É pois para egual tributo de admiração, que nos merece a fama do insigne litterato e archeologo hespanhol o fallecido D. José Amador de los Rios e Cortez, que foi nosso socio honorario, que esta Real Associação votou a collocação do seu retrato entre os outros dos nossos distinctos compatricios, que ornam a nossa modesta galeria de varões prestantes, como merecida homenagem ao seu talento e saber, e ás publicações com que dotou o seu paiz e enriqueceu a sciencia moderna.

Eis, Senhor, em resumida apreciação e em singelas phrases, quaes têem sido os nossos trabalhos no decurso d'estes dois annos; qual o constante empenho em darmos impulso aos estudos architectonicos e de archeologia em Portugal, e qual o desvelo com que pugnamos pela conservação dos monumentos nacionaes, para que a nação portugueza siga o desenvolvimento, e adopte os exemplos que os paizes mais adiantados lhe dão n'este ramo de sciencia, e da devida apreciação dos monumentos. Suppomos, portanto, que será partilhado pelo publico illustrado da capital e pela imprensa o regosijo que esta Real Associação experimenta, podendo laurear socios seus, que mais se tenham votado ao engrandecimento e ao progresso d'estes estudos na sua patria.

Senhor: Vossa Magestade é o Augusto Protector das Bellas Artes e das antiguidades nacionaes, já dotando os estabelecimentos onde ellas se cultivam, já contribuindo com avultadas verbas para a restauração dos nossos monumentos, já auxiliando generosamente os estudos dos noveis artistas; — dá por esta forma o nobilissimo exemplo de quanto preza todos os progressos artisticos e scientificos d'esta nação, que tem a ufania de contar a pessoa de Vossa Magestade em o numero dos seus mais respeitados e queridos monarchas. A par dos dotes tão superiores que tanto distinguem Vossa Magestade entre os outros Principes da Europa, não podia deixar de sobresahir a bondade inexcedivel que Vossa Magestade prodigalisa a todos que teem a ventura de prestar homenagem á *Arte* e á *Sciencia*. É pois para animar os nossos esforços que aprouve a Vossa Magestade distribuir n'esta sessão as merecidas recompensas aos cultores mais distinctos dos nossos estudos, pelo seu saber, talento e assiduidade nas investigações archeologicas; pela sua habil e competente profissão architectonica; pelo seu raro criterio e profunda erudição. Por estas considerações e por assignalados serviços, esta Real Associação lhes votou medalhas, e recebendo-as elles das reaes mãos de Vossa Magestade, mais subida se tornará tal distincção para os laureados, e mais grata será para a nossa Real Associação a commemoração do presente dia.

Queira pois Vossa Magestade receber, em nome da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, os mais respeitosos agradecimentos por se haver dignado presidir a esta sessão solemne, bem como os protestos da nossa dedicação e eterno reconhecimento.

Disse.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

CONSIDERAÇÕES
ÁCERCA DA
HYGIENE DAS CONSTRUCÇÕES CIVIS E PUBLICAS

Technologia da edificação

(Continuado do n.º 9, pag. 132)

Dissemos que haviamos de tratar em seguida ao artigo *Escolas*, das *fossas* ou reservatorios de materias fecáes — (*lieux d'aisances*), com quanto tambem já dissessemos que em Lisboa não era adoptado esse systema de limpeza. Como porém nas casas das escolas e em outros logares se possa dar esse caso, faremos a enumeração dos males que d'ahi podem provir.

Os vapores e gazes que de taes logares se exhalam têem por base o gaz acido sulphydrico, alkali volatil, como acontece nas latrinas, alem do máu cheiro que um e outro logar espalham na atmosphera. É por isso necessario evitar taes depositos proximos das habitações e muito especialmente das escolas. Aquelles vapores fazem sentir os seus damnos nos orgãos respiratorios, na garganta, nos olhos, e no estomago, e operam com maior promptidão e mais força nas creanças do que nas pessoas adultas.

É portanto essencial que se evitem taes damnos por dever hygienico, e por dever de humanidade, perante a sociedade e a consciencia das pessoas responsaveis pelas creanças. Recommendamos por isso o artigo especial do livro do sr. *Theodoro Chateau* que trata d'este objecto, bem como do artigo seguinte que tem com elle grande relação e paridade.

Aguas de limpeza, detritos, e outras immundicies. — Recommendamos a mais seria attenção sobre este objecto; as aguas de limpeza e detritos que impensadamente muitas vezes se conservam no interior ou proximo das habitações exhalam o fetido das materias animaes e vegetaes em decomposição.

Os meios para isso se evitar são tão faceis e tão sabidos que é ocioso mencional-os: aceio, cuidado, e boa vontade, é quasi o que basta para se conseguir o cumprimento de um dever em relação a nós, ás familias e até aos visinhos. Uma pia de chumbo ou, melhor, de pedra, munida de um syphão e canno que leve essas aguas de lavagens, e mesmo limpezas de carnes, peixes, etc., aos cannos de esgoto com sufficiente corrente, lavagens repetidas e abundantes com agua limpa, e melhor ainda as aguas da chuva para ali encannadas, são meios pouco dispendiosos que não deve desprezar, nem esquecer, quem apreciar a sua saude e a das creanças particularmente.

Os saguões das casas quando cuidadosamente limpos e arejados são de grande utilidade á salubridade das habitações, bem como os quintaes e ainda melhor os jardins. É por isso um grande erro tapar, empachar e descurar aquelles logares ou qualquer espaço livre que tanto concorrem para a boa ventilação e salubridade das habitações. Infelizmente os habitantes das casas pequenas, e mais agglomeradas, são aquelles que mais se privam d'essas boas condições de salubridade que nenhum outro meio póde substituir; uns por desmazello, outros por ignorancia, vão assim causando damno a si e aos visinhos. As cavallariças, abegoarias, capoeiras, coelheiras, etc. são muitas vezes causa de insalubridade das habitações a que estão contiguas, tanto pela infiltração das urinas como pelo deposito dos estrumes, e tanto pela immundicie como pelo empachamento que obsta ao aceio.

Deve-se portanto evitar, quanto possivel, taes visinhanças. A policia sanitaria deve vigiar e vistoriar amiudadamente taes estabelecimentos, quando se não possam evitar, e n'esse caso obrigal-os a sanear os logares e tornar os estrumes inodoros por meio da cal, de gesso em pó, sulphato de ferro ou alcatrão do gaz com cré, 6 partes d'aquelle para 1 d'este ultimo, o que melhor explicaremos quando tratarmos da hygiene das construcções ruraes.

VIII

Tem-se fallado muito ácerca de bairros operarios e tem-se discutido largamente a sua utilidade em relação ao commodo e bem estar do operario, tanto financeira como hygienicamente. Quanto a nós, não julgamos que a formação de taes bairros seja de grande utilidade para os operarios em geral, e só admittiriamos a formação de casas, denominadas *casas baratas para operarios* nas immediações das fabricas, e essas mesmas por conta dos proprietarios d'estes estabelecimentos, destinando-as elles para os seus operarios fabricantes. [1]

Para que taes casas possam ser uteis a esses

[1] A Companhia de Tecidos Lisbonense construiu a Santo Amaro uma serie de casas junto á fabrica, que aluga indistinctamente, obrigando assim a que os estranhos façam concorrencia aos operarios. Esse methodo é bom para arrendar as casas por mais do seu valor, mas não póde considerar-se beneficio ao operario: comtudo já é alguma cousa.

individuos, e não darem perca ao proprietario, é necessario fazer construcções especiaes, tanto em relação á hygiene como em relação á construcção, para que fiquem baratas.

O typo d'essas casas e o modo de as construir é por emquanto quasi desconhecido em Portugal.

Devem-se edificar em logares saudaveis, tanto em relação ás proximidades como á natureza do solo e de modo que possam ser bem ventiladas.

Ter attenção a que possam ter abundancia de agua tanto para beber como para lavagem e que a despeza para a obter esteja ao alcance das posses dos locatarios.

Deve-se evitar que as frentes estejam voltadas ao norte assim como o emprego de meias portas no interior das casas e o abuso de fechos e ferragens, porque uma e outra cousa tornam a edificação cara, sem utilidade real. O mesmo se recommenda relativamente ás janellas de sacada e grandes bandeiras no interior.

As janellas devem ser poucas, tão sómente as necessarias, mas essas que sejam grandes e bem rasgadas afim de darem livre entrada á luz e ao ar, evitando sempre todos os obstaculos da boa circulação do ar.

As casas de duas frentes, e mesmo mais, têem o inconveniente das correntes de ar continuas e bruscas que são sempre perigosas, circumstancia a que é necessario attender, havendo todavia cuidado em estabelecer sufficiente ventilação nos quartos e escadas.

As cosinhas devem ser espaçosas e claras, por isso que os operarios fazem da cosinha de ordinario casa para comida.

Os despejos e pias fóra das casas e com syphão de ferro.

Taes casas não devem nunca ter pequenos saguões para evitar os desleixos tão communs em taes familias.

Pequenos quintaes terreos e, podendo ser, arborisados, é o mais conveniente.

Que se trate de casas isoladas ou de andares é circumstancia essencial, ventilação e claridade, tendo sempre em vista o isolamento (quanto possivel) de visinhos muito proximos e accumulados.

A disposição das casas depende necessariamente da configuração do terreno, mas deve-se fazer o possivel para que essa disposição seja em grupos de 4, o que offerece reconhecidas vantagens, especialmente quando cada casa possa ter o seu quintal.

Que a casa seja para um só inquilino ou para dois, não deve nunca exceder a segundo andar além das lojas.

São estas as condições em que admittimos casas para operarios fabricantes.

Quanto porém a bairros operarios, não os julgamos uteis a essa classe, por isso que não tendo os artistas estabilidade de local de trabalho, tão depressa estariam perto como longe das habitações. Além d'isso não julgamos conveniente a accumulação d'aquelle genero de gente, tanto em relação á boa ordem como á policia indispensavel.

Seria difficil tornar aquelles bairros de grande commodidade em comestiveis para os consumidores, por isso que, tendo o sitio a *alcunha de bairro dos pobres*, não haveria ali por conseguinte grande concorrencia de vendedores, e os que houvesse seriam sem duvida de generos inferiores, porque os estabelecimentos bem fornecidos só a grande distancia se encontrariam.

Pela mesma razão do *appellido do bairro* fugiria d'ali outro genero de habitadores; por isso que certa ordem de gente tem repugnancia em morar em bairro mais pobre ou menos aristocratico, prefere uma agua-furtada no *Chiado a uma boa casa na Adiça*, facto que aconteceria, e que sem duvida seria precario aos proprietarios.

Não devera tambem deixar de se pensar nos soccorros de medicina, a não ser que no bairro houvesse tudo, e que tudo podesse ser sustentado pelos habitantes, não esquecendo tambem *escola para as creanças*, que é quanto a nós circumstancia essencial para o bem do paiz e da liberdade.

Celleiros ou *Tercenas*. — Em todas as cidades é este um genero especial de edificação em que se attende sempre e com razão ás exigencias especiaes dos cereaes, e muito especialmente do trigo que, para bem se conservar, é necessario estar amontoado em armazens de um ou mais andares que não sejam nem muito quentes nem humidos, mas bem arejados. A espessura dos montes não deve exceder $0^m,50$ para o trigo de um anno e $0^m,60$ para o de tres annos: esses montes devem ter o espaço livre de 1 metro de largura entre si e a parede, e no sentido da largura todo o comprimento de 10 a 20 metros por 4 a 5 metros de distancia de uns montes aos outros.

Nas grandes cidades edificam-se tercenas de sete e oito andares sem contar o rez do chão, que tudo se utilisa para guardar trigo e outros cereaes.

A altura de cada andar é de 3 metros, o que é sufficiente para arejar os generos.

O trigo é ali conservado em montes de comprimento minimo 8 metros, e maximo 20; nos montes espetam-se ripas de madeira secca e espalham-se em cima alguns vellos de lã por lavar; precauções necessarias para livrar do gorgulho; e de tempo em tempo padeja-se o trigo fazendo-o mudar de logar, descrevendo no ar uma curva de $2^m,50$ de altura, para o limpar da poeira.

As dimensões das paredes e resistencia dos sobrados são calculadas para resistir ao peso que têem

de supportar, servindo de base um hectolitro de trigo que pesa 75 kilogrammas pelo menos.

Os pontaletes ou supportes dos diversos andares são espaçados entre si de 4 a 5 metros o maximo para qualquer dos lados afim de evitar o alquebramento dos sobrados em virtude do peso e dessecação da madeira.

Os pontaletes dos diversos andares são collocados exactamente uns sobre outros, isto é, na mesma prumada e sem interrupção alguma além dos sobrados interpostos; por isso que assim não se dá nunca o caso de mudança de extensão em virtude da dessecação que se não opéra nunca no comprimento, mas sim normalmente á largura das fibras, e n'esse sentido diminue o pinho $^1/_{75}$ por cento e o carvalho $^1/_{83}$.

(Continua)

F. J. de Almeida.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

MEMORIA SOBRE A ANTIGA VIANNA DE SANTA LUZIA

As investigações archeologicas que o nosso distincto architecto o ex.^mo sr. Possidonio da Silva fez em abril de 1877 no monte de Santa Luzia, que domina pelo norte a cidade de Vianna do Castello, causaram grande ruido pela singularidade das construcções descobertas. Mas depressa o enthusiasmo esmoreceu, e aquellas ruinas ficaram de novo sujeitas á acção destruidora do tempo, e, o que é mais, ao vandalismo dos pastores. São aquellas ruinas as da antiga Vianna, como affirmam escriptores que merecem especial credito, e que sobresaem aos demais em conhecimentos e antiguidade, como são Rufo Festo Avieno, o Bispo de Tuy Prudencio Sandoval, Fr. Luiz de Sousa, o Arcebispo de Braga D. Rodrigo da Cunha, e Bluteau.

Todos os escriptores, mesmo os que confundem Vianna antiga com Britonia, concordam n'um ponto fundamental que tomamos para ponto de partida: «Os Gallos Celtas no seculo III antes de Christo fundaram uma povoação, na margem do Lima, a que chamaram Vianna.» [1]

Conhecemos na Peninsula mais nove povoações com este nome de Vianna. Esta simples consideração geographica nos leva a crer que um poderoso motivo impelliu os Celtas a dar este nome ás suas colonias. Seria o de religião (culto á deusa Diana)? seria o de recordação de sua patria (Vienna do Rhodano)?

Qualquer d'estas razões nos explica a origem do nome de Vianna dado á colonia da foz do Lima.

Corria o anno 137 antes de Christo, ou melhor, tinha a nossa Vianna 160 annos de existencia, quando Decio Junio Bruto veiu como proconsul de Roma á Lusitania e conquistou este paiz até ao Oceano. Apesar dos receios de seus soldados, Bruto passou o Lima, o celebrado Lethes, e triumphou dos Callaicos, sendo d'ahi em diante appellidado Bruto Callaico.

Não nos dizem os escriptores latinos se elle conquistara Vianna, nem se esta lhe tomara o nome em reconhecimento da sua brandura.

N'este ponto é que se começa a suscitar a questão: Brutonia ou Britonia e Vianna antiga seriam uma e unica cidade ou povoações distinctas? No ultimo caso, qual o sitio de cada uma?

Em Rufo Festo Avieno, poeta hespanhol do seculo IV, natural de Talavera, na sua obra *Descripção do orbe terraqueo*, [1] encontram-se estes versos:

> «Nas margens do Lethes Diomedes edificou a cidade
> «Chamada Calpe, onde *agora* está a formosa *Vianna.*»

Fr. Luiz de Sousa commentando os versos de Avieno diz que «a descripção representa sitio levantado e senhoril, e que não tocava o rio como agora.» [2]

No foral dado por D. Affonso III, em 1258, á povoação da foz do Lima, lê-se o seguinte:

«Quero fazer povoação o lugar que se chama *Atrio* «na foz do Lima; a esta povoação de *novo* lhe po-«nho o nome de Vianna.» [3]

Este documento tira-nos toda a duvida que poderia haver com respeito á existencia de uma antiga Vianna n'estes sitios.

A extensão das ruinas de Santa Luzia indica povoação importante.

Foi Fr. Bernardo de Brito em 1597 *que primeiro*

[1] Florian do Campo, *Chronica gen. de España*, edição gothica de Zamora, 1544, pag. 177.
Rodrigo Mendes da Silva, *Chr. univ. de Esp.* 1628, pag. 119.
Garibay, *Poblacion gen. de Esp.*, 1645, pag. 180.

[1] *Poetae minores latini*, (de Wernsdorff) tomo V. — *Benedictina Lusitana*, 1644, tomo I pag. 409.

[2] *Vida do Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, Vianna, 1619, fl. 44 v.

[3] Quem não podér ver o foral consulte a *Chronica da Conceição*, Lisboa, 1760, tomo I, pag. 514-515; tomo II, pag. 468. Apezar d'estas citações segue opinião contraria á nossa.

ousou escrever «que Britonia ficava juncto a Vianna moderna.» [1]

O auctor da *Monarchia Lusitana* firma esta opinião em Ptolomeu, Vaséo, e Diogo Mendes de Vasconcellos.

Ora nós, examinando estes auctores, vimos que em Claudio Ptolomeu [2] apparece o nome de Bretoléum, mas sem relação exacta do lugar, e todos sabem quantos erros alli não pullulam.

Diogo Mendes de Vasconcellos nos scholios aos quatro livros das *Antiguidades* de André de Resende, [3] quando relaciona os nomes latinos das antigas cidades com as modernas, faz corresponder a *Bretolaeum*, Vianna de Caminha.

Consultemos agora Vaséo: [4] «A cidade de Britoléum era em Portugal, entre Douro e Minho *(in-teramni)* junto a Vianna de Caminha, que pertenceu «ao arcebispado de Braga. O meu amigo Resende me affirmou existirem ainda vestigios d'aquella «povoação. Consta com certeza pelas chronicas do «Rei Affonso que o Bispado de Tuy foi limite do «Britonense.»

«Entende Resende que o Bispado de Britonia é «o mesmo que o Britolense. Esta cidade depois de «libertada da tyrannia dos Mouros teve Bispo, o qual «assistiu á sagração da Egreja de S. Thiago (de «Compostella), como diz D. Rodrigo, Arcebispo de «Toledo. Ignora-se quando foi destruida.»

Não nos diz Resende no seu livro *De antiq. Lus.* que o Bispado de Britonia e o Britolense são um e unico; não achamos lá tal affirmativa.

Lê-se na Geographia antiga da Lusitania, [5] de Brito, o seguinte:

«Bretoléum era perto de Viana de Caminha.»

E no tomo II da *Monarchia Lusitana*: [6]

«Estava n'esta provincia d'Entre Douro e Minho, «perto de Viana uma cidade que as historias cha«mam Britonia ou Britonium, de que temos fallado «muitas vezes n'esta obra, a que Almançor poz cerco.»

Poder-se-ha acaso deduzir d'estas citações que Bretoléum era Vianna, e Britonia, Bretoléum?

Entendemos que não. Analysemos.

É verdade existirem vestigios de uma povoação junto a Vianna, como affirmou Resende; tambem é certo que o Bispado de Tuy foi limite do Britonense, como se póde ver nas primeiras paginas do tomo XVIII da *España sagrada* de Henq. Flores.

[1] *Monarchia Lusitana*, 1597, tomo I, pag. 133, e tomo II, (1609) pag. 352 v.; 2.ª edição, tomo I, pag. 176.

[2] *Cl. Ptolomei cosmographie*, Venetiis, 1486, liv. II, cap. V. Europa.

[3] *De antiq. Lus.*, Eborae. 1592; na edição de Coimbra, 1790, é tomo II, pag. 365.

[4] *Hispania illustrata (Chronicon hisp.*, Joh. Vasaci) Francfort, 1603, tomo I pag. 622.

[5] Appensa ao 1.º vol. da *Mon. Lus.*, 1597, cap. IV.

[6] *Mon. Lus.* tomo II, pag. 352-353.

Ao segundo periodo de Vaséo temos a observar que Resende achou prudente calar no seu livro o que dissera a Vaséo, talvez por cautella da sua parte. É falso ter Britonia bispo depois de libertada dos Sarracenos, pois que n'essa invasão foi totalmente destruida.

Abramos Flores no tomo XVIII: [1]

«Britonia é uma cidade que só se conhece pelos «monumentos ecclesiasticos... Vaséo, Brito e ou«tros escriptores portuguezes a collocam no seu reino «junto a Vianna, na margem do Lima.»

Em seguida refuta a opinião de Vaséo e Argote, [2] concluindo por demonstrar que Britonia ficava em Mondonhedo na Galliza e não em Portugal.

«Por causa dos Sarracenos a egreja do mosteiro «de Dume ao pé de Braga foi transladada em 870 «para S. Martinho de Mondonhedo *(Mindunietum)* «na Galliza, para onde passou o Bispado. Ao tempo «d'esta mudança já não havia Bispo em Britonia «(hoje Santa Maria de Bretoña [3] ou Bretona a duas «leguas ao Sul de Mondonhedo, perto da nascente «do rio Minho), pois tinha sido destruida a Séde «pelos Mouros, e se erigiu em seu lugar em Oviedo. «Desde o anno 870 é que o bispo de Mondonhedo «se intitula *de Britonia*, por esta ter existido em «seu territorio.»

«Deve se portanto ter cuidado com as épocas d'es«tas mudanças, senão caímos em graves erros.» [4]

Este douto e profundo historiador nos tirou o trabalho da refutação.

Fr. Prudencio de Sandoval que revolveu os livros do Archivo da Sé de Tuy, a cuja diocese pertenceu a antiga Vianna, affirma-nos que «*esta Vianna*, onde «Theophilo, Saturnino e Revocata obtiveram a palma «do martyrio, *é a velha*, cujas ruinas estão no alto «do monte ao norte, e das quaes falla R. F. Avieno, «cujo livro em lettra gothica está no Escurial.» [5]

O auctor da *Benedictina*, Fr. Leão de S. Thomaz, [6] segue a mesma opinião que o esclarecido Bispo de Tuy.

O douto Arcebispo de Braga, D. Rodrigo da Cunha, liga todo o respeito e consideração ao que dizem Fr. Luiz de Sousa e Prudencio de Sandoval, quando fallam da antiga Vianna. [7] E elle mesmo diz:

«Já Vianna nos tinha dado os Santos Theophilo, «Saturnino e Revocata, etc.» [8]

[1] *España sagrada*, por Henrique Flores, 1764, tomo XVIII, pag. 1 e 2. A cada volume junta Flores os documentos comprovativos.

[2] *Memorias do Arcebispado de Braga*, Contador d'Argote, 1734, tomo II, pag. 682.

[3] Pag. 6 do tomo XVIII.

[4] Pag. 26 e 48 do mesmo tomo.

[5] *Antiguidades de Tuy*, Braga, 1610, pag. 45.

[6] *Ben. Lusitana*, tomo I pag. 409.

[7] *Historia Eccl. dos Arceb. de Braga*, Lisboa, 1634, tomo I, pag. 154 e 155.

[8] *Idem*, pag. 261.

Decidem-se pelo nosso parecer Bluteau, [1] Padre Carvalho, [2] Baptista de Castro [3] e até certo ponto Bezerra [4]

No *Martyrologio Romano* de Flavio Dextro encontramos estas duas citações:

«No anno 260 em Vianna junto a Tuy padece-«ram o martyrio os Santos Theophilo, Saturnino e Revocata Virgem.»

«Junto de Tuy na Gallecia, na cidade *(in oppido)* «de Vianna floresceram os santos Pontifices Maxi-«miliano e Valentino.» Isto no seculo IV.

E não se diga que esta Vianna junto a Tuy é differente, pois que os corpos d'aquelles tres irmãos Martyres (padroeiros da cidade) estão sepultados na vertente do monte na Egreja da sua invocação, hoje do Collegio Ursulino.

Note-se que Dextro em varios logares falla de alguns martyres da cidade de Britonia, apresentando assim duas povoações distinctas uma da outra. [5]

Com tres citações de illustres auctores teremos por demonstrada a proposição que Britonia era em Mondonhedo.

Luca de Tui, quando falla da divisão das egrejas feita no concilio de Lugo, a que presidiu Adolpho, Bispo da mesma cidade, escreve: [6]

«Que o Bispado de Bretonica tenha as egrejas «que estão proximas nos Britones, juntamente com «o mosteiro de Maximo até ao rio Ove.»

E mais adiante na divisão de Wamba:

«Britonia tenha o territorio desde Busa até Tor-«rentes, de Occoba a Tobella e ao rio Ove.» [7]

Sandoval diz claramente:

«Bretoña que é Mondonhedo»; [8] e n'outro sitio menciona «Theodosindo, Bispo de Bretoña.» [9]

No *Diccionario Geographico de Hespanha e Portugal* do Dr. Seb. Miñano: [10] *verbo* Bretoña ou Britonia, lê-se:

«S.ta Maria de Bretoña na Galliza no bispado de «Mondonhedo tem 1:249 hab.; uma parochia que «foi séde episcopal antes da invasão dos Sarrace-«nos, de que sómente conserva fracos vestigios. Está «n'uma planura de mais de uma legua quadrada. «Dista 2 leguas da capital, 2 do rio Eo, 2 do con-«vento de S.ta Maria de Meyra e 1 1/2 das fontes «onde nasce o rio Minho.»

[1] *Vocabulario Portuguez*, 1712, tomo II, pag. 195.
[2] *Chorographia de Port.*, 1706, tomo I, pag. 207.
[3] *Mappa de Portugal*, 1762, tomo I, pag 10. — *Geog. hist.*, de D. Luiz Caet. de Lima, 1736, tomo II, pag. 16.
[4] *Estrangeiros no Lima*, 1791, tomo II, pag. 71–72.
[5] Tambem se póde consultar o *Anno historico*, Lisboa, 1714, tomo II. pag. 164 e 316.
[6] *Hisp. illustrata*, 1603, tomo III, volume IV *(Lucae Tudensi, Chronicon mundi)* pag. 56.
[7] *Idem.* tomo III, pag. 57.
[8] *Antiguidades de Tuy*, pag. 23 v.
[9] *Idem*, pag. 55 e 55 v.
[10] Dr. Miñano, Madrid, 1826, tomo II, pag. 164 e 165.

Jorge Cardoso no tomo I da sua obra [1] segue a nossa opinião, porém cinco annos mais tarde, quando publica o segundo volume, muda de parecer. [2] Todavia não parece seguro do que affirma, porque no Indice geral, que faz no fim do volume, recae na opinião primitiva.

Analysemos agora tambem alguns periodos da *Chronica da Conceição:*

«Pelo que sem escrupulo se póde dar á nossa «primeira Vianna de antiguidade mais de 12 secu-«los e 37 annos, além dos 296 que lhe dão os au-«ctores.» [3]

«Na existencia da antiga Vianna ninguem póde «duvidar; além de muitos e graves AA. temos o «foral de D. Affonso III.» [4]

Apesar do que deixa exposto, começa em seguida Fr. Pedro a confundir Britonia com Vianna, fundando-se em Brito na *Monarchia Lusitana*, no tomo II do *Agiologio* e mui especialmente nos viannenses Castellão e Antonio Machado Villas-Bôas.

Já acima apontamos o conceito que nos mereciam Brito e Jorge Cardoso; com relação aos dois outros meus patricios direi que cairam em mui graves erros, talvez por excessivo amor patrio, além de innumeras contradicções, quando affirmam a existencia de Vianna e Britonia conjuntamente.

Machado a pag. 9 das *Memorias antigas da Villa de Vianna* [5], escreve:

«A cidade de Britonia conservou sempre extra-«muros um bairro chamado Vianna, para a parte «onde está a ermida que foi templo de Dianna.»

E João Castellão Pereira, no Ms. de 1700:

«Alguns dos seus bispos mudaram de domicilio «por causa das frequentes correrias dos piratas na «foz do Lima; foram estabelecer-se na cidade de «Britonia, que estava debaixo da sua jurisdição e «districto». [6]

O n.º 572 da *Chronica* acima referida [7] resume as conclusões dos dois viannenses.

Não convinha aos que sustentam parecer contrario ao nosso negar completamente a existencia de Vianna n'este logar, para assim conciliarem as citações do *Martyrologio*, quando relata o martyrio dos santos viannenses nos seculos III e IV, e os versos

[1] *Agiologio Lusitano*, 1652, tomo I, pag. 364.
[2] *Idem*, 1657, tomo II, pag. 22 e 787 no *Indice topographico*.
[3] *Chronica da Provincia da Conceição em Portugal*, por Fr. Pedro de Jesus Maria José ou Pedro de Sousa Menezes, Lisboa, 1760, tomo I, pag. 513.
[4] *Idem*, tomo I, pag. 514–515.
[5] Ms. de 1752 citado na *Chronica da Conceição* sob o nome de *Antiguidades do Lethes;* o original possue-o o sr. Antonio de Faria de Villas Boas, da casa da Carreira. O sr. Francisco da Rocha Paris tem uma copia extrahida d'esse manuscripto.
[6] *Epilogo de noticias sobre Vianna e sua fundação.* O original foi legado pelo seu auctor á confraria dos clerigos; depois passou ás mãos do sr. Thomaz Norton, e hoje está em poder do sr. Manuel José Felgueiras.
[7] *Chronica da Conceição*, tomo I, pag. 516.

de Rufo Festo Avieno do seculo v; pois é claro, se nos seculos III, IV e V, existia Vianna n'este sitio, com certeza Britonia era n'outro logar diverso. N'estas engenhosas citações que se apoiam reciprocamente, a verdade resalta.

Eis como a *Chronica* termina esta questão:

«Porém ainda que tudo o referido nos confirma «mais no conceito, que seguimos, de ser a antiga «Vianna juntamente Britonia, e ambas uma *só unica* «cidade episcopal, attendendo ás variedades de opi«niões e duvidas, cada um siga a opinião que lhe «parecer» [1].

Um viannense, Pedro de Almeida Couraças [2], descreve as ruinas de Santa Luzia do modo seguinte:

«Hoje 4 de janeiro de 1722 soubemos os funda«mentos das muralhas da cidade antiga, a pouca «distancia da egreja de Santa Luzia; mostram no «circuito cidade grande; pelo nascente corre a mu«ralha de sul a norte em linha recta, e por esta parte «mostra a qualidade e fortaleza que tinha: é de al«vernaria de pedra e barro, porém a pedra não muito «grande, etc... Acham-se alguns vestigios de ali«cerces de casas; porém não mostram que fossem «grandes pelo pouco terreno que occupavam.»

Temos visitado as ruinas de Santa Luzia muitas vezes, e n'uma d'ellas, a 16 de setembro de 1876, depois de um minucioso exame feito com a descripção de Couraças na mão, ali mesmo sobre o joelho escrevemos o artigo denominado — *As ruinas de Vittania* [3] que publicámos no n.º 3:116 da *Aurora do Lima*, de 25 de setembro do mesmo anno.

Oito mezes depois o distincto architecto, o meu amigo o ex.mo sr. Possidonio da Silva, visitando estes logares attentou nas ruinas que se estendem ao norte da ermida de Santa Luzia; immediatamente tratou o dignissimo presidente do museu do Carmo da exploração d'ellas; mas o estimulo que a sua presença causava cessou com a sua retirada. O relatorio d'estas ruinas está publicado no *Boletim dos Architectos e Archeologos Portuguezes*, n.º 2 de 1877, pag. 27 a 30.

O monte de Santa Luzia é uma ramificação da serra de Arga. Uma hora de ingreme subida se gasta em chegar á capella da santa que lhe dá o nome. Esta ermida está a 195 metros de altitude.

[1] *Chronica da Conceição*, tomo I, pag. 519, n.º 578.

[2] *Fenix Vianneza* ou Vianna renascida no Atrio, ms. de 1772, cujo original possue o sr. Francisco Antonio de Moraes.

[3] Fr. Francisco de Berganza cita n'um documento do anno 883 (Chronicon Emilianense) nas *Antig. de Espana*, 1771, tomo II, pag. 548, a Egreja de *Vittania* como suffraganea de Braga. Foi sob esta impressão que n'aquella occasião intitulei assim aquelle artigo. Luca de Tui no seu chronicon *(Hisp. Illustr.* tomo III, pag. 56*)* quando menciona as egrejas do bispado Portugalense: «terá as egrejas que estão proximas de Castro Novo: Villa Nova, *Betaonica*, Vesca, Menturio, etc.»

Amplo e magnifico panorama se gosa d'este sitio; de um e de outro lado ferteis campinas banhadas pelo crystalino Lima e pelo Oceano; a nossos pés se estendem pela margem do rio as casas da cidade; e mais além o Atlantico, como que em amphitheatro se perde na immensidade do horisonte.

A actual capella data de 1644, mas proximo se acham vestigios de uma outra muito anterior, cuja porta em estylo gothico parece pertencer ao seculo XV. Tem gravadas algumas letras e algarismos que confirmam esta época. É pois justificavel a antiguidade de 4 seculos que o vulgo dá a esta capellinha.

Pela parte do norte, n'um plano um pouco superior ao da capella, se estendem as ruinas da antiga povoação em terreno accidentado. A maior parte do recinto se acha dentro de um muro de pedras toscas que fecha uma grande bouça de matto.

A exploração foi começada fóra da tapada, ao norte.

Toda a linha de muralhas, que se compõe de alvenaria miuda e argamassa, se distingue bem, excepto pelo lado do sul.

A grossura d'ellas é 1m,84. Dilata-se o muro n'uma grande extensão. O antigo perimetro méde perto de 2 kilometros.

É pelo lado do norte que apparecem os vestigios e ruinas de casas; onze habitações foram postas a descoberto; são circulares, com um diametro de 4 a 8 metros; a grossura da parede é de 0m,38. Compõe-se esta de pedra pequena, faceada e collocada á maneira de losangos, entalhada sem argamassa nenhuma.

O antigo piso acha-se a 0m,62 e coberto de terra vegetal.

Ao primeiro aspecto as casas parecem alicerces de moinhos de vento; uma d'estas habitações é maior que as outras e de fórma oblonga; uma outra que está proxima tem dois compartimentos. Todas estas habitações ou melhor cabanas exploradas se acham rodeadas por um muro; o que nos leva a crêr que ellas formavam um bairro separado.

Os trabalhos pararam e portanto nada mais podemos avançar a este respeito.

Pelo SO. ainda mesmo fóra da linha das muralhas, se notam vestigios de casas.

Fragmentos de ceramica trabalhada ao torno, imitante da romana, moedas de Cesar a Constantino, prégos fundidos e outros objectos de cobre e ferro se encontraram dispersos aqui e além.

Nem uma lápide, nem um osso humano!

Acaso convirão estas casas oblongas e toscas a uma florescente cidade episcopal?

Parece que assim o querem os AA. que divergem da nossa opinião. Onde as pilastras, os cippos, as lapides tão vulgares nas ruinas das povoações romanas?

Estes factos juntamente com as citações atraz apontadas nos levam a affirmar sem receio que a povoação de Santa Luzia nunca foi a cidade episcopal de Britonia, que ficava em Mondonhedo na Galliza, mas sim a velha Vianna.

Em cada uma das pedras d'aquellas ruinas se denota a sua feição indigena, indifferente ao elemento romano que avassalava a Peninsula.

Diz o sr. Alexandre Herculano:[1] «Na peninsula, «ao tempo da conquista romana e depois ainda, os «celtas hespanhoes viviam reunidos em especie de «villas ou cidades».

E n'outro logar:[2]

«Havia, além d'estas (colonias e municipios) as «rarissimas povoações que parece terem sido ha«bitadas *exclusivamente* por *indigenas*, etc».

Quando seria abandonada ou arrasada a povoação de Santa Luzia?

Que o foi posteriormente a Constantino o dizem as moedas achadas. Seria nas invasões dos barbaros no seculo v?

Seria nas correrias dos sarracenos? Ignoramol-o. Só a continuação da exploração nos virá determinar esta como as outras questões historicas.

Cabe n'este logar lembrar o empenho que o ex.^mo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva tomou pela exploração d'estas ruinas, e a pressa com que a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, a exemplo do seu illustre e incansavel presidente, votou uma verba para a sua continuação.

Apesar d'este estimulo e boa vontade que mostravam os que eram de fóra dá cidade, os viannenses, indifferentes, cruzaram os braços. Com um pequeno subsidio da camara, e com algum estimulo particular poder-se-hia continuar pouco a pouco o trabalho começado.

Porque esmorecer de todo?!

Esta pequena memoria tem por fim chamar a attenção sobre este assumpto, e fazer despertar os viannenses, e mui principalmente a Camara Municipal, á qual compete tomar a iniciativa d'estes trabalhos.

O auctor citou com todo o cuidado as edições em que se funda para melhor deduzir a verdade. Estas edições encontram-se na bibliotheca da Universidade, onde podem ser consultadas.

Coimbra, 28 de fevereiro de 1879.

LUIZ DE FIGUEIREDO DA GUERRA
Socio correspondente.

[1] *Historia de Portugal*, 4.ª edição, pag. 38 do tomo I.
[2] *Historia de Portugal*, tomo I, pag. 25. Vid. tambem pag. 31.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 30

Representa a photographia, que acompanha o presente numero do *Boletim*, uma obra rara de esculptura de remota era, pois data da fundação do reino de Portugal; a figura, em meio corpo, d'el-rei D. Affonso Henriques, estava collocada no cimo do portal do palacio das Alcaçovas em Santarem, actualmente em ruinas, no qual habitou o fundador da monarchia por muito tempo.

Mostra esta obra de esculptura a infancia da arte; n'ella se observa a falta de relação entre as partes que compõem a dita figura, e principalmente a incorrecta posição dos braços, estando ligados ao tronco. Era uma extraordinaria difficuldade para os esculptores d'essa época poderem representar esses membros do corpo humano, e muito tempo decorreu primeiro que chegassem á perfeição de lhes dar o devido movimento, o qual tanto contribue para expressar a vitalidade.

Esse defeito é mais uma prova da antiguidade d'esta esculptura, pois que no seculo XII permaneciam ainda na decadencia as bellas-artes na raça latina; todavia nota-se n'este busto, não obstante a imperfeição do trabalho, que o esculptor era dotado de sentimento artistico, pois o rosto do soberano indica a firmeza do seu caracter para com a espada fazer triumphar a cruz, symbolo da religião que professava, e mesmo a attitude em que está apertando nas mãos esse emblema sagrado, e a lamina da espada erguida, patenteam quanto era vigilante pela conservação da fé, estando prestes a defendel-a expondo a propria existencia.

Esta esculptura é um dos objectos de maior apreço que encerra o museu do Carmo, não só pela sua antiguidade, mas por ser a unica d'aquella época que Portugal conserva, e representar o fundador da nossa nacionalidade.

Todas estas circumstancias reunidas fizeram que na exposição universal de 1867, em Paris, os artistas e archeologos a reputassem de subido valor tanto para a historia como para se avaliar qual era o merecimento artistico que n'aquelle seculo os portuguezes tinham adquirido.

J. DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O sr. conde de Lair offereceu ao nosso presidente uma preciosa collecção de trinta e dois specimens de ceramica de vinte e cinco manufacturas francezas, desde o seculo de Luiz XIV até o final do seculo XVIII, escolhida da mais completa collecção que ha em Paris pertencente a este illustre amador. Tem causado admiração ás pessoas que examinam no Museu do Carmo, e mereceu os elogios de sua magestade el-rei o sr. D. Fernando pelo esmero da escolha e

Da Real Associação dos Archithectos e Archeologos Portuguezes

ESTAMPA 30
Busto d'el-rei D. Affonso Henriques
obra d'esculptura do reinado
d'este soberano

raridade de alguns d'estes objectos de faiança, que não havia ainda em Portugal.

Os jornaes de Madrid deram noticia da sessão solemne em que se conferiram as medalhas de prata aos nossos consocios, e que se inaugurou o retrato e se leu o elogio historico do distincto archeologo hespanhol o fallecido D. José Amador de los Rios. Entre elles se exprime a *Epoca* por esta forma: «... Portugal se antecipou á Hespanha em honrar a memoria do insigne archeologo, do sabio critico, cujo ensino vive e viverá por dilatados annos na memoria da mocidade, e com applauso dos homens de sciencia.»

Expressa-se deste modo tambem o jornal a *Raça Hespanhola:* «... Actos como o referido, honram os povos que se estimam; e Portugal deve ao incansavel presidente d'esta Associação, por elle fundada, o amor aos estudos archeologicos, tão esquecidos até agora no reino visinho.»

O sr. marquez de Croizier, fundador da Sociedade Academica Indo-Chineza, nosso digno socio correspondente, offereceu dez photographias tiradas das remotas minas de Khamer, onde se ostentam os primores de sua floreada architectura, e que é muito util para a historia da arte na India.

O Instituto Imperial Germanico de Archeologia de Berlim nomeou seu socio correspondente ao sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, enviando-lhe o seu diploma com um officio assignado pelo presidente o dr. Mr. Lepsius. Estas successivas distincções não só ennobrecem o artista, como são honrosas para o paiz e muito lisongeiras para a Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

A Associação *Artistico-Archeologica Barceloneza* propoz á nossa Real Associação para encetarem relações artisticas; o que foi acceito com grande satisfação. A mesma Associação nomeou, na sua sessão de 6 de abril do presente anno, socio correspondente o nosso collega o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

NOTICIARIO

Nas investigações emprehendidas nas ruinas de Troia, tem continuado o dr. Schliemann a encontrar entre as cinzas preciosos e interessantes objectos, consistindo em *armas de bronze, copos com azas, braceletes, agulhas de marfim de cinco pollegadas de comprido, joias de agatha, idolos de pedra e de marmore,* até mesmo *uma pepita de ouro,* como se acham nas minas da Australia; e ao mesmo tempo se descobrem misturados com esses objectos, *centenares de martellos de pedra da classe primitiva,* com vasilhas de barro, feitas á mão, menos os pratos que parecem os primeiros ensaios de emprego do torno.

Dentro de uma urna que continha ossos e cinza, e outros fragmentos, estava um pedaço de *porcelana egypcia verde lustroso*; sendo esta a primeira que se encontrou em Troia. O mais notavel foi descobrir-se, a vinte e oito pés abaixo da superficie da collina, uma *roca de madeira* de onze pollegadas de comprido e cheia *de fios de lã postos no sentido longitudinal,* mas todos negros como carvão, parecendo terem sido queimados.

Quarenta grandes mostradores de relogios foram collocados em varios bairros de Paris para indicarem as horas ao publico, sendo todos regulados por um simples mechanismo: o total da despeza com este util melhoramento foi de 87:000 francos.

Uma elegante construcção acaba de ser feita em Padua pelo habil architecto sr. Camillo Boito: é um palacio para a administração municipal d'esta mais florescente cidade dos antigos Estados de Veneza. Boito soube harmonisar a decoração do novo palacio com a architectura do antigo monumento da edade media que lhe fica em frente; reunindo aos usos modernos e ao pittoresco architectonico uma composição de gosto e sciencia que lhe proporcionou mostrar o seu merito artistico.

O distinctivo — *As palmas de Official de Instrucção Publica* — foi conferido ao nosso insigne confrade Mr. Paulo de Déchard, architecto, pelos seus serviços e merecimento na sua profissão.

Projecta-se cobrir uma das maiores ruas de Londres, *Regent's-street*, com um tecto de vidraças, a fim de evitar a este passeio o incommodo da chuva e da neve, assim como ficar ao abrigo do vento. Durante a noite esta extensa arcada receberá luz por soes electricos, projectando as suas chammas de cima para baixo, como já se usa com a luz do gaz, na soberba galeria de Victor Manuel, em Milão.

Uma linha de ferro na Austria está sendo allumiada pela luz electrica, de modo a poderem-se descobrir os obstaculos sobre a via em grande distancia.

Vae estabelecer-se em París a transmissão dos despachos telegraphicos por tubos pneumaticos, diminuindo a tarifa actual os preços estabelecidos, a fim de ser mais breve, e adoptado pelo publico, o serviço organisado por esta differente maneira.

Em França principia-se a collocar um apparelho electrico sobre os rios, com o fim de produzir automaticamente as variações do nivel das aguas, para se conhecer immediatamente as enchentes, e dar tempo a evitarem-se prejuizos sobre as margens dos rios.

Na villa de Baena, da provincia de Cordova, naturalidade do distinctissimo archeologo, D. José Amador de los Rios y Serrano, mandou a respectiva municipalidade mudar o nome á rua onde está a casa em

que nasceu Serrano, substituindo-o pelo d'este litterato, assim como collocar, na referida casa, uma lapide de marmore, com a seguinte inscripção ao centro de uma corôa de louro:

No 1.º *de Maio de* 1818
nasceu n'esta casa
O eminente historiador e publicista
D. José Amador de los Rios y Serrano.

Falleceu em Sevilha em 17 *de Fevereiro de* 1878.

Sobre os dois lados da corôa lê-se:

Gloria ao Genio — Honra ao Merito

Collocou-se esta lapide, por deliberação da municipalidade de Baena, no anno de 1879.

Nas construcções que se executam presentemente para as fortificações em roda da cidade de Roma, na *Via Appia*, foram descobertos cincoenta tumulos de differentes epocas, encontrando-se inscripções de grande importancia para a historia do tempo d'esses monumentos epigraphicos.

Fabricam-se em Dresde chapas de vidro submettidas a uma forte pressão: obtêem-se de muito maiores dimensões do que pelo systema do vidro temperado; apresentam além d'isso uma resistencia superior na razão de 5 a 3.

Na presença da sociedade polytechnica se fizeram experiencias, dando em resultado que as chapas de vidro usual ficavam esmigalhadas, caindo-lhe uma bala da altura de 30 centimetros, emquanto para se quebrar a chapa de vidro comprimido fôra preciso lançar a mesma bala da altura de tres metros, ficando apenas fendido.

Este anno terá logar em Munich uma exposição internacional de bellas artes.

Em New-York adoptou-se, para se aquecerem as casas de toda a cidade, um deposito central de vapor d'agua, que transmittirá por intermedio de tubos em todas as direcções atravez das ruas, obrigando-se a companhia a aquecer as repartições publicas ao preço de um terço menos que se gasta com o carvão nos fogões; além d'isso obriga-se, em caso da neve se accumular nas ruas, a fazer derretel-a promptamente, servindo-se de um apparelho a vapor. A cidade de Berlim vae adoptar o mesmo systema para aquecer no inverno as habitações.

Em Nice acaba de ser construido um novo theatro, servindo tambem de sala de concerto, de *Monte-Carlo*, pelo insigne architecto mr. Carlos Garnier, socio correspondente da nossa real associação, edificio mais superior pela sua bella fórma, sumptuosidade e ornamentação, do que a grande opera de Paris, delineada pelo mesmo habil architecto.

Muito embora se despendessem n'esta edificação alguns milhões, o que ha a attender é á perfeição da obra, rara intelligencia e gosto apurado do celebre architecto, que parece ter attingido agora, na sua idade mais madura, o perfeito desenvolvimento de seu raro talento.

O novo theatro tem causado grande admiração aos entendedores, e merecidos applausos ao artista que veiu dotar a arte no XIX seculo com um tão estupendo monumento architectural.

A municipalidade da cidade de Cordova tambem mandou mudar a designação da rua do *Seminario* pelo nome de *Amador de los Rios*, por haver este sabio hespanhol começado os seus estudos n'aquelle seminario.

É por actos d'este quilate que se avalia a civilisação dos povos, e se immortalisam os homens illustres das nações.

Em New-York acaba-se de construir um grande hotel sómente para mulheres se hospedarem permanentemente com a maior commodidade, e mesmo luxo, contribuindo com uma limitada mezada.

Este edificio tem oitocentas janellas e quinhentos quartos. Os talheres são de prata, a louça de porcellana; quadros a oleo revestem as paredes, cortinas em riscas de côres guarnecem as janellas, e os angulos das salas têem por ornamento talhas da India. Campainhas electricas e tubos acusticos communicam com todos os andares. A bibliotheca compõe-se de tres mil volumes; estantes para escrever acham-se collocadas nos vãos das janellas, e o serviço é feito por pretos; as mezadas são conforme os andares: ha de 48$000 réis, de 36$000 réis e 19$200 réis, comprehendido o sustento.

De mil pedidos feitos á administração sómente foram admittidas quarenta mulheres que se sujeitaram ás condições de não trabalharem com machinas de costura, não terem cães, gatos ou aves!

Uma nova ponte formada de um só arco se vae agora construir em Londres, para que possam passar os navios de alto bordo por baixo: haverá pois tres pontes com esta disposição: a do Douro, que mede cento e cincoenta e oito metros; a outra, estabelecida em Cincinnati, que tem cento e cincoenta e seis metros; e a nova, de Londres, que terá duzentos e cincoenta metros.

EXPEDIENTE

No proximo numero do Boletim daremos publicidade ao Elogio de D. José Amador de los Rios, proferido na sessão solemne de 2 de maio preterito, pelo nosso consocio o sr. Luciano Cordeiro.

1879, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1879 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 11

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

REFORMA

DA

ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA

CIRCULAR

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr.—Tendo o Ex.^mo^ Vice-Inspector sido encarregado, pela Portaria de 19 do corrente, de formular as bases para a reforma d'esta Academia, encarrega-me S. Ex.ª de rogar a V. queira enviar-lhe até ao dia 14 de Agosto, as indicações e esclarecimentos que julgar necessarios para o auxiliar na execução d'este trabalho.

Deus guarde a V. Academia, 31 de Julho de 1879.—Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

O secretario,

José Antonio Gaspar.

PROJECTO

Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. — Em cumprimento da Circular que recebi de V. Ex.ª com data de 31 de Julho do corrente anno, para que me preste a auxiliar com os meus limitados recursos intellectuaes o projecto da reforma dos estudos da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa, segundo a indicação da Portaria de 19 do dito mez; procurarei, como me for possivel, corresponder ao difficil encargo que V. Ex.ª se dignou confiar de mim.

Ninguem que preze as bellas artes e sabe avaliar a importancia que ellas tem na civilisação deixará de louvar a iniciativa do Governo para dar-lhes a precisa e util organisação, de que tanto carecem, para que o seu ensino dê maior nome ao paiz e gloria aos seus cultores; mas a restricção que foi recommendada a V. Ex.ª para não exceder a dotação que a nação ultimamente concede para a Academia exercer o ensino publico, oppõe-se sobremaneira, para que se alcance o desejado fim de se regenerar e completar a instrucção nos seus diversos ramos que são absolutamente necessarios para que os artistas adquiram os conhecimentos que possam habilital-os a exercerem a sua carreira com merecida fama.

Para entrar desassombradamente na materia, devo com franqueza expor a V. Ex.ª o modo como considero o ensino que compete a uma Academia d'esta ordem, e n'um paiz que se presa de acompanhar as outras nações cultas, as quaes não desprezam os progressos modernos que são essenciaes adoptar, para que se aproveitem todos os sacrificios; o que será impossivel, ainda quando se recorra a outros estabelecimentos scientificos para o complemento de certas materias indispensaveis no curso das bellas artes.

Além de que, as Academias d'este genero devem ser fundadas com *professores especiaes em todas as cadeiras,* que fornece o conjuncto dos estudos; em quanto as materias professadas nos estabelecimentos scientificos são destinadas para outras carreiras e a varias applicações estranhas aos trabalhos artisticos; e em todos os paizes, mesmo aquelles que não podem dispor de maiores recursos, não preferem esses cursos para o ensino das bellas artes. Sem entrar agora em explicações ácerca dos inconvenientes de frequentarem esses cursos, discipulos que não necessitam de profundar taes conhecimentos para a sua profissão artistica, limitar-me-hei a tratar sómente da maneira mais vantajosa para completar e organisar os estudos da architectura civil, porquanto aos outros ramos das bellas artes não darei a minha opinião por não me julgar habilitado para isso, e n'este caso faltar-me a auctoridade.

Em primeiro logar, não deve confundir-se o ensino superior de uma Academia com o proprio de uma escola, sendo obvio separar d'aquelle estabelecimento o ensino elementar; occupando-se unicamente do ensino superior das bellas artes para ser frequentado pelos alumnos que tenham já as precisas habilitações para estudarem em uma Academia; haveria por esta *reforma* grande vantagem, não só para os discipulos que se dedicassem á carreira artistica, havendo já dado sufficientes provas de sua vocação, porém ao mesmo tempo seriam mais rapidos os seus progressos na Academia, e este estabelecimento alcançaria maiores creditos dentro e fóra do paiz pelo resultado do ensino.

Estou persuadido de que este meu alvitre não será acceito, não só porque iria alterar o que é seguido no actual ensino da Academia, embora o Governo exija a reforma d'elle; mas tambem por causar novidade entre nós, e sermos, em geral pouco inclinados a innovações, apezar dos exemplos extranhos nos convençam do util exito d'essa reforma; mas como prometti ser sincero e tenho na maior consideração o progresso da minha arte em Portugal, espero me desculpem a ousadia.

N'esta conformidade nenhum discipulo de architectura seria matriculado sem passar primeiro por tres provas: a 1.ª sobre o primeiro anno de mathematica; a 2.ª na solução graphica de um problema de geometria descriptiva traçando o respectivo *épure;* e a 3.ª no delineamento de uma simples composição architectonica, na qual entrariam as precisas proporções de uma das ordens da architectura, além da carta de instrucção primaria e da lingua franceza pelo menos.

A idade para admissão devia ser de 16 annos. O curso completo devia constar de cinco annos nos estudos da Academia, e mais dois na França ou na Italia para aperfeiçoamento dos alumnos que entrassem no concurso de pensionistas, podendo concorrer para obter essa honrosa recompensa até á idade de 23 annos: sendo esta idade o limite para os estudos academicos.

Os aspirantes, depois de satisfazerem ás tres provas exigidas para entrarem na Academia, ficariam pertencendo á *segunda classe.* Depois de frequentarem durante tres annos os cursos indicados n'este projecto e satisfazerem em concursos parciaes comparativos do aproveitamento nos estudos pelas recompensas obtidas nas exposições publicas, passariam para *primeira classe,* onde deveriam desenvolver os conhecimentos architectonicos, scientificos e *praticos* durante dois annos, conforme fosse indicado, no fim do qual fariam exame geral, e se ficassem approvados com distincção poderiam concorrer ao premio de pensionista.

É necessario que o ensino da architectura civil seja o mais liberal possivel; isto é, não deve constranger-se os alumnos a seguir um unico estylo, pelo contrario é preferivel habitual-os a exercitar-se nas composições architectonicas dos principaes typos admittidos na arte de edificar.

A progressiva civilisação dos povos e os progressos alcançados no presente seculo, exigem da profissão do architecto uma instrucção technica mais desenvolvida para estar habilitado a satisfazer cabalmente, não só aos preceitos da arte em si, mas tambem a apurar o gosto do publico executando trabalhos em que se patenteem conhecimentos theoricos e praticos, tanto no apuro esthetico e estabilidade das construcções, como nas commodidades d'ellas, distribuição atilada, salubridade, ventilação, etc., para pôr em boas condições a existencia dos moradores, e embellezar o paiz com edificações agradaveis e artisticas. Será portanto necessario adquirir os conhecimentos especiaes nos differentes ramos, e enriquecer a imaginação com exemplos os mais perfeitos da arte, para que os possam applicar de um modo mais racional e economico, derivado do fructo d'esses estudos, no exercicio de sua nobre profissão.

Não se poderá obter esse proficuo resultado sem alterar o modo actual do ensino da architectura civil, e completal-o em todos os seus ramos, que hoje

deve servir de base segura para a formação de um architecto que deseje honrar o seu nome e o seu paiz.

Com este proposito deverá constar o estudo da architectura civil das seguintes materias para os alumnos que tivessem sido admittidos na Academia passando pelas tres provas já mencionadas, afim de poderem pertencer á *segunda classe*, na qual deveriam frequentar as disciplinas que lhes competirem, fazendo no fim de cada curso os exames respectivos.

Cursos

1.° Stereotomia de pedra, da madeira e do ferro.

2.° Geologia, qualidade dos materiaes.

3.° Construcção: alicerces, paredes, abobadas, frontaes, vigamentos, madeiramentos, telhados e revestimentos.

4.° Estabilidade das construcções; resistencia dos materiaes.

5.° Physica applicada ás construcções; distribuição da luz convenientemente nos edificios; ventilação; canalisação adequada das aguas; disposição preventiva contra os raios.

6.° Chimica applicada; composição das argamassas, das pedras e dos metaes; conservação dos materiaes.

7.° Hygiene: influencia sobre a saude; das condições atmosphericas; da natureza do solo; gazes nocivos e miasmas; condições hygienicas das habitações.

8.° Machinas: suas diversas composições em que caso podem ser applicadas nas construcções.

9.° Contabilidade: orçamentos; avaliações; contratos; medições metricas das obras.

10.° Perspectiva: demonstração das suas regras; exercicios.

11.° Composição de projectos architectonicos pertencentes a edificios publicos tanto civis como religiosos, urbanos e rusticos, comprehendendo as plantas, fachadas e córtes; detalhes dos elementos de architectura em que forem delineados; bem como os mais importantes da diversa natureza de sua construcção.

12.° Historia comparada da architectura, tanto da antiga, como da idade media e renascimento. Architectura nacional, typo manuelino.

Poder-se-ha objectar: onde é que os aspirantes poderiam aprender o desenho de figura, ornato e o das ordens de architectura, não havendo esse ensino senão na Academia? Apezar de tambem ensinarem desenho no Instituto Industrial, assim como a geometria descriptiva, poderia estabelecer-se *um curso elementar* no mesmo local da Academia, *ficando todavia a escola separada, e a regencia das respectivas cadeiras preliminares encarregada aos artistas adjuntos da mesma Academia,* não só para os discipulos que pretendessem depois matricular-se em architectura civil, mas para as pessoas que costumam frequentar esse estabelecimento sómente para aprender a desenhar; e d'este modo obviar-se-hia á difficuldade em augmento excessivo da despeza.

Para restringir o menos que seja possivel o numero dos professores necessarios para estas indispensaveis disciplinas, poderiam as doze cadeiras propostas ficar reduzidas a seis professores, dividindo-se os cursos d'este modo:

1.° Geometria descriptiva e perspectiva — 1.

2.° Stereotomia e geologia — 1.

3.° Construcção e estabilidade — 1.

4.° Composição de architectura, contabilidade e machinas — 1.

5.° Physica, chimica e hygiene — 1.

6.° Historia da architectura e theoria da arte — 1.

É o que se me offereceu a propor em geral, pedindo desculpa a V. Ex.ª de não ter podido remetter este imperfeito trabalho no dia designado na circular que me foi dirigida.

Deus guarde a V. Ex.ª. Campolide, em 18 de Agosto de 1879.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Commendador Delfim Guedes, Vice-Presidente da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa.

O ARCHITECTO,

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA.

Havendo frequentado a Aula Regia do risco, estabelecida no convento dos Caetanos em Lisboa, em 1824, cujo professor desempenhava *de manhã as funcções de official de contabilidade* no Erario, e *de tarde ensinava a architectura civil;* sendo esse ensino feito sem methodo e critica, e tendo-o depois comparado com aquelle que se praticava em França e na Italia, onde estudei e me aperfeiçoei na minha profissão, julguei do meu dever apresentar em 1834 uma memoria ácerca d'esse ensino em Portugal, para que saisse do lamentavel atrazo em que permanecia com grave desdouro para a arte e descredito para o paiz. O officio que em seguida reproduzo confirma esta minha declaração.

J. da Silva.

«Illustrissimo Senhor. — Foi presente á Commissão encarregada por Sua Magestade Imperial O Duque de Bragança Regente em nome da Rainha de Lhe propôr um Plano Geral d'Estudo, Educação e Ensino Publico e da Reforma da Universidade de Coimbra e mais Academias, Escholas e Estabelecimentos do Reinò, a Memoria que Vossa Senhoria lhe dirigiu sobre os novos Estatutos para organisar

as Aulas e Casas de risco da Capital, e me encarrega de communicar-lhe que a viu com muita satisfação e que a terá, em tempo opportuno, na consideração que ella de certo merece. — Deus Guarde a Vossa Senhoria. Sala da Commissão em vinte quatro de Janeiro de mil oitocentos trinta e quatro. Illustrissimo Senhor Joaquim Possidonio Narcizo da Silva. — (Assignado) *João Baptista d'Almeida Garrett.*»

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 9, pag. 132)

A sessenta leguas da primeira cataracta do Nilo, e a doze leguas da segunda, quem sobe este rio observará o aspecto o mais arido do paiz em que está e ficará com o coração opprimido pelo sentimento da mais profunda tristeza, vendo a solidão que o cerca; porém continuando a subir o rio, repentinamente será surprehendido, descobrindo colossaes fachadas de templos subterraneos, esculpidas de um modo admiravel nos flancos da propria montanha, que encerram as margens escarpadissimas. Servem para indicar externamente a entrada d'esses templos figuras gigantescas, as quaes fazem lembrar as mais bellas obras e de maior vulto da Thebaïde: este logar, designado pelo nome de Ebsamboul, é reputado pelas suas curiosas antiguidades, o mais interessante da Nubia inferior.

A montanha foi cortada sobre um plano inclinado no comprimento de vinte e sete metros, e na altura de trinta e um, com inclinação quasi egual á que costumavam ter os pylonos egypcios, isto é, os porticos dos templos. Foram, pois, talhados n'essa rocha seis nichos altos e profundos, conservando-se todavia a pedra necessaria para se poderem formar seis estatuas colossaes, como representa a vista do quadro *J*, [1] monumento pertencente ao Pharaó Rhamsés o Grande e sua mulher — elle com seus filhos aos pés, e ella com as filhas. Os nomes e titulos de ambos estão gravados em roda das figuras. Foram estas estatuas depois acabadas com todo o esmero, em um estylo grave, nobre e veneravel. Concluido este frontespicio, seguiu-se outra obra não menos gigantesca e difficil, havendo os artistas humbianos excavado no interior da rocha viva, em uma profundidade de vinte e tres metros, para estabelecer um *pronaós*, uma *naós*, um santuario, e finalmente duas outras pequenas casas collocadas no topo d'elle. O tecto do pronaós, em logar de ser sustido por columnas (como era o uso nas primitivas construcções egypcias), tem como pontos de apoio grossos pilares quadrados, postos sobre um espaçoso soco, havendo no remate uma cabeça de mulher, esculpida em alto relevo. A largura d'este monumento é de dezeseis metros.

[1] Está exposto no Museu Archeologico do Carmo.

Os lados internos da montanha que fórmam este vestibulo estão cobertos com baixos relevos pintados, e são de um bom estylo e de excellente trabalho: todas estas esculpturas representam actos religiosos, em que se faziam offertas á divindade principal do templo de *Athor*, a Venus Egypcia, irmã do deus da Luz, a qual presidia á agua e ao mar, e fazia parte da Trindade adorada no Egypto.

O santuario está esculpido e ornado com hiéroglyphos da mesma maneira como estão todas as partes do mesmo monumento. Os assumptos são historicos, civis e guerreiros; todas as esculpturas estão bem conservadas, porém acham-se denegridas pelo fumo do lume que fazem os pastores quando são obrigados a defenderem-se dentro d'estes monumentos contra os ataques dos arabes; todavia ainda se divisa o tecto pintado de azul para imitar o céu, e as molduras em roda do templo com as tres côres, que indicavam a divisão territorial do Egypto.

Não póde haver duvida a respeito de ser este o templo dedicado á divindade Athor, quando se examinam os objectos que representaram dentro do santuario; ahi se notam duas pilastras com cabeças de mulher sustentando um pequeno templo, havendo entre ellas em relevo muito saliente a *bezerra sagrada*, cuja pelle desce até ao chão, emblema este que competia á mesma deusa. As esculpturas foram feitas com muita delicadeza, porém pouco expressivas.

Este monumento pertence ao tempo de Sesóstris, tendo sido particularmente destinado ao culto, pois que os assumptos das esculpturas consistem em offertas feitas aos deuses, apresentadas pelo rei egypcio e por uma figura ricamente vestida, que se suppõe ser a rainha.

Para apreciar bem o merito artistico d'este templo, deveriamos examinal-o em relação á sua concepção architectonica, e á sua execução e decoração. Para se fazer este exame, util e completo, seria preciso desenvolver os principios geraes da arte egypcia, ir buscar exemplos tirados das obras primas d'esta architectura, depois comparar a estes typos o monumento; mas um tal trabalho comparativo iria além do fim a que nós nos propozemos no presente estudo, e portanto limitar-mos-hemos á descripção do monumento.

Do mesmo modo que no maior numero dos hypogeos de Thebas, os pontos de apoio não são formados por columnas, mas sim por pilares quadrados, havendo-se adoptado esta forma de preferencia para lhes dar maior solidez. A mesma razão de solidez explica a diminuta altura d'estes pilares, comparados á sua base. A simplicidade e a regula-

ridade do plano não davam logar a nenhuma outra explicação.

Em quanto á execução da esculptura das figuras e dos caracteres hieroglyficos egypcios, são todos feitos com esmero e delicadeza.

Em logar de alizar a face da montanha d'estes templos, deixaram-lhe entre os colossos grandes contrafortes que seguem a inclinação geral do talude da montanha, dando por isso a esta fachada um aspecto inexplicavel ao primeiro golpe de vista. D'esses colossos, principalmente o corpo da rainha *Nonfré-Ari* tem o contorno e as formas graciosas que a natureza dá ao seu sexo. A representação d'uma personagem feminina n'este monumento, o colloca em separado de todos os outros; e o interesse augmenta muito mais conhecendo-se que elle foi erigido pelo amor conjugal, em memoria d'um rei, do qual a antiguidade tem celebrado o amor constante e dedicado pela sua esposa. Além de termos a satisfação de possuir o retrato parecido e agradavel de uma princeza, da qual a belleza foi tão fallada ha perto de 3:300 annos, é tambem uma preciosidade existir esse trabalho artistico onde tudo foi cuidadosamente calculado para a destinação que lhe deram, onde as côres as mais mimosas, a esculptura a mais apurada, foram judiciosamente escolhidas e applicadas, e assim como as formas mais apropriadas para tornar mais saliente a idéa unica que domina em tão grande obra.

Os diversos monumentos egypcios que já temos examinado nos fizeram vêr qual era a idéa dominante que tinha esta nação a respeito dos seus monumentos, era que surprehendessem tanto pelas suas fórmas collossaes, como pelo arrojo de execução, além de serem todas as esculpturas symbolicas derivadas da sua theologia e da sciencia astronomica. É sem duvida por este constante e invariavel modo de construir monumentos, que os egypcios poderam conservar o caracter que tanto distingue a sua arte monumental entre as outras dos povos da antiguidade.

Quinta prelecção

Recapitulemos as differentes phases por que passou a arte monumental no Egypto. Desde as épocas mais remotas da historia, em que elle se compunha unicamente da Thebaide, o Nilo circulava desde os montes da Lua até á montanha Syena, onde nasce a primeira cataracta, atravessando os desertos libycos e um oceano de areias, o qual se prolonga até ao Mar Vermelho. Foi este paiz habitado na sua primitiva por um povo nomade, que, como acontece no principio de todas as sociedades humanas, se civilisou pouco a pouco, e se occupou em primeiro logar da cultura das terras: descendo depois para as planicies, que o rio Nilo rega e fertilisa, ergueu sobre essa terra fecunda os monumentos do seu culto, de suas instituições e artes. Quando a industria dos homens se apoderou d'esse rico valle do Nilo, a sua civilisação progrediu com uma rapidez extraordinaria; a situação vantajosa do paiz, pela proximidade de regiões abundantes, foi causa dos seus rapidos progressos, e da poderosa influencia que adquiriu esta intelligente nação.

No principio, o Egypto foi governado pela casta sacerdotal, cuja dominação bastante se prolongou. Substituiu-a a classe guerreira, em virtude de uma revolução realisada por Menés I, rei da 1.ª dynastia em 5877 antes da era vulgar, havendo sido esse mesmo rei quem fundou a cidade de Memphis, e estabeleceu n'ella a capital do novo imperio. Depois, dezeseis outras dynastias lhe succederam, sob o governo das quaes o Egypto adquiriu o maior auge de prosperidade. É d'este tempo que data a *primeira época* da arte monumental n'aquelle paiz.

No anno 2082 antes de J. C., o Egypto foi invadido por um povo barbaro, os Hycsos, ou os reis pastores, phenicios de origem, que se apoderaram d'elle, demoliram os monumentos e fizeram todos os esforços para abolir as antigas instituições que regiam aquella nação.

A Amesis, ultimo rei da 17.ª dynastia, coube a gloria de ter expulso da sua patria esses estrangeiros, e seu filho acabou de libertar o Egypto, restabelecendo o governo sobre as suas antigas bases em 1822 antes de J. C. Então novos monumentos se levantaram em todo o territorio, soberbos e magnificos; as cidades se cobriram de templos; as artes, a industria e a agricultura tomaram um desenvolvimento consideravel; por toda a parte uma admiravel e engenhosa actividade foi dada aos trabalhos de utilidade publica. É esta a *segunda época* da arte monumental.

Porém depois da 22.ª dynastia, a civilisação da Nubia apresenta um periodo de repouso. A famosa Thebas e o alto Egypto parecem estar exhaustos: elle não produz nem reis poderosos, nem maravilhas na arte monumental; a velha capital theocratica não conserva senão por unico privilegio as suas pomposas ceremonias religiosas, emquanto o baixo Egypto apparece n'esse mesmo tempo augmentando a sua preponderancia, tendo-se elevado em intelligencia e em auctoridade. Todavia no reinado da 24.ª dynastia de Bocohorés, passa o Egypto para a dominação de Sabacom, rei da Ethiopia, 1762 antes de J. C. Em menos de um seculo depois, uma nova dynastia se poz á testa do governo egypcio, mas a sua existencia foi de curta duração; acaba na pessoa de Psammenite, o qual foi vencido por Cambyses, rei da Persia, 1522 antes de J. C. O Egypto ficou então sob o jugo d'aquella nação. Estes conquistadores eram menos barbaros que os Hycsos;

todavia despojaram os tumulos, e arruinaram quanto poderam os monumentos, que faziam a gloria d'aquelle paiz.

Os persas foram depois expulsos pela primeira vez do Egypto em 404 annos antes de J. C. por Amyrteus, que restabeleceu as antigas leis e reparou os monumentos. Porém o Egypto tornou a cair no poder dos persas em 338; e logo depois veiu a ser uma das provincias do vasto imperio de Alexandre o Grande, 332 antes da era vulgar. Depois da morte d'este rei de Macedonia, ficou Ptolomeo sendo o senhor do Egypto; não obstante ter perdido a sua independencia, conservou porém o seu culto, e seus costumes e o Egypto recuperou mesmo o seu antigo esplendor, e brilhou como antes nas artes, no commercio e na industria. Os typos ficaram sendo os mesmos nas obras de esculptura e pintura; os monumentos conservaram as suas antigas disposições, mas elles perderam inteiramente a sua viril severidade. È este o *terceiro periodo* da arte monumental do Egypto.

Dos restos d'estas construcções tão celebres na antiguidade, trataremos hoje, fazendo a descripção do maior dos templos edificados pelos Ptolomeos em Edfou, na grande cidade de Apollo, como os gregos lhe chamaram depois — *Apollinopolismagna*, templo representado na vista do quadro *F* no seu primitivo estado.[1]

O templo d'Aroéris em Edfou

Sobre a margem esquerda do Nilo, a vinte leguas de Thebas se encontra o curioso monumento do templo de Edfou.

Como todos os grandes templos do Egypto, que eram dedicados a uma divindade principal, fazendo parte de uma Trindade, a qual representa a unidade divina, isto é, o composto de um principio masculino, de um principio feminino, e de um filho descendente d'ella, tambem no tempo dos Gregos este monumento foi dedicado a Aroéris, o Apollo da mythologia grega e romana, representando elle o filho dos deuses da sciencia e da luz celeste personalisada, da qual o sol era a imagem no mundo material. Pertencia egualmente este templo á deusa *Athor*, a Venus egypcia.

Examinando este grande edificio que tem 138^m de comprimento, e perto de 65 de largo, vêem-se colossaes *pylonos* (portaes) voltados para o sul, que de longe serviam para annunciar magestosamente a entrada do templo, como nos edificios da nossa religião as elevadas torres indicam de grande distancia o logar santificado. Ornam estes portaes gigantescos esculpturas cinzeladas em concavo na mesma pedra; na parte superior, na frente principal, vêem-se as divindades do proprio templo, e as que pertencem aos templos da provincia *(nomos)*, assentadas em thronos, e collocadas em dois renques, para receberem as offertas dos Ptolomeos, Soter II e seu irmão Alexandre, filhos de Cleopatra, os quaes se fizeram representar n'estas esculpturas, tendo mandado gravar os seus nomes e pronomes em laminas de fórma oval que se acham embutidas sobre este monumento.

Na parte inferior do pylono, do lado oeste, está representado um Ptolomeo de extraordinaria grandeza, que com a *harpa divina castiga os povos rebeldes*, [1] na attitude de pegar com uma unica mão pelos cabellos de varios corpos reunidos em grupo.

Ha uma particularidade muito para notar, é que na parte interna d'esta mesma massiça construcção, entre as outras esculpturas de offertas e de devoção, collocaram um Ptolomeo na attitude de levantar um obelisco com uma *corrente*.

Nos numerosos baixos-relevos dos monumentos d'este paiz, nos quaes os egypcios nos transmittiram todas as phases da sua existencia, não ha todavia um só que nos represente a maneira maravilhosa como transportavam os seus monolithos, e o modo como praticavam para levantar os obeliscos. É de suppor que elles se servissem de planos inclinados, para este fim, mas, como tinham a difficuldade de saberem representar em desenho esses planos, visto que ignoravam a perspectiva, fosse esta a causa de terem omittido o modo de fazerem essa operação mechanica.

Estes pylonos têem aberturas na parte inferior e buracos na sua extremidade superior, o que servia para firmar os mastros embandeirados de excessiva grandeza, a fim de ficarem mais superiores á elevação dos pylonos. Arvoravam até ao numero de dez d'estes mastros para indicarem a entrada de qualquer templo, adoptando, para as flammulas, as côres azul, amarella e encarnada, como ainda presentemente se faz differença nas pinturas, para representar a divisão do alto, médio e baixo Egypto.

No interior d'estes portaes ha escadas que conduzem dos terraços, das galerias, do pateo aos terraços dos pylonos e aos quatro andares divididos em quartos; recebendo luz atravez as esculpturas dos mesmos pylonos, o que demonstra que essas esculpturas foram feitas posteriormente; além d'isso ha um pequeno terraço, por cima da grande porta do templo, que serve para dar communicação entre os dois pylonos.

A porta pela qual se entra no grande templo *G*, tem as hombreiras cobertas de esculpturas repre-

[1] Está exposto no Museu Archeologico do Carmo.

[1] Veja-se a representação d'esta scena na mencionada vista do quadro *F*.

sentando offertas; é rematada por uma cornija com perfil egypcio, ornado de um globo com serpentes aladas. Este adorno que se encontra sobre todos os monumentos egypcios, representa o sol com os symbolos da immortalidade e do movimento.

É egualmente muito notavel o verem-se alli duas pedras de fórma de misolas, que estão postas uma á esquerda e outra á direita da verga superior. Isto faz crer que ellas serviam para apoio de um guardavento em madeira ou grande cortina, como frequentemente se vê indicado nos baixos-relevos pertencentes aos seus monumentos.

Esta grande porta dá entrada ao pateo *H* do templo, que está rodeado de porticos *I*, *I*, *I*, nos seus tres lados, e o qual precede a um bello pronaos com 18 columnas, *J*, occupando este o fundo dividido pelas outras do pateo. Serve este recinto presentemente de armazem para os cereaes recebidos dos tributos. Durante o dia os rapazes estão nos terraços fazendo um extraordinario alarido, para impedir que os passaros venham comer as rendas do Estado.

Todas as columnas, todos os frisos, todas as cornijas, as faces das paredes internas e externas d'este pateo e do pronaos, tudo está coberto de esculpturas symbolicas, de inscripções hiéroglyficas, de assumptos representando offertas e actos de devoção. Entre estas esculpturas apparece o deus do amanhecer, identificado com o sol, o seu occaso e as diversas fórmas symbolicas para cada uma das doze horas do dia, indicando tambem os nomes d'essas horas. Foi esta descoberta feita pelo joven e sabio Champollion. Os dois elegantes capiteis com folhas de palmeira que ornam as columnas collocadas ao centro das outras, pertencem á época do dominio grego; pois que antes os egypcios nunca se serviam d'este adorno nos seus monumentos. Segue-se o naós *K* composto de 12 columnas e de uma porta conduzindo ao santuario *L*: mas agora unicamente da parte exterior se acham os vestigios das escadarias que conduziam ao interior do terraço d'este monumento, e póde-se mesmo d'ali reconhecer as proporções do santuario *M*, e das salas adjacentes, visto que a altura dos entulhos impede absolutamente que penetre a claridade no interior d'este santuario para ser examinado, o qual serve de refugio a uma immensidade de morcegos.

Um outro pequeno monumento, que está situado obliquamente em relação ao grande templo, é designado com o nome de *Mammisi* — um dos logares reservados para as rainhas darem á luz os Pharaós, que o povo reputava como semi-deuses. Estes templos achavam-se sempre juntos aos locaes onde uma *trindade egypcia* era adorada, para indicar o recinto da habitação celeste, na qual a deusa d'esta trindade havia produzido a terceira personagem, pertencente á significação symbolica d'este templo.

Este recinto sagrado é composto de um vestibulo, e de uma pequena casa com uma escada para se subir ao terraço. No fundo d'este templo está a sala destinada para o acto de maternidade; o tecto é sustentado por columnas; em roda ha uma galeria, de que ainda hoje existe sómente um dos tres lados. São os capiteis d'este monumento compostos com as flores do lotus, apparecendo nas quatro faces a figura de *Thyphon*, genio do mal, com as feições as mais horrendas e com a cabeça de hyppopotamo; representação esta que apparece em todos os *mammisis*. Vê-se pois que os egypcios, como os outros povos da terra, consideraram o homem em relação á sua fraqueza, respeitando sempre por medo o genio do mal, assim como fortalecendo o seu animo na adoração dos deuses, dos quaes imploravam e esperavam toda a protecção.

Se n'estes templos apparece a figura hedionda do *Thyphon*, collocado sobre todas as columnas que cercam o recinto reservado, é com o intuito de intimidar e afugentar os indiscretos para não penetrarem no asylo sagrado destinado a um dos actos mais mysteriosos da natureza.

(Continúa)

O architecto,

J. P. N. DA SILVA.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

MATERIAES PARA CONSTRUCÇÃO

(Continuado do n.º 9)

Em relação á construcção resta tratar de outro material de natureza calcarea — o *gesso* — tambem chamado *sélénite*, corpo que na chimica se reconheceu ser o sulphato de cal, o qual se exprime pela formula — $SO^3, Ca\,O$.

É portanto o *gesso* uma combinação de cal e acido sulphurico, que crystalisa por tres fórmas.

O gesso existe na natureza em combinação com uma certa quantidade de agua e da qual se separa pela acção do calor em fornos apropriados.

Encontra-se ordinariamente em massas compactas, em fórma de bancos mais ou menos espessos, nos logares superiores dos terrenos de sedimento.

Os antigos conheceram o gesso, e foi muito aproveitado nas artes pelos romanos.

Diz-se que Augusto o tomára como veneno e que d'isso morreu.

Theophrasto indica o modo de o obter.

Depois dos romanos o gesso tem sido aproveitado nas artes e d'elle se tem tirado muito proveito.

Simples ou composto, fazem-se com elle bellas estatuas, grupos, vasos, medalhas e outros objectos, que, além de servirem de ornato, têem a dupla applicação de servirem de modelos.

Serve á extracção de copias, e á construcção de fôrmas, pelo que é immensamente util ás artes de esculptura, modelação, ceramica e ornamentação. Actualmente faz-se em Italia e França uma massa de gesso e stearina que imita perfeitamente o marfim e a qual depois de metallisada com a plombagina e tratada depois pelo galvano-plastico imita perfeitamente obra metallica.

Os antigos alchymistas indicavam o gesso por um signal de fórma um pouco exquisita e que não será facil descobrir qual a idéa que o suscitou como se póde julgar da seguinte figura:

O gesso, quando secco e puro, tem a propriedade de ser ávido de agua, e de se combinar de novo com ella desenvolvendo calor e endurecendo em seguida, circumstancia a que se dá o nome de *sesão:* é d'essa propriedade que resulta a sua maior utilidade nas artes que o empregam, e é ali conhecido pelo nome de *gesso de presa.*

Em virtude da propriedade que tem o gesso de presa de endurecer com facilidade absorvendo a agua, ou, para melhor dizer, vaporisando-a, utilisam-n'o as artes e a industria; simples ou composto, com varias substancias e tintas, serve na confecção de estatuas, grupos, medalhões, modelos, fôrmas, medalhas, vasos, ornatos, estuques, etc., e mesmo nas imitações de marmores artificiaes.

Nas terras humidas é empregado o gesso, como adubo, com bom resultado; systema que foi introduzido na America por Franklin, e hoje se usa na Europa com reconhecido proveito.

O gesso não hydratado, isto é, o que não tem sesão, chama-se *gesso de pintor,* e serve n'essa arte a varios usos.

O gesso (sulphato de cal) é pouco soluvel; comtudo existe em dissolução em quasi todas as aguas, circumstancia que em certa quantidade lhe é essencial; quando porém em excesso, torna a agua grossa e pesada, sendo então nociva ao estomago e á digestão: taes aguas são classificadas como *salobras,* não dissolvem o sabão, nem cosem os legumes [1].

O gesso (sulphato de cal) é insipido e não se decompõe pelo mais vivo calor; é um dos saes mais insoluveis na agua, tanto a frio como a quente, e no alcool é absolutamente insoluvel, bem como no petroleo, pelo que é um optimo vedador d'aquelles liquidos e outros semelhantes.

Ha uma experiencia curiosa que prova a insolubilidade do gesso: juntando á solução do *azotato de cal, acido sulphurico,* forma-se rapidamente um precipitado, que absorvendo a agua da mistura, se torna um corpo solido, que o gesso (sulphato de cal) facto que os antigos chimicos conheceram e a que deram o nome de *milagre chimico,* tal era a admiração que causava dois liquidos transformarem-se em um solido.

Os crystaes de sulphato de cal são muito molles e têem a propriedade de decompor a luz, apresentando lindissimas côres.

Ás laminas d'aquelles crystaes davam os romanos o nome de *pedra sepecular,* e os francezes chamam-lhe *pierre à Jésus,* ou tambem *miroir d'âne.*

A variedade cuja crystalisação é compacta, é o que se chama *pedra de gesso.*

As variedades que se apresentam laminares e saccharoides, constituem o chamado alabastro branco que póde ser facilmente operado e polido, adquirindo assim um lindo aspecto, e comquanto seja fragil, fazem-se d'elle bellas peças de ornato.

Em geral o sulphato de cal (gesso) é um hydrato que não produz effervescencia com os acidos.

Ha um genero a que os mineralogistas dão o nome de *anhydrita* ou *karsténita* que se encontra nos terrenos antigos. Perto de Milão encontra-se uma variedade d'esse genero a que os artistas dão o nome de *marmore de Bergamo.*

Já sabemos que o gesso cosido é anhydro, e que por isso absorve facilmente a agua, desenvolvendo calor, endurecendo e tornando-se resistente; perde porém essas propriedades com o tempo, especialmente exposto ao ar, quando n'esse estado toma a designação de *gesso arejado.*

Os moldadores, estucadores e mesmo outras artes aproveitam as propriedades do gesso para o applicarem a varios usos e obras, taes como fôrmas, decorações, ornatos, figuras, medalhas, estuques [2], etc.; e mesmo tambem a imitação de differentes marmores, por quanto a isso se presta, toma facil e

[1] As aguas salobras pódem-se beneficiar e mesmo mudar a sua propriedade, juntando-lhe, por cada 15 litros 30 grammas de bicarbonato de soda, agitando bem e deixando em repouso por vinte e quatro horas; forma-se então o sulphato de cal que, sendo insoluvel, se precipita.

[2] O estuque forma-se por diversos modos segundo os usos a que se applica, e essas formulas são conhecidas dos respectivos operarios.

esplendidamente as côres, e pule-se bem em virtude da finura da sua massa.

Seria ocioso fallar aqui ácerca dos modos de empregar o gesso e mesmo indicar as formulas dos estuques, por isso que os respectivos artistas muito bem as conhecem.

Trataremos só da imitação dos marmores por serem operações menos conhecidas.

Forma-se uma massa molle com gesso e colla de Flandres branca dissolvida a quente; aquella massa é deitada convenientemente, segundo a arte, nos respectivos moldes, e, quando secca e rija, pule-se com pedra pomes ou tripoli, depois com panno feltro e pó impalpavel de pedra pomes, e agua de sabão, acabando o trabalho só com agua de sabão e o panno, até se conseguir o polido desejado; pára então essa parte do trabalho, lava-se e enxuga-se bem a peça, e depois puxa-se o brilho com panno e oleo de nozes ou mesmo linhaça.

Ha diversos meios de endurecer o gesso, e por consequencia os marmores com elle imitados, tanto por immersão, como mesmo por aspersão; para isso serve a solução do alumen (pedra hume), a solução do sulphato de zinco neutro (caparosa branca), solução do silicato de potassa ou de soda: qualquer d'estas soluções póde ser empregada para o endurecimento; comtudo, sendo a operação feita com o sulphato de zinco, tem a vantagem de evitar a oxydação das particulas metallicas que o gesso contenha.

Os gessos assim preparados tornam-se muito consistentes, e ainda mais pela addição de areia fina, a ponto de resistir vantajosamente á acção do tempo.

O sr. Dumesnil inventou uma pedra artificial tão dura que substitue perfeitamente as melhores e mais rijas pedras de construcção e estatuaria, tanto para o interior como para o exterior dos edificios, a qual se obtem diluindo em *500 litros de agua, 7 de alumen, 6 de cal extincta e 1 de ocre fino, junta-se-lhe depois 1 de colla forte dissolvida em 5 de agua quente, ao que tudo se juntam 900 litros de gesso amassado e encorporado com 450 litros de areia fina de praia (não argilosa).*

A preparação póde moldar-se e leva de doze a treze horas para fazer preza; tira-se então dos moldes e sécca-se ao ar. A pedra assim obtida toma o nome de *pedra ficticia*, é susceptivel de se polir, e torna-se em estado de resistir ao tempo cobrindo a superficie com *silicato de potassa* a 25 gráos, que é inatacavel pelos agentes atmosphericos.

O gesso immergido em alcool contrahe-se e diminue uniformemente na rasão de 3 para 1, circumstancia muito apreciavel em modelação, copia de medalhas, e baixos e altos relevos.

Tira-se a primeira copia em gesso, immerge-se ou mesmo lava-se com alcool, d'essa copia tira-se um *cliché* em metal fusivel[1], d'esse tira-se outra copia em gesso procedendo com ella em relação ao alcool do mesmo modo que na primeira, da segunda copia tira-se novo *cliché*, e procedendo assim de copia em copia e *cliché* em *cliché*, consegue-se a diminuição precisa. A peça assim reduzida conserva toda a sua belleza e finura dos detalhes.

Apesar da insolubilidade do gesso, encontra-se em muitas aguas, e a sua presença até certo ponto não as prejudica; quando porém muito saturadas d'aquelle corpo, dá-se-lhes o nome de aguas *selenitosas:* taes aguas, que vulgarmente se chamam *salobras*, são sempre pezadas e nocivas ao estomago e digestão, não cosem os legumes nem se prestam aos usos domesticos como já dissémos, assim como indicámos o modo de as tornar potaveis.

Agora indicaremos de novo o modo de as tornar proprias a qualquer uso, modo que pouco ou nada differe do anteriormente ensinado.

Juntando a qualquer agua salobra 120 grammas de sal de soda por 1 hectolitro de agua, fica apta a qualquer uso industrial; quando porém seja necessario uma agua mais limpida, juntar-se-ha á mesma quantidade 320 grammas de crystaes de soda, tendo cuidado em qualquer caso de agitar bem o mixto e deixar assentar.

Os fornos em que se cose o gesso são ordinariamente como os da cal, pouco mais ou menos; comtudo o mesmo sr. Dumesnil inventou um, que se diz dar excellentes resultados, e que por isso mereceu ser patrocinado pela sociedade de *Encouragement.*

Os reagentes do gesso são os da cal, e na agua é facil descobrir-se juntando-lhe a tintura de campeche, por isso que, quando exista, se manifesta immediatamente uma linda côr de vinho mais ou menos carregada, conforme a quantidade contida.

O gesso, além de ser util nas artes, é tambem empregado na medicina ou, para melhor dizer, na cirurgia, servindo-se d'elle para um apparelho nas fracturas de pernas e braços especialmente, apparelho que foi inventado pelos srs. Hendriksz, distincto facultativo hollandez que operou com elle no hospital de Grœniger, e Keyl em Berlim.

É o gesso considerado como *toxico*, e cuja cura é difficil por causa da sua insolubilidade.

Não fecharemos este artigo sem dizermos uma circumstancia ou abusão, de que o gesso é victima, a nosso ver de difficil explicação; pelo menos não

[1] Ha tres formulas de metal fusivel que qualquer d'ellas serve para o effeito. Primeira, bismutho 120 grammas, chumbo 75, e estanho 45: derreta o primeiro em cadinho, junte o segundo e terceiro, que tudo funde a temperatura da agua a ferver.

A segunda formula é zinco, bismutho, chumbo, de cada metal 30 grammas: funde ao calor de uma luz sobre papel.

A terceira compõe-se de chumbo 3 grammas, estanho 2, e bismutho 5: funde a 197 gráos de calor (therm. Fahrenheit).

podemos descobrir qual a rasão ou facto em que se funda, mas o que é certo, é que tal superstição tem prejudicado muito uma industria de que quasi especialmente se occupavam os italianos ou, para melhor dizer, os napolitanos.

Aquella industria, aliás util e bella, consistia em fabricar perfeitissimas medalhas, bustos, grupos, figuras. vasos, etc., de gesso, que os fabricantes levavam a todos os paizes, e vendiam por diminuto preço; correu porém entre o povo — e só Deus sabe talvez, como, e para que fim — *que quem tinha em casa taes objectos de gesso lhe fugia a felicidade e a ventura.* Oh! superstição, de quantos males e pieguices tens sido causa; e talvez sem remorsos por parte d'aquelles que te originam.

F. J. DE ALMEIDA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

EDIFICIOS RELIGIOSOS EM PORTUGAL

LEIRIA

A egreja do Castello

As ruinas que hoje existem da egreja do castello de Leiria, não são as da primitiva egreja que D. Affonso Henriques edificára, a qual, dizem, era mais pequena e d'outro feitio; excepto mui visivelmente a torre ou campanario contiguo, que pela sua rudez denota muito maior antiguidade e destôa completamente do apurado da egreja. As ruinas actuaes pertencem a outra egreja, que D. João I mandou construir, ao que parece, no mesmo local da primeira.

Dizem, que nas linhas e forro, e na capella-mór estava a sua divisa, e no côro as suas armas. Quanto ás linhas, forro e côro, não se póde já agora verificar, porque tudo desappareceu; mas da capella-mór ainda dura o tecto, de abobada, e no centro d'elle a divisa; vê-se tambem nos capiteis de algumas pilastras das janellas da mesma capella, e na face exterior da parede do lado da epistola. É identica á que já tenho visto em moedas d'este rei; duas peças, que se me figuram umas faxas, unidas em angulo agudo nos extremos inferiores, e por cima uma corôa: com a differença que a da nossa egreja está no meio de duas cadêas ou collares, ou cousa que o valha, concentricas; e a das moedas não. Ainda não pude obter uma explicação definitiva e satisfactoria d'esta figura: a mim tem-me querido parecer a insignia da Ordem da Jarreteira; mas não ouso affirmal o. As armas, como disse, desappareceram; ha porém outras, n'uma parede do alcaçar ou paços, que são inquestionavelmente as de D. João I.

Vêem-se tambem na capella-mór, ao lado da epistola, duas cruzes em relevo, similhantes ás dos Templarios, no mesmo nivel, mas com certo intervallo, pois que, sendo a capella octogonal, uma cruz está n'um dos oitavos, e a outra no immediato. Como estas ha outras duas, porém mais toscas, no arco da torre da egreja, uma d'ellas no fecho, e a outra um pouco ao lado; e junto ao chão (hoje, por causa dos entulhos) ainda outra; mas esta assimilha-se mais ás de Christo. Não sei a significação d'isto.

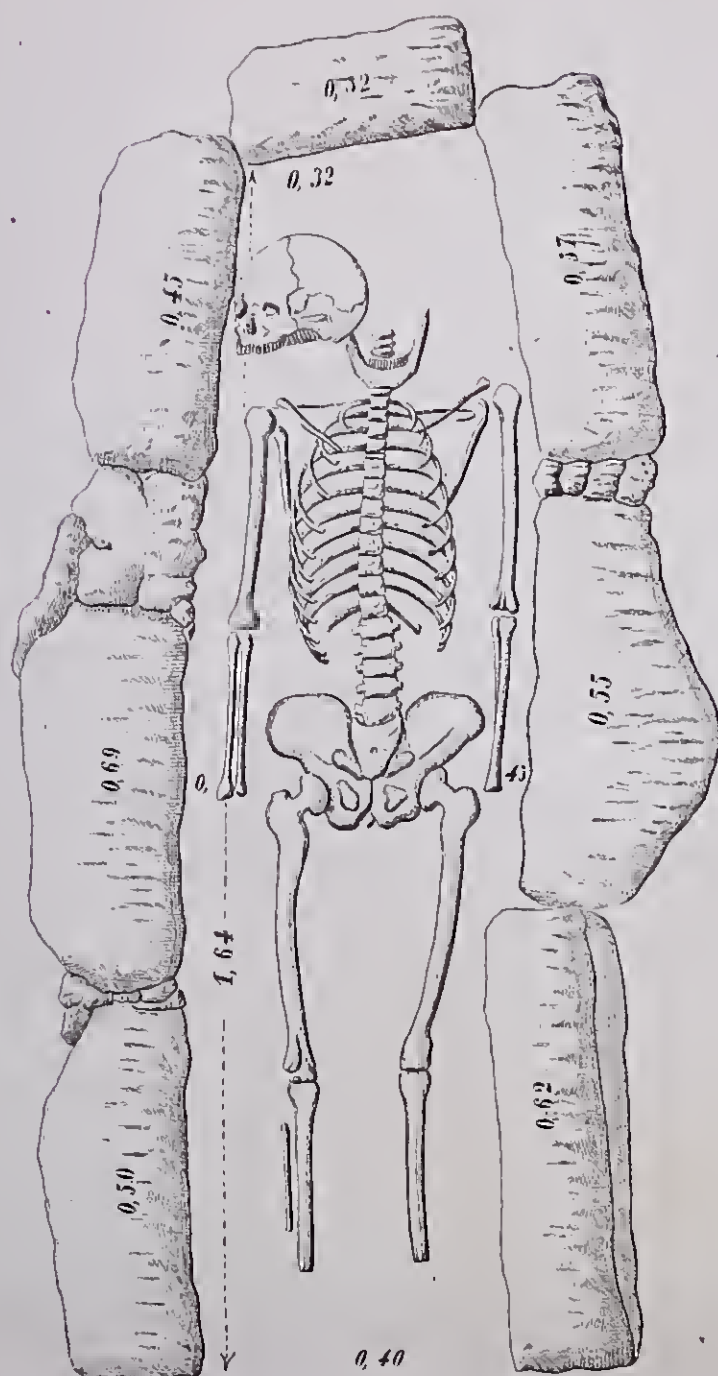
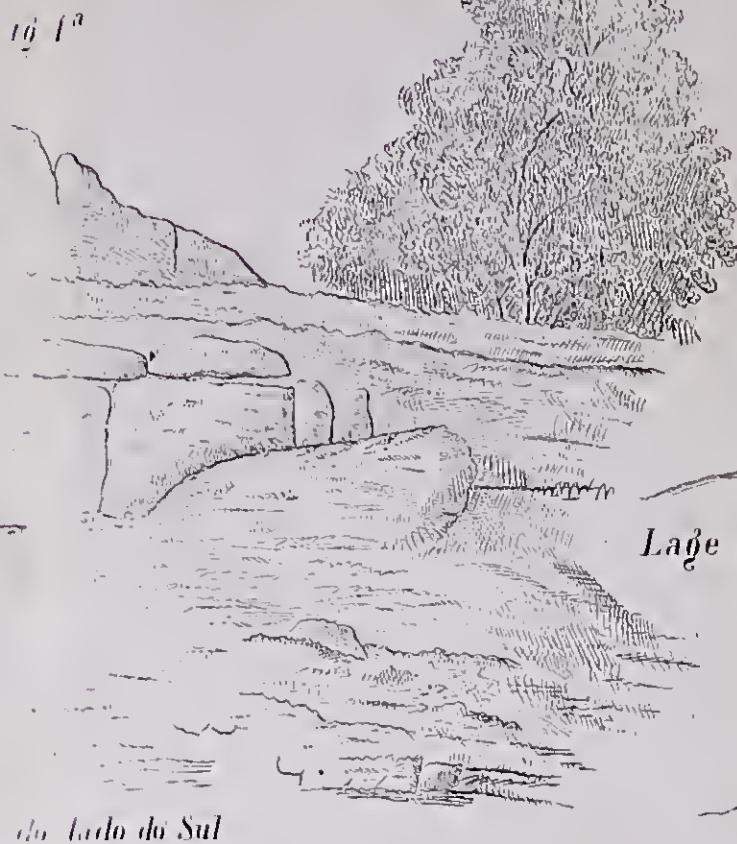
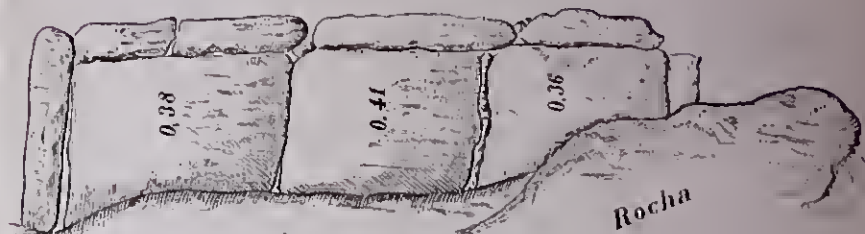
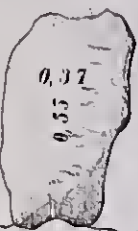
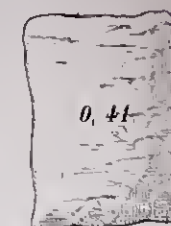
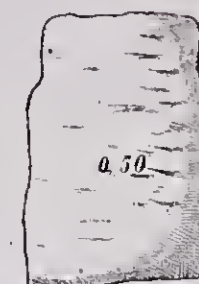
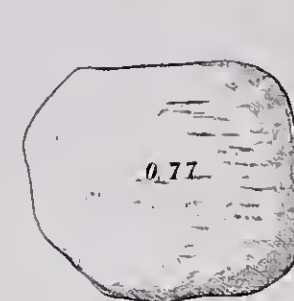
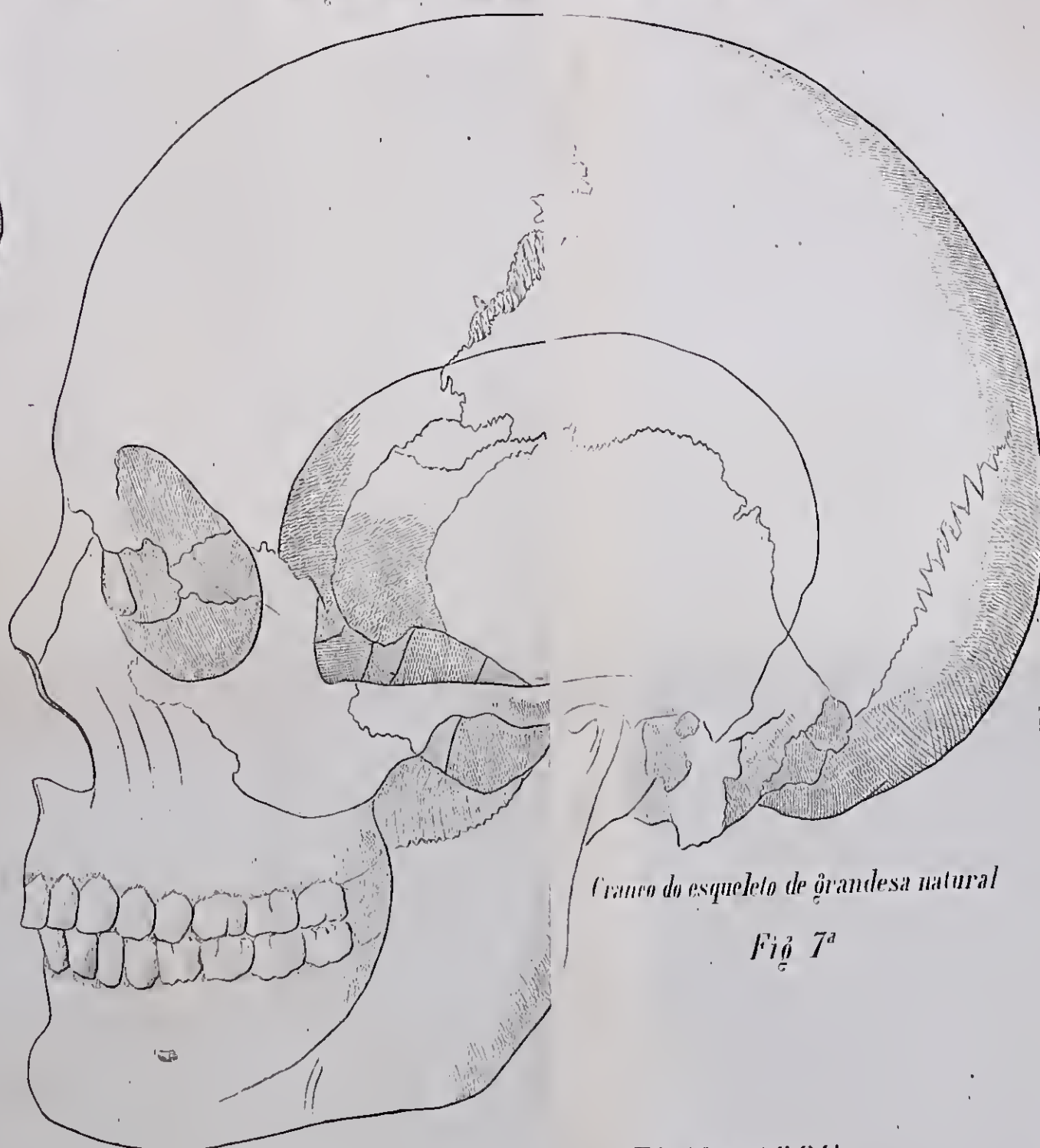
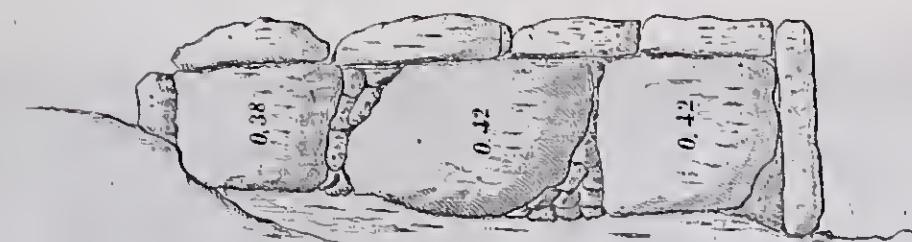
A egreja tinha vidraças pintadas, mandadas fazer por el-rei D. Manuel: em uma d'ellas estavam as suas armas com este letreiro — *El-Rei D. Manuel as mandou fazer.* — Attribue-se ao mesmo a sachristia, obra insignificante, e dizem que tinha no tecto a sua divisa. Póde haver engano, porque na padieira da porta exterior da mesma sachristia acho a data de 1557, a qual coincide com a da morte de D. João III. Entretanto esta data talvez marque sómente a época da abertura da porta.

Tinha alpendre, de que ainda restam vestigios, e n'elle a seguinte inscripção — *Esta egreja he de Santa Cruz de Coimbra.*

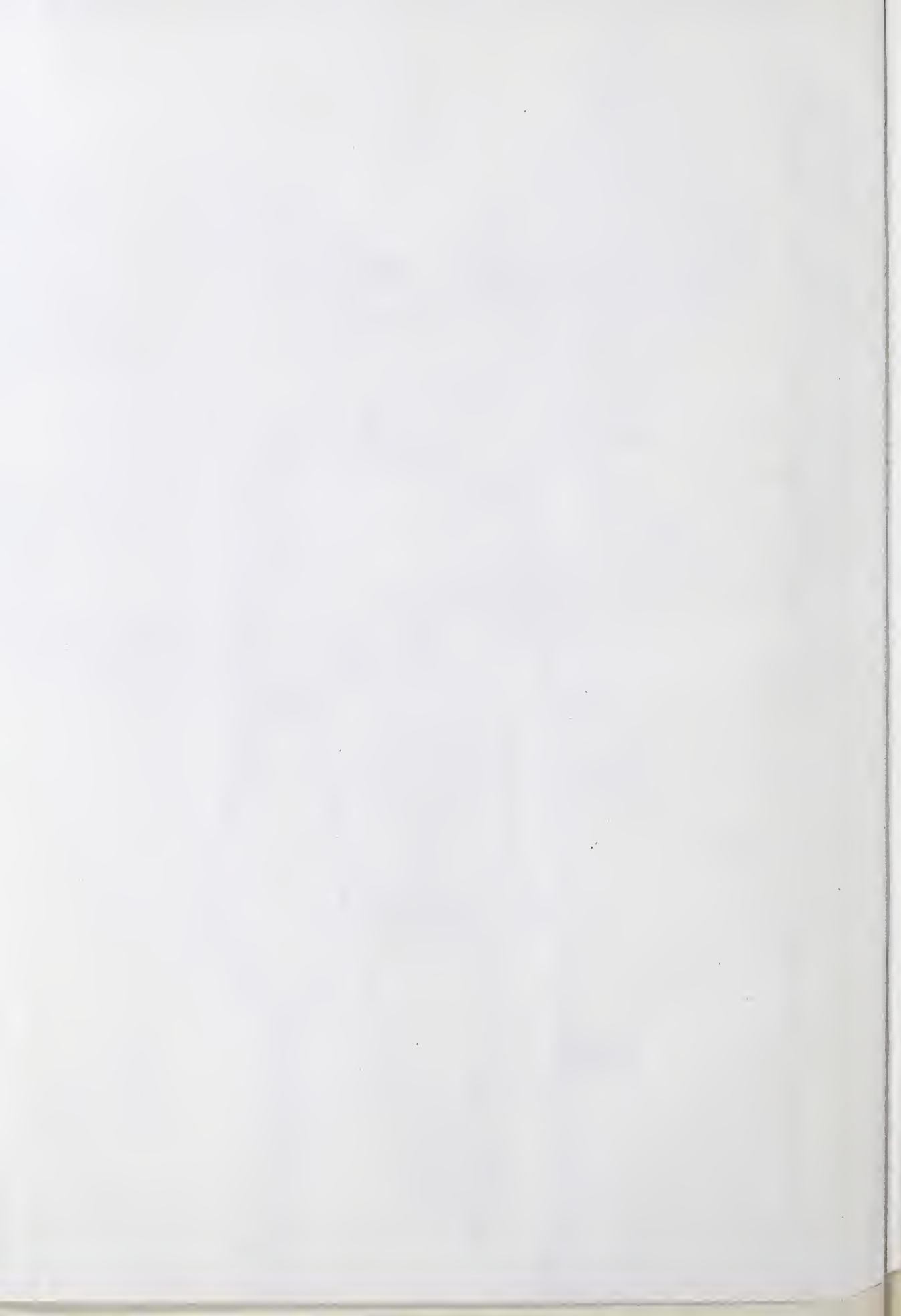
Proximo á egreja havia um outro arco, do qual ainda existem signaes. Dizem, que estava n'elle um nicho com a imagem de Nossa Senhora, e o distico e letreiro que seguem:

Virginis intactae dum veneris ante figuram,
Praeteriens cave, nisi dixeris: Ave (Maria?)

«*O Mater Dei, Regina cœlorum, te rogamus, memento servorum tuorum.* — E vós, irmãos, lembraivos de mim, que em louvor da Virgem Nossa Senhora, para vossa consolação, mandei fazer esta obra no anno do Senhor de 1538. Diogo Dias, vigario da vara de Leiria.»

Tinha a egreja quatro altares, contando com o altar-mór. Dos tres lateraes, um era dedicado a S. Braz, o segundo á Magdalena, e o terceiro, que ficava quasi fronteiro á porta (que é ao lado da egreja) tinha a invocação de Jesus. Tanto n'este, como no da capella-mór havia retabolos; mas o da capella-mór, ao tempo que escrevia o A. de quem

ESTAMPA XXXI

Sepultura da idade de pedra descoberta na Real Tapada da Ajuda

LISBOA

vòu extrahindo estas noticias,[1] era já o terceiro, tendo ardido o primeiro e o segundo. D'este diz o A. que tinha quatro paineis, muitas figuras de vulto, e a arvore de Jewé, *obra muito curiosa e excellente pintura*, e outro retabolo pequeno no alto, onde estava a Santissima Trindade em vulto; que tinha custado este segundo retabolo da capella-mór, em madeira 90$000 réis, e a pintura 140$000 réis, preços que, para aquelle tempo, denotam uma obra importante. Salvaram-se do incendio apenas os paineis e a imagem de Nossa Senhora, sem lesão alguma, não obstante ter sido tirada depois de queimado o retabolo. Reformou-o, alguns annos adiante, o bispo D. Francisco de Menezes (1624 a 1626); mas, segundo entendo do mesmo A., foi obra pouco importante.

Sobre o altar de Jesus estava um escudo com as armas dos Sousas. Este altar, no decurso do tempo, foi mudado para outro logar, e no que elle occupára poz-se, para memoria, um escudo de pedra, com as cinco chagas, e por cima a palavra JESUS. D'isto ainda ha vestigios.

Afóra os paineis e a imagem acima referidos, havia outros muitos, e imagens de pedra. As imagens não sei hoje onde param: é mais que provavel, que as destruissem os francezes em 1810, assim como destruiram n'esta terra tudo a que poderam chegar ou para que tiveram tempo, sagrado e profano. Dos paineis ou quadros, talvez sejam alguns que ainda existem na sachristia da cathedral, excepto o do *Nascimento*, o qual consta foi dado a esta egreja pelo bispo D. Fr. Antonio de Santa Maria (1616 a 1623). Um, ao menos, que representava *Christo entre os doutores*, parece que tinha merecimento; porque diz o A. citado, que o bispo D. Diniz de Mello e Castro (1627 a 1636) o mandou para Collares, onde tinha capella, indemnisando a sé com outros objectos.

Quando no reinado de D. João III se creou a diocese, serviu de cathedral a egreja do castello. Depois, e emquanto se não acabava a nova sé, por ser a assistencia do cabido ali muito trabalhosa, transferiu-se a celebração dos officios divinos para a de S. Pedro, que fica um pouco mais abaixo. Esta egreja dizem ser a segunda de Leiria em antiguidade. Ficou fechada ao culto, creio que desde a invasão franceza; já foi celleiro, e actualmente (desde 1835?) é theatro. Não me occupo particularmente d'ella, porque não acho que tenha cousa notavel.

O orago era a *Annunciação*: chamavam-lhe porém, em razão do sitio em que está, a *egreja de Nossa Senhora da Pena* ou da *Penha*. Hoje as suas ruinas são vulgarmente conhecidas pelo nome de *Egreja do Castello*.

Em 1810, época do incendio de Leiria pelos francezes, soffreu talvez a sorte dos mais edificios. O que é certo é que se não restaurou mais, e hoje apenas permanecem as paredes, que são de pedra apparelhada, e da capella-mór tambem o tecto, de abobada.[1]

A Misericordia

A Misericordia tenho eu para mim, que é um dos templos de Leiria mais digno de ser observado.

Não se sabe precisamente a época da sua edificação; só apenas que é anterior a 1544, pois que n'este anno foi instituida a irmandade.

O sitio em que está era em outro tempo um bairro de judeus, segundo dizem. Talvez d'aqui é que nasceu a tradição de que primitivamente foi synagoga.

Tem tres altares. O altar-mór, antigo, com um magnifico retabolo de marmore de varias côres, e sacrario correspondente, formado d'uma só peça, segundo parece. Quanto aos outros, os primitivos, nunca os conheci: supponho que foram tambem objecto da selvageria franceza. Os que no seu logar se vêem, datam de ha poucos annos; são de madeira, porém pintados em ordem a imitar o marmore do primeiro.

De cada um dos lados, junto ao tecto, corre uma galeria com janellas para a igreja, por onde lhe entra parte da luz, communicada de fóra por outras janellas abertas na parede exterior; mas como entre as janellas que dão para a egreja e estas ha um intervallo, e alem d'isso estão a grande altura, a egreja é um tanto sombria, o que não deixa de lhe dar certa magestade.

Está bem conservada.

A Cathedral

Mais moderna que os dois precedentes, a Cathedral de Leiria é comtudo um templo recommendavel se não pelos primores d'arte e recordações historicas, ao menos pela sua vastidão, elegancia e solidez.

Mede de altura 22^{m},5 aproximadamente; de comprimento, desde a porta do meio até ao fundo da

[1] O *Couceiro* ou *Memorias do bispado de Leiria*, manuscripto do seculo XVII, de A. incerto; dado á estampa em 1868, Braga, por um ecclesiastico do mesmo bispado.

[1] O seu a seu dono. Depois de escripto este artigo, tornei a indagar, e constou-me que não foram os francezes que destruiram a egreja do castello. Tinha-a já antes d'elles inutilisado para o culto o bispo D. Manuel de Aguiar (1790 a 1815), por estar exposta a frequentes desacatos e irreverencias.

Das imagens que lá havia, apenas d'uma, me constou tambem, ha hoje noticia: é a do Cruxifixo que está no camarim da capella-mór da sé. Devia ser do altar de Jesus.

capella-mór, 60m,94 ; largura, tomada nos braços do cruzeiro, 41m,36, e no corpo da egreja 22 metros.[1]

Geralmente attribue-se a sua fundação ao bispo D. Fr. Gaspar do Casal, o 3.º d'esta diocese (1557 a 1579), o qual, dizem, a fez á sua custa desde os alicerces. É comtudo licito duvidar ; pois que, ainda concedendo ao bispo rendimentos bastantes para arrostar com uma edificação de tal ordem (li que as rendas do bispado n'aquelles tempos não excediam 2:000$000 réis), no decreto da doação do padroado d'esta egreja aos prelados d'ella, passado a 3 de março de 1795, se diz expressamente — que foi fundada e dotada por D. João III ; — e da inscripção que dizem estava no frontespicio da sé [2] o que consta é que o bispo lançou a primeira pedra, e que a accrescentou á sua custa. A inscripção era esta — *Gaspar, Leiriensis episcopus, vir litteris et magnificentia antiquis patribus persimilis, Ecclesiam Dei gubernante Paulo IV. Lusitanorum Rege Joanne III. anno a partu Virginis MDLIX tertio idus augusti, Templi Maximi fundamentum primum jecit, propriis sumptibus auxit.* — Talvez fosse mal interpretada ; depois uns copiaram os outros, e assim se propagou o erro, se o ha, porque eu não pretendo tirar a gloria a cuja é. Argumentam tambem com as iniciaes B. D. G. (Bispo D. Gaspar) que se vêem no fecho d'um dos arcos da abobada ; mas isto mesmo não prova evidentemente que foi elle o fundador.

No fecho d'outro arco ha esta data — 1570 — n'outro — 1571 — n'outro — 1577 (1577 ?) — n'outro — 1756. — Esta ultima, se n'ella não ha erro, não póde referir-se ao todo da obra ; talvez a alguma parte d'ella, a alguma reforma, ás janellas do frontespicio por ventura, as quaes, segundo ouvi, são muito mais modernas ; e foram abertas ou por D. Fr. Miguel de Bulhões (1775 a 1779), como me parece ter ouvido, ou pelo seu antecessor, D. João de Nossa Senhora da Porta, que era o prelado de Leiria em 1756. Vê-se d'aqui que levou a construir acima de 18 annos, todos passados no governo do bispo Casal.

A abobada é sustentada por 8 pilares, formando 3 naves ; a nave do centro tem duas larguras das dos lados ; a cada nave corresponde uma porta no frontespicio ; a do meio maior que as outras.

Tem 9 altares. De alguns, ao menos, consta que tinham retabolos de madeira, mandados fazer por varios bispos. Assim o da capella-mór é obra de D. Pedro de Castilho (1583 a 1603), e os paineis que o adornam de D. Martim Affonso Mexia (1605 a 1615) e do pincel de Simão Rodrigues. O da capella do Santissimo foi dado pelo mesmo D. Martim

[1] A altura da cathedral é medida do pavimento ao ponto mais elevado da abobada. Estas medidas deram-m'as, mas eu não as vi tomar ; supponho comtudo que são verdadeiras.

[2] Esta inscripção não existe hoje lá, nem signaes d'ella, nem se sabe onde pára. Póde ser que estivesse no logar que hoje occupa a janella do centro.

e executou-o o mestre Amaro do Valle. Ainda vi restos d'elle : tinha muita obra de talha. O actual foi acabado haverá um anno. D. Diniz de Mello e Castro fez o de Nossa Senhora da Esperança [1] e importou a obra de madeira e pintura, em 324$615 réis. Tudo os francezes destruiram, escapando apenas algumas partes que o fogo respeitou, ou a que não alcançou o machado ; e do da capella-mór o que vae do docel para cima, que ainda existe com os paineis, se acaso são os mesmos, como parece, ao menos a respeito de alguns. A outra parte d'este retabolo foi feita depois da invasão.

As grades da capella-mór deviam-se ao sobredito D. Diniz : tinham custado 148$370 réis. Foram tambem quebradas pelos francezes, e hoje, da obra antiga, apenas existem as pilastras, e essas não inteiras.

As cadeiras do côro (que, se bem me recordo, me disseram serem obra digna), e as tribunas, acho que foram feitas pelo bispo D. Fr. Antonio de Santa Maria. Quanto porém ás tribunas (entendo eu, que o A. se refere ás duas varandas, chamadas aqui os *choretos,* onde estavam os orgãos, e que ficam por cima das cadeiras) devo advertir, que tambem me disseram as mandára fazer D. Miguel de Bulhões ; e com effeito tanto n'uma como n'outra ha umas armas, que, se não me engano, são as d'este prelado : podia ser que as augmentasse com alguma obra. Foi tudo queimado na fatal época de 1810, poupando as chammas apenas alguns pedaços dos ornatos superiores das tribunas. O que hoje existe, tribunas e cadeiras é tudo obra moderna, e, ainda que decente, não offerece, a meu ver, nada de notavel.

Os bellos e espaçosos claustros, bem como as mais construcções adjuntas á parte posterior da egreja, não são da mesma época que esta, foram addiccionadas por D. Pedro de Castilho : assim consta, e a data — 1595 — que se vê sobre uma janella o comprova. Este mesmo mandou fazer o adro, e todo o taboleiro em roda do templo.

A torre dos sinos está apartada da egreja, mais proxima do paço episcopal que d'ella, de sorte que parece não lhe pertencer, o que não deixa de ser uma singularidade. Sem duvida escolheu-se aquelle sitio, por ser mais elevado. É moderna : a data de — 1770 — e as armas que se vêem na sua cupula, não permittem adjudicar esta obra a outro prelado, que a D. Fr. Miguel de Bulhões, o qual, alem d'esta, outras obras attestam, que era homem zeloso e emprehendedor.

O seu estado de conservação é bom.

Victorino da Silva Araujo

Socio correspondente.

[1] Nem altar, nem capella d'esta invocação conheci nunca na sé.

TUMULO DA IDADE DE PEDRA

(Explicação da estampa n.º 31)

Estava reservado para a capital de Portugal ter a registrar mais um importante monumento dos tempos pre-historicos, que no nosso solo estava occulto ás investigações archeologicas, e cuja descoberta veiu surprehender, não só aos indifferentes d'estes estudos, como principalmente áquelles que lhe sabem dar o devido apreço. Tão precioso achado deve contribuir para chamar mais a attenção dos archeologos, pois terão outro exemplo de como se praticavam os enterramentos n'esses remotissimos tempos, comprovando este facto que existiu no solo da Peninsula a mesma raça que havia construido identicos tumulos nas differentes regiões em que têem apparecido.

No dia 4 de março do presente anno andando os trabalhadores a abrir uma avenida em o novo parque da real tapada da Ajuda, cujo terreno é bastante escabroso no limite superior que tem a denominação — *Alto da casa branca* — ali proximo, do lado do norte, abrindo-se o terreno para a direcção d'essa avenida, junto do *Alto das pedras*, as enchadas afastando a terra envolta com pedras erraticas de pequeno volume, entraram na junta de uma pedra que estava no topo do tumulo e limitava este do lado dos pés. Tão alheios estavam os trabalhadores d'este achado, que com o ardor do trabalho as enchadas afastaram a pedra e destruiram as extremidades dos pés de um esqueleto que encerrava esse tumulo, como se vê indicado na fig. 2 da estampa, pela falta que se nota no referido esqueleto.

O tumulo é formado por oito pedras que compõem os seus lados, e por mais tres que lhe serviam de cobertura; sendo todas estas pedras de formação erratica; o leito do tumulo tinha sómente terra para depositar o cadaver. Na occasião de se tirarem as pedras que o cobriam, o craneo deslocou-se da columna dorsal, e caiu para o lado do nascente. A orientação era do nascente para o poente: notava-se que o tumulo do lado da cabeça era mais estreito que dos lados dos pés, e que no meio d'elle era mais largo, como vae indicado na mesma figura pelas suas cotas. O comprimento do tumulo é de $1^m,64$, e a sua maior largura de $0^m,45$: a cabeceira estava apoiada sobre rocha de calcareo.

Este tumulo estava soterrado 65 centimetros, e um dos extremos é mais alto do que o outro, como mostra o desenho da estampa (fig. 1), o qual apresenta o seu aspecto geral visto do lado do norte. As figuras 3 e 4 fazem ver os seus dois lados e a maneira de collocação das pedras. A figura 5 mostra a configuração das pedras que fechavam o tumulo.

O esqueleto é de mulher ainda na flôr da idade, como indicam os dentes. Ao lado do craneo encontrou-se apenas uma ponta de frecha em silex com o feitio que indica o desenho d'ella (fig. 6).

Damos o craneo, na sua grandeza natural (fig. 7), que classifica pela sua configuração a ordem cranologica a que pertence.

Estava eu enfermo quando me deram parte d'este descobrimento, e posto que descrevesse o modo conveniente de se examinar a terra que cobria o esqueleto, soube que ella não foi passada pelo crivo, conforme havia recommendado; aliás talvez tivessem apparecido mais alguns outros vestigios que nos confirmasse a epoca a que pertenceria este tumulo, ainda que pela sua disposição e maneira da construcção se assimilha muito ao descoberto em Peyre-Haute nos Alpes, que tambem era de uma mulher, posto que pertencesse á idade de bronze e fosse de pessoa de outra cathegoria.

Não se pode negar ser este achado de grande importancia para os estudos archeologicos do nosso paiz, e ter egualmente subido apreço scientifico por ser o primeiro tumulo d'este genero descoberto em Portugal.

J. da Silva.

BIBLIOGRAPHIA

Inventario das obras de arte

No principio do anno de 1871 formulou o Conselho Facultativo da Associação dos Architectos Portuguezes (hoje Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes) uma serie de quesitos, no intuito de se habilitar, por meio das competentes respostas, a organisar a estatistica das artes em Portugal.

Eram dirigidos os quesitos aos socios da indicada associação, e versavam sobre os seguintes pontos, com relação a edificios religiosos e civis:

«Denominação actual, e outras que os edificios ou artefactos tivessem antecedentemente.

«Districto administrativo, concelho, freguezia, ou local, onde existem.

«Por quem foram mandados fazer, conservar, ou destruir em parte.

«Nomes de quem os delineou, construiu, ou por qualquer maneira concorreu para a sua execução e conservação.

«Para que fim foram construidos; applicação que depois tiveram, e com especialidade a ultima.

«Materiaes de que são construidos, proveniencia, preço, etc.

«Estado de conservação na actualidade.

«Quando começaram; quando foram concluidos; se houve interrupção na construcção e por que motivos.

«A que estilo de architectura pertencem os d'esta especialidade; o mesmo a respeito de esculptura.»

Não esqueceu chamar a attenção sobre os accessorios dos edificios religiosos, como por exemplo, retabulos, maquinetas, camarins, sinos, etc., por qualquer circumstancia notaveis.

Tratando-se de *missaes*, conviria declarar onde foram impressos, quaes as estampas, desenhos ou *illuminuras*; — de *tumulos*, *campas* e *carneiros de familias*, descrever-se-hiam os brazões, e copiar-se-hiam os epitaphios, e quaesquer inscripções; — dos *azulejos*, reunir-se-hiam os possiveis esclarecimentos ácerca da era, qualidade, côres, desenho dos padrões; — de *vidros de côres e mosaicos*, o mesmo.

Eram recommendadas as noticias sobre os seguintes objectos: torres, castellos, aqueductos, pontes, pelourinhos, memorias, chafarizes, cruzeiros, etc., quer em bom estado de conservação, quer em estado de ruina mais ou menos adiantada.

Se os socios competentes, a quem eram enviados os quesitos, tomando em consideração o pedido do Conselho Facultativo, empregassem as convenientes diligencias de curiosa e bem entendida investigação, temos por certo que se reuniriam os primeiros elementos de um quadro artistico de summo valor.

Dizemos — primeiros elementos —, por quanto reconhecemos que não é este alvitre bastante para se conseguir o inventario das riquezas do nosso paiz em materia de artes. Outros meios são indispensaveis para realisar um tão momentoso *desideratum*. Seria, porém, um valioso subsidio a resenha artistica de cada uma das localidades onde existem edificios, monumentos, ou variados primores do trabalho humano.

Tanto mais para sentir é a indifferença com que foi recebida a supplica do Conselho, quanto invejamos o que em outros paizes se tem chegado a conseguir, á força de esclarecido zelo, de aturadas diligencias, de constancia, de boa vontade — inspirada pelo amor da arte, não menos que pelo amor da patria.

Temos diante de nós um trabalho precioso, que mais e mais nos incita a desejar que acordemos do lethargo em que jazemos, e façamos esforços para vencer a nossa inercia.

Intitula-se a indicada obra: *Inventaire général des œuvres appartenant à la Ville de Paris, dressé par le Service des Beaux-Arts.*

Abrange esta obra duas partes; sendo uma o inventario dos edificios civis, e outra o dos edificios religiosos.

Diremos primeiramente qual foi o iniciador de tão importante trabalho, e qual o pensamento que presidiu a esta empreza; e terminaremos com a exemplificação do modo por que o trabalho é executado.

Em data de 13 d'agosto de 1875 apresentou um dos membros do Conselho Municipal de Paris, M. de Herédia, ao qual se associaram outros collegas, uma proposta, assim concebida:

«Considerando que a cidade de Paris possue, afóra consideraveis bens immoveis, grandes riquezas espalhadas nos seus monumentos publicos e edificios religiosos; sendo de toda a conveniencia que haja conhecimento exacto d'esta porção da nossa fortuna commum;

«Considerando que, sob o aspecto historico e artistico, seria de incontestavel interesse a publicação de um catalogo geral d'essas riquezas parisienses;

«Por estes motivos, e de accordo com muitos dos meus collegas, proponho ao Conselho que seja convidado o sr. Prefeito do Sena a fazer organisar e a imprimir, com designação de preços e avaliações, um inventario e catalogo completos de todos os quadros, de todas as estatuas, e em geral de todas as obras de arte de que é proprietaria a cidade de Paris.»

O Prefeito do Sena declarou que a administração acceitava a proposta, que aliás tinha já recebido um começo de execução; tendo o ministro da instrucção publica e das bellas-artes convidado as cidades de França a lhe remetterem o catalogo das respectivas obras de arte.

A proposta seguiu os tramites regulares, e foi por fim approvada em 6 de maio de 1876, nos seguintes termos:

«O Conselho:

«Vista a sua deliberação, em data de 4 de dezembro de 1875, para convidar o sr. Prefeito do Sena a fazer organisar e imprimir, com designação de preços e avaliações, um inventario e catalogo de todas as estatuas, de todos os quadros, e em geral de todos os objectos d'arte de que é proprietaria a cidade de Paris;

«Vista a Memoria que o sr. Prefeito do Sena submetteu ao Conselho, em data de 11 de abril de 1876, apresentando-lhe um projecto de inventario e de catalogo das ditas obras de arte;

«Visto o relatorio do director das obras de Paris;

«Visto o relatorio apresentado em nome da quinta commissão;

«Delibera:

«Art. 1.° Serão publicados o inventario e o catalogo dos objectos de arte moveis de que a cidade de Paris é proprietaria.

«Será feita esta publicação em fórma de quadros synopticos, precedidos de introducções historicas, e mencionando o preço de acquisição e a proveniencia d'esses objectos, quando o preço e a proveniencia forem conhecidos.

«Para custear as despezas de impressão, de deslocação, de gratificações aos louvados, e gastos diversos occasionados pela preparação d'este trabalho, sahirá do capitulo 33.° do orçamento de 1876 (reserva) a quantia de seis mil francos.»

N'esta conformidade foi publicado o *Inventario geral das obras de arte que ornam os edificios civis e religiosos, de que é proprietaria a cidade de Paris.*

Vamos dar uns breves exemplos do teor d'este importantissimo trabalho.

Mencionando-se no inventario dos edificios religiosos a famosa egreja *Saint-Germain-L'Auxerrois*, de Paris, encontra-se primeiramente uma *noticia historica*, a contar da primeira metade do seculo XV até aos nossos dias; segue-se uma descripção muito desenvolvida e exacta do edificio; e vem por fim uma indicação das obras de arte encommendadas pela cidade de Paris desde o anno de 1816, e outra dos trabalhos encommendados por diversas repartições em differentes épocas.

No tocante á *noticia historica*, devemos observar que acompanha ella as differentes phases, em verdade muito notaveis e singulares, pelas quaes tem passado a egreja.

Começaram as primeiras construcções em 1423; successivamente se foram fazendo obras, até que no meado do seculo XVII foram modificadas as primitivas disposições do edificio, e no meado do seculo XVIII se lhe deu uma feição moderna.

Durante a revolução serviu de palheiro; foi depois entregue ao culto theophilantropico.

No principio do reinado de Luiz Philippe foi saqueada, por occasião da celebração de ceremonias funebres pela morte do duque de Berry. (Aquelle acto de barbaro vandalismo occorreu em 13 de fevereiro de 1831.)

A lei de 12 de maio de 1837 decretou a sua restauração e abertura ao publico. Foram confiados os respectivos trabalhos aos architectos Lassus e Baltard, ambos naturaes de Paris, e fallecidos, o primeiro em 1855, o segundo em 1873. Ambos os architectos se esmeraram em restituir ao monumento o seu caracter primitivo, e em fazer desapparecer, em parte, a menos feliz transformação operada no seculo XVIII.

A descripção do edificio é completa, e torna bem evidente a sua disposição interior e exterior.

No que diz respeito ás obras de arte mandadas fazer pela cidade de Paris desde o anno de 1816, é de saber que são pontos de informação os seguintes:

Data das encommendas; artistas; natureza e objecto dos trabalhos; dimensões; collocações; preços (trabalhos de arte accessorios); observações.

Exemplo relativo á egreja de Saint-Germain-l'Auxerrois.

No anno de 1818 foi encommendado ao pintor Rouget (George) um quadro da *Assumpção da Virgem*, com a dimensão de 3^{m},40 de altura, e 2^{m},00 de largura, para ser collocado na capella de S. Carlos Borromeu, pelo preço de 2:000 francos.

O pintor Rouget nasceu em Paris no anno de 1781; foi discipulo de David; obteve o 2.° premio grande em 1802; medalha em 1814; 1.ª medalha em 1855; obteve a Legião d'honra em 1822; morreu em 1869.

Não iremos por diante; se bem que talvez devessemos registar algumas indicações a respeito do inventario dos edificios civis, jardins, passeios, avenidas, fontes publicas, etc., que a administração de Paris mandou construir, ou nas quaes mandou fazer obras d'arte. Mas vae já muito extensa esta noticia, e receamos cançar a paciencia dos leitores.

Será por ventura bastante o que fica apontado, para chamar a attenção dos competentes sobre a conveniencia de cuidar da enumeração das riquezas de Portugal nos dominios artisticos.

José Silvestre Ribeiro.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Foi preciso fazer um supplemento ao *Catalogo do museu archeologico do Carmo*, porque depois d'este impresso, teve grande augmento o numero dos objectos expostos, subindo em todas as suas collecções a mais 719.

A assembléa geral votou por unanimidade uma medalha de prata para ser conferida ao socio sr. dr. Francisco Martins Sarmento pelas importantes descobertas archeologicas obtidas em Citania, e pelo generoso exemplo que dá no nosso paiz, fazendo investigações scientificas das antiguidades nacionaes.

Dois bellos padrões de azulejos pertencentes á antiga habitação real do palacio do Calvario, vieram enriquecer a variada collecção que já possuia o museu do Carmo n'essa especialidade. Foram obtidos pela intervenção do nosso socio o sr. conselheiro Nazareth.

O nosso presidente, sr. J. Possidonio N. da Silva, recebeu do Instituto ethnographico de Paris uma medalha de grande modelo, tendo d'um lado o seu nome, pelos serviços prestados aos estudos d'este Instituto; e tanto mais foi distincta essa consideração, pois é a quarta medalha que se confere a este socio. Foi-lhe votada em primeiro logar, o que nos é sobremaneira lisongeiro ter merecido essa honrosa distincção o fundador da nossa Associação.

Possue presentemente o nosso Museu duas bellissimas collecções de 92 modelos dos baixo relevos de dois templos do Alto Egypto, grande primor de execução, que o commendador D. João de Sosten, architecto e chefe da commissão artistica do governo hespanhol, no Egypto, offereceu ao seu confrade sr. Possidonio da Silva, para estarem expostos no Museu do Carmo.

O nosso socio, o sr. marquez de Croizier, foi agraciado pelo governo portuguez com a grã-cruz da Ordem de Christo, em attenção ao seu saber e aos serviços scientificos que tem prestado ao nosso paiz.

Foram eleitos socios da nossa Real Associação os srs.: duque de Tetuan; D. Juan Diaz de la Rade, archeologo; Ramiro Amador de los Rios e Saavedra, architectos hespanhoes; Alfredo Kiel; J. do Amaral Tóro; D. Marianno Belmás; professor Lepsius, de Berlim; dr. Fischer, da Universidade de Freiberg; mr. Tavers, archeologo francez.

Ao socio architecto, sr. Cesario Augusto Pinto, foi votada por unanimidade uma medalha de bronze pelo seu reconhecido talento e pelos serviços artisticos com que tambem tem contribuido para o progresso da arte no nosso paiz.

De uma importante folha periodica que se publica na capital extrahimos a seguinte noticia, que por certo não desagradará aos que desejam ver justamente considerados o trabalho, o merito e a abnegação do cavalheiro a quem a mesma folha se refere:

«O sr. Possidonio da Silva, digno presidente da Associação dos architectos, recebeu do sr. conde de Marsy a participação telegraphica de que, ao encerrarem-se os trabalhos scientificos do congresso da Sociedade franceza de archeologia, em Vienne (França), fôra votada para o nosso benemerito compatricio a «grande medalha de *Vermeil* Caumont», em attenção á obra que o sr. Silva ultimamente publicara em Portugal, as *Noções elementares de archeologia*, com uma introducção pelo illustre academico, sr. Vilhena Barbosa, e 324 gravuras. É distincção mui honrosa.»

Accrescentaremos: e que dá tambem subida honra á nossa Associação.

A Associação central dos architectos hespanhoes, de Madrid, propoz entrar em relações artisticas com a nossa Associação, e offereceu-nos seis numeros do seu *Boletim* em formato grande, in-4.°, com estampas, publicação muito interessante e proveitosa para o desenvolvimento artistico entre as duas nações da peninsula.

O nosso Museu adquiriu uma variada collecção de specimens pertencentes aos typos das differentes estações pre-historicas.

NOTICIARIO

No torreão do palacio das Tulherias, do lado do rio Sena, fazendo-se agora reparações para servir a repartições publicas, descobriu-se escondrijos e escadas no interior das paredes, que eram desconhecidos dos guardas d'este antigo e historico edificio.

Vão-se collocar cem retretes em Paris para o sexo feminino; terão um aspecto agradavel e decente; serão commodas, reunindo um gabinete de *toilette* com todos os seus pertences; uma creada será encarregada do serviço, a qual receberá das pessoas uma gratificação determinada pela municipalidade.

Nos paizes mais civilisados são sempre desvelados em proporcionar ao publico todos os commodos possiveis, e attender ás providencias dictadas pela utilidade publica.

Ha em Hespanha 463 architectos civis, divididos por este modo: pertencentes á Real academia de bellas artes de S. Fernando 17; Junta directora dos architectos de Catalunha 46; architectos nas provincias 158; na capital 146; architectos dos municipios 8; architectos da casa real 3; no ultramar 12; escola superior de architectura 14; dos ministerios 8; da escola de artes e officios 6; architectos das diocezes 45.

Quanto é desconsolador este contraste para Portugal!! Como patentcia a falta de protecção para o progresso da arte architectonica entre nós, e egualmente a enorme inferioridade no gosto do publico do nosso paiz, preferindo os carpinteiros e obreiros para lhes *delinearem no chão as suas habitações!* Que atrazo! Que vergonha! Que affrontoso descredito nacional!!!

Estão-se collocando communicações acusticas em todos os bairros de Paris para uso dos particulares, como já ha muito existem nos Estados-Unidos da America.

EXPEDIENTE

Por circumstancias imprevistas é de absoluta necessidade adiar para o numero seguinte a publicação do Elogio de D. José Amador de los Rios, proferido na sessão solemne de 2 de maio preterito pelo nosso consocio o sr. Luciano Cordeiro.

1879, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

SERIE 2.ª ANNO DE 1879 TOMO II

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL E CONSTRUCÇÕES

N.º 12

ARCHEOLOGIA HISTORICA E PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

ELOGIO HISTORICO

DO SOCIO HONORARIO O

SR. D. JOSÉ AMADOR DE LOS RIOS

PELO SOCIO EFFECTIVO O

SR. LUCIANO CORDEIRO

LIDO NA SESSÃO SOLEMNE DE 5 DE JUNHO DE 1879

Minhas Senhoras — Senhores:

As poucas palavras que vou dizer-vos não constituem um elogio academico, um esboço critico sequer do homem por tantos titulos illustre, cuja memoria como que preside á nossa festa de hoje no culto affectuoso e intimo das nossas consciencias de trabalhadores.

São uma saudação, apenas.

Largo foi o rasto de luz que deixou na arte e na critica o vulto que ha um anno nos furtaram as escuridões do tumulo; enorme foi a perda d'este velho capitão das campanhas da archeologia e da historia, para que eu podesse agora n'uma commemoração succinta e casual, reconstruir idealmente a grandeza d'este vulto glorioso e fazer passar em revista os seus trabalhos numerosos e laureados, que todos conhecemos, que todos nos costumámos de ha muito a victoriar, — soldados heroicos que todos vimos abrirem tantas brechas nas trevoas da historia peninsular e levarem d'assalto tantos problemas levantados e valentes. Mais eloquente é até na sua singelesa o rapido registro d'esta opulenta biographia.

Nasceu na bella provincia de Cordova, em Baena, José Amador de los Rios, ha exactamente 61 annos. Eu vou simplesmente, pobremente, indicar uma serie de datas que formam os marcos historicos mais importantes da exuberante existencia d'este homem.

Nascido em 30 d'abril de 1818 começava em 1827 o estudo das humanidades com dois distinctos latinistas de Cordova. Em 1832, attenuada a perseguição que seu pae soffria como homem d'idéas liberaes, pôde Amador ir continuar em Madrid a sua carreira academica. Filho d'um homem para quem a arte era um culto e fôra uma consolação, empunhou os pinceis sob a direcção de Madrazo, na Real Academia de S. Fernando. As lições, porém, de

Alberto Lista, no *Ateneo scientifico y litterario*, sobre a litteratura dramatica hespanhola, arredaram-n'o definitivamente da grande arte dos Murillos e dos Velasques, incendiando-lhe o animo juvenil nos deslumbramentos d'aquelle singular theatro em que não menos do que nas tintas das escolas de Sevilha e de Madrid se desdobrou a extraordinaria e original pujança da velha arte hespanhola.

Lamentava Lista, que a Hespanha, cuja riqueza litteraria era tamanha, não possuisse ainda um escasso inventario d'ella.

Amador de los Rios atreveu-se a pensar n'esta obra e communicou a Lista este projecto, por assim dizer, absurdo aos dezoito annos.

O indulgente professor acariciou aquella nobre ambição, e a historia da litteratura hespanhola tornou-se o ideal e a occupação constante de Amador de los Rios.

As vicissitudes politicas levaram-n'o a Sevilha onde se tinham estabelecido os paes, e alli póde dizer-se começou a sua iniciação de escriptor. Em 1839 publicava com D. João José Bueno um livro de «poesias escolhidas» que lhe valeu com os louvores auctorisados de Lista e de D. Angel de Saavedra, o seu primeiro titulo litterario, no diploma da Real Academia Sevilhana de Boas Lettras.

Em 1841 e 1842 ensaiava o seu dilecto projecto publicando a *Historia da litteratura hespanhola*, pautada pela celebre obra de Sismonde de Sismondi sobre as litteraturas do meio-dia, mas cheia de investigações e de estudos perfeitamente originaes.

Em 1843 dirigia a *Floresta andalusa*, revista interessantissima de litteratura e historia.

Em 1844 publicava a *Sevilha pintoresca*, que em 1845 era seguida do seu *Toledo pintoresco*.

Em 1848 appareciam os *Estudos historicos, politicos e litterarios sobre os judeus de Hespanha*, esplendido repositorio de indagações criticas notabilissimas.

Em 1851 a 1855 encarregava-o a Real Academia de Historia de dirigir a edição *princeps* da *Historia geral das Indias*, por Oviedo, e publicava elle as obras do marquez de Santillana.

Em 1856 encetava a sua valiosissima collaboração na grande obra *Monumentos architectonicos de Hespanha*, onde nos legou numerosos e interessantissimos estudos, d'uma grande importancia scientifica.

Commissionado para dirigir as excavações de Guarrenzas, por occasião do celebre descobrimento das *corôas visigodas*, escreveu em 1861 o bello livro sobre a *Arte latino-bysantina em Hespanha*, que tão funda impressão produziu na archeologia moderna.

De 1861 a 1869 publicou os sete primeiros volumes da *Historia critica da litteratura hespanhola*, a encarnação definitiva do seu velho ideal, e que, apezar de todas as reservas que a critica tenha de fazer e de todas as objecções que possa oppor-lhe, é no seu genero o primeiro monumento litterario da peninsula.

Em 1875 lançava á publicidade a sua *Historia social, politica e religiosa dos judeus de Hespanha e Portugal*, ainda a reincidencia d'uma velha idéa.

Eu passo em claro muitos outros trabalhos de menor folego, mas de notavel valia, tambem; fôra-me impossivel registrar todos, aqui.

Membro de muitas academias e institutos scientificos, incumbido de importantes missões pelos governos, promotor incansavel de todos os melhoramentos que podessem levantar o nivel intellectual do seu paiz: a sua larga e insinuante illustração, a sua critica que não se embotou nunca na exploração erudita, como não é raro acontecer entre os seus compatriotas; o seu amor e a sua propaganda acrisolada e tenaz pelos estudos historicos e artisticos, imprimiram indiscutivelmente uma influencia salutar e profunda ao *meio* litterario em que a sua prodigiosa actividade desabrochou e se exerceu.

Eu quizera abrir agora as paginas da sua *Historia critica da litteratura hespanhola*, esta obra colossal que me encheu tantas horas de estudo deleitoso e de extraordinarias revelações; eu quizera folhear agora algum d'aquelles severos volumes e arrancar-lhes o caracter serio, apaixonado, profundo, d'este homem para o tracejar aqui, com toda a semelhança que só o meu muito amor poderia talvez, n'um esforço supremo, inspirar á minha muita fraqueza e ás minguas da minha voz e da minha intelligencia.

Mas, como disse ha pouco, mal podem dar-me as forças para uma saudação festiva e breve.

Não é certamen academico, mas commemoração e homenagem, a nossa sessão de hoje.

E pois que assim é, deixae-me dizer, senhores, como eu estimo e porque eu estimo estas nossas sessões festivas e ruidosas á plena luz do dia, em face da grande magistratura do Estado, n'uma atmosphera calida de curiosidades honestas e de boas congratulações.

Estimo-as, não só com o meu sentimento artistico, com o meu sentimento pagão de filho do meio-dia que se rejubila e afervora nos esplendores ruidosos e sensuaes, mas com todo o meu enthusiasmo de estudioso, com todo o meu orgulho de soldado raso da sciencia.

É que vejo n'ellas uma grande esperança, enroscando-se e florindo graciosamente n'uma grande e nobre coragem.

Porque é corajoso isto, abrirmos nós de par em par essas velhas portas arruinadas, ás indifferenças, aos desdens, ás preoccupações alheias da multidão

e atirarmos para o tropel vertiginoso e feroz dos interesses, das idéas, dos orgulhos do *presente* este pregão singular: — Aqui festeja-se o passado!

Nós homens d'hontem e homens d'esta manhã, existencias aureoladas pelas cans adquiridas n'um largo labutar, e existencias alvorecidas apenas para a campanha da sciencia; grandes e pequenos, nobres d'esta nobreza que dá o dever cumprido, e humildes d'esta humildade que vem da consciencia honesta das proprias forças, fraternisamos aqui, tranquillamente, alegremente, na communhão d'uma idéa que só revoluciona o solo para lhe arrancar o segredo das gerações desapparecidas, que só espanca os ares com o esforço que levanta monumentos, que só arma exercitos com os fachos que devassam as cavernas ou com o alvião que remove as penedias.

Porque é corajoso isto, porque é ainda tristemente, infelizmente corajoso, reunir-se a gente n'esta terra, á luz d'este sol meridional que escandece as cabeças e desarma as vontades, á beira do torvelinho de tantas paixões absorventes; cercados de tantos estimulos hostis; — no meio d'uma indifferença tão funda ou d'um charlatanismo tão ruidoso e facil, reunirmo-nos aqui, n'este ambiente desconfortado e severo, em nome d'uma religião tão austera, tão aspera, tão parca de ostentações gloriosas, tão difficil de recompensas consoladoras, como é esta religião ou esta sciencia, que as duas denominações merece, chamada: archeologia.

Que não nos illudamos, porém.

Que nos perdoem esta expansão, este arrojo, esta ousada liberdade de uma vez no anno, de um só dia em trezentos e sessenta e cinco que o kalendario conta.

D'aqui a pouco a solidão e o desamparo recuperam os seus tristes direitos. A indifferença continuará talvez o seu reinado brutal. Nós teremos apenas por alguns minutos e n'um escondido canto do paiz, ousado perturbar com os nossos ruidos importunos, com a nossa festa impertinente, a marcha triumphal das gloriosas preoccupações do dia.

Depois,... a arte continuará alojada, desprezada, esquecida n'um velho armazem generoso. Os homens de estudo e de sciencia que andam n'este trabalho heroico de reerguer o nivel intellectual do paiz á altura, pelo menos, das suas honradas tradições, irão, ridiculos maniacos, offerecer o seu estudo, a sua vontade, a sua mocidade trabalhosa, a sua vida de sacrificios e de privações, ás frechadas da inveja e á injustiça da indifferença.

Depois... nós voltaremos, nós os que temos aqui o nosso templo ou a nossa officina, nós voltaremos á nossa timida obscuridade.

Continuaremos a reunirmo-nos aqui, poucos, receiosos, escondidos, como os velhos christãos nas catacumbas.

Uma ou duas vezes por mez viremos cá, mas disfarçadamente, cosendo-nos com a sombra das paredes, com muitas precauções, sem fazermos uma bulha impertinente, nós viremos procurar aquelle meio soterrado portal, e ás apalpadellas, com grandes perigos, através as sombras silenciosas das arcarias escalavradas, através d'estas desoladas ruinas, nós viremos aqui celebrar os nossos modestos mysterios, discutir uma pedra que vale talvez uma revelação, estudar um bronze que representa uma idade, decifrar uma inscripção que é mais ás vezes do que um livro, entregarmo-nos a este prazer inoffensivo de recebermos lá de fóra, d'alem da fronteira, a consolação de que nem todos os estados, nem todos os povos da terra têem a archeologia e a arte na conta d'umas cousas despreziveis.

E pois que n'esta consolação e n'este culto medroso teremos de viver talvez por muito tempo ainda, vamo-nos confortando com os escassos estimulos recebidos e reforçando as nossas fraquezas na memoria dos valorosos trabalhadores que um acaso feliz nos trouxe um dia ás nossas ruinas tão queridas.

Que outro mais valente, que outro mais digno podemos nós escolher do que José Amador de los Rios, o sabio que se finou ha um anno, e que aqui nos trouxera pouco antes as palavras boas e justas do seu grande coração e do seu auctorisado criterio?

Que vida mais opulenta de um estudo persistente e profundo ou d'um mais acrisolado amor pela idéa que nos reune e estimula a todos?

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ESTABELECIMENTO THERMAL

(Estampas n.os 32 e 33)

As construcções modernas com um caracter especial são tão raras de encontrar em Portugal, que tem certamente notavel importancia architectonica o projecto, delineado pelo nosso consocio o sr. Cesario Augusto Pinto, para se edificar em Vizella um estabelecimento thermal, de que já uma grande parte está construida sob a sua habil direcção.

A planta geral (estampa n.º 32) faz ver as acertadas distribuições das differentes partes de que se

compõe este util estabelecimento hydrotherapico. Teve o seu architecto o maior esmero em aproveitar convenientemente o terreno para esta edificação, afim de proporcionar aos enfermos todas as commodidades necessarias, sem os privar d'ar, ventilação e conforto, commodidades estas que ainda no nosso paiz eram desconhecidas nos outros estabelecimentos de natureza identica; sendo este louvavel melhoramento, só por si, credor de encomios não só á companhia que introduziu em Portugal tão proveitoso modelo de banhos, como tambem revelador do merito, esmero e pericia com que esta obra é dirigida.

Além do que fica relatado, ha ainda outro merecimento de subido valor, aquelle de ter o artista dado á fachada d'este edificio um caracter apropriado á sua applicação, fugindo de copiar servilmente modelos classicos romanos, aliás de grande auxilio para este genero de edificações, mas fóra dos usos modernos.

A fachada do actual estabelecimento (estampa n.º 33) é simples e ao mesmo tempo tem um aspecto grandioso, pelas suas bem combinadas projecções e sensata divisão dos corpos de que se compõe, os quaes indicam o destino para que cada um deverá servir. Mesmo sem penetrar n'este edificio, a sua bella apparencia externa convence o espectador de que achará dentro d'elle todas as condições hygienicas e as commodidades essenciaes para ser preferido pelos enfermos que precisarem do uso de caldas; o que muito melhor será apreciado, examinando-se a respectiva estampa que representa em geometral o novo edificio. Enviamos, pois, os nossos louvores, assás merecidos, ao distincto architecto, que soube delinear a construcção, de que fallamos, dando-lhe um aspecto apropriado, e conservando-lhe o caracter especial que lhe compete, tão pouco observado no nosso paiz.

J. da Silva.

MEMORIA

RELATIVA AO NOVO PROJECTO DE UM ESTABELECIMENTO THERMAL

PARA AS

CALDAS DE VIZELLA

Justificação da proposta de alteração

As razões que impelliram a Companhia dos banhos de Vizella a modificar completamente o projecto primitivo, foram principalmente as seguintes:

Depois que o engenheiro Déjante concluiu o seu projecto, construiu-se a estrada n.º 36, de Guimarães a Penafiel, que na sua passagem pela povoação de S. João das Caldas, occupou parte do terreno destinado para o novo edificio de banhos, transtornando totalmente o projecto e tornando impossivel a sua applicação ao terreno, que actualmente se acha limitado do lado do nascente pela referida estrada e do sul pelo rio Vizella, que em occasião de cheias banhava parte d'elle.

A não querer entrar em expropriações bastante custosas, e em obras de grande dispendio, era forçoso conformar-se com o estado das cousas, aproveitando o terreno da *Bouça das pedras*, unico sitio apropriado para a construcção de um edificio, tal qual se achava, e reduzir as proporções do projecto tanto quanto o terreno o comportasse, sem por isso o privar das condições necessarias para n'elle se poder seguir um tratamento hydro-thermal como nos estabelecimentos estrangeiros de primeira ordem.

Outra razão não menos attendivel foi a do seu custo demasiadamente elevado. Não era facil, e a experiencia bem o demonstrou, organisar uma companhia com o capital de 327:000$000 réis, para empregar n'uma exploração que por emquanto poucos sabem avaliar, tendo esse capital de ficar improductivo durante alguns annos, mórmente na época em que o delirio bancario trazia desvairada a maior parte das pessoas endinheiradas, e em que se não sonhava senão com lucros fabulosos, e immediatamente realisaveis.

N'estas circumstancias um só alvitre havia a seguir, era a modificação do projecto, que aconselhámos á direcção da companhia, logo que tivemos a honra de ser convidados para dirigir as obras do estabelecimento thermal. E tendo, antes de emprehender esse trabalho, percorrido e examinado com a maior attenção os principaes estabelecimentos d'esse genero, de França, Belgica e Allemanha, e escrupulosamente consultado o que em França modernamente se tem escripto sobre o assumpto, delineámos o projecto que agora apresentamos, e do qual passamos a fazer a descripção.

Descripção geral da obra e seus accessorios

Entre a margem direita do rio Vizella e a estrada nova e a velha, e no local denominado *Bouça das pedras*, é que se está edificando o novo estabelecimento de banhos, tendo sido necessario para esse effeito desmontar uma pedreira de granito porphyroide de consideravel cubo, e de difficultosa exploração, e desviar o curso do ribeiro de Passos, que cortava sinuosamente o terreno. Este desvio já se acha prompto, e o terreno, que foi necessario pôr a salvo das cheias do rio Vizella, está rodeado de muros de supporte solidamente construidos.

Duas rampas *J*, de $6^{m},00$ de largura e $92^{m},50$ de extensão situadas nas duas extremidades do edificio principal, dão accesso da estrada nova para o

BOLETIM
DA
REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

PROJECTO PARA O ESTABELECIMENTO THERMAL DAS CALDAS DE VIZELLA

Planta do novo estabelecimento thermal em construcção nas Caldas de Vizella

Cesario Augusto Pinto -inv

Braulio Lauro Pereira da Silva Caldas-reduziu

Estampa 32
1879

local dos banhos, que fica inferior áquella 8^{m},34. Esta differença de nivel é precisamente o que fez dar a preferencia ao local, por ser o unico em toda a povoação onde as aguas depois de captadas na sua origem — termo medio a 3^{m},00 abaixo do terreno da Lameira, podem chegar em altura sufficiente para d'ellas se fazer uso em duches sem auxilio de bomba.

Cumprindo-nos por falta de espaço aproveitar as irregularidades do terreno, resolvemos assentar o edificio de quarta classe sobre a margem do rio, dando-lhe uma configuração apropriada, com facil esgoto, e dividida do grande estabelecimento pela rampa que lhe dá accesso, e que comquanto commum, menos frequentada ha de ser pelos banhistas das outras classes.

O terreno adjacente será ajardinado e guarnecido de bancos. O espaço que na planta se vê separado do grande estabelecimento pelo novo leito do ribeiro de Passos, e com serventia pela estrada velha, e pela rampa do norte, que não obstante ser construida em terreno da companhia, ficará no uso publico, em substituição do antigo caminho da egreja, é o destinado para o edificio de quinta classe, comprehendendo os banhos em commum, e duches para pobres e militares, e tinas especiaes para doenças de aspecto asqueroso. O terreno annexo a este edificio será egualmente ajardinado, e na parte semi-circular do muro comprehendido entre o rio e o ribeiro, haverá uma bica de agua sulfurea para uso interno.

Estabelecimento de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe

A planta baixa d'este edificio indica duas projecções em differentes planos, a primeira, a do corpo que ha de ser assente a dezesete metros desviado da estrada nova, e parallelamente a ella, terá as soleiras das portas de 1^{m},10 superiores ao terreiro ajardinado que a separa da entrada, e a segunda a 8^{m},34 inferior ao pavimento da referida estrada — vidè o alçado lateral.

No primeiro corpo a que daremos o titulo de principal, por ser aquelle que melhor se poderá ver de qualquer parte que o observador se colloque, estarão estabelecidas as dependencias do estabelecimento balneatorio, taes como: bilheteiro, consultorio medico, salões de espera e leitura, estação telegraphica, e deposito de aguas mineraes, que occupam a frente do edificio, com vista para a estrada nova.

A parte opposta que dá sobre o edificio de banhos, não assenta como a da frente no mesmo terreno, mas sim sobre arcaria, debaixo da qual estão collocados os depositos das aguas, que para ali vão conduzidas n'um cano praticavel, que passa por baixo do corredor longitudinal que separa o corpo principal em duas partes eguaes. E por cima d'esses depositos que estão dispostos os apparelhos de inhalação, humação e pulverisação geral e parcial, e as latrinas constantemente lavadas por agua das valletas do cano geral.

O edificio principal — vidè o alçado principal — compõe-se de um corpo central com um andar, ligado, pelas dependencias do rez-do-chão já mencionadas, a dois pavilhões sobradados formando alas; no andar do centro haverá um salão para reunião ou concertos, emquanto se não construir o Casino, e os dois lateraes estão destinados para arrecadações de roupa branca, e dos sobresalentes dos apparelhos hydrotherapicos.

No vestibulo do corpo central haverá uma bica de agua mineral e outra de agua doce. As rampas J que servem de communicação com a parte inferior do edificio, são mais proprias para as pessoas entrevadas, que precisem fazer uso de cadeiras de rodas, cadeirinhas ou carruagens; porém aquellas que não tiverem difficuldade em subir escadas, deverão escolher de preferencia uma serventia que fica fronteira a uma das portas da sala de espera, e que põe em communicação o corredor longitudinal com a galeria de 6,^{m}90 de vão, que separa o deposito das aguas, do edificio dos banhos. Esta serventia consiste n'uma escada de ferro fundido, formando ponte sobre a galeria, tanto do lado dos homens, como no das senhoras, e poderá com muita facilidade ser substituida por um ascensor, menos dispendioso, mas tambem menos elegante e seguro.

N'esta galeria haverá duas bicas de agua mineral, differente da do edificio principal, e outras duas de agua doce.

Edificio de banhos

Este edificio de 57^{m},52 de extensão por 6^{m}.20 de frente, é dividido em quatro corpos distinctos, iguaes dois a dois, separados por espaços descobertos, que servem para ventilar os gabinetes e ministrar-lhes a claridade; corredores longitudinaes dão entrada para todos os gabinetes, e uma rua larga isola o edificio por todos os lados.

Os dois corpos lateraes estão destinados unicamente a banhos de immersão, e é n'elles que se distinguem as tres classes. A primeira classe, além do gabinete de banho com duche vertical, tem ao lado uma saleta tapetada e bem mobilada, a segunda classe não tem vestiario e a terceira differe da segunda na mobilia, em não ter duche e no revestimento das tinas.

Todas as mais applicações hydrotherapicas [1] dis-

[1] Quando fizermos uso d'este termo, empregal-o-hemos sempre no sentido etymologico, de tratamento por a agua, e não no que lhe dão commummente os discipulos de Priessnitz e de Fleury.

tribuidas pelos dois corpos centraes, são communs das tres classes, e n'esses dois corpos procurámos reunir tudo quanto vimos no estrangeiro empregar no tratamento de padecimentos rheumaticos, o que os medicos especialistas aconselham de preferencia nos seus escriptos, e o que nos foi recommendado por outros de incontestavel competencia.

Para se poder avaliar a importancia d'este estabelecimento, aqui damos uma resenha do numero de banhos e das diversas applicações que se podem dar á agua durante dez horas de serviço diario:

Banhos de immersão de 1.ª classe	240
» » 2.ª »	240
» » 3.ª »	240
» medicinaes	40
» electricos	40
» hydrophoros	40
» de pés	80
» de braços	80
» de pernas,	80
» semicupios	40
» vaginaes	80
» em piscinas de 4 pessoas	80
» na piscina de natação	100
» de chuva circulares	80
» de vapor em caixa	60
» » para pernas e braços	60
» Bourbonne	20
Duches verticaes de lança	80
Estufa	80
Massagem	20
Inhalações	400
Pulverisações	300
Total	2:480

Se a affluencia de banhistas exigir maior numero de banhos, organisar-se-ha o serviço nocturno, como actualmente se faz.

Poderiamos ter delineado um edificio de estylo mais severo, uma imitação de algum monumento romano, a que parece estar ligado o titulo de thermas, mas além de nos não conformarmos com o anachronismo que sempre se dá em casos identicos, mobilando e ornamentando o interior á moderna, preferimos adoptar um genero mais em harmonia com os usos e costumes da nossa epoca.

Alguns projectos de thermas temos visto, nos quaes seus auctores, depois de distribuirem o espaço em salas symetricas, lhes dão indistinctamente diversas applicações. Não basta isso, é indispensavel que cada compartimento tenha o typo proprio do genero de banho a que é destinado: essa particularidade tão recommendada pelos medicos mais praticos, foi para nós objecto de um estudo particular, empenhados, como estamos, em construir um edificio de primeira ordem no seu genero.

A grande piscina de natação e gymnastica, é superior em dimensões ás maiores que vimos no estrangeiro, e a estufa com seus vestiarios e *tepidarium* não tem por certo rival.

Banhos de 4.ª classe

Em virtude do § 2.° do artigo 10.° das condições do contrato feito entre a camara municipal de Guimarães e a companhia, tem esta o dever de fornecer banhos de preço de 40 réis, em piscinas, com a capacidade precisa para conterem 6 pessoas, mas como não convém ao tratamento, que as aguas sejam de uma unica temperatura, projectou-se um edificio com divisões para os dois sexos poderem tomar banho á mesma hora, com duas piscinas para cada sexo, contendo agua corrente de duas graduações, e que poderão ser modificadas de hora em hora.

Cada banhista terá o seu cubiculo e cada sexo uma sala de espera e outra para abafo. Em 10 horas poder-se-hão dar 240 banhos.

A obra de pedreiro d'este edificio acha-se concluida e a de carpinteiro muito adiantada.

Banhos de 5.ª classe

São estes banhos destinados aos enfermos enviados dos hospitaes civis e militares e aos indigentes, e por isso gratuitos: podem em virtude do que determina o § 3.° do artigo 10.° do referido contrato, ser dados em piscinas que não excedam a 10 pessoas. As dimensões, já demasiadamente grandes, d'este edificio, não permittem estabelecer mais do que uma piscina para cada sexo, sem que com isso deixe de haver diversidade na graduação das aguas.

Os indigentes, e por este termo entendemos os verdadeiros necessitados, têem, sem a menor duvida, direito a receber um tratamento caridoso e desinteressado, mas como n'esta classe não existe a indispensavel limpeza, prudencia e educação, convém conserval-a distante das outras que pagam para gosar todas as commodidades, e não ser molestadas e importunadas por gestos ou palavras obscenas, tão vulgares no nosso povo.

N'este edificio haverá sala para duches verticaes e de lança, eguaes ás que se derem no grande estabelecimento.

Pelas dimensões do edificio e pelo modo como os enfermos hão de ser servidos, provará a companhia o quanto se interessa pelo bem estar dos desgraçados, que n'este ponto pouco terão que invejar aos protegidos da fortuna.

As enfermidades que affligem a humanidade não são, porém, privilegio de determinadas classes, e vulgarmente se vê o rico soffrer taes padecimentos, que de boamente trocaria a melhor parte dos seus haveres pela saude do pobre. Molestias ha, de aspecto asqueroso, e quasi sempre incuraveis, mas que a teimosia de alguns facultativos da escola antiga para aqui manda todos os annos, e que o justificado desejo do doente, de encontrar remedio para tão afflictivos padecimentos, traz sempre esperançado nas virtudes d'estas aguas, enfermos a quem, com justa razão, se deveria negar a entrada no estabelecimento, tanto mais que a experiencia tem mostrado quanto lhes é prejudicial o uso das aguas sulfureas; mas como nenhuma responsabilidade póde por esse facto caber á companhia, nem lhe pertence ir de encontro ás prescripções dos facultativos, pois que o seu fim é satisfazer a todas as exigencias, resolvemos reservar n'este edificio dois gabinetes com tinas para banhos de 1.ª e 5.ª classe, destinados para estas molestias. O numero de banhos diarios n'este edificio poderá ser de 200, e de 50 duches verticaes ou de lança.

A obra de pedreiro ficará brevemente acabada.

DESCRIPÇÃO DETALHADA DA CONSTRUCÇÃO EM GERAL

Alicerces e ensoleiramentos

Os alicerces de toda a obra são de alvenaria extrahida no local, e como parte do terreno é compressivel e escavavel, procurou-se o terreno consistente, que em grande extensão só se encontrou á profundidade de 5^{m},60.

Os ensoleiramentos são formados de lagedo de 0^{m},30 de espessura, ficando, o do corpo principal, a 1^{m},10 acima do nivel da estrada de Guimarães a Penafiel e os do edificio balneatorio a 8^{m},34 inferior á dita estrada; os dos edificios de 4.ª e 5.ª classe ficam no mesmo nivel do grande estabelecimento.

Pavimento

O vestibulo do corpo principal será ladrilhado com marmore preto e branco assim como o corredor longitudinal, e os transversaes do dito corpo.

As salas de espera e o consultorio hão de ser solhados de pinho de Flandres, as latrinas asphaltadas, e todas as mais salas ladrilhadas de mosaico de grès.

Os andares superiores hão de ser solhados de pinho da terra.

A rua do lado da galeria no pavimento inferior em que veem desembocar as duas escadas que dão communicação do edificio principal para o estabelecimento inferior, será ladrilhada de lagedo de granito.

Os corredores dos quatro corpos do edificio de banhos serão asphaltados, os gabinetes de 1.ª classe solhados para serem tapetados, os de 2.ª egualmente para se cobrirem de oleado inglez, e os de 3.ª classe ladrilhados com grès da fabrica das Devezas.

Todos os outros repartimentos serão asphaltados, á excepção da sala de duches, banho Bourbonne, e os mais onde as aguas hão de cair em maior ou menor quantidade, que hão de ser solhados de madeira de pinho de junta aberta, para dar escôo immediato ás aguas que n'elle caírem, ou ás provenientes da condensação do vapor accumulado em logar pouco arejado, como na grande estufa, e dentro das estufas para braços e pernas. Os intervallos descobertos que separam os quatro corpos do edificio de banhos, serão calcetados. Nos edificios de 4.ª e 5.ª classe, os pavimentos serão asphaltados, excepto o centro da sala dos duches, que ha de ser solhado como o do grande estabelecimento.

(Continúa.)

CESARIO AUGUSTO PINTO.

Socio effectivo.

REPRESENTAÇÃO

DIRIGIDA PELA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

AO

GOVERNO DE SUA MAGESTADE

SENHOR: — A falta de codificação das leis relativas ás construcções de edificios e os desmoronamentos, que tem ultimamente havido no nosso paiz, não podiam deixar de chamar a attenção da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, para o estudo das causas, que a estes têem dado logar. Feito o estudo, resultou a convicção de que esses desmoronamentos devem ser attribuidos a causas proximas, que todos os dias produzem os seus effeitos, que põem em risco as vidas de um grande numero de pessoas, que encurtam, sem duvida alguma, já pela acção do tempo, já pela facilidade da propagação dos incendios, a duração media dos edificios publicos e particulares, que dão occasião a um mau emprego de capital e de forças, e que, finalmente, cobrem de vergonha um paiz, no qual se encontram edificios, que datam dos primeiros tempos da monarchia, no qual

ha construcções arrojadas como as das abobadas da Batalha, da egreja de S. Francisco em Evora, etc.; mas resultou tambem a convicção de que essas causas dependem, geralmente, não do emprego, não sanccionado no paiz pela pratica e pela experiencia, de meios de construcção e de materiaes, importados modernamente de paizes estrangeiros; mas, sim, da não observancia de preceitos e processos, sanccionados pela pratica e pela experiencia, o que equivale a ignorancia, porque, em trabalhos praticos, nos quaes se requer em primeiro logar a estabilidade das construcções, a não observancia do que a pratica, a experiencia e até a theoria aconselham, só póde ter esse nome — visto a hypothese de uma intenção malevola não dever nem poder entrar em linha de conta. A falta de attenção, tanto dos directores ou fiscaes das obras, como dos trabalha dores e tambem dos preparadores e fornecedores dos materiaes de construcção, prova-se com os factos seguintes:

Nos edificios, nos quaes se teem dado os desmoronamentos, e em muitos outros, que foram devidamente examinados, tem-se observado:

1.° Falta de proporção entre a altura total do edificio e a espessura, pelo menos, das paredes principaes, em attenção tambem ao destino d'estas, dando-se a circumstancia de se terem encontrado n'estas, em certos casos, vãos de portas com pavieiras de cantaria de vinte e vinte e dois centimetros de espessura, sem arco algum de resalva pela parte superior para alliviar a carga, devida á grande massa de alvenaria, collocada sobre as mesmas pavieiras;

2.° Falta de acompanhamento de alvenaria nas abobadas, pelo menos até aos rins, sendo para notar que algumas abobadas foram encontradas de vinte e oito centimetros de espessura no fecho, carregadas com manilhas de barro de diversos diametros, entre quinze e vinte centimetros, afim de se preencher, com pouco peso, o vão até á linha do pavimento sobre as mesmas abobadas, tambem carregadas sobre os fechos com caliça e sem se attender a que, embora haja vantagem em alliviar a sobrecarga das abobadas, principalmente na parte comprehendida entre o fecho e as juntas de ruptura, que correspondem aos rins, nunca se deve procurar conseguir isso á custa da solidez da construcção;

3.° Falta de encontros convenientes nas abobadas;

4.° Abuso no emprego das abobadas abatidas sem as dimensões convenientes ou sem os encontros com a necessaria estabilidade;

5.° Falta de moderação no emprego dos artezões de cantaria, destinados a decorar abobadas de tijolo, concorrendo para as enfraquecer pela diminuição na sua espessura e augmentando a tendencia á impulsão, que n'ellas havia, por serem de volta abatida;

6.° Falta de emprego de ferrolhos de ferro em paredes, principalmente quando sujeitas ás impulsões de abobadas;

7.° Falta do emprego de gatos, tanto de pedra para pedra, como tambem das pedras para as paredes;

8.° Falta de espessura nos vergalhões dos ferrolhos;

9.° Falta de proporção entre o comprimento e as outras dimensões das barras, destinadas a servirem de gatos;

10.° Falta de espessura conveniente nas primeiras fiadas dos forros exteriores de cantaria, para resistirem ao esmagamento, principalmente estando adherentes ás paredes simplesmente por meio de argamassas, quando é certo que, se não ha inconveniente em que a espessura do forro, quando este não chegue á altura superior a quarenta metros, termo medio, seja uniforme desde a primeira até á ultima fiada, se compromette a estabilidade do mesmo forro em não dar ás primeiras fiadas maior espessura do que ás ultimas, logo que os edificios tenham mais de quarenta metros de elevação;

11.° Falta de emprego de pedras de cantaria ou mesmo de alvenaria, com dimensões convenientes e dispostas de modo que travem os cunhaes, gigantes e botaréos;

12.° Falta de cuidado na construcção dos alicerces;

13.° Falta de preparação dos leitos das pedras das paredes;

14.° Falta de rigor na escolha do material para as paredes, chegando a ser empregado, em paredes importantes, o tufo ou calcareo cavernoso da margem sul do Tejo conjuntamente com o lioz rijo e até com o basalto ou lagedo tosco sem faces nem leitos, como sae da cunha, por um lado, e com algumas ferroadas no desdobro, sem espessuras uniformes, nem juntas regulares;

15.° Falta de esmero na preparação da cal, encontrando-se em alguns pontos a argamassa com a granulação da cal intacta e até em blocos de forma espherica, com cinco e sete millimetros de diametro;

16.° Nenhum cuidado na manipulação das argamassas, na proporção das suas partes constituintes e natureza d'estas, a ponto de se empregar a areia da praia;

17.° Falta de attenção na disposição e organisação dos vigamentos, etc.;

18.° Emprego de materiaes completamente improprios, para frontaes e para as divisões interiores das casas;

19.° Falta de cuidado em fazer assentar os alicerces sobre terreno consistente, em os construir

com boa alvenaria argamassada, e em os guarnecer com bom ensoleiramento d'espessura proporcional ao peso que tiverem de supportar;

20.° Abuso de se construirem tanto os alicerces como as paredes sem ser por fiadas geraes, successivas e com juntas desencontradas, e sem assentar em sêcco a pedra, fornecida pelos montantes e por elles chamada perpiano, sendo todas calçadas com cunhas de pinho, chegando a encontrar-se no chão maior numero de aparas de madeiras do que de rachas de picco;

21.° Falta de cuidado de deixar consolidar e assentar devidamente os trabalhos de alvenaria;

22.° Uma innovação, das mais funestas, que está em uso ha poucos annos no Porto e que se tem generalisado, que consiste em os mestres e empreiteiros, para sua conveniencia, construirem as paredes lateraes e a posterior, em toda a altura do predio, travejando e cobrindo, mas deixando a frente aberta, a pretexto de facilitar a entrada dos materiaes, ficando para o fim a construcção da frente da casa, sem ligação alguma nos cunhaes, porque as adiantações das paredes lateraes são de feitio irregular, e não assentam nem pesam nas pedras da parede da frente, as quaes entram muito á vontade por baixo d'ellas.

Mas não basta reconhecer a existencia de um mal, cumpre procurar-lhe o remedio.

N'este ponto a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes resolveu ouvir a opinião dos seus socios e por alguns d'estes foram apresentadas varias considerações, que confirmando os abusos indicados, pela existencia dos quaes fica compromettida a estabilidade das construcções e fazendo notar o abandono completo dos principios mais elementares da hygiene publica e particular, o emprego, nas coberturas, de alguns materiaes completamente improprios para isso no nosso paiz, e a falta de proporção entre as alturas dos edificios e a largura das ruas e praças, mereceram a approvação de todos e que indicam a conveniencia de se providenciar no sentido dos seguintes enunciados:

1.° Tornar effectiva por meio de legislação especial a responsabilidade de qualquer individuo, que dirigir alguma construcção;

2.° Promover a creação de escolas especiaes para instrucção e aprendizagem dos operarios.

Estas escolas poderiam ser estabelecidas:

a) Em algumas direcções de obras publicas, principalmente nas de Lisboa e Porto, á similhança da que existiu na Intendencia das obras publicas;

b) Nos municipios que emprehendem grandes obras e dão emprego a numerosos operarios;

c) Nos institutos industriaes de Lisboa e Porto;

d) Nas casas pias e outros estabelecimentos.

3.° Empregar medidas severas contra os preparadores e fornecedores dos materiaes de construcção, no caso de abusarem da boa fé do consumidor.

Dá-se actualmente a circumstancia de existir uma commissão, encarregada pelo governo de Vossa Magestade, da reforma de todos os serviços dependentes do ministerio das obras publicas, commercio e industria, e por isso a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, entendendo ser occasião propria para pedir que sejam submettidos á apreciação da mesma commissão os desejos manifestados pelos seus socios, resolveu dirigir-se por esta forma, submissa e respeitosamente, a Vossa Magestade, na esperança de que

Vossa Magestade se dignará de deferir benevolamente ao seu pedido.

E. R. M.

Lisboa, 29 de novembro de 1879.

PRESIDENTE

Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

SECRETARIOS

Valentim José Correia.
D. José de Saldanha de Oliveira e Sousa.

☞ Por falta de espaço não publicamos n'este numero o erudito e muito interessante artigo do sr. Joaquim de Vasconcellos, impresso na *Actualidade* n.° 279 de 5 do corrente mez de dezembro.

Refere-se este artigo á representação que deixamos transcripta, e será inserida no proximo numero.

SECÇÃO DE CONSTRUCÇÕES

MATERIAES PARA CONSTRUCÇÃO [1]

Não se julguem de pequena importancia, em relação á hygiene, os materiaes que ha a empregar na construcção de uma casa de habitação; pelo contrario, é um objecto da maior importancia em relação á saude dos habitantes, e de não menos importancia na estabilidade do edificio, abstraindo mesmo dos prejuizos, e defeitos que a sua má qualidade ou natureza pode occasionar.

De tudo que a este respeito temos escripto, de-

[1] Com este titulo encetamos no nosso *Boletim* uma serie de artigos em que nos propomos a tratar chimicamente de todos os materiaes de construcção, cal, pedra, areia, ferro, etc

vemos concluir, que a melhor e mais saudavel casa de habitação é aquella que mais preserve dos excessos de calor e de frio, que preserve melhor da humidade, e que offereça maior somma de circumstancias confortaveis, sem mesmo abstrair da sua exposição, localidade e orientação: emfim que disponha de meios de ventilação capazes de combater as diversas alterações e damnos do *ar* confinado.

Sem duvida as casas construidas de madeira seriam as mais saudaveis, por ser aquella materia má conductora de calor, e pouco avida de humidade; seria de certo preferivel a madeira na construcção de habitações, se a par dos bens, não houvesse os males que justamente a fazem abandonar, especialmente nos climas quentes e mesmo temperados.

Abstraindo da falta da duração, não se pode deixar de mencionar a facilitação dos incendios de que nos dão clara prova os paizes do Norte, onde as casas e edificações de madeira são mais communs; ali são os incendios altamente devoradores até de cidades ou bairros inteiros (apezar dos preconisados meios que esses paizes possuem para combater os fogos), o que felizmente não aconteceu nunca, com especialidade em Portugal, onde se tem seguido sempre o systema mixto, e note-se bem, isto mesmo no tempo em que quasi se não possuiam meios de obstar á propagação dos incendios, circumstancia que actualmente com justo louvor podemos dizer não envergonha o paiz.

Alem d'aquelle grande defeito da madeira, acrescem outros, taes como os miasmas da podridão, propagação e abrigo dos insectos e mesmo reptis, e bichos damninhos, sem mesmo notarmos o incommodo do *caruncho* e desmoronamento rapido da construcção.

Em relação á hygiene offerecem tambem alguns generos de madeira defeitos prejudiciaes, taes como a insalubridade do cypreste, mau cheiro da faia (olmo-branco), etc.

Sem comtudo se desprezar de um modo absoluto a madeira na construcção das casas, julgamos que se deve preferir o systema mixto, seguido no nosso paiz e hoje adoptado em muitas construcções nos paizes estrangeiros, por ser o systema que offerece menor numero de defeitos. Não tem os mencionados em relação á madeira e reconhecem-se-lhe grandes vantagens quando no edificar se respeita em tudo as regras da sciencia e os conselhos da pratica.

Não deixaremos de mencionar dois beneficios das construcções portuguezas, taes como resistencia aos abalos da terra e insultos das tempestades.

Com quanto sejamos muito affeiçoados ao systema portuguez de edificar, nem por isso deixamos de lhe conhecer defeitos, que estamos certos são faceis de emendar, se os operarios não forem aferrados em seguir antigas praticas, hoje refutadas geralmente pela sciencia, pela pratica, pelo bom gosto, e pelo amor do bello.

Os nossos operarios, que, seja dito com respeito á verdade, não são muito inventores, são comtudo perfeitos imitadores, e mesmo aperfeiçoadores.

Sem querermos offender o melindre dos praticos, por isso que scientificos ha cá poucos, e esses conhecem bem a sua arte, atrevemos-nos a rogar consciencia nas empreitadas e edificações, unico fiscal verdadeiramente util em uma obra qualquer. Que abandonem o systema de trabalhos pesados, e pouco elegantes, que estudem as construcções, leves e airosas, da Russia, da America, da França, da Belgica e da Suissa, aproveitando da pratica e estudo d'esses paizes o que possa ser rasoavelmente aproveitado com vantagem ao nosso clima, e para os nossos usos, sem exaggeração ou inconveniencia.

No systema italiano ha muito a aproveitar em relação ao nosso paiz, como ha a estudar no systema inglez inquestionavelmente em solidez, conforto, commodo, e facilidade.

As construcções em cantaria, quando bem feitas, são talvez as mais solidas, mas tambem são as mais dispendiosas. As de alvenaria são as que se lhes seguem em solidez propriamente dita e o seu custo é muito menor, e que nos parece ainda seria menos se abandonassemos o systema *feio e forte*.

As construcções de tijolo são por certo elegantes e agradaveis á vista, sem que lhes falte solidez; podem vir a ser as mais baratas se tratarmos seriamente da fabricação do tijolo, que é forçoso confessar que n'este paiz, onde taes construcções eram tão uteis, está completamente atrazada.

As casas de tijolo são solidas e saudaveis, especialmente as de tijolo ôco, genero entre nós ainda pouco conhecido e por isso pouco usado.

Não achamos que sejam uteis em Portugal as edificações de ferro em relação ás casas de habitação, não só pelo cuidado que exige a sua conservação, mas tambem porque conservando aquelle metal muito o calor, torna as casas quentes e prejudica a duração das madeiras, especialmente em coberturas.

O systema portuguez de telhados, com quanto seja pesado e exija por isso dispendiosos madeiramentos, tem, não obstante, propriedades apreciaveis em relação á vedação e duração, quando bem construidos e com boa telha.

Ha varios modos de telhado á portugueza, sendo o melhor e mais dispendioso o denominado do *canudo* que se tem usado quasi exclusivamente em igrejas e edificios publicos. Considera-se o mais inferior e tambem o menos dispendioso o chamado de *valadio* ou *telha vã*.

Os telhados ditos *mouriscados*, quasi geralmente usados, são pesados e caros; depois seguem se os

de meia *mourisca* que pesam menos e custam mais baratos e que em compensação duram e vedam menos.

Áquelles seguem se os *cravejados e boccas tomadas* que em custo e duração lhes são inferiores. Depois d'esses ha os só *cravejados* que pouco differem dos de valadio.

Os telhados com telha vidrada, importam caros; têem porém as vantagens da duração, e de afastar o calor dos madeiramentos. Este genero de telhas deve se empregar em *espigões e algerozes.* [1]

O systema de telhas quadradas á franceza (Marselha) dá aos telhados uma boa apparencia e não exige madeiramentos muito valentes; é um genero de telhados que agora se principia a usar em Portugal, e sem duvida dão bonito aspecto ás pequenas edificações, aos *chalets,* e ás construcções do genero suisso; tem, porém, seus defeitos que facilmente se remedeiam.

A ardosia parece nos que não será nunca no nosso clima o systema de cobertura mais util e mais barato.

O ferro zincado tambem não é muito proprio no nosso paiz pelos defeitos que indicamos em relação ao ferro, e tambem porque, quando é soldado, soffrem as soldaduras com as mudanças da temperatura; comtudo é modo de cobertura muito aproveitavel para barracas, telheiros, etc., especialmente usando-se o systema moldado.

O zinco entendemos que se não deve empregar senão em coberturas de pequena importancia, tanto pelo mesmo defeito que apontamos nas soldaduras de ferro, como pela facilidade que tem de inflammar-se e disparar fagulhas que em occasião de incendio é nocivo ao proprio predio, e perigoso aos que lhe ficam junto.

O feltro é um genero de cobertura que só se deve empregar em construcções leves e passageiras, bem como outros modos que ha de cobrir que são de pouca consideração.

As paredes das casas tornam-se muitas vezes humidas, ou por effeito da capillaridade, absorvendo a humidade do solo, ou porque fiquem expostas ao vento do oeste ou do sudoeste que as açoita quando chove.

Interiormente busca-se remediar essa grande causa de insalubridade, forrando as paredes de madeira, chapas de chumbo, ou zinco, o que de certo adoptariamos por muitas razões, tanto de hygiene como de custo, e quanto á madeira, porque a humidade, apodrecendo a, torna o mal ainda maior, bem como o forrar de lona, que tem o mesmo inconveniente.

Tem se tambem empregado o rebouco com diversos cimentos e betumes, oleosos e seccativos, entre os quaes o que julgamos melhor é o cimento *Portland.*

Quanto a solhos é preferivel sem contradicção a madeira a tudo mais, que ou se torna humido ou se oppõe ás lavagens nas casas de habitação.

O asphalto só pode ser empregado em armazens, porque o seu cheiro prejudica a saude. O lagedo e mesmo o tijolo tambem só em armazens se deve empregar.

Não é tambem sem importancia o genero de cal e areia que se emprega, porque, se esses materiaes são de má qualidade, prejudicam as construcções, e, se são salgadiços, damnificam as paredes, as pinturas e os papeis de forro. [1]

Nas tintas que se empregam tanto nos estuques como nos papeis, deve se evitar o emprego da *flor de enxofre* que prejudica a saude e enegrece os objectos de prata, bem como o *verde* de Schel e as cores provenientes do chumbo e do arsenico. As cores escuras exigem um poder illuminante muito maior.

A luz do gaz prejudica os dourados e mesmo as cores vivas e mimosas.

(Continúa)

F. J. de Almeida

[1] O ex.mo sr. general Feijó, distincto engenheiro, empregou no quartel d'artilheria, a Entremuros, um genero de telhas, que julgo de sua invenção, as quaes creio que dão excellente resultado e que só terão o defeito de serem um pouco caras.

[1] A'cerca de materiaes de construcção vejam-se os respectivos artigos publicados n'este *Boletim.*

BIBLIOGRAPHIA

Bem desejára eu que as obrigações do meu cargo, e outras diversas occupações, me não impedissem de examinar attentamente os escriptos, de varia natureza, que á «Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes» são enviados tanto de differentes pontos de Portugal, como de paizes estrangeiros.

E com effeito, ser-me-hia muito grato, e de grande utilidade, percorrer de espaço essas obras, que pela maior parte versam sobre assumptos interessantes, e offerecem muito aproveitaveis elementos de instrucção.

É, porém, força privar-me do prazer que a gostosa tarefa me procuraria, e limitar-me a uns breves traços que ao menos dêem um tal ou qual conhecimento do objecto, e merecimento do trabalho dos escriptores. Aqui e acolá me demoro um pouco, e em todas as occasiões mostro evidentemente que a muito custo me separo da apreciação dos recommendaveis escriptos.

Tambem me é estorvo o curto espaço de que.

posso dispôr n'este periodico, sendo elle destinado para conter instructivos artigos de bellas-artes e de archeologia, especial objecto do *Boletim*.

Postas estas explicações, que fazem desculpavel a brevidade com que dou noticia dos escriptos, passo immediatamente a mencionar alguns que a Associação tem recebido.

De la legislation Danoise sur la conservation des monuments historiques et des antiquités nationales. *Lettre à Monsieur Léon Palustre, directeur de la Société Française d'Archéologie pour la conservation des monuments historiques, par le comte de Marsy*. 1879. — O sr. conde de Marsy é já muito vantajosamente conhecido dos leitores do nosso *Boletim*. Agora de novo temos a feliz occasião de mencionar o seu illustre nome.

O interessante escripto que deixamos registrado contém noticias sobre a legislação dinamarqueza, relativamente á conservação dos monumentos historicos; assumpto recommendavel, sob os pontos de vista da gloria das nações, da historia politica dos povos, do estudo artistico, do espirito de ordem que deve presidir á administração do Estado.

Data do anno de 1807 a creação da *Real Junta da conservação das antiguidades*. Em 1847 foi reconstituida esta Junta; acrescentou-se-lhe uma entidade ponderosa, qual foi a de um *inspector*, remunerado, e tendo á sua disposição uma certa somma de dinheiro para comprar e restaurar monumentos, reproduzil-os por meio do desenho, e tambem para proceder a pesquizas e excavações. Esta providencia que de si era salutar, tornou-se muito mais effectiva pela circumstancia afortunada de recair a nomeação de inspector na pessoa do sr. Worsaae, que á força de intelligente zelo conseguiu notaveis resultados.

Em 1848 declarou o governo que eram considerados como pertencendo á fazenda nacional todos os acervos de pedras, comoros funerarios, pedras runicas, fortificações antigas, e ruinas de castellos, existentes nas propriedades reaes. Concorrentemente foram dadas outras providencias, no mesmo sentido.

Em 1866 foram creadas commissões em cada diocese, no intuito de nomearem inspectores regionaes, que trabalhassem de accordo com a direcção central de Copenhague.

Em 1874 votou o parlamento dinamarquez uma lei, que mandou proceder a um exame rigoroso de todos os monumentos historicos do paiz, por archeologos e desenhadores, os quaes apresentariam o quadro, principalmente dos monumentos que merecessem ficar sob a protecção da lei. Mais longe foi ainda o parlamento, pois que votou receita para a acquisição do que estivesse no caso de dever ser adquirido.

Em 1861 foi reorganisado o serviço da restauração dos templos; devendo os respectivos planos ser previamente examinados por uma commissão de architectos e de archeologos.

No que diz respeito a collecções de antiguidades, offerece a Dinamarca um prestante exemplo a todas as nações. Basta dizer que «na Dinamarca todos os individuos, ainda os camponezes e os operarios, são archeologos, graças ao zelo de Thomsen e dos seus continuadores na direcção do *Museu das antiguidades do Norte*.»

São muito de notar as expressões do sr. Quatrefages, citadas pelo sr. conde de Marsy:

«Thomsen não se contentava com recolher, classificar e descrever os monumentos, os objectos que recordavam a historia da sua patria. Quereria que todos os dinamarquezes soubessem tanto como elle proprio. Inspirado por este pensamento, apparecia sempre que se abria o museu, collocava-se defronte das vitrinas, prestes a explicar a qualquer visitante a significação do que ellas continham. Mulheres, creanças, soldados, camponezes eram para elle ouvintes tão dignos de attenção como a mais nobre personagem, ou o mais distincto erudito. Em um paiz, onde a instrucção é geral, este ensino popular havia de necessariamente produzir bons fructos, e Thomsen lhe deveu o presente de mais de um objecto precioso, que alguns d'aquelles seus discipulos lhe traziam.»

Études sur les égouts de Londres, Bruxelles et de Paris, *par Charles Terrier, architecte*. Paris, 1878. *(Publications de la Société Française d'hygiène.)* — Este escripto versa sobre um assumpto que muito interessa á nossa capital, e que é força ser meditado e attendido com toda a attenção, sollicitude e urgencia. A canalisação de esgoto de uma populosa cidade, qual é Lisboa, merece, no mais subido gráu, os cuidados da administração. Assim o recommendam as exigencias da saude publica, independentemente de outras considerações, aliás importantes.

Nenhuma duvida póde existir ácerca da transcendencia, da necessidade de providentes trabalhos, n'este particular; a difficuldade consiste em resolver o problema complexo da mais adequada canalisação, precedida do estudo das questões diversas que tão grave e melindrosa empreza suscita.

É bastante esta consideração para dar a conhecer o grande serviço prestado pelo sr. Terrier, ao deliberar-se a publicar uma descripção clara e sufficientemente desenvolvida do vasto e bello systema de esgoto, que actualmente está em acção no subsolo de Paris, e o constitue um modelo que as grandes agglomerações de habitantes devem imitar.

Não se limita, porém, o architecto, auctor d'este

escripto, a apresentar a indicada descripção. De caminho, e quando o caso o pede, expõe as idéas geraes que serviram de guia á administração municipal de Paris, na escolha dos meios empregados para dar satisfação a todas as conveniencias recommendadas pela natureza das coisas.

Muito apropriadamente reproduz o sr. Terrier as expressões de que se serviu o sr. Haussmann (quando prefeito do Sena) no relatorio, apresentado ao Conselho municipal de Paris para a approvação do projecto elaborado pelo sr. Belgrand. As reproduzidas expressões definem perfeitamente a natureza e as exigencias da canalisação do esgoto:

«As galerias subterraneas, orgãos da grande cidade, devem funccionar como os orgãos do corpo humano, sem se mostrarem á luz do dia; a agua pura e fresca, a luz e o calor (sem fallar, com relação ao futuro, da força motora transmittida em fórma de ar comprimido) hão de ali circular como os fluidos diversos que pelo movimento e conservação servem para a vida; as secreções hão de executar-se mysteriosamente e manter a saude publica, sem perturbar a boa ordem da cidade, sem prejudicar a sua belleza exterior.»

Cita o sr. Terrier a expressão ingleza: «*Os canos de esgoto devem servir para evacuar tudo o que é susceptivel de ser arrastado pelas aguas.* — D'este pensamento deriva elle as condições que hão de regular a construcção.

Devem ser dispostos de modo que arrastem todas as aguas pluviaes que caem nas ruas e nas respectivas casas; devem poder receber, sem receio de accumulação, todos os residuos, todos os detrictos que as aguas trazem comsigo; deixando-se todavia ao serviço especial da limpeza as immundicies de maior volume que produziriam a obstrucção dos canos, ou o augmento do trabalho da competente limpeza.

Não acompanharemos o auctor na descripção a que se propoz; só diremos que é muito clara, e se torna tanto mais interessante, quanto não se esquece de ir confrontando o que se faz em Paris com o que diversamente se adoptou em Londres e Bruxellas.

Ébauche d'une carte archéologique du département de l'Hérault, *par P. Cazalis de Fondouce. Montpellier*. Paris, 1879. — Com razão diz o auctor d'este esboço, que, embora de ha longo tempo haja sido reconhecida a utilidade das cartas archeologicas, é certo que só n'estes ultimos annos se deu notavel impulso a trabalhos d'este genero.

Não podem ser consideradas perfeitas as cartas que hão sido apresentadas, antes devem ser tidas na conta de esboços, de primeiras tentativas que aguardam mais seguros elementos de informação. Vê-se, porém, que as difficuldades não intimidam, e que os esforços dos emprehendedores vão acompanhando os progressos das sciencias correlativas.

No que toca ao *modus faciendi*, já os srs. de Mortillet e Chantre propozeram signaes convencionaes para as cartas prehistoricas, o que dá uniformidade muito proveitosa para todos os paizes, tornando facil a execução d'esses trabalhos, e mais commoda a respectiva leitura.

O sr. Cazalis de Fondouce apresenta a carta archeologica da sua lavra, especialmente consagrada a um departamento de França, como um simples esboço, que submette ao julgamento e á critica da Sociedade de Geographia de que é membro, e das pessoas competentes, pedindo a todos o auxilio de luzes que o habilitem para aperfeiçoar o seu trabalho.

Uma carta archeologica exige primeiramente, e como condição capital, a fixação dos limites em que deve encerrar-se, no tocante ao tempo. «Para traz, diz o auctor, são faceis de fixar os limites; pois que sem contestação devem indicar-se as localidades onde foram descobertos os mais antigos vestigios da existencia do homem. Mas, para diante, ¿onde deve parar-se?»

A resposta a esta pergunta não pode ainda ser definitiva, embora o auctor do presente trabalho se regulasse por um principio que reputa conforme com a boa razão, quando aliás os precedentes cartographos restringiram as suas indicações aos tempos meramente prehistoricos.

Em rumo diverso navega o sr. Cazalis de Fondouce. Em vez de excluir os tempos que a historia já attinge, tem para si que uma carta prehistorica deve abranger os vestigios das antigas épocas, de que a historia guardou lembrança, embora não clara, mas real em todo o caso, com os nomes dos Iberos, Ligurios ou Celtas.

Sob a influencia d'este modo de ver as coisas, o sr. de Fondouce entendeu que a melhor condição para traçar uma boa carta de archeologia prehistorica, ao menos para o meiodia da França, era começar pelo traçado da epoca romana. «No Languedoc, onde os romanos vieram estabelecer-se no meio das populações volces, que de algum modo latinisaram, dois seculos antes da era christã, — não fôra possivel prescindir de investigar, de notar os rastos que ellas deixaram.»

Outra consideração devemos assignalar, e vem a ser: se o rasto de uma epoca importante para o Languedoc, as antiguidades romanas, está fóra do periodo prehistorico, é certo que para outros paizes, é prehistorica essa época. Assim, por exemplo, para a Scandinavia a edade do ferro começa com a era christã. Observa um auctor sueco *(Montelius)* que uma das mais importantes consequencias da

supremacia de Roma, foi a de espalhar o conhecimento do uso do ferro pelos povos que habitavam ao norte dos Alpes.

A carta que acompanha o escripto de que damos noticia, traz apontados os vestigios prehistoricos e os da primitiva dominação romana, que servem como de transição para as épocas modernas.

I GOËSIANA, a.) O RETRATO DE ALBRECHT DÜRER, *por Joaquim de Vasconcellos.* Pertence á serie intitulada: *Renascença portugueza. Estudo sobre as relações artisticas de Portugal nos seculos XV e XVI.* — Os leitores do *Boletim* já teem conhecimento d'esta erudita memoria, por ter sido inserta no n.º 10 da segunda serie.

Mencionamol-a, porém, aqui, porque foi publicada depois avulsa, acompanhada de dois retratos de Damião de Goes, e do *additamentum* que não foi lido na sessão de 2 de maio de 1879.

Tambem nos move a fazer menção d'esta memoria o querermos aproveitar a nova opportunidade de encarecer os serviços, que o sr. Joaquim de Vasconcellos tem prestado á archeologia artistica de Portugal, e a successiva serie de valiosos escriptos sobre diversos assumptos, em que tanto vae de interesse para as lettras patrias, e para a historia das bellas artes.

Causam admiração as investigações a que tem consagrado um trabalho tão intelligente, quanto perseverante; e é dado esperar de suas incansaveis lidas (estando ainda no vigor da edade, e favorecido pela erudição allemã, em que é tão versado) que mais e mais enriqueça a nossa patria com o fructo de suas doutas lucubrações.

OBSERVAÇÕES Á CITANIA DO SR. DR. EMILIO HÜBNER, *por F. Martins Sarmento.* — O auctor d'este escripto assignalou já para sempre o seu nome, não só em Portugal, mas tambem no mundo scientifico, pela illustrada, nobre e generosa dedicação que desenvolveu nas explorações das ruinas da Citania.

No escripto que agora mencionamos trata o sr. Sarmento de apontar e emendar as inexactidões que encontrou no escripto — *Citania* — do dr. Emilio Hübner, insigne archeologo, e professor da Universidade de Berlim.

O sr. Sarmento, reconhecendo na pessoa do dr. Hübner um sabio consciencioso, que muito se empenha no esclarecimento das antiguidades da peninsula iberica, entende que a emenda das inexactidões não é o peior modo de exprimir-lhe o seu reconhecimento pelas palavras de benevolencia e incitamento que o mesmo sr. Hübner lhe endereçava.

Em todo o caso julga que não é responsavel o dr. Hübner pelas inexactidões, por quanto colhêra as noticias em jornaes portuguezes, e no de Madrid, *A Academia*; e talvez o proprio sr. Sarmento, pelo seu silencio, tivesse deixado correr e medrar erros, para cuja correcção era tão competente.

A este ultimo respeito devem ler-se as desculpas que apresenta o sr. Sarmento.

D'ora em diante ha de ser consultado este escripto quando se tratar das coisas da *Citania,* como elemento indispensavel de estudo ou de discussão.

DESCRIPÇÃO DA PENINSULA IBERICA, *Livro 3.º da Geographia de Strabão, 1.ª parte. Versão de Gabriel Pereira.* Evora, 1878. — BIOGRAPHIA DE QUINTO SERTORIO, *por Plutarcho de Chéronéa, traduzida em portuguez, segundo a versão de F. Talbot, e precedida de algumas observações sobre a romanisação da Peninsula Iberica, por Gabriel Pereira.* Evora, 1879. — Utilissimos trabalhos são estas duas versões, e grandemente abonam a applicação louvavel do estudioso moço, que a Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes conta entre os seus socios correspondentes.

A primeira torna vulgar a parte que mais nos interessa da obra do tão celebre geographo grego, Strabão; a segunda apresenta-nos em linguagem a biographia, escripta pelo eximio Plutarcho, de um romano que tão assignalado deixou o seu nome na Lusitania.

A versão da *Descripção da Peninsula Iberica* é feita sobre a franceza de Tardieu, que aproveitou as correcções e restituições adduzidas pela erudição ingleza e allemã.

A biographia de Quinto Sertorio é recommendavel como obra de Plutarcho, e muito de perto se enlaça com a historia da cidade — hoje tão importante — Evora. Agrada por extremo o modo por que Plutarcho apresenta, em resumido, mas expressivo quadro, as qualidades do heroe, e logo em seguida o triste fim de sua agitada existencia.

«É certo, diz Plutarcho logo no começo da biographia, é certo que era Sertorio mais reservado que Philippe a respeito de mulheres, mais fiel a seus amigos que Antigono, mais humano que Annibal para os inimigos; a nenhum era inferior na prudencia: e foi mais infeliz que qualquer d'elles. A fortuna, em todas as situações, mostrou-se-lhe mais cruel que os seus inimigos declarados. E todavia egualou Metello na experiencia, Pompeu na audacia, Sylla no exito favoravel, e o poder romano porque lhe fez frente embora exilado e commandando tropas barbaras.»

Mas faltam ainda alguns traços no desenho. Plutarcho accrescenta:

«Entre os gregos é a Euménes de Cardia que melhor se póde comparar. Ambos foram bons generaes e bons guerreiros, sabendo manhas de guerra, exilados, chefes de forças estrangeiras, arrastados

á morte pela sorte violenta e justa: ambos victimas de conspirações foram assassinados pelos que haviam levado ás victorias.»

Desgraçadamente, o proprio Plutarcho refere por fim um facto que deslustra a memoria de Quinto Sertorio, e de todo faz perder o valor a uma formosa providencia que havia tomado, qual a de formar em *Osca* (hoje *Huesca*, no Aragão) uma academia, na qual eram ensinadas as lettras gregas e romanas aos mancebos das primeiras familias dos povos vencidos.

Eis o facto: «Sertorio saindo então da sua brandura e benevolencia primeiras commetteu uma injustiça atroz nos mancebos hespanhoes que se educavam em Osca; mandou matar uns e vender outros.»

Attraido pelo brilho da historica figura de Sertorio, ia-me esquecendo de observar que são muito eruditas as *observações sobre a romanisação da Peninsula*. Notei que o sr. Gabriel Pereira tem bastante desembaraço para sustentar a sua opinião, ainda quando necessita de impugnar a de um grande vulto, nada menos que Alexandre Herculano. É louvavel uma tal isenção, que aliás não diminue o alto respeito devido ao nosso eximio historiador.

Tambem me esquecia fazer menção de outro escripto do sr. Gabriel Pereira, intitulado *Notas de archeologia*, no qual dá noticia dos castellos ou montes fortificados da Colla e Castro Verde; do dolmen furado da Candieira; e das ruinas da Citania de Briteiros.

N'este trabalho apresenta o sr. Gabriel Pereira um novo testemunho da louvavel dedicação que aos estudos archeologicos consagra diligente.

Para o numero seguinte reservamos a noticia de outros importantes escriptos.

José Silvestre Ribeiro.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Foi enviado á nossa Associação o officio que passamos a transcrever, pela importancia do seu conteúdo:

«Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria. — *Repartição de obras publicas.* = Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. — S. Ex.^a^ o Ministro das Obras Publicas encarrega-me de dizer a V. Ex.^a^, com referencia ao seu officio de 8 de outubro ultimo e 16 do corrente mez, que auctorisa a Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes a mandar pôr nos antigos edificios publicos de Portugal os nomes dos architectos e as eras de suas construcções, n'aquelles em que não haja a menor duvida do artista.

«Deus guarde a V. Ex.^a^ — Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria, em 19 de dezembro de 1879. — Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sr. Presidente da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes. = Pelo Director Geral, *Mathias Cypriano Pereira Heitor de Macedo.*»

A *Actualidade*, jornal que se imprime no Porto, rendendo justissimo preito aos perseverantes esforços do presidente da nossa associação para que esta se mantenha na altura que lhe cumpre, publicou, em 16 d'outubro ultimo, uma interessante noticia, da qual transcrevemos o que em seguida se lê:

«*A cabeça de Damião de Goes.* — Nos numeros 225 e 226 d'este jornal (2 e 3 do corrente) deu um nosso collega noticia do estado actual do tumulo de Damião de Goes em Alemquer e já hoje podemos dizer que a reclamação foi attendida.

O paiz deve este grande serviço, como outros muitos, ao zelo infatigavel do sr. presidente da real associação dos architectos e archeologos portuguezes, J. P. Narciso da Silva, que, não contente com ir expôr pessoalmente ao sr. ministro das obras publicas o estado de ruina em que se acha a egreja da Nossa Senhora da Varzea (em que jaz sepultado o illustre escriptor), pedindo providencias, foi, acto continuo, a Alemquer, de proposito, para collocar a cabeça no logar proprio, o que immediatamente se fez; não satisfeito ainda, o benemerito presidente vasou, por mão propria, a cabeça em gesso, enriquecendo, com esta veneranda reliquia, o já precioso muzeu da associação (muzeu do Carmo), que é fundação sua. Os que sabem que o sr. Silva conta já mais de 73 annos, felizmente vigorosos, e avaliam quanto é difficil fazer mover um dedo que seja, quanto mais um homem n'este paiz, quando se trata de salvar um monumento d'arte que é propriedade nacional, poderão fazer cabalmente justiça á sua energia e acrisolado patriotismo. Posto que sejam poucos esses eleitos, estamos todavia convencidos de que a opinião publica fará justiça a um caso excepcional como este.»

NOTICIARIO

O governo da republica franceza concedeu ao sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva o grão de *Official da Instrucção Publica.*

A classe dos architectos, muito e muito respeitavel, não deixará de ter ufania em contar entre os illustrados membros que a compõem, um cavalheiro que, além d'esta e outras distincções, possue os diplomas de membro do *Instituto Real Britannico* e do *Instituto de França.*

Executou-se agora em Roma um trabalho muito interessante, especialmente sob o ponto de vista archeologico: foi empedrada de novo a famosa Via Sa-

cra, a mais antiga, porque data dos primeiros annos da fundação de Roma.

A calçada d'esta via estava coberta em muitas partes pelas lageas ou fragmentos que a sobrecarregavam na sua origem, isto é, ha cerca de dois mil e seicentos annos.

Foi por cima d'essas pedras que passaram os carros dos triumphadores quando subiam para o Capitolio. O calcetamento era feito com grandes polygonos irregulares de lava basaltica. O governo quiz respeitar esses restos preciosos da grande via romana e deixou-os subsistir, contentando-se em se pôr por cima o empedrado novo.

A Via Sacra deu o seu nome a todo o bairro situado por baixo do monte Palatino. Do angulo nordeste do Palatino, onde era o seu ponto de partida, subia em ladeira bastante ingreme para o templo de Tellus. D'este sitio, que era o seu ponto mais elevado, e que por tal motivo se chamou *Summa Sacra Via*, descia por outra ladeira até ao arco de Falcius, onde communicava com a Via nova. Ahi penetrava no Forum, onde seguia o limite septentrional, e ia terminar o seu trajecto diante do templo da Concordia.

Chamaram-lhe *via sagrada* porque foi n'aquelle sitio que Romulus e Tatius juraram alliança depois da reconciliação que se seguiu ao rapto das Sabinas, reconciliação que se effectuou depois de um combate entre Romulus e Tatius, e que foi sustido pela intervenção das proprias Sabinas. Esse combate deu-se no proprio local do Forum, cerca de setecentos e quarenta annos antes de Jesus Christo.

As secções da Via Sacra, nas quaes se fazia notar o empedrado primitivo, em muito mau estado, eram diante do arco de Septimo-Severo, diante da basilica de Constantino, outr'ora denominada Templo da Paz, debaixo do arco de Tito e além d'elle. No sopé da columna de Phocas existe uma parte quasi intacta.

Para a mudança das repartições da municipalidade de Paris, do palacio de Luxemburgo para o palacio das Tulherias, foram precisas *duas mil carroças*, que, se fossem collocadas em linha, occupariam o espaço de *setenta e cinco kilometros*. A mudança dos archivos fez-se n'um só dia, sem haver interrupção no expediente das repartições!

As excavações em Olympia fizeram conhecer que as esculpturas d'este celebre templo de Jupiter eram *polychromos* indicados pelos fragmentos dos trages das estatuas do frontão, os quaes estavam pintados com côres vivas.

O grande numero de objectos de bronze descobertos n'estas ruinas mostram a abundancia extraordinaria que havia no santuario para as ceremonias religiosas.

A galeria de mythologia gauleza do museu das Antiguidades nacionaes, de Saint-Germain-en-Laye, foi ultimamente enriquecida com um monumento dos mais interessantes: é um altar com duas faces, sobre o qual está representado um deus, de pernas cruzadas, á maneira do Buddha indio, e ladeado por mais duas divindades, que formam com elle uma especie de trindade.

Este monumento é o quarto da mesma especie encontrado em Gaule.

Provém da antiga cidade gallo-romana, em cujo sitio se levantou a cidade de Saintes.

Na frontaria do observatorio da garganta do Stelvio, nas fronteiras do Tyrol, foi collocado um excellente medalhão de marmore, reproduzindo as feições do padre Secchi.

Este observatorio, situado a 2:543 metros acima do nivel do mar, deve a sua fundação ao celebre astronomo italiano.

Foi publicada a estatistica do recenseamento da população de Madrid em 30 de dezembro de 1877. Eleva-se a 397:815 almas, sendo homens 190:763: mais 102:105 habitantes que no recenseamento de 1860.

Importantes descobrimentos archeologicos se fizeram ultimamente em Marathon, proximo do local onde fôra o templo de Nemesis, em que se admirava nma estatua d'aquella deusa, obra de Phidias. por alli que os athenienses, depois da destru[illegible] do exercito persa, tinham levantado um troph[illegible] Victoria.

Estes descobrimentos consistem em baixos relevos e estatuas, uma das quaes, de tamanho colossal, está muito bem conservada. O conservador-geral das antiguidades quiz transferir estes objectos d'arte para o museu archeologico d'Athenas, mas os habitantes das aldeias circumvisinhas oppozeram-se a isso, em virtude da lei ácerca das antiguidades que permitte a cada concelho o conservar as antiguidades descobertas no seu territorio.

As pesquizas feitas pela sociedade archeologica d'Athenas nos arredores do celebre *Leão* de Cheronéa teem dado excellentes resultados.

Esse esplendido monumento, elevado ao patriotismo, poderá ser restaurado.

Poz-se a descoberto os alicerces de pedra e todo o circuito onde se erguia o pedestal que sustentava o leão. Este recinto mede vinte cinco metros de largura. Presume-se que por baixo d'elle se encontra o subterraneo onde estão sepultados os restos dos valentes que pereceram pela liberdade no quarto seculo antes de Jesus-Christo.

O leão é, como se sabe, de tamanho colossal. Quando um correspondente do *Siécle* o viu este inverno, em Cheronea, juncava elle com os seus destroços uma grande extensão de terreno. Está partido em treze pedaços, que estão bem conservados, á excepção das unhas.

Para dar uma idéa do tamanho do leão, bastará dizer que uma das unhas, agora descoberta, não mede menos d'um metro de comprimento.

O peso da cabeça calcula-se em 4:000 kilogrammas. Affirma-se que o leão em breve estará erguido no seu pedestal.

Ha de gastar-se com isso uns quarenta mil francos, ou mais.

1879, Lallemant Frères, Typ. Lisboa.

INDICE DO SEGUNDO TOMO

DA

SEGUNDA SERIE DO JORNAL

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

BOLETIM ARCHITECTONICO E DE ARCHEOLOGIA